

M.-J. SCHEEBEN

AS MARAVILHAS
da
GRAÇA DIVINA

Tradução portuguesa

peio

P. DINARTE DUARTE PASSOS, C. M.



1952
EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO
DE PETRÓPOLIS, FREI LAURO OSTERMANN O. F. M.
PETRÓPOLIS, 1-12-1952

PRÓLOGO

"Todos os bens vieram-me com *ela*; recebi de suas mãos riquezas incontáveis. E' para os homens um tesouro inesgotável, e a quantos dela se serviram, tornou-os participantes da amizade de Deus"¹.

Estas palavras, aplicadas por Salomão à Sabedoria que procede de Deus, podem aplicar-se igualmente à graça divina. A verdadeira e celestial sabedoria, de que fala a Sagrada Escritura, consiste nesta iluminação sobrenatural, derramada em nossas almas, do seio da luz divina, pelo Sol da eterna sabedoria. Eis por que semelhante iluminação constitui o mais belo fruto da graça para nós.

Para caracterizar a plenitude de bens, que desde a Encarnação trouxe à terra o Primogênito de Deus, diz S. João no início de seu Evangelho: *Vimos sua glória, a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade*². E' esta mesma graça a que deseja o apóstolo S. Paulo aos fiéis, no princípio e no fim de suas epístolas: *"A vós graça e paz, da parte de Deus Pai e de Nosso Senhor Jesus Cristo"*³. Não duvidamos, portanto, em afirmar ser a graça o mais precioso dos tesouros, visto conter todos os outros bens. Mais ainda, o único tesouro, o objeto mesmo do evangelho, isto é, da boa nova, baixada do céu, trazida à terra pelo Filho de Deus. Pela graça, tornamo-nos verdadeiramente filhos de Deus, adquirimos o direito aos maiores bens que possa o Altíssimo dispensar a suas criaturas, o direito de possuí-lo. Quer Deus ser a herança de seus filhos, com toda a riqueza de sua magnificência e bondade.

Grandes e preciosas — diz S. Pedro — *as promessas que Deus nos fez por Jesus Cristo, para vos tornardes, por estas mesmas graças, participantes da natureza divina*⁴! Infinitamente grandes, sobrepujando de muito a todas as coisas criadas, por melhores e mais excelentes que sejam. Infinitamente preciosas, contendo o melhor que em sua onipotência podia conceder-nos

¹) Sab 7, 11, 14.

²) Jo 1, 14; a lei foi dada por Moisés; a graça, porém, e a verdade, vieram-nos por Jesus Cristo (5, 17).

³) Vejam-se, por exemplo, Rom 1, 7; 1 Cor 1, 3; 2 Cor 1, 2; Ef 1, 2, etc. ⁴) 2 Ped 1, 4.

Deus, e compradas como foram, ao preço do sangue do próprio Filho de Deus. Aponta o Príncipe dos Apóstolos o motivo de tais promessas: *Para fazer-vos, por estas mesmas graças, participantes da natureza divina*. Poder-se-ia a alguma criatura dar algo de maior, do que erguê-la assim de sua baixeza, do nada de sua própria natureza, para introduzir-se na companhia de Deus, participante agora da natureza do Criador?

Estas poucas palavras de S. Pedro revelam-nos toda a sua grandeza e valor. Deixam-nos entrever o grandioso e o sublime deste mistério. E' o grande mistério de Cristo, de que fala o Apóstolo, misterio que *não se manifestou, nas épocas passadas, aos filhos dos homens, tal qual hoje se revela pelo Espírito aos Santos Apóstolos e aos profetas de Deus, isto é, serem os gentios membros do corpo de Cristo, participando das promessas de Deus, em Jesus Cristo, pelo Evangelho*⁵. A este mistério referia-se ainda o mesmo Apóstolo: *Jamais passou pelo pensamento humano, nem nos pôde ser revelado senão pelo Espírito, que penetra as profundezas da divindade*⁶. Quanto maior e mais oculto à nossa visão natural é o mistério da graça, tanto mais nos cumpre estimá-la, admirá-la em sua grandeza, apreciá-la em seu justo valor.

Este mistério tão grande, tão consolador — sentimos em dizê-lo — mal se conhece entre os próprios cristãos, não obstante o claro e explícito ensinamento da Escritura e da Santa Igreja. Ignorância tanto mais deplorável quanto somente a apreciação da graça pode fazer compreender nossa dignidade, aquilatar a imensidade de nossas esperanças, sondar a inesgotável riqueza dos méritos de Cristo.

Concebe-se comumente a graça de Deus como o restabelecimento de um dom perdido pelo pecado, como um auxílio com que o amor divino socorre nossa natural fraqueza, preservando-nos assim do pecado e fortalecendo-nos na prática do bem. Com razão, por certo, enumeram-se entre os efeitos da graça o perdão dos pecados e esta celeste assistência; não menos certo, porém, é esquecer-se, com excessiva frequência, o que constitui o maior valor e a essência mesma deste dom.

E' o perdão dos pecados uma graça: restitui-nos Deus o amor misericordioso com que nos distinguia antes da queda. Mas, que representava para nós semelhante amor? Alguma coisa equivalente à nossa natureza humana, ou infinitamente mais rica, mais elevada que ela? Seria justamente este o benefício que conferira à nossa natureza um esplendor maravilhoso, er-

⁵) Ef 3, 4, 6 e ss. ⁶) 1 Cor 2, 9, 10.

guendo-a acima de si mesma, até ao coração de Deus, até à união fraterna com seu Filho.

Ajuda, sim, a graça à fragilidade de nossa alma contra as tentações e incita-a para o bem; facilita-nos o cumprimento dos deveres e a obtenção de nosso fim último. Permanece, porém, a questão: Vem a graça ao encontro do homem para assistir-lhe, para ajudá-lo colaborando com suas forças naturais, no plano mesmo da natureza? Reduz-se seu papel a fortalecê-lo apenas? ou, além disto, eleva-o, glorifica-o comunicando-lhe nova natureza, nova força, uma vida nova?

Tudo depende da resposta que se der a estas diferentes perguntas. Importa atermo-nos ao primeiro ponto, o que sem dificuldade conseguiremos, determinando, de modo claro e preciso, a noção da graça cristã.

Que se entende por *graça*? Antes de tudo, é o amor cheio de atenções de um superior para com seu inferior — por exemplo, — um senhor para com seu servo, um rei para com seu vassalo, em nosso caso, Deus para com a sua criatura racional — sobretudo se a este amor se ajunta a complacência que encontra o primeiro nas qualidades e boas obras do segundo.

Aplicamos também a palavra "graça" ao efeito deste amor, ao objeto ou motivo desta complacência. Solicitamos de um homem ou do próprio Deus uma graça, quando lhe suplicamos se digne conceder-nos alguma coisa pelo amor misericordioso e indulgente com que nos distingue. Neste sentido, chama a Sagrada Escritura de graça, a bondade, a beleza, a amabilidade que nos fazem dignos da complacência e do amor de Deus: *A graça foi derramada em teus lábios, por isto Deus te abençoou para sempre*⁷.

Importa acrescentar — e é de suma importância na questão que nos ocupa — que existem dois modos de gozar de consideração junto de uma pessoa de elevada posição. Podemos antes de tudo gozar de uma graça, por assim dizer, geral, ordinária, merecida, devida; e desfrutar também de uma graça, absolutamente especial, extraordinária, não merecida, livre. A esta última denominamos graça no sentido próprio e estrito.

Consideremos, para exemplo, um poderoso e nobre rei. Amará ele com amor verdadeiro a todos os seus vassallos, enquanto lhe forem submissos, ou melhor pelo fato mesmo de o serem. Dedicará a cada um o interesse e o cuidado merecidos por sua condição e seus atos. Se mais não faz, cumpre apenas seu dever; poder-se-á dele dizer: é misericordioso, benevolente; não,

⁷) Sl 44, 3.

porém, afirmar que "alguém caiu em suas graças". Isto só se dará quando amar a seus súditos ou alguns dentre eles mais intensamente do que é obrigado, quando lhes conferir maiores bens do que aqueles que lhes cabem por direito de nascimento. Será especialmente misericordioso, se consagra livremente a seus vassallos perfeito e total amor; se, em sua benevolência, se abaixa a ponto de com eles tratar como com seus próprios filhos; se os eleva até à própria dignidade, e os cerca de honras reais; se, numa palavra, os coloca acima de sua condição, tornando-os, na medida do possível, semelhantes a seus próprios filhos.

Apliquemos esta distinção à graça de Deus, da qual é apenas uma pálida imagem a graça do rei a que nos referimos. E' Deus o maior soberano dos céus e da terra, pois tudo criou e tudo lhe pertence. Tendo tudo criado por amor, ama a suas criaturas com amor inefável, liberal e benevolente. Acima de todos os seres irracionais, ama, evidentemente, os dotados de razão, com infinito afeto de predileção, pois, feitos à sua imagem, podem estes conhecê-lo e amá-lo. Criou-os bons. A todos eles estende-se sua benevolência contanto que não o injuriem com alguma falta grave, e permaneçam dignos do seu primeiro amor pela fiel observância de seus mandamentos. Pode a criatura racional, por sua natureza e suas boas obras, estar, de certo modo, na graça de Deus.

É-nos lícito chamar de *graças*, como o faz S. Agostinho, cada um dos bens e dons naturais de Deus, porquanto não era ele obrigado a criar-nos e foi por seu livre amor que nos tornou objetos destes mesmos dons. Uma vez, porém, que nos criou, não poderá deixar de conceder-nos todos os bens de que necessitamos para alcançar nosso fim natural. O benefício de que aqui falamos é portanto a graça em geral, não em sentido particular, estrito. Distinta desta é a graça cristã, trazida por Cristo ao mundo e ensinada pelo Evangelho, os Apóstolos, e os Padres da Santa Igreja.

A *graça cristã* é a graça em seu mais elevado e perfeito sentido; é um benefício de Deus, particularíssimo, livre, misericordioso, total, que faz de nós, sob um título especialíssimo, os predilectos do Pai celeste.

Pela primeira, ama-nos Deus, na medida de nossos méritos, dentro de nossa natureza e de acordo com nossas boas obras naturais. Em virtude da segunda, ama-nos de modo sobrenatural, infinitamente acima do que por natureza merecemos. Livre e bondosamente desce ele de seu trono real até o nosso nada, para elevar-nos acima de nossa natureza. Ama-nos com ilimitado

amor, poderia dizer-se com todas as suas forças, como se ama a si mesmo e a seu próprio Filho; adota nossa alma como filha e esposa; fá-la companheira de sua glória e felicidade; entrega-se-lhe afinal, para que o possua e dele goze eternamente.

No sentido cristão da palavra, é a *graça este amor sobrenatural de Deus para conosco*. Não poderíamos qualificar de *graças* senão a estes dons inteiramente sobrenaturais, mais preciosos do que o saberíamos julgar, decorrentes do amor sobrenatural de Deus. Nem tão pouco toda a complacência que possa Deus encontrar em suas criaturas racionais é já a graça cristã; mas tão somente a complacência que lhe causamos em razão da beleza *sobrenatural* de nossa alma, da amabilidade por ela recebida de seu amor sobrenatural.

Importa assinalar aqui a existência de uma importantíssima distinção entre a graça dos reis e a de Deus. Pode um rei amar e remunerar seus súditos além do que merecem; não, porém, torná-los mais amáveis, mais agradáveis a seus olhos do que na realidade o são. Deus, ao contrário, em virtude de seu amor sobrenatural, comunica a nossa alma um esplendor sobrenatural, tornando-a semelhante a sua natureza divina, de modo a refletir, ela em si, a imagem de sua divindade.

Esta amabilidade interior, real e sobrenatural da alma, chama-se também graça de Deus. Existe para isto um título especial; constitui antes de tudo o efeito principal do amor sobrenatural de Deus, sendo pois o objeto próprio de sua maior complacência em nós. Chamamo-la ordinariamente graça habitual, santificante, graça de adoção, ou simplesmente *graça*. Descreve-a o Catecismo romano nestes termos: "Segundo a proposição do Concílio de Trento, imposta a todos os fiéis sob pena de excomunhão⁸, a graça não é apenas o perdão dos pecados, nem tão pouco um simples favor externo de Deus, mas, sim, uma qualidade divina inerente à alma, como um resplendor e uma luz que apagam toda mancha de nossas almas, deixando-as mais belas e mais brilhantes"⁹.

No que se segue, ao falarmos das maravilhas e do inestimável valor da graça divina, consideramo-la mui especialmente neste último sentido. Movimentar-nos-emos assim, sem dúvida alguma, dentro do espírito da Igreja e particularmente do Concílio ecumênico de Trento.

Cumpra notar todavia que *as graças atuais sobrenaturais e as virtudes da fé e da esperança*, por mais que possam andar,

⁸) Ses. VI, de *justificatione*, cân. 11.

⁹) *Cat. romano*, 2ª parte, c. 2, n. 49.

por vezes, separadas da graça santificante, jamais serão por ela diminuídas; ao contrário fará esta aparecerem aquelas em toda a sua grandeza e valor. Consistindo sua única missão em introduzir, conservar e aumentar a graça santificante em nossa alma, claro está que sua virtude divina e seu significado se pautarão na medida em que se manifesta a grandeza e a beleza desta mesma graça santificante.

São realmente grandes e indizíveis os mistérios que vamos revelar; daí a dificuldade de descrevê-los de modo a um tempo digno e acessível a todos.

Consolamo-nos, entretanto, com as seguintes palavras de S. Leão. Embora pronunciadas a respeito do mistério da Redenção, aplicam-se muito bem ao mistério da graça. "Compreendo — diz ele — ser coisa difícil; não é louvável, porém, privar o sacerdote aos fiéis do ministério de sua palavra; o objeto, pelo fato mesmo de ser inefável, permite-lhe falar; ainda quando impotente para exprimir a sublimidade do que devia anunciar, pode a palavra ousadamente tentá-lo. Concedamos sintá-se a fraqueza humana diminuída ante o esplendor de Deus, pequenina sempre para decantar as obras de sua misericórdia, fatigue-se nossa inteligência, faltem-nos idéias e palavras... convém reconhecermos nossa insuficiência para representar a majestade do Senhor"¹⁰.

Confiamos também em que esta mesma graça, cujos esplendores nos propomos descrever neste trabalho, venha iluminar-nos, a nós e a nossos leitores, pois lhe abordamos o estudo com simplicidade infantil, com coração puro e profunda compunção. Assim como *resiste Deus aos soberbos e dá sua graça aos humildes*, fará também aos pequeninos conhecerem a sublimidade desta graça. Com efeito ao mistério da graça em particular aplicou o Salvador estas palavras: "*Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque occultaste estas coisas aos sábios e as manifestaste aos pequeninos*"¹¹.

Leitor cristão, se nesta exposição alguma coisa encontrares que te pareça estranho, incompreensível, inaudito talvez, pensa no que disse o Apóstolo, ao falar da riqueza da graça: "*Pode Deus operar em nós coisas infinitamente maiores de que podemos desejar ou compreender*"¹². Tranquiliza-te, pois quanto aqui expomos encontra-se no ensinamento claro da Sagrada Escritura e na opinião dos melhores doutores da Igreja.

Damos a seguir um rápido sumário do conteúdo desta obra.

No *primeiro livro* explicaremos em que consiste a essência da graça santificante, e diremos ser ela uma qualidade sobrenatural, infundida por Deus em nossa alma, qualidade que nos eleva acima da nossa própria natureza e nos faz participantes da natureza divina e a ela semelhantes.

No *segundo livro* demonstraremos como, por esta elevação, se une nossa alma a Deus, de modo sobrenatural e maravilhoso: Deus adota-a como filha, amiga e esposa.

No *terceiro livro* trataremos dos efeitos produzidos pela graça em nossa alma e sobretudo da vida sobrenatural, celeste e divina por ela gerada em nós.

No *quarto livro*, apontaremos alguns outros efeitos e privilégios, que nos farão apreciar a graça sob um aspecto mais especial.

Concluiremos com o *quinto livro*, demonstrando que nos cumpre adquirir a graça, cuja glória e valor formaram o objeto de nossa meditação; e que, uma vez em sua posse, devemos guardá-la, utilizá-la e cercá-la de toda honra.

¹⁰) Sermão 62 (II da Paixão do Senhor), 1.

¹¹) Mt 11, 25.

¹²) Ef 3, 20.

LIVRO PRIMEIRO

A ESSÊNCIA DA GRAÇA

CAPITULO I

LAMENTAVEL DESPREZO DOS HOMENS PARA COM A GRAÇA

A graça de Deus — objeto deste livro — é um clarão da bondade divina que, vindo do céu à alma, enche-a, até às profundezas, de uma luz, a um tempo tão suave e poderosa que encanta ela o próprio olhar de Deus; transforma-se em objeto de seu amor e se vê adofada como esposa e filha, para ser finalmente elevada sobre todas as possibilidades de sua natureza. E assim, no seio do Pai Celeste, junto do Filho divino, participa a alma da natureza divina, de sua vida, de sua glória, e recebe por herança o reino de sua felicidade eterna.

Estas palavras anunciando, cada uma delas, nova maravilha, excedem de muito ao alcance de nossa razão. Não é de estranhar não podermos nós formar uma idéia a respeito destes bens, pois os próprios anjos, embora possuindo-os, mal podem apreciar-lhes o valor. Olhos postos no trono da misericórdia divina, outra coisa não podem fazer senão adorar com o mais profundo respeito, se é que igualmente não se assombram ao considerarem nossa loucura, ao verem que tão pouco estimamos a graça de Deus, tão negligentes em buscá-la, como fáceis em repeli-la. Choram nossa desventura quando perdemos pelo pecado esta dignidade celeste a que nos elevava Deus. Estávamos acima dos anjos e nos achamos agora no fundo do abismo entre os animais e os demônios! Como somos endurecidos, insensatos, que nem sequer o sentimos!

Ensina o Anjo da Escola que o mundo inteiro, com tudo que contém, vale menos aos olhos divinos que um só homem em estado de graça¹. Vai mais longe S. Agostinho e afirma que o céu e todos os coros dos anjos não lhe podem comparar². Deveria o homem sentir-se mais reconhecido a Deus pela menor graça do que se recebesse a perfeição dos espíritos puros ou o domínio dos mundos celestes. Como não sobrepujaria então a graça a todos os bens da terra?

¹) Santo Tomás, Sum. Theol. I-II, q. 113, a. 9 ad 2. Sobre a graça em geral, vejam-se as questões 109 a 114 da mesma parte.

²) *Ad Bonif. c. duas epist. Pel.* 1, 2, c. 6.

Entretanto, a ela preferimos qualquer um destes bens, trocamos-la — sacrilégio horrendo! — pelos mais abomináveis; brincamos com ela, dela zombamos!

Não se envergonham os homens de sacrificar esta plenitude de bens, que Deus nos oferece juntamente consigo. E tudo isto, por não se privarem de um olhar impuro! Mais insensatos que Esaú, vendem sua herança pelo miserável prazer de um instante. Ela que sobrepujava em valor ao mundo todo!

Assembrai-vos, ó céus! Portas do empireo, declarai-vos em luto!

Quem seria tão temerário e insensato que, para proporcionar-se um passageiro deleite, faria desaparecer o sol do mundo, decretaria a queda das estrelas e introduziria a confusão em todos os elementos? Quem ousaria sacrificar todo o mundo a um capricho, a uma ambição? Que é a perda do mundo em comparação com a perda da graça? E pensar que isto se pratica com tanta facilidade e frequência! E isto se dá, já não digo diariamente, e, sim, a cada instante e com muitíssimos homens! Quantos se esforçam por impedi-lo já em si, já nos outros? Quantos os que se entristecem e se lamentam por isto?

Estremecemos quando se obscurece o sol por um momento, quando o terremoto devasta uma cidade, quando uma epidemia ceifa homens e animais. E entretanto, algo de imensamente mais terrível e mais triste repete-se cada dia sem nos comovermos: o fato de perderem tantos homens continuamente a graça de Deus, e desprezarem as mais favoráveis ocasiões de alcançá-la e aumentá-la.

Tremia Elias ante o movimento da montanha¹; o profeta Jeremias sentia-se inconsolável em face da destruição da Cidade Santa; o desmoronamento do bem-estar de Job mergulhou os seus amigos, por sete dias, num silêncio de dor. Choremos nossa desgraça! Nunca será suficientemente intenso nosso pranto, se chegarmos a destruir em nossa alma o paraíso da graça. Neste caso, com efeito, perdemos o reflexo da natureza divina; privamo-nos da rainha das virtudes, a caridade, com todos os seus efeitos sobrenaturais; expulsamos de nós os dons do Espírito Santo e a este hóspede celeste; repelimos nossa filiação divina, as vantagens da amizade de Deus, os direitos a sua herança, o fruto dos sacramentos e de nossos méritos; em uma palavra, desprezamos a Deus, o céu, a graça com todos os seus tesouros.

¹) Jer 2, 12.

²) 3 Rs 19, 11. Deus sacudia a montanha diante de Elias, para mostrar-lhe que ele não se encontra no meio do barulho.

A alma que perde a graça pode aplicar-se a si própria a lamentação de Jeremias sobre Jerusalém: *Como, em sua cólera, cobriu o Senhor com uma nuvem a filha de Sião? precipitou do céu sobre a terra a magnificência de Israel; no dia de sua cólera não mais se lembrou do escabelo de seus pés. O Senhor destruiu sem piedade a morada esplêndida de Jacob*³. Onde encontrar quem rellita sobre seu infortúnio, quem se lamenta e se defenda contra novos pecados? *Toda a terra se cobriu de destruição porque ninguém se interessou por ela*⁴.

E' de toda evidência que pouco amamos a nossa verdadeira felicidade, e mal reconhecemos o amor infinito com que Deus nos cerca e os tesouros que nos oferece. Agimos como aqueles israelitas que Deus queria arrancar da escravidão do Egito e do árido deserto, para levá-los ao país onde corriam leite e mel. Desprezaram o dom imerecido; recusaram a própria mão que lhes estendia Deus pelo caminho; volveram-lhe as costas e suspiraram novamente pelas "pancadas de carne do Egito"⁵. Era a terra da promessa uma imagem do céu prometido por Deus a seus eleitos; o maná significava a graça de que nos devemos nutrir para recobrar forças no caminho da pátria celeste. Se já então ergueu Deus sua vingadora mão contra os que menosprezavam um país tão belo e apetecível, e os fez perecer⁶, que preço deveremos nós pagar por termos rejeitado o céu e a graça?

A causa de tão deplorável desprezo é fornecerem-nos nossos sentidos uma idéia por demais elevada dos bens perecíveis, e ser nosso conhecimento dos bens eternos excessivamente superficial. Consideremos mais atentamente estes dois extremos e procuremos reparar nosso erro. O amor dos bens celestes aumentará em nós, na mesma medida em que diminuir o amor dos bens terrestres⁷. Aproximemo-nos o mais possível desta inesgotável fonte da graça divina; prenderão suas riquezas a nossa atenção, fazendo-nos desprezar os bens da terra. Desta forma aprenderemos a estimá-la. Aquele que venera e louva a graça — diz S. João Crisóstomo — guardá-la-á e velará ciosamente por ela⁸.

Comecemos, pois, com o auxílio de Deus. *"Os louvores da glória de sua graça"*⁹.

Deus onipotente e bom, Pai das luzes e das misericórdias, *de quem procede todo o dom*¹⁰, Tu, que, segundo o designio de tua vontade, nos adotaste pela graça; que, desde o princi-

³) Lam 2, 1-2. ⁴) Jer 12, 11. ⁵) Êx 16, 3. ⁶) Sl 105, 26.

⁷) S. Bernardo, *In ascensione Domini*, s. 3, n. 7.

⁸) *In Ephes. Homil. I. n. 3.*

⁹) Ef 1, 6.

¹⁰) Tgo 1, 12.

pio do mundo, escolheste e predestinaste teu Filho, para nós, a fim de que, como filhos teus, sejamos santos e imaculados em tua presença com um santo amor¹³; concede-nos o espírito de sabedoria e de revelação, ilumina os olhos de nosso coração, e assim reconheceremos a esperança de tua escolha, as riquezas da glória de tua herança em teus santos¹⁴. Dá-me luz e força para que consiga não diminuir com minhas palavras este dom da graça, pelo qual arrancas os homens ao pó de sua raça mortal e os adotas em tua divina família. Senhor Jesus Cristo, Nosso Salvador, Filho de Deus vivo, por teu sangue divino derramado para salvar-nos e restituir-nos a graça, faz com que eu alcance mostrar, na medida de minhas débeis forças, o inestimável valor desta graça, por ti a tal preço comprada.

E tu, Espírito Supremo e santo, seio e dom do divino amor, hóspede santificador de nossa alma, por cujo intermédio a graça e a caridade se derramam em nosso coração, tu, que por teus sete dons as nutres e sustentas, e que jamais dás a graça sem que te dês a ti mesmo, revela-nos sua essência e seu inapreciável valor.

Santa Mãe de Deus, Mãe da divina graça, faz que eu possa mostrar aos homens, transformados pela graça em filhos de Deus e filhos teus, os tesouros pelos quais entregaste teu Divino Filho.

Santos Anjos, espíritos glorificados pelo esplendor da graça divina, e vós, almas santas, que passastes deste desterro ao seio do Pai celeste, todos, que no céu gozais do fruto da graça, ajudai-me com vossas orações para que, dissipadas as nuvens que ocultam a meus olhos e aos olhos dos outros o sol da graça, refulja ele com todo o seu brilho, e desperte, por seu resplendor, em nossos corações, o amor e o desejo da vida eterna.

CAPÍTULO II

A GRAÇA É SUPERIOR AOS BENS DA NATUREZA

Examinemos primeiramente a graça em seu aspecto menos nobre. Mesmo assim, opinam os teólogos, *é ela infinitamente superior a todas as coisas naturais*.

Diz S. Agostinho: "Segundo as palavras do Salvador, céus e terra passarão, permanecerão, porém, a salvação e a justiça

¹³) Ef 1, 4-6. ¹⁴) Ef 1, 17-18.

dos eleitos, pois contêm os primeiros as obras de Deus, e os segundos a própria imagem de Deus"¹. Ensina S. Tomás ser coisa mais grandiosa a volta do pecador à graça do que a criação do céu e da terra². É que esta última obra termina-se em criaturas contingentes, ao passo que a graça nos leva a participar da natureza imutável de Deus. Quando criou Deus as coisas visíveis, construía uma morada para si; quando dá ao homem uma natureza espiritual, povoa de servos sua mansão; quando lhe confere, porém, a graça, adota-o em seu seio, fá-lo filho seu, comunica-lhe sua vida eterna.

Em uma palavra, é a graça um bem *sobrenatural*, isto é, um bem que natureza alguma criada pode possuir por si, ou sequer exigir, pois em si pertence ela unicamente à natureza divina. Tanto é assim que sustenta a maioria dos teólogos ser Deus, apesar de sua onipotência, incapaz de criar um ente ao qual, por sua própria natureza, corresponda a graça³; chegam mesmo a afirmar que se tal criatura realmente houvesse, não se distinguiria de Deus.

A isto acresce o que com tanta clareza e frequência tem ensinado a Igreja⁴: nenhum homem, nenhuma criatura traz em si o germe da graça. Como tantas vezes o notou S. Agostinho⁵, a natureza relaciona-se com a graça, como a matéria inanimada com o princípio vital. A matéria, como morta que é em si, não pode dar a vida a si mesma, mas deve recebê-la de outro corpo vivo. Do mesmo modo, a criatura racional, de si, não possui a graça, nem pode adquiri-la por sua atividade ou por seus méritos. Somente Deus, em sua bondade, pode concedê-la, na glória de seu poder, envolvendo a natureza em sua virtude divina.

Qual não será a grandeza deste bem que tão superiormente sobrepuja a natureza e até o poder e os méritos dos próprios anjos⁶?

Um piedoso e instruído escritor afirmou que todas as coisas visíveis se acham infinitamente abaixo do homem⁷. Observou S. João Crisóstomo que coisa alguma no mundo é comparável ao homem. Acrescenta S. Agostinho preferir ser justo e santo

¹) In Joannem, tr. 72, 3.

²) S. Th. I-II, q. 113, a. 9.

³) Por exemplo, Suárez, *De divina substantia*, I, II, c. 9.

⁴) S. Celestino I, *De gratia Dei indiculus*. Segundo Concílio de Orange. Concílio de Trento.

⁵) Serm. 62, n. 2; 65, n. 3; 156, n. 6. In Pa. 70, enarr. 2, n. 3; De Genesi ad lit., I, X, c. 6, n. 10.

⁶) S. Agostinho, *De civit. Dei*, I, XII, c. 9. S. Tomás, I, q. 62, a. 2.

⁷) Lessius, *De div. Perf.*, I, I, c. 1.

a ser homem ou anjo⁸, e S. Tomás junta que tem a graça mais valor que a alma.

A graça supera a todas as coisas criadas, como o próprio Deus, visto não ser outra coisa senão a luz sobrenatural que das profundezas da divindade se derrama sobre a criatura racional. Sol e luz são inseparáveis. Se é o sol muito mais precioso e perfeito que a terra, escura em si, do mesmo modo sê-lo-á também a sua luz. O mesmo se dá com a graça. E' nossa natureza a terra, recebendo os raios do sol divino, que a penetram e glorificam, para se converter, assim, numa espécie de natureza divina. Deus, a quem possuímos pela graça, não encerra apenas as perfeições de todas as coisas; é infinitamente mais perfeito que todas juntas. Do mesmo modo, é a graça mais preciosa que todos os bens criados. Dela pode dizer-se o que se falou da Sabedoria: *E' superior aos mais preciosos tesouros; coisa alguma, por mais apetecível, pode a ela comparar-se*⁹.

Elevemos, pois, o nosso olhar para tais tesouros; vejamos se são eles dignos de desprezo, ou se merecem, ao contrário, busquemo-los com todo ardor de nosso coração. Ainda quando possuíssemos todos os bens da natureza, ouro, prata, poder, fama, ciência, artes, todas estas riquezas se desvaneceriam diante da graça, como um montão de terra ao lado de uma pedra preciosa. E pelo contrário, embora pobres de tudo, a graça de Deus nos faz, por si só, mais ricos que todos os reis deste mundo; possuímos o melhor que Deus nos pode dar. Canta o Salmista: *A misericórdia de Deus estende-se a todas as criaturas*¹⁰. E reza a Igreja em sua oração: "Ó Deus, que manifestaste teu poder, especialmente ao perdoar-nos e ao usar de tua misericórdia".

Sejamos reconhecidos a Deus por semelhante dom! Agradecemos-lhe por nos ter tirado do nada. Assim canta o Salmista:

*Todas as coisas, colocaste-as sob nossos pés, ovelhas e bois, aves do céu e peixes do mar*¹¹. E' o momento de com ele exclamarmos: *Quem é o homem, para que dele te lembres, e o filho do homem, para que o visites*¹²? Quanto mais não deveremos agradecer então os tesouros sobrenaturais da graça e guardá-los com o maior cuidado!

E é esta a razão de afirmar um sábio teólogo, o Cardeal Caetano, não devermos perder de vista os castigos reservados aos que desprezam a graça. Será nosso castigo semelhante ao daqueles homens do Evangelho, que, convidados pelo rei ao seu

banquete, preferiram o próprio interesse ou seu prazer. Do mesmo modo, desatentos e ingratos, desprezamos o convite ao banquete de Deus, para acedermos logo ao convite do mundo e do demônio, que com seus vis prazeres nos ofuscam o olhar. Dá-nos o demônio coisas infinitamente inferiores às de Deus; e assim procede, não para fazer-nos felizes e, sim, para perder-nos. Apresenta-nos Deus, generosamente e por amor, uma pérola de valor incalculável, enquanto nos fornece o demônio, avaramente e por ódio, resplandecente mas vil moeda. Cumpre ser louco para abandonar a pedra preciosa e comprar esta moeda falsa que nos arruína.

A inconcebível distância que medeia entre a graça e os bens da natureza, não somente deve impedir-nos de perder aquela pelo pecado mortal, mas ainda há de incitar-nos a praticar com empenho as virtudes que aumentam a graça em nós. Concedo que não percas a graça com deixar a missa, negligentemente durante a semana, com omitir uma oração não obrigatória ou uma obra de misericórdia, de mortificação, de humildade; não podes, entretanto, negar ser uma incalculável perda não aumentar teu capital, quando tão facilmente poderias fazê-lo, já que o menor grau de graça excede em valor a todos os bens deste mundo.

Se a um avarento fora dado ganhar, com um jejum ou uma oração, toda uma frota carregada de tesouros da Índia, quem seria capaz de impedir-lhe tais práticas? Julgais que o deteriam as reflexões sobre o sacrifício de seu ato ou o perigo a que exporia sua saúde? Com que direito nos apoiamos, então, em semelhantes motivos, em se tratando de uma recompensa, cuja menor parte supera infinitamente a todos os tesouros da Índia, a todos os mundos juntos? Apesar de tudo, como somos tardos em estender a mão, em impor-nos o incômodo de trabalhar um campo que produziria, em seguida, espigas de ouro! Bastaria um suspiro, uma lágrima, uma boa resolução, um piedoso desejo, uma simples invocação ao Senhor, um gesto de amor, uma súplica.

Quem nos dera imprimir bem profundamente em nosso coração as maravilhas da graça, e repetir com profunda e viva convicção estas palavras de um piedoso doutor: A graça é a soberana e a rainha da natureza¹³.

¹³) Gerson, *Serm. de Circumc.*

⁸) *Serm. 15. De verbis Apostoli.*

⁹) Prov 8, 11.

¹⁰) Sl 144, 9.

¹¹) Sl 8, 7-9.

¹²) Sl 8, 5.

CAPÍTULO III

A GRAÇA SOBREPUJA OS MILAGRES

Não bastaria afirmar que a graça supera as coisas naturais, excede ela também aos milagres operados por Deus.

Sabemos manifestar-se a graça divina de preferência nas obras de sua misericórdia. Onde mais se evidencia esta misericórdia é ao conferir Deus sua graça ao homem. Vejamos como interpreta S. Agostinho¹ esta notável promessa do Salvador: Os que nele crêem farão coisas maiores do que aquelas que ele próprio realizou na terra². Como exemplo disto — fala ele — poderia servir o caso de S. Pedro que, com sua sombra³, curava os enfermos, coisa esta que não se lê de Nosso Senhor. Esta verdade brilha, porém, com maior clareza ainda, na obra da justificação, em que devem os fiéis cooperar pessoalmente, tanto no que a eles se refere como ao próximo, cada qual a seu modo. É certo não sermos nós que produzimos a graça, mas não é menos certo também que, com auxílio de Deus, podemos nos preparar a recebê-la, fazendo-nos dignos dela, infundindo ânimo aos outros; podemos, numa palavra, operar coisas maiores que os milagres de Cristo.

Tanto para Deus como para os homens, a graça é mais gloriosa que os milagres. Pelo milagre, operado ordinariamente sobre a matéria, Deus restitui a saúde ou a vida. Pela graça, sua ação termina-se na alma, torna, por assim dizer, a criá-la, eleva-a sobre a própria natureza, deposita nela o germe da vida sobrenatural, reproduz-se nela, imprime-lhe a imagem de sua própria substância. Não será porventura o mais estupendo milagre da onipotência divina? A graça supera a criação do céu e da terra; não se pode compará-la, senão com a eterna geração do próprio Filho de Deus. É ela, por isto, sobrenatural, grande, misteriosa, já que, segundo a frase de S. Leão, "nos faz participantes da geração de Cristo"⁴.

Quando os santos operam milagres, deles se vale Deus como de intermediários, de modo algum intervindo o próprio poder deles. Quando, porém, nos dá a graça, exige Deus de nós uma cooperação mais íntima: quer que, com seu auxílio, nos preparemos a recebê-la; quer que a aceitemos, conservemos e aumentemos.

Dignidade maravilhosa que nos conferiu o Senhor! Uniu-se

ele à nossa alma como o esposo à sua esposa. Pode nossa alma, pela virtude que recebe, reproduzir em si a imagem divina, converter-se em filha de Deus! Admirável igualmente o poder concedido por Deus à sua Igreja, de comunicar, mediante seus ensinamentos e seus sacramentos, a graça a seus filhos! Poderás desejar coisa melhor e colaborar em obra mais bela? Queres realizar coisas grandiosas, que causem admiração, já não digo aos homens mergulhados em sua loucura, mas aos próprios anjos? Queres transformar-te em espetáculo para os anjos e o mundo? Trabalha por adquirir e aumentar a graça em ti e em teu próximo.

Se conhecessem os homens a grandeza de sua atitude, por um arrependimento sincero, romperiam com o pecado e começariam uma nova vida! Ai tendes obra mais grandiosa que ressuscitar um morto, ou tirar um homem do nada. "Se Deus te fez homem, diz S. Agostinho, e tu, — bem entendido, com a graça de Deus, — te fazes justo, realizas uma coisa melhor do que a produzida por Deus"⁵.

Se mediante um ato de arrependimento pudesses restituir a vida a teu irmão, serias tão cruel em não querer fazê-lo? Por um ato de contrição podes ressuscitar, não já teu corpo, mas tua própria alma, e livrá-la da morte eterna. E apesar disto vacilas, recusas o maravilhoso socorro oferecido por Deus!

Ensina-nos S. João Crisóstomo que excede de muito ressuscitar uma alma ferida a ressuscitar um corpo morto⁶. Com efeito, a não ser que esteja completamente cego, como pode preferir alguém levar uma vida dissipada, folgazã, a introduzir uma alma na vida eterna e na glória celeste? Se desejamos milagres para a conservação de nossa vida terrena, por que não colaboraremos no milagre que restitui a vida da alma?

O arrependimento, embora de maravilhosa eficácia, não é o único meio de obter a graça; todas as boas obras sobrenaturais, realizadas em estado de graça, aumentam-na em nossas almas. Cada grau de graça adquirido coloca-nos muito acima de nossa natureza e nos une mais intimamente a Deus. Se estivera em nossas mãos operar milagres materiais, ou realizar com toda a facilidade grandiosos trabalhos, por certo tudo faríamos para usar semelhante poder. Ser-nos-ia uma questão de honra não deixar improdutivo este capital. Imitariamos aos poetas e artistas que se esforçam em produzir, constantemente, obras cada vez mais belas.

¹) In Joannem, tr. 72, 3.

²) Jo 14, 12.

³) At 5, 15-16.

⁴) Sermo 21, c. 3.

⁵) Sermo 169 (15 De verbis Apostoli) c. II, n. 13.

⁶) Tom. IV, hom. 4, Antiq. ad.

Consideremos a eficácia de toda boa ação para aumentar a graça e merecer a glória eterna; não deixemos passar um só instante sem amar a Deus, sem suplicar-lhe e adorá-lo; envergonhem-nos de dar um suspiro que não seja para ele. Alegremo-nos com os Apóstolos por termos sofrido ao menos alguma coisa por Deus¹. Se compreendêssemos quanto vale para aumentar nossa dignidade um só ato de virtude, buscaríamos todas as ocasiões propícias para realizá-lo.

Ninguém seria tão cruel que recusasse curar um enfermo ou tornar rico um pobre, se o pudesse, mediante uma modesta esmola. Não somos nós muito mais cruéis para com nossa alma quando, a tão pequeno preço, lhe negamos um aumento da glória celeste? Impregnemos todas as nossas ações do espírito de fé e de caridade, convencidos de que, com cada uma delas, adquirimos um grau superior de graça, coisa que excede em beleza a toda a natureza, e sobrepuja em grandeza aos próprios milagres.

Já a aquisição da graça é um dos maiores milagres. Como não nos deixarmos, então, tomar de assombro por semelhante fenômeno? Primeiramente, por ser ele invisível, e depois porque, diferentemente dos outros milagres que raras vezes e apenas excepcionalmente se dão, a graça se adquire segundo uma lei geral. Entretanto, seus característicos acima lembrados deveriam torná-la para nós mais preciosa.

Não é visível, visto afetar à alma e não ao corpo; não podemos vê-la, como tão pouco vemos Deus, a quem ela nos une. Deixaria Deus de ser infinito, se, pela natureza, chegássemos a vê-lo. Do mesmo modo a graça, caso se tornasse visível, deixaria de ser tão maravilhosa.

Ê-nos dada a graça segundo uma lei geral. Podemos adquiri-la mediante determinadas ações, manifestando-se melhor assim o amor e o poder de Deus. E esta portentosa obra da graça, não a realiza Deus, como nos milagres, parcamente em casos raros e excepcionais, em determinadas pessoas apenas, mas a faz acompanhar todos os nossos atos; desaparece ela, por assim dizer, na corrente de nossa atividade ordinária.

Senhor! Desprezaremos este dom, porque o ofereces a todos, continuamente e com tanta facilidade? Se a um só homem o concedesses e por uma única vez, como poderia sequer pensar em repeli-lo? Senhor, excite tua generosidade em nós a lembrança de tua bondade. Faze, Senhor, que guardemos este dom com todas as nossas forças e honremos tua benevolência.

¹) At 5, 41.

CAPÍTULO IV

A GRAÇA ELEVA-NOS ACIMA DE NOSSA NATUREZA

A graça supera infinitamente a todas as coisas naturais e aos próprios milagres. Poderíamos acrescentar ser ela, em certo sentido, superior à glória dos bem-aventurados, que parece todavia o maior bem que Deus possa conceder-nos. De fato a glória dos bem-aventurados outra coisa não é que o completo desenvolvimento da graça. A graça é a fonte que jorra para a vida eterna; a raiz, cujas flores e frutos constituem a glória, pois estes dependem daquela. *O preço do pecado é a morte, mas a graça de Deus é a vida eterna*, diz o Apóstolo¹. Se, conformando-nos ao Apóstolo, a graça de Deus é a vida eterna, não só deve a ela conduzir-nos, mas ainda contê-la. E' o pecado um mal maior que a morte, castigo seu; do mesmo modo, deve ser a graça um bem mais precioso que a glória celeste, pois por aquela merecemos esta. Sobre este ponto insistiremos mais tarde; agora, vejamos a excelência comunicada pela graça a seu possuidor: sendo ela em si mesma sobrenatural, eleva aquele que a possui acima de sua própria natureza.

"Colocai-me, dizia um antigo filósofo, em uma mansão extraordinariamente rica, com abundância de ouro e prata. Tudo isto não conseguirá fazer-me crescer em minha própria estima. Encontram-se tais objetos em torno de mim, mas sempre fora de mim; como externos que são, não afetam ao homem; podem, por seu brilho, deslumbrar-lhe os olhos, nada, porém, lhes acrescentarão, nem na saúde, nem no desenvolvimento do corpo, e menos em seu espírito"². E' próprio da excelência da graça elevar à sua própria altura aqueles que a possuem. Penetra a alma, isto é, o interior do homem, tão intimamente que lhe comunica seus privilégios; recobre-os com uma suntuosa veste. Sendo, como é, a mais bela obra de Deus, quem dela participa, aparece, igualmente, como a mais bela obra saída das mãos divinas. "A graça de Cristo — fala S. Cirilo de Alexandria — veste-nos como que de púrpura e coloca-nos em uma dignidade de que não nos é possível fazer idéia"³.

Que honra para o homem! Erguido de sua baixeza e de sua natural obscuridade, é transportado, como outro Adão, acima deste mundo visível, dos animais, dos céus, acima da dignidade mesma que os mais belos anjos possuíam por sua natureza.

¹) Rom 6, 23.

²) Séneca, *De beata vita*, 25. ³) *In Joannem*, I, 14.

Importa saber que os anjos, segundo sua natureza, não têm a dignidade por nós adquirida pela graça. Se não houvessem recebido da generosidade divina a mesma graça, seriam inferiores a nós, e em maior medida do que o somos nós relativamente a eles, segundo a natureza.

De que modo lamentar nossa desgraça se chegamos a trocar nossa nobreza por uma vil escravidão? Porfiemos, arruinamo-nos mutuamente quando se trata de conseguir um posto, segundo o juízo de pessoas inconsideradas, mais elevado que outro. Se quando nascemos nos houveram dado a escolher, optaríamos infalivelmente pela dignidade mais alta. Que mágico encanto nos cega então quando tão insistentemente se nos oferece o trono da divina graça? Entretanto, nem sequer nos comovemos! Quanto maior é a altura conseguida mediante a graça, — tanto mais profunda será nossa queda, se chegarmos a perdê-la. Quem não estremece ao ler como foi Nabucodonosor transformado em animal? Era ele um rei poderoso, invencível, senhor de imenso reino. Atingia aos céus sua grandeza, e seu poder, aos confins da terra, narra-nos a Escritura¹. Sua figura, seus cabelos, sua voz assemelhavam-se às de um animal; pastava e comia como os brutos; repellido para os bosques, entre eles viveu sete anos. Que grandeza antes e que degradação agora! Não há, entretanto, termo de comparação entre aquela decadência e a queda do homem que perde a graça. Com efeito precipita-se este, do alto do trono de onde contemplava a seus pés todas as coisas criadas, ao inferno para estar irrevogavelmente na companhia dos demônios.

O homem! reconhece a formosura que a graça te oferece; conserva durante tua vida a dignidade por ela proporcionada à tua alma. Tendo o mundo a teus pés, por que te preocupas com suas leis? Colocado no céu, fixa aí teu trono. Por que chafurdar-te no lodo da terra?

Já compreenderam com sua razão os filósofos pagãos ser insensato o amor dos bens terrenos, quando comparados com o céu, com os astros. Dizia um deles²: "Se se dera às abelhas a inteligência humana, repartiriam seu pequeno domínio em numerosas províncias, como costumam fazê-lo os reis da terra. Há acima de nós espaços imensos, diante dos quais desaparece a terra". Insistia outro: "Se olhássemos nosso planeta do sol ou da lua, creríamos ver um pequeno círculo; os mais amplos reinos, sem falar dos campos e dos prados, apareceriam como pontos imperceptíveis"³.

¹) Dan 4, 30.

²) Dan 4, 19.

³) Sêneca, *Quaest. nat. praef.*

⁴) Luciano, *Icaromenippus*, 46, 12.

Elevados assim acima dos próprios céus, qual deverá ser consequentemente nossa atitude? Que pensar de nós mesmos, da graça, dos bens da terra? A distância que separa o sol da terra — que digo? — uma distância infinitamente maior, eis a que separa a graça de tudo que é terreno. Deixamo-nos levar, como povos incultos, pelas aparências. Crêem tais povos não passar o sol, em comparação com a terra, de um disco luminoso. Do mesmo modo, não obstante toda a nossa ciência, não compreendemos a grandeza invisível da graça. Os cálculos dos astrônomos, relativamente ao sol, convencem-nos. Por que, em nossa ignorância, não daremos crédito às verdades da fé incomparavelmente mais seguras?

Como são poucos os que, recordando a dignidade obtida pela graça, desprezam as solicitações da natureza! Poucos são na verdade os que, à semelhança de um camponês transformado em rei da noite para o dia, se envergonham dos hábitos, dos prazeres, dos costumes de sua condição anterior! Chorava S. Isidoro de Alexandria porque, destinado como era a tomar parte no banquete dos bem-aventurados, se via obrigado a sustentar o corpo com alimentos, como os animais. Julgava S. Paulo como injustiça ter que ceder à carne e ao sangue e levar em consideração alguma coisa que não fosse a nova condição operada pela graça de Deus⁴. Imensa loucura esta que nos faz esquecer a alegria do céu e ceder aos instintos e aos prazeres animais! nossa tarefa nesta vida deve ser aspirar à dignidade que a graça nos confere; não busquemos nesta terra, senão o sofrimento, a fim de que, crucificados para a natureza, vivamos como habitantes de um outro mundo.

CAPÍTULO V

A GRAÇA É UMA PARTICIPAÇÃO DA NATUREZA DIVINA INCRIADA¹

O homem é, pela graça, elevado acima da natureza criada. Ainda mais, *torna-se participante da natureza incriada de Deus*. Ou, melhor, ergue-se a tanto pelo influxo desta união tão íntima e desta participação dos privilégios divinos. Quanto mais se aproxima do fogo um corpo, tanto mais luz e calor receberá ele.

⁴) 1 Cor 15, 50; 2 Cor 5, 17; Gál 1, 15; Col 3, 2.

¹) Schieeben junta a seguinte nota: "Os capítulos que se seguem tratam da divinização da alma pela participação da natureza divina."

Escreve S. Pedro: as promessas, grandes e preciosas, que Deus nos fizera em Jesus Cristo, devem tornar-nos participantes da natureza divina²; isto é, os privilégios divinos vêm na medida do possível a ser participados por nossa natureza. Fundados no mencionado texto, ensinam-nos unânime os Padres esta união com Deus.

Sentiam-se os Santos incapazes de expressar, como queriam, a excelsitude deste dom. S. Dionísio escreve: "A santidade ou a graça santificante é um bem divino, uma inefável imitação da divindade e da bondade³, em razão da qual, por um sobre-humano nascimento, ocupamos uma ordem divina"⁴. Diz S. Máximo Mártir: "Dá-se-nos a divindade quando penetra a graça à nossa natureza com sua luz celestial, e quando, pela glória, esta mesma graça nos eleva acima de si própria"⁵. Ensinam-nos estes teólogos e a maioria dos outros Padres, com S. Tomás⁶, que a graça, por assim dizer, nos diviniza. Tal o sentido que atribuem a estas palavras do Salvador: Disse: sois deuses e filhos do Altíssimo⁷. Em uma palavra, transporta-nos a graça até ao trono que somente Deus ocupa por sua natureza.

Quando nos detemos por entre a variedade das criaturas, vemos diferenciá-las cada qual por sua natureza: mais perfeitas umas que as outras, formam todas em conjunto uma escala harmonicamente graduada, em cujo termo, somente Deus ocupa um lugar transcendente. Há corpos que existem, mas que não possuem vida: são as pedras e os metais; outros há que têm certa vida: são as plantas, desenvolvendo-se por si mesmas graças a suas raízes, e produzindo flores e frutos; os animais gozam, além disto, de sensibilidade e movimento; e finalmente o homem, dotado de razão; mediante ela, pode ele conhecer e amar seres destituídos de corpo. Acima do homem encontra-se a série incontável dos puros espíritos, invisíveis ao nosso olhar, possuindo cada um deles sua própria perfeição. Em um ponto infinitamente mais elevado, coloca-se a natureza divina; criatura alguma se lhe assemelha em espiritualidade; nenhuma delas dispõe, em si, de capacidade para contemplar a Deus tal

que afirmamos parecerá talvez, a mais de um piedoso leitor, exagerado, estranho ou perigoso. Achemo-nos diante de um mistério que não se pode passar por alto, e deve-se, ao contrário, considerar com fé e respeito". As opiniões dos teólogos sobre esta matéria poderiam ver-se em Ripalda, *De ente supernaturali*, l. VI, disp. 132; sect. 8 et 9.

²) 2 Ped 1, 4.

³) Dionísio Areopagita, *Epist. 2 ad Caium*.

⁴) Id., *Eccles. hier.*, c. 2, § 1.

⁵) *Div. capita ad theol. spect.*, I, 76.

⁶) S. Th. I-II, q. 110, a. 3, 4; q. 114, a. 3; III, q. 3, a. 4 ad 3.

⁷) Jo 10, 34 (Sl 81, 6).

qual é, nem de nele submergir-se pelo amor. Comparadas com o sol divino não passam de trevas as outras naturezas, incapazes mesmo de refletir naturalmente a perfeição divina. Esta natureza divina, pelo infinito poder de sua caridade, atrai a nossa, adota-a em seu seio, pela graça, submergindo-a em si, como no forno se submerge o ferro. Pertencemos, então, à raça de Deus, como a palmeira ao reino vegetal e o leão ao animal.

Se dentre todos os homens e todos os anjos, escolhesse Deus uma só alma, para comunicar-lhe o esplendor de tão inesperada dignidade, faria esta alma empalidecer a formosura do sol, da natureza inteira e de todos os espíritos puros; deixaria estupefatos, não só os mortais, mas ainda os mesmos anjos, que se sentiriam quase tentados de adorá-la, como se fora Deus em pessoa. Como é possível fazermos tão pouco caso deste bem, a nós com tanta prodigalidade dispensado? Será porque nossa ingratidão aumenta na medida mesma em que deseja Deus ser generoso para conosco?

Por amor próprio não poupamos dinheiro nem fadigas para nos aproximarmos dos grandes. E desprezamos a intimidade de Deus! Nem consideramos, sem dúvida, dolorosa perda e incurável ferida o vermo-nos privados, pelo pecado mortal, da companhia de Deus, e, mais ainda, o não pertencermos à sua raça, expulsos de sua família! Na verdade, Deus mesmo despreza aquele que despreza a união com sua bondade, com sua divindade; semelhante homem torna-se inimigo de sua honra, de sua razão, de si próprio e de Deus.

De outro lado, as honras baseiam-se mais na opinião dos homens do que nas qualidades intrínsecas. Pode a vontade de um rei fazer ocupar alguém o mais ambicionado posto, sem que tenha, para isto, aptidão ou dignidade. Quando a graça nos comunica a dignidade divina, não somente nos confere o nome, mas também a perfeição divina, pois, conforme os teólogos, faz ele sobrenaturalmente parecer-se nossa alma com Deus.

Segundo S. Cirilo de Alexandria: "Somos participantes da natureza divina, pela união com o Filho e o Espírito Santo; não de nome, mas na realidade, quantos temos crido somos semelhantes a Deus, pois fomos revestidos de uma beleza que sobrepuja a de qualquer criatura. Cristo formou-se em nós de um modo inefável, não como uma criatura em outra, mas como Deus em a natureza criada, transformando pelo Espírito a criação, — isto é, a nós mesmos — em sua imagem, elevando-a a uma dignidade sobrenatural"⁸.

⁸) *De Trin.*, l. 4.

"O que em Deus é essencial e substancial — observa S. Tomás — torna-se na alma que, pela graça, participa da caridade divina, uma como qualidade acrescentada à sua natureza".⁹⁾

Os Padres aplicam a este mistério diversas imagens. S. Atanásio¹⁰⁾ compara a divindade com o âmbar¹¹⁾ ou bálsamo, que comunica sua suavidade aos objetos por ele tocados, ou ainda com o selo que na cera mole deixa gravada sua imagem. Diz S. Gregório Nazianzeno que nossa natureza se acha intimamente unida a Deus pela graça e participa de suas propriedades, como uma gota de água, lançada em um vaso de vinho e por ele absorvida, toma sua cor, seu cheiro e sabor. S. Tomás, seguindo a S. Basílio, evoca-nos a imagem do ferro: rígido, frio e informe, torna-se ardente, luminoso, flexível quando colocado junto ao fogo e por ele penetrado; note-se, porém, que nem por isto perde sua essência. Aquele que sabe ser Deus a mais pura luz e o fogo do amor eterno, compreenderá facilmente como, ao abaixar-se com toda a sua glória até à criatura e ao admiti-la em seu seio sem aniquilá-la, pode penetrá-la com sua luz e seu ardor, a ponto de fazer desaparecer sua natural pequenez e fraqueza, de modo a parecer completamente absorvida em Deus.

Se pudéramos adquirir a sutileza dos anjos com a mesma facilidade com que podemos aumentar em nós a graça, ninguém perderia semelhante ocasião. A sutileza dos anjos? Que digo? Ilovejamos até a agilidade dos seres inferiores. Por certo imediatamente nos apossariamos — se de nós dependesse — da ligeireza da corsa, da força do leão, do voo das águias, etc. Que vergonha! Ao nosso alcance se acham os esplendores da natureza divina; enobrecem-nos, elevam-nos a uma infinita altura. E, não obstante, tudo isto consegue, apenas, realizemos um pequenino esforço! Que é feito de nossa razão? Onde está a nossa fé?

Suponhamos reína Deus em um só homem todas as maravilhas da criação, seja ele mais forte que o leão, mais belo que a aurora e as flores do campo, mais refulgente que o sol, mais radiante que os querubins. Suponhamos também que este homem aventure todos estes bens num lance de dados. Quem contemplaria, sem estremecer, tamanha loucura, semelhante ingratidão? Assombra-nos a força de Sansão. Muito mais, porém, ainda, assombra-nos ter ele cedido esta força loucamente às falazes lágrimas de uma mulher. E nós! vendemos nossa intimidade com Deus, vendemos o esplendor do sol divino, a força das vir-

⁹⁾ S. Th. I-II, q. 110, a. 2 ad 2.

¹⁰⁾ Lib. ad Scarp. de Spir. S.

¹¹⁾ Substância fina e aromática, usada no Oriente.

tudes divinas à carne miserável, filha da corrupção, irmã e mãe de vermes! Que pensar diante de fato tão desolador, desgraçadamente repetido cada dia! Chorai, anjos de paz, chorai se puderdes; chorai a inconcebível loucura de vossos irmãos da terra, que se perdem a si próprios. Chorai a profanação de tantos tesouros!

Aqueles, entretanto, que têm os olhos puros e a alma sã, guardam com honra sua dignidade; estão na obrigação de amar, com todas as fibras do coração, a seu Pai, o Pai das luzes. Se pudessem os planetas conhecer sua beleza, mostrar-se-iam, por certo, sumamente agradecidos ao sol, pois, graças à luz dele recebida, se converteram em sua resplandecente imagem. Um príncipe confessa amor a seus antepassados, um filho a seu pai, cada qual a seu semelhante. Não seria já para elevar-nos da terra a Deus o sentimento de parentesco e semelhança que descrevemos? Não se concebe possamos nós, cristãos, ter de nossa dignidade menor apreço do que o tiveram os filósofos pagãos, esclarecidos pela razão, da simples dignidade humana. Para eles, constituía o homem uma maravilha, a medula, o coração do mundo, o rei da criação. Se à luz da razão aparecia tão grande o homem, que dizer, à luz da fé? Abramos os olhos de nossa alma e sigamos o aviso de S. João Crisóstomo: "Rogovos e suplico não permitais que os mais belos dons do céu (os que recebemos pela graça de Cristo) aumentem, em razão de sua mesma grandeza, o pecado de nossa negligência".

CAPÍTULO VI

A PARTICIPAÇÃO DA NATUREZA DIVINA FAZ-NOS SOBRENATURALMENTE SEMELHANTES A ELA¹⁾.

Vejamos agora, com mais precisão, como se produz esta participação da natureza divina.

Segundo afirmam os teólogos, observamos em todos os seres uma participação da natureza divina. Todos assemelham-se a Deus, mais ou menos, em sua vida, em suas forças, ou em sua atividade, e manifestam a glória divina. Do mesmo modo que o Apóstolo, podemos também nós contemplar a glória invisível

¹⁾ Veja-se a este respeito, S. Agostinho, *De Trinitate*, I, VI, c. 10 e 12; I, IX, c. 1 e seguintes; I, XII, c. 7 e 9; I, XIV, c. 8, 11, etc. — S. Bernardo, *De gratia et libero arbitrio*, c. 9, n. 288 e ss.; c. 10, n. 32 e ss. — S. Tomás, S. Th. I, q. 45, a. 7; q. 93, a. 1-9.

de Deus nas coisas "criadas". Mas estas semelhanças são extremamente diversificadas. Os seres materiais apresentam-nos tão somente uma tênue expressão da glória de Deus; os vestígios deixados após si, poderíamos compará-los ao rasto marcado pelo pé do homem na terra mole. Este rasto acusa o pé de um homem; não passa de uma imagem de seu pé e não reflete a natureza do homem. Deus é espírito; os seres materiais, como obra de suas mãos, glorificam-no, proclamam sua sabedoria e poder; não lhe representam, porém, a natureza. Pelo contrário, nossa alma e os espíritos puros contêm já uma certa imagem da natureza divina, como espirituais, racionais e livres. Estas naturezas são contudo finitas, tiradas do nada, de uma espécie totalmente distinta da natureza divina. São como que a imagem de um homem reproduzida na tela por um artista; tal imagem não nos mostra a feição, os gestos, a cor da pessoa representada; será sempre inferior à imagem reproduzida por um espelho, visto aparecer aqui a pessoa com seu verdadeiro aspecto, sua verdadeira cor, com toda a sua beleza, seu frescor e vida. Assim a natureza racional se torna inteiramente semelhante à divindade, quando se converte em espelho imaculado, refletindo-a em toda a sua beleza. Penetrada e glorificada pelo ardor divino, fica como transformada em Deus, tal um cristal concentrando os raios solares, ou o parêlio, imagem do sol.

Quando dizemos participar nossa alma da natureza divina, afirmamos receber ela a condição própria de Deus; de tal forma se torna semelhante a seu Criador que pode dizer-se, com os Padres, estar ela verdadeiramente divinizada. Escreve S. Dionísio: "A divinização é a assimilação e a união mais íntima possível com Deus".² O mesmo ensina-nos S. Basílio: "O Espírito Santo é fonte de um gozo sem fim que consiste na assimilação de Deus. Converter-se em Deus! Nada se pode desejar de mais belo".³ Não se trata, pois, de uma identificação de nossa substância com a substância divina nem de uma união pessoal, hipostática, como a de Cristo, e, sim, de uma transfiguração de nossa substância na imagem da natureza divina. Para ele, não nos convertemos, portanto, em novos deuses, distintos do verdadeiro Deus, consequentemente em falsos deuses. O que Deus é por natureza, tornamo-nos nós pela graça: somos sua imagem sobrenatural, um reflexo da glória própria de Deus.

Para formarmos uma idéia mais completa desta semelhança com Deus importa percorrer uma a uma as propriedades que distinguem a natureza divina das naturezas criadas.

Antes de tudo, consideremos a essência divina. Somente Deus tem em si a existência, existência eterna e imutável; de ninguém depende ele. Por si sós, as criaturas confundem-se com o nada; existem unicamente porque a Deus aprouve conceder-lhes a existência, porque as criou do nada. Mesmo depois de criadas, comparadas a Deus, continuam a ser nada. *Eu sou o que sou*, disse o Senhor⁴, e todos os povos, em minha presença, são como se não existissem, não passam de pó e vaidade⁵. Todas as criaturas, inclusive os espíritos imortais, deixariam de existir, se a mão de Deus não os sustentasse.

Segundo o ensinamento do Apóstolo, a graça é uma nova criação, a fundação de um reino novo e indestrutível⁶. Graças ao poder de Deus que tudo criou, somos adotados no seio do Padre eterno, ao lado do Verbo igualmente eterno⁷. Somos chamados a participar de uma vida que ultrapassa os limites do tempo, de uma vida eterna. Descansamos sob a tenda da eternidade divina, junto à fonte de todo ser e de toda vida. Nossa existência eterna está tão assegurada como se fôramos Deus em pessoa. Podem perecer céu e terra, cair os astros do firmamento, desconjuntar-se a terra de seus fundamentos — não importa, nada disto nos atingirá, visto repousarmos acima de todas as criaturas, no seio do Criador.

Fala o livro da Sabedoria: "Os justos viverão eternamente; receberão da mão do Senhor um reino esplêndido e um maravilhoso diadema; cobri-los-á com sua mão direita e os protegerá com seu braço sagrado"⁸. Quanto aos que se acham separados de Deus, os que antepuseram os bens perecíveis aos tesouros da graça, lê-se no mesmo capítulo: "Que utilidade nos trouxe a vaidade das riquezas? Tudo se desvaneceu como uma sombra, desapareceu como o mensageiro veloz, como a esteira de um navio na água... mas nascemos e deixamos de existir... em nossa maldade nos consumiremos"⁹.

Se, pois, queremos verdadeira e eternamente ser grandes, corramos à fonte de toda existência. Não temos motivo de ir em pós de nosso próprio nada, nem por que correr atrás das coisas fúteis e perecedouras, nem por que nos cobrirmos de falsos ouropéis. Por que ambicionáramos eternizar-nos na boca dos homens e não em nós próprios e em Deus?

² Rom 1, 20.

³ Eccles. hier., c. 1, § 2.

⁴ De Spiritu Sancto, c. 9, n. 23.

⁵ Ex 3, 14.

⁶ Is 40, 17.

⁷ Ef 2, 10; Heb 12, 28.

⁸ Heb 1, 2.

⁹ Sab 5, 16-17.

¹⁰ Ibid., 5, 8-13.

A imitação do primeiro homem e do demônio, deseja o pecador *assemelhar-se a Deus*¹¹. Nem outra coisa quer o Senhor, senão que sejamos como Ele, mas não sem Ele ou contra Ele ou fora d'Ele; tão pouco quer que nos consideremos deuses, que nos adoremos e nos façamos adorar. Deseja sejamos como Ele, n'Ele e por Ele, à semelhança de seu Primogênito, que não é outro Deus, senão um só e mesmo Deus com o Pai. Seria inqualificável loucura, crime espantoso repelir o amor infinito de Deus e tornar-se inimigo seu, declarando-se independente.

CAPÍTULO VII

A PARTICIPAÇÃO DA NATUREZA DIVINA COMUNICA-NOS
A MAIS ALTA PERFEIÇÃO

*Serei semelhante ao Altíssimo*¹, falou Lúcifer ao contemplar a beleza e a glória com que Deus o havia revestido. Injuriava a Deus com semelhante linguagem, pois pretendia possuir a mencionada glória, independentemente de seu Autor. Para nós, o meio mais adequado de louvar e agradecer a Deus é confessar que, por sua graça, quer fazer-nos semelhantes a Ele em toda a perfeição. Disse Nosso Senhor: *Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito*². Estas palavras referem-se, em primeiro lugar, à perfeição moral; podemos, porém, depois de tudo que dissemos, tomá-las igualmente no sentido de que devem as outras perfeições divinas ser copiadas por nós.

Alma cristã, chamada à comunhão com Deus, contempla as riquezas de sua glória. Admira sua natureza infinita: é Ele o ser mais puro, o próprio ser, que encerra quanto de belo e de bom se possa conceber; é Ele o ser, diante do qual tudo desaparece como fumaça. Admira sua majestade infinita que, à semelhança dos raios solares, espalha em torno de si toda a formosura e todas as perfeições encontradas em nós e em redor de nós. Contempla seu gesto criador, de onde brota o mundo com toda sua variedade; assombra-te diante da harmonia de inumeráveis corpos celestes, muitos dos quais são milhares de vezes maiores que a terra. Sem se mover, a tudo move; põe em atividade as coisas e ordena os elementos; de seus tesouros tira as forças e as propriedades dos metais, as fontes, os planetas, os animais, a ciência dos homens, e a dos anjos. Se, em face das

riquezas e maravilhas incontáveis que vês em Deus, cheia de admiração, te prostras submissa; se, como um pobre verme ao contemplar o sol radiante, crês que teu dever é desaparecer., espanta-te, ó alma cristã, assombra-te de teu próprio esplendor: Deus, em seu ilimitado amor, revestiu-te, mediante sua graça, como que de um manto de púrpura com todos estes esplendores.

Cada natureza criada tem sua perfeição própria; nenhuma possui as perfeições de todas as outras. O elefante possui a torça do leão, não, porém, sua agilidade; tem o leão a força do elefante, não, porém, sua corpulência. Possuem os animais alguma coisa de que carecem as plantas: a sensibilidade, mas não se cobrem, como estas, de flores. O homem, por sua alma racional, foi elevado muito acima dos animais; muitos destes gozam contudo de qualidades que o homem não possui. Deus, ao contrário, na simplicidade de sua essência, desfruta em grau eminente das perfeições de todas as criaturas juntas, assim como a luz solar contém, em sua simplicidade, toda a variedade das cores do arco-íris. As diversas naturezas criadas assemelham-se a raios de cores diferentes, procedentes, em sua totalidade, de um só raio. Tanto a natureza espiritual de nossa alma como a dos anjos é, sem comparação, mais perfeita que a natureza dos corpos materiais. E todavia não passa ela da refração de um raio de sol divino, a mais formosa talvez, mas que não encerra todas as outras. Tratando-se da graça, ao contrário, a luz da glória divina, pura e perfeita, em forma de raio inteiro e completo, desce a nossa alma, convertendo-se esta em perfeita imagem de Deus, em quem se refletem todas as perfeições criadas.

Embora pobre de bens materiais, a ninguém invejes; por mais rico que sejas em dinheiro, em força, honras, ciência, pensa que o mais necessitado de teus irmãos, se está em graça, é infinitamente mais perfeito e feliz que tu, visto possuir em seu coração o mais formoso reino, o reino de Deus, do qual disse Jesus Cristo: *O reino de Deus está em vós*³.

Objetarás, porém: — não percebo este esplendor; de nada me vale um tesouro de que não desfruto.

Sem dúvida, não vêem teus olhos este tesouro; não obstante, porém, o tens *dentro de ti*. Se fores porventura dono de um diamante não lapidado, não lhe perceberás o valor; em si, porém, vale ele tanto como se estivera lapidado. O mesmo se dá quando tomas entre as mãos a semente de uma árvore gigantesca; não suspeitas ocultar-se aí uma formosa árvore. Seme-

¹¹) Is 14, 14; cf. Gn 3, 5.¹) Is 14, 14.²) Mt 5, 48.³) Lc 17, 21.

lhantemente acontece com a perfeição comunicada pela graça; não a vê, permanece ela oculta. *Somos, desde já, filhos de Deus, diz S. João, mas o que seremos um dia, quando contemplamos a Deus tal qual é, não aparece ainda*¹. Enquanto não contemplares a Deus face a face, não verás em ti sua imagem. A graça é como o primeiro fulgor do sol divino; espera que este sol se levante, mostre seu esplendor, te penetre inteiramente com seu ardor e te glorifique; tua glória te deixará tanto mais extasiado, quanto esteve por mais tempo oculta. Até este instante, como o advertiu o Apóstolo, *deverás mover-te na fé e não na visão, deverás crer na palavra infalível de Deus: Por meio meo da fé, fala S. Pedro, Deus nos conserva para uma felicidade que se nos revelará nos últimos tempos, quando aparecer o Senhor. Por ela temos a viva esperança de uma herança imperecível, incorruptível, imarcescível, que se nos reserva no céu*².

Na mesma graça tens o prêmio e o germe da futura glorificação de teu corpo e de tua alma. Se gemes, entretanto, sob a escravidão de tua carne, se te afliges por causa de teus sofrimentos e defeitos, suspira, como o Apóstolo, pela liberdade e pela glória dos filhos de Deus; chegará um dia em que, pela virtude da graça, tua própria carne se verá isenta de todo o sofrimento e temor da morte, e se tornará sutil, radiante como o sol, ágil como a águia, enriquecida com todas as perfeições que admiras nos bens materiais.

CAPITULO VIII

A GRAÇA, COMO PARTICIPAÇÃO DO CONHECIMENTO DIVINO, ELEVA O HOMEM A VISÃO IMEDIATA DA GLÓRIA DE DEUS.

Para poderes, ó cristão, fazer desde agora uma idéia da glória e da felicidade produzida pela graça, quero mostrá-la em toda a sua grandeza, naquele instante em que sua luz cede o lugar à luz da glória. Compreenderás então como, por ela, participas de modo real e perfeito da natureza divina.

Reconhece-se cada natureza por sua virtude e atividade específica. As plantas diferenciam-se dos animais por seu crescimento, suas flores e frutos; os animais distinguem-se das plan-

tas por seus sentidos e sua locomoção; e o homem difere dos animais por sua razão e liberdade.

O homem, por sua razão, é, de certo modo, semelhante a Deus; uma distância infinita medeia, contudo, entre a natureza divina e a natureza humana. Por isto, a inteligência dos homens e dos anjos só pode conhecer as criaturas, os seres finitos, criados; é incapaz de contemplar face a face o Deus infinito. As criaturas racionais podem conhecer a seu Criador e Senhor, porém, apenas à distância: *cada um o contempla de longe*³. Mais distante se acha da criatura a majestade de Deus, do que o sol, da terra. A criatura vê apenas a orla de sua veste, o reflexo de sua glória na maravilhosa grandeza da criação. Segundo a palavra do Apóstolo, Deus, *Rei invisível dos séculos, a quem homem algum jamais viu nem pode ver, habita em uma luz inacessível*⁴.

E' esta por demais resplandecente, e sua glória, excessivamente grande, para que possa a criatura, sem cegar-se, fixar sobre ela seu fraco olhar. Eis por que os mesmos querubins velam diante dele a face e se prostram no pó da terra para adorá-lo. Sômente Deus, por sua natureza, pode conhecer-se a si mesmo; *só o Primogênito que repousa no seio do Pai*⁵, que possui a mesma natureza, que o Pai, o vê face a face; só o Espírito Santo que está em Deus, *penetra e sonda sua natureza íntima, do mesmo modo que só o espírito de um homem conhece a este homem*⁶. Para ver a Deus, ou cumprir ser Deus, ou participar de sua natureza divina.

Se quiseses ver a Deus face a face, importa que o olho de tua alma se torne como que divino. Deve cair o véu que o cobre; há-de iluminá-lo, transformá-lo a luz do sol divino; sômente assim poderás fixar em Deus o olhar firme e seguro. Isto se produz em nós pelo Espírito do mesmo Deus, quando, pela graça, nos faz participantes da natureza divina. Em esplêndidos termos no-lo diz o Apóstolo: *"Descoberta a face, transformamo-nos na imagem perfeita de Deus, quando, como pelo Espírito do Senhor, avançamos de claridade em claridade"*⁷. E S. João fala por sua vez: *"Seremos semelhantes a Deus, quando o virmos tal qual é"*⁸. O próprio Filho de Deus diz a seu Pai: *"Pai, a glória que me deste, a mesma que eu tenho junto de ti desde o começo do mundo, eu a dei a eles"*⁹.

No céu conheceremos a Deus como ele próprio se conhece. *Então conhecerei como eu mesmo me conheço*, diz o Apóstolo¹⁰.

¹⁾ Job 36, 25.

²⁾ 1 Tim 6, 16.

³⁾ Jo 1, 18.

⁴⁾ 1 Cor 2, 11.

⁵⁾ 2 Cor 3, 18.

⁶⁾ 1 Jo 3, 2.

⁷⁾ Jo 17, 5 e 22.

⁸⁾ 1 Cor 13, 12.

⁹⁾ 1 Jo 3, 2.

¹⁰⁾ 1 Ped 1, 4-5.

E' absolutamente impossível termos um conhecimento só próprio da natureza divina, sem participarmos verdadeiramente desta natureza divina. Na palavra de um doutor da Igreja⁹, não pode competir-nos a visão de Deus senão sob a condição de sermos divinizados. E se participamos verdadeiramente da natureza divina e nos divinizamos, isto se manifestará pela participação no conhecimento de Deus.

Que maravilha e que benefício, ó cristão! Importa exclamar com S. Pedro: "*Chamou-nos Deus à sua luz prodigiosa*"¹⁰. Pensaste acaso na formosura desta graça? Cumpre-nos agradecer a Deus pela luz de nossos olhos, que nos permite admirar a criação visível em todas as suas maravilhas; e entretanto, este bem, conosco partilham os animais. Podemos nos orgulhar de possuir uma luz bem mais superior, a da razão, pela qual conhecemos, além do aspecto exterior das coisas, as suas propriedades, cor, cheiro, gosto, sua própria substância, sua harmonia e coordenação, assim como os bens espirituais, nossa alma imortal, a verdade, a virtude, a justiça, e até o próprio Deus, no espelho da criação. Mais nos ufanariamos ainda, se possuíssemos todas as ciências descobertas pelo engenho humano ou se tivéssemos toda a ciência natural dos anjos. Tudo isto, porém, não nos daria a conhecer a verdade e a bondade de Deus em si; com esta luz unicamente veríamos a que distância se coloca nossa natureza da natureza divina, e reconheceríamos ser o olho humano incapaz de penetrar o mistério de Deus. Pretender aproximarmo-nos da luz inacessível de Deus constituiria uma ímpia temeridade. Esmagar-nos-la sua glória e seria a morte nosso castigo. *Ninguém pode ver a Deus sem morrer*¹¹, diz a Escritura. E acrescenta em outra passagem: "*Aquele que pretende sondar a majestade divina será oprimido por sua glória*"¹².

"O que é, porém, impossível aos homens", nota aqui S. Ireneu, "é possível a Deus"¹³. Poderoso e cheio de bondade, abaixa-se até nós para nos elevar até Ele. Ele próprio nos introduz em sua portentosa luz e nos cumula de resplendores para o podermos ver. Canta o Salmista: "*Em tua luz veremos teu resplendor*"¹⁴. Logo somente em sua luz veremos a Deus.

Que é, a ela comparada, a luz natural das criaturas? Brulhar de uma débil lâmpada, que apenas aclara uma pequena habitação, comparada com o sol resplandecente que ilumina o

universo. O olho glorificado do bem-aventurado é como o da águia que fixa o sol em cheio sem se ofuscar; o olho de nossa razão assemelha-se, ao contrário, ao do morcego, feito unicamente para as trevas.

Se experimentamos em nós próprios um desejo insaciável de conhecer a verdade, de gozar do bem, por que não procuraremos saciá-lo lá onde somente pode ele satisfazer-se? Fati-gamo-nos tanto por adquirir a ciência; por que não buscá-la na fonte da luz eterna? Todo o nosso conhecimento natural não passará de farrapo e miséria, será sempre superficial: A luz da graça nos conduzirá à luz de Deus. Por ela conheceremos, não já a sombra da verdade, mas, sim, sua substância, seu fundamento; nela veremos quanto cobiçamos saber. Se basta a beleza terrena para nos encantar, procuremos, com o Real Salmista, a face daquele que é a fonte e o ideal de toda beleza¹⁵.

A graça nos faz também participantes da *felicidade divina*¹⁶. Eleva-nos ao gozo imediato do bem supremo. A felicidade divina excederá nossa felicidade natural, na medida em que a natureza divina sobrepuja a nossa. O animal não tem capacidade para os mesmos gozos que o homem, só se pode deleitar-se com coisas e percepções sensíveis. O homem satisfaz-se em bens espirituais como a ordem, a harmonia, a beleza, a verdade e a virtude. Também a felicidade de Deus tem um objeto particular, objeto que olho algum viu, nem ouviu, nem foi experimentado pelo coração humano, objeto conhecido somente do Espírito de Deus; este objeto é sua divina essência. Quando, porém, pelo Espírito Santo, nos faz Deus participantes de sua natureza, revela-nos por este mesmo Espírito o mistério de sua felicidade; convida-nos ele a gozá-la, a sermos seus companheiros; coloca-nos sobre seu trono, manifesta-nos sua luz e quer que tomemos parte em seu banquete. Poderia ter-nos deixado à porta de sua morada, a respeitável distância. Admirariamos a grandeza de suas obras, a formosura de sua mansão. Esta alegria e esta

¹⁵ Sl 26, 8.

¹⁶ S. Agostinho, *Serm.* 127, n. 11, 13; 170, n. 9. — S. Gregório Magno, *Moral.*, l. XX, n. 73; l. XXXI, n. 99. — S. Bernardo, *In Solemn. Omn. Sanct.*, *Serm.* 4, n. 3. — S. Tomás, I-II, q. 3, a. 8; q. 5, a. 6. A participação da natureza divina, bem como de suas prerrogativas insignes, de sua perfeição, seu conhecimento, sua felicidade e santidade (veja-se o capítulo seguinte) embora seja, desde a terra, pela graça, o dom de nossas almas, permanece velada a nossos olhos. Conheçá-las e dela gozaremos perfeitamente, somente no dia em que, desembaraçados de nossas próprias imperfeições, e passado o período de provação, que devemos experimentar na terra, virmos a Deus tal qual é. A essência da graça e da glória é, porém, a mesma: uma participação sobrenatural da natureza divina.

⁹ Dionísio Areopagita.

¹¹ Ex 33, 20.

¹⁰ 1 Ped 2, 9.

¹² Prov 25, 27.

¹³ *Contra haereses*, l. IV, c. 20, al. 37. Cf. Lc 18, 27.

¹⁴ Sl 35, 10.

honra teriam satisfeito quanto pudesse desejar nosso pobre coração. Mas não: quer Deus deixar-nos contemplar sua própria beleza, no gozo com que Ele, unido ao Filho e ao Espírito Santo, é eternamente feliz. Esta formosura reúne toda a beleza espalhada na maravilhosa variedade de suas obras, e desejam-na ver os anjos; um só raio seu bastaria para inebriar de prazer a todos os espíritos criados.

Criatura alguma poderia, na verdade, suspeitar nem desejar semelhante felicidade. Grande deverá ser, portanto, nosso reconhecimento para com Deus. A primeira homenagem que lhe podemos apresentar é buscar ardentemente o bem com que nos presenteia, nele pensar constantemente, excluir com o Salmista: "*Em busca de ti andaram os olhos meus. Ó Senhor, é teu rosto que procuro*"¹⁷. Se o amarmos como ele nos amou, segundo a frase do Apóstolo, "conhecê-lo-emos como ele nos conhece"¹⁸.

Diz S. Anselmo: "O gozo dos teus santos em ti, será inefável, Senhor. Alegrar-se-ão quanto te tiverem amado; amar-te-ão quanto te tiverem conhecido. Realmente, olho algum viu, nem ouvido ouviu, nem coração de homem algum experimentou nesta vida o grau em que te conhecerão e amarão na outra. Rogo-te, Senhor, possa eu conhecer-te e amar-te, para deleitar-me em ti; e já que não é na terra possível o gozo perfeito, faz que minha alegria cresça de dia a dia, até completar-se no céu. Aumenta em mim teu amor, até que no céu se torne perfeito. Que minha felicidade na terra seja grande na esperança, e plena em ti, no céu. Senhor, tu nos ordenaste, mediante teu Filho, que pedíssemos uma alegria plena, e prometeste no-la conceder"¹⁹; suplico-te, pois, ó Deus, fiel em tuas promessas, concedas-me tua felicidade perfeita. Que minha alma nela medite, meus lábios a proclamem, meu coração a deseje, meu espírito lhe tenha fome, minha carne lhe sinta sede, que todo o meu ser suspire por sua consecução, até que consiga entrar no gozo do meu Senhor, a quem seja dado eterno louvor, em sua Trindade"²⁰.

¹⁷) Sl 21, 8.

¹⁸) 1 Cor 3, 12.

¹⁹) Jo 16, 24.

²⁰) *Proslog.*, c. 26.

CAPÍTULO IX

A GRAÇA FAZ-NOS PARTICIPAR DA SANTIDADE DA NATUREZA DIVINA

A participação da santidade de Deus parece superar a todas as maravilhas da graça, de que temos falado até agora. É grande coisa ser levado acima de toda natureza, ser revestido do esplendor divino, possuir em germe a felicidade e a imortalidade celestes. Como, entretanto, em Deus nada existe superior à sua santidade, deve a felicidade de dela participar ser ainda maior.

O Profeta Isaías¹ e o Apóstolo S. João, em seu Apocalipse², apresentam-nos uma imagem grandiosa da majestade divina. Segundo a explicação que dela dá S. Cirilo, o trono elevado significa a soberania de Deus, o jaspe sua paz imutável, o arco-íris sua eternidade, as cadeiras dos vinte e quatro anciãos sua sabedoria, as sete lâmpadas, o governo universal de sua Providência, os resplendores e o trono a onipotência de sua vontade; o mar de cristal, sua imensidade; traz cobertos o rosto e os pés pelas asas dos serafins para dar-nos a entender sua misteriosa infinidade. Nesta esplêndida plenitude nada impressiona tanto aos serafins, cobertos de olhos, como sua santidade, pois os deixa ela suspensos de admiração. Assim repetem sem cessar o canto jubiloso: *Santo, Santo, Santo, és, Senhor, Deus dos exércitos*. Com efeito é Deus chamado frequentemente o *Santo de Israel*, porque este nome inclui todos os outros. Quando o Salmista quer descrever o esplendor da geração eterna do Filho de Deus, diz unicamente que procede ele do Pai, no esplendor *da santidade*³. Todas as outras perfeições de Deus recebem da santidade seu brilho mais transcendente, sua última consagração.

A santidade significa, com efeito, a mais alta perfeição da essência divina, isto é, sua grandeza única, sua excelência e pureza⁴. Toda criatura, tal como procede das mãos de Deus, é boa. Mesmo sem a graça sobrenatural são as criaturas racionais boas em sua espécie, enquanto não se põem, pelo pecado, em contradição com sua natureza própria. Esta bondade é entretanto mui limitada, afetada que é de inúmeras imperfei-

¹) Is c. 6.

²) Apoc c. 4.

³) Segundo o texto hebraico: *In splendoribus sanctitatum* (Sl 103, 3).

⁴) S. Tomás, II-II, q. 81, a. 8.

ções. Como susceptível de pecado, não fica excluída da separação do bem supremo. Pelo contrário a bondade divina é absolutamente pura e perfeita: é uma luz sem obscuridades, sem sombras, uma luz sem mancha. Como Deus é o bem supremo não pode separar-se de sua bondade, como não pode destruir-se a si mesmo. Quando afirmamos ser Deus santo, três vezes santo, manifestamos a propriedade por excelência de sua natureza.

Nossa participação da natureza divina será, pois, perfeita, quando participarmos de sua santidade pela graça do Espírito Santo. Segundo os Padres é uma só coisa fazer-se participante da natureza divina e fazer-se santo como Deus é santo. Comparam eles a santidade de Deus a uma poderosa fogueira que se apodera de nossa natureza imperfeita, penetra-a, purifica-a de toda mancha, para torná-la perfeitamente bela e sem mancha, como a natureza de Deus. "Nem as próprias potestades e dominações do céu", diz S. Basílio, "são santas por sua natureza. O ferro lançado ao meio do fogo não perde sua natureza de ferro, mas, como o fogo, torna-se candente: participa da natureza do fogo, toma-lhe a cor e o calor. Assim também os anjos (e as almas dos homens) pela comunhão com o Deus Santo, recebem a santidade divina; penetra ela inteiramente sua natureza, de modo que se diferenciam do Espírito Santo, apenas por ser este santo por sua natureza e elas por participação".

Compreendes agora, ó cristão, por que a graça se chama *santificante*? Não significa esta palavra tão somente que perdoa ela nossos pecados e nos dispõe para a observância dos mandamentos; indica mais ainda: faz ela da alma uma imagem radiante da bondade e da santidade divinas. Significa, além disto, que a graça, diferentemente da natureza, é incompatível com o pecado grave; não podem coexistir ambos em uma mesma alma⁶. Quando cometes um pecado mortal, não destróis tua natureza, nem tuas faculdades, nem a força de tua razão, mas desaparecem, no instante mesmo, a graça, as faculdades e as virtudes sobrenaturais. De natureza divina, não travam elas aliança com o pecado, à semelhança do próprio Deus. Quando a luz da glória houver substituído a graça, quando tua alma se tiver intimamente unido a Deus, não mais terás possibilidade de pecar; pela virtude de Deus que em ti habita, tornar-te-ás impecável como Deus.

Quão pouco meditamos no dom magnífico, na dignidade que nos coube em partilha! Fala S. Ambrósio: "Se fôramos sô-

mente nós, os homens, os chamados a receber a Santidade do Espírito Santo, encontrar-nos-íamos, sem dúvida, elevados acima dos mais belos anjos". Indubitavelmente, os serafins, ocupados em louvar ao Deus três vezes santo, nos admirariam com profundo respeito. E dizer que queremos nós pôr toda a nossa glória na impiedade!

Por mais perverso que seja, não regateia o pecador, no mais íntimo de seu coração, o reconhecimento e a admiração pela santidade que brilha em tantos membros da Igreja de Cristo, pois dir-se-ia que Deus mesmo vive e trabalha neles. O que constitui a glória dos santos é terem eles colaborado fielmente com a graça que todos podemos adquirir, e tê-la trazido em toda a sua vida. O Apóstolo⁷ chama *santos* a todos os cristãos que estão em graça: *Foram santificadas nas águas da regeneração pelo fogo do Espírito Santo*⁸, e, de certo modo, possuem a substância da santidade. Todos podemos e devemos, embora em graus diversos, *tornar-nos* realmente *santos*; somos de alguma sorte, irmãos e filhos de santos: sim, filhos do Deus três vezes santo. Inqualificável falta a nossa, que com tanta frequência manchamos deliberadamente a veste de santidade recebida no batismo! Impiamente a esfaçamos, lançamos por terra e a calcamos aos pés!

Nossa própria natureza, embora não destruída, mas afetada pelo pecado, se revolta apesar de tudo contra ele: é que foi criada por Deus para exercer uma função que exclui a injúria ao Criador. A monstruosidade do pecado cresce ainda mais, se considerarmos que Deus nos armou contra ele com uma nova natureza. De tal forma fomos imunizados contra o pecado que, para cometê-lo, nos vemos obrigados a repelir esta nova natureza e a sufocar em nós o germe de Deus. Tu, que estás prestes a cometer o pecado, tem piedade de ti. considera a dignidade de teu estado. Deixa-te comover pelo hino de glória dos serafins: *Santo, santo, santo é o Senhor!* Se acaso não te importa ofender a Deus, a quem não podes prejudicar, conserva ao menos tua própria santidade, que se aniquila pelo pecado.

⁷) *De Spir. S.*, I, I, c. 7.

⁸) 2 Cor 1, 1; Ef 1, 1; Col 1, 2; etc.

⁹) Tito 3, 5.

⁶) *Adv. Eunomium*, I, III, n. 2.

⁷) S. Tomás, I-II, q. 113, a. 1 ad 1.

CAPÍTULO X

A GRAÇA NOS CONFERE UMA NATUREZA NOVA E SUPERIOR

Acabas de ver, ó cristão, até que ponto a graça eleva tua natureza. Fez-te subir até o seio de Deus, constituiu-te participante de sua natureza e de todas as suas propriedades, de sua eternidade e perfeição, de seu conhecimento e felicidade, de sua bondade e santidade. Ao participar de sua natureza divina, recebes *uma nova natureza* e te despojas da velha; *de claridade em claridade és transformado na imagem do Senhor*¹. Imagina seres novamente criado, recebendo um novo ser, cujo germe, nem de longe, anteriormente se encontrava em ti.

Ouçamos S. Cirilo de Alexandria: "Tão logo abandonamos nossa vida carnal e nos submetemos aos mandamentos do Espírito Santo, somos imediatamente, em consequência do nosso despojamento e união com mencionado Espírito, glorificados, transformados em uma imagem celeste. Transformamo-nos, por assim dizer, em uma nova natureza, e somos, com todo o direito, chamados, não somente homens, mas ainda filhos de Deus, homens celestes, porquanto nos tornamos participantes da natureza divina"².

Quando aqui falamos de uma mudança de nossa natureza, não queremos dizer seja nossa substância destruída ou absorvida na substância divina. Seria tal uma afirmação ímpia. Trata-se unicamente de uma transformação, pela qual somos glorificados. Deve, porém, esta transformação ser apreciada em seu justo valor, pois a não podemos comparar com a mudança que se exprime dizendo ter alguém mudado de resolução, ter adotado um novo costume, ser agora outro homem.

Provém esta transformação de Deus, e não da vontade ou do esforço da criatura; é um milagre da onipotência divina, que, segundo o ensinamento dos Padres, nos arrebatam aos limites da natureza, eleva-nos e glorifica-nos. Converte-nos em outros homens, em seres divinos de uma estirpe celeste.

Esta transformação não nos faz perder nossa substância natural. Repetem-no os Padres em todos os tons, por exemplo, quando empregam a imagem do ferro incandescente. Não deixa ele de ser ferro; por isto, uma vez retirado do fogo, volta ao que antes era. Durante a incandescência, deixa de ser duro,

¹) 2 Cor 3, 18; cf. Col 3, 9-10.

²) In Joannem, XVII, 24, 25 (l. XI, c. 12).

frio, de cor amortecida, para tomar o brilho, o ardor, o poder do fogo, e adquirir uma propriedade que não é sua, mas, sim, do fogo. Quando dizemos que o fogo consome o ferro, não queremos afirmar que o aniquila, pois lhe consome apenas as impurezas. Do mesmo modo, ensina-nos S. Cirilo, pela graça não perdemos a substância de nossa natureza, e, sim, sua baixa condição, suas imperfeições. "Os que são chamados — diz ele — pela fé em Cristo à adoção divina, *abandonaram a fraqueza de sua natureza; a graça de Deus os glorifica, cobre-os com uma veste resplandecente e os eleva a uma dignidade sobre-natural*"³.

Nesta mudança apenas se nos modifica a natureza, nem perdemos o que temos, antes, ganhamos o que nos falta, como diz o Apóstolo: *Não sou despojado, senão revestido, a fim de que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida*".⁴

Não é a graça para a alma semelhante ao traje com que se reveste o corpo, externo a ele; é uma coisa que simultaneamente cobre e penetra. Nisto se parece com o fogo que, com seu ardor, se introduz no ferro e o aquece, pois a ela confere uma propriedade nova que a transforma em imagem de Deus: é a propriedade chamada *natureza nova e superior da alma*. Constitui-se a natureza de um ser por suas qualidades interiores, suas propriedades, suas faculdades e atividades, que a distinguem dos outros seres. Assim dizemos possuírem as plantas uma natureza distinta da dos minerais; o animal tem natureza diferente da planta; por sua vez o homem possui uma natureza especial, distinta da do animal pela razão com que é dotada sua alma. Pela graça recebe o homem uma nova propriedade, tão diferente de sua natureza e tão superior a ela que se eleva esta acima da natureza animal⁵. Se é o homem, de si, um servo de Deus, faz-se, pela graça, um *filho* de Deus. Constituído já, por si, acima da natureza dos animais, eleva-se pela graça acima de sua própria natureza e da dos mesmos anjos. Até o presente guiava-se pela luz da razão; daqui por diante recebe a luz de Deus; hoje ainda pela fé, amanhã, porém, na glória. Em si, criatura boa, faz-se pela graça criatura santa. Sobe na escada dos seres até ocupar um novo posto em face de Deus, de seu próximo e das coisas materiais. Entra, em uma palavra, em uma nova vida, antes celestial que terrena.

A nova propriedade de sua natureza é para ele o germe e a raiz de uma vida superior. Como uma árvore de essência inferior

³) In Joannem, I, 14 (l. I, c. 9).

⁴) 2 Cor 5, 4.

⁵) S. Tomás, I-II, q. 110, a. 1 e 2.

recebe, mediante o enxerto, a natureza de outra mais nobre forma, cujas flores e frutos produz, do mesmo modo nossa alma se enobrece pela comunicação da graça, chamada pela Escritura *o germe de Deus*⁶. Repleta da graça divina, toma outra natureza. Tirada de sua primitiva baixeza, é transplantada ao seio de Deus, como se fora o Paraíso; aí, sob o sol divino, floresce para uma vida que, de modo algum, poderia suspeitar. Para dizê-lo, afinal, com mais clareza, com o Apóstolo dos gentios, é como o ramo de oliveira selvagem enxertado na oliveira legítima⁷; na frase de N. Senhor vem a alma a ser o sarmento da videira divina⁸, que é o Filho de Deus; participa de sua vida, bebe e nutre-se do orvalho do Espírito Santo.

Se pela graça recebemos uma nova natureza celeste, que não devemos fazer para alcançá-la, conservá-la e viver em conformidade com ela? Seria mui pouco respeitar a dignidade humana comportar-se como os animais, abandonando-se aos mesmos prazeres e paixões que eles. Seria, por certo, vergonhoso para um homem — se possível — descer ao nível dos brutos, realizando um ato que o privasse de seu ser racional. E' isto, porém, absurdo visto ser a imagem de Deus em nossa alma inapagável. E' possível, contudo, a um homem, pela embriaguez e — o que é pior — pela libertinagem, colocar-se em tal estado que mais se pareça a um animal que a um homem. E' um ato contra a natureza, que só nos pode fazer estremecer. Que fazer então, diante do pecado mortal? Realmente, não obscurece ele, por algum tempo, em nossa alma a natureza celeste, mas a destrói completamente.

Compõe-se o homem natural, falando em termos comuns, de duas naturezas, a carnal e a espiritual. Existem nele como que dois homens, o exterior e o interior, ou, como diz o Apóstolo, um homem mortal e outro imortal⁹. Como não podemos servir ao mesmo tempo a duas naturezas, cumpre-nos subjugar a natureza carnal à espiritual. Assim como deve a carne sujeitar-se ao espírito, do mesmo modo deve nosso espírito servir ao Espírito de Deus e à graça; como tem o espírito a carne sob si, tem igualmente a graça sobre si. Se se entrega à carne, rebaixa-se até seu nível, faz-se carne; se se dá à graça, se se deixa penetrar e mover por ela, eleva-se até Deus, faz-se semelhante a ele. Diz S. Agostinho¹⁰: "Aquele que ama a terra é terra;

o que ama ao mundo confunde-se com ele; o que ama a Deus, que direi ser ele, irmãos meus? Não serei eu e, sim, a palavra divina que nos ensinará: *Disse, vós sois deuses e filhos do Altíssimo*"¹¹. Na medida em que colaborarmos com a graça ou tendermos até seu Autor, o Pai das luzes, ver-nos-emos cheios de sua claridade e de sua glória, transportados até ele, feitos participantes de sua natureza. E' abominável que, podendo alguém elevar-se tão alto, nas asas da caridade celeste, prefira arrastar-se no lodo dos prazeres carnaís.

A graça deve ser para nós objeto de legítimo orgulho. Fazendo-nos pertencer a uma linhagem celeste, deve encher nosso coração de nobres sentimentos. Não devemos, porém, perder de vista ser esta nova natureza coisa gratuita, concedida por uma pura condescendência de Deus.

Esqueceu-o Lúcifer quando se viu envolto nos esplendores de sua beleza celeste; esqueceu-o Eva no paraíso ao deixar-se seduzir pela mesma tentação. Para que, por nossa vez, não o esquecêssemos, não quis Deus conceder-nos todas as graças que faziam os nossos primeiros pais desfrutarem de uma paz perfeita, como se não possuíssem natureza carnal¹². A fim de nos mantermos humildes faz-nos ele sentir que procedemos do limo da terra¹³. Como o Apóstolo, fomos, de certo modo, elevados ao terceiro céu; como a ele, porém, deu-nos Deus o aguilhão da carne que nos açoita¹⁴, nos humilha e mantém-nos em uma salutar compunção.

Semelhante humilhação não é para nos roubar o orgulho de nossa condição. A virtude da graça age em nossa fraqueza, dela triunfa e a extingue um dia, na glória celeste. Podemos dizer com o Apóstolo: "*Glorio-me em minhas fraquezas para que a força de Cristo habite em mim; comprazo-me em minhas misérias, pois quando me sinto fraco, então é que sou forte*"¹⁵.

⁶) 1 Jo 3, 9.

⁷) Rom 11, 24.

⁸) Jo 15, 1 ss.

⁹) Rom 7, 15; 2 Cor 4, 16.

¹⁰) 2 Cor 12, 7.

¹¹) 2 Cor 12, 9-10.

¹²) 1 Jo 3, 9.

¹³) Rom 11, 24.

¹⁴) Jo 15, 1 ss.

¹⁵) Rom 7, 15; 2 Cor 4, 16.

¹⁶) *Tract. in epist. Joann.*, II, 14; cf. *Sermo* 121, I; 96, I.

CAPÍTULO XI

EM CERTO SENTIDO A GRAÇA É INFINITA

A nova natureza conferida pela graça possui o privilégio único de ser, de certo modo, infinita, como participação que é da natureza infinita de Deus.

Todas as outras naturezas, já o dissemos, são como que refrações da luz divina; a graça, ao contrário, é um raio puro e íntegro, que tira a alma de seu âmbito natural e de seu meio para lhe permitir a visão de Deus em sua essência infinita. Não se lhe concebe tal possibilidade, a não ser possuindo ela alguma coisa do poder infinito de Deus. Assim sendo, seu valor iguala, de certo modo, ao bem infinito por ela conferido.

As criaturas guardam sem exceção, em sua perfeição, um limite que não podem ultrapassar. Mesmo quando livres de toda impureza, lhes é impossível progredir aperfeiçoando-se cada vez mais. Cada planta alcança uma determinada altura, onde se detém. Crescem os diversos animais até que se lhes desenvolva o corpo e se forme seu organismo; uma vez atingido este termo, é-lhes impossível seguir adiante; quando viveram o tempo próprio, começa sua decadência, sobrevivendo a morte. As próprias criaturas racionais têm, segundo sua natureza, um limite na linha da perfeição: progridem enquanto se desenvolvem suas forças naturais; como são estas limitadas, também se lhes detém o desenvolvimento em um ponto determinado.

Sómente a graça desconhece fronteiras. Raio da natureza divina caindo sobre nossa alma, não conhece outra medida e limitação senão a infinidade de Deus; pode, portanto, crescer dia a dia, a cada instante, e enriquecer-se sem cessar; nunca ultrapassará seus limites, pois não os têm. Será sempre graça e participação da natureza divina. Torna-se cada vez mais o que é e o que deve ser.

Que será capaz de impor limites ao amor sobrenatural? — pergunta o Anjo da Escola¹. O mesmo se dá com a graça que cresce com ele. Tem ela sua origem no poder eterno e infinito de Deus e é precisamente uma participação da infinita santidade de Deus. Se guarda o vaso de nossa natureza uma capacidade limitada, uma vez elevado acima de sua condição, aumenta infinitamente esta capacidade. Toda medida de graça recebida o torna apto para uma medida ulterior ainda maior; todo

¹) S. Tomás, II-II, q. 24, a. 7.

aumento prepara um novo aumento; quanto mais sobe, mais suscetível se torna de continuar crescendo.

Em si, um aumento de graça é infinitamente precioso, um tesouro preferível a todos os tesouros da terra. Devemos, com o Apóstolo, considerar como perda todas as coisas, contanto que consigamos Cristo e sua graça. A preciosidade de um semelhante tesouro baseia-se em ser ele um capital que cresce e se multiplica ao infinito. Isto exige, porém, nossa colaboração. Uma ação sobrenatural qualquer, realizada em estado de graça, e toda utilização da graça já possuída, subretudo quando a fazemos frutificar, fazem-nos diante de Deus credores de um aumento de nosso tesouro. De nós depende pois duplicá-lo em pouco tempo. Na proporção em que aumenta a graça, cresce também e multiplica-se nosso capital.

Esforça-se excessivamente o mundo, ou como diz ele, especula tenazmente, para conseguir o dinheiro, de modo seguro e estável. Fica alguém, por vezes, estupefato ao encontrar-se com homens, tornados, da noite para o dia, mais ricos que um monarca! Perecíveis tesouros que não podem fazer felizes seus possuidores, e que pode uma fagulha destruir como se foram papéis! E não obstante são os filhos do mundo mais hábeis para seus negócios que os filhos de Deus! Que vergonha! Poderiam estes ganhar, com a maior facilidade, tesouros eternos, obrigações que, de reembolsá-las se encarregaria, não um agente de câmbio, nem mesmo um soberano, e, sim, o próprio Deus, que se preocupa em nos recompensar os esforços, com a plenitude de sua glória e de sua felicidade.

Abre a graça um campo tão amplo a nossas aspirações que lhes poderíamos deixar livre curso; basta-nos apetecer seus tesouros para possuí-los, é suficiente amarmos o autor da graça para no-la conceder. E quanto mais ardentes forem o desejo da graça e da glória e o amor ao Pai de todos os dons, tanto mais seguramente os mereceremos. Manifestemos, pois, uma santa avidez; esqueçamos com S. Paulo o que possuímos para tendermos ao que ainda nos escapa². É mais vantajoso para nossa alma preocuparmo-nos com os tesouros por adquirir do que fazer o balanço do que já alcançamos. Com rapidez corria o Apóstolo pela via da perfeição³; quanto a ti, não te apressas, moderas teu impulso, como se te bastasse uma insignificante parcela dos bens eternos. Muitas boas obras praticara o Apóstolo, sofrera tormentos indizíveis e realizara numerosos milagres; poderia tudo isto considerar como penhor de insigne perfeição. E todavia não julga

²) Filip 3, 13.

³) Filip 3, 12 ss.

ter chegado ao último limite, mas esforça-se, cada dia, por melhorar, por ser mais perfeito. E' quase um infinito o que te falta e insignificante o que até agora conquistaste. Deus, tão generoso de seus dons e de si mesmo, não deixa de aumentar teu modesto haver, por todo o tempo em que continuas progredindo e correspondendo ao seu com teu amor. Por que lançar a teu Senhor, a ti próprio e à graça a injúria do desprezo? Recorda-te da mulher de Lot; em vez de olhar para a frente, voltou os olhos e se viu transformada em coluna de sal⁴. Que tal exemplo te restitua o juízo e te faça caminhar com cautela.

O menor objeto cobiçado causa ao avarento maior tormento que o gozo proporcionado por todos seus tesouros. Não se inquieta ele com o que possui, pois o esquece; ao contrário, busca sem trêguas o que lhe falta. "E' de notar-se — fala S. Isidoro — terem todas as outras paixões seu momento de auge, para logo decaírem até morrer; o amor do dinheiro, porém, não conhece limites, despreza a saciedade, não desfruta de gozo algum; jamais morre, cada dia mais vigoroso, mais violento"⁵.

Se com tanto ardor tendêssemos para os bens da graça, tornar-nos-íamos verdadeiramente ricos. Eis por que nossa lentidão não admite escusas. Será que tememos, à semelhança do avarento, nos fazer infelizes por um desregrado afoitamento? Torna a cobiça infeliz o avarento, porque não goza ele do que adquiriu, e tem, afinal, que perder tudo. Pelo contrário, o santo desejo da graça leva-nos ao eterno repouso em Deus; nele nos saciaremos, na medida em que o houvermos desejado. Nada nos impede regozijarmo-nos com o possuído; crescerá nosso desejo à medida que vamos experimentando estarmos servindo a um Senhor tão bom.

CAPÍTULO XII

A GRAÇA E A ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Tão grandes e tão belas são as maravilhas até agora descritas, que poderia parecer impossível falar ainda alguma coisa mais elevada, excetuando Deus. Sendo de certo modo infinitas, não poderíamos conceber, sem uma revelação de Deus, guiada pela luz da razão e mesmo pela luz da fé, maravilhas mais estupendas. Revelam-se-nos, entretanto, dois mistérios, sem dú-

⁴) Gn 19, 26.

⁵) *Sentent.*, I, II, c. 41.

vida alguma superiores ao da graça: Ei-los: *o mistério da Encarnação do Verbo e o da Maternidade divina de Maria*¹.

Quanto mais consideramos o sentido destes profundos mistérios, tanto melhor vemos colocar-se em todo seu esplendor o mistério inigualável da graça, recebendo uma glória especialíssima.

Em virtude da Encarnação une-se a natureza humana de Cristo em uma só e mesma pessoa, com o Verbo divino. Deus é verdadeiramente homem, e um homem é verdadeiramente Deus. Não se muda em divina a natureza humana, mas, desprovida de subsistência, se incorpora à segunda pessoa da Divindade. E isto, de modo tão extraordinário se dá, que a natureza humana lhe pertence e fica revestida de uma dignidade divina. A graça não nos muda em Deus, porquanto conservamos nossa natureza e personalidade; mas nos diviniza, no sentido de que nos faz semelhantes à natureza de Deus por uma propriedade divinizante. A elevação da natureza humana de Cristo à dignidade de verdadeiro Deus é, por consiguiente, infinitamente superior à nossa união com Deus pela graça.

Esta elevação da natureza humana de Cristo — se a consideramos com maior atenção — não é uma honra tributada a uma pessoa criada, porquanto não existia em Cristo tal pessoa. E' antes um abaixamento de Deus, pois desce ele de seu trono para se apropriar uma natureza humana. Não afirmamos que um homem se transformou em Deus, e, sim, que um Deus se fez homem. Pela graça, ao contrário, uma criatura — o homem — sem ser nem se fazer Deus, torna-se contudo participante da natureza divina; sob este aspecto, admiramos, de certo modo, mais a graça que a Encarnação.

Pergunta S. Pedro Crisólogo: "Que é mais assombroso, que Deus se dê à terra ou que nos dê o céu; que se comunique com nossa carne ou que nos introduza na comunhão de sua divindade; que nasça sob a forma de um servo ou que nos gere na qualidade de filhos livres; que adote nossa miséria ou que nos faça seus herdeiros, co-herdeiros de seu filho unigênito? Sim, a maior maravilha é tornar-se a terra um céu, transformar-se o homem pela divindade, terem os servos direito à herança"². Em outra passagem explica o mesmo Santo: "E' tão grande a condescendência de Deus para conosco, que não sabe a criatura o que mais admirar, se o ter-se Deus abaixado à nossa natureza de servos, se o nos ter elevado por sua força poderosa à dignidade de sua divindade"³.

¹) S. Tomás, I, q. 25, a. 6 ad 4.

²) *Serm.* 72.

³) *Serm.* 67.

A elevação do homem pela graça contrabalança, por assim dizer, o rebaixamento de Deus na Encarnação, pois quanto mais desce ele, mais o homem sobe. Há entre Deus e nós um maravilhoso intercâmbio: adota ele nossa natureza humana, enquanto lhe participamos nós da natureza divina. Por isto coloca a Igreja nos lábios do Sacerdote esta oração: "Ó Deus, faze que participemos da divindade daquele que se dignou fazer-se participante de nossa humanidade".

O Filho de Deus fez-se homem, segundo nos ensinam os Padres, para dar-nos a graça e elevar-nos mediante ela. *Deus se fez homem, para que o homem se fizesse Deus*, diz S. Agostinho⁴. *O Filho de Deus se converteu em filho do homem, para que o filho do homem se converta em Filho de Deus*; assim se expressaram com S. Agostinho muitos outros doutores⁵, fazendo-se eco das palavras do Apóstolo: "Enviou Deus seu Filho, nascido de uma mulher, para que recebêssemos a graça da adoção"⁶.

Em torno desta passagem, teve S. Fulgêncio belíssimo comentário: "Nasceu Deus do homem, para que os homens nascessem de Deus. Cristo, Filho de Deus, nasceu a primeira vez de Deus, e a segunda, do homem. Nós nascemos, primeiro, do homem, e, depois, de Deus. Porque Deus, ao nascer de sua mãe, adota a verdade da carne, pode, na regeneração do batismo, dar-nos o Espírito que nos faz filhos de Deus. Cristo em seu segundo nascimento chegou a ser pela graça o que não era pela natureza, para que chegássemos nós a ser pela graça de nosso segundo nascimento o que não éramos por natureza, isto é, por nosso primeiro nascimento. Em troca de se ter feito homem, nos trouxe Deus a graça, que gratuitamente recebemos para que, pelo dom de Deus, nascido da carne, nos façamos participantes da natureza divina"⁷. É tão verdade que Deus nasceu do homem e adotou nossa natureza, como se nos ter comunicado a natureza divina, salvando-se sempre, contudo, esta diferença: o Filho de Deus não adotou uma propriedade e, sim, a essência mesma da natureza humana, ao passo que nós participamos da natureza divina mediante a recepção de uma qualidade própria de Deus.

Deus, ao encarnar-se, se abaixa tanto quanto é o abismo que o separa de sua criatura; o homem, ao ser divinizado —

⁴) *Append. Serm.* 128, 1; cf. *Serm.* 166, 4; etc. — Petau, *De Incarnatione Verbi*, I, II, c. 8.

⁵) S. Ireneu, S. Atanásio, S. Cirilo de Alexandria, S. Leão, S. Pedro Crisólogo, etc. — Cf. Petau, *ibid.* Veja-se o capítulo V.

⁶) Gál 4, 4.

⁷) *De fide ad Petrum*, c. 2, nn. 14-15.

o que pretendia Deus ao humilhar-se tanto — é elevado também a altura infinita, incompreensível.

Consideramos até aqui a humanidade de Cristo em sua união com o Filho de Deus; podemos considerá-la também nos atributos que lhe confere sua dignidade divina. Ainda aqui continua manifestando-se a misteriosa grandeza da graça. Apesar de sua sabedoria e poder, não podia dar Deus à alma da humanidade de Cristo uma condição diferente da que coube por partilha à nossa alma por meio da graça⁸. Não pode encontrar-se em uma criatura condição mais elevada, porquanto por ela se diviniza e se faz, na medida do possível, participante da natureza divina. Apenas uma diferença existe entre a alma de Cristo e a nossa: a alma humana do Verbo Encarnado exige a graça, não a recebe como um dom, e, sim, como um pleno direito, e com uma riqueza incomparável, tal que todas as criaturas nela podem saciar-se; acrescenta-se ainda que não pode perder esta graça. Ao contrário recebe nossa alma a graça de Cristo como um benefício inteiramente gratuito e de forma limitada, podendo, além disto, perdê-la facilmente pelo pecado.

Inegavelmente é, pois, a Encarnação um mistério mais elevado que a graça. É, porém, tão notável o laço que une ambos os mistérios, que a graça, longe de ficar na penumbra, recebe de tal união todo o seu esplendor.

Acrescentemos que a graça, tal como nos é comunicada por Cristo, se enriquece de uma dignidade e magnificência novas.

A dignidade divina possuída pela humanidade de Cristo em virtude de sua união pessoal com o Verbo, comunica-se a todos os membros do gênero humano. A humanidade de Cristo veio a ser o corpo próprio do Verbo, e o gênero humano regenerado vem a ser o corpo místico do Filho de Deus Encarnado⁹. Como Adão, e mais propriamente ainda, Cristo é a cabeça da humanidade, e nós somos os membros de Cristo¹⁰. Pelo fato de sermos uma só coisa com ele, temos já uma dignidade sobrenatural, e assim como possui ele direito à graça, temos também nós, por ele, direito a recebê-la. Desta forma, chega a graça a ser propriedade do gênero humano; possui-a a humanidade como coisa que lhe vem de sua divina Cabeça; Cristo é a videnti-

⁸) S. Tomás, III, q. 7, a. 1.

⁹) Cf. Rom 12, 5; 1 Cor 12, 12.

¹⁰) 1 Cor 15, 22. Cf. S. Tomás, III, q. 8, aa. 1-3. Thomassin, *Théolog. dogm. de l'Incarn.* Scheeben, *Mysterien des Christentums*, sobretudo o § 57: Primeiro significado da primazia do Homem-Deus para com o gênero humano. Comunicação da dignidade divina. Começo e coroação da filiação divina.

ra celeste, repleta da seiva da divina vida; e nós, os galhos que se beneficiam.

Exclama S. Leão: "Reconhece, ó cristão, tua dignidade"¹¹; reconhece que, como cristão, em natureza e em dignidade sobrepujas os anjos. Têm estes parentesco com Deus, enquanto participam aqueles da natureza divina. E és duplamente superior, visto ter Deus, além disto, adotado tua natureza. Se pudessem ter inveja estes espíritos santos e puros, tê-la-iam. *Deus não assumiu os anjos nem os arcanjos, mas, sim, a geração de Abraão*¹²; a nós foi dado contemplar a Deus como um de nós; não podem eles alegar semelhante distinção; podemos, por isto, chamá-lo nosso irmão. "Seriam insensatos os que quisessem ser antes anjos que homens", diz o venerável monge Job¹³. Não ignoramos estarem os anjos isentos dos sofrimentos e da morte; não têm contudo a Deus como irmão. Embora expostos a tantos laços, a honra que nos fez Deus arcando com nossa pobre natureza e todas as nossas misérias, é-nos um motivo de consolação. Seria o cúmulo da irreverência desprezar tal honra!

Esforça-te, ó cristão, por não profanar tua dignidade divina. Que não se diga de um irmão de Cristo o que não convém a um homem e nem a um anjo, mas apenas a um demônio. Pertence inteiramente, com todos os teus pensamentos, palavras e obras, àquele que, entrando em nossa carne, nos adotou como seus. Sigamos a exortação de S. João Crisóstomo: "Honremos nossa cabeça; consideremos de quem somos membros. Procuremos superar em virtude aos anjos e arcanjos, já que Deus, ao assumir nossa natureza, a assumiu totalmente"¹⁴. Continua o santo, estendendo-se neste sentido, e termina com a seguinte lamentação: "É possível seja o corpo de tal Cabeça lançada aos demônios e por eles profanado e pisado, sem sequer nos comovermos com o horror deste crime?"

Pelo batismo, ingressamos no corpo místico de Cristo. Como sinal e penhor de nossa união com ele, recebemos o caráter sacramental. Pertencemos a Cristo e Cristo nos pertence. Somos verdadeiramente cristãos, isto é, somos, de certo modo, o próprio Cristo, pois com ele formamos um só corpo. O caráter impresso em nossa alma é indelével; por longa que nos seja a vida, dá-nos direito à graça de Deus, porquanto deve o corpo

de Cristo estar cheio da vida gloriosa de Cristo¹⁵. Não possuímos, porém, tal direito senão sob a condição de nos portarmos como Cristo o deseja. E' o pecado já uma grande falta porque repele a graça, de nossa natureza; é, porém, muito maior ainda porque arrebatava a um membro de Cristo sua vida celeste. Deixarmos-nos privar da graça, rejeitá-la levemente, vendermo-nos com ela ao demônio, é coisa tanto mais culpável, quanto nos pertencia a graça como propriedade, e pelo caráter sacramental tínhamos de Cristo a garantia de que nenhum poder do céu ou da terra seria capaz de dela despojar-nos. Será útil prestarmos atenção a S. Gregório Nazianzeno que nos ensina a combater os ataques do demônio: "Se te tenta ele pelo orgulho, se te mostra, em um instante, todos os reinos do mundo, como se lhe pertencessem e tos oferece com a condição de o adorares, despreza a este miserável, confia no selo que levas impresso em tua alma e dize-lhe: "Sou a imagem de Deus, não, porém, como tu, um decaído, pelo orgulho, da glória celeste; estou revestido de Cristo, adora-me tu!" Dar-se-á por vencido com estas palavras, e, cheio de confusão, voltará às trevas"¹⁶.

Pensa finalmente, ó cristão, que, sem a graça, a dignidade de membro de Cristo de nada te servirá. E' a graça que dá valor a tal dignidade; sem ela só te ajudaria a perder-te. Pertencer a Cristo pelo selo do batismo só te aproveitará, se participares de seu espírito e de sua vida. E' sem dúvida grande honra ser membro de Cristo; será, porém, a confusão tanto maior, se fores um membro morto. Em tal caso, serás cortado do corpo, sem, por isso, perderes jamais o sinal com que foste marcado. Já não será este caráter sinal de bênção, mas, sim, de maldição e condenação.

A graça faz de ti membro vivo de Cristo, proporcionando-te a participação de sua natureza divina, e só pode ser penhor de bênção. Faz-te ela agora participar de seus sofrimentos e de sua morte, breve chegará o dia em que te fará partilhar de sua glória. Então unir-te-ás a Cristo por toda a eternidade, e nele possuirás a bem-aventurança celeste. Pela graça ganhas Cristo; se a perderes, perdê-lo-ás totalmente.

Que não farias para que Cristo, o Homem-Deus, nosso rei, nosso pai e irmão, cabeça, coroa e alegria de nossa raça, não fosse arrebatado a este mundo? Se perderes a graça, pa-

¹¹) Serm. 21, *Da Natividade do Senhor*, c. 3.

¹²) Heb. 2, 16.

¹³) Lib. IV, *De Incarnat.*, c. 14.

¹⁴) Hom. 3 In Ephes., I, 21.

¹⁵) Cf. Scheeben, *Mysterien des Christentums*, c. VII: O mistério da Igreja e seus sacramentos. Principalmente o § 84: Natureza mística e significado do caráter sacramental.

¹⁶) Or. 40, In S. Lumina.

ra ti estará ele perdido. Seja teu único temor o separar-te de Cristo; teu único desejo, unir-te perfeitamente a ele pela graça.

"Consideremos todas as coisas como sombra, vaidade, quimera, diz S. Gregório Nisseno, pois em comparação com a graça nada significam"¹⁷.

CAPITULO XIII

A GRAÇA E A DIGNIDADE DA MÃE DE DEUS

No mistério da Encarnação, eleva-se à dignidade divina, não uma pessoa humana, mas, sim, uma *natureza* humana. Já a maternidade divina é uma dignidade sobrenatural que recai sobre uma *pessoa humana*. Pode-se, portanto, mais facilmente compará-la com a dignidade que recebem os homens pela graça.

Para evitar qualquer equívoco, cumpre sustentar firmemente que em Maria não pode a graça separar-se da dignidade de sua maternidade divina¹. Nisto se funda o sentido profundo do dogma da Imaculada Conceição, após tanta espera, definida pela Santa Igreja com grande regozijo de todos os seus filhos. Não esteve a Mãe de Deus privada, um só instante, de sua graça. "Deus se lhe uniu de maneira inseparável", dizia já no século III o santo bispo mártir Metódio. Tendo dado ao filho de Deus sua natureza humana, mais que nenhuma outra criatura tem ela o direito de participar, pela graça, da natureza divina de seu Filho. Durante nove meses forma, por assim dizer, com o Filho concebido em seu seio, uma só pessoa; são idênticos seus direitos, seus bens, sua santidade. Maria é a mulher contemplada por S. João no Apocalipse², não apenas recebendo a luz do sol, mas ainda revestida do próprio sol.

A graça que lhe enche a alma tem, sobre todas as criaturas, a prerrogativa única de lhe ser concedida por um privilégio especialíssimo. Semelhantemente a seu Filho possui a graça sob um aspecto tão necessário que dela não pode estar privada; tem-na em tal abundância e plenitude que todos nós dela podemos receber. Foi seu Filho chamado cheio de graça e de verdade; e também ela foi denominada, pelo anjo, cheia de graça³.

¹⁷) Or. I, in 40 mart.

¹) Cf. Scheeben, *Dogmatik*, I, V, c. 3.

²) Apoc 12, 1.

³) Lc 1, 28.

Seu filho é por natureza o Filho Unigênito do Pai; ela é sua filha bem-amada⁴.

Se considerarmos a dignidade de Maria, vendo como nela a maternidade divina se une à graça e a graça à maternidade, concluiremos ser impossível comparar nossa dignidade com a dela. Se, porém, esquecermos por um instante estarem unidos estes dois privilégios, e considerarmos unicamente a maternidade em si, sem relacioná-la com a graça, podemos afirmar, sem receio de injuriar a Mãe de Deus, ser a graça um bem maior que lhe confere uma dignidade superior à que encerra a maternidade divina.

Mãe de Deus segundo a carne, Maria supera infinitamente a toda criatura. Tem o direito de ser amada e respeitada por seu Filho, venerada pelos anjos, servida pelos homens; tudo lhe está submisso. Preferiria ela, porém, privar-se de tudo isto, com prazer sacrificaria as honras da maternidade, antes que perder a graça. Queria antes ser, pela graça, filha de Deus, que Mãe de Deus por natureza, pois sabe perfeitamente que Jesus, embora a ame com amor incomparável, contudo amaria mais a outra alma, se a encontrasse mais rica de graça.

Foi o que quis Nosso Senhor dizer quando lhe anunciaram a chegada de sua mãe e seus parentes. Sairam-lhe dos lábios, nessa ocasião, estas assombrosas palavras: *Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?* E apontando a seus discípulos: *Eis aqui minha mãe e meus irmãos; aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe*⁵. Em outra ocasião, como uma mulher do povo louvasse a Mãe com estas palavras: *Bem-aventurado o seio que te trouxe e os peitos que te amamentaram*, deu ele esta significativa resposta: *Antes bem-aventurados os que escutam a palavra de Deus e a praticam*⁶.

Por certo, não pretendia N. Senhor renegar sua Mãe ou ofendê-la. Queria simplesmente declarar que nem mesmo Maria podia ser digna dele, se não cumprisse perfeitamente a vontade do Pai celeste, se não escutasse sua palavra e não possuísse, na mesma medida, a graça de Deus. Se, por impossível, ficasse Maria, neste ponto, inferior a outra alma, teria esta a preferência de Jesus.

Com efeito, deu Maria à luz o Salvador, segundo a carne. Por ter em si recebido o Verbo eterno e o haver revestido de forma humana, guardava com ele certo parentesco natural. Quando, porém, recebeu em sua alma a palavra de Deus, concebeu

⁴) S. Tomás, III, q. 27, a. 5. ⁵) Mt 12, 47-50. ⁶) Lc 11, 27-28.

igualante e deu à luz seu Filho, no próprio espírito, e de certo modo o revestiu do reflexo da natureza divina que pela graça recebera; eis o que lhe originou um parentesco celeste com seu Filho. E' este parentesco inseparável do primeiro. Assim, por todo o sempre será verdade o que escrevia S. Agostinho: "Nenhuma vantagem obtivera a Virgem, da maternidade, se não chegara a se considerar mais feliz por trazer a Cristo em seu espírito, do que em sua carne"⁷. Não se segue daí não ter a maternidade corporal de Maria valor algum para ela. Seu mais belo privilégio, porém, consiste em ser esta maternidade inseparável da graça, que por outro lado a acompanha necessariamente.

Se a maternidade divina de Maria, sem a graça, lhe fora inútil, de modo que teria ela preferido esta segunda dignidade à primeira, com que então podemos comparar a dignidade da graça divina? Por que queremos parecer grandes aos olhos dos homens e nos despreocupamos de ver inscrito nosso nome no livro da vida? Como poderemos gloriar-nos de alguma vantagem corporal sobre nosso próximo, se pela graça podemos superá-lo, já que N. Senhor em pessoa nos coloca no mesmo plano que sua Mãe?

Pela graça fazemo-nos verdadeira e misteriosamente semelhantes à Mãe de Deus. Não podia o Filho de Deus adornar a alma de sua Mãe, nem tão pouco a sua, com uma perfeição especificamente superior à que recebemos pela graça, embora lhe pudesse conferir uma plenitude infinitamente superior à nossa. Mesmo assim, porém, pela graça reproduz-se em nós, de certo modo, o mistério da maternidade divina. O mesmo Espírito que desceu no seio de Maria para torná-lo fecundo, desce à nossa alma para nela formar espiritualmente o Filho de Deus. Maria se tornou Mãe de Deus segundo a carne e segundo o espírito, quando escutou a palavra do anjo e cumpriu a palavra do Pai celeste. Também a nós quer ele dar sua graça, com a condição de aceitarmos pela fé a palavra de Deus e lhe obedecermos; então nossa alma reproduz em si própria o Filho de Deus segundo o espírito. Acrescentemos ainda que Cristo, segundo a carne, vem a nós na comunhão, e em nós habita, como habitou em Maria durante nove meses. Quer ele ser uma só coisa conosco na carne, como foi com sua Mãe. Admirar-nos-emos, então, da palavra de Jesus: Aquele que faz a vontade de meu Pai celeste, este é minha mãe, meu irmão e minha irmã? Sejam reconhecidos a Deus por sua graça inefável, e cantemos com

⁷) De Sancta Virginitate, 3.

⁸) Cf. Filip 4, 3; Apoc 3, 5.

Maria: *Minha alma engrandece ao Senhor e meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque operou em mim grandes coisas aquele que é Onipotente*⁹.

Em razão de sua maternidade, Maria devia ser absolutamente pura e santa; nem a sombra do pecado podia dela aproximar-se. Repugna sequer pensarmos pudesse ela ter ofendido ao Filho com a menor falta, e mais ainda com uma ofensa grave. Nossa união com Cristo deve bastar-nos para concebermos como um mal incomensurável o menor pecado.

Não quero omitir uma última consideração, um pensamento consolador. Maria sobrepuja-nos em grandeza por ser Mãe de Deus, mas é também *nossa mãe*¹⁰. Como a Mãe de Deus é nossa Mãe? Não segundo a natureza humana, pois não dela, e, sim, de Eva a recebemos. E' nossa Mãe por sermos irmãos de seu Filho único, membros vivos de seu corpo; é, portanto, nossa Mãe segundo a graça. Com efeito, na ordem da graça só podemos ter a Deus por Pai; por conseguinte, ninguém, senão a Mãe de Deus, pode ser nossa Mãe.

Sentimos em transportes o nosso coração ao pensarmos que a Rainha do céu e da terra é nossa Mãe. Assiste-nos razão de sobra para lhe agradecermos a herança que por ela nos advém, seu maternal amor, e a imagem que imprime em nossa alma ao fazer-nos semelhantes a si e a seu Filho.

Devemos amar e honrar a nossa Mãe. Com coisa alguma melhor lhe demonstraremos nosso reconhecimento do que com o esforço por preservar e conservar em nós a graça que nos dá por meio de seu Filho. Não nos tornemos indignos de nossa Mãe; não rejeitemos a honra de ser filhos seus, perdendo a graça!

CAPÍTULO XIV

DA ESTIMA EM QUE DEUS TEM A GRAÇA

O cristão, com o que escutaste, estás na disposição de crer, de compreender até que ponto é a graça preciosa. Se tudo isto nenhum efeito produziu em ti, ou por ser ela invisível a teus olhos, ou porque te acorrentam os atrativos dos bens sensíveis, aprende ao menos a conhecer o valor da graça, pela estima que dela faz o próprio Deus. E se nem isto podes alcançar,

⁹) Lc 1, 46-47.

¹⁰) Cf. Scheeben, Dogmatik, I. V, § 282.

submete humildemente teu espírito à fé, fazes teu o juízo de Deus, pesa o valor da graça na infalível balança do Senhor.

Que achas? por acaso poderia Deus em sua sabedoria, em seu poder, em sua bondade, fazer mais do que tem feito para te dar a graça? Poderia comunicar-te alguma coisa maior do que o que te deu? Nada poupou, entregou-nos seu Filho Único, seu próprio sangue, sua própria vida.

Graças à infinita dignidade de sua pessoa divina, a vida humana de Cristo é uma vida divina; não podia ser sacrificada senão para comprar outra vida divina. O Filho de Deus não teria dado sua vida, nem sequer uma gota de seu sangue, pela terra com toda a sua variedade de seres vivos, pelo céu com todo seu esplendor. Atendo-nos, porém, à afirmação dos teólogos, não se teriam perdido a Encarnação e a morte do Filho de Deus, se houvessem merecido a graça apenas para uma só alma humana. Ao oferecer, pois, sua própria vida por nós, queria o Filho de Deus mostrar-nos que nos conseguia a vida de filhos de Deus, e que a graça com que pretendia adornar nossas almas valia o mesmo que seu divino sangue. Se sua vida corporal é de dignidade infinita porque pertence a uma pessoa divina, a vida da graça tem um valor infinito porque nos faz participantes da natureza divina.

Uma vil traição despojara o homem da graça que Deus lhe conferira por amor. Com o mesmo amor, e maior ainda, quis Deus no-la dispensar novamente; para tal fim sacrificou quanto lhe podia permitir sua infinita sabedoria. Concebeu um tão arrojado plano que deixou estupefatos os habitantes do céu. Determinou fazer-se homem para restituir aos homens a dignidade de filhos de Deus, conseguindo retornassem, assim, à casa paterna. Contempla como o Filho de Deus abandona o trono de seu Pai e se encerra no seio de uma mulher. Notai-o bem! Não se detém entre os anjos, mas se rebaixa a ponto de tomar sobre si os sofrimentos e as misérias da natureza humana. Não queiras pensar que por tão alto preço vem comprar sua própria salvação, seu bem-estar, sua glória e divindade. Nada disto! Queria merecer nesta terra a graça, que aqui tão pouco se estima, e não julgou pagar por ela um preço por demais elevado sacrificando-se tanto. Comprou-a, não para si, mas para nós. Pois bem, não se sacrifica alguém inútilmente quando se trata de adquirir bens para os outros. Conclui-se, portanto, que julgou Deus inestimável o preço da graça, para submeter-se a semelhante humilhação.

Se o Filho de Deus, que em sua sabedoria julga de todas as coisas, quis pagar tão caro nossa graça, envergonhemo-nos de desprezá-la tão inconsideradamente. Deveria ser-nos coisa mais terrível que o inferno viver um só instante sem graça. Como podemos, estando em pecado, dormir em paz, alimentar-nos, divertir-nos durante dias, semanas e meses? O Senhor se aniquilou por nós para restituir-nos a graça perdida. E a destruimos com nossas faltas, sacrificamo-la por uma sombra de vanglória ou um miserável prazer! E' possível apreciarmos tão pouco uma coisa a que Deus fixou tão alto preço?

Não se contentou Cristo com baixar à terra, mas quis ainda sofrer e trabalhar ao longo de trinta anos em a natureza humana. Sendo como era Filho de Deus, mesmo em sua natureza humana, tinham todas as suas ações um mérito infinito¹; uma só gota de seu precioso sangue, um ato de amor para com seu Pai celeste, qualquer obra realizada para sua glória, teriam bastado para restituir-nos a graça². Mas para lhe compreendermos o valor, quis mostrar-nos que um Homem-Deus não podia fazer nem sofrer demais por ela. Sofreu quanto pode sofrer um homem; e até pode dizer-se infinitamente, não só pelo que respeita à sua dignidade, como também pela intensidade do sofrimento³. Para saciar-nos com o pão de sua graça, jejuou quarenta dias; para revestir-nos com a graça, entregou seu corpo aos açoites; para adornar-nos com a coroa da graça, deixou-se coroar de espinhos; para embeber nossa alma com a água celeste da graça, deixou atravessar-se mãos e pés; finalmente, para elevar-nos a seu trono e dar-nos a vida divina, sacrificou sua vida no patíbulo da cruz.

Olha, ó cristão, e julga! Poderá ser uma futilidade o que te conseguiu o Filho de Deus com tanto trabalho? Crês facilmente nos homens que prometem a liberdade, a comodidade, as honras, e se proclamam benfeitores da humanidade. Mas detém-te um instante: basta que se trate de se sacrificarem, para logo se escusarem; aí está a pedra de toque de seu mérito e de sua filantropia. Por que então não terás fé em teu Salvador que se sacrificou?

Se Cristo te dissesse que, para merecer a graça, deves tudo sofrer, deverias nele crer. Quanto mais não deves então lhe estimar o preço, vendo-o sofrer, ao indizível, para ta conseguir! Se o acreditares compreenderás que o mais insignificante sofrimento, aceito com os olhos na graça, é nada em comparação

¹) S. Tomás, III, q. 48, a. 2 ad 3.

²) Clemente VI, *Bula Unigenitus*.

³) S. Tomás, III, q. 46, a. 6.

de seu valor. Se tivesses que sofrer todas as penas do inferno, serias, com tudo isto, incapaz de merecer um só átomo deste dom. Agradece, pois, ao Salvador o ter sofrido por ti. Procura assemelhar-te a ele no sofrimento, para mostrar-lhe que aprecias sua graça.

Não contente de dar-nos sua vida, para espalhar a graça entre os homens, instituiu Cristo um sacramento e um sacrifício nos quais se contém nada menos que seu próprio corpo e seu próprio sangue. Não lhe bastou nascer, morrer e ser sepultado uma só vez. Misteriosamente quis renascer, milhares de vezes, ininterruptamente, em todo o mundo, por meio das mãos sacerdotais; sobre os altares da Santa Igreja quis renovar o sacrifício da cruz, e renovar o ato de sua sepultura no coração dos fiéis. Quantas ofensas e injúrias não tem tido ele que sofrer neste sacramento! Ora profanam-no as mãos de sacerdotes indignos, ora cumpre-lhe estar nos tabernáculos descuidados, quando não em corações manchados pelo pecado! Qual a razão destas incontáveis idas e vindas do céu à terra? É o zelo ilimitado do Filho de Deus, que deseja dar-nos a graça. Atitude que contrasta com nossa cegueira, pois mal damos um passo para conseguí-la; corremos ao contrário atrás daquilo que no-la arrebatava.

Se o valor real da graça não iguala ao preço que por ela foi pago, a lembrança de tão custosa compra deveria fazê-la infinitamente preciosa aos nossos olhos. Quanto mais nos custou a aquisição de um objeto, tanto mais o estimamos. Em uma de suas excursões militares achou-se David atormentado pela sede. Alguns de seus valorosos soldados expuseram a vida para proporcionar-lhe uns goles d'água. Tanto prezou David o preço desta água, que não ousou bebê-la e a ofereceu em oblação ao Senhor¹. Não haviam, entretanto, os guerreiros perdido a vida, mas apenas exposto. Como não devemos nós estimar então o sacrifício que Jesus Cristo consumou para conseguir-nos a graça!

Tão preciosa é a graça que o sangue e a vida de Cristo foram por ela oferecidos. Quem a despreza, não somente despreza os tesouros nela encerrados, mais ainda o preço que por ela pagou Jesus Cristo. Em expressivos termos no-lo expõe S. Eusébio de Emesa²: "Sinto-me grande porque sou obra de Deus; entretanto sinto-me maior ainda, porque fui comprado por um preço tal que, parece, valia o mesmo que Deus". S. Eusébio acrescenta alhures³: "Não se colocou ouro, nem mesmo um an-

jo, mas, sim, o autor da graça, na balança da cruz; queria-se com isto compreendesse o homem com que resgate fora comprado".

Cada vez que trocas a graça pelo pecado, zombas do modo mais impio e ignominioso da vida, do sangue e da morte do teu Amo e Senhor supremo e temível. Consomes, em um instante, os suores que o amor de Jesus por ti derramou, e lanças no abismo do pecado a herança que para ti conquistou a tão alto preço.

Bastou uma palavra de Deus para criar a luz e todo o esplendor do mundo; com a mesma facilidade colocou no firmamento as estrelas e na terra as plantas e os animais. Por um movimento de sua vontade, deu a vida aos anjos; e surgiram os homens de um sopro de seus lábios. Realizou os maiores milagres, como a brincar, com uma palavra, um gesto, um sinal, um simples ato de sua vontade. Três palavras pronunciou para ressuscitar a Lázaro e outras tantas lhe bastariam para restituir a vida a todos os mortos. Já, ao contrário, para restituí-los a graça, o Deus onipotente empreende uma obra que lhe consome anos de fadigas, de sofrimentos e lhe custa a própria morte. E o fez alegremente porquanto sabia que a graça valia semelhante combate. Dize-me: "Seguirias tu, meses e anos, palmilhando, sem te afastares, a senda do pecado? Seria exigir muito pedir-te um pequeno esforço para tua conversão? Julgas livrar-te de teus pecados por uma rápida confissão e imediatamente te sentes alegre, como se nada houvera. Não é de estranhar esqueças logo tuas resoluções! Infeliz! O hábito do pecado conduziu-te a esta deplorável cegueira! Como verdadeiro servo de Deus, pensa no preço de tua redenção, aproxima-te do sacramento da reconciliação com o coração contrito, formando o propósito de te corrigires e conservares com o máximo cuidado a graça recuperada". — Lembra-te sempre das palavras do Apóstolo: "Ignorais a quem agora pertenceis? Fostes comprados por um grande preço. Glorificai a Deus e trazei-o em vosso corpo"⁴.

A graça é, por fim, tão preciosa aos olhos de Deus, que preferiria ele lançar sobre o mundo todas as catástrofes, a vê-la perdida. Conheceste talvez guerras e pragas convertendo rapidamente em deserto um rico país. Surgem desgraças que privam de bens e honra famílias inteiras. Deparam-se-nos indivíduos acabrunhados de males, justos que sofrem perseguições, e maus que aparentemente triunfam. Tudo isto permite Deus para incitar os homens a buscarem sua salvação, não na

¹) 2 Rs 23, 14-17. ²) Hom. 2, De Pasch. ³) Hom. 2, De Symb.

⁴) 1 Cor 6, 20.

terra, mas na graça. Mesmo os males que são ocasião de que alguns insultem a Divina Providência, ainda estes, Deus os permite, pois tudo isto nada é, em comparação com sua graça. Por eles quer Deus converter os homens. Tendo sacrificado seu Unigênito, por que não destruiria o universo, de preferência a ver a humanidade privada de sua graça?

Sirva o que acabamos de dizer, para demonstrar-vos o valor da graça. Contanto que a conservemos, pouco importa nos deixemos despojar de nossa reputação e nossa honra. Se mantivermos este tesouro, em nada nos interessa perder nossas riquezas, nossos parentes, nossos filhos, nossos amigos, nossa saúde, nossa vida, o céu e a terra. Cristo aconselha a vendermos tudo, pela graça, e dar os nossos bens aos pobres, a rompermos com os mais caros laços, a desprezarmos e sacrificarmos nossa própria vida. De tudo isto nos deu ele o exemplo. De fato, quem achou a pedra preciosa da graça, convença-se de que alcançou o preço do reino dos céus, e o possui totalmente.

LIVRO II

DA MISTERIOSA UNIÃO COM DEUS NA QUAL NOS INTRODUZ A GRAÇA

CAPÍTULO I

PELA GRAÇA RECEBEMOS EM NOSSA ALMA A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Estudando no Livro Primeiro a essência da graça santificante, vimos ser ela uma qualidade de nossa natureza, qualidade grandiosa, sobrenatural, comunicada por Deus, qualidade que nos faz participar da natureza divina e de suas propriedades.

Já que a tal ponto se elevou e se glorificou nossa natureza pela participação da natureza divina, justo é entremos em uma união absolutamente íntima, misteriosa e viva com Deus; tal união servirá ainda para aumentar a glória e o valor da graça. O objeto deste Segundo Livro será, pois, esta união misteriosa com Deus.

Na linguagem da Sagrada Escritura e dos Padres, é o Espírito Santo ordinariamente caracterizado como a Pessoa Divina, com a qual, mediante a graça, de modo especial entramos em contacto. Terceira Pessoa da divindade, acha-se, por assim dizer, mais próxima de nós, pois a ela se atibui, em primeiro lugar e especialmente, a união de Deus com a criatura e da criatura com Deus. E' ele, além disto, o representante pessoal do amor divino, de onde procede. Em virtude deste amor se opera a união de Deus; por outro lado, consiste, nesta vida, nossa união com Deus principalmente no amor que lhe consagramos. E' aqui a SS. Trindade, sem dúvida alguma, representada pelo Espírito Santo.

Dizemos que *o Espírito Santo vem a nós com a graça, dá-se-nos na graça, e pela graça permanece realmente em nós, de modo inefável*¹.

Segundo o Apóstolo, o Espírito de Deus² transforma-nos por sua virtude em imagens de Deus. E não o faz, à semelhan-

¹) S. Tomás, I, q. 38, a. 1; q. 43, a. 3. Toda a tradição vê, no Espírito Santo, o dom por excelência feito por Deus ao homem (*Qui dicitur Paraclitus, Altissimi donum Dei, fons vivus, ignis, caritas, et spiritalis unctio*). Scheeben conclui, daí, como também dos textos escriturísticos, uma presença ou uma atividade especial do Espírito Santo na alma, presença que, de modo algum, exclui a das outras pessoas divinas, como se demonstrará no capítulo seguinte.

²) 2 Cor 3, 18.

ça do sol, que, de longe, mediante seus raios, muda o globo em sua imagem, pois é ele Deus, devendo, portanto, estar presente onde opera. Ilumina nossa alma, semelhantemente a uma luz que se encontrasse no interior de uma lanterna, à imitação de um fogo que penetra totalmente um corpo e o torna incandescente. E' como que o selo com que Deus imprime em nossa alma a imagem de sua natureza divina e de sua santidade. O selo imprime na cera sua forma, mas para tanto é necessário o contacto íntimo com ela; não pode o Espírito Santo dar-nos sua graça sem que nos dê a si mesmo. Como diz o Apóstolo: *A Caridade de Deus (seu maior dom com a graça) foi derramada em nossos corações, pelo Espírito Santo que se deu a nós*³⁾.

Assim como deve o Espírito Santo vir a nós, para trazer-nos a graça, do mesmo modo, inversamente, porém, a graça nos conduz ao Espírito Santo, une-nos a ele. Nela e por ela possuímos o Espírito Santo.

"Pela graça santificante — diz S. Tomás — está a criatura perfeita para gozar livremente não só dos bens criados, mas ainda do Bem incréado; por esta razão, a missão invisível do Espírito Santo efetua-se no dom da graça santificante; não obstante isso, dá-se-nos a própria pessoa divina"⁴⁾.

Não querem estas palavras de S. Tomás dizer que a graça nos torna aptos a gozar do Espírito Santo de um modo qualquer, pelo conhecimento e pelo amor, como com outros objetos que não nos pertencem, que não nos são inerentes. Significam elas que possuímos o Espírito Santo e dele gozamos como de alguma coisa não apenas vista mas utilizada, não simplesmente amada, mas apertada contra o coração! Talvez melhor expresse a profundidade deste mistério a fórmula seguinte: a graça não somente nos torna aptos a conhecer, amar a Deus e dele gozar, através da formosura e da bondade da criatura, permanecendo ele distante, mas ainda faz-nos possuí-lo intimamente, em si próprio, em sua substância. Em outras palavras: a substância divina não só é objeto de nosso gozo, como também está presente em nós, de modo real e íntimo.

Ensinam unânimemente os teólogos ser, na outra vida, a visão imediata de Deus inconcebível sem a presença real e intimíssima de Deus em nossa alma⁵⁾. Tão pouco podemos amar a Deus nesta vida, de modo sobrenatural, sem estar presente, de maneira mais íntima, o objeto do nosso amor. Deus, objeto da visão beatífica, é também o verdadeiro alimento de nossa

³⁾ Rom 5, 5.

⁴⁾ S. Tomás, I, q. 43, a. 3.

⁵⁾ S. Tomás, I-II, q. 4, a. 3.

alma⁶⁾; a ela une-se tão estreitamente como o alimento ao corpo. Do mesmo modo, o amor sobrenatural de Deus é já um verdadeiro abraço espiritual, pelo qual o temos e guardamos nas profundezas de nossa alma.

A graça une-nos, portanto, ao Espírito Santo, de dois modos e por um duplo motivo: em primeiro lugar vem a nós o Espírito Santo, como autor da graça e juntamente com ela; depois, a graça leva-nos e une-nos a ele. E o Espírito Santo aproxima-se de nós, de forma inegavelmente íntima, para comunicar-nos a graça e a caridade, participação da natureza e da santidade divinas, efusão do seio da divindade. Do mesmo modo, pela graça aproximamo-nos dele, de uma maneira maravilhosa; em seu caráter de participação da natureza divina, põe-nos a graça na posse e no gozo imediatos da natureza e das pessoas divinas.

O Espírito Santo — e Deus de um modo geral — está presente nas coisas naturais, não só por sua atividade, como também porque opera por sua própria presença⁷⁾. Tratando-se da graça, sua presença torna-se incomparavelmente mais íntima e de natureza inteiramente distinta. Nas criaturas ordinárias, achase presente como criador; sem ele não poderiam elas existir; nas outras, porém, enriquecidas pela graça, encontra-se presente como santificador, que a elas se dá e lhes abre as profundezas de sua própria vida; está nelas como Deus Pai em seu Primogênito. O Pai está no Filho por lhe comunicar substancialmente sua natureza; o Espírito Santo está em nós, porque mediante sua graça nos comunica a participação da natureza divina. A diferença existente entre a presença do Padre eterno em seu Filho e em suas criaturas, é a mesma que se dá entre a presença do Espírito Santo na alma regenerada e nas simples criaturas. Por mais que esteja o Espírito Santo presente em todas as criaturas, por mais que habite como em um imenso templo em toda a natureza criada, realizando a palavra da Escritura: *O espírito do Senhor encheu o universo*⁸⁾, reside, não obstante, de modo todo especial, na alma adornada pela graça. Tanto é verdade, que um grande teólogo não vacila em afirmar, que, ainda quando devesse Deus deixar de estar presente nas outras criaturas, nem por isto deixaria de habitar nas que se acham em graça, como também não se separaria, por isto, da humanidade de Cristo,

⁶⁾ Vejam-se os capítulos VI e XII deste livro.

⁷⁾ S. Tomás, I, q. 8.

⁸⁾ Sab 1, 7.

unida com ele em uma só pessoa⁹. Comparada com a alma regenerada, não pode a criação chamar-se templo de Deus; e se tal nome lhe dermos, será a alma o altar. Diremos entretanto mais claramente ainda com a Sagrada Escritura: a criação natural é o escabelo de Deus; só lhe consegue tocar a fimbria do vestido. Ao contrário, a alma do justo é o trono de Deus, cheia de sua glória divina. Acrescentarei ainda que o Espírito lhe está presente de modo tão íntimo como a alma ao coração por ela animado e vivificado.

Esta presença perdura em nossas almas, enquanto conservamos a graça. Não nos vem o Espírito Santo, de passagem, como um hóspede, para permanecer algum tempo conosco, e retirar-se logo. O Salvador rogou o Pai pedindo-lhe *nos enviasse o Consolador, o Espírito de Verdade, para ficar eternamente conosco*¹⁰. Hóspede de tão alta categoria, fixa ele sua residência entre nós, disposto a não nos abandonar; ir-se-á embora unicamente se o lançarmos fora de nosso coração.

Maravilhosa grandeza da graça que faz entrar em nossa alma hóspede tão insigne, tão suave, tão santo, a ele unindo-nos, tão íntima e inseparavelmente! Se Zacarias se alegrava pela felicidade de ter tido, por um momento, em sua casa, o Filho de Deus humanado, quão mais felizes nos devemos sentir com a visita do Espírito Santo que, com sua divindade, vem, já não à nossa casa, e, sim, ao mais íntimo de nosso coração! Considerem-se outros ditos e honrados com a visita de um rei terreno; quanto a nós, com a presença do Espírito Santo, suportaremos contentes qualquer injúria e desonra providas dos homens, com a condição de sempre conservarmos em nossos corações a graça divina. *Se pelo nome de Cristo fôdesdes desprezados* — diz o Príncipe dos Apóstolos — *deveis considerar-vos felizes, porque o Espírito de glória (e de poder), o Espírito de Deus, repousa em vós*¹¹. Oporemos uma santa valentia a todos os ultrajes e a todas as zombarias com que nos cubra o mundo, convictos de que ninguém poderá expulsar, de nossas almas, hóspede tão nobre.

Este hóspede não vem tão somente honrar-nos com sua presença, mas é também portador de um incomparável tesouro; é ele próprio este tesouro, ou antes, não é ele apenas um tesouro, mas o penhor de um tesouro ainda maior. Assim como agora gozamos do Espírito Santo, na doçura de seu amor, um dia desfrutaremos do Pai e do Filho em sua natureza e sua glória

divinas. Diz o Apóstolo: *E' ele o penhor de nossa herança*¹². Como tal herança se confunde com Deus, não pode também o seu penhor deixar de ser Deus. Somente uma garantia divina pode assegurar-nos uma herança divina e dar-nos antecipadamente o gozo de Deus.

Ah! que pouco caso fazemos do valor deste tesouro, da esperança que nos fornece semelhante penhor divino! Mal nos esforçamos por apreciá-lo! Só gozamos do Espírito Santo, espírito de amor divino, na medida em que recebemos este mesmo amor. Quanto mais o amamos, tanto mais de nós se aproxima; quanto mais se introduz ele em nossa alma, mais experimentamos sua celestial doçura, mais crescem em nós o desejo e a confiança de possuir, um dia, não apenas o penhor, a garantia, mas ainda o tesouro de Deus integralmente. Ao contrário, se não cultivarmos este amor, seremos nós os culpados de não percebermos em nossa alma a presença do Espírito Santo, até merecermos perdê-lo.

Não o permita Deus. Se não aprecias a presença do Espírito Santo em tua alma, atraís sobre ti a maior desventura e lhe causas a mais grosseira injúria. Se um rei da terra resolvesse recolher-se à casa de um pobre, não é verdade que cometeria este uma revoltante injúria não o querendo receber, ou, se tendo-o recebido não quisesse dele cuidar, ou o expulsasse de sua casa? Pois bem, com teu proceder indiferente e de desprezo, dizes ao Espírito de Deus: "Não venhas à minha casa!" Assemelhas-te aos homens de que fala Job: *Consideram o Onipotente como alguém que nada pode, enquanto é ele que cumula de bens as suas casas*¹³.

O Espírito Santo vem a ti para se dar a ti, para fazer-te feliz. Vem na qualidade de Amo e Senhor, para tomar posse de ti, como de seu templo. Fala o Apóstolo: *Ignorais serdes templos do Espírito Santo que recebestes de Deus, e não vos pertenceis a vós mesmos*¹⁴? Se recebestes o Espírito Santo, estais consagrados, como se fôreis seu templo, a ele pertenceis. Quanto fizerdes devê-lo-eis dirigir em sua honra, cumprindo ser tudo digno dele. Não servireis a outros deuses ao mesmo tempo que a ele, nem profanareis o templo do verdadeiro Deus. *Porquanto que há de comum* — diz o Apóstolo — *entre o templo de Deus e dos ídolos? Vós sois o templo de Deus vivo, como diz o Senhor: Habitarei em meio deles, entre eles andarei, serei seu Deus e eles constituirão meu povo*¹⁵.

⁹) Suárez, *De Trinit.*, l. XII, p. 5; do mesmo modo outros teólogos (*Salmanticenses*, II, tr. 6, d. 19, n. 77).

¹⁰) Jo 14, 16.

¹¹) 1 Ped 4, 14.

¹²) Ef 1, 14.

¹³) Job 22, 17.

¹⁴) 1 Cor 6, 19.

¹⁵) 2 Cor 6, 16.

Haverá ação mais atroz do que a de manchar e desonrar o templo do Altíssimo? Sua gravidade é patente, pelo castigo de que fala o Apóstolo: *Aquele que tocar no templo de Deus, será destruído por Deus, pois o templo de Deus é santo; e vós sois este templo*¹⁶.

Pelo pecado mortal manchamos este templo; mais ainda, o aniquilamos, pois destruimos em nós a graça que o havia edificado. Ato deveras funesto, pelo qual, imitando a Sansão, em um instante arrancamos as colunas desta magnífica construção para sepultar-nos em suas ruínas. Com um só golpe, privamos a Deus do objeto de sua doce alegria e nos precipitamos em insondável abismo.

O ímpio rei Antiocho não ousou destruir o templo de Jerusalém, contentou-se com roubar e profanar os tesouros ali encerrados. Ainda assim não se fez esperar a vingança de Deus. Viu-se seu corpo inundado de vermes e desprende-se-lhe a carne aos pedaços. Morreu entre dores espantosas e o mais horrível desespero¹⁷. E pensas tu escapar, ó pecador, que profanas o santuário do Espírito Santo, que lhe destróis o templo, que apagas as estrelas que ele fizera brilhar no firmamento de tua alma?

Diz um grande doutor da Sorbona¹⁸: Oxalá reconhecessem os homens a terrível gravidade de um pecado mortal, pois destrói ele a graça divina; seria preferível que, antes de cometê-lo, percesse todo o universo.

A alma habita no corpo como em uma mansão. O Espírito Santo habita não somente em nossa alma, mas ainda, por meio dela, em nosso corpo. Por conseguinte é nosso corpo o templo do Espírito Santo. Por sua presença fica ele consagrado e santificado como um vaso sagrado; é muito mais santo que a Arca da Aliança do Antigo Testamento, porquanto não apenas trazemos as tábuas da lei, mas o próprio autor da lei! Exorta-nos o Apóstolo nestes termos: *Esta é a vontade de Deus: vossa santificação; que vos abstenhais da impureza, sabendo cada qual guardar seu corpo na santidade e na honra, não na concupiscência das paixões, como os pagãos que desconhecem a Deus... Quem despreza estes preceitos, não despreza a um homem, mas a Deus, que nos deu o Espírito Santo*¹⁹.

¹⁶) 1 Cor 3, 17.

¹⁷) 2 Mac 9.

¹⁸) Filipe Gammaché (teólogo escolástico da Sorbona. † 1625). in I, II, q. 113, c. 13.

¹⁹) 1 Tess 4, 3-8.

Os membros de nosso corpo são membros de Cristo, por quem recebemos o Espírito Santo; são, portanto, os instrumentos daquele Espírito, consagrados a seu serviço e à sua glória. Não sabeis — continua o Apóstolo — *que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, pois, os membros de Cristo, para fazê-los membros de uma pecadora? Não o permita Deus*²⁰! Não sintais que o pecado reine em vosso corpo mortal, para servir a vossas concupiscências. Não entregueis ao pecado vossos corpos, como instrumentos de perversão, mas consagrai-vos a Deus... e oferecei-lhe vossos corpos como instrumentos de justiça²¹.

Cristão, se comparares a comunicação e a missão do Espírito Santo com a comunicação e missão do Filho, teu reconhecimento para com Deus pelo dom do Espírito Santo será maior, e teu respeito para com o templo de Deus, mais profundo²². Ao nos dar Deus seu Primogênito na Encarnação, deu-nos uma prova infinitamente grande de seu amor. Que somos nós, para que Deus, por nossa causa, desça à terra, tome nossa natureza, habite conosco? Uma profunda estupefação apoderou-se de toda a corte celeste quando verificou a humilhação de seu Rei. O Filho de Deus não habitou entre nós, senão por tempo limitado, e somente em um país, em um povo. O Espírito Santo, igual ao Pai e ao Filho em razão de sua divindade, vem a cada um de nós, não junto de nós mas em nós, para transformar a nossa alma e nosso corpo em trono e templo, para permanecer sempre conosco! Quando chegaremos a compreender a grandeza deste bem, deste amor?

O Homem-Deus, pela comunhão, entra igualmente em nossa alma, vem, porém, com seu sagrado corpo, por poucos instantes, enquanto se mantêm as espécies do pão. A Divindade do Espírito Santo é, indubitavelmente, alguma coisa de maior e mais elevado que o Corpo de Cristo, e, longe de logo abandonar-nos, a nós se une tão mais intimamente quanto mais junto lhe estamos e nos aproximamos dele. Segundo S. Alberto Magno, a possessão de um bem é tanto mais sólida e durável quanto este bem é mais nobre e elevado. Daí se conclui que deveríamos tributar ao Espírito Santo um respeito e uma veneração, ao menos tão expressivas como os que consagramos ao corpo do Salvador, quer no altar, quer no tabernáculo ou na Santa Comunhão.

²⁰) 1 Cor 6, 15.

²¹) Rom 6, 12-13.

²²) Scheeben desenvolve com profundidade seu conceito da missão das pessoas divinas na graça santificante, nos §§ 28-30 de sua obra *Mysterien des Christentums*, bem como no livro II de sua *Dogmatik*.

Teu coração encher-se-ia de indignação se soubesses que mão sacrílega roubara do tabernáculo o corpo do Senhor e o atirara à rua, ou que uma boca indigna o lançasse fora depois da Comunhão. Toda a pena te pareceria insuficiente para expiar semelhante maldade. Ó pecador! Por tua própria boca te condenas! Não fazes tu o mesmo, quando por um pecado grave expulsas o Espírito Santo do templo de tua alma?

Qualquer coração que não esteja de todo pervertido e não seja insensível, aproxima-se com santo respeito da mesa do Senhor. Mesmo os que nem tanto se inquietam por seus pecados não ousam receber o corpo puríssimo de Cristo em um coração manchado pelo pecado. Crês, porventura, que o Espírito Santo, que formou esta carne pura no seio da SS. Virgem, se aloje mais facilmente na lama de teu coração carnal, e possa habitar com o pecado sob um mesmo teto?

Certamente, não! Nem os anjos são suficientemente puros diante dele; para recebê-lo, deveriam purificar-se em seu divino ardor. Não é lógico devas buscar uma pureza angélica, vivendo não segundo a carne, mas segundo o espírito, como o ensina o Apóstolo? ²²

Não sem razão — fala S. Agostinho ²³ — o Senhor enviou por duas vezes o Espírito Santo; a primeira, depois da sua ressurreição, estando ainda neste mundo, quando soprou sobre os Apóstolos e lhes disse: *Recebei o Espírito Santo* ²⁴; a segunda vez, no dia de Pentecostes, em Jerusalém ²⁵, depois de sua ascensão aos céus. O Espírito Santo é o amor divino, e quando nos foi dado, deve derramar também este amor em nossos corações. Cumpre-nos amar, com este amor único, a um duplo objeto, Deus e o próximo. Segundo o santo bispo de Hipona, quis o Salvador dar em duas ocasiões seu Espírito, para comunicar-nos o amor a Deus e o amor ao próximo.

O Espírito Santo derrama em nós o amor de Deus, dando-nos a força e a inclinação para este amor, entregando-se como garantia de sua vontade de amar-nos eternamente, e de pôr-se à nossa disposição com tudo que possui. Excita em nós o amor do próximo, convertendo-o também em templo de Deus, dando-se a ele e habitando nele. Daí por diante, já não deveremos amar ao homem, e, sim, a Deus que nele está.

Poucos são os homens que honram e amam seu próximo por considerá-lo como templo santo do Espírito de Deus. Não

²²) Gál 5, 16; Rom 8. Cf. Cap. 12.

²³) *De Trinit.*, l. XV, c. 26. Isto fica, evidentemente, como uma opinião de S. Agostinho.

²⁴) Jo 20, 22.

²⁵) At 2, 4.

se conceberia de outro modo por que o tratam com tanto desdém, desprezo e temeridade. Longe estão de se sentirem ditos de poderem aproximar-se deste santuário do Espírito Santo, e lhe prestarem algum serviço. Se possuíssemos as luzes dos santos, como eles nos ajoelharíamos diante dos enfermos e dos necessitados; com a maior consideração lhes prestaríamos qualquer serviço, certos de que, para o templo de Deus, a menor ação é grande e santa. Diz de Deus a Escritura, *que nos trata ele com grande respeito* ²⁶ como a um vaso precioso. Por quê? Sem dúvida porque vê em nós o seu próprio Espírito.

Ajunta o grande Alcuino ²⁷ uma observação àquela¹ de S. Agostinho. Segundo ele, o Salvador enviou o Espírito Santo, quando ainda estava na terra, para que pudéssemos amar em primeiro lugar o nosso próximo. Este primeiro amor deveria preparar-nos à recepção do Espírito Santo, que nos daria, por sua vez, com que amar a Deus com amor celeste. Com efeito, segundo S. João, *aquele que não ama seu irmão que vê, como poderá amar a Deus que não vê?* ²⁸

Amemos, pois, em nosso próximo, o templo de Deus; tornar-nos-emos assim dignos de ser, também nós, verdadeiros templos, cheios, por toda a eternidade, da glória divina.

CAPÍTULO II

PELA GRAÇA VEM A NOSSA ALMA TODA A SS. TRINDADE

O que aqui pretendemos expor é fácil demonstrar depois do que ficou dito. Escreve o discípulo e o doutor da caridade: *sabemos que permanecemos nele e ele em nós, pelo fato de nos dar ele seu Espírito* ¹. O Espírito Santo é Deus, um só Deus com o Pai e o Filho; em razão de sua unidade de essência, são as três pessoas inseparáveis; onde se encontra uma, devem também encontrar-se as outras. Declarou-o abertamente Nosso Senhor: *Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará; a ele viremos e faremos nele nossa morada* ². Orígenes³ relaciona com este mistério a doce intimidade com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo, de que fala S. João, *intimidade*

²⁷) Sab 12, 18: *Cum magna reverentia disponis nos* (texto grego: tu nos governas com grande indulgência).

²⁸) *De fide s. Trinitatis* 2, 21.

¹) 1 Jo 4, 20.

²) 1 Jo 14, 23.

³) 1 Jo 4, 13.

⁴) *In Levit. Hom.* 4, 4.

que fará nossa completa felicidade¹. Quando S. Agostinho, comentando estas palavras — *Padre Nosso, que estais no céu*² — explica em que sentido está Deus presente por toda parte, diz que por "céus" se há de entender, na terra, a alma do justo, e no alto, os anjos³. Com efeito, neles, como em seu templo, habita Deus Pai, com o Filho e o Espírito Santo.

Deus é inseparável de sua graça e segue-a de perto. Quem a recebe em sua alma, recebe ao mesmo tempo a SS. Trindade. Com mais propriedade que Abraão, pode afirmar que, certo dia, recebendo a três homens, acolheu a Deus em sua tenda⁴.

Presente no céu, a Trindade vem, pela graça, morar em nossa alma, transformando-a em seu céu. Exclama S. João Crisóstomo: "O poder de Josué de ordenar aos corpos celestes que detenham ou sigam seu curso, se me apresenta insignificante, comparado com a grande honra de fazer descer à terra o Senhor dos céus"⁵.

A graça edifica um templo novo, um trono para o rei do céu e da terra. Quem não abriria com prazer as portas de seu coração para lhe vir a graça a preparar uma habitação digna de Deus? Quem pensaria em expulsar o Senhor de sua morada? Sobrepujaria este em crueldade a Herodes que expulso o Menino Jesus do estábulo de Belém, morada indigna do Filho de Deus. Pelo contrário, faz a graça de nossa alma habitação tão agradável a Deus como o próprio céu. Quem se atreverá a combater contra o céu, contra o trono de Deus? Quem tal ousasse, deixaria mudos de horror a todos os servos de Deus, e a criação inteira deveria unir-se para vingar o ultraje feito a seu Senhor. Mereceria esse ímpio que o devorasse o fogo do céu e se lhe abrisse a terra, para engoli-lo.

Está esta injúria em proporção com a condescendência manifestada para com o homem pela SS. Trindade. *Que é o Homem?* — podemos exclamar com o santo homem Job. *Quem é o homem, para que tu dele te lembres, e até ele inclines o coração?*⁶ Senhor, não vens a nós, como a servos teus, para receber a fiel homenagem de nossa dedicação. Já seria isto para nós uma grande honra. Mas, não! Vens viver com teus amigos, na mais confiante intimidade!

Não pequena honra foi, por certo, para José, Daniel, Mardoqueu e outros, terem estado tão próximos dos reis da terra.

¹) 1 Jo 1, 3-4.

²) Mt 6, 9.

³) S. Agostinho, *Sermo Domini in monte*, l. II, c. 6, n. 20-24; *Sermo* 56, c. 5, n. 8; *De dono persever.*, c. 3, n. 6.

⁴) Gn 18.

⁵) *In Heb.* hom. 27, 4.

⁶) Job 7, 17; Sl 8, 5.

Semelhante honra seria apenas sombra daquela que recebemos quando, pela graça, se nos aproxima o Deus Onipotente, unindo-se a nós mais intimamente do que poderíamos unir-nos a uma criatura.

Segundo o Bem-aventurado Dionísio Cartusiano¹⁰, é tão íntima esta união com Deus, que chegamos a ter em comum com ele todas as nossas palavras, nossas ações, nossos desejos, nossos interesses. O cristão que está unido a Deus, pode pronunciar estas belas palavras: *Para mim foi bom estar unido a Deus, e colocar no Senhor a minha confiança*¹¹. Continuamente entretém-se ele com Deus, na prece e na meditação. Escuta-lhe atentamente as palavras, recolhe com avidez todas as suas inspirações. Separar-se de Deus ser-lhe-ia mais duro que a morte. Se lhe acontece não perceber, num dado momento, os sinais da habitual confiança, geme, entristece-se e receia ter-lhe isto sucedido por própria culpa. Por outro lado, quem poderia descrever com que amor Deus se ocupa dele, como lhe abre seus tesouros, revela-lhe seus mistérios, derrama-lhe a paz que sobrepuja todas as coisas? O próprio Deus o disse: *Minhas delícias são estar com os filhos dos homens*¹². O santo monge, de que falamos, vê-se infelizmente, porém, obrigado a acrescentar: *"Grande é a honra de que foi objeto a criatura racional, visto tornar-se participante da natureza divina e entrar na intimidade de seu Criador. Mas, ah! O homem assim honrado não o compreendeu. Tornou-se semelhante aos animais de carga, destituídos de inteligência"*¹³. Pelos pecados do espírito e da carne, muitos se unem aos demônios e se fazem semelhantes aos animais".

Cristão, para que não se possa censurar-te tamanha leviandade, medita no que se segue:

As reliquias dos santos constituem, com todo o direito, o objeto de nossa veneração. Considera-se feliz aquele que tem a sorte de poder aproximar-se delas, vê-las, tocá-las. Multidões imensas realizam, por vezes, longas viagens para lhes apresentar, em seus santuários, a homenagem de seu respeito e de seu amor. Mas não somos nós, porventura, santuários muito mais formosos, nos quais reside, não cinza morta dos santos, mas a SS. Trindade? Se te conhecesses, ó alma cristã, em que estima não te terias! Oh! se souberas que és santa, amada de Deus, por ele habitada, honrada e admirada pelos anjos! Se souberas que és

¹⁰) *Comment. in 1 Joan.*, I, 9.

¹¹) Sl 72, 28.

¹²) Prov 8, 31.

¹³) Sl 48, 21.

o paraíso mais belo da criação, o tabernáculo da SS. Trindade, a câmara nupcial do grande rei! Se souberas que és a arca da aliança, não do Antigo mas do Novo Testamento, o altar da Majestade divina, o relicário do Espírito Santo, o templo do Deus vivo! Se souberas que és o trono da divindade, o céu onde brilham não estrelas, mas as pessoas da SS. Trindade, e além disto, a filha de Deus Pai, a irmã de Deus Filho, a esposa do Espírito Santo! Se conhecesses tudo isto, sentir-te-ias grandemente honrada, não pelo que tens por ti mesma, mas pela dignidade que a graça te conferiu! Então, sim, respeitar-te-ias, respeitarias a graça e procurarias jamais perdê-la.

S. Francisca Romana via constantemente um anjo a seu lado. Assombrar-nos-íamos se os arcanjos, os tronos e todos os espíritos celestes se colocassem em torno de um homem. Que é isto, porém, em comparação com a companhia de Deus, das três pessoas divinas, sociedade de que faz parte toda alma em estado de graça? Seria inconcebível que uma alma rodeada de anjos se permitisse um ato inconveniente, que os repelisse para longe de si, para juntar-se com os demônios. Como pode então nossa alma assim proceder em face de Deus? E pensar que isto se dá constantemente! Consideremos nossa dignidade, já que nela podemos crer com inteira confiança. Foi-nos ela dada no batismo e na penitência que justifica. A majestade divina habita em nós. Seja nosso proceder digno de Deus. Nada poupemos para lhe dar prazer. Desprezemos o que é terreno e ocupemo-nos exclusivamente com as coisas do céu. A condescendência das três Pessoas chega a abaixar-se até nós. Saia-mos-lhes ao encontro e procuremos unir-nos a elas o mais intimamente possível.

"O Pai, o Filho e o Espírito Santo vêm a nós, quando vamos nós a eles", diz S. Agostinho. "Vêm em nosso auxílio, saia-mos ao seu encontro, para obedecer-lhes; vêm iluminar-nos, submetamo-nos a eles; vêm a encher-nos, recebamo-los. Queremos vê-los não com os olhos do corpo, e, sim, com os olhos da alma. Queremos que permaneçam conosco, não por instantes apenas, mas para sempre"¹⁴.

¹⁴) Tract. 76 in Joan.

CAPÍTULO III

PELA GRAÇA, O ESPÍRITO SANTO INFUNDE-NOS SUA PRÓPRIA VIDA.

Pela graça, toda a Trindade, e especialmente o Espírito Santo, une-se intimamente à nossa alma. O Espírito Santo é o Espírito do Pai e do Filho; não pode ser infrutuosa sua presença, já que é o Espírito ou o sopro da vida divina, sopro que habita em nossa alma, vindo a ser a alma de nossa alma; para isto, infunde-lhe ele uma vida nova, sua própria vida divina¹.

Possui nossa alma uma vida natural que lhe é própria; vida distinta da que anima o corpo, põe-no em movimento e lhe comunica a sensibilidade, possuída também pelos animais. É esta a vida espiritual que se manifesta pela razão e o livre arbítrio. Por ela pode nossa alma reconhecer e amar as coisas espirituais, a verdade, o bem, o belo. De outro modo, não seria ela a imagem de Deus, em sua natureza. Semelhante vida não passa, contudo, de uma sombra da vida divina. Tão fraca e limitada é ela, que, comparada com Deus, dir-se-ia antes morte que vida.

A estátua inanimada de um grande personagem possui já alguma coisa de belo. Se pudesse esta estátua animar-se, honrá-la-famos, como se fosse a própria pessoa representada. Deus infunde em nossa alma, imagem sua, a própria vida e a anima com seu próprio sopro divino. Este sopro é a graça. O Espírito Santo entra em nós. É ele que faz frutificar na terra de nossa alma o germe de sua vida celeste, de um modo incomparavelmente mais perfeito do que, quando, no momento da criação, se movia sobre as águas e animava, no solo deserto, as plantas, os animais e o homem². O Espírito Santo desce à nossa alma, como outrora, guardadas as proporções, desceu ao seio da Virgem, e nela faz crescer um fruto divino, o rebento de Jessé, o Filho de Deus.

Um dos mais formosos milagres que lemos na Escritura é o de Eliseu. Referimo-nos à passagem em que ressuscita o filho da Sunamite, sua hospedeira. O profeta — diz a Escritura — *inclinou-se sobre a criança, uniu sua boca com a dela, os olhos com os olhos, as mãos com as mãos; estendeu-se sobre a criança, em cuja carne reapareceu o calor da vida*³.

Infinitamente mais notável é o milagre operado em nossa

¹) S. Tomás, I, q. 43, a. 3.

²) Gn 1, 2.

³) 4 Rs 4, 34.

alma quando recebemos a graça. Já não é um homem que desperta uma vida humana, e, sim, o próprio Deus que desperta nossa alma para uma vida divina. Com amor inefável inclina-se Deus sobre sua imagem; coloca sua boca sobre a do homem para infundir-lhe o Espírito de seu amor. Aplica seus olhos contra os olhos de nossa alma, isto é, esclarece nossa razão. Junta suas mãos com as nossas, isto é, comunica à nossa alma todo seu divino poder, e nasce esta para uma vida nova; vive em Deus e Deus nela.

Quando acaba Deus de infundir sua vida em nossa alma, já não a pode abandonar. Eliseu afastou-se da criança depois de tê-la feito reviver. Uma semente cresce inteiramente só, separada da planta que a fecundou. Nossa alma não pode viver separada de Deus. Como a alma permanece no corpo que anima, assim permanece Deus em nossa alma. Deus dá à alma seu espírito, precisamente para que desempenhe nela o mesmo papel que ela representa com relação ao movimento. Assim, move-a condu-la ininterruptamente, e a mantém na luz do divino conhecimento e no ardor do amor divino. Sobre o raquitico arbusto de nossa alma enxerta seu Espírito e lhe transforma a vida em uma vida divina, e a glorifica com uma vida celestial. Aos raios da luz divina, nela abrem-se flores divinas; chela da seiva da divina caridade, produzirá frutos divinos que jamais se perderão.

Sobre este arbusto, de tal forma enobrecido, cai continuamente o orvalho de uma água viva, *água que corre para a vida eterna*, como afirma Nosso Senhor à Samaritana¹, água que jorra do seio de Deus, e outra coisa não é, senão o próprio Espírito Santo. *O fruto do pecado é a morte*, diz o Apóstolo; *mas a graça de Deus, derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que se deu a nós, é a vida eterna*².

Soubeste, ó cristão, honrar este tesouro divino? Sabê-lo-ás para o futuro?

E' tão preciosa a vida de um ser, que ainda o último dos viventes supera em valor as mais belas realidades desprovidas de vida. S. Agostinho chega a esta conclusão: um verme da terra, um pequenino inseto é preferível ao céu que nos cobre, às estrelas e ao próprio sol, do qual entretanto procede toda luz. Para os filósofos representava a vida o cimo e o coroa-mento da natureza visível. Ao assim pensarem, firmavam-se talvez em que os seres inanimados não se desenvolvem pelas forças da própria substância, como acontece com os seres vivos.

¹) Jo 4, 14.

²) Rom 6, 23.

Por exemplo, a planta utiliza as matérias de que se compõe e as que pode assimilar para alcançar seu fim, embora não o sinta nem o saiba; cresce, cobre-se de flores e de frutos. Os animais possuem um conhecimento sensível de seu ser e seu poder, do qual podem utilizar-se e, de certo modo, por ele deleitar-se. Não podem, porém, usá-lo à maneira do homem, ser racional que se conhece a si mesmo, com a noção de seu fim, para o qual escolhe os meios; move-se e tem capacidade de gozar, não só os bens sensíveis, mas também os espirituais.

A vida natural da alma humana sobrepuja por si, em valor, a qualquer outra vida que possa existir na terra. É, porém, como antes dissemos, o campo de suas possibilidades por demais restrito. Em virtude de suas forças naturais, só pode chegar às coisas criadas. A graça alarga e eleva infinitamente estas possibilidades, porquanto, mediante ela, capacita-se a alma para conhecer imediatamente a Deus na glória, para amá-lo e abismar-se nas profundezas de sua bondade. Recebe em si o maior dos bens, e goza com o gozo de Deus. A graça proporciona à alma uma vida incomparavelmente mais bela que a natural, uma vida divina, com a qual nenhuma vida natural se pode comparar.

A grandeza da vida sobrenatural destaca-se melhor, se levarmos em conta que de modo algum se manifesta melhor a vida de um ser, do que na atividade por ele desenvolvida. Falamos que a água é viva, quando salta ou desliza alegremente. A planta é viva, porque, nutrida pelas raízes, cresce constantemente; comparada a esta, a água é morta. A planta, porém, não se translada como o animal que abandona o lugar onde se encontra, e, guiado por seus olhos, percorre espaços imensos. Muito mais ainda realiza o homem. Penetra, com sua razão, no interior das coisas; transpõe o visível para mergulhar-se no possível; não somente perscruta as coisas materiais, mas ainda as espirituais; o próprio trono do infinito cai-lhe sob a potencialidade da vista. Enquanto, porém, não lhe veio com sua graça o Espírito de Deus, permanece sua alma ao nível das coisas naturais, à semelhança da pedra que não se pode movimentar, e elevar-se como a planta, à capacidade de ver a luz do sol. Como se fora um verme, mantém-se nossa alma sujeita à terra, isto é, às criaturas, pálido reflexo da majestade divina; não pode, como a águia que empreende o voo, elevar-se até Deus, a ele unir-se e contemplá-lo. Assim como a pedra está morta em comparação com a planta, e o verme, morto em comparação com a águia, do mesmo modo deve-se considerar como morta nossa alma en-

quanto não a penetra o Espírito de Deus para vivificá-la com sua própria vida.

A vida divina de nossa alma é bem mais preciosa que a vida natural das criaturas. Ama o corpo à alma que o anima. Por que então não amaria e desejaria nossa alma ao Espírito Santo que lhe comunica a vida divina?

Quem dera apreciássemos a vida divina de nossa alma, ao menos como à nossa vida corporal, curta e limitada, vida que outra coisa não é, senão morte que avança continuamente, vida que já traz em seu nascer o germe da morte. Que não fazemos para conservar a vida de nosso corpo! Quantos esforços para afastar a morte, considerada por nós como a última e maior das desventuras! Sabemos, entretanto, que apesar de tudo, soada a hora, é ela irrevogável!

Ao contrário, possui nossa alma o germe da vida eterna. Em vez de caminhar para a morte, rejuvenesce esta vida, dia a dia. *Enquanto se decompõe o homem exterior — diz o Apóstolo — o homem interior renova-se cada dia*⁶. A graça do Espírito Santo é a vida eterna, não só para a alma, mas para o corpo também. Já o dissera o Apóstolo em outra passagem: *Se o espírito de Deus, que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, habita em nós, este mesmo Deus, que ressuscitou a Cristo dentre os mortos, vivificará também a nossos corpos mortais, por causa de seu Espírito que habita em nós*⁷.

Por que preferimos então a vida da carne à vida da graça? *Se vivermos segundo a carne — exclama o Apóstolo, — morreremos*⁸; morreremos em nossa carne e em nossa alma. Ao contrário, se, obedecendo ao Espírito, mortificarmos a carne, então, sim, viveremos eternamente, em nossa alma e em nosso corpo.

Profundamente impressionante é, sobre este ponto, o ensino do Salvador: *Aquele que ama sua alma, perdê-la-á; e aquele que neste mundo odeia sua alma conservá-la-á para a vida eterna*⁹. Quão raros os que compreendem estas palavras e os que refletem sobre o valor respectivo da vida de sua alma e da vida de seu corpo! Poucos são os que pensam nestas significativas palavras: *De que vale ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?*¹⁰ De que te servirão todos os prazeres da terra, uma vida cômoda, grande nome, culdar e acariciar teu corpo? E' tudo perdição, veneno, morte. Se à tua alma dedicasses uma parte destas preocupações, se pensasses um

⁶) 2 Cor 4, 16.

⁷) Rom 8, 11.

⁸) Rom 8, 13.

⁹) Jo 12, 25.

¹⁰) Mt 16, 26.

pouco nela, merecerias a vida eterna, a felicidade sem fim, um tesouro sem par.

A perda da vida eterna é a mais terrível das mortes. Tem aqui sua aplicação o axioma: "Quanto mais nobres os objetos, mais horribéis se tornam ao corromperem-se"¹¹. Espantam-nos os sentidos, à vista de um corpo morto. Quando ainda vivo excedia, entretanto, em formosura todos os seres inanimados; agora, porém, é mais repelente que eles. Um cadáver em decomposição é alguma coisa de horrível; sua vista, seu mau cheiro, repelem-nos. Que não será então a morte da vida sobrenatural de tua alma, da qual te despojas por um suicídio atroz?

Um veneno infernal apodera-se de tua alma, quando te permites semelhante crime. Degradas-te ao mais baixo aviltamento, quando lanças para fora de ti o Espírito de Deus. Se pudesses ver tua alma neste estado, como a vêem Deus e teu anjo da guarda — coisa concedida a poucos santos — estremecer-te-ias de horror, e não terias descanso enquanto não reparasses esta abominação.

Conta S. Antônio¹² a história de um monge que, encontrando em seu caminho um cadáver, tapou imediatamente as narinas com seu manto, enquanto o anjo que o acompanhava não parecia notar o mau cheiro. Pouco depois, cruzaram com um jovem afetadamente trajado, e o anjo cobriu os olhos com as mãos. Tendo o monge estranhado o fato, disse-lhe o anjo: Não incomoda aos anjos o mau cheiro de um cadáver, mas, sim, e muito mais, o de uma alma em pecado; tal alma causa horror a toda a corte celeste.

Fato semelhante aconteceu a S. Catarina de Sena. Encontrava-se em Sena, cidade mui distante de Roma, e não obstante se sentia atormentada pelo mau cheiro das pessoas, que em Roma se achavam carregadas de faltas graves. Certo dia foi visitá-la uma senhora ricamente adornada; não pôde, porém, a santa responder-lhe uma só palavra. Perguntando-lhe o confessor, manifestou, mais tarde, ser-lhe impossível falar, pois mal se pôde manter em pé, visto o cheiro de cadáver daquela alma. "Assim como a fumaça afasta as abelhas, e o mau cheiro as pombas — diz S. Basílio — do mesmo modo, o pecado afasta os anjos"¹³, como a todas as almas santas.

Há os que trazem habitualmente, em si, este cadáver, e não se horrorizam; é um sinal de morte, pois perdem os mortos

¹¹) *Corruptio optimi pessima.*

¹²) *Sum. Theol.*, p. 4, tit. 14, c. 6 e 1, 3.

¹³) *In Ps. XXXIII*, n. 5.

a sensação do que é vida. Digne-se a misericórdia divina ceder a estes mortos o sentimento de sua terrível situação! Ou ao menos percebam a repugnância que inspiram aos vivos!

Como a vida da alma é muito mais preciosa que a vida do corpo, do mesmo modo, o cadáver de uma alma morta pelo pecado é mais repugnante que o conjunto de cadáveres da humanidade. Se pudesses reunir em um montão os cadáveres de quantos morreram até hoje, com suas chagas e deformidades, mutilados uns, queimados outros, esfaqueados por aves de rapina, triturados, corrompidos, — seriam capazes de suportar semelhante espetáculo? Julgo que sua hediondez bastaria para fazer-te desmaiar. Ainda que só tivesses diante de ti um desses cadáveres, não poderias comer nem beber! E tens perto de ti o cadáver de tua alma; mais ainda, o levas no coração! E entretanto comes, bebes, dormes em paz!

Tua insensibilidade é mais terrível que a morte! De fato, rouba-te até a ambição de viver, torna-te inapto para receber novamente a vida; quando poderias ainda salvar-te, destina-te a uma morte eterna!

CAPÍTULO IV

A GRAÇA FAZ-NOS FILHOS ADOTIVOS DE DEUS

Chegamos a uma propriedade da graça que encerra em si todas as suas maravilhas e projeta especialíssima luz em torno de sua essência e seu significado.

Ao fazer-nos participantes da natureza divina, ao proporcionar-nos a habitação do Espírito Santo e ao inspirar-nos uma vida divina, converte-nos a graça em verdadeiros filhos de Deus, que passa a ser nosso verdadeiro Pai. Fala S. Paulo: *Aqueles que se conduzem pelo espírito de Deus são filhos de Deus*¹. E é do mesmo Apóstolo ainda o que aqui se segue: *Sendo vós filhos seus, enviou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai, pois o mesmo Espírito dá testemunho em nosso coração, de que somos filhos de Deus; mas se somos filhos, somos também herdeiros, isto é, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo*². E continua ele em outra passagem: *Deus nos destinou à dignidade de filhos, por Jesus*

¹) Rom 8, 14.

²) Gál 4, 4.

*Cristo e nele, segundo o designio de seu beneplácito, para louvor da glória de sua graça, mediante a qual nos fez agradáveis a seus olhos em seu Filho bem amado*³. Nada nos manifesta com maior clareza a formosura da graça divina, como seu efeito: faz-nos filhos de Deus; e nada nos leva mais a admirar o amor de Deus que o fato de nos adotar ele como filhos seus.

Diz o discípulo amado: *Vede que caridade nos deu o Pai; somos chamados filhos de Deus e o somos de fato*⁴.

Diariamente repetimos na oração ensinada pelo próprio Filho de Deus: *Pai nosso que estais no céu*⁵. Ao chamarmos a Deus de Pai, confessamos ser filhos seus. Entretanto, ou porque nos fez o costume esquecer o significado destas palavras, ou porque não as compreendemos com fé viva e esclarecida, a verdade é que nos deixam frios, não nos levam a pensar que nosso dever está em nos elevarmos acima de todas as criaturas até o seio do Pai celeste. Procedamos como se, pela primeira vez, nos preparássemos para recitar e compreender a oração dominical; ouçamos como explicava aos pagãos o Padre-Nosso um dos maiores doutores da Igreja, S. Pedro Crisólogo:

“O que vou agora dizer-vos com temor e tremor, o que deveis escutar, e pronunciar depois, respeitosamente, é algo que deixa suspensos os anjos, cheios de admiração as Potestades do céu; que não podem as alturas celestes obter, nem pode o sol contemplar, nem a terra suportar, ou contê-lo a criatura inteira. Que pode aqui a fraqueza do espírito humano, a miséria dos sentidos mortais, o timbre da voz humana, o acento afônico de um homem? Quando, de modo misterioso, o contemplou S. Paulo, não faltou à verdade ao exprimir-se nos seguintes termos: *Nenhum olho viu ou ouvido escutou, nem o coração do homem experimentou o que preparou Deus àqueles que o amam*⁶. A miséria humana, nosso ser mortal, nossa natureza oprimida de trabalhos, consumida pelo sofrimento, sujeita à putrefação e à dissolução, não são capazes de compreender, temem até crer no que hoje se vêem obrigados a reconhecer. Não chega a fraqueza humana a persuadir-se como pôde merecer tal plenitude de bens, tão grandes honras, semelhantes dons. Creio ser isto o que vira em espírito o Profeta Habacuc, quando, presa de um grande terror, exclamou: *Senhor, escutei tua palavra e tive medo*⁷. Estremeceu pelo que acabava de ouvir.

³) Ef 1, 5-6.

⁴) 1 Jo 3, 1.

⁵) Mt 6, 9.

⁶) 1 Cor 2, 9.

⁷) Serm. 72. O que se segue é tirado do serm. 68.

⁸) S. Pedro Crisólogo cita a oração de Habacuc, de uma antiga tradução latina do texto grego dos Setenta (Hab c. 3).

Não se espantou de que um grande profeta ouvisse a voz de Deus, que falava a seu servo, e, sim, de que ele, o servo, verificava que o Senhor se fizera para ele um pai. *Contemplei tuas obras e temi.* Foi o objeto de um santo temor, não porque visse o mundo com todos os seus elementos harmônicamente dispostos pela onipotência do criador, mas, sim, porque sentiu em si próprio a obra do amor divino. Extasiava-se de ter sido adotado como filho, quando duvidava mesmo de chegar a servo. Ouvi como continua o profeta: *Fiquei atento e minhas entranhas se comoveram à voz da oração de meus lábios.* Após ter experimentado a grandeza do dom divino, teme ser expulso, como Adão do Paraíso, e passar da condição de filho ao estado de inimigo de Deus e de ladrão. Converte-se em zeloso e vigilante guarda de si mesmo, pois a perda de tamanho bem ensinou-lhe que traz ele o tesouro celeste em um vaso frágil. *E minhas entranhas se comoveram à voz da oração de meus lábios.* As aspirações de seu coração colocaram-lhe nos lábios esta palavra. Por que geme ele ante seus desejos, seu anelo, diante do objeto de sua prece? Por que não provém ela do próprio impulso, mas foi pronunciada sob inspiração do espírito de Deus. Escutai o apóstolo Paulo: *Enviou Deus a nossos corações o Espírito de seu Filho que clama: Abba, Pai*⁹. Quando o profeta ouviu em seu coração a voz do Espírito Santo, maravilhou-se por tê-lo merecido, e suas entranhas se comoveram. E por isto acrescentava: *De meus membros apoderou-se o temor, e abandonaram-me as forças.* Que quer dizer isto? Significa que o homem, elevado tão alto pela graça, era muito inferior por sua própria natureza, e que a força terrena não podia suportar a força divina. Tremeu o Monte Sinai e cobriu-se de fumaça, quando desceu Deus para dar a lei. Que fará então a carne quando a visita Deus para comunicar-lhe a graça? Vem ele como Pai, porque não é o homem capaz de suportar a presença de Deus, nem o servo a do Senhor. E como permanece ele fiel às palavras que pronunciara: *Abre tua boca e eu a encherêi*¹⁰, não deixeis, ó fiéis, de abrir vossa boca que possa ele enchê-la desta prece: *Pai nosso que estais nos céus.* É ele que nos ensina a assim rezar; ele próprio nos incita, e no-lo ordena. Irmãos meus, caminhemos empós da graça que nos chama, da caridade que nos atrai, da bondade que nos convida, pois temos a Deus por Pai! Confesse-o nossa alma, anuncie-o nosso lábio, tudo em nós respire graça e não temor, já que sendo ele juiz se fez nosso pai, que deveja ser amado e não temido".

⁹) Gál 4, 6.¹⁰) Sl 80, 11.

Observa, ó cristão, em quanto apreciavam os santos a dita de serem filhos de Deus, e até que ponto admiravam tal dignidade. Dir-se-ia quase terem eles exagerado. Se examinares, porém, comigo o que nos diz a fé, reconhecerás que mal puderam compreender e ensinar toda a verdade. Segundo a natureza não somos filhos de Deus, mas, sim, servos, e os últimos de seus servos. Nossa posição é, de muito, inferior à dos anjos, que não passam, por sua vez, de servos de Deus. Somos, como eles, criaturas de Deus e obra de suas mãos; estamos-lhe sujeitos com tudo que temos, e a ele devemos servir e honrar como a nosso senhor e rei. Somos vassallos de seu grande reino. Se permaneceramos no estado de natureza, não seria Deus nosso Pai. Levando contudo em conta o nos ter dado ele a existência, bem como o cumular-nos de bens, preocupar-se conosco, tratar-nos não como um tirano, mas como bondoso e generoso senhor, bem poderíamos, em certo sentido, chamá-lo *nosso Pai*. Pela natureza, porém, não se dão entre Deus e nós, nem aproximadamente, as relações existentes entre um pai e um filho. Embora semelhante a ele por parte de nossa alma dotada de razão, não lhes somos todavia aparentados no sentido próprio, pois não nos gerou nem nos comunicou ainda sua própria natureza divina; apenas criou-nos, por um ato de sua vontade.

Somente o Verbo inciado, que com o Pai criou tudo que existe¹¹, pode ser chamado, em sentido próprio, *Filho de Deus*. Só este Filho é *uno* com o Pai, de quem recebe a natureza divina que possui. É o único verdadeiramente gerado pelo Pai: imagem de sua essência, selo de sua substância, espelho sem mancha de seu resplendor, expressão e verbo de seu conhecimento, dele procede como luz de luz, Deus de Deus, sendo Ele próprio Deus e único Deus com o Pai.

Que tem de comum este Filho com as obras de Deus, com estas pobres criaturas, por ele próprio tiradas do nada? Tanto está ele próximo do Pai, quanto afastadas as criaturas. Na mesma medida em que se assemelha ao Pai, de quem é a imagem perfeita, deste se diferenciam as criaturas, esboço impreciso e vago de sua imagem. Herdeiro do Pai, recebe em herança todas as suas riquezas, seu poder, sua sabedoria, sua ciência. É a criatura excluída de tal herança, pois não tem o servo os mesmos direitos que o filho da casa. O Verbo contempla o Pai face a face, é um com ele no amor mais íntimo e indizível, e a ele unido mediante o Espírito Santo como pelo vínculo de um abraço infável. A criatura deve manter-se a respeitável dis-

¹¹) Heb 1, 2.

tância; só pode e deve amar a seu Criador; como um bom servo ama a seu senhor; cumpre-lhe renunciar ao desejo de receber o ósculo dos lábios do Pai e ao terno abraço de filho.

Como ousaria chamar de *Pai* ao rei dos céus e da terra, com essa confiança, essa ingenuidade e ternura de que nos fala o Apóstolo? Como se atreverá um homem mortal a invocar com o nome de Pai o Rei imortal que habita uma luz inacessível? Como saudar com o nome de Pai aquele que é o Espírito puro e perfeito? Como poderá um cidadão da terra apresentar-se confiantemente diante deste Pai, em cuja presença se abismam os serafins no mais profundo respeito velando a face? Não creria ele atentar sacrilegamente contra os direitos e privilégios do Filho Unigênito, eternamente gerado no seio do Pai? Uma criatura tirada do nada, e que, por si, tornaria ao nada, se não a sustentasse a onipotência da divina vontade, ousaria colocar-se ao lado do Filho para partilhar com ele, no seio do Pai, de seu amor e de sua herança, para ser uma só coisa com o Pai, como o é o Filho?

Não temas, ó cristão; o impossível aos homens é possível para Deus; o que não poderíamos por nós mesmos pretender, no-lo concedeu a liberalidade de Deus. Não somos, por certo, filhos de Deus pela natureza, mas devemos chegar a sê-lo pela graça. Devemos assentar-nos ao lado do Filho por natureza, na *qualidade de filhos por adoção*; viremos a ser pela graça o que é ele por natureza.

Assemelha-se esta adoção à que se dá entre os homens. Adotam estes um filho alheio, muita vez na falta de um próprio, cercam-no dos mesmos afetos, conferem-lhe os mesmos direitos, como se tratasse de um filho próprio. Deus Pai estende até nós, pobres criaturas suas, o amor com que em seu seio distingue a seu eterno Filho. Como nos garante a Escritura, ama-nos ele, em seu Filho, com o mesmo amor a este dedicado¹⁴, no-lo dá como irmão, comunica-nos sua dignidade divina e concede-nos um direito à sua herança. O Filho de Deus, longe de permanecer só no seio do Pai, e de querer dominar-nos como a servos, empreende pessoalmente a grande tarefa de comprar-nos a vida de filhos de Deus, ao preço de seu sangue; *faz-se carne para dar aos que crêem nele o poder de tornarem-se filhos de Deus*¹⁵. Torna-se nosso irmão segundo a humanidade, para nos fazermos irmãos seus na divindade. Gloriosa-se de ser, não já o Filho Unigênito, mas, sim, o *Primogênito de uma multidão de ir-*

*mãos*¹⁶. Eis por que é ele o primeiro a informar-nos de que seu Pai é também nosso Pai. Ouvi suas palavras: *"Vou a meu Pai e vosso Pai"*¹⁷; e ensina-nos a rezar dizendo: *Pai nosso que estais nos céus*¹⁸; afirma-nos ter vindo a este mundo para comunicar-nos a vida que recebeu do Pai; roga, enfim, por nós ao Pai, para que sejamos um com ele, do mesmo modo que é ele um com o Pai¹⁹; quer igualmente sejamos co-herdeiros da glória que, na última ceia, pedira para sua humanidade, a glória que possuía desde o princípio dos tempos, desde que fora gerado como Verbo de sua boca e como reflexo de sua bem-aventurança no esplendor da santidade, antes de se manifestar a estrela da manhã²⁰.

Medita, pois, ó cristão, no imenso amor e inefável condescendência de teu Criador para contigo, que não quis ser teu Senhor e, sim, Pai, e te adotou como filho e irmão de seu Filho Unigênito. Diz S. Anselmo²¹: Se um poderoso rei da terra mandasse buscar o último de seus vassallos, um pobre homem despido e abandonado, cheio de enfermidades e feridas, consumido na mais espantosa miséria; se depois de tê-lo curado e coberto de púrpura o adotasse como filho, fazendo-o seu herdeiro e sucessor; se, finalmente, lhe confiasse a direção de seu reino, ordenando que todos lhe obedecessem como a um filho seu, quem poderia suficientemente admirar e compreender tão inesperada liberalidade? Por nossa natureza encontramos muito mais distantes de Deus do que este vassallo se acha de seu rei; a miséria de que nos arranca Deus é incomparavelmente mais impressionante do que aquela, e a glória com que nos premeia supera infinitamente a glória de um reino terrestre. O benefício de Deus é tanto maior, quanto de estranhos nos faz ele filhos seus.

Não pode constituir-nos sucessores, porque é eterno, e se perecesse ele, pereceríamos todos com ele. Mas, por isto mesmo, faz-nos participar de seu próprio domínio, e o que mais é, torna-se ele nossa herança e nosso reino²².

Deus, isto é, o sumo bem que inclui em si todos os outros, dá-se a nós. É ele próprio o objeto de sua felicidade; o mundo e todos os seus tesouros não poderiam oferecer-lhe uma felicidade que o satisfaça; do mesmo modo, só ele é digno daquele que adotou. Em contemplá-lo face a face, em possuí-lo e dele

¹⁴ Rom 8, 29.

¹⁵ Jo 17, 21 ss.

¹⁶ Cf. Sl 109, 3.

¹⁷ Eadmero, *Similit.* ex S. Anselmo, c. 66.

¹⁸ "Abraão, não temas; eu serei teu protetor e tua grandíssima recompensa" (Gn 15, 1).

¹⁹ Jo 20, 17.

²⁰ Mt 6, 9.

²¹ Cf. Jo 17, 23-26; Ef 1, 3-14.

²² Jo 1, 12.

gozar consiste a herança de seu Filho Único; assim também, dá o Pai a seus filhos adotivos o que de maior pode conceder-lhes, isto é, a si próprio, para que possam eternamente contemplá-lo num gozo jamais diminuído. Nossa herança é tão infinita quanto Deus e se confunde com a dignidade de filhos de Deus.

Não lhe bastou a seu paterno amor dar-se a nós; entregou-nos também seu Filho Unigênito para que nos comprasse tal herança com seu precioso sangue. A adoção usada entre os homens supõe algum mérito. Aos olhos de Deus não podemos nós apresentar título algum para fazer-nos filhos seus. *Quem é o homem — diz Job — para que o glorifiques e inclines teu coração (teu amor paterno) até ele?*²¹ Se empregássemos todas as forças de nosso corpo e de nossa alma, se por largos anos servíssemos a Deus, se praticássemos todo o bem imaginável, se suportássemos todos os males e todas as tribulações possíveis, se trabalhássemos sem descanso e sofréssemos até o fim do mundo, tudo isto não nos faria dignos de sermos adotados por Deus e de possuí-lo. E qual tem sido, na realidade, nosso proceder? Carregamo-nos de faltas e pecados, que, embora fôssemos filhos, nos tornariam indignos da herança e merecedores da maldição eterna. Foi mister dar-se-nos o Filho de Deus, sacrificar-se por nós para fazer-nos dignos da herança, por seus méritos e satisfações. Filho algum ou Pai algum mostrou jamais tanto amor, ao adotar um estranho por filho e por irmão? Que fazer para pagar a Nosso Senhor semelhante dedicação? "Volta a Deus que te ama a tal extremo — suplica-te S. Pedro Crisólogo; — consagra-te a honrar aquele que por ti se entregou à humilhação; reconhece como Pai aquele que, em seu amor, te gerou"²².

CAPÍTULO V

A ADOÇÃO DIVINA E A REGENERAÇÃO

Ao apresentar-se nossa filiação divina sob a forma de uma adoção, cumpre cuidar em não diminuir a perfeição e a intimidade de nossas relações para com Deus.

Se um pai adota a alguém, só lhe pode dar o nome e os direitos de filho, não pode gerá-lo de novo, nem comunicar-lhe sua própria vida, imprimir-lhe seus traços ou fazê-lo semelhante a si próprio. Ao contrário, o Pai Celeste, pelo amor que nos tem,

não apenas nos concede o poder de nos chamarmos filhos de Deus, mas também de o sermos. *Vede que amor nos teve Deus a ponto de nos chamarmos filhos de Deus e o sermos na realidade*¹. Falando de um modo geral, a graça divina não consiste apenas em nos demonstrar Deus sua benevolência, mas ainda em nos comunicar uma bondade e uma formosura sobrenaturais, pelas quais recebemos em nós o fruto desta benevolência e nos tornamos dignos dela. Devemos também afirmar que Deus, além de amar-nos como filhos, em seu Filho e por seu Filho, imprime em nós, realmente, a imagem deste Filho, e assim nos tornamos semelhantes a ele, para sermos, em verdade, filhos seus. *Aos que escolheu Deus (como filhos) — diz o Apóstolo — estes também destinou a serem semelhantes à imagem de seu filho, para que seja este o Primogênito de numerosos irmãos*². Quer ele nos revistamos de seu Filho Unigênito, lhe copiemos os traços, que sua glória brilhe em nós e transbordemos de sua vida divina. Tudo isto realiza ele ao adotar-nos em seu seio paterno, ao gerar-nos de novo, *pelo Espírito Santo, no banho da regeneração*³.

Ensina-nos Cristo, através de seu colóquio com Nicodemos, que aquele que nasce da carne é carne e não pode renascer segundo a carne; para tornar-se alguém espiritual e receber uma nova vida, há de renascer da água e do Espírito Santo⁴. Já o disse o Apóstolo S. Tiago: "*O Pai das luzes, de quem procede todo o bem excelso e toda a graça perfeita... gerou-nos livremente pelo Verbo da verdade*"⁵. E acrescenta S. Pedro: *Somos novamente gerados, não de uma semente corruptível, mas, sim, incorruptível, pela palavra de Deus que vive e permanece eternamente*⁶. Deus, pela regeneração, deposita em nossa natureza um germe que produz uma nova vida. *O que nasce de Deus não comete pecado, pois o germe de Deus permanece nele*, fala S. João⁷.

Depois do que dissemos, no primeiro livro, sobre a essência da graça, facilmente se explica tal regeneração. A geração é o ato pelo qual um pai comunica sua natureza ao filho. Deus gera seu Filho único, dando-lhe sua própria natureza e substância divina. Quando fala a Escritura que somos gerados por Deus, quer dizer que pela graça participamos de sua natureza; e reciprocamente, se na realidade participamos da natureza e da vida divinas, sobrenaturalmente nascemos de Deus. Recebe o Filho Unigênito do Pai esta natureza divina integral-

²¹) Job 7, 17.

²²) Serm. 70.

¹) 1 Jo 3, 1.

²) Rom 8, 29.

³) Tito 3, 5.

⁴) Jo 3, 4-6.

⁵) Tiago 1, 17-18.

⁶) 1 Ped 1, 23.

⁷) 1 Jo 3, 9.

mente, em toda a sua substância, ao passo que em nós se imprime ela como uma imagem. Possuímos uma substância, em nós, totalmente distinta da substância divina; como diz S. Atanásio⁸, *somos primeiramente criados, e, em seguida, gerados por Deus*, enquanto o Filho de Deus recebe sua existência unicamente pela geração, e guarda uma mesma substância com o Pai.

Como filhos de Deus, temos, entretanto, com ele relações muito mais íntimas que as existentes entre um filho e seu pai adotivo. Somos filhos de Deus, não só porque nos adotou e nos considera como filhos, mas ainda porque somos gerados e nascemos de seu seio, ao comunicar-nos ele sua vida e natureza divinas, ao encher-nos de seu Espírito. Somos mais que herdeiros, visto fundar-se nosso direito à herança em nossa regeneração, como no-lo diz S. Pedro: *Bendito seja Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, e para uma herança imortal, imaculada, imarcescível, herança que nos é reservada no Céu*⁹. Do filho adotivo faz Deus um homem novo, uma nova criatura, uma imitação da imagem de seu Filho; imprime-lhe a marca de seu próprio Espírito, selo de sua nova dignidade e penhor de sua herança.

Uma vez mais devemos ceder a palavra aos Padres; suas expressões dar-nos-ão a entender, de modo muito mais vivo e eficaz, a glória de nossa regeneração como filhos de Deus, e excitarão em nós os sentimentos de reconhecimento e de admiração que nos convém.

S. Gregório Nisseno, depois de descrever, por um lado, o vazio e a indigência humanas, e por outro, a elevação infinita e a glória da natureza divina, continua: "E não obstante, o homem que de nada vale no universo, que outra coisa não é senão pó e cinza, o homem foi unido a esta natureza divina, que não pode ser vista nem ouvida, nem tão pouco sondada pela razão; o homem foi adotado como filho pelo Deus de todas as coisas. Poderá haver reconhecimento adequado de semelhante benefício? Que palavra, que expressão, que pensamento será bastante forte para louvar esta graça sem par? Eleva-se o homem acima de sua própria natureza; de mortal faz-se imortal; de enfermo, perfeito; de temporal, eterno; em uma palavra, de homem se converte em Deus. Tendo recebido a honra da fi-

⁸) Or. 2, c. Arianos, n. 57.

⁹) 1 Ped 1, 3-4.

liação divina, receberá também a dignidade de seu Pai e se converterá em herdeiro de seus bens paternos"¹⁰.

Para S. Leão¹¹, é grande o mistério desta graça; este dom excede a todos os dons; Deus chama ao homem filho seu, e o homem chama a Deus seu Pai. Aqui está um nome que nos ensina qual deva ser nossa atitude. Em uma família humana, um mau procedimento desonra os filhos de pais nobres; a nobreza mesmo de seus antepassados humilha a tais filhos. Em que conceito se deverão ter então aqueles a quem o amor mundano fez rejeitar a participação na regeneração de Cristo? Se entre os homens a glória dos antepassados constitui a honra dos descendentes, calcule-se a glória de que serão credores os que trazem em si a imagem do Pai, os que nasceram de Deus e manifestam em si Aquele que nos gerou. Disse Nosso Senhor: *Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam estas vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus*¹². Deve a raça eleita e real portar-se com a dignidade exigida por sua regeneração; cumpra-lhe amar o que seu Pai ama. Deverá evitar que se veja o Senhor novamente obrigado a chorar como o fez por boca do profeta Isaías: *Creei e eduquei meus filhos, e eles me desprezaram; o boi reconhece seu senhor, e o burro aquele que o alimenta; Israel não me reconheceu; meu povo não me escutou*¹³.

"Quando dizemos: *Pai Nosso que estais no céu*" — prega S. Pedro Crisólogo — não queremos dizer que Deus não esteja na terra, mas antes, que nós, como filhos seus, estamos com ele no céu, visto fazermos parte de uma estirpe celeste, cujo Pai reina no céu e ter sido em nós depositada uma semente divina, que germinará para a vida eterna. Muito alto, na verdade, teve de se elevar a graça, para que se te permita, embora habitando este vale de lágrimas, esquecer a carne e a terra, e dizer: *Pai nosso que estais no céu*. Aquele que reconhece e crê ser filho de tão nobre Pai, corresponde com um modo de viver adequado a esta nobreza, e honra assim com seu procedimento ao Pai. É natural que, por seus sentimentos e ações, conserve o que obteve pela natureza divina".

"Pelo fato de sermos de uma raça divina, recebemos um nome divino; faz-se nosso o nome de Deus e o de seu Filho; por sermos filhos do Pai e irmãos de Cristo, chamamo-nos cristãos. Quando dizemos: *Santificado seja teu nome*, pedimos que o nome de Deus, santo em si mesmo, seja santificado e honrado em nós, os filhos de Deus, por meio de nossas ações; quando

¹⁰) De beatitudine, or. 7.

¹¹) Sermo 26; De nativ. Dom., 6, c. 4 e 3.

¹²) Mt 5, 16.

¹³) Is 1, 2.

¹⁴) Mt 6, 9.

fazemos o bem, é louvado o nome de nosso Pai; quando obramos o mal, é blasfemado seu nome: Ouvi o Apóstolo: *Por vossa causa o nome de Deus é blasfemado entre as nações*¹⁵. Esforçemo-nos por levar uma vida celeste, apropriando-nos as virtudes divinas. Que a imagem da divindade se manifeste em todo o nosso proceder. O Pai celeste cumulará de seus dons aos filhos que se mostrarem dignos de sua estirpe, mas precipitará na mais ignominiosa escravidão aos degenerados¹⁶.

O próprio Filho de Deus nos recorda a dignidade de nosso estado e de nossa vocação, quando fala: *Sede perfeitos como vosso Pai Celeste*¹⁷. Como filhos do Altíssimo, não contentes com uma perfeição humana, mas cônscios de nosso valor, devemos procurar imitar a Deus.

S. Agostinho cita estas palavras de um filósofo¹⁸: "É sumamente útil ao Estado que os homens fortes acreditem, embora erradamente, que descendem dos deuses; assim, confiado o espírito humano em sua ascendência divina, empreende ousadamente grandes obras, executa-as cuidadosamente e as termina com maior segurança". Consta que o célebre rei Alexandre, excitado pela mentira de Amom, ímpia em si mesma, pois lhe atribuía uma origem divina, se atreveu a empreender e levar até o fim grandes e difíceis façanhas, que encheram o mundo de admiração. Pode-se daí deduzir com que ardor devemos nós buscar a perfeição e fazer-nos semelhantes a Deus, pois nos coube em partilha pertencer a uma raça divina e celeste, não por mera ficção ou por influxo de uma mentira, mas realmente. Marchemos por este caminho, ainda quando seja mister trabalhar e sofrer por Deus.

Não abandoneis os nobres sentimentos de filhos de Deus, dizia a seus noviços um dos mais esclarecidos mestres espirituais, o bem-aventurado Baltasar Alvarez. Estas palavras inflamavam-lhes os jovens corações transformando-os em heróis. Pouco depois, tudo abandonando, despediam-se alguns deles de sua pátria, transportando-se ao Brasil, para anunciar aos índios desamparados o Evangelho. Não haviam ainda chegado a seu destino, quando os capturou um bando de hereges. Submetidos a cruéis suplicios, antes de morrerem, lembrou um deles aos companheiros a frase de seu mestre: "Não abandoneis os nobres sentimentos de filhos de Deus", e sofreram todos, alegremente, o seu martírio. Sejam estas formosas palavras nossa divisa tam-

bém. Recordemo-las uns aos outros, não as esquecendo quando perigar nossa dignidade ou se tratar de nos mostrarmos dignos de nosso Pai por algum ato de virtude.

Os sentimentos de filhos de Deus exigem, antes de tudo, nos elevemos acima do que é terreno e desprezemos o mundo inteiro. Se formos realmente filhos de Deus, Deus estará conosco: *e se Deus está conosco, quem será contra nós? Quem poderá separar-nos da caridade de Cristo? A tribulação, a angústia, a fome, a nudez, a perseguição, a espada? De tudo isto sairemos vitoriosos por aquele que nos amou*¹⁹. Com o Apóstolo estamos certos de *que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as dominações, nem as potestades, nem criatura alguma poderão separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor*²⁰. Descansemos tranquilos e seguros no seio de Deus onipotente; nenhum mal pode sobrevir-nos; todas as forças do inferno serão incapazes de fazer-nos mal.

Devemos desprezar o mundo porque pode prejudicar-nos, e menosprezá-lo mesmo, porque de nada pode servir-nos. O mundo inteiro, com todos os seus tesouros, não é digno dos filhos de Deus.

"Aquele que chegou a reconhecer que é filho de Deus — diz S. Cipriano — jamais admirará uma obra humana, pois desde o instante em que admire alguma coisa fora de Deus, decai de sua dignidade"²¹.

Aos filhos e herdeiros de Deus, não podem satisfazer nem os prazeres sensíveis, nem as honras mundanas. Tudo isto devem eles considerar como esterco, como nada, e como um peso, procurando levantar seus desejos para os bens celestes. A eles dirige-se a palavra do Apóstolo: *Buscai as coisas do alto, onde está Cristo, assentado à direita de seu Pai; amai o que está nos céus e não o que é da terra*²². Onde se acha Cristo se acha nossa Pátria, e devemos nós, irmãos seus, lá estar também.

Tenhamo-nos como estranhos neste mundo; caminhemos, como peregrinos, para a pátria celeste; nossa vida, segundo a exortação de S. Paulo, há de ser já alguma coisa do céu²³. Não permitamos se apegue nosso coração às coisas deste mundo e nele busque sua felicidade; gemamos e choremos por estarmos longe da presença de nosso Pai celeste, e não ainda completamente regenerados, nem podermos já gozar em seu seio da vida bem-aventurada.

¹⁵ Rom 2, 24.

¹⁶ *Comentários sobre a Oração Dominical*, serm. 67, 71, 72.

¹⁷ Mt 5, 48.

¹⁸ Este filósofo é Varrão. Cf. S. Agostinho, *De civit. Dei*, I, III, c. 4.

¹⁹ Rom 8, 31, 35, 37.

²⁰ Rom 8, 38-39.

²¹ *De spectac.*, c. 9.

²² Col 3, 1-2.

²³ Filip 3, 20.

Mas não nos tornemos pusilânimes por isto. O mesmo Espírito que nos regenerou e libertou da servidão do pecado, tirou-nos, pelo fato mesmo, da escravidão da carne, do sofrimento e da morte. Possuímos já o Espírito de nosso Pai, como penhor de nossa herança e de nossa futura glória; por ele permanecemos em Deus e Deus em nós. O mesmo Espírito que, em um inefável amor, une o Pai ao Filho e o Filho ao Pai, foi enviado aos nossos corações pela graça santificante, para ensinar-nos a balbuciar o nome do Pai, para inspirar-nos nele uma filial confiança, para dar-nos testemunho de seu amor, para consolar-nos em nossas misérias e unir-nos desde já a Deus, em um santo amor. Marca ele nossos corações com um selo, penhor de nossa vocação; unge-nos a alma com o óleo da alegria, para comunicar-lhe o resplendor de sua dignidade divina.

Não há, pois, motivo para afirmarmos dar-se entre nós e o Pai Celeste uma comunhão mais íntima que a existente entre um filho e seu Pai adotivo, e mesmo entre um filho e seu pai natural? Não se limitou nosso Pai celeste a fazer de nós filhos seus, mantém ainda intimamente em nós a vida divina mediante seu espírito; e de modo tão íntimo o faz, que poderíamos afirmar com toda a verdade viver ele em nós e nós nele. Não contente com se aproximar de nós de tempos a tempos, está ininterruptamente presente em nós por seu Espírito; nele, dá-nos o ósculo paterno, aperta-nos constantemente com abraço de pai.

Pela presença e ação do Espírito de Deus reconheceremos se somos na realidade filhos seus. Já o disse o Apóstolo: *os que são movidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*²⁴; e S. João: *Sabemos que Deus habita em nós, pelo Espírito que nos foi dado*²⁵.

O espírito de Deus é a caridade, o amor puro e vivo de Deus e dos homens é um fogo devorador que consome toda impureza. Guardamo-lo em nós, enquanto caminhamos na luz e como filhos da luz; enquanto nada fazemos que possa entristecê-lo e desagradar a Deus; enquanto não nos entregamos voluntariamente aos poderes das trevas, de que nos arrancou a divina graça.

Muito poderíamos ainda dizer sobre as maravilhas da adoção divina, firmados na Escritura e na doutrina dos Padres. Para terminar, atentemos às palavras de S. Leão, com que nos exorta a conservar com honra este tesouro, e a nos mostrarmos reconhecidos para com Deus. "Agradeçamos, pois, meus irmãos, a Deus Pai, por seu Filho, no Espírito Santo, porque

²⁴) Rom 8, 14.²⁵) 1 Jo 3, 24.

em razão do grande amor com que nos distinguiu, tem piedade de nós, e porque, estando nós mortos pelo pecado, nos vivificou em Cristo e por Cristo²⁶, para nele sermos uma nova criatura, uma obra nova. Despojemo-nos do homem velho com seus atos, e depois de nos termos tornado participantes da geração de Cristo, renunciemos às obras da carne. Reconhece, ó cristão, tua dignidade; guarda-te de decair e voltar a teu estado de baixeza anterior. Considera de que cabeça e de que corpo és membro. Recorda-te de como, arrancado ao poder das trevas, foste transportado à luz e ao reino de Deus. Pelo sacramento do Batismo te converteste em templo do Espírito Santo; evita expulsar tal hóspede com tuas palavras más e submeter-te novamente à escravidão do demônio; o sangue de Cristo serviu para teu resgate; aquele que te salvou com misericórdia, te julgará com justiça²⁷.

CAPÍTULO VI

O MARAVILHOSO ALIMENTO DOS FILHOS DE DEUS

"Deus que se deu a nós como Pai — diz S. Pedro Crisólogo — que nos adotou como filhos, nos legou seus bens, nos honrou com seu nome, nos fez participantes de sua glória e de seu reino, este mesmo Deus quer também que lhe peçamos o pão de cada dia. Que pão é este? O Pai celeste só pode referir-se ao pão celeste. Diz de si próprio o Filho de Deus: *Eu sou o pão que desci do céu*¹. E' o mesmo que germinou no seio da Virgem, foi amassado na carne, preparado no sofrimento, cozido no forno da sepultura, guardado nas igrejas, colocado aos altares, o celeste pão apresentado diariamente aos fiéis"².

De fato, a principal obrigação do Pai é alimentar seus filhos; e nesta alimentação se conhece o amor paterno. Onde a inteligência de um mortal, onde a perspicácia de um ser imortal — ó meu Deus! — capaz de medir tua liberalidade para com teus filhos? Não terias para alimentá-los outra coisa senão o santo corpo e o precioso sangue de teu filho? Oh! coração mais que paterno o de meu Deus! Amor que mãe alguma jamais sentiu! Como diz o Apóstolo, grande é a fortuna que nos coube,

²⁶) Ef 2, 4-5.²⁷) Serm. 21 (De nativ. Dom., 1), c. 3.¹) Jo 6, 51.²) Serm. 67.

ao sermos destinados a constituir o orgulho dos séculos e a beber no peito dos reis². Ignorava a natureza semelhante ternura e jamais conhecera coisa igual para os filhos de seu seio.

Na medida, porém, em que Deus excede aos homens, na medida em que os filhos de Deus a ele pertencem — isto é, de modo muito mais íntimo que os filhos dos homens pertencem a seus pais — nesta mesma medida convém que aos filhos de Deus se prepare um alimento, igualmente em consonância com a majestade do Pai e a nobreza dos filhos. Não quis o Pai impor limites a seu amor, quis antes repartir todos os tesouros de seu poder, dar a seus filhos o que há de mais precioso, isto é, dar-se a si próprio em eterno banquete. *Que faz a felicidade de Deus e que coisa constitui seu maior adereço, senão o bom trigo dos eleitos e o vinho das virgens?*³

Compararíamos o amor de Deus com o amor materno? Muitas mães, diz S. João Crisóstomo⁴, entregam seus filhos a outras mulheres para os alimentarem; e ainda aquelas que os alimentam por si mesmas, só lhes dão a beber o leite, que é como o supérfluo de seu sangue. Cristo, ao contrário, nos dá a beber todo o sangue de seu corpo e de seu coração; sangue brotado sob o influxo de seu amor e de suas torturas, que lhe oprimem o corpo como a prensa do lagar; e alimenta-nos com todo o seu corpo, para que, segundo o Salmista, a boca das crianças e dos lactentes anuncie seus louvores⁵.

Para ostentação de suas riquezas e generosidades, alguns opulentos romanos chegaram a ponto de misturar com os alimentos servidos no banquete uma quantidade de pedras preciosas; cada bocado dos convidados devia ser alguma coisa de mais precioso que todo um patrimônio. Ainda que valesse a magnificência de tal festim por todos os tesouros da terra, que seria tudo isto em comparação com o festim preparado por Deus para seus filhos? Nele, como diz S. Tomás, Deus se dá a si mesmo, com todos os bens criados: "Com o Espírito Santo, dá, o quanto pode, tudo que é e tudo que possui. Nada existe fora da natureza espiritual, da natureza corporal e da natureza divina. A natureza corporal abrange tudo quanto pode ser percebido pelos cinco sentidos; a espiritual inclui os anjos, as almas, as virtudes e os dons espirituais; a divina contém em si a perfeição de tudo. Na Eucaristia, Deus Pai nos dá o corpo e o sangue de seu Filho e, com este, o que há de melhor na substância corporal; dá-nos, além disto, a alma de seu Filho, cuja

²) Is 60, 15, 16.

³) Zac 9, 17.

⁴) Hom. 60 ad Populum Antioch.

⁵) Cf. Sl 8, 3.

graça e santidade superam a de todos os anjos e santos; dá-nos assim o melhor da substância espiritual; mais ainda, dá-nos toda a natureza divina"⁷. Com este incomparável leite mantém Deus a seus filhos; farta-os neste banquete; não poderia ele próprio conceder-lhes coisa alguma mais doce ou mais preciosa.

Podemos, da excelência de tal alimento, aferir quão elevado seja o valor da vida da graça por ele mantida e a grandeza da dignidade que nos faz ela merecer. O sangue divino de Cristo, absorvido por nós, é uma prova de que, depois da regeneração, o sangue da vida divina circula em nossa alma e, nos confere uma nobreza nova. Unir-se nosso corpo à substância do corpo de Cristo não pode deixar de ser uma garantia de que, na realidade, nos fizemos participantes da natureza divina. Se encontrassem em nós estas verdades uma fé viva, se as meditássemos com frequência, então haveríamos de apreciar a vida da graça que exige este alimento divino! Com que desejo, com que amor, com que devoção nos aproximariamos deste banquete celeste que nos faz participar da natureza de Deus, e nos enche da vida divina!

Nossa admiração e amor crescerão ainda mais se considerarmos o modo como foi este alimento preparado. Escolheu Deus o pão e o vinho, para deles fazer, mediante uma maravilhosa transformação, um alimento e uma bebida celestes. A substância do pão muda-se inteiramente no corpo, e a substância do vinho no sangue do Filho de Deus. Não significará isto que também nossa natureza, ao tomar este alimento e esta bebida, se transforma, pela graça, de modo maravilhoso e misterioso? Sem dúvida alguma. Com efeito, assim como o pão natural se converte prodigiosamente em pão celeste, do mesmo modo a graça que se nos dá neste sacramento deve transformar nossa natureza terrena em uma natureza celeste; sem destruir a substância de nossa natureza, deve fazê-la participar da natureza divina. Do mesmo modo que após a consagração, já não existe o pão, mas, sim, o corpo do Filho de Deus, igualmente, uma vez recebida a graça, não é justo considerarmo-nos mais como homens, sendo como somos, filhos de Deus.

Não podemos, é certo, contemplar com nossos olhos esta prodigiosa transformação. Permanece igualmente inteiramente oculta a nossos sentidos a transubstanciação do pão. Nossa transformação pela graça é invisível, pois se opera no mais profundo e íntimo de nossa alma. Os filhos de Deus são externamente como os demais homens, sujeitos aos mesmos sofrimentos e às

⁷) Opúsc. 63 (Parm. 56). *De beatit.*, c. 2, 3.

mesmas enfermidades; também neles, como diz o Apóstolo, parece o homem exterior; o interior, porém, renova-se cada dia; vai-se transformando pelo Espírito de Deus, enquanto dura a vida, até o momento em que uma glória e felicidade celestes revistam e inundem o homem todo⁹.

Não nos deixemos enganar por nossos sentidos; confessemos com fé as maravilhas que Deus opera em nossa alma pela graça. Chega seu poder até nós pela palavra do sacerdote no batismo e na absolvição, tão realmente como se tratasse do pão na Missa; este poder ajudar-nos-á a mudar nossa vida, de pecadora e carnal em santa e espiritual, e quebrará, além disto, todos os laços que nos prendem à terra e a nós próprios. Desta sorte, vivendo embora na carne, não viveremos segundo a carne, e assim, ainda entorpecidos pelo peso de nosso corpo, poderemos elevar-nos, livres e fortes, até ao céu.

A transubstanciação do pão e do vinho não é o único prodígio operado por Deus em benefício de seus filhos; a este seguiram-se inumeráveis outros, pelos quais suspende Deus, em favor dos seus, todas as leis da natureza e destrói todos os limites. Haverá algo de mais estupendo que ver intactas as espécies do pão e do vinho sem ali estarem suas substâncias? Que maravilha se compara a esta de vermos um só e mesmo corpo presente ao mesmo tempo em milhares de altares, em milhares de tabernáculos, em cada fragmento do pão, sem dividir-se o corpo? Não devemos concluir que a graça da adoção — visto em atenção a ela realizar Deus prodígios sem conta — é uma das mais formosas maravilhas de sua onipotência? Se, por causa da graça, altera Deus todas as leis impostas à natureza, não será justo envergonharmo-nos por não nos esforçarmos em destruir e dominar a lei do pecado que reina em nós, em não manter firmemente dentro da ordem as inclinações desordenadas que nos afastam de Deus, em não nos fazermos uma santa violência? Atrever-nos-emos a ter menos empenho em procurar a graça e em conservá-la, do que o tem Deus em não-la dispensar? Oh! Miséria, devida à nossa preguiça e à nossa ingratidão! Deus transpõe os limites de sua Providência ordinária para proporcionar-nos os meios mais adequados de obter-nos a graça, e nós timbramos em não abandonar o passo de nossa natureza lenta e preguiçosa! Como se quiséramos ridicularizar o amor de Deus, lançamo-nos loucamente nos braços de seu inimigo, que só maquina nossa perdição!

⁹) 2 Cor 4, 16-17.

Ó filhos de Deus, eu vo-lo peço, pelo corpo e o sangue de Cristo que recebeis: não sejam vossos sentimentos e vossos atos indignos de tão santo alimento; não vendais tão levemente uma vida sustentada por tão precioso alimento. Escutai antes, como verdadeiros filhos de Deus, a advertência de S. Pedro: *Como crianças recém-nascidas, desejemos, sem malícia, um leite espiritual*¹⁰. Sejam como crianças, na pureza de nossa vida, na simplicidade de nossos costumes, no desprendimento dos bens da terra; como as crianças ignoremos a astúcia do mundo, seus ardis, sua cólera, sua cobiça; sejamos zelosos, dóceis, atentos, como crianças que crescem até se fazerem adultos, e, separados do leite materno, se alimentam na mesa do pai.

O corpo e o sangue de seu Filho não são o melhor alimento que o Pai Celeste dá a seus filhos. No Santíssimo Sacramento, o Filho de Deus se nos dá, primeiramente em sua Humanidade, porque somos mui pequenos ainda para possuí-lo em sua divindade; uma vez, porém, que nos tornamos filhos perfeitos de Deus, faz-se ele também, em sua divindade, nosso alimento e nossa bebida. Entregava-se antes em forma de leite; agora se nos oferece como pão integral da vida eterna. Diz S. Agostinho: "Assim como a mãe, em seu seio, transforma em leite o pão que seus filhinhos não podem ainda comer, conseguindo destarte que se alimentem, cresçam e se fortaleçam, do mesmo modo o Verbo de Deus é o pão dos bem-aventurados, desce à terra revestido de sua humanidade, para se dar a nós como leite celeste, visto sermos os recém-nascidos do Pai"¹¹. O Sacramento do altar, excelente como é, não é mais que um antegoço e uma preparação ao alimento que Deus Pai nos reserva no céu. Saciá-nos-emos do Filho de Deus em sua glória, fortalecer-nos-emos na força de sua natureza divina, alimentados pela luz de seu esplendor, saciados no rio de seu amor e de sua felicidade celeste. Como este alimento não se transforma na substância dos que o tomam, mas antes, os transforma em sua substância, fazendo-os participantes de sua natureza, o Filho de Deus unir-se-á a nós estreitamente, gozaremos de uma vida verdadeiramente divina; segundo sua promessa, viveremos dele e nele, como vive ele do Pai"¹².

O Filho de Deus é, pois, o alimento da vida eterna para os filhos adotivos de Deus, já para os pequeninos desta terra, já para os adolescentes do céu. Para os primeiros, é alimento por sua carne, no seio de sua Mãe; para os segundos, por sua

¹⁰) 1 Ped 2, 2.

¹¹) In Ps. 30, enarr. 2, n. 9; cf. In Ps. 119, 120, n. 12, 130, n. 9.

¹²) Jo 6, 57.

divindade, no seio de seu Pai; a menos que preferamos dizer que no céu reparte ele com os irmãos, por ele adquiridos, o alimento que ele mesmo recebe de toda eternidade, ou então, que, segundo sua palavra, os sacia no banquete para ele preparado por seu Pai¹². Seu alimento é a divindade, a essência infinita do Pai, o que este possui de mais íntimo e de maior, sua própria vida. Ao recebê-la, o Filho se assemelha ao Pai; ao contemplá-la imediatamente, participa, com o Pai, da mais intensa felicidade. Como irmãos do Unigênito de Deus, somos igualmente admitidos ao gozo imediato, íntimo, inefável da essência divina; sua felicidade se faz nossa; a fome e a sede dos filhos de Deus não podem satisfazer-se com outra coisa senão o próprio Deus.

S. Francisco de Sales propõe-nos uma belíssima explicação deste mistério: "Quando olhamos alguma coisa, não se une esta ao nosso olho, mas só a imagem nele refletida está presente. Igualmente, quando nosso espírito conhece uma coisa, não se une o objeto de nosso conhecimento, imediatamente, à nossa faculdade intelectual; mas, sim, mediante uma impressão espiritual ou representação, chamada imagem intelectual. No Céu, porém — e como é grande esta graça, Senhor! — a divindade mesma une-se a nosso entendimento, sem imagem ou representação intermediária; une-se à nossa inteligência e nela penetra; faz-se de tal forma presente que substitui a representação ou imagem. Deus Santo! Que satisfação para o espírito humano estar unido para sempre a seu objeto supremo! Tal a união que gozaremos; não se trata de uma imagem e, sim, de sua real presença; não de um reflexo, mas da verdade e da majestade divina em pessoa.

Filhos da divindade, sentir-nos-emos excessivamente felizes, pois teremos a honra de nos alimentarmos com a própria substância divina, que entrará em nossa alma, pela boca de nossa inteligência. É — coisa que excede a toda doçura — assim como as mães não se contentam com alimentar a seus filhinhos com o leite que forma parte de sua substância, mas têm que introduzir o seio em seus lábios, do mesmo modo, Deus, nosso Pai, não se contentará com deixar-nos ver sua divindade, mas por um abismo de amor, depositará sua substância em nosso entendimento, para que a possamos ver, não em uma imagem ou representação, mas em si mesma e por si mesma, de sorte que sua substância paterna e eterna servirá, a um tempo, de imagem e objeto de nossa inteligência. Então realizar-se-ão inte-

¹²) Lc 22, 29-30.

gralmente as seguintes promessas divinas: *Amamentá-lo-ei, levá-lo-ei à solidão e falarei a seu coração*¹³. *Alegrai-vos com Jerusalém, para que sejais amamentados e cheios do peito da consolação, e saboreis com prazer a plenitude de sua glória...* *Sereis amamentados, carregados ao seio, acariciados sobre os joelhos*¹⁴.

"E" esta uma ventura infinita, não somente prometida, mas ainda cuja garantia nos foi dada no Santíssimo Sacramento da Eucaristia, perpétuo banquete da graça divina. Nele, o sangue do Senhor está em sua carne, e a carne em seu sangue, pois seu sangue nos é dado por sua carne; recebemos sua substância em nossa boca corporal, para nos certificarmos de que um dia nos comunicará no banquete eterno da glória sua substância divina. E' este um favor aqui na terra realmente concedido, porém ocultamente sob as espécies sacramentais; no céu a Divindade se nos dará abertamente e vê-la-emos face à face como é em si"¹⁵.

Segundo estas belas palavras de S. Francisco de Sales, tão intimamente se une a natureza divina e a nossa alma, por meio da graça, como se unem a nosso corpo o alimento material e o corpo de Cristo no sacramento do altar. A natureza divina é para nós um alimento espiritual, e por isso mesmo, um verdadeiro e perfeito alimento; contribui para a vida eterna de nossa alma, muito mais que o pão material para a vida de nosso corpo. E' ela, realmente, "pão super-substancial" que Nosso Senhor nos ensinou a pedir¹⁶. E' alimento que contém a medula da vida divina, bebida que nos enche da plenitude da doçura divina. Alimento porque nos torna verdadeiramente fortes e grandes, bebida porque nos submerge na felicidade de Deus.

Maravilhoso pão celestial, pão divino destinado e prometido por Deus a seus filhos pela graça! Se dele não eram dignos os arcanjos, que dizer dos homens materiais e sensuais! Qual não é, Senhor, a dignidade que nos conferiste pela graça e que merecemos por este pão! Continua dando-nos a graça, para que, conscientes desta dignidade celeste, não desejemos outro pão que não sejas tu; dele nutrir-nos-emos em teu seio por toda a eternidade. Digamos com S. Boaventura: "Faze, Senhor, que continuamente tenhamos sede de ti, alimento dos anjos, consolador das almas santas, nosso pão sobrenatural de cada dia, perfeito sabor e gozo. Oh! tu, a quem desejam os anjos ver, faze que meu coração tenha sempre fome de ti e em ti coloque sua felicidade;

¹³) Os 2, 14.

¹⁴) Is 66, 10-12.

¹⁵) *Tratado do Amor de Deus*, I, III, c. II.

¹⁶) Mt 6, 11.

que minha alma se encha da doçura deste alimento celestial; que tenha sempre sede de ti, fonte de vida eterna, fonte de luz eterna, rio de felicidade e abundância da casa de Deus".

CAPITULO VII

ESTABELECEM-SE, PELA GRAÇA, ENTRE NÓS E DEUS, LAÇOS DE VERDADEIRA AMIZADE.

Tão elevada é a filiação divina que dificilmente podemos imaginar relação mais íntima entre Deus e nós. Mas a graça acrescenta ainda o privilégio especial de tornar-nos verdadeiros amigos de Deus.

Entre os homens, nem sempre gozam os filhos da amizade paterna; podem ofendê-la gravemente, sem por isso deixarem de ser filhos. A graça divina, ao contrário, de tal forma nos fez filhos de Deus, que enquanto dura esta filiação, enquanto somos filhos de Deus, somos também seus amigos. A relação entre filhos e pais inclui sempre uma nítida subordinação daqueles para com estes, principalmente quando se trata de filhos adotivos; a consequência de tal fato é o temor reverencial para com o pai, que não permite relações inteiramente livres e confidenciais com ele. A graça, ao contrário, aproxima-nos de Deus, de tal forma que conversamos com ele, já não apenas com o respeito dos filhos, mas ainda com a liberdade e confiança do amigo¹. Eis por que dizíamos que a filiação divina recebe o privilégio especial da amizade de Deus.

A adoção divina já nos eleva infinitamente acima da condição do servo, ao fazer desaparecer a relação de inferioridade e a excessiva distância que nos separa de Deus; a ela devemos nossa condição livre e certa igualdade com Deus. A amizade divina opera isto de modo mais completo e decisivo.

Sobre esta amizade fala-nos Nosso Senhor em pessoa, quando põe claramente a amizade por ele dispensada às relações do servo: *Daqui por diante já não vos chamarei servos e sim, amigos*². Que há de maior — observa S. Cirilo de Alexandria — que há de mais belo do que ser amigo de Cristo, e ser chamado com este nome? Excede tal dignidade aos limites da natureza humana. Como diz o Salmista, todas as coisas servem ao

Criador; nada existe que seja submisso ao jugo da escravidão. E' nestas circunstâncias que o Senhor eleva seus servos, que guardam seus mandamentos, a uma glória sobrenatural; já não os chama servos, mas amigos, e os trata como tais³.

Que liberalidade para com seus inúteis servos! E' como se fora, para nós, pequeno favor podermos servir ao Senhor em seu palácio real, como trabalhadores e domésticos, quando já seria grandíssima honra poder servir a um dos seus anjos!...

Admira a condescendência de Deus, ó alma cristã. Eleva-te ele acima das criaturas privadas de razão, da terra e de tudo nela contido. Já que reinavas sobre os animais, não seria conveniente servires aos serafins? Mas nem mesmo este peso te quis impor o bom Deus. Somente Deus é teu Senhor; somente a ele deves submeter-te com todas as tuas forças. Nem por isto entretanto quer ele olhar-te como servo, mas deseja fazer de ti um amigo. Deu-te seu próprio espírito, esse espírito, do qual diz o Apóstolo: *Onde se acha o Espírito do Senhor, aí se acha a liberdade*⁴. Nossa liberdade é verdadeiramente santa e inefável, quando deixamos de ser servos, para contar-nos entre os amigos do Senhor de todas as criaturas, quando vemos vir até nós o Deus onipotente com a ternura de um amigo, como se fôramos seus semelhantes, como se tivéramos o direito de dele nos aproximarmos com a liberdade e a confiança de um amigo. Com muita razão exclamava S. Gregório Magno: "Oh! imensa misericórdia de Nosso Criador: Não éramos dignos de ser considerados servos seus, e eis que somos chamados seus amigos"⁵.

Tem-se em grande honra o poder servir a um rei na terra. Incomparavelmente mais belo é servir a Deus, Rei dos reis, do que ser rei e dominar um vasto império. Eis um motivo a mais para apreciarmos a amizade de Deus, que a ele nos une com amor e confiança tão íntimos. Quanto não deveremos então estimar a graça, que nos prepara a esta amizade!

A graça não concede apenas a *liberdade* necessária para chegarmos a ser amigos de Deus, mas dá ainda outra condição exigida pela amizade, a *igualdade* com o amigo.

A verdadeira amizade busca os semelhantes ou os faz, diz um antigo provérbio. A intimidade especial e o amor existentes entre os verdadeiros amigos, supõem a igualdade de condição, ou, se houvesse alguma desigualdade, a nivelam. Até certo ponto, um amigo é um outro eu de seu amigo; cada um honra e ama

¹) S. Tomás, II-II, q. 23.

²) Jo 15, 15.

³) *Comment. in Joann.*, I. X (c. XV, 14).

⁴) 2 Cor 3, 17.

⁵) *In Evang.*, I. II, hom. 26, n. 4.

a seu amigo como a si próprio, e deseja igualmente que os outros o honrem.

Na ordem natural, Deus nos ama como as criaturas e servos seus. A distância entre ele e nós é infinita, grande demais para que possamos chamar-nos amigos seus... Nem mesmo os filósofos pagãos, que afirmaram não ser a alma humana senão uma emanção, uma partícula da substância divina, ousavam afirmar fosse possível entre Deus e os homens uma verdadeira amizade⁴.

Sómente pela graça, se assemelha o homem a Deus, de forma tal que se encurta a distância e já não mais parece a amizade divina indigna dele. Tinha o Rei salmista esta glória diante do olhos, quando cantava: *Oh! Deus, teus amigos, são por demais honrados; sua dignidade real foi por demais exaltada*⁵. A graça coloca-nos sobre a égide de uma dignidade divina, no mesmo plano de Deus. A ela devemos o desaparecer da distância infinita entre ele e nós, e participarmos da natureza divina, o trazerem em nós a imagem de Deus, o fazermos parte da estirpe divina, e o sermos dignos de sua amizade. De tal forma a graça glorifica nossa natureza e a une a Deus, que vem ele, de certo modo, encontrar-se a si mesmo em nós, e nos dedica o amor que tem a si próprio. Nascido na miséria e na impureza, é o homem, pela graça, elevado acima do próprio céu e abraçado por Deus como verdadeiro amigo.

Mal poderíamos acreditar, se não houvesse Deus provado, por um ato maravilhoso, o apreço em que tem nossa amizade, e até que ponto a deseja perfeita. Para demonstrar-nos que deseja, na medida do possível, participemos nós de sua glória como participa ele, fez-se semelhante a nós; apresentou-se como um de nós, por longos anos viveu entre nós, e chamou-se, de preferência, Filho do Homem. Tomou sobre si todos os sofrimentos e misérias de nossa natureza, para compartilhá-los conosco. Se tanto se abaixou por amor aos homens, outro tanto nos fará subir, para receber-nos em sua casa, a fim de desfrutarmos de sua glória e felicidade.

Seríamos imensamente insensatos e ingratos se nos atrevêssemos a desprezar ou repelir a amizade do Rei dos reis. Teria o mundo por louco quem não aceitasse o convite de um monarca que lhe oferecesse sua amizade, pois é sabido serem os homens capazes de suportar imensas provações, passar por dificuldades e sacrifícios sem conta, a fim de conseguir seme-

⁴) Aristóteles, *Magna Moralia*, 2, 11, 6.

⁵) Sl 138, 17.

lhante amizade. Acontece, nesses casos, haver, frequentemente, poucas esperanças de êxito; ainda quando obtida, é tal amizade inconstante, um pequeno tropeço imprevisto a joga por terra; pelo menos, desaparece com a morte. Deus, ao contrário, toma a iniciativa de oferecer-nos sua amizade; apenas cumpremos esforçar-nos, uma vez conseguida, para possuí-la eternamente.

Lembra S. Agostinho, em suas *Confissões*⁶, uma história que lhe contara certa testemunha ocular, e que não pouco contribuiu para sua conversão. Dois amigos da corte do César romano, residente em Tréveris, ansiosos do favor e da amizade deste, haviam-se retirado um dia a uma hospedaria. Encontraram sobre a mesa a vida de S. Antônio Abade. Tomou-a um deles, leu-a, e comovido falou a seu companheiro: "Dizei-me, eu to suplico: aonde pretendemos chegar com tanto sacrifício? Que estamos buscando? Que fazemos no exército? Podemos acaso, neste palácio, conseguir alguma coisa que supere o amor e a amizade do imperador? E mesmo isto não é coisa frágil, cheia de reveses? Por quantos perigos não nos cumpre passar para chegarmos a este perigo maior? E quando chegaremos ao fim? Vê este contraste: se quiser ser amigo de Deus, poderei consegui-lo neste mesmo instante". Este discurso pronunciado em um tom persuasivo, tal impressão produziu no companheiro, que imediatamente, de comum acordo, tomaram a resolução de abandonar a corte e retirar-se ao deserto, para ali buscarem a amizade do mais ilustre dos Senhores. Sigamos este exemplo; se não os imitamos em abandonar o mundo, ao menos esforcemo-nos por manter a amizade divina, antes que a do mundo e a dos homens.

De acordo com a lei fundamental da verdadeira amizade, procuremos unir-nos a Deus como ele se une a nós, e a ele nos assemelharmos, como ele se fez semelhante a nós. Se tão intimamente se uniu a nós, foi com a intenção de que participássemos, como seus verdadeiros amigos, de seus sentimentos, de sua vontade, seu amor e pensamentos. Disse-o um filósofo pagão: "Querer e não querer ao mesmo tempo, nisto consiste a verdadeira amizade"⁷. Não querer senão o que Deus quer, não amar senão o que ele ama, eis a que devemos aspirar; de nenhum outro modo podemos corresponder a seu amor, porquanto não podemos elevá-lo ou enriquecê-lo como fez ele conosco.

Constitui a amizade uma das mais profundas necessidades, um dos maiores bens do coração humano; seu desejo e felicidade consistem em amar e ser amado. Sente-se ele tão só, tão

⁶) Liv. VIII, c. 6, 15.

⁷) Salústio, *Catil.*, 20.

desditoso e abandonado, que precisa unir-se e confiar-se outro coração. Não encontra descanso enquanto não acha uma pessoa que compartilhe seus sentimentos, se compadeça de suas penas, e a ele se una de tal forma, que pareçam seus corações moverem-se ao impulso de uma única palpação.

Julgar-nos-íamos felizes com encontrar semelhante amigo; afirma-o a própria Escritura: "*Feliz daquele que encontrou um verdadeiro amigo*"¹⁰.

Nunca conseguimos entretanto um descanso perfeito. Por nobre, bom e amável que seja o coração de outro homem, não deixa de ser pobre, pois, a seu turno, busca em nós outros seu consolo e felicidade. Por mais intimamente que se possam unir dois corações, sustentando-se mutuamente, são contudo por demais limitados para se compenetrarem totalmente, demasiado fracos para se sustentarem, um ao outro, contra todas as vicissitudes. Como avaliar a ventura que nos encheria, se encontrássemos um coração infinitamente nobre e bom, capaz ao mesmo tempo de penetrar até à última fibra de nosso coração, de fazer-se uma só coisa conosco, de dar-nos, juntamente consigo, tudo que possamos desejar?

Ó cristão, encontras, em teu Deus e Senhor, um coração assim, quando a ele te unes pela graça. Tanto se aproxima do teu o seu divino coração, que o penetra inteiramente, e o enche de sua santa presença; ambos, animados por uma só alma e um só espírito, fundem-se em um só coração. Este coração é o bem supremo e infinito, o bem que em si encerra todo o bem e toda a felicidade. Quanto de amável e terno existe em todos os corações, no céu e na terra, concentra-se neste coração, e ainda mais, em grau infinitamente superior. A ele somente se podem aplicar em pleno sentido as palavras que a S. Escritura atribui a um bom amigo: *Um amigo fiel é um sustentáculo poderoso; quem o encontrar, creia que encontrou um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel; nenhum peso de ouro ou prata equivale ao valor de sua fidelidade: Um amigo fiel é um remédio de vida e de imortalidade*¹¹.

Deus é um amigo, não apenas presente de tempos a tempos, mas em todo o tempo, enquanto o não deixares; amigo habitando continuamente em teu coração; amigo a que não precisas manifestar com palavras teus sentimentos, pois conhece e sente cada uma de tuas palpações, nada ignora do que em ti se passa e te conhece melhor do que tu mesmo. Sabe teu amor, teus desejos e sentimentos. Amigo sem o menor defeito, e enriquecido

¹⁰ Ecl. 25, 12.

¹¹ Ibid., 6, 14-16.

de todas as perfeições; quanto mais tiveres experimentado de sua intimidade, tanto mais agradável te será ela. *Sua companhia não causa amarguras: sua frequência não produz tédio*¹².

Estimarás tão pouco a este amigo único e a sua amizade portadora da graça, que preferirás recorrer antes a outros amigos? Será possível não queres unir-te a este amigo único, cujas delicias consistem em estar com os filhos dos homens? Não lhe darás teu coração, como te deu ele o seu? Enfastia-te a sua amizade e chegas a preferir a do mundo? Dir-te-ei ingrato para com ele? Não; mas, antes, cruel para contigo mesmo.

Escuta com atenção o que diz o bem-aventurado Tomás de Kempis:

"Que te pode dar todo o mundo sem Jesus?

Viver sem Jesus é duro inferno; estar com Jesus é doce paraíso.

Se Jesus está contigo, inimigo algum pode fazer-te mal.

Aquele que encontra a Jesus, encontra um rico tesouro; melhor: acha um bem acima de todos os bens.

Aquele que perde a Jesus, perde muito mais que todo o mundo.

Mui pobre é aquele que vive sem Jesus, e riquíssimo aquele que está com Jesus.

Grande arte é saber falar com Jesus, e grande prudência saber possuir a Jesus.

Podes sem demora expulsar a Jesus de ti e perder sua graça, se te inclinares às coisas exteriores.

Se afastas de ti Jesus, e o perdes e abandonas, para onde irás? A quem buscarás para amigo?

Sem amigo, não podes viver bem, e se Jesus não for o teu especial amigo, muito triste e desconsolado te sentirás.

Agas imprudentemente se em outro te confias e com ele te alegras.

Preferível é ter contra ti o mundo inteiro a ofender a Jesus.

Seja ele, pois, mais querido por ti, que qualquer outro objeto amado"¹³.

Desgraçado de ti, na verdade, se, covardemente, recusares a amizade de Deus. Semelhante ingratidão transformaria este terno amigo no mais duro inimigo¹⁴. Quanto era intenso seu amor para contigo, tanto será terrível seu ódio. *Ele derrama*

¹² Sab 8, 16.

¹³ Imitação, I, II, c. 8, 2 e 3.

¹⁴ O ódio entre parentes é o mais terrível, já o dizia Tácito (Hist. 4, 70).

seu aborrecimento, na medida de sua misericórdia¹⁵, diz a Escritura. Um amigo, quanto mais sincero e verdadeiro, tanto mais desejável é; e tanto mais a temer é o inimigo, quanto mais decidido e certo. Assim como a amizade divina sobrepuja a de todos os homens juntos, do mesmo modo é sua cólera mais terrível do que a de todos os homens juntos.

Imagina um homem a quem todos perseguissem e odiassem com ódio de morte, a quem pessoa alguma quisesse ver ou ouvir, a quem a humanidade toda repelisse, como objeto de execração, que andasse errante como um possesso, como um Caim fraticida, que não se atrevesse a aproximar-se de ninguém, temendo ser torturado e morto do modo mais cruel! Crês pudesse tal homem alimentar-se e dormir em paz, viver nesta angústia, e não preferisse, em seu desespero, a morte a tão horrível vida? Muito mais infeliz é quem tem a Deus por inimigo, pois lhe pende, ininterruptamente, sobre a cabeça, a espada do poderoso e rigoroso juiz, ao qual não pode subtrair-se. Em outros casos, pode-se esperar a morte como termo de uma triste situação; neste, porém, tratando-se de Deus, não se obtém com a morte outra coisa senão entregar-se definitivamente nas mãos do inimigo. Dize-me, pecador: Como podes alegrar-te, como te sentires feliz, na perspectiva de teu terrível inimigo?

Contemplemos agora um homem amado e venerado de todos, a quem se prodigalizam os mais afetuosos cumprimentos, os favores e prêmios mais seletos, a quem se prestam, com emulação, todos os obséquios e atenções possíveis. Indubitavelmente, proclamá-lo-íamos como o mais ditoso dos homens, e lhe invejariamos a sorte. Tal felicidade não se compara entretanto com a que desfrutará este homem, se tiver ele a ventura de possuir a Deus por amigo, a Deus, cujo amor infinito supera o amor de todos os anjos e de todos os homens, a Deus que cumula seus amigos de todos os benefícios de seu poder.

Se se tratasse de escolher entre a amizade ou a inimizade de todos os homens, ninguém hesitaria em procurar, a qualquer preço, a feliz sorte da primeira, e evitariam todos a desgraça da segunda. Como se explica, então, sermos tão tardos em preferir a amizade de Deus à sua inimizade, em tudo sacrificar por ela? Se a perdemos, entregamo-nos à escravidão do demônio, em cujas mãos expiaremos, por toda a eternidade, o crime de termos desprezado a amizade divina.

A amizade de Deus distingue-se da humana, em ser mais pura e mais nobre, e por conseguinte, mais verdadeira e pre-

¹⁵) *Effundens iram secundum misericordiam* (Eccl 10, 12-13).

ciosa; distingue-se, sobretudo, em ser mais desinteressada. Ainda quando não amamos o amigo, pela utilidade que dele nos provém, mas, sim, por ele próprio, não se exclui contudo o poder ele auxiliar-nos. O mínimo que se espera de seu amor recíproco é o consolo; experimentamos a necessidade de ser amados. Deus, ao contrário, para coisa alguma precisa de nossa amizade, pois sendo, como é, infinitamente feliz, não podemos fazer-lhe benefício algum, nem lhe aumentar a felicidade. Nem mesmo necessita do amor que nos pede em troca, já que não pode, com ele, ser mais feliz do que é. Este amor, com tudo o mais que nos concede para fazer-nos amigos seus, só serve para nos tornar mais felizes. Somente nós aproveitamos desta amizade, porquanto Deus se gloria e se compraz apenas em nos ter transformado em amigos seus e nos feito felizes.

Dirás entretanto: Como! Não fez Deus tudo para si mesmo, sem excluir seus amigos desta finalidade? É certo que te ama ele para si próprio; somente deste modo poderia amar-te verdadeira e perfeitamente. Ou desejarias que ele te amasse por ti próprio? Em tal caso, não poderia seu amor ser grande, divino, infinito, pois por ti mesmo não és infinito, e nem, portanto, objeto de um amor infinito. Deus te ama por causa de sua própria bondade infinita que em ti brilha pela graça, de modo maravilhoso; porque se ama ele a si mesmo em ti, ama a ti em si próprio; ama pelo que há em ti de mais íntimo e grandioso, isto é, por sua natureza divina a ti comunicada pela graça. Por isto, seu amor para contigo é tão íntimo, tão intenso, tão infinito. Este amor é tanto mais verdadeiro e sincero, quanto te ama Deus, não por ti mesmo, mas por ele próprio. Deves alegrar-te e congratular-te com isto; ao menos deve ser tal teu ardente desejo.

De todo o coração te recomendo a este amigo tão desinteressado. Não temas; nada te subtrairá ele para fins egoístas, somente para enriquecer-te e fazer-te feliz se fez ele teu amigo¹⁶. Sê, por tua vez, desinteressado para com ele, amando-o como te ama; ama a ti mesmo unicamente nele; entrega-te totalmente a ele, como se entregou a ti. Já que te deu sua graça e benevolência, paga-lhe com o tributo a sua honra e glória. Tornar-se-ão, desta sorte, mais fortes os laços da santa amizade que a ele te unem; para tua glória e felicidade, serás digno de conservá-los por toda a eternidade; depois de te teres unido na terra a teu Amigo divino pelo amor, a ele te unirás inseparavelmente no céu pela glória.

¹⁶) S. Tomás, I, q. 20, a. 2.

CAPITULO VIII

DO AMOR INEFAVEL QUE NOS TEM DEUS QUANDO ESTAMOS EM ESTADO DE GRAÇA

Tão suave, profundo e inesgotável é o mistério do amor que nos dispensa Deus ao elevar-nos, pela graça, à categoria de filhos e amigos seus, que cumpre dedicar-lhe ainda nossa atenção.

*Quem é o homem, para que o glorifiques e inclines até ele teu coração?*¹ Não não é dado repetir suficientemente estas palavras na presente meditação. "Quem é o homem?" — pergunta S. Bernardo, comentando-as: "Símbolo da vaidade e do nada: é nada. Como pode ser nada, quem foi, a tal extremo, honrado por Deus? Irmãos meus, aumentemos nossa confiança. Ainda quando vazio nosso coração, pode ser que no coração de Deus encontremos oculta alguma coisa de nós mesmos. Oh! Pai de misericórdia! Deus dos pobres! Inclinas até nós teu coração? São palavras tuas: *Onde está teu tesouro, estará também teu coração*²; não seremos teu tesouro, já que se encontra em nós teu coração?"³ Assim se expressa S. Bernardo. Com efeito, nada há em nossa natureza que possa merecer a condescendência divina. Não podemos ser para Deus um tesouro, senão tendo recebido de seu coração o tesouro da graça. Embora em vasos frágeis, trazemos, é certo, este tesouro em nós. Não de ser grandes a beleza e o esplendor da graça, para atraírem assim o coração de Deus, para terem merecido um amor, não geral, mas particularíssimo.

Há amor e amor. Pode a mesma pessoa amar de modos diversos — e sinceramente — a outra pessoa com amor ordinário e geral, com amor todo especial, com amor que arranca o coração daquele que ama e o submete ao objeto amado. Neste último amor, denominado êxtase, o célebre doutor espiritual, Ricardo de S. Vitor⁴, distingue quatro graus; no primeiro o coração não é senhor de seu amor; no segundo, não o pode esquecer; no terceiro, não encontra satisfação em outra coisa; no quarto, finalmente, não consegue contentar-se com a grandeza de seu amor. Chama o amor do primeiro grau *insuperável* porque nenhum outro afeto o pode suplantar; ao do segundo, denomina *inseparável*, porque de tal modo está preso à memória que não se pode afastar; ao do terceiro, diz *exclusivo*, porque

¹) Job 7, 17.

²) Mt 6, 21.

³) *In dedicat. Ecclesiae, Sermo 5, n. 3, 4.*

⁴) *De gradibus charitatis, c. 1-4.*

não admite partilhas; ao do quarto, classifica de *insaciável*, porque coisa alguma o pode saciar.

Não há por que estranhar possa o homem ser transportado a este amor de êxtase em seu Deus, o Bem Supremo, no qual encontra ele sua mais alta felicidade. Que se deixe Deus, porém, atrair por semelhante amor até ao homem, por ele criado com uma palavra de seus lábios, formado por ele, do limo da terra, isto, sim, é impossível, a não ser que, por sua graça, nele implante Deus algo de tão precioso e maravilhoso, que seu inefável resplendor o encante e o transporte ao mais intenso amor.

Com efeito, haverá coisa mais *insuperável*, mais forte, mais gloriosa do que o amor que se apoderou do Filho de Deus, nosso Rei onipotente, e o transformou em nosso servo? Este amor arrancou-o ao seio do Pai, e trouxe-o, como prisioneiro, até à terra; com isto, desarmava-se a cólera terrível do supremo juiz, e triunfava, com esmagadora vitória, sobre a miséria humana. Diz S. Basílio de Seleucia: "Assim é a natureza divina! aquele que tudo vence, foi vencido por seu amor aos homens"⁵. No *Cântico dos Cânticos*, o esposo divino classifica de terrível a sua esposa e amiga, isto é, a alma adornada com a graça; compara-a a um exército em ordem de batalha; suplica-lhe desvie dele, um pouco, seus olhos que se assemelham a carros de guerra e de triunfo, para que lhe não salte do peito o coração, e se prenda ao objeto de seu amor⁶.

O amor divino age de modo que Deus sai de si mesmo e se volta para o bem-amado; chama-se, melhor, amor extático. Podemos, em certo sentido, afirmar de um homem que o amor o faz sair de si, e coloca seu coração no do amigo; isto, porém, se dá apenas pelo afeto e o sentimento. Deus, ao contrário, cuja essência é tão ilimitada quanto seu amor, e em quem ambas as coisas formam uma só, vem com sua substância àqueles que tornou amáveis pela graça, e a eles se une tão intimamente como se quisesse converter-se em parte de seu ser. Diz S. Agostinho que a metade do homem que ama permanece em seu amigo⁷; o amor de Deus é, porém, muito mais poderoso; não já uma parte de seu Espírito, mas todo ele se derrama no coração de seus amigos; tão grande é a força do amor divino que nos merece a graça.

Segundo o testemunho do mesmo Deus, pelo Profeta Isaías, este amor o vincula a seus amigos de modo *inseparável*. O que diz o Profeta da Sião terrestre, tem sua mais elevada e perfeita aplicação na Sião espiritual que constituímos nós pela graça.

⁵) *Or. in Genesi, 4, 1.*

⁶) *Cânt 6, 3-4.*

⁷) *Conf. IV, 6, 11.*

Pode uma mãe esquecer a seu filho? Não terá ela piedade do fruto de suas entranhas? Pois ainda quando ela o esquecer, eu não te esquecerei. Olha que te inscrevi em minha mão⁸.

Do mesmo modo que a bondade de Deus, sendo infinita, supera a qualquer outra bondade, igualmente o cuidado, que seu coração dedica a seus filhos, sobrepuja de muito aos cuidados de todos os pais e mães; e precisamente se preocupa mais conosco, quando nos abandonam nossos pais. *Meu pai e minha mãe me abandonaram, o Senhor, porém, me adotou e tomou-me sob sua proteção*, canta o salmista⁹.

Deus, vencido por seu amor, não apenas se inclina para nós, mas desce realmente até nós, com sua substância. Este amor, além de colocar-nos em sua lembrança, no-lo faz presente com sua substância, de um modo contínuo. Quando nos achamos em graça, não pode Deus desviar de nós seu afeto, nem tão pouco privar-nos de sua misericordiosa presença, por ser demasiado grande o prazer que experimenta em permanecer em uma alma em estado de graça; é tal o prazer a ele proporcionado por sua beleza, que pareceria não poder achar em outra parte seu descanso e felicidade; ele próprio o diz: *Minhas delícias consistem em estar com os filhos dos homens*¹⁰.

Este amor de Deus para com aqueles que se acham em graça é também exclusivo. Prova-o suficientemente o fato de ninguém ser admitido a este amor sem a graça. Deus abraça a todas as criaturas com os braços de seu amor, mas não as aceita todas na intimidade de seu coração. Ama-se ele a si próprio com amor distinto daquele com que ama as criaturas, e deste amor participam os homens, pela graça. Assim como, tratando de si, esquece ele as criaturas e só as ama para si, como meios de glorificação, igualmente ama a seus filhos de modo especial, como se não pudera amar outra coisa no mundo; unicamente sobre eles fixa seu olhar carregado de inefável benevolência; e as outras criaturas, as considera apenas enquanto chamadas a servir e glorificar seus filhos. É este o motivo pelo qual, no Cântico dos Cânticos, chama a todos os seus amigos com o nome de pomba, de perfeitíssima, de esposa. Com efeito, embora numerosos, acham-se todos os seus filhos ornados com os raios da mesma graça e participam todos da mesma natureza divina; cada qual goza do amor divino, integralmente e sem partilhas, já que, em sua infinidade, pode Deus abraçar a um, do mesmo modo que a todos, e a todos, do mesmo modo que a um.

Finalmente, o amor de Deus para com as almas em graça

⁸) Is 49, 15.

⁹) Sl 26, 10.

¹⁰) Prov 8, 31.

é insaciável; não se contenta, poderíamos quase dizê-lo, com sua infinidade. Durante os trinta anos que viveu na terra, provou, até saciar-se, de todos os sofrimentos e dores, que não conseguiram, contudo, apagar-lhe a sede; deu-se o que se passa com o fogo devorador que tudo consome e busca sempre novo alimento, tornando-se cada vez mais ardente. Até que ponto esqueceste, Deus meu, teus anteriores benefícios, isto é, que foste excessivamente bom e liberal? Bem se vê que já não pensas na Majestade ostentada na criação; nem pensas tão pouco em tua Encarnação, mistério dos mistérios, nem nos largos e penosos anos de tua vida terrestre. E clamas-nos continuamente ainda: *Tenho sede!* Não está ainda satisfeito teu amor? Não, Senhor Jesus, não bastava tudo isto. As estafantes viagens através da Judéia, Galiléia e Samaria chegaram a extenuar-te o corpo, enquanto teu amor, porém, permanecia insatisfeito. Abrasavas-te no mais ardente desejo, amargo e doce a um tempo, de beber até às fezes o cálice do sofrimento; não te contentavas com algumas gotas apenas, aspiravas a um oceano de sofrimentos; não quiseste derramar somente umas gotas de teu sangue, por mais preciosas que fossem acima de toda a criação e mais que suficientes para alcançarem nosso resgate; quiseste derramá-lo todo. Nem mesmo este incomensurável oceano podia encerrar a plenitude de teu amor. Terias sofrido infinitamente mais se nossa salvação o houvera exigido. Finalmente enviaste-nos teu Espírito como celeste Consolador, entregaste a ti próprio no Santíssimo Sacramento, deste-nos teu Pai, e te fizeste nosso Pai. Que mais nos poderias dar para que se satisfizesse teu amor? Nada menos do que unir-nos cada vez mais estreitamente a ti mesmo, a teu Pai, ao Espírito Santo, encher-nos sempre mais de tua graça e de ti próprio, à medida que crescem nossa capacidade e desejo.

Ditosa a alma que possui a graça de Deus, que estreita em seus braços o amor invencível, inextinguível, incomparável, e — o que mais é — inesgotável do poderoso Senhor de todas as coisas!

Ainda quando não trouxesse consigo a graça mais que este único bem, poderíamos compará-la com todos os tesouros e prazeres? É sempre agradável ser-se amado. Ser, porém, amado com tal amor, por semelhante Senhor, é tão doce e agradável, que não se concebe como possa um homem desprezá-lo. Necessariamente monstruosa a alma que renuncia à graça, que repele este amor e o calca aos pés! Estremece-se o coração mais duro e mais perverso, diante de tal abominação.

Nada pode afastar Deus de um homem que conserva a graça; deveria, com efeito, abandonar-se a si próprio, para poder

reparar-se dele. E tu, ó homem, ó abandonas pelo menor pretexto; basta-te para sacrificá-lo um momentâneo prazer!

Dá-te Deus seu amor, sem medida alguma; e tu profanas o amor que só a ele deves, comprazendo-te inútilmente num apego vil a perecíveis objetos!

Não se sacia Deus de amar-te, abraçar-te, cumular-te com seus benefícios; e tu te cansas por ter dado um passo para este amigo tão liberal e abnegado!

Vós, amigos de Deus, vinde! Compensai, ao menos com uma lágrima, os ultrajes ao amor eterno. Quanto mais tenham outros e tenhamos nós desprezado este amor, tanto mais sejamos agora reconhecidos. Correspondamos a Deus, que não cessa de amar-nos, com um amor que supere toda tentação; entreguemous-lhe, sem reservas, nosso coração; não permitamos nele lugar para outras inclinações.

A seu insaciável desejo de fazer-nos o bem, respondamos com um esforço infatigável para amá-lo cada vez mais e na medida em que o permite nossa miséria — para fazermos, cada dia, melhor nossas ações em sua honra. "Nunca", diz S. Anselmo, "deixa o amor de querer o que pode, e sempre deseja poder mais do que pode".

CAPÍTULO IX

DA DIVINA FORMOSURA CONFERIDA PELA GRAÇA A NOSSA ALMA

E' a beleza o objeto preferido do amor puro. Se Deus ama com amor tão inefável as nossas almas, cumpre-nos concluir terem elas antecipadamente recebido, pela graça, uma maravilhosa e celestial beleza; tanto mais quanto o amor divino não só estima as coisas em seu verdadeiro valor, mas é também capaz de fazê-las dignas de si. O amor humano pressupõe a beleza no objeto; o divino, porém, a cria, pois quanto existe dele é nada, e o próprio ser que possui, o recebeu de Deus. Na medida em que faz Deus um objeto participante de sua bondade e formosura infinita, nesta e somente nesta mesma medida o ama. Isto se manifesta no amor com que Deus distingue, de modo geral, a criação; em toda a bondade e formosura criada, mas de modo especial, no amor sobrenatural de Deus, que repousa na beleza sobrenatural das criaturas espirituais. O sumo Bem, aos impulsos de um amor que lhe é peculiar, inclina-se

sobre a nossa alma, para adorná-la e vesti-la de uma formosura sobrenatural; esta beleza, que ele mesmo nos dera, é a causa de repousarem seus olhos sobre nós, com inefável complacência. Como o amor divino se faz eficaz em nós pela graça, e como, por ele, está Deus realmente em nós, importa que esta mesma graça encerre a formosura que nos comunica.

S. Agostinho, falando da elevação do homem a este estado privilegiado, expressa-se nestes termos: "A natureza humana, mais perfeita já que qualquer outra, passa do estado de injustiça ao de justiça, de um estado ainda informe, ao completo desenvolvimento de seu ser"¹. Com maior precisão ainda, afirma-o S. Cirilo de Alexandria: "*Pela graça, somos transformados em uma forma divina, e recebemos uma beleza ultraterrena*"².

Com efeito, pela graça imprimiu-se em nós uma perfeitíssima imagem da natureza e da glória divinas; converteu-se a alma em espelho sem mancha da beleza e da majestade de Deus, por ela refletida em toda a sua pureza e plenitude; transforma-se em filha adotiva de Deus; reveste-se dos preciosos ornamentos reais do Filho, a cuja semelhança está envolta na luz, como em um manto; é uma filha regenerada, na qual o Pai celeste infunde sua própria vida e imprime seus próprios traços divinos, como fizera em Cristo. Faz-se ela *deiforme*, na frase frequente dos Santos Padres; assemelha-se a Deus, participando assim da beleza divina. Quem quisesse representar-se a formosura da alma adornada da graça, deveria ter visto a beleza do próprio Deus. Beleza que os anjos desejam ver, beleza que reúne em si, na mais perfeita harmonia, toda a beleza criada; beleza que é o exemplar, a medida, o termo inacessível, o ideal de quanto o homem e o mesmo Deus puderam imaginar de mais belo e grandioso.

Ainda mais, pela graça faz-se nossa alma templo verdadeiro do Espírito Santo e da Santíssima Trindade, verdadeiro trono de Deus; é o céu na terra, a cidade espiritual de Deus, da qual a Jerusalém judaica era apenas uma imagem. Que deixará de fazer o Altíssimo para adornar este templo santo, de um modo conveniente à sua majestade! Se dá ele, no firmamento, tal brilho ao sol, e à terra, que apenas deve servir de escabelo a seus pés, a adorna com a riqueza e a variedade de esplêndidos prados, flores, bosques, regatos, com que tesouros celestes e pedras preciosas, com que magnificência cobrirá o templo de nossa alma, na qual habita com todo o amor

¹) De Trinit., l. 15, c. 8, n. 14. ²) Contra Anthropom., c. 5.

de seu coração, e quer eternamente habitar? Se os homens se esmeram por adornar o templo material da divindade, lançando mão de todas as suas riquezas e todos os recursos da arte, quão mais cuidadosamente adornará Deus o santuário de nossa alma, onde é ele adorado em espírito e verdade! Segundo S. Ambrósio, "diz Deus à alma que possui a graça, como dissera outrora a Jerusalém: *Eis que pinteí teus muros, ó Jerusalém, no esplendor das luzes*". Esta alma foi pintada por Deus; por isto vê Deus nela a formosura das virtudes e o brilho da piedade. Esta alma, na qual refulge a imagem da atividade divina e onde reinam a glória e a imagem da substância do Pai, é uma obra-prima".

O que Salomão mais louva, no Cântico dos Cânticos, é a beleza divina e a glória da alma em estado de graça. A nenhum mortal, porém, foi dado conhecer quão grande e de que espécie seja semelhante beleza. Se a formosura natural sobrepuja a de todos os corpos, mesmo a do sol, que dizer então da sua beleza sobrenatural, possuída mediante a graça? Há maior distância entre a graça e a natureza da alma, que entre esta e o esplendor do mundo visível. A celeste magnificência da alma é invisível a nossos olhos corporais, e ainda à nossa faculdade espiritual; isto, entretanto, não lhe diminui a glória; é antes sinal de sua grandeza, já que quanto possamos contemplar, possui apenas uma beleza limitada, terrena. Uma coisa é certa — diz o venerável Luís de Blois — se a beleza de uma alma em estado de graça pudesse ser vista, deixaria maravilhado, fora de si por admiração e assombro, àquele que a visse.

Certo dia manifestou Deus esta formosura a S. Catarina de Sena; em seguida, começou a Santa a cobrir de beijos os passos daqueles que se ocupavam na conversão dos pecadores. Presa de admiração, dizia a seu confessor: "Padre, se tivesses visto a beleza de uma alma enriquecida com a graça, sofrerias mil mortes por uma só delas". O próprio Cristo descido do Céu à terra para comunicar este esplendor às almas, dizia a S. Brígida que se, porventura, contemplasse ela este prodigioso esplendor, ficaria cega, esmagada, e cairia sem vida como um móvel carcomido.

Ofuscam-se nossos olhos não somente pelo sol, mas ainda por seu reflexo em um cristal polido; a alma humana é incapaz de suportar, já não a luz inacessível da glória divina, mas ainda a presença de um espírito ornado com a graça. Como Deus,

esta imagem sua é infinitamente mais resplandecente que o sol material. Foi o que experimentou S. Francisca Romana, ao contemplar, ao seu lado, um anjo que, por seu brilho, obscurecia a luz solar.

É, porém, coisa mais prodigiosa ainda que os próprios anjos, habituados por natureza às celestes contemplações, se sintam surpreendidos pela beleza da graça. Assim aparecem no Cântico dos Cânticos, quando, à vista de uma alma unida a Deus pela graça, exclamam repetidas vezes, tomados de admiração: *Quem é esta que sobe do deserto, transbordante de delícias, apolada em seu bem-amado?* A glória a que Deus eleva uma alma, quando a toma em seus braços, e a plenitude do amor celeste que, em torrentes, derrama sobre ela pelo sopro de seus lábios, são tão grandes que a beleza natural dos anjos, a seu lado, desaparece como sombra. A admiração dos anjos cresce ainda mais, quando recordam a situação em que se achava esta alma, no triste deserto deste vale de lágrimas. Como diz S. João Crisóstomo, é como se um homem miserável, enfermo, disforme pelos anos e enfermidade, se encontrasse repentinamente, por uma inesperada cura, em pleno ardor da juventude, e por acréscimo, vestido da púrpura real e empunhando o cetro.

O mais extraordinário, porém, é ouvir e verificar que o próprio Deus contempla, admirado e embevecido, a beleza desta alma. Que outro significado têm suas frases — como esta — dirigidas à alma no Cântico dos Cânticos: *Quão formosa és, amiga minha, quão formosa és!* Pinta em seguida sua beleza com as mais vivas cores. Por certo não se deterá Deus ante a formosura das criaturas que formam o escabelo de seus pés, nem diante da beleza de espírito algum, tirado do nada por sua palavra. Deus só pode admirar o que é divino. Submerso em inesgotável ventura, desde toda a eternidade, contempla a beleza e amabilidade infinitas de sua própria natureza; seu olhar descansa assim deliciosamente sobre a imagem da natureza divina, impressa pelo Espírito Santo em nossa alma como um selo. Fica, por assim dizer, suspenso de admiração ante o maravilhoso poder de seu amor, que soube transformar em coisa tão bela uma pobre criatura, que ele fez assemelhar-se a si próprio. Assombra-se com o esplendor de seu real palácio, ornado com o ouro de sua graça. Maravilha-se à vista do delicioso jardim cujas flores não emurchecem, e no qual sopra o Espírito Santo, continuamente, uma brisa primaveril, e onde passeia ele

¹⁾ Cânt. 8, 5.

²⁾ Cânt. 4. Veja-se o comentário de S. Bernardo sobre o Cântico dos Cânticos.

³⁾ Is. 49, 16, segundo uma antiga tradução.

com indizível prazer. E repete constantemente: *Quão formosa és, amiga minha, quão formosa és!*...

Não evocará este reiterado apelo a dupla beleza da alma? É ela bela, em primeiro lugar, com a formosura que lhe dá o esplendor da graça de que se acha revestida, e que lhe adorna toda a franja do precioso vestido, bordado com o ouro das virtudes sobrenaturais. Em segundo lugar, é duplamente bela em razão de uma beleza criada: a que lhe comunica o Espírito Santo ao colocar nela seu próprio trono. Deve o palácio real estar, antes do mais, bem ordenado para a recepção do soberano que merece um esplendor digno de sua pessoa; o principal ornamento deste palácio é, porém, imediatamente constituído pela própria pessoa do rei. Do mesmo modo, adorna o Espírito Santo nossa alma, com sua graça, e a converte em esplendoroso templo, para logo vir nela habitar, como seu mais belo ornamento. A alma em estado de graça é um escrínio de ouro encerrando a mais preciosa pérola: o Espírito Santo e a própria divindade. Em um anel, distingue-se da pedra o ouro, está ele, porém, tão unido a ela, que formam ambos um todo, uma só beleza; a divindade distingue-se da alma, está, porém, tão intimamente unida a ela pela caridade, que parece a beleza de ambas ser a beleza de uma só coisa. Nosso Senhor revelou esse mistério a S. Teresa, sob uma nova imagem. Mostrou-lhe a alma em forma de um globo de cristal, não apenas envolta nos raios da graça divina, mas trazendo também o sol da graça em seu centro; a luz esparzia-se do centro às diversas partes do globo, que representaram as faculdades da alma, apresentando-se estas envoltas em resplendores divinos. Por isto dizia o Salmista da filha e da esposa de Deus: *Toda a glória da filha do rei está em seu interior*¹⁾.

Se o próprio Deus olha com tanta complacência a beleza desta alma, que deverás pensar tu, ó cristão? Já que com teus próprios olhos não podes ver tal formosura, submete, de boa vontade, teu juízo ao do Juiz Supremo e inefável. Atraver-te-ás ainda a ter estima por outra beleza, a compará-la com esta, a preferi-la?

Compara a formosura da graça com todas as outras formosuras. Poderás imediatamente apreciar como aquela supera a que te encantou até o presente. Encontras nela reunido tudo que admiras no domínio da beleza, na medida mais completa e sem imperfeição alguma.

Os corpos inanimados encantam-te pelo equilíbrio harmo-

nioso de suas proporções, por suas agradáveis cores, pelo fulgor que desprendem. Esta beleza não passa de exterior e perecível. A graça coloca, por sua vez, em todas as faculdades da alma, uma harmonia celestial; cerca-a de um esplendor divino, glorifica-a, não somente em seu exterior, mas ainda em seu interior com uma beleza eterna e imperecível.

Incomparavelmente mais formosos que os objetos inanimados são os corpos vivos, na expansão de sua juventude, na variedade de seus movimentos, na plenitude de sua força. Não encontrarás, porém, vida tão elevada, tão pura, tão perfeita como a que dá a graça à tua alma; vida inalterável, constantemente renovada, produzindo flores celestiais, esparzindo em derredor de si a suavidade de um perfume divino.

Um coração bem nascido, mais do que por qualquer beleza sensível, deixa-se encantar pela formosura da virtude, pela ordem viva da lei moral na alma; mas esta mesma beleza recebe uma claridade infinitamente superior, quando acrescida da graça. Por ela imprime o próprio Espírito Santo a lei de Deus em nosso coração, une-o intimamente ao exemplar de toda justiça, adorna-o de virtudes sobrenaturais e divinas, reveste-o com a justiça e a santidade do Filho de Deus.

Por fim, se a harmonia, o esplendor, a frescura e a vida das criaturas não passam de simples sombra da beleza de Deus, e desaparecem diante de sua glória, a graça, por sua vez, comunica à alma uma beleza que supera toda beleza criada, na mesma medida em que o sol, contendo todas as cores do arco-iris, a todas sobrepuja em esplendor.

Se não é ainda o atrativo da graça bastante poderoso para arrebatá-lo ao coração, estremece, ao menos, diante da fealdade atroz que, ao privar-te da graça, produz em ti o pecado. Interpõe-se ele entre o sol divino e tua alma, como uma nuvem opaca; foge-lhe instantaneamente o fulgor da divina beleza; aniquilam-se as virtudes; estraçalha-se o vestido dos filhos de Deus. De jardim agradável e suave te transformas em negro e fétido abismo, onde se alojam lagartos e serpentes. Imagem de teu amável Deus, convertes-te em imagem do inferno e do demônio.

"O demônio é tão repugnante — dizia N. Senhor a S. Brigida — que se o pudesses ver em toda a sua fealdade, cairias morta, ou, quando nada, passarias a viver em meio a atrozes tormentos". Tendo-o visto S. Catarina de Sena por um só instante, deixou-se tomar de tal espanto, que teria preferido andar com pés descalços sobre brasas ardentes até o dia do juízo, a contemplá-lo uma vez mais na vida. Considera em que

¹⁾ Sl 44, 14.

monstro se converte pelo pecado aquele que fora, pela graça, anjo de luz, espelho da Majestade divina⁹.

Contempla em que se transforma tua alma, quando, pelo pecado, lanças de ti o sol divino. Foi isto revelado também a S. Teresa, sob a forma do mencionado globo de cristal. De fato uma vez retirado Cristo, ali ficou uma noite pavorosa, e uma putrefata massa exalando pestilencial odor, e cheia de vermes.

Quais seriam os sentimentos de teu anjo da guarda à vista de tamanha transformação? De tristeza sem dúvida, bem como os de toda a corte celeste que antes tanto se alegravam ao ver-te. Como não te horrorizas de ti mesma e não foges?... Foge, sim, foge, para o banho que lave tua hediondez e que pode tão facilmente restituir-te a beleza perdida. Preparou-te Deus este banho e a ele te envia, como enviou Eliseu a Naamã leproso até ao Jordão, a fim de, nele, lavar-se sete vezes. Basta arrependeres-te sinceramente por amor de Deus, ou então, aproximares-te, contrita, do tribunal da Penitência; basta te repugne esta fealdade, e estarás, como dantes, pura e imaculada. Grande é o poder das lágrimas da penitência. Grande igualmente a bondade e a misericórdia de Deus, que te restitui com facilidade a beleza perdida. Não te mostres indigno de tal misericórdia, ó pecador; não hesites um só instante em te desprenderes do lodo do pecado.

E se ainda conservas fielmente a belíssima veste que te outorgou, conserva-a para o futuro cuidadosamente; já não falo em perdê-la, mas nem mesmo em manchá-la; não te faças mais odioso vestindo a púrpura da graça do que o eras antes com a veste ordinária da natureza.

Esperdiças teu tempo, impões-te sacrifícios, realizas gastos para adquirir, realçar ou adornar a beleza efêmera de teu corpo; não te bastam horas inteiras e até dias para cultivar ansiosamente o cabelo, para provar um vestido e imprimir a teu corpo um ar de distinção, e tal ou qual harmonia a teus gestos. Para purificar, entretanto, e embelezar tua alma, achas interminável uma só hora! Triste coisa não consagrarmos a nossa alma, para merecer a amizade divina do céu, as atenções que dedicamos a nossos cabelos e a nosso traje!

Por meio de tais futilidades quer ganhar o mundo o vão favor dos homens; sabemos, no entanto, pois no-lo disse Deus que o menor esforço que façamos para purificar ou adornar a forma celestial de nossa alma, atrai sobre nós o amor divino! Diz

Deus no Cântico dos Cânticos: "*Feriste-me o coração, ó minha irmã, esposa minha, com um só de teus olhares, com uma só pérola de teu colar*"¹⁰. Cada um dos olhares dirigidos a Deus, o mais insignificante ato de virtude, torna-se, pela graça, poderosa seta que atinge, não o coração inconstante do homem, mas o coração eterno e imutável de Deus. Cada passo que dás no caminho da graça possui tal elegância e atrativo, que, ao vê-lo, exclama Deus: *Quão formosas são as pegadas marcadas por tuas sandálias, ó filha do rei*¹¹! Toda palavra que a Deus diriges, encerra tal doçura que atrai sobre ti uma chuva de bênçãos, como canta o Salmista: *Sobre teus lábios derramou-se a graça; por isto te abençoou o Senhor, desde toda a eternidade*¹². Nada há de pequeno, mas, sim, é tudo grande para aquele que está em graça, pois tudo nele merece o amor divino.

A ninguém desprezemos, em razão de sua feia aparência, de seu corpo disforme, de sua veste deteriorada; nem tão pouco o amemos menos por isto. Um quadro informe e carcomido pode conter um retrato digno do amor e do reino de Deus; talvez até o descubramos logo. Não é digno do cristão julgar pelos sentidos, seria antes próprio do animal; nem tão pouco, só pela razão, é isto próprio de um pagão; deverá ele proferir seu juízo à luz da fé divina.

CAPÍTULO X

NOSSA ALMA TORNA-SE PELA GRAÇA ESPOSA DE DEUS

Vimos como, pela graça, se fez Deus nosso Pai, nosso Irmão, nosso Amigo, como se nos aproximou, do modo como nenhum homem pode aproximar-se de outro homem. A tal extremo, porém, quer Deus fazer-se todo para nós, tão rica e inexaurível é a fonte da graça, que se pudermos encontrar entre os homens uma união mais perfeita, não deveremos terminar nossa exposição, antes de comparar esta união com as relações de nossa alma para com Deus.

A união mais íntima que pode haver entre os homens, de acordo com a natureza e o plano divino, é a união entre o esposo e a esposa, entre o homem e a mulher. *Abandonará o ho-*

⁹ Cf. Is. 14, 12-19.

¹⁰ Cânt. 4, 9.

¹¹ Ibid., 6, 1.

¹² Sl. 41, 3.

mem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e ambos formarão um mesmo ser em uma só carne¹.

Pelo amor que Deus tem à alma e à beleza sobrenatural que lhe confere, adivinhamos que tal união se estabeleceu também, pela graça, entre Deus e a alma, do modo mais perfeito. E' o matrimônio, diz S. Paulo, um sacramento tão grande, isto é, um sinal de tão elevado alcance, porque representa a união entre Cristo e a Igreja, e por conseguinte, entre Deus e a alma². A realidade e o tipo são mais perfeitos que o sinal e a representação; a união entre Deus e a alma tem uma realidade incomparavelmente mais objetiva que a união entre o homem e a mulher. Estes são uma só coisa, na carne; Deus é uma só coisa com a alma no espírito. *Aquele que se une à mulher — diz o Apóstolo — forma um só corpo com ela; aquele que se une a Deus, faz-se um espírito com ele*³. A união de Deus com a alma é de ordem tão superior à união dos esposos, como superior é o espírito com relação à carne, e Deus com relação à matéria. A União íntima da alma com Deus em um mesmo espírito nada encontra de semelhante em a natureza, e não a pode compreender a razão criada. Deus submerge a alma no oceano de sua luz, inunda-a numa torrente de delícias, enche-a da plenitude de sua essência, aperta-a entre os braços de seu amor, une-a a si tão fortemente, que nenhum poder celeste ou terreno poder arrancar-lha.

Belo é ter a Deus por Pai, por Irmão e Amigo; todos estes nomes, porém, estão contidos no de esposa, imposto por Deus à alma. No Cântico dos Cânticos e nos Salmos, o próprio Deus chama a sua esposa, ora amiga, ora irmã, e também filha, quando a ela não se dirige como a uma mãe. Diz S. Bernardo: "Assim como o termo mãe, irmã e amiga não exprime tão bem a união como o nome de esposa, do mesmo modo não se podia ter achado nome mais doce para significar a intimidade de Deus e da alma, como o de esposo e de esposa, que têm tudo em comum, nada em particular, ou em separado. Possuem ambos uma só herança, uma casa, uma mesa, um quarto nupcial, numa palavra, uma só carne"⁴.

Sobretudo aqui é que se manifesta a grandeza da graça. Ao fazer-nos filhos do Pai, ao conferir-nos a nobreza divina, a graça eleva nossa alma ao mesmo nível de Deus, e a torna digna de seus esponsais. Comunica à nossa alma esta celestial formosura, que arrebatava totalmente o Filho de Deus, e o faz descer

¹) Gn 2, 24; Ef 5, 31.

²) Ef 5, 32.

³) 1 Cor 6, 16-17.

⁴) In Cant., Serm. 7, n. 2.

de seu trono para abraçá-la e conduzi-la a seu Pai. A graça traz consigo a nossa alma o Espírito Santo que é, a um tempo, laço do divino amor, amigo do esposo, penhor e aliança nupcial do enlace com o Filho de Deus. A graça proporciona à alma uma ilimitada confiança: com a esposa do Cântico dos Cânticos deseja ela o ósculo dos lábios do esposo⁵. Segundo o comentário de S. Bernardo, o Filho de Deus infunde na esposa o Espírito Santo, para fazê-la experimentar seu amor e sua presença. A graça faz da alma um só espírito com Deus; é ele quem a introduz em sua glória e a coloca em seu trono, a fim de que, qual uma rainha, vestida de ouro e adornada com seus variados ornamentos, tome assento à sua direita⁶.

Unida desta forma a Deus, desaparecem todas as barreiras que a separavam dele. Como filha, sentia-se a alma ainda retida pela piedade filial; como amiga, não gozava sobre ele de direito algum; na qualidade de esposa, porém, pode dele aproximar-se sem temor, possui-lo eternamente e excluir: *Meu amado é para mim e eu para ele; apascenta seu rebanho entre os lírios*⁷. *Pertença a meu bem-amado, e ele inclina-se para mim*⁸.

Se são as outras relações, que mantemos com Deus, tão doces e elevadas, muito mais o será ainda esta íntima união. Não se conhecem sentimentos mais fortes e poderosos que os brotados do matrimônio. Não pode nossa alma deixar de ser transportada por uma violência divina quando vê abraçada por seu bem-amado, que para ela é tudo, quer pertencer-lhe inteiramente, não emurchece a flor de sua pureza, antes a rejuvenesce com sua união, que a chama com amor eterno, por ela se entregou à morte, de cujo lado ela nasceu, e por cujo sangue foi purificada de suas faltas e revestida de uma glória divina. Que empenho não deverá ter esta alma em unicamente agradar-lhe, para permanecer, como deseja ele, *santa, imaculada, gloriosa, sem rugas, nem manchas ou coisa semelhante*⁹, que desagrade a seus puríssimos olhos! Com que ardor procurará pertencer-lhe totalmente, como ele a ela se entregou; procurará amá-lo como ele a amou e consagrar-lhe inviolável fidelidade! Nesta vida mortal, onde não se passa ainda dos esponsais, desejará fazer-se digna dele, para ser um dia admitida ao banquete do cordeiro, e repousar eternamente a seu lado, no seio do Pai, enquanto lhe contempla o divino rosto¹⁰.

Como poderemos ainda chamar maravilhoso o fato de uma jovem de humilde condição, como Ester, ter sido escolhida para

⁵) Cânt 1, 2.

⁶) Cf. Sl 44, 10.

⁷) Cânt 2, 16.

⁸) Ibid., 7, 10.

⁹) Ef 5, 27.

¹⁰) S. Agostinho, In Joann., tr. 8, n. 4.

esposa de um rei poderoso? Não passa ele de mortal tanto quanto ela; vive pouco tempo e é incapaz de satisfazer todos os desejos de seu coração. Pode dar-lhe um nome vão, dotá-la com tesouros terrenos e aparato exterior; não pode, porém, dar-lhe nobreza interior e uma beleza superior. Tais esposais consideram-se contudo entre os homens como grande honra. Aprende, ó alma cristã, a ter o devido apreço por teu esposo celeste, o rei do céu e da terra. Todos tratarão, sem exceção, a esta noiva de louca e ingrata, se rejeitar a mão do rei, ou se, depois de a haver aceito, o enganasse de modo indigno, lhe fosse infiel ou se unisse a seus servos ou a seu inimigo. Não ages, por acaso, de modo mais insensato e odioso quando repeles a mão do celeste esposo, quando manchas seu quarto nupcial, que eras tu própria, quando nele introduzes o demônio, quando te entregas a este sedutor impuro e detestável? Chora toda a corte celeste! Dever-se-iam levantar todos os elementos para vingar o insulto feito a seu rei! Quantas vezes, infelizmente, nos vemos obrigados a contemplar esta abominação, e quantas vezes — quem sabe! — não a cometemos nós mesmos!

S. Tomás¹¹, seguindo S. Agostinho¹² enumera três bens, nos quais se contém, principalmente, a beleza e a felicidade do matrimônio: a fidelidade, o sacramento e os filhos. A fidelidade é o sinal da unidade indissolúvel do matrimônio, pois mediante ela se pertencem mutuamente o esposo e a esposa; o sacramento consagra a indissolubidade do laço criado por Deus, segundo a palavra de Nosso Senhor: *O que Deus uniu, o homem não separe*¹³; o filho representa o fruto, a coroa e o selo, proporciona aos pais o prazer indizível de serem pai e mãe e os une mais estreitamente.

Estes três bens encontram-se de modo muito mais notável na união da alma com Deus, efetuada pela graça; depende da alma conseguir esta união, conservá-la e gozar de seus frutos, já que Deus, por sua parte, não faltará jamais.

Ao falar da fidelidade, ele próprio diz por boca de Oséias: *Unir-me-ei a ti na fidelidade, e saberás que sou teu Senhor*¹⁴. O Apóstolo propõe aos esposos, como exemplo, a fidelidade de Deus quando diz: *Amai a vossas esposas como Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela*¹⁵.

Deus dá-se a sua esposa definitivamente; juntamente contigo escolheu numerosas esposas; nem por isto entretanto deixa de pertencer-te totalmente, nem diminui seu amor para contigo.

¹¹) Suppl., q. 49, a. 2.

¹²) De Genesi ad lit., IX, 7, 12; De nuptiis et concupiscentia, I, 17, 19.

¹³) Mt 19, 6.

¹⁴) Os 2, 20.

¹⁵) Ef 5, 25.

E' como o sol que, por seus raios, se une a inúmeros olhares e não obstante todos o vêem integralmente. Deves alegrar-te com a grandeza e o poder que possui teu Bem-amado, para fazer felizes, a um mesmo tempo, tantas almas; deves a todas as outras contemplar como irmãs tuas, amá-las em teu esposo; sua felicidade multiplicará a tua.

O coração de Bem-amado é infinitamente grande e por isto nele cabem muitos outros; o teu, porém, é infinitamente pequeno e estreito; desejarias reparti-lo entre mil coisas e não o podes. Ainda quando lho entregues todo, não fazes ainda bastante para merecer o amor de Deus, nem és capaz de compreendê-lo integralmente. O Senhor é cioso de tua fidelidade. Diz o Profeta: *O Senhor vosso Deus é um Deus cioso*¹⁶. Reclama para si cada uma das palpitações de teu coração, cada movimento, cada pensamento, e se encoleriza contra si, quando admities em teu coração alguma coisa que não amas por causa dele, de acordo com sua santa vontade.

Mas ainda quando hajas ofendido a seu santo ciúme, não deixa de te ser fiel. Estes ciúmes movem-no precisamente a reconquistar-te o coração com redobrado empenho. Assim, quando semeia espinhos ao longo de todos os caminhos pelos quais te extravias, manifesta seu indizível amor; pretende com isto fazer-te voltar ao único bom caminho que a ele conduz. Onde encontrar semelhante fidelidade, igual amor? Não entre os homens. Por que então, por uma negligência culpada, te privas de tal fidelidade?

E' a união de tua alma com o esposo celeste, ao menos por parte dele, indissolúvel e eterna, com a eternidade e imutabilidade divinas. O próprio esposo disse: *Desposar-te-ei na fidelidade; e ainda: amei-te com amor eterno*¹⁷. Alma cristã, o esposo que, de toda a eternidade, te ama, dá-se a ti eternamente também; não pode morrer ou retirar-se de ti, enquanto não morras pelo pecado ou te insurjas contra ele pelo pecado, despedaçando com tuas próprias mãos o vínculo celeste que te une a ele. Sem dúvida ameaça, por vezes, retirar-se algum tempo e abandonar-te a tua própria sorte. Mas só o faz no intuito de castigar tua negligência para com ele, pronto a logo voltar, com redobrada benevolência. Despreza todas as outras alegrias, evita todas as vãs distrações, consagra todo o teu tempo a seu serviço. Dia a dia, tornar-se-á mais íntima tua união, até chegar o momento em que venha ele levar-te às eternas mansões do Pai, onde poder algum, celeste ou terrestre, nem mesmo tua própria vontade,

¹⁶) Ex 20, 5.

¹⁷) Jer 31, 3.

poderá separar-te dele; permanecerás apertada entre seus braços, e no esplendor de sua face gozarás da felicidade eterna.

Não menos presente se encontra aqui a terceira propriedade do matrimônio. É uma fecundidade celeste e maravilhosa, com a qual, nem de longe pode comparar-se a fecundidade do matrimônio; tanto maior e mais belo, quanto não afeta nem a pureza nem a virgindade da esposa, antes a glorifica e eleva; produz um fruto que não se separa do seio que lhe dá a luz, mas nele fica, como as flores de uma árvore, resplendor de sua pureza e seu mais belo encanto. A semelhança de uma casta pomba, desce o Filho de Deus ao seio da alma, fecunda-a como o orvalho do céu que cai sobre as plantas. Assim como penetra o sol com sua luz em um olho puro e nele se reflete, do mesmo modo Cristo gera na alma a imagem de sua essência divina, e de certo modo nela renasce.

No nascimento corporal, sai o filho do seio materno, como uma pessoa distinta. A alma recebe pela graça a imagem de seu esposo celeste; sendo já filha, faz-se semelhante a ele, fica-lhe unida com o mais íntimo parentesco, e goza de todas as alegrias que lhe pode ele proporcionar. Maravilhosa fecundidade que não tisona as flores da virgindade e produz os mais belos frutos. Fecundidade maravilhosa, pela qual o filho de Deus, gerado no seio resplandecente do Padre Eterno, nasce novamente na alma, pela graça! Fecundidade maravilhosa, na qual não dá a mãe ao filho a própria vida, mas nasce ela própria para uma vida nova!

Quanto mais se regenera a alma na luz da graça de seu esposo, e mais se expande, tanto mais recebe em si sua imagem e participa de sua força, esmerando-se por sua vez em produzir frutos de boas obras, para demonstrar-lhe assim seu reconhecimento, e mais intimamente a ele unir-se.

Como dizia um pagão, são estes frutos de virtude preferíveis a qualquer descendência corporal. Frutos do espírito, são concebidos pelo Espírito Santo e nascidos em nosso coração; tão fácil e rápida é sua aparição, que basta um instante, e o consolo e doçura produzidos por sua lembrança permanecem demoradamente. A fecundidade espiritual não conhece números nem medidas, seus rebentos multiplicam-se diariamente, e porque não de durar para sempre, não há por que temer-lhes sobrevenha uma morte prematura; dão antes à alma a perspectiva garantida da vida eterna no céu. A fecundidade corporal gera uma descendência, diante da qual devem pai e mãe ceder o passo; os frutos espirituais dão, ao contrário, à mãe o direito de uma herança eterna

e celeste; em vez de obrigá-la a repartir seus bens, multiplica-os infinitamente.

A alma unida ao Filho de Deus é incomparavelmente mais feliz que uma mãe segundo a carne. Para isto basta-lhe não quebrar por si mesma os celestes laços que a prendem a seu bem-amado; e que deseje com ardor mais intenso que o de Raquel produzir uma rica colheita de boas obras e virtudes; que traga a seu esposo os frutos de sua união, guardada intacta; não tema outra coisa senão desonrá-lo e atrair sua cólera por um injurioso abortivo, filho do pecado, concebido da semente do demônio. Enquanto produzir bons e santos frutos, será a honra e a glória de seu esposo, e a alegria de todo seu reino. Não é, porém, menos vergonhoso e monstruoso fazer de seu seio divino um ninho de víboras, desonrar o casto lar do celeste esposo, pelas obras das trevas e por uma união infame com o príncipe do inferno.

Não deveria, por certo, apoderar-se de ti, ó alma cristã, um santo terror, quando comparas a virtude e o pecado, as obras da luz e as obras das trevas? Teme profanar teu esposo e a ti mesma e excitar-lhe a cólera; evita todos os pecados e outra coisa não desejes senão oferecer-lhe, todos os dias, as mais belas flores de celestiais virtudes. Honra e firma tu a união com ele.

Para as rainhas são os filhos o sustentáculo de seu matrimônio, a honra de sua maternidade, as melhores garantias da amizade e do favor do rei. O mesmo se dá, mais perfeitamente ainda, nos esposais da alma com Deus, pois nunca cessam aqui de nascer novos filhos e nem decaem a beleza e a força. Ao contrário, o nascimento de boas obras aumenta o vigor, o número de filhos faz crescer a fecundidade. Torna-se a alma cada vez mais forte, mais florescente, mais agradável a Deus. Eis como fala o profeta Isaías: *Quando tua luz assoma, como a aurora, tua saúde se fortalecerá, tua justiça marchará adiante de ti e a glória do Senhor envolver-te-á... Elevar-se-á tua luz na escuridão, e tuas trevas serão como o meio-dia; o Senhor conceder-te-á o repouso e encherá tua alma de grande esplendor, revivificará teus ossos e serás como um jardim abundantemente regado, como uma fonte cujas águas não secam nunca*¹⁸.

Quando não se contenta a alma com ter desposado seu divino esposo pela graça, mas se torna também digna dele por sua fecundidade, e procura a ele unir-se cada vez mais, então prende-a ele a si, com tanta força, enche-lhe o espírito e os sentidos de uma luz tão bela, faz sentir à vontade sua presença

¹⁸) Is 58, 8-11.

de modo tão suave, que todas as potências da alma desfrutaram da bondade, da beleza e da suavidade de Deus. A própria alma resplandece com uma formosura sempre crescente, em meio de um efflúvio de celestiais delícias. Com a esposa do Cântico dos Cânticos, exclama ela: *Mostra-me tua face; ressoe tua voz em meus ouvidos, pois é doce tua voz e agradável tua face*¹⁹. Converte-se ela em um novo paraíso cheio de delícias e de suavidade, em cuja comparação, segundo S. Efrém, o paraíso terrestre não era mais que uma fraca imagem. Colocou Deus na alimentação e na fecundidade corporal um grande prazer e outros atrativos, por serem estes atos necessários à conservação da vida e da espécie humana; fará todavia para sua esposa mais doces e agradáveis as virtudes, o amor e a fecundidade celestes, para que a ele se apegue de todo coração.

Não hesites um só instante, ó alma cristã. Entrega-te inteiramente a teu esposo celeste, entra em seu gozo.

Escuta, minha filha — clama-te o Salmista — *escuta e vê, inclina teu ouvido, esquece teu povo e a casa de teu pai, e o rei desejará tua beleza, pois o Senhor é teu Deus*²⁰. Sim, o Senhor é teu Deus, que desce até ti e bate com desejo ardente à porta de teu coração. Não te retires, para não te vires juntamente privada de tão grande honra. Esforça-te por ser sua glória e alegria; então orgulhar-se-á ele de ti no céu, dar-te-á a beber na fonte inefável e misteriosa de seu coração e far-te-á reinar em seu trono.

Para perseverares em tua santa fidelidade, recorda-te das formosas palavras com que a esposa de Cristo, S. Inês, fiel até à morte, dizia aos que pretendiam seduzi-la: Outro amante tomou posse de mim. Sou esposa daquele a quem servem os anjos, cuja beleza admiram o sol e a lua, cuja mãe é uma virgem, cujo Pai não se uniu a mulher alguma. Cercou-me ele os braços e o pescoço com pedras preciosas, ornou-me as orelhas com jóias inestimáveis. Uniu-se a mim com o anel de sua fidelidade, preparou-me presentes incontáveis. Ao amá-lo sou casta, ao tocá-lo sou pura, ao recebê-lo sou virgem. Somente a ele guardo fidelidade, só a ele me entrego com todo o meu coração"²¹.

¹⁹) Cânt 2, 4.

²⁰) Sl 44, 11-12.

²¹) Ofício de Santa Inês, 21 de Janeiro.

CAPÍTULO XI

PELA GRAÇA RECEBEMOS O REINO DE DEUS E SEU PODER SOBRE AS COISAS

A graça, ao fazer de nossa alma a esposa de Deus, Rei do céu e da terra, constituiu-a, ao mesmo tempo, rainha de todas as coisas, pois se realiza o que dissera Deus, tanto à sua esposa como a seu Filho: *Tudo que é meu é teu*¹. *Se Deus nos deu seu Filho Único*, exclama o Apóstolo, *não nos deu tudo com ele?*² Pode-se, portanto, de certo modo, afirmar que se Deus, pela graça, nos faz participantes de sua natureza divina para que a possuamos e nela nos alegremos, nos deu também, ao submetê-las a nós, todas as demais coisas. E' o que se deduz das propriedades da graça, estudadas até aqui.

O que confere a nossa alma o mais completo direito ao domínio universal é a dignidade de verdadeira esposa de Deus: a esposa do rei é rainha, possui os mesmos direitos, participa do mesmo trono, da mesma coroa; todos os vassallos a honram, como ao próprio soberano.

Façamos disto abstração e consideremos apenas que a graça nos faz verdadeiros amigos de Deus; a primeira lei da amizade consiste em repartir tudo entre si, ter tudo em comum. Mui raramente o verificamos entre os homens, ou talvez nunca por ser amizade imperfeita, limitada; a amizade divina, ao contrário, não conhece limites; só se detém onde nada mais haja a dar ou comunicar.

Pela graça, somos, além disto, *filhos* de Deus, herdeiros seus e co-herdeiros de Cristo³. "Tudo que está no céu e na terra — diz S. Anselmo — o que está nos céus e nos infernos, deve obedecer e estar submisso àqueles que o Senhor de todas as coisas escolheu por amigos seus e adotou como filhos.

As criaturas sensíveis foram, sem exceção, feitas para o homem, porque traz ele já em sua alma racional impressa a imagem de Deus. Como não lhe estarão, com maior razão, sujeitas as criaturas, mesmo racionais desprovidas da graça, quando entra ele na participação da graça divina? O homem é a coroa e ornamento da terra, de toda a criação. A Escritura afirma do Unigênito de Deus que tudo foi criado para ele; tudo, o céu e a terra, foi predestinado a glorificá-lo⁴. Os filhos adotivos de

¹) Lc 15, 31; Jo 18, 10.

²) Rom 8, 32.

³) Rom 8, 7.

⁴) Cf. Ef 1, 21-22; Col 1, 15-17; Heb 1, 2-4.

Deus são uma só coisa com ele, pois com ele reinam no seio do Pai celeste; todo o amor e ternura deste repousa neles. Juntamente com o Filho Unigênito são, pois, o fim último da criação.

Estes, finalmente, pela graça sobrenatural desprezam a tudo que é criado, combatem o mundo e o vencem. Quando o conseguem, torna-se o mundo servo deles; o próprio Cristo o disse: *Ao vencedor farei sentar-se em meu trono, pois também eu vençi, e estou assentado com meu Pai em seu trono⁶, e dar-lhe-ei o mandado escondido e um nome novo⁷*. É verdade que os que se acham em graça não possuem ainda o pleno domínio das coisas da terra; parecem frequentemente os mais pobres e abandonados. Quem, porém, teria suspeitado que Jesus, a pobre criança, buscando em vão um albergue em Belém, fosse o Rei do Universo? Quem teria reconhecido na pobre Virgem de Nazaré a Rainha de toda a criação: Quem acreditaria fosse Lázaro, o mendigo, mais digno e mais rico que o rei Herodes e o imperador Tibério? Muita vez, oculta-se a verdade a nossos olhos e cumpre-nos procurar vê-la na fé e na luz divina. Fala o Apóstolo: *Durante todo o tempo em que o herdeiro é criança, isto é, enquanto permanece nesse vale de lágrimas, em nada se distingue do servo, sendo entretanto o senhor de tudo⁸*. Nem de longe tem ele consciência de seus direitos e riquezas, e nem o reconhecem os homens. Quando tiver, porém, entrado no reino de seu Pai, então se manifestará toda a sua glória; assombrar-se-á o mundo ao ver como aquele, que fora por ele desprezado, entra na posse de todos os seus bens e deles goza eternamente.

Não se segue daí poder o cristão apoderar-se já de todos os bens deste mundo, ou tomar a alguém, embora em pecado, o que lhe pertence. Tal não é a vontade de Deus. Dispõe o Altíssimo possa todo homem neste mundo possuir e adquirir bens, e seus filhos, mais que ninguém, devem procurar respeitar este direito. Cumpre, entretanto, aos cristãos desprezar os bens deste mundo, deixá-los de lado, para buscarem antes de tudo o reino de Deus, com a firme confiança de que, conforme as palavras do Salvador, tudo o mais lhes virá em acréscimo. Demasiado pobres são os bens da terra, que os amemos e desejemos. Deles tomaremos posse e neles gozaremos da glória de Deus, somente quando toda a criação — segundo as palavras do Apóstolo — for libertada da escravidão e da dissolução⁹ e glorificada por uma claridade celestial, quando houver o céu

descido até a terra transformando-a em novo céu, na santa cidade da glória divina, única morada dos filhos de Deus.

Nem mesmo, porém, as restrições impostas pela propriedade alheia podem agora impedir aos cristãos verdadeiro e altíssimo gozo. Amontoam os ricos, em seus palácios e cofres, um ouro inanimado e a mais preciosa das sedas; só a eles é dado adquirir as obras de arte dos homens e delas gozar; podem afirmar que possuem campos e prados, ostentar seu dinheiro, nutrir e regalar os corpos. São, porém, incapazes de subtrair a grande e bela natureza ao mais pobre dos filhos de Deus. Pode o mais miserável dos homens sair de sua cabana e afirmar que quanto abarcam seus olhos lhe pertence, pois é tudo obra de seu Pai celeste. Em cada flor, em cada árvore contempla a imagem da formosura de seu Deus, que lhes deu como penhor de seu amor; todos os seres vivos, animando a terra com sua infinita variedade, anunciam-lhe o poder e o amor de seu Pai celeste. Compreende o verdadeiro atrativo da beleza, entende a linguagem das aves do céu, pode a tudo chamar seu, porquanto goza verdadeiramente de tudo.

Não se limita à terra a riqueza do filho de Deus; pode levantar ele os olhos para o céu, contemplar a luminosidade do sol e das estrelas, submergir-se nos espaços infinitos, e exclaimar com S. Inácio: "Como é miserável a terra quando olho para o céu!" Que alvoroço em seu coração! Pertencem-lhe os astros incontáveis, diante dos quais se some todo o esplendor dos reis; destinam-se a constituir seu gozo e felicidade; colocará um dia o trono seu sobre todos estes elementos, ao passo que todas as riquezas deste mundo não valem mais que uma nesga de terra.

Além disto, a ninguém confere a riqueza terrestre o poder de dominar, propriamente, a natureza fazendo-a servi-lo a seu bel-prazer. Manifestou Deus a alguns de seus filhos que pode dar a graça um poder completo sobre as coisas animadas e inanimadas. O pobre S. Francisco chamava com um gesto as aves dos campos e ordenava-lhes cantarem os louvores de Deus por quanto tempo quisesse. Certo dia em que não aprovou a turba ouvir seu sermão, fez S. Antônio de Pádua vir à praia uma multidão incontável de peixes, que lhe obedeceram instantaneamente, vindos de todas as partes.

Se não perdêramos a justiça original, desfrutaríamos nós também deste domínio, como o gozou Adão no Paraíso. Não o recuperaremos até a vida futura, pois só então terão desaparecido todas as consequências do pecado. Como, porém, o que nos faz merecer a glória celeste e todos os bens nela contidos,

⁶) Apoc 3, 21.

⁷) Ibid., 2, 17.

⁸) Gál 4, 1.

⁹) Rom 8, 21.

é a graça, conclui-se que, em última análise, a ela devemos o ser donos do universo.

As próprias tribulações e privações, que não podemos deixar de sofrer nesta vida, transformaram-se, pela graça, em celestial tesouro. *Tudo concorre para o bem daqueles a quem Deus ama*¹, diz o Apóstolo. Segundo a promessa do Salvador, quanto sofrermos, e tudo quanto, por amor de Deus, renunciarmos, nos será restituído centuplicadamente. Mais ainda, cada vez que nos privamos de alguma coisa, quer voluntariamente, quer para cumprir a vontade de Deus, renunciemos a um direito, pois como filhos de Deus, tudo nos pertence. Nosso Senhor o guarda, como se, por seu amor, lhe dêramos alguma coisa nossa. Dai resulta serem os bens deste mundo mais nossos ainda, quando a eles renunciemos, ou quando por uma santa disposição divina, não os possuímos, ou ao menos deles não desfrutamos, porque então deles dispomos como dispõe Deus; oferecemo-los a ele quando, segundo seu preceito, respeitamos a propriedade dos outros homens.

Em meio de nossa miséria, sentir-nos-íamos, por certo, muito ricos e felizes, se olhássemos para nós próprios com uma fé mais viva. Segundo as leis da verdade eterna, considerar-nos-íamos como reis deste mundo. Longe de cobiçar os bens alheios, contentar-nos-íamos com os nossos e com nossa pobreza, certos de que um dia se submeterão a nós todos os bens. Por outro lado, ninguém pode, neste mundo, possuir ou gozar quanto seu coração almeja. Renunciariamos de bom grado aos gozos perecíveis, para não nos acorrentarem o coração tornando-o indigno da bem-aventurança eterna.

CAPÍTULO XII

PELA GRAÇA UNIMO-NOS INTIMAMENTE A DEUS

Procuramos explicar até aqui a união maravilhosa e misteriosa operada pela graça em nós, tomando como ponto de comparação as diversas relações que unem os homens entre si; provamos, por toda a parte, como aquela união supera a esta em intimidade e perfeição. Passariamos por alto o mais profundo e misterioso mistério, se não acrescentássemos que a graça nos une a Deus de um modo absolutamente diferente, visto

¹) Rom 8, 28.

sermos, por ela, *uma só coisa com ele*, na mais perfeita união, que, por assim dizer, nos funde nele ao unir-nos com ele em um só todo, em corpo e alma.

As relações do pai e do filho, do homem e da mulher são simples relações de parentesco, relações mútuas; não criam uma união de corpos, real, permanente, perfeita; as relações dos amigos formam apenas laços de pura simpatia recíproca, e, de modo algum, uma união real e verdadeira. É impossível chegar a união de dois seres humanos a maior intimidade; ambos, criaturas finitas e limitadas, não podem compenetrar-se mutuamente. Deus, ao contrário, em sua simplicidade infinita e em sua perfeição, pode unir-se aos anjos e aos homens, como o fogo ao corpo, que penetra com seu calor e luminosidade; sem deixar de ser distinta de Deus, torna-se a criatura uma só coisa com ele, como entre nós, a alma e o corpo, a cabeça e os membros formam um único ser.

Tal é o sentido das palavras do Apóstolo: *Aquele que se une a Deus forma um espírito com ele*¹; um espírito não só pela unidade de afeto e de sentimento, mas simplesmente pela unidade de ser e de vida; desta unidade falava o Filho de Deus, quando, depois da última ceia, dizia a seu Pai: *A Glória que Tu me deste, dei-a a eles, para que sejam uma só coisa, como Tu e eu o somos; eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*²: *Não somente rezo por eles, mas também por todos aqueles que crerão em mim, por sua palavra: que sejam todos uma só coisa como tu, Pai, em mim e eu em ti, para que também eles sejam uma só coisa em nós, e creia o mundo que tu me mandaste*³.

A inefável união de natureza e de essência, existente entre Deus Pai e Deus Filho, é a verdadeira figura e a fonte de nossa união com Deus. Assim o atesta a doutrina constante e formal pregada pelo Filho. Este, não apenas é semelhante ao Pai e aparentado com ele, mas ainda é uma só coisa com ele, como o são o galho e a árvore, o raio e a luz, a torrente e o manancial. Também nós devemos ser uma só coisa com Deus, se não tão perfeitamente como o Filho de Deus, ao menos de modo parecido; há de ser esta união tão íntima, que venhamos a ser como o próprio Deus.

S. Cirilo de Alexandria⁴, ao querer explicá-lo, diz que Deus nos concede uma dupla união com ele, de acordo com o modelo existente na Santíssima Trindade: uma exige a outra e a rea-

¹) 1 Cor 6, 17.

²) Jo 17, 22-23.

³) Jo 17, 20-21.

⁴) In Evang. Joann., l. XI, c. II, 12.

liza: deu-nos a união do Espírito com seu Filho em sua natureza divina, e a união do corpo com este mesmo Filho, em sua natureza humana. O Filho de Deus em sua natureza humana fez de nós, não só pelo afeto e o sentimento, mas, sim, em realidade, um corpo misterioso, do qual é a cabeça; do mesmo modo, quer fazer de nossa alma um só espírito com sua divindade.

Consideremos nossa união com a santa humanidade de Cristo. Escutemos, sobre isto, a S. João Crisóstomo⁵.

"Muitos são um só pão, um só corpo, diz o Apóstolo⁶. Não há por que falar de participação ou comunidade. Somos o mesmo Santo Corpo de Cristo. Que vêm a ser os que o recebem? O corpo de Cristo, não muitos corpos, mas um só corpo. Assim como o pão, composto de numerosos grãos, se converte em um ser, no qual, como coisa distinta, já não aparecem os grãos, do mesmo modo nos unimos com Cristo entre nós; já não pertencemos a outro corpo, não te nutres de outro: todos se alimentam do mesmo. Por isto diz o Apóstolo: *Todos participamos do mesmo pão, e por isto nos fazemos todos um só corpo*".

Explica S. Cirilo seu pensamento do seguinte modo: "Quem nos descreverá o poder e o significado deste misterioso sacramento? Por que nos foi ele dado? porventura não faz ele viver em nós corporalmente a Jesus Cristo, pela manducação e participação de sua carne sagrada? Assim no-lo diz S. Paulo: *Os povos incorporam-se a Cristo, participam dele e fizeram-se seus herdeiros*⁷. Como se incorporaram? Ao serem premiados com o gozo deste sacramento formaram um corpo com ele, à semelhança de cada um dos apóstolos. Por esta razão chama S. Paulo a seus membros e aos membros de todos os cristãos membros de Cristo. Ignorais que vossos membros são membros de Cristo? *Tomarei os membros de Cristo para fazê-los membros de uma pecadora*?⁸ Já o dissera o Salvador: *Aquele que come de minha carne e bebe de meu sangue, permanece em mim e eu nele*⁹. E' de notar-se aqui que Cristo, como o estão dizendo suas próprias palavras, quer estar em nós, não simplesmente por uma relação de afeto e sentimento, mas também por uma união real. Assim como os pedaços de cera, quando fundidos juntamente, se convertem em um só corpo, do mesmo modo, quando recebemos a carne e o sangue de Cristo, une-se a nós, e nós a ele"¹⁰.

O pão natural une-se ao corpo daquele que o come; tratando-se de um pão morto e perecível, não pode este transfor-

⁵) *In 1 Cor.*, hom. 24, 2.

⁶) *1 Cor* 10, 17.

⁷) *Ef* 3, 6.

⁸) *1 Cor* 6, 15.

⁹) *Jo* 6, 57.

¹⁰) *In Evang. Joann.*, l. X, c. II.

mar em sua própria substância o corpo que o assimila. O corpo de Cristo, ao contrário, é um pão vivo, indivisível, imperecível, que une a si os corpos que o comem, anima-os e os converte em membros seus, ao derramar neles as ondas de seu divino sangue. Nutre-nos deste modo, como o tronco nutre os galhos com a seiva, comunicando-lhes a força vital, animando-o. Entre nós e Cristo estabelece-se assim uma união misteriosa, sobrenatural, semelhante à que existe entre a cabeça e os membros, entre o tronco e os galhos.

A união de nosso corpo com o corpo de Cristo: é o meio e a figura da união realizada pela graça, entre nossa alma e sua divindade. Assim como nos fazemos realmente um corpo com Cristo, tornamo-nos também verdadeiramente um espírito com Deus, porquanto o corpo cuja cabeça é o Filho de Deus está animado do mesmo espírito que o Filho de Deus.

Ouçamos ainda S. Cirilo: "Ao falar de união espiritual, seguiremos o mesmo caminho e diremos que, quando recebemos o Espírito Santo, unimo-nos entre nós e com Deus, em uma só unidade. Tomados individualmente, somos numerosos e Cristo derrama no coração de cada um seu Espírito e o do Pai; sendo, porém, indiviso, este Espírito reúne em uma só unidade os espíritos separados dos homens, de modo a parecer formarem todos um só espírito. Do mesmo modo que a virtude do Sagramento do Corpo de Cristo forma um só corpo de todos aqueles em que penetrara, assim também o Espírito de Deus reúne em uma união espiritual todos aqueles nos quais habita. Fala-nos S. Paulo: *"Suportai-vos uns aos outros na caridade, esforçando-vos por conservar a unidade do espírito, com o laço da paz; não haja mais que um só corpo, um só espírito, pois fostes todos chamados à única esperança de vossa vocação: só existe um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e um Pai de todos, que está sobre todos, para todos e em todos"*¹¹. Se o Espírito Único habita em nós, o único Pai de todos estará também em nós, e como Deus, por seu Filho, unirá entre nós e consigo aqueles que se tornaram participantes do Espírito Santo"¹².

Fazemos um só espírito com Deus, sem que deixe de existir a substância de nossa alma; tão íntima é esta união com Deus, que nos convertemos, de certo modo, em um todo com ele. No corpo humano, os membros e a cabeça, o corpo e a alma distinguem-se em sua substância; são, não obstante, uma unidade, porque formam um todo. Do mesmo modo, fazemos

¹¹) *Ef* 4, 2 ss.

¹²) *In Evang. Joann.*, l. XI, c. II, 12.

uma só coisa com Deus: porque, segundo as palavras do Salvador, *estamos nele e ele em nós*¹³. O ferro está no fogo, e o fogo no ferro; o fogo absorve inteiramente o ferro e parece consumi-lo: dir-se-ia serem indistintos; assim o fogo da divindade penetra nossa alma e a assume a si, de modo a parecer ter-se ela mudado em Deus.

Isto completa e amplia o que no primeiro livro dissemos acerca da divinização de nossa alma pela graça. Passamos a expor como a alma é divinizada por uma assimilação sobrenatural com Deus. Acrescentamos a esta assimilação uma unidade misteriosa com Deus, que por outra parte é inseparável.

A divinização da criatura não consiste unicamente na maior semelhança possível com Deus; faz também parte dela uma íntima união com ele. Ao elevar-se até Deus, recebe a criatura uma propriedade divina e abandona suas próprias imperfeições; na união sobrenatural com Deus abandona seu isolamento e independência naturais para não mais existir em si mesma, e, sim, em Deus, e com Deus. Na santa humanidade de Cristo distinguimos igualmente uma dupla espécie de deificação: consiste a primeira na unidade pessoal com o Verbo eterno, pela qual pertence a Deus, existe nele e para ele; e a segunda consiste em sua transfiguração pela comunicação da graça e da glória divina. Não sou um com Deus em uma pessoa, como a humanidade de Cristo; não obstante, é esta união tão estreita que, de modo sobrenatural, existo realmente em Deus e para Deus. Semelhança união só encontra seu exemplar na que se dá entre a divindade e a humanidade de Cristo.

Por outro lado, a divinização pela semelhança pressupõe a que se realiza pela união e a exige. Um broto de espécie inferior só se converterá em uma espécie mais nobre, com a condição se enxertá-lo sobre este; os sarmentos não podem parecer-se com a videira e participar de sua vida, se não se unirem perfeitamente a ela; tão pouco podemos nós tornar-nos semelhantes a Deus e participar de sua vida, se não formos transportados sobrenaturalmente para seu seio e formarmos um todo com ele.

Como desaparece na árvore o galho e não existe em si mesmo, nem para si, mas pertence à árvore, do mesmo modo somos absorvidos em Deus, não mais existimos para nós, e, sim, para ele e nele; a partir daí, não existimos nem vivemos, mas é Deus que está e vive em nós o grande mistério, que, segundo as palavras do Apóstolo, constituirá a mais alta perfei-

¹³) Jo 15, 5.

ção da natureza criada; *Deus estará todo em todos*¹⁴. Está Deus em nós, não somente porque nos criou, não apenas porque em todo nosso ser dele dependemos e anunciamos sua glória, mas também porque nos elevou até si e se voltou para nós. Como uma gota d'água em um copo de vinho, confundimo-nos em Deus, pois nos une ele a si, incorpora-nos, traz-nos em seu seio, como o Filho Unigênito com quem é perfeitamente uno.

Não receemos ser prejudicados com esta íntima união com Deus. Lançamo-nos em um abismo insondável, não no abismo do nada, das trevas, mas, sim, num abismo de glória e de felicidade. Perdemos-nos, para podermos nos encontrar em Deus, ou melhor, para acharmos a Deus com toda a sua glória e felicidade. Quanto mais lhe pertencermos, mais nos pertencerá ele; quanto mais vivermos nele e para ele, tanto mais viverá ele em nós e para nós. Deixa por acaso de existir o broto quando o enxertamos em uma espécie superior e da mesma raiz bebe ele a mesma vida? Isto aconteceria se alguém o separasse da árvore; então secaria ou tomaria o aspecto da planta silvestre. Enquanto permanece a união, pode gloriar-se, não só da vida que extrai da árvore, como também da perfeição recebida do tronco e da raiz. Semelhantemente quando nos unimos a Deus pela graça, recebemos como coisa nossa, não já um raio da glória divina, uma corrente da vida de Deus conduzida à nossa alma por um modesto regato, mas, sim, todo o sol divino, a raiz da vida divina; podemos regozijar-nos das perfeições pessoais de Deus, como se foram nossas.

Não é verdade, ó cristão, estar aí o cimo da grandeza a que pode uma criatura ser elevada pelo Deus onipotente? Não pode o pensamento humano conceber a honra que nos cabe, quando nos tornamos um corpo com Cristo, um espírito com Deus. Nem o coração do homem pode suportar o gozo produzido pela certeza de que seus membros são membros de Cristo, e seu espírito se acha fundido com o Espírito de Cristo.

Qual não deverá ser nosso amor para com Deus, quando intimamente nos vemos unidos a ele? Por maior que possa ser o amor que une duas pessoas, baseado na semelhança ou no parentesco, nunca poderá comparar-se em grandeza e intimidade com aquele que une individualmente as diferentes partes de um todo, a cabeça e os membros, o corpo e a alma. Como o explica o Apóstolo, dá-se aqui a união e a comunidade mais perfeita, mais inseparável. *Todos os membros cuidam igualmente*

¹⁴) 1 Cor 15, 28.

*uns dos outros; quando um membro sofre, todos sofrem; quando um se alegra, com ele todos os outros se alegram*¹⁵.

Cada qual ama a si nos outros, e os outros em si. Amemos, pois, a Cristo, nossa Cabeça, do qual somos o corpo e os membros; por ele somos muito mais nobres e felizes do que poderíamos ser pela cabeça de nosso corpo. Amemos o Espírito Santo, que anima nossa alma, mais do que esta a nosso corpo.

Por sua íntima e viva união quer a alma tanto ao corpo, que sua mútua separação só se dá, à custa da violência e de grandes dores; entretanto não se comunicam mutuamente sua natureza. A união com Deus diviniza a alma e submerge-a toda no oceano da glória e da bem-aventurança divina; sendo a união entre os espíritos mais estreita que a do corpo e da alma, não é de estranhar nos uns a Deus esta união com laços muito mais fortes. Cumpre-nos, por conseguinte, pôr todo empenho em conservá-la, embora suponha sacrifícios, e devemos entristecer-nos infinitamente quando a despoja e mata com a espada do pecado, não uma violência exterior, mas nossa própria vontade.

Se um espírito criado, absolutamente independente de qualquer corpo, e perfeito além disto, sob todos os aspectos, se unisse livremente e por pura piedade a um corpo inanimado e abandonado à corrupção, para tornar-se uma só coisa com ele, dar-lhe vida e movimento, e impedir-lhe a dissolução iminente, quais não seriam o amor e reconhecimento deste corpo, caso fosse capaz de apreciar o benefício recebido! Compare-se agora a condescendência deste espírito com a misericórdia que manifestou Deus para conosco, vindo ele próprio a nossa alma despojada, abandonada, miserável, e pronunciando-lhe ao ouvido a benéfica palavra — *se quiseres* — para logo produzir instantaneamente nela a beleza imperecível e a felicidade... Calculem-se o reconhecimento e o amor de que nos tornamos devedores. Onde encontrar mil línguas e mil corações para louvarem e amarem a um Senhor e Pai tão misericordioso?

Formando um corpo com Cristo e um espírito com Deus, estando em Deus e Deus em nós, importa vivamos nele e ele em nós. Cumpre-nos poder exclaimar com o Apóstolo: *Eu vivo, mas já não sou eu quem vive, e, sim, Cristo quem vive em mim*¹⁶. Todos os membros do corpo vivem da vida da cabeça, e o coração, da vida da alma a ele unida. O coração divino de Jesus Cristo derrama, em seu verdadeiro corpo, a vida de seu santíssimo sangue, e traz em si a plenitude do Espírito Santo e da vida divina; e é também a fonte da vida para todo o seu corpo

¹⁵) 1 Cor 12, 25-26.

¹⁶) Gál 2, 20.

místico, para que sejamos todos com ele um corpo e uma alma. A cada um dos membros do corpo não corresponde um coração, mas bebem todos sua força vital de um único coração. Devemos também nós sacrificar nosso próprio coração, mergulhá-lo e fundi-lo no coração divino de Jesus, para que somente nele palpitem, nele busque seu alimento, não vivendo senão dele e nele.

Florescerá em nosso coração uma verdadeira vida celestial, desde o momento em que renuncie a si próprio para absorver-se no coração divino de Jesus, desde o instante em que não se guie por suas próprias palpitações e impulsos, mas, sim, pelos de Cristo. Só então poderá dar-se conosco, de modo místico mas real, o que prodigiosamente manifestou N. Senhor a muitos Santos, ao arrancar-lhes do peito o coração, pondo-lhes o próprio em seu lugar.

Consideramo-nos felizes de possuir e conservar o coração de um amigo fiel, de um grande ou de um santo, depois de sua morte; mais intensa ser-nos-ia a felicidade de o podermos guardar, não morto, mas, sim, vivo, de o podermos trazer não junto de nós, mas em nosso peito, em nosso próprio coração. Não ambicionaremos então receber em nós o coração divino de Jesus, que deseja comunicar-nos sua própria vida, e pô-lo em lugar de nosso pobre coração, moribundo em suas palpitações, para em breve converter-se em pó? Será possível repila nosso coração esta união e esta troca, preferindo à divina a sua própria vida? O Jesus! arranca-me, com santa violência, este coração, faze-o sofrer, se mister, para que não te odeie amando indevidamente a si mesmo, mas se ame e se encontre a si mesmo em teu coração! Abranda-lhe a dureza com o amor do teu, para que, nele se fundindo, receba tua imagem, como a cera mole toma a figura do selo!

A união com Deus e com Cristo, realizada pela graça, possui ainda o misterioso privilégio de unir-nos em um corpo e um espírito com todos os justos e santos. Formam todos estes um corpo com Cristo, e um espírito com Deus; e com eles formamos nós um imenso corpo, cuja cabeça é Cristo, vivificado pelo espírito de Deus. *Um corpo, um espírito*, diz o Apóstolo¹⁷. *Por mais numerosas, somos entretanto um corpo em Cristo, e membros uns dos outros*¹⁸. *Já não existe nem judeu nem pagão, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois sois todos vós uma só coisa em Cristo Jesus*¹⁹. Aqui desaparecem todas as distinções de pessoas entre os homens, fundidos em um todo,

¹⁷) Ef 4, 4.

¹⁸) Rom 12, 5.

¹⁹) Gál 3, 28.

como os grãos de trigo em um pão. A própria distância que nos separa dos anjos passa a' um segundo plano: como eles, somos um espírito em Deus, e mesmo por nosso corpo — que nos torna inferiores a eles — somos um só corpo com Cristo.

Unidos com Deus, cumpre-nos realizar entre nós a união que estreita Deus Pai com o Filho, no Espírito Santo. Este mesmo Espírito, na frase de S. Agostinho, traço de união entre o Pai e o Filho, abraça-nos a todos, unindo-nos mutuamente, como une a alma as diversas partes do corpo. Liga-nos com uma cadeia de ouro a Deus e a Cristo, a todos os Coros dos Anjos, ao exército dos Apóstolos, às legiões dos mártires, dos confesores e virgens. Nele todos se unem, compenetrando-se, pertencem-se mutuamente. Que felicidade imensa tomar parte da comunhão dos santos, possuir toda a glória e felicidade dos bem-aventurados! Em um corpo, possui cada membro suas aptidões especiais, sem deixar entretanto de pertencer ao corpo, e mediante ele, a todos os membros. Podemos nós também alegrar-nos com a sabedoria dos querubins, com a caridade dos serafins, com a dignidade dos Apóstolos, com o valor dos mártires, com a clarividência dos profetas, com os milagres dos confesores, com a pureza das virgens; podemos assim orgulhar-nos como se tudo isto fora nosso, já que tudo provém do mesmo Espírito que também habita em nós, pertencendo-nos tudo como a membros de um mesmo corpo. Se nos é tão caro o corpo de um único santo, quanto mais no-lo será a comunhão e a comunidade de todos os Santos no Espírito de Deus!

São, na verdade, sumamente dignos de lástima aqueles que se separam desta sociedade para darem livre curso a uma paixão cega e insensata, e unirem-se aos inimigos de Deus, à escória da humanidade, aos habitantes do inferno. Triste queda! Eram como anéis preciosos na mão de Deus, dele recebendo sua beleza e glória, e, agora, chafurdam-se na lama! Membros harmônicamente modelados por Deus, colocados na cadeia de ouro dos santos que rodeiam o Altíssimo! Sua união com os outros aumenta-lhes o próprio brilho, e ei-los agora acorrentados com Cain, o fraticida, com Judas, o traidor, com Maomé, o impio sedutor, em infernal cortejo! Pedras preciosas na coroa que adorna a fronte de Deus, fazem agora a alegria do demônio que os mancha e profana e os engasta na coroa de seu horrível triunfo!

Não queiramos ser cruéis para conosco, não separemos nossa alma da graça e da comunhão dos santos; esforcemo-nos, antes, por conservar estes dois bens, ao sacrifício de qualquer preço. Seguindo o conselho de S. Paulo, porfiemos em guardar

a unidade do espírito com o laço da paz²⁰, realizando em nós a unidade do Pai e do Filho. Apeguemo-nos sempre, com renovado empenho, a Deus e aos santos, para fazer-nos, cada dia, mais dignos da sua companhia, e que se tornem cada vez mais estreitos os laços que a ele nos unem. Anemos a nosso próximo como a nós mesmos, em Deus e em Cristo; amemo-lo como membro de nosso corpo, esforcemo-nos por uni-lo também a Cristo, nossa Cabeça, ao Espírito Santo, e desta forma a nós mesmos. Contribuiremos assim, na medida do possível, para a grande obra, o fim da criação, que, segundo as palavras do Apóstolo, consiste em estar Deus em todos²¹; gozaremos então da inefável ventura que só nos pode alcançar a unidade perfeita com todos os santos e com Deus.

Por esta unidade, duplicar-se-á, multiplicar-se-á ao infinito o fogo que nos advirá da contemplação de Deus. Ouçamos S. Anselmo, descrevendo-nos com santo entusiasmo o gozo dos bem-aventurados: "Coração humano, coração sedento, provado pelas tribulações até cair sucumbido, quanto te alegrarás desde o momento em que possuíres os bens que se te preparam no céu! Pergunta à tua alma se és capaz de suportar tamanha felicidade. Imagina agora que outra pessoa, a quem amarás como a ti mesmo, disponha da mesma felicidade: tenho certeza de que tua alegria se duplicará, porquanto não te alegrarás menos por ela que por ti. E se em vez de duas, são três ou muitas as pessoas beneficiadas, em razão de cada uma te alegrarias como se se tratasse de ti mesma, pois a todos amas como a ti própria. E neste amor perfeito que une os anjos e numerosos homens, amor no qual ninguém amará a outro menos que a si próprio, cada qual se alegrará tanto por todos como por si mesmo. Se é agora o coração do homem incapaz de suportar esta alegria, imagina como deverá expandir-se para gozar de alegrias tão numerosas e tão grandes. Regulando-se nossa alegria pelo amor que temos aos outros, como amam todos a felicidade de Deus incomparavelmente mais que a própria e a dos outros, é natural se alegrem infinitamente mais por esta felicidade do que pela própria e a alheia. Se amam, porém, a Deus com todo seu coração, todo seu afeto e toda sua alma, sem que todo seu coração, todo seu afeto e toda a sua alma sejam dignos deste amor, alegrar-se-ão indubitavelmente de modo tão intenso que todo o seu coração, todo seu afeto e toda a sua alma não bastarão para receberem esta plenitude de gozo. Meu Deus é meu Senhor, esperança minha e alegria de meu cora-

²⁰) Ef 4, 3.²¹) 1 Cor 15, 28.

ção, diz à minha alma se nisto consiste aquele deleite de que nos falaste por teu Filho: *Pedi e recebereis, para que vosso gozo seja perfeito*²². Encontrei um gozo pleno que supera a própria plenitude, porquanto se se cumulare de gozo o coração, o afeto, a alma e todo o homem, restará ainda uma superabundância de gozo. Toda esta alegria não entrará naqueles que dela gozam, mas, sim, os bem-aventurados é que entrarão por completo neste gozo"²³.

Cristão, ao ouvir e meditar estas inflamadas palavras, não é verdade que se apodera de ti, iluminando-te o coração, um desejo ardente de entrar na comunhão de Deus e dos Santos? Não é verdade que teu reconhecimento para com Deus deve ser grande, já que por sua graça te destinou a tão elevada união, em sua companhia e dos santos?

Medita frequentemente esta doce verdade, contempla-a incansavelmente, e não perderás tão levianamente, pelo pecado, o precioso tesouro da graça!

²²) Jo 16, 24.

²³) *Prolog.*, c. 25, 26.

LIVRO TERCEIRO

OS EFEITOS E OS FRUTOS DA GRAÇA

CAPITULO I

A LUZ, SIMBOLO DA GRAÇA

Acabamos de ver no livro precedente que a graça produz em nós a união misteriosa e sobrenatural com Deus. Graças a ela, dissemos, somos templos vivos do Espírito Santo; gera ela em nós uma vida divina, confere à nossa alma a incomparável dignidade de filha, de amiga, de esposa de Deus, e a adorna com todas as qualidades e todos os privilégios correspondentes a esta dignidade. Tudo isto se destina a realizar nossa união com Deus e com Cristo em um só corpo e um só espírito. Se até agora, à medida que progredíamos, ia nosso olhar descobrindo novas maravilhas, novos milagres na graça, estejamos certos de que são inesgotáveis suas riquezas, e continuarão assim a excitar e cativar cada vez mais nosso coração.

Para esclarecer quanto dissemos e ainda diremos, apresentá-la-emos sob uma imagem concreta, a luz natural, imagem empregada pela Sagrada Escritura e os Padres. Utilizamo-la, já, de passagem em diversos lugares.

Baseados em se ter já apelidado a luz natural de graça do sol, chamam os Padres à graça de luz de Deus. O sol material dá-nos a mais bela imagem de Deus. O que é o sol para o mundo sensível, é-o Deus para o mundo espiritual: a luz da justiça e da verdade eterna, da mais elevada formosura e do amor infinito, da mais pura santidade e da mais perfeita felicidade. *Deus é luz e nele não há trevas*, diz S. João¹.

A natureza divina em si mesma é a mais pura luz. Ao participarmos dela pela graça, continua necessariamente sendo uma luz, luz procedente do seio de Deus e que ilumina nossa alma, glorifica-a e transforma-a de claridade em claridade, até convertê-la em imagem de Deus². Se Deus, sendo luz em si mesmo, é também, como afirma S. Tiago, *Pai das luzes, de quem procede todo dom excelente e toda graça perfeita*³, o melhor e mais perfeito dom de Deus, a graça, há de ser, igualmente, a mais pura e a mais bela das luzes. Introduz-nos na luz inacessível

¹) 1 Jo 1, 5.

²) 2 Cor 3, 18.

³) Tiago 1, 17.

Deus, revelá-nos as profundezas de sua glória, para poderemos contemplá-la face a face.

Pela graça nascemos da luz de Deus e do fogo do Espírito Santo, fazemo-nos *filhos da luz*¹, filhos de Deus; como Deus, somos chamados luz. *Éreis, outrora, trevas, agora, porém, sois luz*². *Senhor*³.

Fala S. Pedro aos cristãos: *Sois uma raça escolhida para anunciar as perfeições daquele que nos chamou das trevas para a luz admirável*⁴. Esta imagem da luz é tão bela, tão comumente, que dificilmente podemos falar da graça sem mencionar luz da graça, expressão aliás tradicional na linguagem da Igreja. O catecismo romano não pôde melhor definir a graça, do que declarando: "É, de certo modo, um brilho, uma luz, que estrói todas as manchas de nossas almas, embelezando-as e tornando-as mais refulgentes"⁵. Ao sacramento do batismo, no qual nos regeneramos pela graça, chamam os Padres sacramento da iluminação ou simplesmente iluminação⁶.

Com efeito é a luz o mais puro, o mais belo, o mais amável e o mais nobre que podem nossos sentidos perceber; embora todas as demais coisas só as vejamos mediante ela, é contudo e tão misteriosa natureza que ninguém ainda pôde penetrá-la; sabemos melhor o que não seja ela do que o que seja. Embora presente em todos os corpos, acha-se como que espiritualizada; não se prende a nenhum lugar determinado, mas expande-se por toda a parte, penetra os objetos, une o que há de mais separado, anima, por assim dizer, toda a natureza. Também a graça acha-se presente no espírito criado, como algo divinamente espiritual, como uma emanção da natureza e da glória divinas. Assim como Deus está presente em todas as coisas em todas se manifesta, sem poder ser perscrutado em si, do mesmo modo forma a graça um abismo insondável de beleza de glória.

Se já a luz natural é tão rica em qualidades e esplendores, que não temos palavras para exprimi-lo, quais não serão as riquezas e as profundezas da graça! A luz natural é estudada em descanso, pelos sábios, e cantada com entusiasmo pelos poetas; é ela, para estes, a flor das cores, a formosura do mundo, o sorriso do firmamento, a alegria da natureza, uma

imagem de Deus, a vida das coisas, as delícias da vista e da alma, o bem do universo. Sua principal e mais bela glória é ter sido o primeiro ornamento do mundo na criação; a ela deve-se a fuga das trevas e da desordem do caos; o próprio criador louvou-a como um grande bem⁷. Tudo, porém, que existe de agradável e de glorioso na luz natural, tudo que excita nosso amor e nossa admiração, se encontra de modo muito mais extraordinário na luz da graça.

Dá a luz vida às cores, pois sem ela permaneceriam mortas, não existiriam; as pedras preciosas não se distinguiriam dos cascalhos, a púrpura se confundiria com a lã vulgar. Do mesmo modo sem a graça, todas os espíritos criados, tanto os homens da terra, como os anjos do céu, permanecem envoltos em profundas trevas: como diz S. Agostinho, são ainda disformes e sem brilho, não gozam da consideração divina⁸; são como se não existissem até que, vivificados pela graça, aparecem aos olhos de Deus, sob forma atraente e glorioso aspecto. Se é a luz natural uma irradiação do mais perfeito dos corpos, o sol, a graça, por sua vez é a efusão do mais perfeito espírito, do sol da Majestade divina, que criou do nada o sol visível, dele fazendo um reflexo de sua glória. Se o sol transforma os obscuros planetas em brilhantes estrelas, a graça faz de nós, estrelas imateriais, fulgentes do firmamento espiritual, mais brilhantes ainda que as lembradas pelo profeta Daniel: *Os justos brilharão como estrelas por toda a eternidade*⁹. Se a luz do sol transforma um espelho ou um cristal na imagem do sol, a graça vai mais longe, porquanto, além de fazer nossa alma participante do resplendor do sol divino, envolve-a, coroa-a, por assim dizer, e a introduz no interior do próprio sol.

Como é belo, como é magnífico um espelho, em si destituído de formosura e valor — quando repentinamente iluminado pelo esplendor do sol que nele se reflete! Pouco apreciamos a beleza deste espetáculo por estarmos a ele demais habituados, ficaríamos, porém, encantados, se apenas pudéssemos contemplá-lo uma ou duas vezes na vida. É entretanto o brilho deste espelho não passa de uma sombra, ao lado da majestade de uma alma que, pela graça, recebe em si mais que a imagem de Deus, mas, sim, o próprio Deus, e quanto nele há de mais belo e glorioso.

Desde remota antiguidade frisaram-se os seguintes efeitos da luz: penetra, ilumina, aquece, inflama, anima, dilata, eleva e

⁷) Gn 1, 4.

⁸) *De Civit. Dei*, l. XI, c. II.

⁹) Dan 12, 3.

¹) Le 16, 8; Jo 12, 36; Ef 5, 9; 1 Tess 5, 5.

²) Ef 5, 8.

³) 1 Ped 2, 9.

⁴) Para II, c. 2, q. 49.

⁵) Assim, por exemplo, S. Justino (Apol. I, 61), S. Clemente de Alexandria, Dionísio Areopagita, S. João Damasceno. Daí também tantas catequeses ou *alocuições ad illuminandos*.

forma; a graça produz também, de modo infinitamente superior, os mesmos efeitos.

A luz *penetra* e glorifica os corpos transparentes a que se comunica. Todo outro ornamento, como a cor, o ouro, as pedras preciosas, afeta apenas o exterior, deixando intacto o interior. O mesmo se dá com as riquezas do homem, com as honras, a formosura corporal; ainda as qualidades intelectuais, que podem distinguir um homem de outro, como a ciência e o que se convencionou chamar de cultura, não passam de um adereço externo, afetando a superfície e não o interior da alma. Pelo contrário, a graça, como uma luz divina, penetra a alma totalmente, em todas as suas partes e faculdades, até ao mais íntimo de sua essência, e a glorifica com uma formosura e um esplendor celestes.

A luz *ilumina* o olho e o povoa de imagens das coisas exteriores, estejam próximas ou distantes. Somente ela nos mostra a forma e a essência das coisas, cujos efeitos percebemos por meio dos demais sentidos. Com seu auxílio, chegamos até onde nenhum outro sentido é capaz de penetrar, muito além dos limites da terra, aos mais longínquos astros do céu. O mesmo se passa com a graça. Ilumina ela o olho de nossa alma, ou melhor comunica-lhe um olho novo, permitindo-lhe descobrir um novo mundo. Pela razão, podemos perceber apenas o lado exterior da verdade, isto é, o reflexo da vida eterna no mundo criado, seus efeitos e suas obras, não, porém, sua própria essência. Ao contrário, a luz da graça nos dá a conhecer, agora pela fé, e mais tarde pela visão, o mundo invisível e oculto no seio de Deus, mundo de onde saiu o que contemplamos; faz-nos conhecer, além disto, a base eterna deste último, a verdade mesma em sua substância. Introduz-nos no seio de Deus, em sua luz inacessível, para fazer-nos contemplar os mais profundos mistérios de seu coração, mistérios, de si acessíveis apenas ao Pai Eterno e ao Espírito Santo que perscruta a essência divina. Dela fala o Apóstolo quando diz: *o mesmo Deus que por sua palavra fez brilhar a luz no meio das trevas, fez luzir sua luz em nossos corações, para que, de nossa parte façamos brilhar a luz do conhecimento de Deus, que resplandece sobre a face de Cristo*¹².

A luz *aquece* e inflama os corpos; sendo em sua essência idêntica ao calor, só imperfeitamente se comunica, quando não acompanhada deste último elemento. O mesmo acontece com o sol divino; a luz e o calor unem-se inseparavelmente, formando um único ser; da luz do Pai e do Filho procede o fogo do Es-

pirito Santo, o calor da vida divina. Pela graça ainda Deus acende em nossos corações a luz da fé, e por ela, o fogo amável e benéfico de seu divino amor.

A luz do sol *desperta* e mantém a vida em toda a natureza. Quando, à noite, por pouco tempo desaparece o sol, toda vida dorme na terra; fecham-se as flores, calam-se os pássaros, amortecem-se as forças, antes da aurora languesce todo ser vivo. No inverno, quando se retira o sol, fazendo-nos chegar apenas metade de seu benéfico calor, extingue-se por completo a vida das plantas, tornando-se desertos campos e prados; almeja-se o retorno da primavera trazendo consigo a bênção do sol e a vida nova. De modo totalmente diferente opera na alma a luz da graça. Sem ela, não traz em si a alma germe da vida divina, à qual é aliás destinada. Pela graça, porém, torna-se em um delicioso Éden que floresce em perpétua primavera, desconhecendo noite e inverno, e produz continuamente novas flores, sem que se murchem as antigas, para encantar o coração de Deus por seu esplendor e perfume. Somente a nós devemos acusar, se, por vezes, em razão de nossa tibieza, se põe a noite em nossas almas, ou se um rigoroso inverno nos rouba o calor do divino amor.

A luz *dilata* com seu calor os corpos metálicos; distende o ar e o torna elástico, difundindo-o ao infinito. A graça dilata mais ainda o estreito vaso de nossa alma, torna-a apta a receber os tesouros da graça, cada vez em maior escala: pode nela entrar assim o próprio oceano de felicidade divina, pois é então capaz de conter em si, como em um templo, e de apertar entre os braços de seu amor ao próprio Deus, em sua grandeza e em sua infinidade. Dilata e aumenta ao infinito a elasticidade da alma, estendendo esta seu poder muito mais além dos limites de suas forças naturais, desejando cada dia crescer mais; o mundo todo converteu-se em teatro por demais estreito para a sua atividade, e só Deus pode saciar-lhe os desejos.

Pela virtude da luz, o ar aquecido sobe da terra ao céu; por seu influxo, a planta levanta-se do seio da terra e volta-se para a fonte luminosa, a fim de aquecer-se, beber-lhe os raios o mais possível, e a ela unir-se. Do mesmo modo, a graça *eleva* nossa alma até ao sol divino e fá-la desejá-lo ardentemente. E mais ainda, une-a realmente com Deus, transporta-a da terra ao céu e a transplanta para o seio do divino sol.

Finalmente a luz dá aos corpos sua *forma* verdadeira, exata. Sob a influência do sol, as plantas apresentam a verdadeira imagem do que devem ser, de acordo com sua essência e segundo

¹²) 2 Cor 4, 6.

a idéia divina. Não existe retrato tão fiel e vivo de um homem, como o formado pela luz em um espelho; nem sequer a arte humana, com todos os seus recursos, pode realizar uma imagem tão ao natural, como a produzida pela luz em uma chapa engenhosamente preparada. Tão pouco pode Deus formar em nós uma imagem mais perfeita de si mesmo, do que a produzida pela graça. As numerosas e variadas imagens existentes nas coisas naturais foram modeladas por ele segundo uma medida determinada; não são, pois, perfeitamente semelhantes a ele. Aqui, ao contrário, faz convergir em nós, como sobre um espelho, a luz de sua natureza, para que opere com todo seu poder e produza, não um esquema ou um esboço, mas, sim, uma imagem completa, verídica e viva de sua essência.

Poderíamos continuar ainda considerando os esplendores da graça, no que se assemelham à luz natural, já que é esta o símbolo de quanto há de bom e belo, de tudo que é amável, generoso, doce, reconfortador, feliz, puro, claro, sadio, perfeito, fortificante, irradiante e glorioso. Quanto mais nos alegamos nesses inumeráveis privilégios e mais os admiramos, tanto mais nos extasia a luz da graça, invisível ao olho corporal, porém, visível ao da fé; mais encantados ficamos ainda, conforme reconhecemos ser a imagem, de muito, inferior a seu ideal.

Sendo-nos tão querida a luz, a ponto de julgarmos morte o sermos dela privados, não é verdade que devemos estimar e amar incomparavelmente mais a luz da graça? Por certo se tornou terrível a sorte de Tobias quando se viu envolto em trevas, não mais podendo contemplar a luz do sol, pois, segundo narra a Escritura¹¹, lhe caiu nos olhos excremento quente. Sem dúvida é muito pior a situação daquele que se separou, pelo pecado mortal, da luz eterna. Submerso na noite da alma, tateia nas trevas, tropeça e cai constantemente, precipitando-se no mais terrível dos abismos, e, banido da presença de Deus, não encontra paz nem descanso. Em meio da cegueira corporal, Tobias conservava a luz da graça; podia suportar as trevas de seus olhos, não só com paciência, mas ainda com alegria, pois tinha certeza de que, ou na terra ou no céu, Deus lhe restituiria a vista. Ao contrário, o pecador, caso não se converta, não pode aninhar esperança alguma de recobrar a graça, deve temer que na obscuridade dos infernos não o privem até da luz de seus olhos, ou se esta lhe restar, não lhe sirva senão para ver coisas repelentes e desagradáveis.

Certo dia celebrava S. Francisco de Borja a santa Missa

em uma povoação de Portugal, quando de repente tal obscuridade envolveu o sol, que em pleno dia apareceram as estrelas. Sobressaltaram-se os habitantes; julgando presente o dia do juízo, encheram a localidade de prantos e gemidos, abandonaram os lares e precipitaram-se para a igreja, como ao último refúgio. Lá esperavam segurança na proteção do Santo. Como, porém, ainda ali não paravam de gemer e chorar, S. Francisco voltou-se para eles depois do Evangelho da Missa, e, em um ardente sermão, advertiu-os sobre o zelo e cuidado com que deviam esforçar-se por conservar em si mesmos a luz do sol divino, já que uma escuridão tão curta e tão pouco inquietadora lhes havia causado tanto terror. Qualquer pecado grave seria mais que suficiente para privá-los desta luz celestial; os males e perigos que lhes prepara ele seriam verdadeiramente espantosos, indescritíveis.

Verificamos com nossos próprios olhos que, quando se dá um eclipse do sol, se perturba toda a natureza, começam os pássaros a voejar ansiosamente, escondendo-se os animais e nós mesmos tomar-nos-íamos de pavor, se não soubéssemos que o sol não se extinguiu, mas apenas se encobriu e em breve reaparecerá em todo seu esplendor. Sobram-nos, entretanto, motivos de nos aterrorizarmos ante a simples possibilidade de cerrar-se nosso coração ao sol da graça pelo pecado grave, e, talvez para sempre, apagar-se irremediavelmente sua luz.

Para conservar em nós, sem intermitência, esta luz divina, para abrir-nos ininterruptamente a ela, purifiquemos nosso coração, de todo afeto e toda mancha. Não se reflete a luz em um espelho, se não estiver este limpo e puro, nem penetra em um corpo, se não for claro e transparente. Tão pouco pode a graça penetrar e encher uma alma, se não se achar ela pura de pecado, se a ela não se abrir inteiramente como limpo cristal.

Quanto menores forem as faltas veniais que recobrem nossa alma com sua poeira, e menos a manchamos pelo excessivo apego às coisas da terra, sensíveis, quando não más, tanto mais espargirá em nós a graça sua luz celestial, seu esplendor divino. Por isso disse o Salvador: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*¹².

Se quisermos saber como devemos conservar em nossa alma a luz da graça, ouçamos a explicação dada por S. João Crisóstomo, destas palavras do Apóstolo: *Não apagueis o Espírito em vós*¹³. Profundas trevas — diz ele — e uma opaca nuvem recobrem toda a terra — é o que exprime S. Paulo, falando:

¹¹) Tob 5, 12.

¹²) Mt 5, 8.

¹³) 1 Tess 5, 19.

*Éramos, antes, trevas*¹⁴. Quando nos achávamos envolvidos em uma noite sem luar, e nela caminhávamos, forneceu-nos Deus uma lâmpada maravilhosa ao excitar em nossa alma a graça do Espírito Santo. Alguns, como S. Pedro, S. Paulo e todos os Santos, conseguiram tornar esta luz mais brilhante, mais bela e mais amável; outros, como as Virgens loucas, como os que naufragaram na fé, como o incestuoso de Corinto, como os Gálatas apóstatas, apagaram esta luz. Por isto, continua S. Paulo: *Não apagueis o Espírito*, designando, com este termo, também a graça.

"Esta apaga-se por uma vida impura. Se alguém lança água ou terra sobre uma lâmpada, ou lhe tira o azeite, apaga-a; o mesmo se dá com o dom da graça. Se a oprimes com os cuidados das coisas terrenas e passageiras, extingues o Espírito. Quando uma tentação violenta entra, como uma tempestade, e é fraca a chama ou escasso o óleo, já porque não fechas suficientemente a portinhola da lanterna, já porque deixas aberta a porta de tua casa, está tudo perdido. De que abertura falamos? A abertura que são nossos olhos e nossos ouvidos; não permitas entre por esses sentidos o furacão da tentação, que apagará a lâmpada; esconde-a debaixo do temor de Deus. E' tua boca a porta; cerra-a, passa-lhe o ferrolho a fim de conservar a luz e defendê-la de todo ataque exterior. Alguém, por exemplo, injuriou-te ou amaldiçoou-te? Cerra os lábios; se os abrires, excitas o vento. Não percebes que em uma casa, onde se abrem duas portas, uma em frente à outra, se estabelece correnteza de ar? Terás ao contrário observado amainar-se o vento, perdendo sua força, tão logo se fechou uma delas.

"Também aqui se nos deparam duas portas: Tua boca e a daquele que, com seus ultrajes e invectivas, te insulta. Se fechares a boca e não deixares passar o vento contrário, certifica-te de que apaziguaste toda a borrasca; se, porém, a abrires, desencadeaste a tempestade. Não apaguemos, pois, o Espírito.

"Acontece, por vezes, enfraquecer-se a chama, sem que o vento a perturbe. Se acaba o óleo, se não praticamos a esmola, extingue-se o Espírito, pois vem ele a ti, como uma esmola de Deus; não encontrando em ti o fruto da esmola, retorna atrás, porquanto não pode permanecer em uma alma sem misericórdia.

"E se apaga o Espírito Santo, qual será a consequência? Sabem-no todos aqueles que já se encontraram em uma noite escura. Se é difícil ir de um lugar a outro da terra, em uma noite escura, como percorrer, de noite, o caminho que sobe da

terra ao céu? Não sabeis quantos demônios ocupam esta distância, quantos animais ferozes, quantos espíritos do mal aí espreitam! Enquanto possuímos a luz da graça, não poderemos condenar-nos; se, porém, a trouxermos apagada, arrojarmos-se-ão e nos despojarão de tudo que levamos. Costumam os ladrões lançar-nos a mão quando apagaram nossa lanterna; vêm perfeitamente em meio às trevas, porque fazem as obras das trevas, ao passo que não estamos nós habituados à luz da escuridão"¹⁵.

CAPÍTULO II

PODER MARAVILHOSO COM QUE A GRAÇA DESTRÓI EM NÓS O PECADO MORTAL

O primeiro efeito da luz da graça, infundida em nossa alma mediante a justificação, é a destruição da noite atroz do pecado mortal¹. A graça não somente é fecunda em bens e bênçãos celestes, mas ainda poderosa para afastar o mal. Por isto, a alma adornada pela graça compara-se, no Cântico dos Cânticos, a um exército em ordem de batalha, à cavalaria de Faraó².

Os remédios contra os males do corpo não se avaliam principalmente pelo que valem sua substância, seu aroma, seu sabor ou seu aspecto agradável, pois são frequentemente objetos baratos, duros, amargosos, de cheiro desagradável, mas, sim, pelo que contêm de virtude medicinal interna; extraem-se, por isto, das entranhas da terra e do mar, para se transportarem até aos confins do mundo. O remédio da graça é, já por si, duplamente precioso: antes de tudo contém bens infinitos e celestes, e, além disto, sua virtude medicinal vence a morte, a enfermidade, e sobretudo o maior dos males, o único que merece este nome, e que por força alguma pode ser vencido nem no céu, nem na terra.

*Compreendei, pois, insensatos; estúpidos, tende inteligência*³. Vossa sensualidade, vossa cólera, vossa concupiscência enganam-vos miseravelmente, quando vos insinuam, contra as vozes do Espírito Santo, que a pobreza, o sofrimento voluntário ou involuntário, as dores, os insultos, e a própria morte, e não a ofensa de Deus, são verdadeiros males. Somente o pecado não pode ser um bem; tudo o mais pode redundar em nosso

¹⁴) Ef 5, 8.¹⁵) *In 1 Thess.*, Hom. 11, n. 1.²) S. Tomás, I-II, q. 113, a. 6.³) Cânt 1, 8: 6, 3, 9.⁴) Sl 93, 8.

proveito e honra de Deus. Só o pecado não pode provir de Deus; tudo o mais é suscetível de converter-se em objeto de seu amor, de sua estima, e pode ser dispensado por sua mão como insignificante benefício. Quando o Filho de Deus, concededor perfeito do bem e do mal, veio ao mundo para destruir o mal, para assumir o bem e no-lo comunicar, carregou sobre si pessoalmente os sofrimentos e os desprezos; fez-se em tudo semelhante a nós, exceto no pecado. Era com efeito a única coisa que detestava com toda a alma; para destruí-lo ofereceu sua vida, todo o seu sangue; para afastar este mal, quis carregar todos os males.

Suposto sejam as outras desgraças verdadeiro mal, comparado com elas entretanto é o pecado maior mal, pois nos priva, para toda a eternidade, do supremo e infinito bem; representa tão pavorosa calamidade que todas as outras diante dela desaparecem.

E' ele, além disto, a causa e a origem de todos os males que até o presente encheram a terra de enfermidades, flagelos, fome e morte, e continuarão enchendo-a para o futuro. As carnificinas da guerra com seus milhões de mortos, as epidemias que despovoaram países inteiros, em uma palavra, todo o sofrimento da terra, desde a queda de Adão, tudo que estamos experimentando, vendo e ouvindo de calamidades, tudo isto é fruto amargo do pecado. Bastou uma só gota de veneno procedente de um único pecado para contaminar e infeccionar todo o gênero humano.

Um só remédio existe para tão terrível veneno: o Sangue do Homem-Deus, com sua virtude e seu fruto, a graça divina; um mal infinito requer um remédio de poder e eficácia absolutos. Cumpre-nos, por isto, beber, como remédio, o sangue de Cristo; é mister nele purificarmos-nos de nossa impureza. E isto se realiza sempre que recebemos o rio da graça, brotado do lado de Cristo, sempre que nele lavamos nossas faltas, sempre que nele nos saciamos e nos regeneramos. Pelo simples fato de recebermos a graça, convertemo-nos de inimigos em filhos de Deus, podendo, daí por diante, comparecer confiantemente em sua presença, revestidos como estamos do próprio sangue de Cristo em sua justiça e santidade, tornados assim agradáveis ao Pai celeste. Como não pode Deus odiar a seu Filho Primogênito, não pode tão pouco odiar aqueles que, por sua graça, se transformaram em seus membros vivos, portadores de sua imagem. Poderá acontecer odeie um mortal a seu filho e lhe lance continuamente em rosto as próprias faltas, sem deixar por isso este filho, de ser seu; Deus, porém, não pode odiar a seus filhos, pois são ao

mesmo tempo seus amigos e suas esposas; vê-se a si próprio neles e os adotou em seu seio, numa união inefavelmente íntima.

Implica o pecado um duplo aspecto: afasta o homem seu amor de Deus, e retira Deus o seu do homem; cava-se entre ambos um atêrrador abismo. E' obra maravilhosa da virtude da graça suprimir este abismo, unindo novamente o homem a Deus, Deus ao homem. Nem este e nem poder algum criado podem transformar uma vontade perversa, de modo a voltar-se de novo para Deus, a fim de abraçá-lo com um amor sobrenatural; muito menos são capazes de trazer Deus à alma, fazendo-o estreitá-la em seus braços. Tal maravilha compete unicamente à graça, pois somente ela infunde em nossos corações o amor sobrenatural do Espírito Santo, pelo qual nos unimos outra vez a Deus; no momento oportuno atrai todo o amor do pai celeste a nós, até conseguir olvidar ele nossos pecados e considere nossa alma como amiga e esposa. Grande e admirável, realmente, a virtude do remédio da graça! Destroi o mal diante do qual se declaram impotentes todas as forças da terra e do céu, menos o Homem-Deus. Mais admirável ainda nos parecerá quando contemplarmos as indústrias de que usa a graça na realização de sua obra.

Não é a graça poderosa apenas para curar uma só enfermidade; não se detém nem diante do número, nem diante da gravidade das faltas. Suponha-se haja um homem cometido, a um só tempo, todos os pecados e todos os horrores, que, desde o fratricídio de Caim até à sublevação do Anticristo no fim do mundo, se puderam cometer; pois bem, todas estas faltas se purificariam, apenas penetrasse na alma deste homem um tênue filete da graça santificante; desapareceriam todas como por encanto, porquanto basta o menor grau de graça para vencer a maior malícia.

Além disto, nesta cura, não deixa a graça a menor mancha de pecado em nossa alma. Certamente, nem sempre destrói ela as inclinações para o pecado, provenientes de um efeito natural ou de maus hábitos adquiridos, mas retira sempre da alma o que é verdadeiramente mau ou reprovável.

Fala o Apóstolo: *Nada há de reprovável naqueles que (pela graça) estão em Cristo Jesus*¹. De acordo com esta doutrina, ensina o Concílio de Trento que Deus nada odeia nos regenerados². Embora fossem nossos pecados como a púrpura, declara-o Deus pelo profeta, ficariam brancos como a neve; em-

¹ Rom 8, 1.

² Ses. V, c. v.

bora vermelhos como o carmesim, apareceriam como branca lã⁶. De modo ainda mais claro no-lo repete o profeta Miquéias⁷. Anuncia querer Deus submergir todos os nossos pecados nas profundezas do mar, enterrá-los tão profundamente que, ainda quando quiséramos pecar, já não mais apareceriam, visto se lhes ter aplicado o remédio da graça.

E coisa mais maravilhosa ainda, a graça cura os pecados em um instante, sem trabalho nem demora, por maiores e mais numerosos que sejam. Não precisa combater longo tempo com eles; o começo da batalha é já o glorioso fim; à graça, basta-lhe chegar e ordenar, como ordenou Deus, na criação: *Faça-se a luz*⁸; surge imediatamente a luz, dissipando a noite do pecado. Mal confessou David seu pecado, logo obteve do Senhor o perdão⁹; apenas acabava de dizer que confessaria contra si a própria injustiça, viu-se instantaneamente perdoado de sua falta, reconciliado com Deus, e de escravo de Satanás, transformado em anjo.

Como não admirar esta vitória decisiva e completa, este instantâneo e fácil triunfo da graça sobre o mais poderoso e terrível inimigo, que nenhum outro pode dominar? Haverá ainda alguém que voluntariamente queira submeter-se à sua dura escravidão, da qual ninguém pode libertar-se pelas próprias forças? Este remédio tão precioso, a graça, que traz consigo todo bem e afasta todo mal, não o compraremos e conservaremos a qualquer preço, embora fosse mister sacrificar por ela a honra e a riqueza, a vida e a saúde de nosso corpo?

Envergonhemo-nos ao pensar no que fazemos e sofremos para afastar as enfermidades corporais; suportamos coisas equivalentes à severidade das mais austeras penitências. Pede um enfermo um pouco de água, nós a negamos. Se deseja comer, não atendemos a seu desejo. Quando quer o médico abrir-lhe as veias, retalhar e cauterizar-lhe as chagas, oferece ele pacientemente os membros e o corpo. Não se levanta, não sai, nada faz sem o consentimento do médico; permanece no leito, encarcerado, sôzinho, nega-se os mais suaves prazeres, sacrifica fortuna e bem-estar; tudo isto, por uma esperança incerta, tanta vez decepcionada, de recuperar a saúde corporal, que, em qualquer caso, para logo desaparecerá de novo.

Ao contrário, dir-se-ia que nada busca com menor diligência do que a graça, embora seja o remédio único e fácil contra as enfermidades mortais da alma, e que, juntamente com o corpo,

⁶) Is 1, 18.

⁷) Miquéias 7, 19.

⁸) Gn 1, 3.

⁹) 2 Rs 12, 13.

livra da morte eterna. E sabes, além disto, que ela nos regenera de modo instantâneo e infalível, para a vida eterna.

Como são cegos, na verdade, os homens, para tudo que representa o maior valor em sua vida, e clarividentes ao contrário, até ao excesso, nas coisas indiferentes e sem importância! Não seja Deus menos louvado, ele que nos dá o remédio da vida eterna, coisa preciosa em si mesma e de tão fácil acesso!

CAPÍTULO III

A GRAÇA INFUNDE EM NOSSAS ALMAS AS VIRTUDES TEOLOGAIS SOBRENATURAIS

Ao mesmo tempo que a graça perdoa e destrói o pecado, opera a santificação e a renovação do homem interior, nele infundindo as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

Vimos antes que a graça implanta em nossa alma uma vida sobrenatural, celeste, divina, a vida dos filhos de Deus, regenerados pelo Espírito Santo. *Vejamos agora em que consiste esta vida, em que faculdades se radica, por quais atos se manifesta.*

A natureza da alma, que a distingue dos animais, consiste nos atos da razão e da vontade. A vida sobrenatural é a atividade procedente das faculdades da razão e da vontade, transfiguradas pela graça e transformadas em novas faculdades celestes. Assim como a graça transfigura a essência da alma e a faz participante da natureza divina, do mesmo modo lhe transfigura as faculdades, a fim de poderem estas realizar atos tão preciosos e tão grandiosos que sejam dignos da natureza divina; confere-lhes tal capacidade e excelência que podem o que só Deus pode. Esta sobrenatural excelência, que somente a graça pode infundir em nossa alma, denominam-na os teólogos *virtude sobrenatural infusa*¹.

A virtude infusa distingue-se infinitamente das virtudes chamadas *adquiridas*, aquelas que somos capazes de conquistar por nossa atividade. Reduzem-se estas últimas a certa habilidade obtida pelo exercício e o esforço, e permitem-nos realizar, com maior facilidade, segurança, rapidez e gosto, o que poderíamos fazer naturalmente. Comparar-se-iam com a fecundidade, favorecida, em uma árvore, mediante cuidados continuos, irrigação

¹) S. Tomás, I-II, q. 63, a. 3.

frequente e minuciosa proteção contra as influências nocivas da temperatura. A custo de tamanhas fadigas consegue-se produzir uma árvore, não frutos de outra espécie, mas sim frutos aprimorados dentro da mesma espécie, e que vinguem com maior segurança e abundância.

As virtudes infusas, ao contrário, assemelham-se à fecundidade de que podemos dotar uma árvore, pelo enxerto de uma espécie distinta e mais nobre. Consiste seu principal efeito em conseguir por parte de nossa alma a produção de frutos de uma espécie mui superior e mais nobre do que aquela que nem sequer em germe existia em sua natureza. Comunicam ao mesmo tempo à alma certa agilidade no exercício dos atos superiores, de ordem sobrenatural. Como, porém, não suprimem, de uma só vez, todas as tendências más, nem todas as fraquezas de nossa natureza, cumpre-nos, com o auxílio de Deus, afastar de nós os obstáculos à vida divina, adquirindo, assim, a facilidade no exercício da faculdade sobrenatural infundida por Deus.

Outra imagem nos mostrará, com maior clareza, a diferença entre as virtudes naturais e as sobrenaturais. O ferro se amolece pelo fogo, e o martelo magnetiza-se pela proximidade de um ímã. E' o aço, mais duro e de melhor qualidade que o ferro ordinário, sem ser, por isto, de natureza distinta. O ferro imantado, ao contrário, parece um corpo de natureza diversa, pois perde, como por encanto, seu peso e imobilidade, reveste-se de uma nova forma de atração, é, ao mesmo tempo, misteriosamente atraído pelos polos da terra. As virtudes naturais outra coisa não fazem senão temperar e reforçar com o auxílio de Deus, por um exercício repetido, como se se tratasse de outras tantas marteladas, nossas faculdades espirituais, no cumprimento do bem natural. A graça, ao contrário, magnetiza-as por um misterioso contacto com a divindade, que lhes comunica sua virtude divina. Por ela, transformam-se em novas faculdades divinas, e sentem-se imediatamente atraídas, de modo desconhecido, para objetos não previstos, elevadas por mão invisível a regiões misteriosas. O próprio Deus torna-se pólo, pólo central e foco de nossa vida, pólo para o qual tende esta, ponto central em torno do qual se move, foco de onde retira sua força e alimento; nossa vida faz-se participante da vida divina.

A participação da vida divina, devida às virtudes sobrenaturais infusas, consiste principalmente em imitarmos com nossa atividade a vida divina, em submetermos nossa atividade à dele, e unirmo-nos assim a Deus, pelo conhecimento, o amor e a confiança, do mesmo modo que ele se une a si próprio.

Mediante a fé cristã, recebemos um conhecimento sobrenatural e divino, unimo-lo ao de Deus e nele nos firmamos, para obtermos assim uma noção de Deus, semelhante à que tem Deus de si. Mediante a caridade cristã, infunde-nos o Espírito Santo um amor para com Deus, parecido com o que tem ele a si mesmo, de modo a podermos unir-nos a ele e nele submergir-nos, como se possuíssemos sua própria natureza. Finalmente, graças à esperança cristã, apoiamo-nos imediatamente sobre o poder infinito de Deus, como se fora nosso, e por ela recebemos a nobre confiança de possuir um dia o próprio Deus, em toda sua magnificência e de gozá-lo por toda a eternidade.

E' por conseguinte a fé cristã um conhecimento sobrenatural e divino; a caridade cristã, um amor sobrenatural e divino; a esperança cristã, uma confiança sobrenatural e divina. Este o motivo de se chamarem estas três virtudes *teologais*, ou divinas, e na realidade o são. Assim se denominam principalmente, não por terem a Deus em geral, como objeto, mas, sim, por nos unirem a Deus de um modo sobrenatural. Tendo Deus como causa imediata, não podem produzir-se em nós senão por uma comunicação da natureza divina².

Deus aparelha seus filhos com estas três virtudes divinas, a fim de levarem uma vida digna de sua regeneração e se unirem, ainda na terra, lugar de desterro, a seu Pai, objeto de sua felicidade. Somente por elas podemos preparar-nos para a vida eterna, de que um dia gozaremos no seio de nosso Pai celeste.

A vida que levamos já como filhos de Deus na terra, deve ser da mesma espécie da que nos aguarda no céu. Conheceremos a Deus no céu como ele próprio se conhece, possui-lo-emos e dele gozaremos, como ele próprio se possui e goza de si. E' doutrina formal da Santa Igreja, que para o conhecimento, a posse e o gozo, se requer a luz da glória, que sublima as faculdades de nossa alma, tornando-as deiformes, isto é, divinizando-as; importa igualmente nesta vida sejam as faculdades da nossa alma glorificadas ou deificadas, para podermos conhecer e amar a Deus, e nele esperar, obtendo a felicidade divina.

Há três pontos igualmente certos: Deus faz-nos filhos seus e herdeiros do céu; comunica a todos os meios necessários para alcançarem este fim; a graça de Deus adorna a seus filhos com estas virtudes, sem as quais não poderiam unir-se a ele de um modo sobrenatural.

Imagina uma planta: Tem ela raízes que mergulham profundamente no solo, para aí buscar os sucos necessários à sua

²) S. Tomás, I-II, q. 62, a. 1, 2 e 3.

existência e desenvolvimento; dispõe de uma haste, orientada sempre para a luz que a aquece e vivifica; possui certa força de atração e um princípio vegetativo, para absorver e assimilar as matérias indispensáveis à sua conservação e crescimento. Contempla agora uma alma em estado de graça. Não é ela também uma planta, uma oliveira selvagem enxertada em Jesus Cristo como em uma oliveira legítima³? A graça possui suas raízes na fé; por ela penetra a alma nas profundezas da divindade, para sugar a seiva da vida divina. A esperança é a haste, por meio da qual se ergue para o sol da justiça, em busca de amor e calor. A caridade é a força de atração que lhe permite aposar-se de Deus, para receber em si sua própria vida, ou melhor, viver nele.

O pássaro destinado pela natureza, não a arrastar-se na terra, e, sim, a movimentar-se nos ares, recebeu de Deus asas e penas. A águia coloca seu ninho nos rochedos elevados e inacessíveis; fixos os olhos no sol, em poderoso voo, eleva-se sobre as nuvens, e dali se precipita sobre a presa avistada no vale. É uma imagem do filho de Deus, que, nas asas da fé, da esperança e da caridade, eleva-se da baixeza de sua natureza, pela qual pertence à terra, até ao seio de Deus; aí estabelece sua morada, contempla o Criador em sua luz inacessível, e desce à terra unicamente para arrancar sua presa ao demônio, para edificar e converter o próximo, para fazer as boas obras da penitência e da caridade.

Quando se constrói um barco e se lança ao mar, permanece ele imóvel, porquanto não pode, por si, pôr-se em movimento. Se, porém, braços vigorosos empunham o remo, se se soltam as velas, se se acendem as caldeiras e a força do vapor desenvolve seu poder, imediatamente se põe o barco em marcha; ganha o alto mar, singra as ondas com velocidade impressionante, e alcança, em poucos dias, as extremidades da terra, de onde logo voltará, carregado de tesouros. Também o cristão foi lançado sobre as ondas encapeladas deste mundo, em direção ao porto do céu. Bastarão talvez suas forças naturais, para conseguir atravessar, em frágil batel, um modesto rio ou um pequeno lago. Sobre o imenso oceano, porém, que separa o finito do infinito, cumpre empregar outros meios e outras forças de ordem mui diversa, para alcançar a margem longínqua: com as virtudes teológicas recebemos de Deus estes meios e estas forças. A fé é a bússola que, com infalível segurança, nos aponta a pátria celeste, invisível a nossos olhos. A esperança são os remos e as velas,

³) Rom 11, 24.

porquanto mantém em nós uma confiança sobrenatural na expectativa de um fim tão distante; redobra-nos a coragem e garante-nos a assistência onipotente de Deus. Finalmente é a caridade o princípio do movimento, o impulso santo e vigoroso, que nos aproxima de Deus, muito mais rapidamente que o vapor conduz um barco através do mar. Graças ao poder destas virtudes, fazemo-nos ao mar com toda a coragem, combatemos contra as tempestades, dominamos a fúria das ondas, fugimos dos escolhos e bancos de areia, chegamos sem tropeços ao porto da eternidade.

Como é grande a bondade de Deus, e grande a glória de sua graça, que assim eleva e transfigura todas as potências de nossa natureza espiritual e introduz simultaneamente estas três virtudes teológicas em nossa alma, para nela derramar uma vida celestial e divina! Se todos os cristãos meditassem frequentemente na sublimidade e valor dessas virtudes, e experimentassem realmente, por um exercício contínuo, sua doçura e amabilidade, por certo não desprezariam, como fazem, já não digo a graça, mas a fonte mesma da graça; poriam então toda a sua honra em possuir e conservar em sua alma a vida divina.

CAPÍTULO IV

A FÉ DIVINA SOBRENATURAL

A fé é a primeira das três virtudes teológicas. Refere-se à nossa inteligência, que ilumina e fortifica de um modo sobrenatural, habilitando-a a participar do conhecimento de Deus, porquanto nos inteiramos, por ela, de mistérios ocultos a toda inteligência criada, acessíveis somente a Deus. Nossa alma recebe, com ela, o olho do próprio Deus, entrando assim na participação do conhecimento de Deus.

Com efeito, quando, pela graça, nos tornamos participantes da natureza divina, devemos igualmente participar do conhecimento próprio a esta natureza. Devemos, na frase do Apóstolo, conhecer a Deus, como somos conhecidos por ele¹. Isto se dará de modo completo, quando houver a graça atingido em nós seu estado perfeito, na luz da glória; então no seio do Pai, junto de seu Primogênito, vê-lo-emos em sua luz, tal qual é, face a face. Entretanto, ainda neste desterro se preocupa Deus com

¹) 1 Cor 13, 12.

seus filhos. Devem desde agora conhecê-lo como sua própria dignidade e herança. E como ninguém conhece ao Pai, senão ele próprio e seu Filho com o Espírito Santo, importa se nos manifeste Deus por sua própria Palavra; não nos permitindo, porém, nossa natureza apreender e compreender esta palavra de um modo digno dela, deve Deus habilitar-nos para isto, comunicando-nos uma força e uma luz sobrenaturais.

Realmente grande e maravilhosa é a fé divina; e se o mundo não lhe dá importância é porque, como diz S. Ambrósio, "o coração pequenino dos ímpios não pode conter a grandeza da fé". Crê o mundo ser a fé boa apenas para as crianças e os simples, e assim a considera como sinal de pequenez e fraqueza mental, quando, ao contrário, nos assegura S. Leão "ser a fé a força vital das grandes almas"¹.

Somente a credulidade humana, que nos leva a dar crédito, sem motivo razoável nem prova séria, a homens capazes de enganar e de se enganar, é um sinal de pequenez e imbecilidade. A fé divina, ao contrário, é o ato mais belo e mais digno do homem racional e sensato, visto ela unir e submeter sua inteligência à infalível e suprema inteligência, manifestada mediante sinais claros e seguros. Aqui se evidenciam a pequenez e estreiteza humanas, já que toda a força e sabedoria do homem, e mesmo do anjo, são incapazes, por si, de realizar um ato de fé, tal qual Deus no-lo exige. Não pode o espírito criado fazer coisa melhor, em sua mais alta perfeição humana, do que submeter-se com profundo respeito à palavra de Deus a ele revelada. Este respeito deve superar em profundidade ao do servo, que escuta com obediência, sem reservas, a palavra do seu Senhor e a ela conforma seu juízo. E' o homem incapaz de elevar-se, em atrevido voo, até Deus, para unir, mediante a fé, seu juízo ao de Deus, de modo que seu conhecimento adote as propriedades do conhecimento divino e participe de sua grandeza e infalibilidade. Só o habilita para semelhante empresa a força da graça divina. Somente ela pode proporcionar-lhe o impulso que lhe permita elevar-se acima de sua condição natural e subir até Deus, para escutar, em si próprio, sua palavra, beber imediatamente do sol divino a luz da verdade, apoiar-se sobre Deus como um sólido rochedo e nele encontrar a certeza e a segurança imutável e infalível. Diz o Salvador que *ninguém pode vir a ele, se não for trazido por seu Pai*², o que se dá por esta atração sobrenatural que nos transporta para além dos

limites da natureza, até ao seio do Pai, junto de seu Unigênito Filho.

O ato de fé excede, pois, infinitamente a todo poder natural: é um ato absolutamente sobrenatural³; por isto mesmo, o dom da fé, que nos torna possível este ato, é alguma coisa de grande e maravilhoso. Quem o possui não sabe mais o que é ser fraco pois se robustece sumamente, e deixando de lado a estreiteza de seu espírito, se sente dotado de um poder de compreensão, por assim dizer, infinito. Só os crentes constituem os espíritos verdadeiramente fortes e grandes, infinitamente superiores e mais fortes que todos os sábios deste mundo. Os que se apóiam unicamente em sua razão natural, deficiente catavento! agitado em todas as direções pelo sopro de seu mau humor e de suas paixões, assemelham-se a crianças arrastadas no furor da tempestade, enganadas pela maldade dos homens e os ardis do demônio⁴. Tal não acontece com as almas fiéis. Estas, segundo o Apóstolo, são verdadeiramente estáveis e fortes; ancoradas na verdade divina, resistem com uma segurança sobrenatural a todas as tempestades, e se apegam com inamovível convicção aos princípios da suprema verdade.

A graça, além de ser um impulso sobrenatural, necessário para a fé teológica, é também uma luz sobrenatural que nos ilumina na fé e nos conduz até ela⁵.

Para crer importa conhecer a Deus que nos fala. A este conhecimento podemos chegar mediante nossa inteligência natural, sempre que esta considere atentamente os sinais exteriores que acompanham a revelação. Se, porém, não nos iluminar Deus interiormente e de um modo misterioso, se não se aproximar de nós sobrenaturalmente e não der ao nosso coração um novo ouvido interior, seremos incapazes de reconhecer e receber sua palavra, como o exige esta elevação sobrenatural da fé. A força sobrenatural da fé não é um impulso cego e obscuro; não! é claro e luminoso, pois o fim que põe diante de nossos olhos é nada menos que sua glória divina, e desta forma nos atrai. A graça é como um novo éter sobrenatural, por cujas ondas percebemos a voz de Deus, de modo diverso daquele pelo qual o percebemos mediante nossos sentidos e nossa razão, através da atmosfera. Por ela, ouvimos imediatamente a palavra de Deus, tal como sai de seus lábios, experimentamos toda a sua força e poder divinos, e isto mesmo nos incita a aceitá-la em toda a sua grandeza e plenitude. Ensina o Apóstolo que, pela gra-

¹) Sermo 43 de Quadrag., 5, c. 2.

²) Jo 6, 44.

³) S. Tomás, II-II, q. 6, a. 1.

⁴) Ef 4, 14.

⁵) Concílio do Vaticano, Const. de fide, c. 3 e 4.

ça, Deus ilumina os olhos de nosso coração, abre nossos ouvidos, para que nos certifiquemos, de um modo sobrenatural, daquilo que devemos crer⁷.

Se pela luz e a força da graça apreendemos e fizemos nossa a palavra de Deus, a mesma luz sobrenatural deve também ensinar-nos a apreender e compreender as verdades reveladas por Deus. São tão grandes e tão elevadas estas verdades, que a luz da nossa razão se declara tão impotente para compreendê-las como para no-las revelar. Descrevam-se a um cego de nascença todas as coisas percebidas pela vista; ser-lhe-ão sempre estranhas e incompreensíveis. Estariamos no mesmo caso, se Deus, ao no-las manifestar por sua palavra, não nos infundira, ao mesmo tempo, a luz sobrenatural da graça, que nos permite entendê-las. Pela luz da graça, extraída de seu próprio seio, mostra-nos Deus as coisas que ele mesmo vira nesta luz. Eleva-nos pela graça a uma condição sobrenatural e coloca-nos, assim, em relação misteriosa, e de certo modo, em contacto com os mistérios sobrenaturais, de modo a não nos serem mais inteiramente estranhos e incompreensíveis. Neste mundo, é certo, jamais alcançaremos uma contemplação imediata que suprima a fé; não obstante, se nos tornam estes mistérios tão claros, tão límpidos e compreensíveis quanto o permite a virtude da fé.

Pecam por insensatez aqueles homens que só vêem na fé trevas e aviltamento do espírito. Muito ao contrário, todo conhecimento natural é, em face da fé, como a luz de uma lâmpada à noite, junto ao astro resplandecente do dia. Nossa razão não passa de uma luz criada, terrestre, que projeta um pálido reflexo sobre os objetos desta terra, iluminando apenas as coisas criadas e mostrando-nos o Criador unicamente a uma obscura distância. É uma luz, pela qual conhecemos pouco e imperfeitamente, uma lâmpada que só ilumina os arredores imediatos, sem conseguir sequer mostrá-los em todo o seu brilho natural. Ao contrário, a fé eleva-nos acima das criaturas, até ao próprio Deus; por ela, voa a nossa alma até ele como a águia para o sol, nele fixa seu livre e atrevido olhar, e penetra o mistério de sua intimidade. Tendo aplicado nosso olhar em Deus, causa suprema e fonte primeira de todas as coisas, faz-nos a fé percorrer daquele alto o mundo visível e invisível, tudo mostrando-nos em seu verdadeiro aspecto. Patenteia-nos as profundezas da divindade, revela-nos como, desde toda a eternidade, o Filho procede do Pai, e de ambos, o Espírito Santo, como laço de seu mútuo amor; como o Filho, abandonando o seio do Pai,

⁷) Ef 1, 18.

é enviado no tempo para derramar sobre as criaturas a plenitude de sua glória e de sua sabedoria divinas, e reuni-las todas consigo mesmo, com seu Pai e com o Espírito Santo na mais íntima comunhão. Mostra-nos o termo último e sobrenatural, o fim de todas as coisas, o ponto em que o tempo se entronca com a eternidade, o instante em que o mortal passa à imortalidade e se une tão estreitamente a Deus, que Deus está todo em todos⁸. E semelhante luz parecer-vos-ia treva e obscuridade?! Dir-se-ia que temos pavor em submeter nossa razão à obediência da fé! Deveríamos, ao contrário, orgulhar-nos grandemente e, com S. Pedro, agradecer infinitamente a Deus por nos ter chamado à sua admirável luz⁹.

Concedo reinar semelhante luz em uma santa obscuridade; é, porém, a obscuridade da aurora, a anunciar o dia e a glória do sol. Como nos deveria ser, portanto, incomparavelmente mais preciosa que todas as luzes, brilhantes na noite! Precisamente a escuridão de uma noite estrelada revela-nos os mais estupendos mistérios, faz alcançar nossa vista infinitamente mais além que em pleno dia. Faz-nos a luz do dia ver apenas uma reduzi-díssima parte da terra, um só ponto do universo. A noite, ao contrário, introduz nossos olhos nas mais gigantescas e longínquas constelações, nas incomensuráveis esferas, ocultas pela luz do sol. Existe obscuridade na fé, mas uma obscuridade tal que chegamos a tocar o invisível e tê-lo entre as mãos. A fé, fala o Apóstolo, é a substância das coisas que esperamos, e uma prova das coisas que não vemos¹⁰. Dizia S. Bernardo a um herege para quem a fé não passava de uma pura opinião: "Entendes tu? Vê, que o Apóstolo fala da substância. Não se trata, pois, de uma leviana opinião, de uma vã imaginação. Tudo é aqui segurança, certeza que não suporta nem vacilação nem pusilanimidade"¹¹. A fé, com efeito, fixa-nos na verdade divina e fixa a verdade divina em nós, de modo tão sólido e inamovível, que reconhecemos com uma segurança tão infalível e imutável como a mesma verdade divina, não poderem falhar nossa convicção e nosso juízo, do mesmo modo que não podem falhar a convicção e o juízo de Deus sobre o qual nos apoiamos. É a fé obscuridade porque nela não vemos com nossos próprios olhos, e, sim, através do supremo olhar de Deus para quem não existem trevas.

A fé é uma noite, mas noite que nos inunda de luz celestial. É noite em comparação do dia da glória eterna, mas dia, em

⁸) 1 Cor 15, 28.

⁹) 1 Ped 2, 9.

¹⁰) Heb 11, 1.

¹¹) De error. Abelardi, c. 4, n. 9.

comparação com toda a luz da razão e do sol. A graça da fé supera tanto a qualquer outro conhecimento natural, como o olho normal supera ao olho do cego, como a alma racional do homem supera a do animal bruto.

Longe, pois, de contemplar a fé como uma noite para a inteligência, honremo-la e amemo-la como fazemos com a inteligência. Temos motivos de considerar esta última como um grande dom de Deus; por ela a luz da face divina imprime-se como um selo em nosso coração; graças a ela colocamo-nos muito acima dos animais. Com razão, pois, julgamos o pior dos males perdê-la por uma enfermidade ou um defeito; é mil vezes pior que a privação da vista. Daí podemos calcular a estima que nos deve merecer a luz da fé, pois mediante ela, não só nos elevamos acima dos animais, mas ainda acima de todas as criaturas racionais. Como se ainda fora pouco, mostra-nos a Deus, de face descoberta, e acrescentemos que não podemos ser dela privados, a não ser que por nossa culpa a expulsemos de nossa alma.

Seria coisa assustadora que um homem, em seu furor, se arrancasse ambos os olhos, ou consciente e voluntariamente, se privasse do uso da razão. Entretanto mais terrível ainda, supondo mesmo mais criminoso impiedade, é repudiá-la, como desgraçadamente o fazem tantos homens, a luz celeste da fé, que te foi presenteada por Deus, ou então, depois de honrado com ela, extingui-la em um instante, em tua alma, por uma dúvida insensata ou um obstinado orgulho, precipitando-te assim em espantosas trevas.

Como são poucos os que, preocupados em não perderem a graça da fé, a honram devidamente, considerando-a como fonte da vida celeste e esforçando-se diariamente por aumentá-la e dela conseguir novas luzes! Quantos homens, ao contrário, se atormentam a vida inteira, com incansável empenho, sacrificando saúde e dinheiro para adquirir a ciência humana, para poder conhecer os objetos mais miseráveis e insignificantes, sem pensar que um raio, uma centelha dessa divina luz contém mais claridade e verdade que toda a ciência dos anjos e dos homens. Os conhecimentos humanos, segundo S. Agostinho, são os reflexos do crepúsculo mergulhando-se cada vez mais no horizonte, tornando-se, à medida que se escondem, mais pálidos e débeis¹²; quanto mais quer a razão penetrar a essência das coisas, e galgar as alturas, tanto mais se vê obrigada a reconhecer sua fraqueza; lá onde somente começa a verdade, outra coisa

não vê diante de si, senão a noite escura. Nesta noite levanta-se, precisamente, a luz da fé, à semelhança de uma aurora que se amplia em momentos, revelando-nos um mundo novo, sobrenatural, formosíssimo; e ao mesmo tempo, deposita em nossa alma os germes de um conhecimento celeste e imperecível, germe que não podem perecer sem culpa de nossa parte, e que um dia se abrirão com esplendor inalterável, sob a luz da glória. Oxalá dedicássemos a metade do esforço e dos sacrifícios consagrada pelos sábios à aquisição da ciência humana, a aumentarmos a graça da fé, a aderirmos mais firmemente à palavra de Deus, a recebermos cada dia maior quantidade de sua luz!¹³ Então, sim, como nos alegraríamos neste esplendor celeste e beberíamos com prazer seus maravilhosos raios! Ostentariamos com orgulho nossa fé, glorificando-nos com o Apóstolo, de não conhecermos senão a Jesus e a Jesus Crucificado¹⁴. Por certo, toda a ciência deste mundo nos pareceria loucura, e transbordaria nosso coração de um santo reconhecimento para com Deus, que nos livrou do poder das trevas e nos chamou à sua luz admirável.

CAPÍTULO V

A VIRTUDE TEOLOGAL DA ESPERANÇA

A segunda das virtudes teologais, derramada em nosso coração pela graça, é a virtude da esperança cristã, nem menor nem menos formosa que a primeira.

Como o amor, relaciona-se a esperança, não com a razão mas com a vontade. Possui esta dois atos diferentes: pode em primeiro lugar amar o bem ou nele encontrar sua complacência; e em segundo lugar, tende efetiva e confiantemente para este bem. Assim como a fé comunica à nossa razão um conhecimento sobrenatural e divino, também a esperança comunica à vontade uma força divina e uma confiança sobrenatural, de modo a poder ela tender eficazmente para o bem supremo e infinito, chegar até ele com toda segurança, o que é interdito a toda a força criada. Do mesmo modo eleva-nos esta virtude sobre toda criatura, até Deus, para fazer-nos descansar em seu seio, fortificar-nos com seu poder, e estabelecer-nos irrevogavelmente sobre este poder como sobre inabalável rocha.

¹²) In Ps. 135, enarr. n. 8; Confess., l. XIII, c. 18, n. 23.

¹³) 1 Cor 2, 2.

A grandeza e a formosura da esperança dependem, pois, de dois elementos: dá-nos a confiança de que podemos possuir, perfeitamente e por toda a eternidade, o bem sobrenatural e supremo, que é o próprio Deus; e baseia esta confiança no poder infinito e na força do mesmo Deus, único que se possui a si mesmo por sua natureza, e igualmente único que pode introduzir a criatura na posse de si mesmo.

A esperança ou confiança, diz S. Tomás¹, é um levantamento e uma elevação da alma, pela qual tende seguramente a um bem elevado e difícil de conseguir-se, e despreza e vence todas as dificuldades que se lhe opõem. É um sentimento de coragem que comunica à alma a consciência de uma grande força e a enche de alegre intrepidez, anima-a com um particularíssimo contentamento, e a arrebatava melhor que qualquer outro bem. Quanto mais elevado for o bem a que nos dirigimos, e maior a força em que nos apoiamos, tanto maior e mais forte será também o sentimento de nobreza comunicado pela esperança.

Forte e amável deve ser a esperança cristã que Deus infunde em nossos corações pela graça. Graças a ela consola-se e fortalece nossa consciência, que reconhece sermos chamados por Deus à inefável dignidade da filiação divina, bem como sermos seus herdeiros e co-herdeiros de seu Filho, e havermos de nos assentar com ele em seu trono, para com ele reinarmos enquanto se nos submeterá o mundo e nos pertencerá o próprio Deus com toda a sua glória, suas riquezas, seus tesouros e sua felicidade. Por ela apoiamo-nos, não já sobre o débil canço de um poder criado, mas sobre a grandeza incomparável do próprio Deus que, segundo o Apóstolo, *nos enche da plenitude de sua divindade e opera infinitamente mais, em nós, do que o seríamos capazes de pedir e de compreender*².

Podemos considerar como nossa a onipotência de Deus, e nela nos apoiar como se nos pertencesse. Com efeito, ao fazer-nos filhos seus, Deus nos pertence, quando com seu inefável amor paterno nos abraça e nos adota em seu seio, cobre-nos com sua onipotência e faz-nos fortes com toda a plenitude de sua força divina, de modo que podemos exclamar com o Apóstolo: *Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Se não poupou a seu Filho Unigênito e o entregou por nós, será possível não nos tenha dado, com ele, todas as coisas*³?

Graças a esta consciência, a esperança dos filhos de Deus converte-se em confiança triunfal, que não teme nem perigos nem

obstáculos, nem se intimida por nenhum poder criado; e nem pode ela provir de nenhum poder criado capaz de fomentar tal confiança. Nela encontramos uma segurança estável e infalível, que não conhece vacilações nem temores, desconhece a decepção e nos garante a consecução de nosso fim como se já o possuíramos. Por isto fala o Apóstolo: *Quem nos separará da caridade de Cristo? A tribulação, a angústia, a fome, a nudez? Por acaso os perigos, a perseguição, a espada? Em semelhantes circunstâncias, aquele que nos amou, nos fará vencedores. Estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem um anjo, nem as potestades, nem as dominações, nem as coisas presentes nem as futuras, nem criatura alguma é capaz de separar-nos da caridade de Deus, que está em Cristo, Nosso Senhor*⁴.

Sim! estamos seguros com infalível certeza de que nenhum poder inimigo, quer celeste, quer terreno, nem mesmo nossa grande fraqueza, poderão impedir-nos de alcançar nossa meta, a não ser que expulsemos de nós a graça de Deus e sacrifiquemos a esperança, ou se por nossa deliberada vontade, com toda malícia e não apenas por nossa fraqueza nos subtraímos à força incomparável de Deus. Não é mister temer nos abandone ela, se antes não a abandonarmos; permanece junto de nós e em nós, enquanto junto dela permanecermos; aperfeiçoa e firma sobre a base frágil de nossa alma a construção celeste, que ninguém pode destruir, a não ser que o façamos nós próprios, abandonando esta mesma base.

Senhor! Como pode nosso tão pobre e débil coração conter e suportar uma confiança tão firme que sobrepuja o céu e a terra, triunfa de tudo, até mesmo de nós? Embora seja certo que não podemos excitá-la por nossas próprias forças, não é menos verdade que no-la pode conceder tua poderosa graça. Nosso coração, por si, nem sequer poderia aguentá-la, se não viera em seu auxílio a graça, para fortalecê-lo. Aos primeiros passos na vertiginosa estrada que conduz ao céu, cairia sem vida, se tua graça não lhe desse asas para voar sobre os abismos, para elevar-se da terra até além das montanhas que roçam as nuvens, para continuar subindo sempre até repousar em teu seio.

Cumpre-nos agradecer-te infinitamente por este fruto de tua graça. Para isto não encontraremos meio mais adequado que procurar conservar fielmente e aumentar, dia a dia, esta esperança divina, este alimento celeste, este santo orgulho que em ti se apóia e de ti se alegra; as palavras do Salmista prestar-nos-ão

¹) Sum. theol., I-II, q. 25, a. 3.

²) Ef 3, 19-20.

³) Rom 8, 31-32.

⁴) Ibid., 8, 35-39.

seu auxílio: *Este confia em seus carros de guerra, aquele em seus cavalos, nós, porém, confiamos no nome de Senhor*².

Queira Deus, como pede o Apóstolo, esclarecer os olhos de nosso coração, para reconhecermos qual é a esperança de sua vocação e a riqueza da glória de sua herança nos santos³.

Pela força do Espírito Santo que recebemos como penhor de nossa glória, como consolador de nossa miséria e auxílio de nossa fraqueza, oxalá nos seja dado *suspirar por esta (perfeita) adoção dos filhos de Deus, na qual até mesmo o nosso corpo se verá livre da escravidão da corrupção*⁴.

Possamos todos ter com o Apóstolo *acesso à graça na qual nos achamos, e glorificar-nos na esperança da glória dos filhos de Deus*⁵. Sim, como diz o Apóstolo, *devemos alegrar-nos nas tribulações, pois sabemos que a tribulação gera a paciência, a paciência a provação, e a provação produz a esperança que não nos engana*⁶.

Quanto não desonramos esta inefável virtude de esperança, com nossa covardia e preguiça! Estremecemos-nos diante do menor perigo, sucumbimos em face da mais insignificante tentação, apegamo-nos à terra, sem aventurarmos um só passo no caminho escarpado que sobe ao céu... Como justificar semelhante falta de coragem quando Deus nos cumula com sua poderosa graça e nos coloca a tal altura que estamos em condições de enfrentar o inferno inteiro? Por que não estendermos a mão a esta graça, por que não nos apoiarmos nela para livrar nosso coração de todo temor, de toda ansiedade? Inclina-mo-nos excessivamente a confiar em nossas próprias forças, a vangloriar-nos ainda quando deficientes ou relacionadas com insignificantes assuntos. Por que cometeremos para conosco este imenso erro, e faremos a Deus tal injúria, desconfiando de sua graça, e não desprezando, com seu auxílio, todos os perigos, todos os inimigos? O jovem exalta-se na plenitude de seu vigor; o guerreiro vangloria-se, crendo-se forte e valoroso; orgulha-se o rei ao pensar na multidão de seus vassallos e na extensão de seu reino. Somente os filhos de Deus rojarão pela terra, esquecidos de sua nobre dignidade? Florescem numa perpétua juventude, imarcescíveis, que cada dia cresce e se desenvolve. Formam um bem equipado exército, cuja força é o poder do Onipotente, diante de quem estremece o inferno. Todas as criaturas são chamadas a servir e cooperar no bem-estar dos ami-

² Sl 19, 8.

³ Ef 1, 17-18.

⁴ Rom 8, 23.

⁵ Ibid., 5, 2.

⁶ Ibid., 5, 3-5.

gos de Deus; todos os tesouros e todas as riquezas do Altíssimo estão à sua disposição. Esta é a verdade!

Esforcemo-nos por honrar a graça desta celeste esperança; prefiramos, com santo orgulho, a esperança da glória destinada aos filhos de Deus, a qualquer outro poder e todas as riquezas da terra. Com inquebrantável segurança, ergamos os olhos para a posse do bem supremo, que coroa nossa esperança mediante a persuasão inefavelmente doce, de que nunca poderemos perdê-lo, a não ser por nossa culpa.

CAPÍTULO VI

A CARIDADE DIVINA

A terceira e mais nobre das virtudes teologais é a Caridade sobrenatural para com Deus e o próximo. Diz o Apóstolo: *Agora permanecem estas três virtudes, a fé, a esperança e a caridade; a maior, porém, das três é a caridade*¹.

E' a mais perfeita, porque completa e aperfeiçoa a fé e a esperança. O bem mais excelso que, pela fé, se nos dá a conhecer, recebemo-lo pela caridade; por ela, ainda na terra, unimo-nos ao que esperamos no céu. Podem estar mortas a fé e a esperança; podem em nós existir sem nos porem em contacto vivo e perfeito com Deus, ao passo que não pode a caridade estar morta, pois é a própria vida e anima a fé e a esperança². Podemos possuir em certa medida a fé e a esperança dos filhos de Deus, sem possuímos realmente a graça santificante³. A caridade, porém, é, de si, inseparável da graça santificante; não é compatível sermos filhos de Deus e não amá-lo como nosso Pai; não é possível abraçá-lo com amor filial, sem nos envolver ele em um olhar carregado de amor paterno. Quando a Caridade se difunde em nossos corações, se nos dá o próprio Espírito Santo; e não vem ele somente para enriquecer-nos com seus dons, senão também para estabelecer em nós sua morada e consagrar-nos como templo seu.

¹ 1 Cor 13, 13.

² S. Tiago 2, 17. "O mesmo se dá com a fé: se não a acompanham as obras, é sinal de que está morta". Cf. S. Tomás, II-II, q. 6, a. 2; q. 23. Concílio de Trento, Ses. VI, c. 15; cân. 28.

³ S. Tomás, I-II, q. 65, a. 4 e 5; q. 110, a. 3.

Esta caridade sobrenatural é um dom tão grande quanto a graça, e até, no sentir de S. Agostinho¹, tão grande como o Espírito Santo que se nos dá por ela e nela. Assim como, pela graça, Deus se une sobrenatural e inefavelmente à nossa alma, do mesmo modo nos unimos misteriosamente a Deus pela caridade sobrenatural, fechando-se, deste modo, este círculo maravilhoso, expressão do laço divino que une o Pai a seu Filho Unigênito e o Filho ao Pai, no Espírito Santo. Assim como o Pai Eterno, com amor inefável, gera o Filho de sua dileção, resplendor de sua glória, e assim como o Filho se une ao Pai, a ele retornando com amor igualmente infinito, procedendo deste recíproco amor o Espírito Santo, assim também Deus Pai nos comunica o amor que tem a seu Filho, fazendo-nos participantes da natureza divina. Pelo amor filial unimo-nos a nosso Pai celeste, e saídos dele, a ele voltamos; e o mesmo Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho, torna-se o laço e o selo de nossa união com Deus. Compreenderás, ó cristão, estas verdades, de modo perfeito, se te detiveres na essência e na natureza do amor que procede da graça. Trata-se de um amor divino, não só porque tem a Deus por objeto e a ele nos une, mas ainda porque, graças a ele, amamos a Deus como só a ele pode amar-se, em virtude de sua natureza divina. Assim como a graça é uma participação da natureza divina, assim também o amor dela precedente é uma participação do amor divino. Acreditaram alguns teólogos não se distinguir de Deus este amor, confundindo-se com a pessoa do Espírito Santo. Não é verdade²; é antes, na frase do Apóstolo, algo infundido em nossos corações pelo Espírito Santo³; é um fogo derramando seu santo ardor em nossa alma, uma imagem do amor divino do qual procede, do mesmo modo que a visão imediata de Deus, de que gozam os santos no céu, é uma imagem da participação no conhecimento divino, do qual procede o Verbo Eterno.

Por este motivo, achamo-nos em face de algo de divino e extraordinariamente belo, tanto assim que, segundo S. Agostinho, deveria chamar-se com o nome de Deus, pois nenhum outro termo é capaz de lhe expressar o valor⁴.

Em rigor, só um amor assim é que corresponde à dignidade de Filhos de Deus. Pela graça somos adotados em seu seio como verdadeiros filhos; fazemo-nos, de certo modo, semelhantes a Deus, aproximamo-nos infinitamente dele, incomparável-

¹) De Trinit., I, XV, c. 18, n. 32; c. 19, n. 37.

²) S. Tomás, II-II, q. 23, a. 2.

³) Rom 5, 5.

⁴) Sermo 156, n. 5; epist. 186, n. 7.

mente mais do que o somos por natureza. Se temos, porém, tal parentesco com Deus, nosso amor para com ele deverá igualmente parecer-se com aquele que tem a si mesmo e a nós: deverá ser divino. Pela graça, Deus ama-nos com um amor paterno, em seu Unigênito Filho; pela graça vemo-nos obrigados a dispensar-lhe um amor filial. Pela graça aproxima-se ele de nós com toda a bondade e doçura de sua essência divina; do mesmo modo, deve a graça imantar nossa alma com um magnete divino que a atraia sobrenaturalmente a Deus e nele a submerja. Participamos, pela graça, da natureza divina, e assim como somos chamados a conhecer a Deus como ele se conhece, devemos receber também a capacidade de amá-lo como ele se ama.

Já que o amor de Deus a si mesmo é um amor santo, relacionado com o mais puro e elevado bem, por ele amado como merece, em poucas palavras, já que é ele um amor divino, igualmente nosso amor para com Deus, que se deriva da graça, há de ser um amor santo, pertencente, como é, a uma espécie divina.

E' evidente que este amor é inteiramente sobrenatural. De acordo com nossa natureza, podemos e devemos amar a Deus, como Criador e Senhor, do qual somos imagem natural. Tanta distância medeia entre o amor divino e este amor natural, como entre o conhecimento natural de Deus pelo espelho das criaturas, e a visão imediata de sua essência, como entre o fogo da terra e o calor do sol. Embora ambos os amores se refiram a Deus, o segundo é contudo de uma espécie inteiramente diversa; o servo e o filho amam também a mesma pessoa, o primeiro, porém, a ama como seu senhor, enquanto o segundo como seu pai. O primeiro destes amores mantém-se imensamente distante de Deus, não consegue elevar-se até ele, não pode abraçá-lo, nem a ele unir-se. O segundo ergue-se até Deus, sobrepuja todos os limites da natureza, e se submerge em Deus como se fora da mesma natureza e constituísse com ele uma única pessoa.

Contempla, ó cristão, quão grande e maravilhosa, excelsa e magnífica é a graça que te habilita a um amor tão elevado, tão sobrenatural, tão santo e divino!

Falando de modo geral, é o amor o que de mais doce existe em Deus e nas criaturas; como seu nome o indica é a própria doçura e amabilidade. Nosso coração foi feito para amar, seu prazer e felicidade residem no amor; no amor abre-se sua vida íntima, para dar-se por completo, para nele viver e nele dilatar-se; outra coisa não deseja senão encontrar um objeto digno de seu amor, ao qual possa unir-se e em torno dele girar.

Julgamo-nos felizes quando podemos amar uma criatura que nos encanta por sua beleza ou nos esteja ligada pelos laços do parentesco ou da amizade. Ser-nos-á, porém, incomparavelmente mais doce e mais agradável poder amar ao próprio Deus, Bem supremo e infinito, Criador bondoso e generoso Senhor, e nele nos alegrarmos.

Mas que é o amor natural para com as criaturas e o próprio Deus, comparado com a caridade sobrenatural e santa? Esta deriva imediatamente de Deus, como uma centelha, como uma chama de amor divino, em que ele nos abrasa, como uma flor da vida e da felicidade divinas. Aqui o amor natural deixa de ser amor, para se transformar em fogo sem ardor, em planta inanimada.

A esta caridade sobrenatural referia-se o bem-aventurado Tomás de Kempis, quando entusiasmado escrevia: "Nada há mais doce que o amor, nada mais forte nem mais elevado, nada mais extenso, mais alegre, nada mais completo e excelente no céu e na terra; porque o amor tira sua origem de Deus e se eleva acima de toda criatura, só podendo repousar no próprio Deus. Se alguém ama, conhece a força desta palavra. Chega ao ouvido de Deus o abrasado afeto da alma que diz: "Meu Deus, amor meu; tu és todo meu e eu sou todo teu" ⁸.

A esta caridade, unicamente, se refere o belíssimo louvor do Apóstolo, quando nos exorta a *estarmos firmados e radicados no amor, para podermos compreender com todos os santos qual seja a largura e o comprimento, a altura e a profundidade, para conhecermos o amor de Cristo que excede todo o conhecimento e nos cumularmos com toda a plenitude de Deus* ⁹.

Somente esta caridade é que, segundo S. Bernardo ¹⁰, esquece os respeitos e considerações humanas, e se encaminha diretamente para Deus, com a simplicidade da criança e a intimidade da esposa, para estreitá-lo no mais terno dos abraços, como um pai, irmão, amigo e esposo, e penetrar nos mais íntimos abismos de sua bondade e de sua doçura, e perder-se nas profundezas de seu coração divino.

Assim como, graças a esta caridade infusa e só por ela, amamos a Deus como ele ama a si mesmo, assim também, só por ela, Deus se faz verdadeiramente nosso; por ela possuimo-lo em nosso coração, não apenas mediante o afeto, mas em realidade; por ela bebemos a doçura divina em sua mais profunda fonte. Por ela abraçamos a Deus como Pai, e Deus pela

⁸) Imitação, I. III, c. 5.

⁹) Ef 3, 18-19.

¹⁰) In Cant. hom. 83, 3.

graça nos abraça como filhos. Por ela aproximamo-nos, cada vez mais dele, e fazemo-nos, cada dia, mais semelhantes a ele, até nos transformarmos completamente em sua imagem; então, contemplá-lo-emos face a face ¹¹. Por ela unimo-nos realmente a Deus em um Espírito, por assim dizer, fundimo-nos nele, como se juntam inseparavelmente em um só corpo duas chamas ou dois metais incandescentes. Sendo a natureza divina um fogo puríssimo e uma abrasada torrente de amor, não pode deixar de se unir a nós com uma intimidade sem semelhante entre as criaturas. "Lá onde se unem dois ardentes desejos, temos a perfeita união".

Onde se viu o amor humano produzir tão sólidos laços entre o amante e o amado? Que amor é capaz de conseguir sua mútua compenetração até se fundirem em um único ser? Onde encontraremos um amor que chegue a possuir seu objeto de modo tão íntimo e seguro?

Oh! Coração humano! quão pobre e desditoso és ao buscare o amor, sem nunca te saciares nele! Vejo-te esvaindo-te e consumindo-te em teu amor, a encontrares a morte quando corres empós da vida. Oh! tu, que te abrasas sempre no fogo do amor, sem conseguires aquecer-te e enternecer-te com seu ardor, mas, antes, permaneces frio e endurecido! Como é possível fechares-te à graça deste amor divino, que te inunda com o rio da felicidade divina, faz florescer em ti uma vida eterna e sempre jovem, te aquece e lança em um fogo celeste? Será possível queiras repelir a teu Deus que com tanto amor se aproxima de ti, e recuses estreitar a cadeia de ouro com que deseja ligar-se a si e ligar-se a ti? Como podes ainda entregar-te a outro amor, ou continuar buscando-o, quando se te ofereceu o mais puro, o mais nobre, o mais doce, o mais poderoso dos amores? Se, como a Samaritana, conhecesses o dom de Deus, pedirias ao Salvador te desse a água viva de seu amor, que não apenas tem a virtude de saciar a sede de teu coração, mas ainda de dar-te infinitamente mais do que precisas. Não se trata apenas de aplicar teu amor natural ao verdadeiro bem; possui a graça uma missão mais elevada: a de produzir uma nova vida celeste, de cuja existência nem sequer poderias suspeitar.

Esforça-te por embriagar-te no vinho do amor divino, e afogar em suas ondas qualquer outro amor. Arranca de ti o amor das criaturas, o amor de ti mesmo, todo amor natural e terreno, e vive unicamente no santo amor de Deus. Experimentarás sem demora sua celestial doçura, como tantos outros a provaram,

¹¹) 2 Cor 3, 18.

e já na terra, te será dado gozar da verdade que a fé propusera a teu olhar.

Cumprindo-nos viver entre os homens, e porque assim o quer Deus, devendo também amá-los, a graça opera ainda em nós um novo milagre. Enobrece e transfigura, outrossim, nossa caridade para com o próximo, enche-a de divina unção, para não se privar esta da nobreza e doçura contidas na caridade para com Deus; eis por que S. João aplica, sem distinção, à caridade fraterna cristã, todas as belas e grandiosas coisas que dissera do amor de Deus¹².

A caridade faz-nos professar, para com o próximo, o mesmo amor que tributamos a Deus, amá-lo em Deus, como a um filho, amigo e esposo de Deus; une-nos a ele por um laço tão íntimo, tão forte, tão doce e tão santo, que a natureza não poderia conhecer nem suspeitar igual.

Que são, com efeito, os mais estreitos laços da sociedade natural, o parentesco e o matrimônio, em comparação com aqueles que, em Deus, nos unem a nossos semelhantes, como membros e irmãos de Cristo, como filhos de Deus, e nos fazem participantes da única e indizível natureza divina? São estes últimos incomparavelmente mais íntimos, pois consideramos o próximo como perfeitamente uno conosco em Deus; são mais fortes, pois é Deus seu inquebrantável selo, e nem a morte os destrói, antes os glorifica e fortalece; são mais elevados e santos, porque de natureza celeste e divina; são, finalmente, mais doces, visto adorná-los e penetrá-los a própria doçura de Deus.

Grande e maravilhosa se mostra, pois, através deste efeito, a graça da caridade divina; ainda aqui, defrontamo-nos com uma cadeia de ouro, que descendo do céu à terra, nos une a todos os que possuem a filiação de Deus, no presente ou no futuro; é uma cadeia celeste fazendo de todos nós um só corpo, e enlaçando-nos aos outros, de modo tão forte e tão doce, que entre nós se estabelece uma invejável concórdia, a paz de Cristo, que sobrepuja a todo sentimento.

Uma vez mais agradeçamos a Deus sua graça que produz semelhantes frutos de doçura e santidade. O melhor modo de o fazer será considerar este amor, não como um jugo pesado, imposto pela lei, mas como das mais gloriosas coroas que nos pode preparar sua infinita bondade. Prefiramo-la aos bens materiais e ainda a todas as graças e virtudes sobrenaturais, como no-lo ensina o Apóstolo quando diz: *Embora falasse as línguas dos anjos e dos homens, se me faltasse a caridade, não passaria*

¹²) Cf. 1 Jo 4, 20-21.

*de um bronze que soa ou um cimbalo que tine. Ainda quando tivesse o dom das profecias, e conhecesse todos os segredos e todas as ciências, e minha fé pudesse transportar os montes, sem a caridade, eu nada seria. E se repartisse todos os meus bens para alimentar os pobres, e entregasse meu corpo às chamas, não tendo eu a caridade, tudo isto de nada me serviria*¹³.

Por esta caridade possuímos tudo; se a perdemos, tudo estará perdido. Quando está presente, também o estão todas as outras virtudes sobrenaturais; quando se ausenta, perdem as outras sua vida e força, incapazes de levar-vos à vida eterna¹⁴. Embora não baste qualquer pecado mortal, para fazer-nos perder a fé e a esperança, é ele contudo suficiente para fazer-nos perder a caridade e com ela a graça santificante, sem a qual a fé e a esperança são mortas, e mal merecem o nome de virtude, porquanto não nos habilitam para merecermos o céu, nem para vivermos a vida dos filhos de Deus¹⁵. Sómente a caridade, diz S. Agostinho, distingue os filhos de Deus dos filhos do demônio¹⁶. Importa-nos, portanto, adquiri-la e conservá-la neste mundo, a qualquer preço, ainda a custo da própria vida. Assim poderemos gozar, um dia, de suas delícias, no seio do Pai celeste, por toda a eternidade.

CAPÍTULO VII

AS VIRTUDES MORAIS SOBRENATURAIS

Além da caridade divina, a graça santificante produz, em nossa alma, toda uma série de virtudes sobrenaturais, que a circundam como uma coroa de flores celestes. Unindo-se a sabedoria eterna pela graça à nossa alma, o que diz a Escritura de uma, se aplica também à outra. *Todos os bens vieram-me com ela; e um tesouro inestimável (de virtudes) recebi de suas mãos*¹.

Tornamo-nos, pela graça, novos homens, novas criaturas, fazemos parte de uma distinta e elevadíssima categoria, e encaminhamo-nos para o mais alto objetivo, a visão de Deus, de

¹³) 1 Cor 13, 1 ss.

¹⁴) S. Tomás, II-II, q. 23.

¹⁵) Concílio de Trento, VI, c. 15. S. Tomás, II-II, q. 24, a. 11 e 12.

¹⁶) Ad Bonif. contra duas epist. Pelag., I, 3, c. 3, n. 5; Sermo 115, n. 7; De Trinit., I, 15, c. 18, n. 32.

¹) Sab 7, 11.

sem somos verdadeiros filhos e amigos. Sendo Deus quem unicamente dá a suas criaturas, de acordo com sua categoria finalidade, as forças e os meios convenientes a seu estado e à consecução de seu fim, deve igualmente conceder a seus filhos as belas virtudes celestes, correspondentes à sua dignidade, pelas quais não de conseguir seu destino sobrenatural. Aos filhos e Deus cumpre serem perfeitos como é perfeito o Pai Celeste, terem costumes divinos e reproduzirem a imagem de Deus em cada um de seus atos, em todos os seus gestos e ações. Não leve, pois, a graça conferir-nos apenas as virtudes teologais, pelas quais nos unimos a Deus, na fé, na esperança e na caridade, mas ainda as outras virtudes, pelas quais vivemos conforme nossa condição de filhos de Deus, correspondemos ao posto eminente em que nos colocou a graça, com relação a Deus, ao próximo e a nós mesmos.

Entre estas virtudes sobrenaturais, que, para distingui-las das virtudes teologais, denominamos de *morais*, e as outras, chamadas virtudes naturais ou adquiridas, suscetíveis de serem conhecidas mesmo pelos incrédulos e os filósofos, mediante a razão, há uma diferença tão grande como entre a natureza e a graça¹. Se nos habilitam as últimas a honrarmos e amarmos a nosso soberano Criador e Senhor², e a servi-lo na qualidade de pobres servos, nos comunicam as primeiras um *sacerdócio real*, como, em frase feliz, o afirma S. Pedro³. Por elas amamos e honramos a Deus, como filhos, em união com seu Filho Unigênito, por atos de adoração e homenagem celestes, e lhe oferecemos sacrifícios espirituais, santificados pelo próprio Espírito Santo. Servem-nos as virtudes naturais para vivermos com nosso próximo como cidadãos de um reino terrestre, amá-lo como homem, um ser dotado de razão, imagem natural de Deus; ao contrário, fazem-nos as virtudes sobrenaturais viver como irmãos em Deus e em Cristo, *como familiares de Deus e concidadãos dos santos*⁴, como membros de um reino celeste. Pelas primeiras, comportamo-nos conosco como seres racionais, infinitamente elevados acima da condição dos animais pela dignidade de nossa razão, seguimos os ditames da moral natural, no que se refere à modéstia, à temperança, à castidade; pelas segundas, ao contrário, nossa vida espiritual se eleva sobre a vida natural, como a vida do homem sobrepuja a do animal; já não agimos segundo nosso espírito, mas sob o sopro do Espírito Santo, que produz em nós os frutos de uma moral celeste, como a doçura, a tem-

perança, a castidade, a pureza⁵. Eleva-nos, desta forma, acima da altura dos anjos, pois nos tornamos semelhantes a Deus. Em uma palavra, a graça eleva e transfigura nossa natureza e todas as nossas faculdades, nossas disposições e nossas ações; comunica-nos virtudes tão eminentes que o ato mais insignificante de tais virtudes é mais belo e precioso que todos os atos, ainda os mais perfeitos, que poderia produzir a vida natural dos homens e dos anjos; com efeito, diferem eles na proporção em que os atos racionais dos homens diferem dos atos puramente sensíveis e dos que procedem dos animais irracionais.

Estas maravilhosas virtudes são gloriosa coroa com que se circunda a graça, são os galhos poderosos e repletos de frutos, dela brotados, para cobrirem nossa alma em sua sombra. São o adorno rico e variado da veste real com que Deus orna sua esposa, conforme nos fala o salmista: *A rainha assenta-se à tua direita, ornada de ricas vestes*⁶. São a auréola preciosa colocada por Deus sobre a fronte de seus filhos, contemplada pelo profeta no anjo da luz, antes que, pelo orgulho, perdesse a graça.

Diz ele a este anjo, e nele, a todas as almas possuidoras da graça: *Eras o selo da semelhança de Deus, cheio de sabedoria e perfeita beleza; estavas em meio de delícia, no paraíso de Deus: todas as pedras preciosas formavam teu adorno como a sardônica e o topázio, o jaspe e o crisólito, o ônix e o berilo, a safira, o carbúnculo e a esmeralda*⁷.

Não há ponto de comparação entre as pedras preciosas que, em sua rica variedade, adornam a fronte de uma rainha, e a graça que orna a alma unida a Deus, com o variado e celeste esplendor das virtudes sobrenaturais, ante os quais se tomam de arrebocho o coração dos anjos e o do próprio Deus. Se toda virtude, embora natural, enobrece realmente o homem e de tal forma o embeleza, que nada podemos contemplar de mais belo e amável na terra, do que uns olhos puros, espelho de uma alma virtuosa, como não hão de embelezar nossa alma os traços destas virtudes celestes, que Deus debuxa em nossos corações *com o dedo de sua destra*, nome dado pela Igreja ao Espírito Santo⁸! Que beleza, que brilho, que amabilidade, que formosura não será esta por ele conferida! E se, guiados pela luz da razão, consideraram e ensinaram os filósofos que a virtude, em geral, é o maior bem dos homens, e por ela cumpre abando-

¹) S. Tomás, I-II, q. 63, a. 4.

²) Id., II-II, q. 81, a. 6.

³) I Ped 2, 9.

⁴) Ef 2, 19.

⁵) Gál 5, 22-23.

⁶) Sl 44, 10.

⁷) Ez 27, 12 ss.

⁸) *Digitus Paternae dexteræ* (Hino Veni, Creator).

nar todos os outros bens, quanto não deveremos amar nós estas virtudes sobrenaturais, apreciá-las em seu justo valor, à luz superior da fé, para assim não pensarmos em outra coisa, senão em adquiri-las mediante a graça, aumentá-las e conservá-las!

E há mais! As virtudes sobrenaturais, em toda a sua grandeza e graças a ela, possuem sobre as virtudes naturais a seguinte vantagem: adquirem-se em um instante e sem trabalho, o que nos há de torná-las ainda mais queridas. As virtudes naturais, ao contrário, são o fruto de nossa própria atividade; para alcançá-las, cumpre-nos empenhar, por vezes durante longos anos, um máximo cuidado e esforços não comuns. Já as virtudes sobrenaturais colocam-se demasiado alto para que possamos alcançá-las, sejam quais forem nossos esforços, nossas dores, embora por largos anos procuradas. São fruto do Espírito Santo que no-las infunde; sua graça, escreve S. Ambrósio, desconhece lentidões no operar¹⁰. Vêm todas juntas a nosso coração, no momento em que recebemos a justificação, a graça, e a caridade. Seu exercício — cumpre confessá-lo — não é simples nem agradável, porquanto a elas se opõem nossas transviadas inclinações e os hábitos contrários, anteriormente adquiridos. Estas virtudes comunicam-nos, porém, a luz e a força necessárias para vencer e afastar tais obstáculos; conferem-nos ainda tal atrativo para a vitória, embora árdua, que devemos alcançar de nossos inimigos, que, sem demora, chegamos a executar-lhes os atos com facilidade e coração alegre.

Agradeçamos a Deus por haver disposto nos fosse fácil o acesso a estas grandes virtudes, por nos tê-las tão generosamente concedido, ao mesmo tempo que sua graça e sua caridade. Mas como se ligam inseparavelmente à graça santificante e à caridade formando seu real cortejo, perdem-se também juntamente com elas, quando se comete um pecado grave. Basta um instante para destruí-las, como que com um gesto, em nosso coração. Sem a caridade, podem restar ao pecador a fé e a esperança; todas as outras virtudes, porém, seguem a sorte da caridade, sua raiz e haste; mal deixariam uma sombra de seu passado esplendor na alma¹¹. Se abandonamos o estado de graça, perdemos a faculdade de viver conforme este estado, e de cumprir as nobres funções que correspondem à sua dignidade e grandeza.

Funesto poder o do pecado, que, em um instante, como

¹⁰) In Luc., I, II, n. 19.

¹¹) S. Tomás, I-II, q. 65, a. 2-5.

um raio, fulmina em nossa alma todas estas belas flores de virtudes celestes, e as destrói sem piedade, até às raízes! Triste transformação esta da alma, que, despojada súbitamente de seus adornos e precipitada do alto de sua grandeza, se vê coberta do lodo do mal, e envolta em paixões vis e sensuais. Triste devastação, mais triste que a destruição da glória de Jerusalém, chorada com profundo luto pelo profeta Jeremias!

Sempre que vemos uma alma em pecado, podemos repetir com toda propriedade estas lamentações: *Como se obscureceu o ouro! alteraram-se suas mais belas cores! As pedras do Santuário espatharam-se pelas encruzilhadas das ruas. Os filhos de Sião, apreciados e estimados mais que o ouro, são julgados vasos de barro, obras das mãos de oleiro! Os que se alimentavam regaladamente, caíram de inanição no meio das ruas; os que vestiam púrpura abraçaram o esterco. Seus Nazarenos eram mais brancos que a neve, mais puros que o leite, mais vermelhos que o coral, mais belos que a safira; seu aspecto tornou-se mais negro que o carvão; não os reconhecemos pelas ruas. Suas peles aderiram-lhes aos ossos, secas como um pau*¹².

Esta sombria imagem de Jerusalém destruída não é mais que um pálido retrato da alma despojada da graça, antes cidade espiritual de Deus. Era, outrora, um templo de Deus, erguido sobre as virtudes celestes, onde reinava a glória divina; agora, graças ao pecado, como se um terrível vendaval pesara sobre ela, todas as suas pedras preciosas foram arrancadas e dispersas. Antes, alimentava-se ricamente com os frutos celestes das virtudes, vestia-se suntuosamente com as pérolas dos nobres sentimentos; agora, ao contrário, procura saciar sua fome com alimentos próprios de animais, revolve-se na lama dos desejos carnaís. Ao passo que, até então, resplandecia com a formosura de sua juventude, desde este momento seca-se-lhe a vida, desaparece sua força, apresenta-se fraca, mole, sem vigor, escárnio de seus inimigos. E no entanto, quão poucos são os que se afligem com esta devastação; Jeremias, assentado sobre as ruínas, as contemplava; estes permanecem insensíveis, por isso que jazem soterrados sob os escombros causados por suas próprias mãos.

Que é a força de Sansão, diante de quem temeram os filisteus, em comparação com a força divina conferida pelas virtudes sobrenaturais, que fazem tremer todo o inferno? Revoltamo-nos contra este homem frívolo que sacrifica o segredo de sua força à curiosidade e ao capricho de uma mulher¹³. E entre-

¹²) Lam 4, 1-8.

¹³) Juiz 16.

tanto, será possível não nos revoltarmos contra nós próprios, que vendemos a força de nossa alma ao nosso pior inimigo, apresentamos-lhe nossos braços para que no-os corte; deixamos acorrentar nossos músculos, de forma a nem podermos combater, nem dele fugir? Não é o que fazemos, quando, pelo pecado, abrimos a Satanás as portas de nossa alma, pois nela penetra exclusivamente para destruir sua força sobrenatural, e logo acorrentá-la a seu capricho?

Ainda quando nem sempre nos atraímos deste modo, muito frequentemente enterramos este tesouro, do qual podemos tirar, em tempo de paz, todas as bênçãos e os melhores frutos, e em tempo de guerra, todos os auxílios necessários. Não obstante ser tal tesouro o nervo da vida sobrenatural e de nossos méritos, guardamo-lo oculto como num armário, e não pensamos que um dia nos cumpre prestar a mais rigorosa conta de seu emprego. Sejamos, pois, prudentes para o futuro, exploremos cuidadosa e zelosamente a rica plantação feita por Deus em nossa alma; ponhamos em ato nossas virtudes, para que honrem a seu primeiro autor e nos forneçam os maiores lucros.

CAPÍTULO VIII

PELA GRAÇA RECEBEMOS OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO QUE TRAZEM CONSIGO AS OITO BEM-AVENTURANÇAS DE CRISTO E OS FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO

Por grandes e belas que sejam as virtudes sobrenaturais derramadas em nossa alma pela graça, não encerram todavia tudo que se dignou conceder-nos o Espírito Santo, nem também o mais sublime. Indubitavelmente são estas virtudes dons particularíssimos do Espírito Santo, que só podem provir dele, fazendo-nos seus semelhantes e participantes. Há contudo outros dons, de preferência atribuídos a ele, e que, por oposição aos já mencionados, se chamam Dons do Espírito Santo.

E' certo que as virtudes sobrenaturais nos comunicam força e capacidade para realizarmos atos sobrenaturalmente bons, e levarmos uma vida divina sobrenatural. Tão elevada é, porém, esta vida, tão abrupto o caminho do céu, que o próprio Espírito Santo, de quem recebemos estas virtudes para por meio delas subirmos, se vê como que impellido a sustentar-nos em nossa marcha, e mesmo a levar-nos consigo. As virtudes são as raí-

zes, sobre que deve florescer nossa vida celeste. Além destas raízes, devemos, entretanto, possuir também folhas e flores, para respirar, do alto, o ar, a luz e o calor. As virtudes representam os remos mediante os quais conduzimos o barco de nossa alma até o porto da eternidade; são as asas com que devemos subir até Deus, deixando para trás nossa natureza e toda natureza criada. Sabemos, porém, serem nossas forças bastante escassas para podermos mover remos tão poderosos e asas tão vigorosas; e ainda quando a isso nos sentíssemos animados, cumpre levar em conta estar o céu mui distante da terra, a uma distância por demais longa, para podermos impelir, com nossas únicas forças, o barco de nossa alma até ao porto do céu. Por isto, a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, que se dignou conceder-nos os remos e as asas, tem de vir em nosso socorro, trazendo-nos as velas, que ele mesmo enche e faz avançar com poderoso vento (no dia de Pentecostes, manifestou-se ele desta forma)¹. Ele próprio, como o vento onipotente que desce do céu e a ele sobe, deve sustentar nosso voo, e fazer-nos subir como que apoiados em sua mão.

Precisamente, segundo a doutrina de S. Tomás, a estas velas ou aptidões, pelas quais pode nossa alma ser facilmente movida pelo Espírito Santo para as mais nobres atividades, chamamos os sete dons do Espírito Santo². São sete, porque sete também são as principais virtudes sobrenaturais, três Teologais e quatro Cardeais, que devem desenvolver-se em nós, formadas e movidas pelo Espírito Santo.

O dom da *Sabedoria* corresponde à Caridade sobrenatural, porque, segundo o ensinamento dos teólogos, a caridade é o conhecimento saboroso do maior bem, pois nos faz gozar de sua doçura e sua amabilidade divinas, inflamando portanto nosso amor³.

O dom do *Entendimento* esclarece a fé e difunde sobre ela uma luz tão poderosa, que já desde esta vida experimentamos um antegoço da visão futura. Além disto, ensina-nos a compreender os mistérios em que cremos, e faz-nos penetrar-lhes as profundezas, como se os vissemos com os próprios olhos. Mostra-nos finalmente a verdade divina em uma luz cada vez mais nitida, e nos incita, com isto, a unirmo-nos sempre mais a ela⁴.

O dom do *Conselho* relaciona-se com a virtude da esperança. Por ele vem a nós o Espírito Santo como o conselheiro mais antântico, e o mais excelente consolador. Exorta-nos a

¹) At 2, 2.

²) I-II, q. 68.

³) S. Tom., II-II, q. 45.

⁴) S. Tom., II-II, q. 8.

tender unicamente, com ardentes suspiros, aos bens eternos e celestes; segundo o Apóstolo, *reza ele em nós, com gemidos inenarráveis*⁸. Mostra-nos, em seguida, como devemos pôr somente em Deus nossa ilimitada e inquebrantável confiança, como devemos possuí-lo e conservá-lo qual penhor e garantia de nossa esperança⁹.

O dom da *Fortaleza* sustém e anima a virtude da força e da paciência, para não sucumbirmos nem diante dos maiores perigos. Estimula nosso espírito a fim de que, por amor de Deus, empreendamos obras cada vez maiores e mais difíceis, longe de nos fazermos negligentes ou pusilânimes na consecução de nosso ideal⁷.

O dom da *Ciência* liga-se à virtude da prudência e confere-lhe maior clareza e pureza de juízo sobre o que devemos fazer ou omitir. É um instinto luminoso e santo, pelo qual o próprio Espírito Santo nos dá a conhecer, de maneira precisa e segura, o que Deus quer de nós, ainda quando nos faltem todos os outros meios ordinários de prudência⁸.

O dom de *Piedade* desenvolve e aperfeiçoa em nós a virtude da justiça, tanto para com Deus como para com o próximo. Faz-nos uma vontade suave, piedosa e dócil a todas as exigências da justiça, de sorte que não apenas a ela correspondemos como o pede a segurança da lei, mas ainda, com a mais perfeita abnegação, damos a Deus e ao próximo o que lhes pertence⁹.

Finalmente o dom de *Temor* produz e fortalece a virtude da temperança. Inspirando-nos um santo respeito para com a majestade divina, e uma consciência profunda de nosso próprio nada, consegue que, pelo orgulho, não nos coloquemos além do lugar que nos compete. Segundo as expressões do Salmista, o temor de Deus traspassa nossa carne¹⁰, refreia e modera o agulhão da concupiscência, não lhe permitindo ultrapassar os limites da modéstia e da honestidade impostos pela virtude¹¹.

Dai resulta serem os dons do Espírito Santo, entre as virtudes sobrenaturais, como moias celestes, que lhes comunicam uma energia e flexibilidade maravilhosas. Fazem de nossa alma um instrumento dócil nas mãos do Espírito Santo, mediante o qual produz este as mais belas e sublimes obras. Formam uma como preciosa lira de cordas de ouro, de onde as mãos do Divino Mestre tiram as mais suaves melodias, cujas notas límpidas e

claras chegam ao céu, arrebatando com sua maravilhosa harmonia aos anjos e ao próprio Deus. São as sete lâmpadas colocadas sobre o candelabro de sete braços que ardiam sucessivamente dia e noite, diante da arca da Aliança, em homenagem a Deus. Igualmente acendem-se estes dons, em parte durante o dia quando nos ocupamos em boas obras, e em parte, durante a noite da tentação, para nos precavermos contra os laços do pecado, e descobriremos os embustes do demônio. E assim como a cavidade das lâmpadas apresentava, segundo a explicação de alguns sábios, a forma sinuosa de uma orelha, assim também o Espírito Santo confere à nossa alma ouvidos espirituais, mediante os quais possa ele perceber suas doces inspirações, permitindo-lhes a entrada em si. Tanto os dons do Espírito Santo como as virtudes sobrenaturais, nos são comunicados com a graça santificante e por seu intermédio. A graça inclui, juntamente com a participação da natureza divina, todas as disposições necessárias ao desenvolvimento de nossa vida divina; por um lado, não se conceberiam as virtudes sobrenaturais, sem um princípio interno; por outro, a graça nos coloca em tão íntima união com o Espírito Santo, que por ela podemos alcançar tudo de que necessitamos para nos deixar mover por seu influxo.

Verdadeiramente mostra-se-nos aqui a graça santificante, uma vez mais, rica e gloriosa, pois nos faz de tal modo semelhantes ao Filho Encarnado de Deus, que a nós se pode aplicar a profecia, dele feita por Isaías: *Repousará sobre ele o Espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade; e encher-se-á do espírito do temor do Senhor*¹². Quando nos achamos em estado de graça, vem a nós o mesmo Espírito Santo que repousava sobre a humanidade do Unigênito de Deus, e não de modo transitório, mas, sim, com caráter permanente; vem para ficar em nós com seus sete dons. Repousa continuamente sobre nossas almas, fecunda-as com seu celeste orvalho, ilumina-as com sua luz divina, e as impele como um vento impetuoso.

Não percebemos o que perdemos ao nos despojarmos da graça? O batel de nossa alma que antes se lançava, confiante em suas velas de púrpura, através do mar tempestuoso deste mundo até o porto da eternidade, vê-se de repente sem velas, imóvel, em meio do oceano encapelado, juguete do turbilhão das ondas que o arrastam ao abismo. De instrumento precioso que, tangido pelas mãos do Espírito Santo, emitia melodiosas

⁸) Rom 8, 26.

⁹) S. Tom., II-II, q. 52.

¹⁰) II-II, q. 139.

¹¹) II-II, q. 9.

¹²) II-II, q. 121.

¹³) St 118, 120.

¹⁴) II-II, q. 19.

¹⁵) Is 11, 2.

harmonias, converteu-se em instrumento abandonado: dissipou-se-lhe a força, partiram-se-lhe as cordas, reduziu-se todo a um punhado de madeira informe, própria apenas para ser lançada ao fogo e queimar-se. E' agora joguete e instrumento do demônio que, tão logo abandonou a alma ao Espírito Santo, retirando-se este com seus dons, está autorizado a dela fazer o que lhe aprouver.

Estes são os dons do Espírito Santo. Sua finalidade consiste em fortalecer e firmar as sete virtudes principais e, ao mesmo tempo, afastar de nossa alma a serpente dos sete pecados capitais, dominando-a com uma força irresistível.

O temor filial da majestade de Deus domina e humilha o pecado capital do orgulho. A piedade, pela qual damos e desejamos com simplicidade a cada um o que é seu, desterra a inveja e o ciúme. O dom da ciência defende-nos da fúria perigosa que em nós desencadeia a cólera. A fortaleza aniquila a preguiça e o relaxamento que incapacitam nossa alma para a luta contra o pecado. O dom do conselho preserva-nos da avareza, ao ensinar-nos que o melhor emprego dos bens temporais consiste em adquirir, mediante eles, os bens eternos; utilizados desta forma, longe de se perderem, centuplicam o fruto. O dom do entendimento defende-nos da gula e da embriaguez, ensinando-nos a nos deleitarmos na doçura dos alimentos celestes, no conhecimento das coisas espirituais, e portanto a desprezar os deleites sensíveis. A sabedoria finalmente afasta de nós a luxúria, enchendo nossa alma do mais puro e celeste amor, afogando assim o amor carnal e impuro.

Quando, juntamente com a graça, se afastam os sete dons do Espírito Santo, o pecado introduz em nossa alma suas sete cabeças, submete-a a seu domínio e a avilta da maneira mais horrível, mediante a mordedura furiosa das paixões; dá-se com ela como com o pássaro, que atacado por uma serpente, e com as asas rotas, cai em terra. Somos nós os únicos culpados desta inominável desgraça, quando pelo primeiro pecado nos arrancamos às mãos do Espírito Santo, onde éramos conduzidos ao céu. Precipitamo-nos voluntariamente num insondável abismo.

Quem nos dera, em lugar de perder tão levemente a graça, nos abandonássemos inteiramente ao amor eterno, para que, com seus dons e poderosos impulsos, nos fizesse subir sempre mais, nos tornasse cada dia mais ricos e nos desse já nesta vida o experimentarmos a felicidade preparada para nós no céu! Mediante os atos das sete virtudes, realizados sob o impulso e o auxílio dos sete dons do Espírito Santo, adquirimos também as Bem-aventuranças, prometidas pelo Senhor, no ser-

mão da Montanha¹³. Realmente, estas bem-aventuranças não passam de sete, pois a oitava, o reino dos céus, outra coisa não é que a primeira. Por isso as condições enumeradas pelo Salvador para obter as bem-aventuranças são sete apenas, diz S. Agostinho, pois a oitava — sofrer perseguição pela justiça — inclui todos os graus e partes que formam a justiça mesma e que ela coroa; assim, segundo o mesmo santo Doutor, correspondem elas, tanto em número como em ordem, aos dons do Espírito Santo e às virtudes sobrenaturais de que são fruto¹⁴.

O dom do temor e a virtude da temperança fazem-nos verdadeiramente pobres de espírito, pobres do sentimento orgulhoso de nossa própria grandeza, e do desejo de bens terrenos; obtêm-nos, por isso, o reino de Deus com a grandeza de seu domínio e a plenitude de suas riquezas. Pelo dom da piedade e a virtude da justiça, exercitamos a verdadeira doçura, pela qual vivemos em paz uns com os outros, merecendo assim possuímos tranquilamente a terra. Pelo dom da ciência e a virtude da prudência, adquirimos a santa tristeza, reconhecendo o nada dos bens desta terra, e a vaidade de todos os meios humanos; assim podemos buscar e achar, em Deus, nosso consolo e nossa paz. O dom de fortaleza cria em nós uma fome e uma sede de justiça, sempre crescentes, e que um dia serão saciadas por Deus, com todos os bens do céu. O dom do conselho nos incita principalmente a praticar a misericórdia para com nosso próximo, a fim de alcançarmos, desta forma, a misericórdia diante de Deus; assim aumenta-se e firma-se também a virtude da esperança. Pelo dom do entendimento e a virtude da fé, abrimos nosso coração à luz divina, purificando-se cada vez mais do apego aos objetos sensíveis; adquirimos, assim, esta espécie de pureza de coração que nos fará dignos de contemplar, um dia, a Deus, face a face. Finalmente, pelo dom da sabedoria e a virtude da caridade, tendemos à mais íntima união com Deus e com nosso próximo, na posse do bem supremo, na qual se contém a paz, que nos faz verdadeiros filhos de Deus.

Segundo a doutrina de S. Tomás¹⁵, gozaremos já parcialmente, nesta vida, destas bem-aventuranças, que o exercício cuidadoso dos dons do Espírito Santo e das virtudes sobrenaturais nos promete para a outra vida.

Já no mundo, nos sentiremos herdeiros do céu, reis da terra e filhos de Deus; o próprio Espírito Santo se encarregará de

¹³) Mt 5, 1-12. S. Tom., I, II, q. 69.

¹⁴) De serm. Dom. in monte, l. I, c. 4, n. 11 ss; Serm. 347, 3.

¹⁵) I, II, q. 69, a. 2.

consolar-nos em nossas tristezas e de saciar nossa fome e nossa sede; ainda na terra, experimentaremos a doce consciência da misericórdia de Deus conosco, e contemplaremos o Senhor com os olhos de um coração puro; embora na obscuridade da fé, possuiremos o céu na terra.

No sentir de S. Tomás, é este o motivo pelo qual fala o Apóstolo dos *frutos do Espírito Santo*, cuja doçura e suavidade podemos apreciar ainda nesta vida, e não de flores, que só amadurecem no tempo da colheita, e cujo fruto só mais tarde se colherá. Quer ele indicar, com tais frutos, o exercício e o uso das virtudes sobrenaturais e dos dons do Espírito Santo. O fruto do Espírito é *caridade, alegria, paz, paciência, longanimidade, doçura, bondade, benevolência, fidelidade, modéstia, continência, castidade*¹⁶. Só o nome desses gloriosos frutos já nos anuncia, não apenas sua celeste formosura, mas também o nobilíssimo prazer e o delicioso sabor com que saciam e confortam nosso coração. Expressam-no principalmente os três primeiros, que são como a medula de todos os outros; com efeito a caridade é a mãe e a fonte de todos os demais atos de virtude, e é ela que nos comunica este celeste prazer e esta paz inefável, inspiração do Espírito Santo, o eterno amor¹⁷.

Com razão, portanto, podemos aplicar ao Espírito Santo e à sua graça, as belas palavras que na Sagrada Escritura diz de si mesma a Sabedoria eterna. O Espírito Santo é o Espírito da Verdade e da Sabedoria eternas, e a sabedoria é seu mais precioso dom! *Como o cedro do Líbano, como a palmeira de Cades, como a oliveira dos campos, lancei minhas raízes em meu honrado povo, na herança de meu Deus, na sociedade dos santos. Como o cinamomo e o bálsamo aromático, desprendi perfume. Como mirra escolhida exalei suave odor. Estendi meus galhos como o terebinto, e eles se acham cheios de majestade e formosura. Sou a mãe do belo amor e do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim se encontra toda a graça do caminho e da verdade, em mim, toda a esperança da vida e da virtude. Vinde a mim todos os que ardeis em desejo, e saciai-vos de meus frutos, pois meu espírito é mais doce que o mel, e minha herança mais suave que o favo de mel. Os que comem de mim, têm sempre fome de mim, e têm sempre sede os que bebem de mim. Aquele que me escuta, não se envergonhará jamais; e os que se guiam por mim, não pecarão, os que me ilustram obterão a vida eterna*¹⁸.

Como é possível que tu, cristão, hesites um instante em

aceitar este amável convite do Espírito Santo e sua graça, que te promete tão doces frutos e prazeres tão celestes? Se desconfiás da infalível verdade divina, experimenta, ao menos, e aprecia quão grande é a doçura do Espírito Santo. *Experimentai e vede quão suave é o Senhor*¹⁹. Por certo não repellerias nunca, sem havê-lo antes provado, um fruto desconhecido, do qual ouviste grandes elogios. Aproxima-te, pois, do mesmo modo, da graça do Espírito Santo, prova seus frutos, recebe em ti sua graça, conserva-a, deixa-a operar em ti. Mai te tenhas afastado de teus pecados por uma contrição sincera, e hajás voltado a Deus, experimentarás imediatamente uma paz e um prazer que o mundo não pode dar; experimentarás, em teu íntimo, quão suaves são o Senhor e sua graça, e não te deixarás, para o futuro, seduzir tão facilmente pelas vãs alegrias deste mundo.

Aquele que perde a graça e os dons do Espírito Santo e que logo não se empenha sinceramente em conquistá-los de novo, é indigno do perdão. Não menos censurável, porém, é, estando ele em estado de graça, pôr obstáculo à obra do Espírito Santo, e não colaborar fiel e assiduamente com a graça. O Espírito Santo, como ensina o Apóstolo, quer transfigurar-nos, cada vez mais, a alma, por seus sete dons, e transformá-la em imagem de Deus²⁰; quer erguer sempre mais a construção do templo de Deus, por ele começado, até conseguir tocar o próprio céu. Dai deduzimos a ingratidão, a perversidade e grosseira ignorância de reter, neste maravilhoso trabalho, a mão do divino artista.

Na célebre cidade de Atenas, certo dia promulgou-se uma lei, estabelecendo que aquele que cortasse a mão do escultor Fidias — que adornara a cidade com as mais belas estátuas e obras de arte — seria considerado como traidor da pátria. Ora, quem é este artista que cinzelava em pedras mortas as efígies mortas de falsos deuses e de homens, em comparação com o Espírito Santo, que com um poder infinito faz dos homens imagens vivas do supremo e verdadeiro Deus? E no entanto, quando nos opomos à sua graça, detemos-lhe a mão, porque é impossível cortá-la, arrebatamos-lhe o maravilhoso instrumento, quando zombamos de seus dons, ou deixamos o vento de nossa concupiscência dissipar suas inspirações! Mostramo-nos como pedras duras e rebeldes a seu cinzel, pedras que resistem a seus mais delicados golpes, que não querem deixar-se transformar na imagem de Deus. Não acabará ele cansando-se e

¹⁶) Gál 5, 22. ¹⁷) S. Tom., I-II, q. 70. ¹⁸) Eccl 24, 16 ss.

¹⁹) Sl 33, 9.

²⁰) 2 Cor 3, 18.

repelindo-nos como pedras inúteis, — ele que nos escolhera para sermos o ornamento do céu — abandonando-nos à maldição eterna?

Sem dúvida, bem o temos merecido. Então como seria nossa sorte tanto mais deplorável quanto mais elevada a honra a que nos destinávamos! Cuidemos, pois, para o futuro, em não pôr obstáculo à infatigável atividade do Espírito Santo em nossa alma, em não entristecê-lo com nossas resistências. Sejamos mais atentos em lhe apresentar um coração dócil e maleável, do qual possa fazer o que lhe aprouver. Peçamos-lhe se digne fundir no seu o nosso coração, por seu santo amor, para que assim, sem necessidade de cinzel, como mole cera, receba ele a imagem de Deus, pura e perfeita. E se devesse ainda assim o Espírito Santo empregar o cinzel para abrandar as durezas de nosso coração, fazendo-o gemer sob seus golpes, não retrocederíamos por isto.

A dor que sentimos, depressa se mudará na mais doce alegria; os próprios temores se converterão em estremecimentos de júbilo, de contentamento; tremerá nosso coração, porque não poderá conter a plenitude da luz, o rio de inesperadas delícias de que se encontrará inundado.

CAPITULO IX

A GRAÇA SANTIFICANTE ACOMPANHA-SE DAS GRAÇAS SOBRENATURAIS ATUAIS DO ESPIRITO SANTO

Embora tanto tenhamos falado das maravilhas e da virtude da graça santificante, não podemos, por isto, esquecer, ou passar por alto as graças chamadas atuais¹. Como demonstraremos,

¹) Scheeben acrescenta aqui uma explicação das graças atuais. Convém saber que em alemão se emprega, para designar estas graças, a palavra *wirklich*, que literalmente significa real. Daí, poder-se-ia objetar: então não é porventura a graça santificante uma graça real? Sim, frisa-o Scheeben, é eminentemente real, primeiro em sua *essência*, depois em suas *operações*. "Com efeito, como uma transfiguração contínua da alma, possui ela nas faculdades desta, como também em sua substância, uma *realidade*, muito mais sólida, que as graças atuais; e, na qualidade de disposição próprio e princípio de ação, e como fundamento vital, possui igualmente uma *atividade* muito maior que as graças ditas atuais, que não passam de centelhas de vida e moções transitórias. Não obstante, chamam-se estas especialmente *atuais* (ou reais) porque consistem em iluminações e afetos internos sensíveis, ao passo que a graça santificante, em si mesma, não é sensível e só opera e se manifesta mediante as primeiras; além disto denominam-se deste modo, porque são ocasião imediata da atividade sobrenatural e disposição da alma. O que

sem elas, a graça santificante não basta para levarmos uma vida sobrenatural. Não que deixe esta de ser o elemento principal, sendo como é o princípio propriamente dito dos atos sobrenaturais, ao passo que as graças atuais constituem apenas uma moção para estes; além disto, a graça santificante traz consigo as graças atuais e as acompanha. Por outro lado, as graças atuais devem outrossim servir, com nossa cooperação, à introdução e aumento, em nossa alma, da graça santificante. Se esta é pois o objetivo, e, na maioria dos casos, também o fundamento das atuais, devem as glórias e os privilégios destas recair igualmente sobre aquela.

Queremos provar aqui, em primeiro lugar, que as graças atuais são necessárias, e em seguida, que se ligam à graça santificante. No quinto livro veremos como aquelas preparam e conduzem a esta.

Embora em estado de graça, necessitamos de uma inspiração especial do Espírito Santo, para cada obra sobrenaturalmente boa. Ainda que nas virtudes sobrenaturais e nos dons do Espírito Santo encontremos a força e o impulso necessários para realizar tais atos, deve contudo o Espírito Santo excitar ainda esta força, por uma intervenção especial, e pô-la em movimento, a fim de que passe ao ato.

Também em suas faculdades naturais, nossa alma, para passar a uma atividade, necessita de um influxo exterior que a desperte, por assim dizer, de seu sono, impelindo-a à ação. Como não podem as coisas naturais excitar e pôr em movimento uma faculdade sobrenatural, e como, por outro lado, esta nos pertence menos que as faculdades naturais, nem está em nosso poder, como as outras, o próprio Espírito Santo — a quem a devemos — há de agir sobre ela, para expandir-se e desenvolver-se. A esta ação do Espírito Santo chamamos *graça atual*.

A planta, na plenitude de sua força vital, necessita de alimento, luz e calor; é necessário, além disto, que o clima e a atmosfera se adaptem à sua natureza. Quanto mais nobre for a planta, tanto mais pura deverá ser a atmosfera, mais escolhido o clima para que possa ter o alimento necessário e a adequada medida de luz e de calor. Igualmente, o germe da vida sobrenatural, para se desenvolver em nossa alma, exige uma atmosfera e um sol sobrenaturais. A atmosfera fornece-lhe o orvalho e a chuva do céu; o sol inunda-a com sua luz celeste

ocasiona ou dispõe sua atividade é o que nela é mais visível, a causa, daí, é ela atual e ativa. Dificilmente se encontrará uma expressão que não seja equívoca; o uso geral suprime, por outro lado, quase completamente a antífrase". Cf. S. Tomás, I-II, q. 49, a. 3.

e a fortalece com seu divino calor. Só pode desabrochar este germe sob o impulso constante de Deus, em quem vivemos, nos movemos e somos, como em uma verdadeira atmosfera². É certo que tão pouco pode desenvolver-se sem o influxo de Deus a vida natural do espírito criado, assim como as plantas polares devem envolver-se na mesma atmosfera e iluminar-se pelo mesmo sol que as plantas tropicais. Mas, assim como se encontram estas plantas em uma região muito mais pura — acham-se com efeito muito mais perto do sol e recebem, portanto, seu influxo de modo bem diverso das plantas polares — assim também, na vida da graça, nossa alma deve aproximar-se muito mais intimamente de Deus, e necessita de um influxo infinitamente superior ao de que precisa sua vida natural. O próprio Espírito Santo deve excitar com seu sopro os germes das virtudes sobrenaturais; alimentá-los com sua própria luz; penetrá-los com seu próprio calor, só assim podem produzir uma vida divina.

Do mesmo modo, pelos atos que fazemos em estado de graça, devemos elevar-nos muito mais, alcançar um grau superior de graça. Não podemos realizar esta empresa com nossas próprias forças, nem sequer em virtude da graça que já possuímos, pois ninguém pode, sem o auxílio de um superior, chegar a ser mais do que é. Por conseguinte, deve ainda o Espírito Santo estender-nos a mão para fazer-nos subir, e há-de exortar-nos a que nos esforcemos por conseguir um grau superior de graça, e além disto, levar-nos a este mesmo grau, com seu auxílio.

Para isto não bastam nem mesmo os sete dons do Espírito Santo. Embora nos inclinemos às ações sobrenaturais, mais que as virtudes, importa não esquecer serem eles propriedades passivas de nossa alma, que ainda necessitam de um influxo especial do Espírito Santo. Não passam de velas, mediante as quais cumpre ao batel de nossa alma chegar ao porto do céu; sobre elas, porém, é mister soprar, até enchê-las, o sopro poderoso do Espírito Santo. Os dons fazem de nossa alma um instrumento flexível e dócil do Espírito Santo; o instrumento, porém, para produzir seus efeitos, deve na verdade ser usado e posto em movimento por um mestre, o que só se dá com a intervenção da graça atual.

Finalmente, o homem justificado precisa desta graça, não somente para toda obra sobrenaturalmente boa, de modo geral, mas ainda, de modo muito particular, para evitar o pecado grave, quando sopram as fortes tentações, e ainda, para não cair em

²) Heb 17, 28.

numerosos pecados veniais, em que podemos incorrer a cada instante, dada a nossa fragilidade.

Resumindo, a graça atual vem a ser para a vida sobrenatural, cujo princípio possuímos em nós pela graça santificante, mais ou menos o que devem ser, para o desenvolvimento da vida corporal, a luz e o alimento, isto é, sustentáculo de sua fraqueza e remédio para sua malícia.

O pecador privado da graça nem tem em si o poder habitual ou passivo para realizar todos os atos sobrenaturais necessários. Por isto, a assistência atual do Espírito Santo lhe é tanto mais indispensável. Além disto é certo que uma vez afastado de Deus pelo pecado, o pecador se vê separado de um modo contínuo; toda a fraqueza da nossa natureza desarticulada, não mais sustentada em equilíbrio por nenhuma força, pesa sobre ele; as paixões surgem com todo o vigor e o arrastam de um pecado a outro, de abismo em abismo. Não passa, assim, de homem carnal abandonado pelo Espírito de Deus; tal como o Apóstolo o descreve, com tão tétricas cores, geme este homem sob o jugo do pecado e dele não pode libertar-se por mais que se esforce.

Dito isto, afirmamos que só a graça santificante, durante todo o tempo em que nela perseveramos, nos faz dignos da assistência do Espírito Santo.

Com efeito, a graça santificante nos faz filhos de Deus; como filhos merecemos que nosso Pai celeste impulse, cuide e conserve em nós esta vida celeste, pelo influxo de seu espírito; bem como nos fortifique, ilumine e acompanhe em todos os nossos caminhos, e jamais nos abandone, se primeiro não o abandonarmos nós. Assim como é indispensável comunicar Deus ao olho, dotado de força visual, a luz, sem a qual não poderia utilizar esta força; e assim como é mister fornecer ele às plantas e aos animais, a cada um segundo sua natureza, o sustento, sem o qual não poderiam desenvolver sua vida, desdobrá-la na medida que lhes compete, nem defender-se de uma morte prematura; do mesmo modo, quando, pela graça, conservamos a virtude de uma vida sobrenatural, Deus deve também fazer brilhar sobre ela a luz, e dispensar-lhe o necessário alimento; sem tais elementos, não poderíamos nem desenvolver esta vida, nem preservá-la de uma rápida destruição.

Pela graça convertemo-nos instantaneamente em membros vivos de Cristo. Fala o Concílio de Trento: "Cristo derrama continuamente sua virtude nos justos, como a cabeça faz com os membros, e o tronco da videira com os galhos; esta virtude pre-

cede sempre às suas boas obras, acompanha-as e segue-as, dando-lhes um valor sem o qual, de modo algum, poderiam agradar a Deus ou ser meritórias" ³.

O auxílio sobrenatural do Espírito Santo, transforma-se, pois, em natural, por assim dizer, visto como pela graça nos revestimos de uma natureza superior e celeste. Foi-nos ele dado como um bastão que não se perde, enquanto não o lançamos fora; este socorro envolve-nos continuamente, como a luz do sol ao olho, e não se retira enquanto não cerramos o olho ou o arranquemos. Sim, pela graça, o Espírito Santo habita, de modo misterioso, no mais profundo de nossa alma, bate sem descanso à porta de nosso coração, para excitar-nos ao bem, conversa constantemente conosco para introduzir-nos em toda verdade, exortar-nos à virtude e preservar-nos de todo pecado, fortifica-nos na hora do perigo, sustenta-nos, quando titubeamos ou vacilamos. Realiza em nós, então, o que cantava Moisés do povo de Israel: *O Senhor conduz-nos, ensina-nos e guarda-nos como a pupila de seu olho. Como a águia que excita sua ninhada a desprender o voo e gira em torno de seus filhotes, ele soltou as asas, tomou-nos e levou-nos nelas* ⁴.

Que felicidade a nossa quando nos achamos em estado de graça! Todo o bem se nos torna fácil, sentimo-nos seguros contra os perigos do pecado e as terríveis tentações do inferno, podendo exclamar com o Apóstolo: *Se Deus está conosco, quem contra nós? Quem poderá separar-nos da caridade de Cristo?* ⁵

Progredimos no caminho de Deus, com toda a segurança, sem ferirmos nas pedras os nossos pés; corremos e voamos, transportando-nos ao mais elevado cimo da perfeição.

Que desventura a nossa, quando, pelo pecado, decaímos deste tão alto e seguro estado da graça de Deus! Em tal caso, a necessidade da assistência do Espírito Santo é incomparavelmente maior, e nosso direito a dela gozar, incomparavelmente menor, ou antes, nulo. Enquanto vivemos no mundo, Deus não nos abandonará, pois em sua misericórdia sem limites, não deseja a morte do pecador, mas, sim, que se converta e viva; a ninguém condena ou repele, aqui na terra, para toda a eternidade. Não somos dignos desta assistência, nada podemos apresentar para merecê-la; ainda mais somos, por muitos títulos, indignos dela.

Sem a graça santificante, outros direitos não nos compete alegar, senão nossa própria natureza humana. Como poderia esta dar-nos o menor direito à assistência sobrenatural do Espírito Santo, dom gratuito de Deus, que desce do céu para fazer-nos

subir até ele? Não o pode de modo algum, como tão pouco pode dar-nos direito à graça da filiação divina, já que pela natureza somos simples servos de Deus, ao passo que os dons do Espírito Santo se concedem apenas aos que foram transformados em filhos de Deus e participantes da natureza divina.

Pelo pecado, à nossa indignidade natural acrescenta-se uma indignidade positiva, suficiente para privar-nos do socorro do Espírito Santo, suposto que tivéramos algum direito a obtê-lo. Não somente deixamos de adquirir, pelo pecado, novos bens da bondade de Deus, mais ainda merecemos os mais rigorosos castigos e a perda dos bens em nossa posse. Nossa indignidade para a recepção das graças celestes do Espírito Santo, manifesta-se em toda sua crueza, quando se considera que, em vez de reconhecermos este tão precioso cúmulo de benefícios, os pagamos com a mais negra ingratidão, ao abusarmos grosseiramente dos mesmos, e repelirmos violentamente o Espírito Santo de nossa alma, onde com tanta ternura e condescendência fixara ele sua morada.

Deve o estado de nossa alma ser extraordinariamente espantoso e terrível, quando nos isolamos da fonte de água viva que é a graça. Fechando ao sol divino a casa de nosso coração, apenas conseguem nele filtrar-se algumas gotas da misericórdia divina, alguns débeis raios de seu amor, quase por milagre. O celeste orvalho já não cai mais sobre uma terra fecundada com germes vivos; as fagulhas ardentes da graça já não encontram agora a isca inflamável; o Espírito Santo não depara mais um instrumento vivo e dócil para poder manejá-lo e movê-lo à sua vontade. E' evidente a consequência: cada dia afastamo-nos a grandes passos do bem, cada vez mais mergulhamo-nos no lodo do pecado, até nos vermos, afinal, em um lugar inacessível ao socorro do céu.

Se o Espírito Santo, retirando seu apoio, te abandona a ti mesmo, ser-te-á impossível te deteres na rampa íngreme em que te extraviaste, ou resistires à impetuosa torrente que te surpreendeu. Como romper as cadeias com que te arrasta o demônio ao inferno, como impedir-te prenda ele, cada dia mais, com novas cadeias? O Espírito Santo concede-te ainda, na verdade, certa assistência; se dela não lançares mão prontamente para recuperar a graça, tornar-te-ás também indigno dela, e provavelmente ver-te-ás para logo inteiramente abandonado à tua sorte. Que podes esperar de ti mesmo, sendo a própria fraqueza e miséria? Como resistirás sozinho ao combate contra tuas paixões e desejos carnis, e como se não bastasse, contra todo o poder do inferno? *Cumpra-nos lutar não com a carne e o*

³) Ses. VI, c. 16.

⁴) Dt 32, 10-11.

⁵) Rom 8, 31, 35.

sangue, diz o Apóstolo, *mas com os poderosos príncipes destas trevas que enchem os ares*¹. Tão terrível e sobrenatural inimigo requer forças imensas e sobrenaturais, com as quais não poderás contar, se não obtiveres a graça. Volta, pois, quanto antes, ao seio de teu Deus, cobre-te com suas asas, e esconde-te no fundo de sua tenda, onde estarás seguro contra teus inimigos.

E para não te fazeres novamente, e quiçá eternamente, presa do pecado, enquanto estiveres em graça, aproveita dos numerosos dons e abundante socorro que te apresenta o Espírito Santo. Medita que todos aqueles que perdem a graça por um pecado grave, não caem tão baixo, senão por suas repetidas negligências e desprezos do socorro, anteriormente tão profusamente recebido; com efeito Deus não permite a queda no pecado grave, a ninguém que antes não haja recusado seu onipotente auxílio; a ninguém abandona, sem que haja sido antes infiel.

Nossa grande desventura consiste em que, quando gozamos da graça, abafamos com inqualificável ingratidão as inspirações do Espírito Santo; em vez de nos darmos o trabalho de obedecer-lhe fiel e cuidadosamente e não deixarmos escapar uma só graça sem utilizá-la, não seguimos seu conselho, recalçamos contra o aguilhão, opomo-nos a seus santos impulsos. Por esta ingratidão para com Deus, só nos podemos tornar necessariamente indignos das graças futuras, e sobretudo das mais valiosas, as indispensáveis no momento do perigo. Como pode Deus suportar tratemos com tanta negligência e desprezo o que nos concedeu com tanto amor e generosidade? Como pode suportar que repilamos, como se se tratasse de bagatela, as graças que lhe custaram o sangue de seu Unigênito Filho, possuindo cada uma um valor infinito, e que nessas graças, calquemos aos pés o preciosíssimo sangue de Cristo? Tratar-nos-á como as virgens loucas, que tendo descuidado, oportunamente, a obtenção do óleo para sua lâmpada, não o puderam encontrar, quando dele precisaram, e foram excluídas do banquete do esposo. Assim também seremos excluídos do ininterrupto festim que nossas almas celebram no estado de graça, como esposa do Filho de Deus, e talvez do banquete eterno do céu, se deixarmos perder-se o óleo das graças do Espírito Santo, que nem sequer devemos comprar, porquanto se nos dá na mais abundante medida, e se no momento de uma grande tentação, por exemplo, na hora da morte, não recebermos o suficiente para impedir se extingam as lâmpadas nupciais.

¹ Ef 6, 12.

Para fugir a tamanha desgraça, não nos façamos, daqui por diante, surdos às inspirações do Espírito Santo, não cerremos nossos olhos à sua luz, não inutilizemos seu poderoso auxílio; experimentaremos em nós próprios como a graça, não somente eleva infinitamente a natureza, mas também cura todas as suas debilidades e enfermidades; como a habilita para todo o bem e para os méritos celestes; como destrói finalmente o pecado, quando nos víamos acorrentados por eles, e como no futuro nos protege contra as recaídas.

CAPÍTULO X

O INESTIMÁVEL VALOR QUE A GRAÇA CONFERE A NOSSAS OBRAS PARA MERECEREM A GLÓRIA ETERNA

Como dissemos, mediante as virtudes sobrenaturais e os dons do Espírito Santo, a graça nos conduz à glória e à bem-aventurança celestes.

Introduz-nos no céu, pois somos, em razão dela, verdadeiros filhos de Deus, e ao mesmo tempo, herdeiros natos de sua glória e de sua felicidade eterna. Devido principalmente ao subido valor de suas obras, merecemos o Céu; podemos afirmar que, em verdade, compramos o céu, estando Deus obrigado a no-lo dar, não já por mera generosidade, nem por simples fidelidade a suas promessas, mas em verdadeira justiça, e como recompensa devida a nossas obras¹.

Por certo não está Deus, em rigor, obrigado a recompensar cada uma de nossas boas obras, já que como nosso Criador e Pai pode pedir-nos todos os serviços e provas de afeto, e a isto tem direito por sua infinita grandeza e bondade. Desta forma o céu ser-nos-á sempre uma graça, tanto mais, se levarmos em conta que a graça santificante, pela qual nos tornamos seus herdeiros, e todas as faculdades com que realizamos nossos atos sobrenaturais, são dons gratuitos e voluntários de Deus.

E' verdade, porém, ser o céu, na expressão de S. João, *graça por graça*², isto é, uma segunda graça, da qual nos fazemos verdadeiramente dignos pela primeira, uma graça que geralmente merecemos, em virtude da graça santificante³.

¹ S. Tom., 1, II, q. 114, a. 3.

² Jo 1, 16 (*et de plenitudine ejus nos omnes accepimus, et gratiam pro gratia*).

³ S. Agost., *In Joann.*, tr. 3, 8-10.

Graças a esta, com efeito, somos, pela participação da natureza divina a nós comunicada, verdadeiros filhos de Deus; as obras realizadas em razão dela são obras divinas, celestes. Elevamo-nos, portanto, ao nível da glória celeste, e quando Deus nos promete na realidade esta última, no-la promete como herança e recompensa, que não rebaixam a dignidade de nossa pessoa nem o valor de nossas obras.

Em rigor, não é obrigado um soberano a recompensar os serviços de seus vassallos nem de seus filhos. Se quisesse dar a um súdito uma parte de seu reino, em recompensa de seus fiéis serviços, vê-lo-íamos, mais como uma graça extraordinária, que como recompensa regulada pelas leis da equidade e da justiça. Não pagaria, porém, suficientemente, a fidelidade e o amor de seus filhos, se apenas os obsequiasse, como a seus súditos, com pequenos presentes; neste caso não é possível uma recompensa justa, sem apelar para uma participação de seu reino e de seu poder.

Mais ou menos parecido é o que se dá com o rei do céu e sua recompensa. Não prometeu Deus um prêmio celeste às boas obras que podemos realizar na ordem natural, como servos seus; em rigor de justiça, nem mesmo no-lo podia prometer, pois as referidas obras, de modo algum, se relacionam com a grandeza dos bens celestes. Desvalorizaria Deus excessivamente o preço infinito de seu céu, se o concedesse em troca de coisa tão terrena e mesquinha. Ainda as obras sobrenaturais, que realizamos com o auxílio das graças atuais e das virtudes da fé e da esperança, sem possuímos, porém, a graça, não merecem o céu. Ainda que pelo pecado não fôssemos inimigos de Deus, não seríamos ainda seus filhos, não lhe consagrariamos, ainda, amor filial. Não realizaríamos pois estas obras, na qualidade de herdeiros do céu; só nos poderiam elas servir para preparar nossos corações ao amor filial de Deus, e fazer-nos adquirir, pelos méritos de Cristo, a graça da adoção.

Se pela graça santificante, entretanto, nos transformamos em filhos de Deus, e a ele nos ligamos pelo amor filial, então, todas as boas obras realizadas por nós, com o auxílio da graça, são verdadeiros obsequios filiais, que somente o bom Deus pode recompensar dignamente, mediante seu reino e todos os bens do céu.

Sempre será verdade que, em última análise, foi Cristo o Filho Unigênito de Deus, e não nós mesmos, quem nos mereceu o céu, e só por Cristo o poderíamos merecer⁴. Provém isto uni-

camente do fato de que, por nós próprios, simples servos de Deus e pecadores, não poderíamos merecer a graça da adoção; esta, só o mérito infinito de Cristo no-la poderia obter. Se não podia esta graça pagar-se senão com o sangue infinitamente precioso de Cristo, claro é possuir em si mesma um valor que, em certo sentido, pode dizer-se infinito, e que deve, por conseguinte, conferir às obras executadas por ela um valor suficientemente grande para comprar o céu também infinitamente precioso.

Pela graça merecida para nós pelo Unigênito⁵ de Deus, fazemo-nos imediatamente semelhantes a ele e participamos de sua dignidade divina. Cristo como Filho de Deus, mediante cada gota de seu precioso suor e sangue, adquiriu, diante de seu Pai, um mérito infinito. Desde que, graças a ele, possuímos a dignidade de filhos adotivos de Deus, todas as nossas boas obras gozam, diante do Pai, de um valor extraordinário. A diferença entre nós e Cristo reside principalmente no fato de que Cristo adquiriu seu mérito por sua dignidade natural, e uma abundância tal que podia bastar para todos os anjos e todos os homens, ao passo que nós, ao contrário, adquirimos nossa dignidade, por meio dele, e só podemos merecer o céu para nós próprios.

Finalmente pela graça, somos membros vivos de Cristo e templos do Espírito Santo. O ato de um membro tem o mesmo valor como se proviesse da própria cabeça; é um ato de Cristo que vive e opera em seus membros místicos. Segundo o Apóstolo, os filhos de Deus movem-se pelo espírito de Deus⁶; ele é na realidade a alma e o princípio de sua vida; e eles operam e trabalham, simplesmente, como instrumentos movidos por sua virtude. "O Espírito Santo — diz S. Francisco de Sales — realiza as boas obras em nós e para nós, com tão apurada arte, que estas próprias obras que nos pertencem, todavia pertencem mais a ele que a nós, pois produzindo-as ele em nós, também as produzimos novamente nele; ele as realiza para nós, e nós as fazemos para ele, e como trabalha em nós, também trabalhamos nele"⁷. O valor e o mérito de nossas ações mede-se, segundo S. Tomás, não de acordo com nossas forças, e nossa dignidade naturais, mas, sim, considerando a força infinita e a dignidade do Espírito Santo, que está em nós. E é esta uma das razões, pelas quais o Apóstolo⁸ chama tão frequentemente ao Espírito Santo de Espírito da Promessa, penhor de nossa herança, e garantia de nossa recompensa⁹.

⁴) Rom 8, 14.

⁵) *Tratado do Amor de Deus*, I, II, c. 6.

⁶) Ef 1, 13, 14.

⁷) I, II, q. 114, a. 3.

⁸) S. Tom., III, q. 19, a. 4.

Oh! dignidade infinita! Oh! riqueza inesgotável da graça divina, não apenas um grande bem em si mesmo, mas que ainda faz brotar de si, como de abundantíssima fonte, outros inumeráveis bens sobrenaturais e divinos; e lança assim na balança de Deus um peso tão enorme, que, nós, homens miseráveis e terrenos, podemos contrabalançar todo o céu com nossas insignificantes ações!

*Nossas tribulações, passagens e levas, produzem em nós um peso eterno de glória*⁹⁾, diz o Apóstolo. Como é possível a este nada — pois outra coisa não são nossas tribulações e sofrimentos — poder representar tamanho peso? Como, em uma balança, pode o prato que apenas contém um pedacinho de palha ou uma pena, contrabalançar ao outro, contendo um talento, a não ser adicionando-se à palha um peso equivalente ao do talento? Tudo o que podemos e fazemos por nós mesmos é como palhico, em comparação com a abundância de glória a que aspiram os anseios dos cristãos, e da qual, segundo o Apóstolo, não são dignos os sofrimentos deste tempo¹⁰⁾. O peso que robustece a insuficiência de nossas forças e de nossos sofrimentos deve ser infinito, de modo a podermos não só contrabalançar o peso de glória mas ainda levar vantagem sobre ele. Este peso outra coisa não é senão o da graça, seu grande poder e majestade, pelo qual o leve palhico de nossas ações alcança o nível da glória eterna e infinita do céu, isto é, a altura do mais alto e perfeito bem, e bem-aventurança eterna e celeste.

Ao contrário, ainda quando realizássemos os maiores e mais belos trabalhos; convertêssemos povos inteiros, socorrêssemos a todos os pobres, consagrássemos nossa vida a honrar e servir a Deus; faltando-nos a graça, não mereceremos o menor grau de glória celeste. Ainda quando sofrêssemos tudo que padeceram os mártires e praticássemos os jejuns e macerações dos santos monges e eremitas, tudo isto, sem a graça, de pouco valeria; ainda mais, não mereceria a recompensa de um só instante da bem-aventurança celeste. Com a graça, ao contrário, não é mister fazermos grandes coisas e nos exercitemos em duras penitências; com pronunciarmos piedosamente o nome de Jesus, com obsequiarmos ao próximo com um copo de água, com elevarmos uma curta oração a Deus e oferecer-lhe um momentâneo e insignificante sofrimento, merecemos o céu. Na verdade, que distância medeia entre uma palavra piedosa e a eterna bem-aventurança, entre um copo de água fria e o banquete eterno, entre uma breve e humilde oração e o reino de Deus, entre o sofri-

⁹⁾ 2 Cor 4, 17.

¹⁰⁾ Rom 8, 18.

mento de um instante e as delícias intermináveis do céu! Nada é pequeno ou insignificante na graça. Submergido nela, o palhico converte-se em ouro puro; penetrada por ela, a gota d'água muda-se em pérola resplandecente; a menor boa obra adquire, por ela, um valor inestimável, com o qual podemos comprar o maior tesouro, o céu e o próprio Deus.

Sendo a graça o que valoriza nossas ações diante de Deus, é natural serem elas tanto mais meritórias, quanto maior for o estado de graça possuída. E assim é por um triplice motivo.

Em primeiro lugar, quanto mais graças possuímos diante de Deus, tanto mais aumentará nossa dignidade, e mais valor revestirão nossas obras diante de seus olhos, porquanto a dignidade superior de nossa pessoa se comunica a nossas obras¹¹⁾. Os próprios homens dão preferência aos atos de uma pessoa de ordem superior. Ao general gratifica-se melhor que ao soldado, embora deva este ordinariamente trabalhar e sacrificar-se muito mais que aquele. O mesmo acontece na vida social: Os superiores recebem, por menos trabalho, uma retribuição bem maior que a dos súditos. As almas formam diante de Deus uma hierarquia semelhante, de acordo com seu grau de graça, e as obras dos que se acham mais elevados em graça merecem mais que as dos outros. Pode acontecer dêem dois indivíduos igual esmola, pratiquem idêntica mortificação, e contudo mereça um mais que o outro.

Em segundo lugar, não esqueçamos que, em suas obras meritórias, o cristão se oferece a si mesmo a Deus. Se por uma abundância maior da graça aparece ele mais elevado e mais digno aos divinos olhos, apresenta também um sacrifício mais meritório e mais agradável do que o pobre da graça. Na realidade dá o primeiro mais que este último, ainda quando, consideradas em si, pareçam as ações iguais.

Em terceiro lugar, finalmente, o valor interior da ação em si, aumenta-se por um estado de graça superior, estado que exerce sobre os atos um influxo não apenas exterior, mas ainda interior, proporcionando-lhe assim um mais rico conteúdo. Que é o coração do homem, senão um campo estéril, fecundado pela graça de Deus? É evidente que o campo mais adubado e regado produz frutos muito mais formosos e melhores que um campo menos favorecido, embora se lhe tenha dedicado o mesmo trabalho. Assim, devem as virtudes sobrenaturais produzir frutos melhores e mais doces em um coração abundantemente regado pela chuva celeste da graça, do que um coração enri-

¹¹⁾ S. Tom., I, q. 95, a. 4.

quecido pela 'graça em menor proporção. As obras realizadas em cada um destes estados são, pois, diferentes, por seu conteúdo, em razão da diversidade de sua fonte, mesmo quando tenham tido o mesmo objeto e o mesmo fim, e se tenham feito com o mesmo sacrifício e idêntico esforço. Quando dois homens emitem, com o mesmo esforço, um ato de amor de Deus, pode o ato de um deles ser muito mais profundo e perfeito que o outro, porque com a graça intensifica-se a faculdade de amar. Assim, dois homens podem dar uma esmola a um pobre com a mesma boa intenção, nas mesmas circunstâncias, e não obstante, atos tão semelhantes podem ser, quanto a seu valor intrínseco, tão diferentes como duas moedas do mesmo tamanho e da mesma effigie, uma, porém, de ouro, e a outra, de prata.

Importa, pois, maravilhar-te, ó cristão, ante este espetáculo da graça, ao saberes que ela não confere a tuas obras um simples mérito maior, mas ainda o aumenta ao infinito. Como não apreciar e amar a graça, uma vez que nos alcança tão facilmente o que não poderíamos conseguir com os maiores esforços! Sojem motivos para arder em santo desejo de ganhar e conservar a graça! Quem, finalmente, em face do que dissemos, se contentará com uma modesta quantidade de graça e não cuidará em aumentá-la o mais possível, colaborando ao mesmo tempo, fiel e zelosamente, com a graça já possuída?

Tanto maior há de ser nosso empenho neste ponto, quanto nos dá Deus a graça para, com ela, adquirirmos abundantes méritos; ele mesmo a isto nos exorta, anima-nos e impele-nos; nada lhe é mais agradável do que ver-se cada vez mais preso conosco. *Levanta-te, amiga minha, formosa minha*, clama Deus à alma em estado de graça, *levanta-te depressa e vem*¹². Sim, apressemo-nos; não digo corramos, mas voemos como a pomba, a recebermos as coroas a nós preparadas. *O que é santo, se santifique mais, o que é justo, se justifique mais*¹³, diz o Senhor no Apocalipse. *Bem-aventurado o homem*, fala o Salmista, *que sobe continuamente a novos graus em seu coração*¹⁴. *Cresçamos na caridade*, tal a exortação constante do Apóstolo dos gentios¹⁵. Em mil passagens da Sagrada Escritura admoesta-nos o Senhor, do mesmo modo; é que deseja ele ver-nos transformados em comerciantes inteligentes e ativos, de modo a não deixarmos escapar as preciosas oportunidades de realizarmos

¹²) Cânt 2, 13.

¹³) Apoc 22, 11.

¹⁴) Sl 83, 6. No texto original o Salmista louva aqueles que "só pensam em santas ascensões", isto é, os que têm a dita de subir a Jerusalém para oferecer suas homenagens ao Deus de Sião.

¹⁵) Ef 4, 15.

compras tão vantajosas. Impõe-nos ele estrito dever de aproveitar o talento da graça com que nos presenteou, e multiplicá-lo, ameaçando-nos com os mais terríveis castigos, se o deixarmos improdutivo.

Seríamos realmente insensatos, se deixássemos passar, sem utilizá-las, as ocasiões que a cada hora se nos apresentam. Suponhamos que não cometemos pecados; ao rezarmos, porém, com menor frequência, ao seguirmos nossos caprichos, ao não praticarmos tantas boas obras, sofreremos perdas incalculáveis.

Se três vezes ao dia nos exercitássemos em um ato de caridade, ganharíamos em um mês cem graus de graça, mil em um ano, e em poucos anos enriqueceríamos com um caudal imenso de graus de graça, aos quais corresponderiam, no céu, outros tantos graus de glória. Se descuidas, pois, estes três atos de amor, sinal é de que não lhes dás a mínima importância.

Imagine-se qual não será a riqueza daqueles que com o apóstolo se mortificam todo o dia, trazem à flor dos lábios os louvores do Senhor, cujo coração se desmancha em amor, e cujas obras se pautam pela vontade divina! Com que indescrevível glória serão introduzidos na posse do reino de seu Pai! Quem, sabendo isto, se contentará com algumas poucas orações, alguma rara mortificação e poucas obras insignificantes, podendo encher cada dia, cada hora e cada minuto de ações santas e meritorias?

Pensa, ó cristão, no prejuízo que te causas, pois este se duplicará e triplicará como consequência de tua presente negligência na aquisição de méritos, já que tuas boas obras futuras ficarão assim privadas de uma parte de seu valor, e ainda te expões a perder o que alcanças.

Dependendo principalmente o mérito de nossas obras, do nosso grau de graça, claro é terem nossas obras futuras um valor tanto menor quanto menor for o grau de graça anteriormente conseguido. Assim como por toda boa obra podemos elevar-nos a um grau superior, e obter sejam nossas ações futuras mais meritorias, assim também, por toda negligência ou omissão, privamo-nos de um precioso lucro, e reduzimos o valor de nossas obras futuras, perda esta incalculável e irreparável para toda a eternidade.

Além disto, o negociante preguiçoso, aqui arrisca o que já possui, pois o reino dos céus sofre violência, e é indispensável a violência se pretendemos consegui-lo¹⁶. Achamo-nos, com nosso tesouro, em um impetuoso rio; se não nos esforçamos por do-

¹⁶) Mt 11, 12.

miná-lo, se não lutamos contra a correnteza, não poderemos ficar estacionados, mas seremos arrastados juntamente com nosso tesouro. Encontramo-nos em face de Deus, que honra em extremo os bens da graça e da glória que nos apresenta, e não pode consentir em os menosprezarmos ou os desdenharmos. E' o que fazemos, quando negligenciamos buscá-los. Nosso desejo de conservá-los diminuiu-se assim, como também a benevolência de Deus em no-los dar. Gravemos profundamente em nosso coração a palavra, ao mesmo tempo consoladora e terrível de Nosso Senhor: *Aquele que tem se dará ainda mais, e gozará da abundância; ao que não tem, ainda o que parece ter, lhe será tirado*¹⁷.

Ainda mais, para adquirir méritos para o céu, não é mister realizemos boas ações não impostas pela lei.

Com obedecermos à lei e fazermos o possível para evitar o pecado, temos já um grande mérito diante de Deus. Tanto maior será este mérito, quanto com maior zelo e cuidado cumprirmos nossas obrigações. Podemos enriquecer-nos pela repressão de um movimento desordenado, pela luta contra a tentação; no mesmo terreno em que, segundo os planos diabólicos, experimentáramos grande prejuízo, podemos obter um imenso ganho.

Continua admirando, ó cristão, o poder da graça e a liberalidade de teu Deus. Mas admira-te também de tua incompreensível loucura ao ceder à tentação, já que perdes tão grande bem, qual é o mérito para obter o céu, e te sobrecarregas com tão enorme mal, qual o pecado com todas as suas consequências.

Que pensar então daquele que, por um pecado grave, não somente perde o mérito que pudera alcançar pela vitória sobre a tentação, mas ainda todos os méritos reunidos antes do pecado, incapacitando-se, além disto, enquanto permanecer em pecado, para alcançar novos méritos!

E' terrivelmente doloroso ouvir pecadores dizerem: "Não é coisa tão grave cometer eu um pecado mortal; a prova é que posso repará-lo na primeira confissão". Não falarei do quanto de afrontoso tem o pecado mortal em si — com ele ofendes o Sumo Bem, e desonras tua alma, — nem do que seja para um homem sensato a privação da graça, embora momentaneamente, mais terrível na verdade que anos inteiros de sofrimentos e calamidades. — Tão pouco falarei de tua incerteza no que se refere à tua conversão ou à tua condenação eterna. Tem por acaso pouca importância o perderes, em um instante, o precioso tesouro de méritos, reunidos a custo de sofrimentos suportados durante anos e anos?

E' porventura indiferente que, enquanto permaneces afastado da graça, não possas adquirir o menor mérito para o céu, nem mesmo a custo de todos os sofrimentos e esforços de que fores capaz? Sem a graça, todas as obras que fazes são mortas para o céu; teus jejuns, orações, obras de misericórdia, tudo aquilo cuja prática te é útil, e em parte prescrito e que muitas vezes não podes omitir sem cair em novos pecados, tudo isto de nada vale para a eternidade, ao passo que, se permanesses em graça, terias de tudo isto auferido as maiores vantagens¹⁸.

Se um rico banqueiro atira levianamente ao mar uma soma de dinheiro, equivalente a cem escudos diários, com a esperança de recuperá-la dentro de um mês, não o terás certamente como o maior dos loucos, sobretudo se persiste em afirmar nada ter perdido? Sem a menor dúvida o tomamos como insensato, e tanto mais quanto se considera a perda não somente grande, mas ainda irreparável.

Reflete não ser menor nem menos irreparável a perda dos méritos que poderias ter ganho em estado de graça. Por mais que os méritos adquiridos no passado e agora perdidos em consequência do pecado grave, revivam com a graça¹⁹ — isto aliás é opinião de alguns teólogos, podendo estar ligado o fato a condições, que talvez não cumprirás tão facilmente — e por mais que, no futuro, te empenhes em recuperar o tempo perdido, com redobrado zelo, em todo o caso, a época passada em estado de pecado pode dar-se como irremissivelmente perdida; além disto produziria teu zelo frutos incomparavelmente mais abundantes, se houveras sempre conservado e utilizado a graça. Esta perda permanece por toda a eternidade e priva-te para sempre de um grau superior de glória e de bem-aventurança.

Se, uma vez no céu, pela graça de Deus, te fosse dado arrependeres-te, não acharias mais tundo motivo para isto, do que não teres alcançado, por tua negligência, no emprego da graça ou por sua perda temporal, um grau superior de glória. Pois bem, dá hoje, em teu coração, um lugar a esta dor, e ao menos daqui por diante, esforça-te por não te fazeres novamente culpado de tamanha negligência, de semelhante levandade, que te prepara tão graves consequências.

Devemos, não obstante, lembrar-nos insistentemente de que a necessidade da graça santificante, para merecer o céu, não deve impedir-nos, se estivermos em pecado, de fazer quantas

¹⁷) Lc 19, 26.

¹⁸) S. Tomás III, q. 89, a. 4.

¹⁹) S. Tomás, III, q. 89, a. 5.

boas obras 'sobrenaturais' pudermos. Embora não apoiadas na graça santificante, nem animadas pelo amor filial de Deus, nem valham para a eternidade, contudo servem ao menos para preservar-nos de novas quedas graves; dispõem, além disto, nosso coração para ser novamente animado pela caridade, e exercem sua influência sobre a misericórdia de Deus, pois o movem a conceder-nos logo a graça de uma completa conversão. Se preferissemos supri-las, iríamos cada vez mais nos afastando da graça, e a esperança de tornarmos a recuperá-la, juntamente com a faculdade de merecer, se dissiparia por completo. É, pois, insensato abandonar estas obras; não menos, porém, é temer o leve incômodo com que lhes poderíamos comunicar um valor eterno e imperecível.

Resta ainda alguma coisa sobre que cumpre insistir; e é o seguinte: importa levar também em conta o ato em si mesmo, ao avaliar o mérito das boas obras, por mais que este último dependa principalmente da graça possuída. E' mister não julgarmos que todas as ações que não são más, mesmo as realizadas por meros motivos naturais, devam ser igualmente meritórias diante de Deus, em razão do estado de graça. São-no unicamente as que executamos levados por motivos sobrenaturais, sob a inspiração do Espírito Santo, e conduzidos por Cristo, as que têm suas raízes na graça, e correspondem à sua nobreza, as que são por ela apresentadas diante do trono de Deus, e assim tornadas, em verdade, agradáveis e meritórias a seus olhos. Seu mérito dependerá de fazermos atuar, mais ou menos, o poder que possuímos pela graça, de ser mais ou menos puro e nobre seu motivo; em outros termos, se são realizadas ou não, com todo o poder e espírito da graça. Assim pode um homem, com uma medida maior de graça, com o mesmo esforço e realizando a mesma obra que outro, merecer mais que ele; pode, porém, acontecer também merecer o último mais que o primeiro, quando emprega todo seu esforço e age por motivos mais nobres, enquanto o primeiro só emprega parte de seu esforço e se deixa levar por motivos menos nobres. Se queremos sinceramente merecer muito diante de Deus, devemos procurar conseguir, por todos os meios, o mais alto grau possível de graça; devemos esforçar-nos por fazermos nossas ações com toda a força desta graça, em seu espírito, com a maior abnegação e por motivos sobrenaturais os mais nobres possíveis. No quinto livro diremos o que convém para isto, isto é, trataremos do exercício e prática das virtudes sobrenaturais.

²⁰⁾ Cf. Pesch, *Praefect. dogm.*, VII, n. 332 ss.

CAPITULO XI

UM INESTIMÁVEL PRIVILÉGIO DA GRAÇA: AS OBRAS FEITAS EM GRAÇA AFASTAM OS CASTIGOS MERECIDOS PELO PECADO

O mérito da glória eterna não é o único fruto das obras sobrenaturais realizadas em estado de graça. Gozam ainda de outra incalculável vantagem, e consiste ela em afastar o obstáculo que, depois da morte, pode retardar, por muito tempo, nossa entrada no céu, e em livrar-nos dos terríveis castigos do purgatório.

Perder-se-ia já concluí-lo do fato de a graça suprimir e destruir completamente, em nós, a culpa do pecado grave. Se é, pois, capaz de aniquilar, juntamente com a causa, a culpa que é um mal incomensuravelmente maior que o castigo, é lógico poder ela também anular e suprimir a punição. Embora verificada a justificação, resta ainda, de modo geral, uma parte de castigo a expiar; é também verdade, todavia, que a graça, ao mesmo tempo, nos coloca em condição mais propícia para uma expiação adequada.

E' que, ao nos tornarmos, por nossas obras influenciadas pela graça, infinitamente agradáveis a Deus, de quem somos filhos e amigos e, por conseguinte, dignos de recompensa eterna, em razão desta mesma graça tudo quanto sofremos, na qualidade de filhos e amigos de Deus, reveste-se de um grande valor e converte-se em oferta satisfatória e digna de Deus. Por nossa parte, basta-nos aceitar com alegria as contrariedades e as penas que se nos deparam na prática do bem, recebermos com paciência e resignação os sofrimentos inevitáveis, e Deus se encarregará de dar ao mais insignificante sacrifício, por nós realizado, um valor infinitamente maior do que daria a nossas mais austeras e cruéis penitências, prolongadas por longos anos, realizadas, porém, sem esta dignidade que traz a graça consigo, e sem este amor sobrenatural que para isto nos habilita. Assim como as satisfações de Cristo não recebem seu valor infinito tanto da grandeza de seus sofrimentos, como da infinita dignidade de sua pessoa, do mesmo modo, o sofrimento de seus membros vivos recebe, pela graça, um valor infinito, o que seria impossível à sua natureza¹.

Só chegaremos a compreender este valor do benefício da graça, através de uma representação clara dos terríveis castigos do purgatório. Ensina S. Gregório Magno serem estes mais

¹⁾ S. Tom., III, q. 48.

espantosos que as mais refinadas torturas dos mártires²; para S. Tomás, são mais dolorosos que os sofrimentos de Jesus Cristo³; no sentir de S. Anselmo, superam de muito os males mais horripilantes que possa um homem aguentar nesta vida. Segundo opinião comum dos teólogos, o fogo do purgatório é da mesma espécie que o do inferno, e os sofrimentos das almas que expiam, diferem principalmente dos sofrimentos dos condenados, por não serem aqueles eternos, nem suprirem a esperança da libertação⁴.

Pelo que precede, se compreenderá a grandeza do tesouro que entre as mãos trazemos, com a graça, porquanto, por ela nos é dado o vemo-nos livres de tantos males, mediante pequeno e insignificante sofrimento. Se um rei de um imenso país decretasse que, por um privilégio especial, as simples moedas de um dos seus súditos, acabrunhado com sua família por pesadas dívidas, deveriam considerar-se e aceitar-se cada uma como mil moedas de ouro, por certo se apressaria tal súdito em livrar-se de suas dívidas, utilizando as referidas moedas. Como se empenharia em auxiliar a seus parentes e amigos, deixando ainda aos seus descendentes um grande tesouro! Também tu, do mesmo modo, podes livrar-te, contanto que estejas em graça, de sofrimentos, mil vezes mais longos e terríveis. Ainda aquilo que te parecesse de mínima utilidade, ser-te-á, pela graça, cotado em incalculável valor. O cêntuplo prometido por Cristo às nossas obras na outra vida⁵ não se refere unicamente, na opinião de muitos teólogos, à recompensa celeste, mas ainda ao perdão das penas devidas. A graça é aquela letra de câmbio, a cuja apresentação nossas moedas adquirem, diante de Deus, um valor mil vezes superior ao que possuíam. Como podes, então, hesitar em adquirir, pela mortificação e o sofrimento suportado com prazer por Deus, quantas moedas puderes, para levá-las ao tesouro de Deus e pagar, com elas, tuas dívidas e as de teus parentes e amigos? Pela graça, com efeito, te fazes tão rico, que em troca de um sofrimento relativamente infimo, podes satisfazer não somente por teus pecados, mas ainda pelos dos outros. Se desejas, pois, proporcionar a teus parentes e amigos um favor realmente insigne, agradece a Deus o poder tirá-los assim de suas necessidades. Não te descuides em o fazer com zelo e inteligência, o mais breve que te for possível!

²) In Psalm. poenit., 3, n. 1.

³) III, q. 46, a. 6, ad 3.

⁴) Ver Migne, *Cursus Theol.*, XVIII, 346, sq.

⁵) Mt 19, 29.

Pobres e infelizes de nós, porém, se perdemos a graça! Se, com ela, todos os sofrimentos e dores, mesmo involuntárias, mas aceitos com paciência, nos traziam os melhores benefícios, sem ela, nem os próprios sofrimentos voluntários podem aproveitar-nos como expiação. Podemos arcar com a doença, a fome, a pobreza, suportar as invectivas, as injúrias, a perda de nossos bens, padecer as piores dores do corpo e da alma, quanto pode nesta vida acabrunhar e torturar um homem: tudo isto é vão. Ainda que tivéssemos que suportar todo esse conjunto de males até o último dia, contudo não teríamos conseguido expiar o castigo imposto por Deus à menor falta, pois não pode a justiça divina aceitar satisfação alguma de seu inimigo, enquanto tal permanecer⁶. Tanto é assim, que esta justiça se vê forçada a castigar eternamente faltas leves e veniais em si, naqueles que foram condenados por toda a eternidade por seus pecados graves. Quer, pois, te encontres entre os eternamente condenados, por tuas faltas, quer devas permanecer por causa delas, certo tempo, no purgatório, compreenderás quão vantajoso é conservar a graça, para livrar-te de penas tão terríveis.

CAPÍTULO XII

COMO, PELA GRAÇA, PARTICIPAMOS MARAVILHOSAMENTE DOS BENS DE CRISTO E DOS SANTOS

Não se esgota o poder admirável da graça com tornar-nos capazes de adquirir méritos em nosso benefício particular e de satisfazer à justiça divina por nossos próprios pecados; faz-nos também participar dos méritos e satisfações de todos os santos e do próprio Cristo, conforme canta com entusiasmo o salmista: *Participo com todos que te temem e guardam teus mandamentos*¹.

Com efeito, pela graça entramos na mais íntima e viva comunhão com Cristo e todos os santos, estamos-lhes unidos em um corpo místico, cuja alma é o Espírito Santo. Se, porém, como antes explicamos, reina nesta união a mais perfeita união de bens, segue-se que o tesouro de méritos e satisfações de Cristo e dos Santos, acumulado pelas obras e sofrimentos agra-

⁶) S. Tomás, III, q. 89, a. 6.

¹) Sl 118, 63.

dáveis a Deus, deve aproveitar igualmente a todos os que lhes estão unidos pela graça¹.

No que, principalmente, se refere aos méritos, certo é ter Cristo morrido pelos pecadores² e querer aplicar-lhes seus mérito³. Daí, numerosas são as graças que chegam ao pecador; todas permanecem, porém, infrutuosas, quando não conseguem conduzi-lo à graça santificante e a reconciliar-se com Deus. Não recebe, portanto, realmente este pecador o fruto do mérito de Cristo, nem o acesso à vida eterna, franqueado por Cristo, senão, quando, mediante a graça santificante, de inimigo se converte em amigo de Deus; cumpre portanto afirmar que ninguém aproveita dos méritos de Cristo para a vida eterna, a não ser pela graça.

Graças a ela, tornamo-nos, em seguida, membros vivos do corpo de Cristo. Pode evidentemente um membro vivo receber infinitos bens da riqueza da cabeça⁴, riqueza inacessível a um membro morto, ou apenas meio-vivo. Recebem assim os justificados, em virtude de sua união viva com Cristo, abundância de graças atuais para praticar o bem e evitar o mal, ao passo que disto se privam os pecadores. Somente os justos têm acesso aos sacramentos dos vivos, pelos quais se lhes aplica o mérito de Cristo, e em nós aumentam a graça muito mais que por nossos próprios méritos. Isto porque são os sacramentos, especialmente o Santíssimo Sacramento do Altar, os canais pelos quais nos vêm continuamente ondas de graça, procedentes do infinito tesouro dos méritos de Cristo. E tal se dá, sem fazermos outra coisa, senão nos aproximarmos dele com piedade, e estendermos a mão para que cada dia maiores sejam e mais perfeitas as riquezas da graça de nossa alma.

O mérito dos Santos é por certo pessoal, e somente para eles, não para outros pode operar um aumento de graça santificante. Não obstante, estamos-lhes tão intimamente unidos pela graça, que seu mérito contribui também, senão direta, ao menos indiretamente, ao aumento de nossa graça.

Com efeito, podem os santos, por suas orações e eminente mérito — pois este mérito enriquece também o valor de suas preces — obter-nos de Deus numerosas e importantes graças atuais, pelas quais evitamos perder a graça habitual e nos excitamos a adquirir, para nós próprios, merecimentos sempre maio-

res. Em numerosos casos quando teriam sido insuficientes nossas orações, ajudam-nos os santos, tornando-nos possível um acréscimo de graça, que por nós mesmos não lograríamos alcançar⁵.

Considera, ó cristão, estarem todos estes tesouros e riquezas perdidos para ti, se te encontrares desprovido da graça. Neste caso, descerá a graça, do céu, em chuvas de ouro sobre os outros; assim, os mártires cumular-se-ão com o tesouro de seus sofrimentos, os patriarcas com suas obras de misericórdia, os profetas com seus ardentes desejos, os apóstolos com o suor de suas fadigas, os confessores e as virgens com a austeridade de sua vida, a Virgem das Virgens e o Rei de todos os Santos, Cristo, com a riqueza infinita de seus merecimentos;... somente tu deverás retirar-te de mãos vazias! Desgraça incomensurável! Outros, nadando em um rio de graças divinas, saciam-se com celestial bebida e nutrem-se no Santíssimo Sacramento do Altar, com o Pão da vida eterna! Só tu és o único destinado a perecer miseravelmente de fome e de sede! É-te proibido até o aproximares-te da mesa da vida, e do tesouro do sacramento dos vivos, sob pena de justo e severo castigo, enquanto contemplas os outros constantemente em redor dele! E se sacrilegamente deles ousas aproximar-te, tomas um veneno mortal, brasas que te queimarão por toda a eternidade. Espiritualmente estás excomungado pelo juízo de Deus e de tua própria consciência, isto é, excluído do laço vivo que une Cristo e seus membros, embora externamente pertenças ao corpo de Cristo. Se a excomunhão externa, pronunciada pelo tribunal eclesiástico, é tão terrível e espantosa e com razão temida por todo cristão, quão mais terrível não é o pecado que te priva da comunhão dos Santos, apaga teu nome da lista dos filhos de Deus e te inclui entre os escravos do demônio!

Enquanto, porém, conservares a fé e permaneceres no seio da Igreja, não te estarão totalmente perdidos os méritos da graça de Cristo e dos Santos, porquanto deles recebes, embora em menor quantidade do que se estivesses em graça, dons que hão de levar-te à conversão e restituir-te à graça. Mas os frutos das satisfações de Cristo e dos Santos são-te inteiramente perdidos; nem também em estado de pecado podes satisfazer pessoalmente por tuas faltas, nem tão pouco participar das satisfações dos outros para expiar as penas que deves; nem estás em condição de aproveitar das indulgências tão generosamente distribuídas pela Igreja, quando lança mão do tesouro acumulado por sua Cabeça e pelos Santos.

¹) Ver 1 Cor 3, 22-23: "Pois tudo é vosso; seja Paulo, Apolo ou Cefas, a vida e a morte, o presente e o futuro. Tudo é vosso, vós, porém, sois de Cristo; e Cristo é de Deus".

²) S. Tomás, III, q. 46, a. 1; q. 49, a. 1-5.

³) S. Tomás, III, q. 19, a. 4.

⁴) 1 Cor 12, 12 ss.

⁵) S. Tomás, II-II, q. 83, a. 11.

Em estado de graça, ao contrário, podes apropriar-te, à vontade, as satisfações supérfluas dos demais. Cada um de teus amigos, cada um dos santos pode apresentar em teu lugar suas satisfações, que se levarão em conta, tanto em teu favor como no deles. Pode a própria Igreja sobre ti derramar a mão-chéias os tesouros nela depositados, e enriquecer-te de tal forma, que, imediatamente libertado das penas e castigos, sem passar pelo purgatório, possas entrar no céu; tão grande é a dignidade conferida pela graça, tão íntima a união com Cristo e os Santos, na qual te introduz ela!

Nunca pensaremos suficientemente na facilidade com que a graça nos consegue a libertação dos terríveis castigos devidos ao pecado, visto nem sequer ser necessário nos sobrecarregarmos de sacrifícios e esforços, aliás relativamente mínimos, com os quais poderíamos pagar nesta vida os sofrimentos do purgatório. E entretanto... Tão inclinados a procurar toda a espécie de bens, do modo mais perfeito e mais cômodo, somos, neste caso, tão insensatos e irrefletidos que frequentemente nos privamos da graça por longo tempo, perdendo assim a oportunidade de satisfazer por nossos pecados. E' pois o momento de compreendermos o que nos é vantajoso, e reconhecermos, de uma vez por todas, a maravilhosa bondade de Deus para conosco, dando-nos, com a graça, a fonte de todo o bem e o remédio de todo o mal. Não venhamos a nos arrepender demasiado tarde, à hora da morte, ou no purgatório, caso tenhamos a ventura de não perdermos a graça para sempre, por não haveremos apagado ou ao menos diminuído o fogo purificador mediante a guarda e cuidadosa utilização deste elemento divino; não seja por demais longa nossa espera da visão beatífica!

Estando nós em graça, e por conseguinte unidos a Cristo e aos santos, em um corpo vivo, podemos realizar todas as nossas boas obras em união com as obras de Cristo e dos Santos. Sendo estas infinitamente mais perfeitas que as nossas, podem suprir o que lhes falta, tornando-as assim mais agradáveis a Deus. Nada lhe agrada tanto como ver a todos os seus filhos unidos entre si e com seu Unigênito Filho, para o servir e louvar. Disse-o o próprio Jesus Cristo: *Quando se reunirem duas ou mais pessoas em meu nome, eu estarei em meio delas*¹. Nossos louvores e homenagens agradam sobremaneira a Deus quando nos unimos, não somente uns aos outros, mas ainda com todos os santos, não evidentemente em um só lugar, mas em um mesmo espírito, como membros do mesmo corpo. De-

ver-nos-la ser imensamente grato e consolador fazer o bem e servir a Deus não separadamente, mas em união com tantas almas santas que, inflamadas no mais ardente amor, se lhe oferecem santas e imaculadas, como homenagem de reconhecimento e cantam conosco o mesmo hino de louvor.

Ao contrário, despojam-se nossas obras, de todo o valor, torna-se-nos desesperadora a situação, se, desprovidos da graça, nos separamos de Cristo e de todos os santos. Terrível coisa há de ser, em tais circunstâncias, apresentar-se diante de Deus, pois já não mais podemos unir-nos ao exército das almas santas, a cujas fileiras, ainda há pouco, pertencíamos. Diante dele como aparecem fracas nossas orações, miseráveis nossos atos! Que prazer lhe causarão nossas ações, se nos apresentamos em estreita aliança, não com os anjos, mas com o inferno?

Pode o pecador e deve certamente rezar a Deus e fazer boas obras; Deus as aceitará na medida em que incluírem um sério desejo de conversão, ou ao menos na medida em que forem uma preparação a isto. Mas se o pecador, sem vontade de se corrigir, sem desejos de romper o laço que o prende ao inferno, nem de voltar à companhia dos anjos, ou, o que é pior, com vontade de continuar ofendendo a Deus, se atreve a apresentar-lhe seus sacrifícios, nesse caso, sobre ele recaem as terríveis palavras dirigidas pelo Senhor, um dia, a Israel prevaricador: *De que me serve a multidão de vossos sacrifícios? Estou farto deles. Não amo os holocaustos de carneiros, nem a gordura dos bois, nem o sangue dos bezerras, dos cordeiros e dos bodes, não é isto que procuro, quando vos apresentais a mim. Quem vos pediu semelhantes dons, quando passeais por meus átrios? Não me ofereçais mais sacrifícios vãos, abomino o incenso, não posso suportar vossas festas e vossos sábados, minha alma vos odeia, são-me pesados e estou cansado de suportá-los; e quando me estenderdes as vossas mãos afastarei de vós os meus olhos*².

Pecador, apressa-te em voltar à graça de Deus e à comunhão dos santos, que te ajudarão alegremente a recuperá-la; se desde este instante não começares a trabalhar por tua conversão, ignoras por quanto tempo te suportará Deus, e até quando permitirá que te ajudem os santos.

²) Is 1, 11 ss.

¹) Mt 18, 20.

CAPÍTULO XIII

O MARAVILHOSO PODER QUE A GRAÇA REVELA EM NOSSA FRAQUEZA

Antes de terminarmos este livro que trata dos efeitos da graça na alma, cumpre-nos ainda ressaltar quão maravilhosa é a força da graça em comparação da fraqueza e miséria de nossa natureza.

O valor sobrenatural, infinitamente precioso, conferido pela graça a nossas ações é, já o sabemos, o que de mais elevado se aponta entre os efeitos da graça; enquanto, porém vivermos na terra, é tal efeito visível unicamente aos olhos de Deus e dos santos do céu. Só o conhecemos pela fé. Eis por que se torna ele para nós objeto de admiração.

Quando entretanto a graça, isto é, a graça santificante, unida às graças atuais que a acompanham, rompe as cadeias de nossas paixões e de nossos maus hábitos, vence a fraqueza e a miséria de nossa natureza, ou melhor, comunica à nossa natureza a força para renunciar-se e violentar-se a si própria, vemos e sentimos os efeitos da graça, na mesma proporção em que vemos e experimentamos o pesado jugo das paixões e a miséria de nossa natureza: é o momento então de verificar e admirar em nós, de modo sensível, seu maravilhoso poder. Canta o Salmista: *Vinde e vede as obras do Senhor, contemplai as maravilhas realizadas por ele na terra*¹. O velho mestre da espiritualidade, Cassiano, aplica estas palavras aos efeitos da graça. Ouçamo-lo: "Vinde e vede como um insensível avarento se transforma em generoso, um desmiolado e libertino, em continente; um orgulhoso, em humilde; como um homem efeminado e delicado se muda em austero penitente, abraçando zelosamente a pobreza voluntária e a privação. Aqui tocai as obras divinas, verdadeiros milagres, pelos quais, em um momento, o publicano se converte em apóstolo, como S. Mateus, o perseguidor encarniçado, em valoroso mensageiro do Evangelho, como aconteceu com S. Paulo. Obras divinas que o filho de Deus disse realizar diariamente em união com o Pai²! Como não admirar o poder da graça, quando vê alguém em si mesmo dobrar-se vencida a gula e o amor das satisfações sensuais, de tal forma que se contenta apenas com alimentos triviais e sem gosto e só os toma parcimoniosamente e contrariado; quando nota o fogo da concupiscência e o desejo carnal, a seu ver antes inextinguíveis, adormecerem agora a ponto de mal lhes sentir o ligeiro movi-

¹) Sl 45, 9.²) Jo 5, 17.

mento? E crescerá a admiração se se observar como homens irascíveis e selvagens, encolerizáveis até por uma expressão de ternura, tornarem-se em um momento tão mansos e bons que as piores injúrias os deixam tranquilos, até nelas se deleitam³.

Assim fala Cassiano. Ajunta S. Bernardo⁴ que o poder do Verbo Eterno se manifesta, melhor que em qualquer outra coisa, ao tornar onipotentes aqueles que nele confiam, isto é, na virtude da graça, com a qual, diz o Apóstolo ser tudo possível⁵. A graça é a força do Espírito Santo, prometida por Nosso Senhor a seus apóstolos, e neles, a todos nós, quando disse: *Sereis revestidos da força do alto*⁶. S. João Crisóstomo chama-a de muro inexpugnável, e ensina ter ela virtude de aplainar todas as dificuldades e aliviar todas as cargas. O mesmo afirma o Salmista, ao pôr em Deus sua confiança: *E' ele quem dá a meus pés a agili- dade da corsa e me coloca na altura das montanhas; ele exercita minhas mãos no combate e me fortalece os braços, como se foram um arco de bronze*⁷.

A lembrança destas palavras destruiu no coração do bem-aventurado André Spinola o terror que o sobressaltava ao pensar nas privações e sofrimentos da vida religiosa; habituado como estava aos prazeres e comodidades da corte, temia ingressar na Companhia de Jesus; tais palavras, porém, nele produziram tal efeito que, a partir de então, experimentou a maior das do- çuras naquelas coisas que antes o atemorizavam. Missionário no Japão, terminou sua vida abraçando alegremente o mais cruel dos martírios, morrendo queimado a fogo lento.

E' fato certo que, segundo as palavras do profeta Isaías, *todos os que esperam no Senhor renovam suas forças e recebem asas de águia*⁸, para voar sem dificuldade, sem cansaço nem fadiga pela via da perfeição, pois a graça de Deus sustém e eleva prodigiosamente o peso do corpo e a fraqueza da alma, e aplica infalivelmente um bálsamo celeste à dor nascida de cada esforço.

S. Agostinho chegou a afirmar algo de mui grande, belo e verdadeiro, quando disse que a alma que não mais se entrega voluntariamente ao pecado, e, sustentada pela graça, põe em ação seus próprios meios, pode mais no extinguir o domínio da carne, do que a própria carne no acender a concupiscência⁹; com efeito sabemos estar escrito: *Teu apetite pôr-se-á sob tua dependência e o dominarás*¹⁰. Ao santo sobejava experiência para

³) *Collationes* 12, 12.⁴) *In Cant.*, Sermo 85, n. 5.⁵) Filip 4, 13.⁶) Lc 24, 49.⁷) Sl 17, 34 ss.⁸) Is 40, 34.⁹) Sermo 155, n. 2.¹⁰) Gn 4, 7.

assim falar; instrua aos outros, baseado no que ele mesmo experimentara em si. Longos anos combatera, entre mil dificuldades, contra as vaidades deste mundo, contra seus maus hábitos e paixões sem conseguir quebrar-lhes as cadeias de ferro. Tão fortemente e por tanto tempo o haviam elas acorrentado que não se resignavam a soltá-lo de uma vez para sempre. Quando a graça com seu poderoso golpe as fez saltar aos pedaços, exclamou ele: "Como me é agradável ver-me livre de tão frívolas delícias! Antes temia ser delas abandonado, hoje me é sumamente grato abandoná-las. Tu, ó meu Deus, arrancaste-as de meu coração, e nele entraste a reinar em seu lugar, tu que és mais amável que todos os prazeres"¹¹. De semelhante experiência foi objeto S. Cipriano; eis o que, entre outras coisas, fala ele: "Acorrentado pelos inumeráveis erros de minha vida passada, não julgara poder deles me livrar. Sentia-me assim preso a estes bens enojantes, e desesperando de uma vida melhor, amava meus males como se foram meu único bem e propriedade minha. Uma vez, porém, que pelo banho da regeneração se lavou a imundície de minha vida passada, e se derramou, do alto, a luz sobre meu peito purificado, uma vez que, pelo Espírito Santo descido do céu, o segundo nascimento fez de mim um novo homem, senti pronta e maravilhosamente dissipar-se a dúvida, esclarecer-se o que era oculto, iluminarem-se as coisas obscuras e apresentarem-se como simples as coisas até então julgadas difíceis"¹².

S. Gregório Magno¹³ aplica à graça e a todos os cristãos o que se prometera a Saul na Sagrada Escritura: *Penetrará em ti o espírito do Senhor e te transformará em outro homem*¹⁴. Assim como Saul, jovem pastor, veio a ser pelo espírito do Senhor um poderoso e temido rei, diante de quem tremiam os inimigos de Israel, assim também o mesmo espírito te faz, por sua graça, dominador da concupiscência, rei vitorioso da carne; muda-te em outro homem, tornando-se doce e agradável o que antes fugias e detestavas. *E' a transformação do braço do Altíssimo*, contemplada com admiração pelo Salmista¹⁵; é um milagre sobrenatural que somente a graça pode realizar em ti; é o milagre que faz a Escritura dizer: *Deus é admirável em seus Santos*¹⁶.

¹¹) *Confissões*, IX, 1.

¹²) *Ad Donat, de gratia Dei*, c. 4.

¹³) *In 1 Lib. Reg.*, l. 4, c. 5, n. 18.

¹⁴) 1 Rs 10, 6.

¹⁵) Sl 76, 11.

¹⁶) Sl 67, 36 (literalmente: em seu santuário).

Não aparecerá talvez este efeito tão excelente e maravilhoso a muitos, persuadidos de que é próprio da natureza espiritual de nossa alma dominar a carne, domar-lhe a concupiscência e preferir a beleza da virtude e da justiça aos bens e prazeres sensíveis.

Realmente assim é. Segundo o Apóstolo, o espírito se opõe à carne e tende a reinar sobre ela¹⁷; não menos verdade, porém, é arrastar-se o espírito pela carne, contra a sua vontade, que por si mesma não pode livrar-se de tal escravidão, gemendo sob o jugo que ela mesma se impôs: *Quem me livrará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Cristo Senhor Nosso*¹⁸! Deve-se por conseguinte à graça a maravilhosa libertação da alma, desta triste escravidão em que se mantém a natureza; somente a graça a colocará na dignidade que lhe compete.

Se é maravilhoso consiga a graça reduzir a carne ao império do espírito¹⁹, mais maravilhoso ainda é chegar ela a infundir-lhe tal força que alcança, por assim dizer, odiar e destruir a carne, recusando-lhe ainda o permitido, oferecendo-lhe, ao contrário, o que repugna e desagrada, sempre pronto a oferecê-la em holocausto até aniquilá-la em homenagem a Deus. Não é acaso grandioso que virgens e tenras crianças, como S. Inês, S. Eulália, S. Pancrácio e tantos outros, tenham, com o sorriso nos lábios, triunfado do furor dos tiranos e do inferno, empregando, com a mais requintada crueldade, todos os meios para atormentá-los, queimá-los e torturá-los; e hajam zombado com santa alegria de todos os males e de todos os suplicios? Faltarei dos santos eremitões, dos Padres do deserto, e de tantos outros santos que viveram voluntariamente por longos anos, na maior miséria e no silêncio, abandonaram tudo quanto podia acariciar à carne, e que, não contentes com refrear a sensualidade com jejuns e macerações, envidaram esforços por destruir esta carne, vivendo quais anjos, como se não carregassem aos ombros o peso do corpo? De onde vinha a Barsanúcio — para não citar senão um nome entre mil — a sobre-humana coragem de viver cinquenta anos em uma estreita caverna, oculto aos olhos mortais, sem alimento nem alívio humano, senão da fonte inesgotável da graça?

E' a graça mais forte que a natureza; por seu influxo, arma-se a natureza contra si mesma, podendo renunciar-se, mortificar-se, fazer-se uma santa violência. Graças a ela torna-se-nos possível o sacrifício sobre-humano e a perfeição exigida

¹⁷) Gál 5, 17.

¹⁸) Rom 7, 24-25.

¹⁹) S. Tom., 1-II, q. 109, a. 2-4.

por Nosso Senhor, quando ensinava devermos abandonar tudo que agrada à natureza, ainda as mais caras coisas, bem como odiar e sacrificar nossa própria alma. E aí reside precisamente o maior milagre da graça, pois não apenas ensina ela nosso espírito a mortificar e abandonar a carne, mas ainda a renunciar-se e abandonar-se a si mesmo, sacrificando a vontade própria, o próprio juízo, a liberdade natural e oferecendo-se a si mesmo a Deus, com incondicional obediência, como a mais bela e mais perfeita das vítimas.

Parece tal violência imposta pela graça à natureza, à primeira vista, desumana, e antes um mal do que um bem; e aí o motivo por que assim se revolta a natureza. Entretanto não pretende a graça à natureza, senão fazê-la renascer a uma vida nova celestial. Despojando-a de tudo quanto possui, ama e deseja, e ainda de si mesma, no ato mesmo de despojá-la e feri-la no que guarda de mais íntimo, derrama sobre esta ferida um bálsamo tão suave que nada há para a natureza tão doce como este despojamento e este corte. Pergunta aos santos se experimentaram jamais maior prazer do que nos momentos de renúncia a si próprios e de oferta em sacrifício a Deus, de seu corpo e sua alma! Em nome de todos responder-te-á S. Francisco Xavier, declarando-te não conhecer ele coisa mais agradável do que vencer-se e mortificar-se. Interroga a tua própria consciência, e ouvirás, como única resposta, que jamais conhecestes prazer mais profundo e mais íntimo do que no momento de reprimir um violento desejo da natureza, e de modo geral, nunca foste tão feliz como ao realizar, com o auxílio da graça, um ato de heróica renúncia.

Se pôde a graça emprestar aos santos tão sobre-humano e maravilhoso vigor, que em heróico esforço souberam erguer-se acima de si mesmos e levar na carne uma vida angélica, não poderá então dar-te a força necessária para viver como homem, em conformidade com tua dignidade natural, e não como animal escravo da carne? Acredita-me, a graça tudo pode. Quando houveres experimentado seu poderoso influxo, não poderás deixar de exclaimar com o Apóstolo: *Tudo posso naquele que me fortalece*²⁰; posso dominar a carne ardente, acorrentar as paixões, destruir as concupiscências, desarraigar os maus hábitos, mitigar as tendências e afetos pecaminosos, ainda quando deva o punhal penetrar até fazer saltar o sangue; posso humilhar-me e a todos submeter-me por Deus; posso finalmente morrer

com Cristo e para Cristo, morrer lentamente, sem abatimento, com alegria, feliz.

Oh! celeste força, benefício, milagre da graça! Transformas o débil caniço, o leve pêlo, a bolha de sabão de nossa natureza em coluna de bronze, em muro sólido como o rochedo! Tu a fazes forte e invencível contra os inimigos exteriores, e mais ainda contra si mesma.

A graça, de preferência, não manifesta sua força tornando mais fortes os já fortes, mas antes, unindo-se à maior fraqueza. Diz o Apóstolo: *A força manifesta-se perfeita na fraqueza; e acrescenta: Por isto me glorio em minha fragilidade, para que assim habite em mim a força de Cristo. Eis por que me alegro em minha fraqueza, nas injúrias, nas misérias, nas perseguições, nas tribulações por Cristo, porquanto, quando sou fraco, então é que me sinto forte*²¹.

A força maravilhosa da graça manifesta-se em nós, quando somos fracos e porque o somos. Pudera Deus dar-nos, como a nossos primeiros pais no paraíso, uma natureza sã e forte, cumprindo à graça apenas elevá-la e transformá-la. Podia, outrossim, mediante a graça que nos faz filhos seus, arrancar-nos toda fraqueza e miséria. Isto, porém, não seria tão glorioso nem para a graça, nem para nós; nem manifestaria tanto o maravilhoso poder que nos confere este dom celeste, como quando por ele — tal qual hoje se dá — podemos triunfar de nossa fraqueza e de nossa miséria.

Agradeçamos a Deus, de todo o coração, os milagres que por sua graça opera em nós; mostremos-lhe nosso reconhecimento, nunca duvidando dela e confiando com fé inquebrantável, em meio à nossa pobreza e fragilidade, na palavra de Deus ao Apóstolo: *Basta-te a minha graça; pois a virtude se aperfeiçoa na fraqueza*²². Não nos queixemos de nos assaltar a carne e o demônio com molestas tentações, nas quais cuidamos sucumbir. Embora não nos seja proibido desejar seu desaparecimento ou rezar nesta intenção, se contudo não aprouver a Deus libertar-nos delas, suportemo-las pacientemente e mesmo com alegria; estaremos assim certos de querer ele que sua graça brilhe em nós do modo mais resplandecente, dando-nos ocasião de um triunfo e de uma esplêndida vitória, verdadeiramente sobre-humanos. Devemos, pois, considerar, não como jugo pesado e, sim, como honra e grande prazer o estarmos em condições excelentes de, pela graça, renunciar e mortificar nossa natureza.

²¹) 2 Cor 12, 9 ss.

²²) 2 Cor 12, 9.

²⁰) Filip 4, 13.

LIVRO QUARTO

OUTROS EFEITOS E PRIVILÉGIOS DA GRAÇA
DIVINA

CAPITULO I

A GRAÇA TORNA-NOS, SOB TODOS OS PONTOS DE VISTA, DIGNOS DE UMA PROVIDENCIA ESPECIALISSIMA DE DEUS

Os efeitos produzidos em nossa alma pela graça são tão grandes e tão maravilhosos como a misteriosa união com Deus em que ela nos introduz. E' a graça uma luz divina que derrama, sobre nossa alma, bênçãos e benefícios muito superiores e mais abundantes do que os derramados sobre a terra pela luz do sol. Destrói ela, com efeito, de uma só vez, o mais terrível e tenaz de todos os males, o pecado mortal; fecunda-nos com germes de virtudes celestes e divinas que nos fazem participantes da própria vida eterna, e merecedores da felicidade do céu; traz-nos os sete dons do Espírito Santo e toda uma série de outras graças de que necessitamos para ganhar o céu; torna-nos participantes dos méritos e satisfações de Cristo e de todos os santos; enfim triunfa maravilhosamente de toda a nossa fraqueza e miséria.

Tão grandes e numerosos são estes dons, que poderia parecer terem-se esgotado os tesouros contidos na graça. Surgem, entretanto, ainda outros que nos merecem uma especial atenção. Constituirão eles o objeto deste livro, onde se demonstrará como, a exemplo dos anjos fiéis e de todos os santos, devemos amar e apreciar as maravilhas da graça.

Partindo de que mediante a graça se torna um fato nossa filiação divina, e de que portanto somos envolvidos numa inefável ternura junto com o Filho Unigênito do Pai, podemos estar certos de que Deus velará por nós em todos os acontecimentos, com preocupação verdadeiramente paternal. Podemos confiar-lhe com garantia absoluta nossos desejos e inquietudes; assistem-nos motivos de esperar dele, não só o reino celeste, mas ainda tudo o mais, sempre que nos for proveitoso e salutar.

Buscai antes de tudo o reino de Deus e sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo, diz o Salvador¹. O reino de Deus é a graça pela qual reina ele em nossos corações, e

¹) Mt 6, 33.

mediante a qual somos chamados a reinar com ele; a justiça do reino de Deus não é outra coisa senão a justiça da graça, com a qual, como filhos de Deus, nos adornamos. E diante da fácil condição exigida por Deus neste contrato, não deixa ele de ser, em si, precioso e apetecível. Busquemos apenas o céu, e a terra nos será dada. Quando pertencemos unicamente a Cristo e a Deus, tudo é nosso. Fala-nos o Apóstolo, como falara outrora aos fiéis de Corinto: *Pois todas as coisas são vossas, seja Paulo, Apolo ou Cefas; o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro: tudo é vosso; vós, porém, sois de Cristo, e Cristo é de Deus*²... Os santos estão à nossa disposição para ajudar-nos; a vida para fazer-nos felizes em Deus; a morte, para levar-nos a ele; o presente, para servir a nossas necessidades; o futuro, como algo sobre que já possuímos certo direito; o mundo, porque nos terá submetido e para nós foi formado.

Feliz estado! Contanto que pertenças a Deus, te convertes em senhor de todas as coisas, "porque — diz S. Boaventura — o Senhor, o Amigo, o Pai, não permitirá que coisa alguma falte a seu servo, amigo e filho".

Não se contenta Deus com comparar sua paternal solicitude com os cuidados de uma mãe para com seu filhinho; vai infinitamente mais além: *Ainda quando pudesse a mãe esquecer-se de seu filho, eu não vos esquecerei*³. *Escutai-me, ó casa de Jacob, e vós todos, restos da casa de Israel, a quem carrego em meu seio, diz o Senhor; eu mesmo vos carregarei até à velhice, até branqueardes a fronte; eu vos criei, carregarei-vos-ei, sustentarei e salvarei*⁴. *Aquele que te tocar, lemos no profeta Zacarias, toca a menina de meus olhos*⁵. *Ocultou-nos em sua tenda, e nos dias perigosos, cobriu-nos no mais recôndito de seu manto*⁶.

Se Deus nos ama tanto, se por nós manifesta tanta solicitude, cuidando-nos e protegendo-nos desde o momento em que, pela graça, nos tornamos filhos seus, que poderá faltar-nos ao corpo ou à alma, de verdadeiramente útil e que nos faça felizes? Se Deus alimenta os animais, se veste as flores dos campos, como descuidaria dos homens, e sobretudo de seus filhos?

Ouçamos o próprio Salvador: *Não vos preocupeis com o alimento para vossa vida, nem com as vestes para cobrir o vosso corpo. Então não vale mais a vida, do que o alimento, e o corpo do que o vestido? Olhai as aves do céu que não semeiam nem colhem, nem possuem celeiros, e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós incomparavelmente mais que elas? Con-*

²) 1 Cor 3, 22.

³) In 49, 15.

⁴) In 46, 3, 4.

⁵) Zac 2, 8.

⁶) Sl 26, 5.

templai os lírios do campo, como crescem. Não trabalham nem fiam, e contudo, eu vo-lo digo, nem Salomão em meio de toda a sua glória se vestiu como um deles. Se uma erva do campo que hoje existe, e amanhã se lança ao fogo, Deus assim veste, quanto mais a vós, ó homens de pequenina fé?

Pode, depois disto, existir para nós algum motivo de preocupação, se estamos em graça? Na qualidade de herdeiros do céu, pertence-nos a eternidade, e na terra, vela Deus por aquilo de que necessitamos. Como nos exorta S. Pedro, podemos lançar sobre ele todos os cuidados, pois ele se preocupa conosco⁸. Desde o momento em que Deus nos assiste, não há, por que temermos a alguém; se nos cobre ele com sua asa, nenhuma infelicidade nos há de atemorizar; nem há por que nos preocuparmos com o alimento ou o vestido, pois existe um Pai celeste velando por nós, filhos seus, com maior cuidado do que o poderia ter por nós um pai humano.

Vejo, porém, aflorar-te aos lábios uma objeção: — Por que então sofrem, às vezes, os filhos de Deus mais que os filhos do mundo e os pecadores? Por que se vêem tão frequentemente na miséria? Por que gemem na pobreza, visitados pelas duras provações da desgraça? Por que também a eles ferem enfermidades e tribulações, chegando a parecerem os mais abandonados de todos?

A resposta é simples. Podes ter certeza plena de que infortúnio algum pesará sobre ti sem uma especial permissão de Deus, e enquanto permaneceres em tua condição de verdadeiro filho seu, ele só o permitirá, guiado por seu amor para contigo, em vista de teu maior bem⁹. Todas as desgraças são dons especiais do paternal amor de Deus, que por elas quer fazer-te semelhante a seu próprio Filho, que deveu passar também pelo sofrimento para entrar em sua glória¹⁰.

*Sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que, segundo seu desígnio, são chamados a serem santos*¹¹. Recebem estes sofrimentos, mediante a graça, uma consagração sobrenatural; consomem, de certo modo, nossa natureza em homenagem a nosso Pai celeste, como em holocausto, impregnado do incenso da graça. Devem, outrossim, excitar nos filhos de Deus um ardente desejo da pátria celeste, para impedi-los se apeguem ao lugar de seu desterro ou se abandonem aos bens terrenos, afastando assim o próprio coração dos bens celestes.

⁸) Mt 6, 25-30.

⁹) 1 Ped 5, 7.

¹⁰) Cf. Heb 12, 7 ss.

¹¹) Lc 24, 26.

¹²) Rom 8, 28.

Como filhos de Deus, destinamo-nos à eternidade e temos desde já um direito sobre ela; todas as coisas temporais não passam de meios para alcançarmos o bem eterno. Quanto mais seguramente um objeto conduz a este fim, seja doce ou amargo, áspero ou agradável, tanto maior valor deve ter para nós, e, por conseguinte, cumpre-nos mais admirar nele a Providência temporal de nosso Pai celeste. Compreende-se corram os pagãos atrás dos bens passageiros, queixem-se dos anos estéreis, contemplem com ansiedade a tempestade e o vento! nada têm de mais elevado diante dos olhos, onde fixar suas esperanças; para nós, porém, os bens temporais são apenas meios, emprestados para um uso passageiro, a fim de com eles ganharmos os bens supremos da eternidade.

Permita Deus sempre apreciemos, como convém, nossa elevada dignidade e a maravilhosa Providência divina. Julgaremos assim indigno de nós ocuparmo-nos com tanta ansiedade dos assuntos temporais e apegarmos nosso coração a estas futilidades terrenas. Imprimamos profundamente em nosso coração estas palavras de S. Pedro Crisólogo: "Depois que o Senhor foi tão generoso para conosco e com tanta abundância nos dispensou sua graça, ordena-nos nos lembrarmos de que fomos chamados a dominar como reis, e nos desprendamos dos miseráveis despojos de nossa escravidão. Vendei o que tiverdes e o dai como esmola¹². A dignidade real não se acomoda com uma vestimenta vil; tão grande honra acompanha-se do diadema e da púrpura. Aquele que se crê ungido por Deus como rei deve abandonar a veste própria dos servos. Quando o Rei Supremo imagina que alguém ousa tomar o assento em seu banquete com um traje indigno de sua majestade, manda-o atar, expulsá-lo e lançá-lo nas mais profundas trevas, porque o aspecto inconveniente de um convidado desonra o hóspede. Assim também, aquele que conserva os bens da escravidão anterior, uma vez cumulado com os tesouros e riquezas reais, torna-se prisioneiro de sua miséria, sem poder ser feliz"¹³.

Não devemos, pois, buscar os bens temporais, mas antes, deles nos privar e sacrificá-los alegremente para adquirirmos o céu. Só devemos procurar os bens eternos da graça; tudo o mais, se nos for realmente útil e não apenas ordenado à ostentação externa, nos será dado por acréscimo; mas sem a graça, tudo isto só nos pode ser nocivo e perigoso.

Por que, pois, exclama o profeta, por que gastais vosso dinheiro em coisas que não são alimento, e vossas fadigas na-

¹² Lc 12, 33.

¹³ Hom. 23.

quillo que não pode saciar-vos¹⁴? Sem dinheiro e sem trabalho, compremos exclusivamente Jesus Cristo, e ele nos confortará; sua graça será em nós uma fonte de água viva jorrando para a vida eterna; excitará em nossa alma a fome e a sede dos bens celestes, mais amáveis e mais benéficos que qualquer prazer neste mundo.

CAPÍTULO II

A GRAÇA GOZA DA COMPANHIA DE INUMERÁVEIS ANJOS

Não se contentando Deus com reinar, mediante sua amável e poderosa Providência, sobre os homens em graça, envia-lhes legiões de espíritos para protegê-los, guardá-los e servir-lhes.

No Apocalipse, a mulher vestida de sol, imagem da alma enriquecida pela graça, tinha a seu lado o Arcanjo S. Miguel, e uma legião de anjos¹. Jacob tão elevado em perfeição diante do Senhor, quando, ao voltar à sua pátria, percebeu os anjos que lhe saíam ao encontro, assombrado, reconheceu naquilo os tabernáculos de Deus². Eliseu os viu ágeis e armados, como tropas poderosas enviadas em auxílio e socorro de seu discípulo³. E o abade Isidoro, dirigindo-se de um lugar elevado ao abade Moisés, provado pelas mais fortes tentações, assinalava as falanges de santos espíritos, ao mesmo tempo que lhe dizia: "São todos estes enviados por Deus em auxílio de seus servos, e como o vês, há de nosso lado muito mais que da parte dos inimigos". Cumpre-se assim a profecia do Salmista: *O Anjo do Senhor estenderá sua tenda sobre aqueles que temem ao Senhor*⁴.

Que pode determinar Deus a enviar do céu à terra, para se colocarem ao serviço dos homens, pobres e miseráveis, estas legiões de espíritos celestes que lhe rodeiam o trono e só a ele louvam e servem? Que poderá levar os anjos, absortos na feliz contemplação da face do Pai celeste, a oferecerem seu so-

¹⁴ Is 55, 2.

¹ Apoc 12, 7.

² Gn 32, 1-2.

³ "O servo do homem de Deus levantou-se muito cedo e saiu, quando avistou uma tropa, cercando a cidade, com seus cavalos e carros. E disse o servo a Eliseu: "Ah! Senhor! que faremos?" Respondeu ele: "Nada temas, pois os que conosco estão são muito mais numerosos que aqueles que se acham com eles". Eliseu rezou dizendo: "Senhor, abre-lhe os olhos para que veja". E o Senhor abriu os olhos do servo, e este viu que toda a montanha estava cheia de cavalos e carros de fogo, em torno de Eliseu" (4 Rs 6, 15-17).

⁴ Sl 33, 8 (segundo o texto hebraico).

corro a pequeninos vermes da terra, e fazer-nos companhia com tanta fidelidade? Que dignidade é a nossa, para merecermos estar tão bem acompanhados? Qual a tarefa que cumpre aos anjos realizar em nós, porquanto há de estar à altura de sua dignidade e de sua solicitude? Vejamo-lo.

Atendendo à nossa natureza, caber-nos-ia, antes, prestarmos serviços aos anjos. A graça, porém, confere-nos um posto tão elevado, que ainda os anjos superiores, longe de julgar como coisa menos digna de si, têm, ao contrário, em grande honra o poder servir-nos. Sabem perfeitamente, melhor aliás que nós mesmos, que pela graça se transformam nossas almas em verdadeiras filhas e esposas de seu Rei; não desconhecem ter-nos sido dada uma dignidade que eles próprios não teriam por sua natureza. Reconhecem em nós a imagem sobrenatural de Deus e têm consciência de devê-lo honrar em nós. Não nos assombramos mais de virem eles a nós, de serem enviados por Deus, desde o momento em que consideramos que o Espírito Santo e toda a Santíssima Trindade descem, pela graça, à nossa alma, para nela fixarem seu templo santo e sua morada. Se o Rei dos anjos se abaixa com tanto amor até nossa alma, se nela permanece com prazer, não querendo dela retirar-se, seria de admirar não se apressasse seu séquito em rodear e guardar. com suas numerosas milícias, o lugar onde repousa o soberano?

Quem pode compreender a honra de que é objeto nossa alma, quando, transformada em esposa de Deus, se vê cercada de sua corte, esmerando-se em render-lhe suas homenagens e prestar-lhe seus serviços? O amor próprio do homem nada conhece que supere a majestade de um rei poderoso, honrado por todo um povo, rodeado de um exército de servos vestidos de resplandecente libré, enquanto lhe formam brilhante cortêjo a nobreza e os príncipes de seu país. E não será invejável a glória de uma alma em graça, rodeada e honrada não já por homens, mas por anjos, não por príncipes deste mundo e, sim, pelos do céu, empenhados em manifestar-lhe não uma submissão externa e forçada, mas respeito e amor profundos e sinceros?

A função e o serviço que devem cumprir os anjos em torno de nós é algo de tão elevado e divino que devem sentir-se ditos de serem escolhidos para isto. A comunicação e o aumento da graça são obras tão belas que nem o próprio Deus pode realizar coisa mais formosa em uma pura criatura. E todos os anjos, segundo o Apóstolo, são *espíritos servidores, enviados para exercer seu ministério em favor daqueles que devem ser*

*os herdeiros da salvação*⁵. Vêm eles até aos filhos de Deus, introduzindo-os em sua herança celeste. Nem seria digno dos anjos ajudarem-nos na aquisição dos bens terrenos, das riquezas, dos prazeres, da ciência humana; nem mesmo afastarem de nós os males temporais e corporais. Somente a graça, sua inseparável companheira, a herança celeste são suficientemente preciosas para que desçam eles do céu, ajudando-nos em sua aquisição e aumento, e impedindo de as perdermos. A graça merece toda a sua atenção; seu empenho constante cifra-se em que este precioso tesouro se mantenha e cresça em nós, vasos tão frágeis.

Não obstante isto, como nosso Pai celeste, também os anjos ocupam-se em proporcionar-nos bens terrenos e em livrar-nos dos males temporais; só o fazem, porém, porque somos filhos de Deus, e na medida em que a prosperidade temporal possa ser-nos vantajosa para conseguirmos o céu. Buscam somente nossa verdadeira felicidade; trabalham com zelo e amor desconhecidos entre os homens, inferiores unicamente ao zelo e ao amor divinos.

Nada pode alegrar-nos tanto como uma escolta tão solícita, um corpo de guarda tão poderoso, enviado por Deus para proteger seus filhos, o qual, segundo o Salmista, *guarda-nos em todos os nossos caminhos, carrega-nos em suas mãos, para que não se ofendam nossos pés contra as pedras*⁶. Não há então de que temer visto serem os espíritos celestes mais poderosos que os infernais. Tão pouco podemos queixar-nos de nossa solidão e abandono, tendo, como temos, tantos aliados fiéis e poderosos. A não ser que nos entreguemos ao inimigo ou lhe apresentemos estupidamente as mãos para nos prender, é certo sairmos sãos e salvos do combate, depois de pormos o inimigo em vergonhosa fuga.

Moisés com sua prece, Josué com seu valoroso combate aniquilaram a força dos inimigos de Israel; como será possível duvidarmos da vitória, já que na terra combatem ao nosso lado os anjos, e rogam, no céu, por nós os serafins? Enquanto lutam eles por nossa causa, não a descuidemos nós próprios, mas lutemos, rezemos e não desprezemos a assistência que nos oferecem com tanto interesse e benevolência.

Poderás, ó cristão, compreender a honra e a alegria de tal companhia, quando te comparas com um fraco e extraviado cordeirinho ameaçado por cem lobos famintos, e rodeado repentinamente por tantos guardas que te arrancam de seus dentes!

⁵) Heb 1, 14.⁶) Sl 90, 11 ss.

Pobre cordeirinho se estivera só e abandonado à mercê de tão poderosos inimigos! Que alegria não experimentará, ao contrário, em se ver rodeado, não já de cães, mas de tantos pastores quantos são os lobos que o espreitam! Somos também nós débeis cordeiros, ameaçados por mil lobos infernais, a cujo furor indubitavelmente sucumbiríamos, se não viessem em nosso auxílio protetores mais poderosos que eles. Entre estes cumpre enumerar não só os pastores da Igreja, dados por Deus como auxílio na terra, mas também os príncipes do céu em número respeitável. Sejamos-lhes agradecidos, aceitemos e utilizemos alegre e prontamente seu socorro. Esforcemo-nos por nos tornarmos dignos de sua companhia e de seu auxílio.

Levemos uma vida agradável a seus olhos, que possam eles, sem se envergonhar, apresentá-la aos olhos de Deus. Cultivemos em nós os costumes divinos, em harmonia com esta corte celeste. Apartem-se nossos sentidos das coisas deste mundo e se voltem para o céu, juntamente com os olhares dos anjos. Esteja nosso coração atento a suas insinuações e dócil a suas inspirações. Sobre tudo mantenhamos, com empenho, a graça que já nesta vida nos torna cidadãos do céu, e irmãos dos anjos, e pela qual, somente, somos dignos de sua companhia e de seus serviços.

Se nos abandonar a graça, deixará nossa alma de ser filha e esposa de Deus; em um abrir e fechar de olhos, toda corte celeste que nos rodeava, numerosa e reverente, se dispersará. Na medida em que os anjos honravam nossa alma por causa da graça, aborrecerão agora e abandonarão seu cadáver, privado de vida e desfigurado pelo pecado mortal. Ao contrário, um poderoso exército de espíritos malignos assaltar-nos-á e tomará posse de nossa alma para atormentá-la e esfaqueá-la. Assim como antes não podiam os anjos afastar-se de nós, agora os demônios, por nosso estado de pecado, não nos deixarão um instante; de tal modo nos vigiam, que nosso próprio anjo da guarda só com dificuldade poderá aproximar-se de nós.

Não deixam os anjos certamente de proteger-nos e rezar por nós, fazem-no, porém, de longe e só para poderem voltar a nós mediante a graça.

Contemplemos S. Madalena, que talvez como ninguém experimentou o que seja o pecado e a doçura da graça. Sendo ainda pecadora, uma multidão de espíritos infernais dela se apoderara¹; com a graça, porém, nela fixou sua residência uma multidão de santos anjos. Considera este exemplo, e decide, sem demora, qual destes dois estados queres escolher.

¹) Lc 8, 2.

CAPÍTULO III

FORA DA GRAÇA NÃO EXISTE NESTE MUNDO VERDADEIRA FELICIDADE

Se traz a graça consigo todos estes bens, e se nos coloca, como acabamos de ver, sob a proteção especial da Providência divina e dos anjos, podemos facilmente imaginar a profunda ventura e felicidade que desde esta vida prepara ela aos que a possuem e conservam. Se acrescentarmos a isto que fora da graça não há neste mundo verdadeira felicidade, nosso próprio interesse não admitirá escusa alguma. Se quisermos ser felizes, cumpre-nos buscar unicamente na graça de Deus o nosso bem-estar.

Basta atendermos ao testemunho de nosso coração e de nossa experiência diária, para nos convenceremos de que os três principais bens em que coloca o mundo a felicidade, isto é, os prazeres sensuais, as riquezas e as honras humanas, em vez de nos fazer ditos e satisfeitos, atormenta-nos e causam nossa infelicidade, e tanto mais quanto mais intensamente deles gozamos e os possuímos¹.

Se a bem-aventurança consiste na posse e no gozo perfeito de todos os bens, particularmente dos mais nobres, como poderia ela radicar-se no *desejo carnal*, que conspurca a dignidade de nossa alma racional, obscurece seu olho espiritual e a rebaixa aos vis prazeres dos animais destituídos de razão, despoja a alma de sua liberdade natural, precipita-a na vergonhosa escravidão da carne e a impele a faltas e horrores que não podem inspirar-se na verdadeira felicidade, sempre pura e boa? A concupiscência carnal, sobretudo quando se considera como o maior bem e dela se bebe a longos sorvos, enerva e perturba o próprio corpo. Dá-se o que se vê em um campo de água estagnada: perde sua fecundidade, corrompe-se. Assim também, diz S. João Crisóstomo, alquebra-se o corpo, corrompe-se, atormentado por numerosas enfermidades, incuráveis e repugnantes, nascidas do prazer; apodrece-se vivo este mesmo corpo, numa vida mais atroz que uma morte constantemente renovada.

Não constituindo as *riquezas* senão um meio pelo qual podemos conseguir as satisfações sensíveis ou as honras humanas, evidentemente não trazem em si a verdadeira felicidade. Com efeito, a felicidade não se deseja como meio e, sim, como fim, por si mesma, pois deve satisfazer, em uma agradável posse,

¹) S. Tomás, I-II, q. 2.

todos os nossos desejos. Além disto, como o indica a Sagrada Escritura, são as riquezas verdadeiros espinhos²; quer os enterremos em nosso coração, quer os arranquemos, picam e ferem. Excitam em nós a insaciável ambição dos bens, e como nunca temos quanto desejamos, fazem-nos na realidade pobres e infelizes. Somente quando as desprezamos e abandonamos, nos deixam elas em paz o coração; agora compreendemos por que elogiou o Salvador os pobres de espírito.

Que dizer das honras atribuídas aos homens, que não residem em nós, e, sim, fora de nós? A serem verdadeiras e merecidas, representam apenas uma sombra de virtudes e privilégios possuídos interiormente, e seria insensato pensar nos torne o exterior mais felizes que o interior. Não me deterei a descrever quão vã, duvidosa, instável e pouco segura é esta classe de bens. Gráficamente pinta S. Anselmo a imagem do orgulhoso, comparando-o a crianças que se esforçam por apanhar borboletas; não a cada momento logrados por seu voo rápido e caprichoso. Em seu vão esforço correm estas crianças em todas as direções, fecham, como se estivessem cheias, as mãos vazias, riem como se tivessem alcançado a presa, vêem-na, porém, fugir, ao passo que tropeçam, caem por terra, até deslocarem algum membro. Se porventura se apoderam do inseto, alegram-se com sua gloriosa presa e se orgulham como se tivessem conquistado um reino. Do mesmo modo se agitam e se atormentam os orgulhosos, correndo empós de uma fama constantemente a lhes fugir; se conseguem alcançar apenas uma parcela, não notam como é vão seu prazer, do qual podem, em um instante, estar de novo privados.

Se cada um destes três bens, tomados em separado, não podem satisfazer nossa alma, o mesmo se dá com seu conjunto. Excessivamente mesquinhos, não nos saciam o coração; por demais difíceis de conseguir-se, não os temos sempre à nossa disposição; inteiramente fugidios, fazem-nos temer constantemente sua perda; demasiado perigosos, não podemos, sem reserva, entregar-nos a seu gozo e encontrar neles a verdadeira paz.

"Nosso coração foi feito para Deus, e fica inquieto até que descanse n'Ele", disse S. Agostinho³. Já em sua natureza é demasiado nobre a nossa alma, para que se possa contentar com os bens sensíveis e exteriores. E' imortal e suspira por uma felicidade eterna e imperecível. Onde falte essa esperança, não pode existir dita verdadeira nem um momento de paz.

Muito menos pode nossa alma encontrar repouso neste mundo, uma vez sabido o destino a que está chamada pela graça.

²) Lc 8, 14.

³) Confess., I, 1.

Um homem do povo, de baixa condição, pode sentir-se ditoso em seu estado, contente com os bens e satisfações por este proporcionados. Suponhamos, porém, fora este homem adotado como filho por um grande rei, ou houvesse chegado à sua situação atual por um infortúnio, mas com plena consciência de descender da família real, não poderia então, evidentemente, suportar a sorte, boa e justa para outros, e não descansaria antes de reaver o esplendor real. O mesmo se dá conosco. Embora concedendo pudessem os bens deste mundo tornar, de algum modo, feliz o homem, não seriam entretanto capazes de saciar o coração daquele que se sentisse chamado ao céu e se visse destinado à dignidade dos filhos de Deus. Tão nobre é este coração que o mundo inteiro lhe está aos pés, tão amplo que não podem enchê-lo todas as coisas criadas, e nem o próprio Deus pode quietá-lo a não ser voltando-se para ele com sua felicidade e sua glória.

Crês, por acaso, poder esquecer esta grandiosa vocação ao submeter teu coração ao mundo e satisfazê-lo em sua vil baixez? Não será porventura tua maior desgraça e a mais indigna vergonha esta cruel insensibilidade para com tua própria felicidade?

Não! Jamais alcançarias a felicidade em tua degradação e teu aviltamento! Opõe-te à graça com todas as tuas forças, fecha o teu coração a teu benéfico influxo, mas podes estar certo de que esta mesma graça nele penetrará, senão para enchê-lo, ao menos para fazê-lo experimentar o próprio vazio. Cria ela nele a necessidade do Infinito e do Céu, e não lhe permite um só instante de descanso tranquilo e perfeito nos bens terrenos e finitos. Quanto mais pretenderes saciar teu coração com os bens deste mundo, tanto mais excitará nele a graça a fome e a sede dos bens celestes. Infeliz de ti se não sacias esta fome e esta sede, bebendo a graça a largos sorvos! Vingar-se-ão de modo terrível tanto a graça como a natureza; a graça converter-se-á em maldição para teu coração porque este não lhe permitiu fazê-lo feliz; a natureza revoltar-se-á contra ele, porque pretendeu arrancar-lhe violenta e injustamente seu maior bem, e sua eterna salvação!

Filhos dos homens, continuareis ainda amando a vaidade, e correreis atrás da mentira? Compreendei que sabe o Senhor glorificar maravilhosamente os seus santos⁴. Eis o que clama o Salmista a quantos buscam, na terra, a felicidade fora da

⁴) Sl 4, 3 (sentido literal: O Senhor separou, para si próprio, um servo piedoso).

graça. Como Salomão, por toda a parte apenas encontram *vaidade, vaidade de vaidades*, e serão afinal obrigados a confessar *ser tudo vaidade e aflição de espírito*⁵. A graça, ao contrário, ao tornar-nos santos, proporciona-nos o único e supremo bem que se pode possuir na terra.

Não quero referir-me aqui à felicidade que por ela obtemos na eternidade, mas tão somente àquela que nos oferece nesta vida. Antes de tudo, a ela devemos a esperança da felicidade celeste. Ainda que outra coisa não possuíssimos no mundo, bastaria esta esperança para ser nosso coração mais feliz do que com a posse de todos os bens terrenos. Só o pensar que os gozos celestes excedem infinitamente a toda concepção e todo sentimento da alma humana, e que, da parte de Deus, os alcançaremos com infalível certeza, é suficientemente poderoso para confortar e aquietar totalmente o nosso coração⁶.

Pela graça, possuímos a Deus, bem supremo e infinito, não apenas mediante a esperança mas em verdade e realmente; podemos desde agora estreitá-lo nos braços e gozar de sua doçura. Pela graça somos verdadeiros portadores de Deus, com todo o direito o chamamos nosso, e de tal modo a ele nos unimos que poder algum, nem na terra nem no céu, é capaz de no-lo arrebatar. Graças a ela apertamo-lo fortemente entre os braços do santo amor, estreitamo-lo contra o coração, contemplamo-lo, com ele nos compenetramos de tal maneira que chegamos a com ele formar um só coração e uma só alma. Pela graça desfrutamos, desde já, na união com Deus, das maiores delícias e de uma satisfação que supera os deleites sensíveis tanto como o céu sobrepuja a terra. Possuímos o mais rico tesouro, visto termos em nós Aquele que tudo criou, cuja grandeza desconhece limites; gozamos da maior honra, pois aos olhos de Deus e dos anjos aparecemos verdadeiramente grandes, infinitamente estimados e por estes honrados.

Sobretudo proporciona-nos a graça esta paz celeste, trazida pelo Filho de Deus à terra, a paz de Cristo, da qual diz o Apóstolo: *Que a paz de Cristo que sobrepuja a todo sentimento cumule de alegria vossos corações*⁷!

Esta paz, o mais saboroso fruto da graça, é a primeira condição da felicidade verdadeira e perfeita. Realmente é a paz algo tão celeste que o mundo nem sequer se atreve a simular poder alcançá-la; limita-se a prometer a seus filhos o que brilha, os gozos, as satisfações, não, porém, a paz; esforça-se por fa-

zer crer a seus filhos que a verdadeira felicidade não se funda no repouso da paz, mas em uma incessante variedade e em eterna mudança. Engano imenso! Que é a felicidade, senão o repouso do desejo? Como encontrar tal repouso fora da paz?

Ao contrário, se a graça nos promete a felicidade, cumprenos dar-lhe crédito, desde o momento em que coloca ela na paz a verdadeira felicidade. E nos dá ela realmente esta paz ao unir nosso coração, num imperecível amor à eterna e imutável bondade de Deus, no qual nos unimos igualmente aos homens, ao estabelecer-nos em Deus como em inamovível rocha, e ao entregarmo-nos a ele para repousarmos na origem de toda vida e de toda alegria. Enquanto conservarmos a graça, pessoa alguma do mundo poderá contristar-nos nem despojar-nos desta paz celeste e divina, de sua felicidade! Perca-se tudo o mais, caia sobre nós o que chama o mundo de infortúnio e miséria, se possuímos a Deus, tudo teremos; basta-nos ele para saciar-se o nosso coração e de nada mais precisar.

Faz o bálsamo da graça tornar-se cada um dos nossos sofrimentos e contrariedades, leves e, ainda mais, doces e agradáveis. Sente-se então o homem feliz em poder sofrer alguma coisa por Deus e para o céu; por Deus, a fim de testemunhar-lhe seu reconhecimento e adesão; para o céu, a fim de comprá-lo ao menos deste modo, de sorte a não parecer recebê-lo sem ter feito coisa alguma. A graça santifica e glorifica quanto de bom encontra em a natureza, e também, se excetuarmos o pecado, todas as imperfeições e todos os males, comunicando a tudo um valor infinito. Por uma grande coisa ansiavam os santos: ver-se cumulos de sofrimentos e de aflições, aceitando-as por Deus.

Se tem a graça o poder de transformar em doce o que é amargo, em pedra preciosa todo o sofrimento, o luto em alegria; se nos comunica esta paz celeste que o mundo não nos pode dar; se nos faz gozar de Deus, nesta vida, e nos dá além disto a esperança da vida eterna, não poderemos afirmar que nos torna ela verdadeiramente felizes, já neste vale de lágrimas? Por que hesitamos então em lançar-nos em seus braços e buscar somente nela a verdadeira paz e a felicidade perfeita? Não nos deixemos enganar pelas vãs aparências com as quais procura o mundo sufocar e adormecer o desejo profundo de nosso coração pela verdadeira felicidade. Sigamos exclusivamente o poderoso chamado, a íntima nostalgia, ardente e infinita que nele desperta a graça; demos atenção aos inefáveis suspiros que nele faz o Espírito Santo nascer, e sigamo-los até à fonte de onde provém.

⁵) Eccl 1, 1 e 14.

⁶) S. Tomás, II-II, q. 17, a. 2.

⁷) Col 3, 16.

Deste modo, não nos perderemos, e gozaremos, desde esta terra, das alegrias do céu.

Será mister descrever-te, ó cristão, quão miserável e infeliz te tornas ao perder a graça cometendo o pecado?

A desgraça do pecado proporciona-se exatamente à felicidade causada pela graça. Perde o pecador a perspectiva certa da eterna felicidade do céu; substitui-a o temor de espantosos castigos, mediante os quais se vingará Deus do desprezo do céu e de sua graça. Perde o pecador a paz com Deus e consigo; semelhante desarmonia vem amargar-lhe todas as alegrias e prazeres. Assim como a paz sobrenatural e celeste da graça lhe assegura o mais amável dos repousos, assim também o amargor do pecado o lança na mais dolorosa inquietude. A bênção mudou-se em maldição. Repellido da face de Deus, não se atreve o pecador a erguer um olhar confiante a seu juiz irritado. Agitam-no as paixões em contínua fermentação; sua própria natureza contra ele se rebela, e se contra ele não se lançam todas as criaturas por haver ousado desprezar a seu amável Criador, deve-o ele à condescendência e à longanimidade de Deus, que o espera até à penitência.

Se te encontraste, ó cristão, nesta calamitosa situação, não pudeste deixar de experimentar imenso vazio e tristeza em teu coração, e em tua consciência a maldição de Deus, a tortura do remorso. E se porventura não o experimentaste, é sinal certo de teres perdido toda a idéia e todo o sentimento da verdadeira felicidade, e confundido, assim, em uma extrema cegueira, a morte com a vida, a desgraça com a ventura. Eis o maior dos males: não saber onde está a verdadeira felicidade. E consiste o cúmulo da miséria em amá-la e não querer abandoná-la.

Agradece a Deus se, por sua graça, te faz ele ver tua extrema pobreza e ateou em tua alma o desejo da libertação. Quem saberá, se, no futuro, caso voltes ainda a pecar, estenderá ele a mão para salvar-te?

CAPÍTULO IV

NÃO HÁ TERMO DE COMPARAÇÃO ENTRE A FELICIDADE PRODUZIDA PELA GRAÇA DE DEUS E A DOS HOMENS

Sendo coisa certa buscar a maioria dos homens sua felicidade não tanto na graça de Deus como na graça dos homens, particularmente nos poderosos e reis da terra, procuremos co-

iocar face a face — por mais que pareça indigna a comparação — a graça de Deus e a graça dos homens, para vermos qual das duas nos torna mais felizes nesta vida.

Se possuírmos a graça de Deus, não necessitaremos do favor dos homens, ou então obtê-lo-emos, sem a menor dúvida, com o auxílio de Deus, na medida em que nos seja isto vantajoso. Pode Deus defender-nos, por sua graça, contra o desfavor dos homens e dos reis, de maneira a não nos poder ele prejudicar. Ao contrário, o favor dos reis e poderosos deste mundo de nada pode nos valer sem a graça de Deus; é incapaz de alcançar-nos a graça, e ainda menos, de preservar-nos das terríveis consequências da inimizade divina. E direi mais, este favor humano, desejado e amado desmedidamente, torna-se frequentemente a causa de cairmos na desgraça de Deus. Muitíssimas vezes, para conceder-nos sua graça, exigem os homens coisas incompatíveis com nossa consciência e com a obediência a Deus. Desgraçados de nós se tememos mais ao homem que a Deus! *O Senhor dispersará os ossos daqueles que agradam aos homens*¹. Pereceremos com eles, e muito tarde compreenderemos que fundávamos nossa esperança sobre débil caniço e não no rochedo inabalável².

Que pode dar-nos, falando de modo geral, o favor dos reis, para fazer-nos verdadeiramente felizes?

Pode alcançar-nos os bens exteriores, as riquezas e as honras, não, porém, enriquecer-nos interiormente; tão pouco pode dar-nos maior capacidade intelectual, nem um conhecimento superior ou uma vontade melhor e mais perfeita; em uma palavra, interiormente não pode fazer-nos mais perfeitos do que somos. Ao contrário, o desejo deste favor desperta em nossa alma todas paixões e todos os vícios; nada afasta mais da virtude e arrasta nosso coração à maior baixeza, que o desejo de agradar aos homens. Lança-se mão do ardil e do engano, da adulação e hipocrisia; cada qual procura desprestigiar o outro, eliminá-lo, caluniá-lo; surge entre os rivais a amarga inveja, a ambição ardente, o ódio implacável, a inimizade mortal; a boa vontade do melhor dos reis é impotente para impedir semelhantes males.

A graça de Deus, ao contrário, glorifica e aperfeiçoa nossa alma, conferindo-lhe uma beleza interior e elevando-lhe todas as faculdades. Jamais é para nós ocasião de pecado ou de mal, longe disto, derrama em nosso coração todas as virtudes, excita-as e as nutre ininterruptamente. Como no-la deu Deus tão generosamente, não precisamos usar de fraude e de enganos

¹) Sl 52, 6.

²) Is 36, 6; Ez 29, 6.

para adquiri-la, ao passo que todo pecado, toda injustiça é um obstáculo à sua aquisição. Em uma palavra, quanto mais desejamos que outros dela participem e nos esforçamos para que todos possam dela gozar, tanto mais nos alegramos nela.

Ainda mais, não está na mão dos homens o fazer-nos gozar por longo tempo e realmente dos bens que nos oferecem. Pode um rei dar a seus favoritos riquezas e prazeres abundantes; é, porém, incapaz de conceder-lhes de modo duradouro a saúde e o vigor, sem as quais se vêem condenados a perecer no meio de sua abundância. Está em seu poder cercá-los de considerações e grandes honras, e ordenar a seus súditos que os sirvam; mas não os pode obrigar a lhes consagrar estima e amor interiores. É um amor forçado, simulado, é, afinal, mais odioso que o isolamento. Suponhamos entretanto pudesse um rei obter tudo isto; sabemos todavia que de modo algum poderá comunicar a seus favoritos a paz interior e a tranquilidade do coração, fundamento da verdadeira felicidade.

A saúde e a vida, ao contrário, dependem de Deus; em sua mão está o coração dos homens e pode ele manejá-lo como lhe aprouver; em sua mão se encontra a paz celeste que penetra nosso coração até aos íntimos refolhos. Não há motivo, pois, para estimar a graça de Deus infinitamente mais que a graça dos homens e dos reis?

Resta ainda a última razão. A graça dos poderosos da terra é perecível e mutável como o vento; a graça de Deus é estável e imutável. Como não admirar o favor de que gozava David diante de Saul, quando era seu escudeiro e permanecia constantemente junto dele, para alegrá-lo e adoçar-lhe a melancolia? Entretanto, mal partiu ele da corte, dir-se-ia tê-lo esquecido o rei a ponto de não mais se lembrar de seu nome e de sua família nem de sua condição; e entusiasmo por sua valerosa vitória sobre Golias, chegou a perguntar quem era ele¹. Vede aonde vão os serviços e os sacrifícios feitos pelos homens; vede como termina seu favor: desvanecendo-se como um sonho, agitando-se como uma leve pena varrida pelo vento.

Assuero devia a vida a Mardoqueu, pois este, mediante sua fidelidade e vigilância, desviara dele as espadas dos revoltosos. E quanto não deveu ele aguardar até ser chamado seu salvador²!

Tu, porém, ó meu Deus, jamais retiras teu olhar daqueles que procuram e conservam tua graça; com cuidado e certeza

¹) Atualmente explica-se, de modo claro, esta aparente contradição do texto sagrado, que se poderá ver em algum exegeta moderno.

²) Est 2, 22 e 6, 3.

percrutas-lhes todos os atos e levas em consideração as obras que podem fazê-los dignos de teu favor. Não as esqueces nunca, nem passas de longe sobre seus méritos. Tua graça, teu favor ultrapassam os limites do tempo; duram eternamente.

E' inominável a injúria que te fazemos quando estimamos e buscamos a graça dos homens juntamente com a tua! Não permitas que para o futuro venhamos a preferir os homens a ti, nem os coloquemos no mesmo nível que a ti, para não pesar sobre nós esta maldição: *Seja maldito o homem que põe sua confiança em outro homem*³. E, sim, ouçamos estas consoladoras palavras: *Felizes os que colocam no Senhor sua confiança, pois não serão iludidos*.

CAPÍTULO V

A GRAÇA ENCERRA EM SI A MAIS ELEVADA ILUMINAÇÃO, A VERDADEIRA LIBERDADE, O MAIS ADMIRÁVEL PROGRESSO

Iluminação, liberdade, progresso! Eis aí as palavras mágicas do nosso século; representam elas para ele o supremo bem da humanidade. Belas palavras, de profundo significado, iluminam como uma centelha todo o coração que traz em si o sentimento da dignidade e da felicidade humanas. Não passam, porém, de grosseira mentira, quando se atribui o mundo sua invenção e seu objeto, como se os houvera anunciado pela primeira vez, quando já a boa-nova da graça divina trazida ao mundo por Cristo não anunciava outra coisa senão iluminação, liberdade e progresso!

*Eu sou a luz do mundo*⁴, disse o Salvador; *passou a noite e começou o dia; éreis outrora trevas, sois, agora, luz no Senhor*⁵, exclama o Apóstolo. *Quando vos houver libertado o Filho, sereis na verdade livres*⁶, fala Cristo; e ensinam seus apóstolos ser esta liberdade, a liberdade da glória dos filhos de Deus⁷. *Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito*⁸, clama o Filho de Deus, e acrescentam seus discípulos: *Crescei em graça e no conhecimento de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo*⁹, a fim de poderdes compreender com todos os santos qual sejam a largura e o comprimento, a altura e a profundidade da caridade, e quão repletos estais da plenitude de Deus.

⁴) Jer 17, 5.

⁵) Jo 8, 19.

⁶) Ef 5, 8.

⁷) Rom 8, 21.

⁸) Mt 5, 48.

⁹) Jo 8, 36.

¹⁰) 2 Ped 3, 18.

¹¹) Ef 3, 18 ss.

Foi a graça de Deus, trazida por Cristo à terra, que produziu a mais elevada iluminação, a verdadeira liberdade e o mais perfeito progresso. O mundo, como em desforra, anuncia uma iluminação, uma liberdade e um progresso sem Deus e contra Deus; tal iluminação forma-se, porém, de trevas, sua liberdade não passa da mais abjeta escravidão, tal progresso é retrocesso total e decadência profunda. *Toda dom excelente e toda a graça perfeita vêm do alto, do Pai das luzes, diz S. Tiago⁸.*

A iluminação, a liberdade e o progresso que pode a humanidade alcançar não ultrapassam, na melhor hipótese, os estreitos limites de sua natureza e de suas faculdades naturais; a graça, ao contrário, proporciona uma iluminação e uma liberdade sobrenaturais e divinas; eleva-nos acima de nossa natureza, até à natureza infinita de Deus, e nos torna, com isto, possível um progresso que desconhece limites.

Que se entende, porém, por *iluminação* e formação? Uma luz intensa em nossa alma a respeito das verdades mais elevadas e ocultas, de nossa situação, de nossos fins últimos e dos meios de obtê-los. Sem a graça cristã não nos resta outra luz senão a de nossa razão natural e a que nos podem proporcionar nossos semelhantes, à qual poderemos acrescentar talvez a sabedoria da serpente infernal que no paraíso se ofereceu para esclarecer nossos primeiros pais⁹, e que os precipitou na mais profunda miséria. O mais que pode lograr nossa razão é informar-nos sobre as coisas sensíveis, sobre nossa dignidade e fins naturais, não o conseguindo, aliás, sem esforços nem erros. Infelizmente, ainda aqueles que se apelidam de apóstolos da ciência, não dirigem seus esforços a formar verdadeiramente o espírito. Para eles consiste a sabedoria em colocar o homem no plano animal, negando-lhe a imortalidade da alma e o destino da outra vida. A matéria, em seu modo de ver, ocupa o posto do espírito; é o supra-sensível e divino por eles denegrido ao qualificá-lo de obscuridade e superstição; seria seu ardente desejo nos entregássemos de corpo e alma ao estudo e ao gozo das coisas sensíveis. Por sua iluminação pretendem livrar-nos da tutela da Igreja e do próprio Cristo. Vede a que preço! Cumprenos submeter nosso juízo ao espírito do tempo, leviano e sempre variável, à petulância de outros homens que, de suas insensatas inspirações e de seus caprichos, fazem a norma e a medida da verdade e da sabedoria.

Coloca-nos, por certo, a graça sob a tutela de Deus, já que nos faz filhos seus. Longe, porém, de constituir uma de-

⁸) Tiago 1, 17.

⁹) Gn 3, 5.

sonra, é para nós a mais subida honra, a mais perfeita felicidade sermos filhos do grande Deus. Devemos julgar-nos felizes de nos acharmos debaixo da proteção de Deus e de podermos ser por ele ensinados. Só aí se nos revela a verdade em todo o seu esplendor e plenitude. Ilumina-nos uma luz sobrenatural, por sua infalibilidade dissipando toda dúvida, afugentando por seu poderoso esplendor toda nuvem e manifestando a nossos olhos os mais profundos mistérios; alarga assim nosso horizonte até ao infinito, e eleva-nos acima de toda criatura. Mostra-nos a graça nossa dignidade excelsa, ensina-nos que, além de sermos filhos dos homens, somos também verdadeiros filhos de Deus; manifesta-nos o elevadíssimo destino que nos espera na visão de Deus; indica-nos de modo seguro e infalível o caminho que conduz à felicidade celeste. Graças a ela, aumenta-se a luz de nossa razão, ou melhor, recebe ela nova luz infinitamente superior; livra-nos de todos os preconceitos, com que nos cegam, ordinariamente, os nossos sentidos: somente ela nos liberta da escravidão do respeito humano e nos permite julgar, com infalível certeza, todos os assuntos importantes, e o que se refere ao mundo e seus atos. *O homem espiritual, diz o Apóstolo, julga de tudo, ao passo que por ninguém é julgado¹⁰.*

Quem poderia ainda afirmar que a graça de Cristo se opõe à iluminação, e que não é, ao contrário, a única que nos fornece a verdadeira iluminação? Será possível deixar-nos intimidar pelo mundo quando insulta ele e ridiculariza nossas trevas? A imitação dos primeiros cristãos, devemos, com orgulho, chamar-nos os "esclarecidos", pois tivemos a sorte singular de ver-nos livres das trevas do mundo, de sermos chamados por Deus à sua luz admirável.

Assim como pode o cristão considerar-se o único chamado a ser verdadeiramente esclarecido pela graça, é também o único chamado a uma verdadeira formação. A formação de que fala o mundo não passa de um adereço exterior e hipócrita, regulando o proceder e as relações dos homens entre si, ou no melhor dos casos, um desenvolvimento mais ou menos perfeito de nossas faculdades; desenvolvimento que parece importante e brilhante aos homens, mas que se reduz a nada, ante os olhos divinos. A verdadeira formação de ordem superior é a que imprime em nossa alma a imagem de Deus, que faz de nós um ser glorioso e divino e nos coloca na situação de levarmos, desde esta terra, uma vida celeste. É a única formação que corresponde à nossa infinita dignidade; nem os próprios mundanos podem, no íntimo

¹⁰) 1 Cor 2, 15.

de seu coração, deixar de admirar semelhante formação; se a desprezam e insultam é porque os faz ela sentir toda a sua baixaza e maldade, e lhes pesa ver conseguirem outros o que lhes é impossível, em razão de seus vis sentimentos e de sua dolorosa fraqueza.

A liberdade! Eis o segundo bem, orgulhosamente prometido pelo mundo, e que somente pela graça se pode obter. Não há palavra de que mais se abuse e que menos se compreenda. Dir-se-ia, à primeira vista, não ser a graça capaz de dar-nos a verdadeira liberdade. Esclareçamo-lo com uma consideração atenta. Só pode ser um bem a liberdade, enquanto nos livra de um mal e dos obstáculos ao bem; em outras palavras, há-de ser equivalente à faculdade de fazer o bem. A liberdade de escolher entre o bem e o mal não é, pois, uma coisa boa e perfeita senão enquanto nos permite inclinarmo-nos para o bem. Devemos desejar perder no céu esta liberdade, para podermos, como Deus, não querer senão o bem¹¹. Dá-nos a graça a liberdade de nos afastarmos do mal e nos volvermos para o bem, sem excluir o bem supremo. Somente ela nos livra do maior de todos os males, o pecado, ao qual se seguem os eternos castigos. Dá-nos força para subtrairmos nosso espírito ao domínio dos desejos sensuais, que o rebaixam ao nível dos animais. Um dia, libertar-nos-á de todo sofrimento e de toda aflição, de toda enfermidade e da própria morte, de todas as misérias em que agora gememos como prisioneiros no cárcere de nosso corpo frágil e mortal. Faz ela desaparecer as barreiras que separam nossa natureza da grandeza de Deus, convertendo-nos, de servos, em filhos seus; confere-nos a força necessária para praticarmos, além das virtudes naturais, atos sobrenaturalmente bons, pelos quais podemos merecer a bem-aventurança celeste. Em uma palavra, livra-nos a graça e nos exime de quanto pode perturbar nossa suprema felicidade ou a ela obstar; habilita-nos para tudo que a favorece; faz-nos livres como livre é Deus.

Resta-nos somente a dependência de Deus, da qual não pode nem deve a graça libertar-nos, pois só por Deus e por sua graça podemos triunfar de todos os obstáculos e de todos os inimigos de nossa felicidade; cumpre-nos, por isto, a ele submeter-nos e permanecer sob sua dependência. Esta mesma dependência muda-se, porém, para nós em suprema liberdade, visto outra coisa não ser senão a mais íntima e perfeita união com Deus. Como se submete o filho a seu pai, a esposa a seu esposo, embora de modo mui diverso que o servo, pois formam,

por assim dizer, uma única pessoa, também nós, pela graça, nos unimos perfeitamente a Deus. Se o servirmos, não o fazemos contudo com temor servil, nem mesmo com o amor do servo, mas com o mais livre e mais nobre amor que professa um filho para com seu pai, uma esposa para seu esposo.

Esta bela e celeste liberdade dos filhos de Deus, a liberdade da graça, promete-a o cristianismo a todos os homens que aceitam e fazem frutificar a faculdade que lhes fora dada, de se tornarem filhos de Deus. Todos os homens sem exceção, desde o poderoso rei até o servo miserável, tanto o rico como o pobre, o senhor como o escravo, todos podem adquirir esta liberdade e a ela têm direito. Nenhum poder terreno no-la pode arrebatá-la; trazemo-la em nosso íntimo, ainda quando nos vissemos acorrentados ou reduzidos à escravidão. Nesta liberdade, não é o servo menor que seu senhor, é o súdito igual ao rei; se aquele serve a este, o faz impellido pelo livre amor de Deus que dispôs a distinção de classes, e sabe que se superar em graça ao seu senhor, o ultrapassa infinitamente em grandeza e liberdade diante de Deus.

Onde estão os apóstolos da liberdade que nos prometem a liberdade sem a graça de Deus? Que modo de abusar desta palavra para dissimular a escravidão, a mais negra e miserável escravidão! Sem Deus, não existe bem algum, nem verdadeira liberdade; é ela para nós portanto um privilégio especial, a mais perfeita imagem da divindade. Querer ser livre sem Deus equivale a querer existir sem ele. Quando pretende o homem assemelhar-se a Deus, quando quer de si próprio fazer outro Deus, desce precisamente ao mais fundo do seu nada, à mais baixa escravidão.

A liberdade sem Deus não é uma libertação do mal e uma liberdade para o bem, mas antes uma separação do bem e uma impotência em face dele, isto é, a escravidão do mal e do pecado. Aquele que coloca sua liberdade em repelir o jugo suave da graça e da justiça, toma sobre si o pesado jugo do pecado e se transforma em escravo. Perde a dignidade de filho de Deus e se rebaixa ao nível dos demônios e dos animais. Enquanto não volta a Deus e a ele se submete, perde o poder de sair do pecado e de dirigir-se para o céu; perde o domínio sobre suas paixões, e deixa-se por elas arrastar, com indomável violência, a todas as ignomínias. E depois da morte, em vez de livrar-se do peso da carne e de contemplá-la desembaraçado de sua fraqueza por toda a eternidade, ver-se-á acorrentado a ela, transformada em prisão e instrumento de tortura. Em lugar de contar-se eternamente entre os amigos de Deus e com ele

¹¹) S. Tomás, I, q. 62, a. 8 ad 3.

reinar, faz-se escravo do demônio, que o atormenta e oprime sob seu domínio e seu tirânico furor.

Livre-nos a graça de Deus de semelhante liberdade! Deixemo-nos esclarecer por ela para que reconheçamos nossa verdadeira salvação e busquemos unicamente a liberdade que do céu nos trouxe Nosso Senhor Jesus Cristo. Só então chegaremos também a apreciar em seu justo valor esta outra liberdade da ordem política e civil, tão grandemente estimada pelo espírito do século. Saberemos o que pensar dela e estaremos sempre atentos a proteger e procurar antes de tudo a liberdade de espírito e de consciência.

Do mesmo modo que clama pela iluminação e pela formação, tende o mundo igualmente para o *progresso*. E' manifesta a divisa de nossa época: progresso desenfreado sem descanso, sem limites. Perguntemo-nos, porém, serenamente: para onde queremos marchar? Não conseguem respondê-lo os partidários do progresso; contentam-se em afirmar dever desaparecer tudo quanto existe, e ser mister a construção de um mundo novo. Experimentam que coisa alguma do que existe na terra os satisfaz. Será isto suficiente para se erguerem acima do que é terreno e subirem até o céu? Certamente, não; o progresso só é possível pela graça. Trata-se de um progresso que se consegue pela mão de Deus, guiado e conduzido por ela, progresso que nos alteia acima das coisas criadas, de nós mesmos, e nos ergue até Deus; progresso que transpõe, num salto audaz, a distância entre o finito e o infinito, e nos introduz no seio de Deus; progresso que nunca se detém, mas sempre avança, do mesmo modo que a graça, suscetível de crescer ao infinito; progresso que não se encarrega de elevar o bem-estar de nosso corpo ou a formação de nossa inteligência, mas nos transforma a alma, juntamente com o corpo, de claridade em claridade, na imagem mesma de Deus. E' um progresso semelhante ao da águia que sobe, em poderoso voo, da terra ao sol. O progresso em que o mundo ensaia as suas forças é como o lento caminhar do verme, arrastando-se penosamente, incapaz de elevar-se do solo a que se prende. Seria para rirmos se vissemos este verme ponderar à águia o enorme progresso realizado, quando apenas se arrastara em mesquinha distância. Não deveriam também rir-se Deus e os anjos, quando nos exprimimos do mesmo modo, ou melhor, não deveria irritar-se com justa cólera ante a estúpida vaidade dos homens, que julgam ter cumprido grandiosa missão, quando conseguiram um descobrimento que facilite ou torne mais cômodas suas viagens e comunicações?

Contemplemos com o próprio olho de Deus e dos anjos o progresso atrás do qual o mundo corre; não nos preocupemos com participar dele, nem nos aflijamos que nos trate de retrógrados. Não sabe o mundo nem o que quer, nem o que diz; nós, porém, sabemos o que queremos. Sabemos que somos levados nas asas de Deus e marchamos da terra ao céu. Sabemos que Deus completará a obra em que nos principiou¹².

Sabemos que toda a doutrina do cristianismo outra coisa não é senão exigência constante de crescimento e progresso.

O Filho de Deus desceu do céu, para preparar-nos uma ponte, para tomar-nos sobre seus ombros e arrebatá-nos até o céu, como leva a águia a seus filhotes¹³.

Mostremos ao mundo que nos preocupamos com o verdadeiro progresso, enquanto se preocupa ele com o seu. Mereçamos ao menos sua estima e seu respeito, não dando mostras de preguiça e negligência no caminho começado, porquanto é a lentidão dos cristãos, como se compreende, o que mais provoca seu riso zombeteiro.

CAPÍTULO VI

COMO OS ANJOS ESTIMAM A GRAÇA

Embora longe da enumeração e descrição completa das glórias e dos privilégios da graça divina, temo-los contudo citado até agora em qualidade e número suficientes para nela reconhecermos o bem supremo dado por Deus, e amá-lo e apreciá-lo sobre todas as coisas; a fim, porém, de nos firmarmos e mais nos inflamarmos nesta estima e amor, meditemos em alguns exemplos que nos servirão de esclarecimento. Expusemos o juízo que faz Deus da graça; ninguém conhece melhor, depois de Deus, seu valor que os anjos e os santos; os primeiros porque possuem já o pleno gozo da graça; os segundos, porque devido a ela conseguiram subir tão alto na vida e mereceram tamanha glória.

Os anjos manifestam seu amor e estima para com a graça, em primeiro lugar, como já dissemos, ao descerem do céu à terra, para nos ajudarem a adquiri-la e conservá-la. Seu zelo infatigável, o solícito cuidado com que preservam e vigiam este

¹²) Filip I, 6.

¹³) Cl. Dt 32, 11.

tesouro, devem ser para nós um incitamento a nos ocuparmos, com não menor zelo e cuidado, de nossa própria causa.

Notamos esta estima na inefável alegria que experimentam os anjos quando adquirimos a graça ou nela progredimos. Das palavras de nosso próprio Rei, o Filho de Deus, podemos coligir até onde vai tal alegria: *Haverá mais alegria no Céu por um pecador que faz penitência do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência*¹.

Indubitavelmente alegram-se os anjos ao contemplar os justos da terra; naturalmente, porém, alegram-se mais ainda, quando um pecador, ao contrário do que se esperava, recobra o bem perdido da graça.

Como deve, na verdade, ser grande e formoso este bem, pois à sua vista os anjos, embora mergulhados no rio da mais perfeita felicidade, assim se enchem de contentamento e dão tais mostras de alegria! Não poucos homens adquirem imensas riquezas, galgam os mais altos postos, sentam-se nos mais elevados tronos para reinar sobre as mais florescentes nações; conquistam a glória pelas mais brilhantes vitórias quando não pela ciência ou pelas obras de arte. Tudo isto, porém, deixa mudos os habitantes do céu; longe de felicitarem aqueles que o obtêm ou a seus amigos e parentes, parece não conhecerem estas glórias.

Deixai entretanto que um pobre mendigo, esquecido dos homens, ou um infeliz abandonado de todos, pise no terreno da graça, e vereis organizar-se no céu, imediatamente, uma grande festa, enquanto correm os anjos a felicitar esta desprezada alma. Ao rico negociante que maneja sempre grandes capitais e está acostumado a enormes lucros, não interessam as pequeninas aquisições, que mal merecem consideração; o que tornaria outros felizes, não passa para ele de perda ou prejuízo. As brilhantes bagatelas que constituem as alegrias das crianças apenas merecem um compassivo sorriso da parte dos adultos. Imitemos os anjos: são eles, sem dúvida alguma, mais inteligentes e mais ricos que os homens; deixemos que as crianças deste mundo, pobres e insensatas, se alegrem na aquisição de bens terrenos e futilidades deslumbrantes; não julguemos ter realizado lucro importante e verdadeiro, se não alcançamos ou aumentamos a graça.

Somente a alegria que transborda da graça tem a pureza e a perfeição necessárias para afastar toda tristeza de nosso coração. Por isto dizemos com o profeta: *Exultarei de alegria no*

*Senhor, e minha alma se comprazera em meu Deus, porque me revestiu com a veste da salvação e me cobriu com o manto da justiça, como a um esposo adornado com o brilho de sua coroa, e como uma esposa enriquecida de jóias*², isto é, com a graça das virtudes e dos dons do Espírito Santo. Alegremo-nos conforme a palavra do Salvador, visto estarem nossos nomes inscritos no céu³.

O prazer sentido pelos anjos quando, pela graça, nos introduzimos na amizade de Deus, parece apoiar-se em três principais motivos: o primeiro é Deus; o segundo, os anjos, e o terceiro, os homens. Alegram-se eles, antes de tudo, por causa de Deus, porque lhe conhecem o ardente desejo de reconciliar-se conosco, de reconduzir-nos a si e receber-nos em seu seio. O próprio filho de Deus se compara a um pastor que, com nostálgico desejo, nos busca ao deserto, como ovelhas perdidas, e sorridente nos leva aos ombros para o aprisco, e aí reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: *Alegrai-vos comigo, porque encontrei a ovelha desgarrada*⁴. E' natural apressarem-se os anjos em seguir o exemplo de seu Rei e inflamarem-se de amor por nós.

Alegram-se também os anjos, por si próprios, pois a graça faz de nós irmãos e concidadãos seus e nos chama a ocupar no céu os tronos deixados vazios pela queda dos anjos infiéis. Longe de se sentirem ciumentos de nós ou de nos quererem mal por nos ter a graça feito iguais a eles, a nós inferiores por natureza, seu mais ardente desejo é partilhar conosco sua honra e felicidade. Vêem com prazer seja vingado e humilhado o orgulho de seus irmãos decaídos, o que se dá, em ocupando nós pela condescendência divina, apesar da baixeza de nossa natureza, os postos abandonados pelos rebeldes. E' este um novo motivo a aumentar em nós a estima da graça, já que, por sua posse, alcançamos a glória dos serafins, ao passo que, por sua perda, nos tornamos semelhantes ao demônio e o acompanhamos em sua queda.

Finalmente alegram-se os anjos, por causa de nós próprios, pois recebemos, com a graça, a maior fortuna que nos pode advir: somos regenerados como filhos e herdeiros de seu rei. Que imensa alegria invade o palácio de um rei, ao nascimento de um príncipe herdeiro! Que júbilo em todos os corações, que esplendorosas festas! Os príncipes herdeiros recém-nascidos de nada sabem todavia; tal, porém, não é a nossa condição. Sabemos que na corte celeste celebram-se festas bem mais sublimes, quando, no sacramento da Penitência, somos novamente

¹) Lc 15, 7.

²) Is 61, 10.

³) Lc 10, 20.

⁴) Lc 15, 6.

adotados como filhos de Deus, ou quando, pelas boas obras, se aumenta em nós a graça. Seremos nós os únicos a permanecer frios e indiferentes, quando cercados de tanta alegria, felicitações continuamente de mil modos, nós, o objeto desta festa?

Diz S. Bernardo: "Ao converter-nos pela penitência, alegramos os anjos; procuremos que sua alegria seja perfeita"⁶. E falarei somente dos anjos, se se alegra também toda a corte celeste com sua Rainha e a adorável Trindade? Esta, embora nada gahie com possuímos nós a graça, faz contudo que nos felicite o céu inteiro pela recuperação, tal o seu desejo de nossa salvação. Oh! bem inestimável da graça, objeto primário e preferido dos desvelos de Deus e das felicitações de todos os bem-aventurados! Sim, empenhem-nos por fazer seja completa a alegria de Deus e de seus anjos, aumentando, cada dia, a graça, pelas boas obras, e conservando-a pura e intacta até à morte, para sermos verdadeiramente incluídos na companhia dos anjos, e assim louvarmos a Deus com eles, pelos séculos dos séculos.

Coisa atroz e revoltante seria destruímos novamente, por uma vergonhosa recaída no pecado, esta alegria apenas começada; anularmos com novas faltas estas felicitações, ou melhor, ridicularizá-las, e transformarmos este júbilo em profundo luto, fazendo chorarem amargamente os anjos de paz! Livrem-nos eles de tamanha crueldade! Que a divina bondade conserve e fortaleça o que operou em nós, e faça de nós inabaláveis colunas do templo da graça!

CAPITULO VII

DEVEMOS ESTIMAR A GRAÇA MAIS QUE OS ANJOS E OS SANTOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Da estima que manifestaram os anjos para conosco, porque estamos em graça, e de sua intensa alegria, podemos concluir quanto amam e apreciam eles a graça em si mesma. Começaram por conservá-la em si próprios com tal empenho que jamais permitiriam fosse ela atingida pela mais leve mancha; deveram sustentar, para isto, um duro combate contra seus irmãos rebeldes. Acrescentarei agora que nos cumpre estimar a graça mais ainda do que estimam os anjos a sua, pois é a nossa muito mais preciosa.

⁶) Serm. 2 in Vigil. Nativ. Dom., n. 6.

Em primeiro lugar nada custou a graça dos anjos, nem a Deus nem a eles próprios. Derramou-a Deus sobre eles, sem trabalho nem sacrifício, por pura generosidade, num gesto de sua onipotência. Já para nós foi esta pérola adquirida a custo dos suores, dos sofrimentos, do sangue e da morte do Filho de Deus. Devemos, por conseguinte, ser mais reconhecidos a Deus pelo menor grau de graça que tanto lhe custou, do que os anjos, por toda a plenitude de graça em que se acham mergulhados.

Também na mente de Deus possui um especialíssimo valor este estado de graça, como o tem para uma mãe o filho, cuja educação lhe custou sacrifícios e perigos. Especialmente precioso foi para o patriarca Jacob seu Benjamim, o filho dos sofrimentos de sua amadíssima Raquel¹; e para David a cidade de Sião, por ele mais amada que sua cidade natal, porque a conquistara depois de penosos esforços em sangrento combate². A menor parcela de graça deve ser-nos tanto mais cara e santa, quanto maiores vantagens nos proporciona ela.

Se a queda de Lúcifer³, perdendo a graça tão pronta e facilmente como lhe custara adquiri-la, causou logo tal desordem no céu, que em um instante foi ele precipitado com seus companheiros no mais profundo abismo, não terá motivos de chorar seu pecado aquele que tão levemente joga com a graça, comprada a tão alto e custoso preço; aquele que trai não somente a seu Criador, mas ainda a seu amável Salvador? Zomba-se do sangue mais santo, dos sofrimentos e da morte adorável do Filho de Deus, crime não cometido por anjo algum; e quer isto dizer que tem ele mais razão para lamentar sua queda, do que os anjos expulsos do céu, por causa da sua. Infelizes de nós, se ante a grandeza desta perda, permanecemos cegos, se a podemos contemplar sem nos comovermos!

Acrescente-se ainda que a graça foi conferida aos anjos uma só vez; e uma vez perdida, Deus não a concedeu de novo. Todos nós, ao contrário, a perdêramos em Adão, perdemo-la frequentemente por nossas faltas pessoais, e depois de tê-la dilapidado, voltamos a recebê-la, uma e cem vezes. Na estima do proprietário, adquire o objeto maior valor ao recuperá-lo depois de havê-lo perdido, do que se nunca o perdera ou o recebesse pela primeira vez. Assim alegra-se o pastor de modo especial, quando encontra a ovelha perdida; o pai, pela volta do filho transviado; a viúva, pela moeda de prata encontrada, muito mais do que por todo o resto que nunca se perdera. O Salvador, segundo sua própria palavra, alegra-se mais, com seus

¹) Gn 42, 4.

²) 2 Rs 5. /

³) Cf. Is 15, 12 ss.

anjos, por um pecador que faz penitência, do que pelos noventa e nove que dela não precisam⁴. Sômente para nós deixará de ser mais precioso e querido o tesouro da Graça recobrado? Deixá-la-emos perecer, para o futuro, com tanta facilidade como no passado? Deus meu, não aconteça tal desgraça! Esforcemo-nos mais, se no passado tivemos a infelicidade de perdê-la, por conservá-la daqui por diante, se possível, com mais cuidado do que os próprios anjos bons. Não nos arrisquemos a perdê-la eternamente.

O valor de nossa graça, comparada com a dos anjos, cresce ainda mais, se lembrarmos serem eles filhos de Deus, não, porém, propriamente, membros de Cristo. Quanto a nós, fazemo-nos, pela graça, membros vivos do corpo de Cristo que assumiu nossa natureza. Ao recair sobre nós a dignidade de nossa Cabeça, recebe nossa graça um novo esplendor, nossa natureza certo direito à graça, e nossos méritos, uma particularíssima virtude. Deus deve amar-nos mais que aos anjos, porquanto vê em meio de nós a seu Filho, e a nós como formando com ele uma só unidade. Em Cristo, nossa natureza elevou-se acima de todos os coros dos anjos, porquanto participamos todos da glória de nossa Cabeça.

Se fossem os anjos capazes de ciúme, deveriam, sem dúvida, ter inveja por nos haver Deus agraciado de tal maneira, apesar da baixeza de nossa natureza. Como é possível sermos tão desatentos para mal apreciar tão invejável bem como é a graça de Cristo, e para preferir-lhe qualquer outra coisa? Rivalizemos antes com os anjos em honrar a graça; se possuem eles, para isto, mais luz e maior força, temos nós maiores motivos; se podem eles conservar a graça com maior facilidade e sem inconvenientes, devemos nós considerar como honra especial poder sofrer algum sacrifício por ela. Deus, do alto do céu, contemplará tal emulação com maior complacência, e os próprios anjos nela nos sustentarão com o mais vivo interesse.

Embora tenha chegado a graça aos Santos do Antigo Testamento, pelos méritos de Cristo, e nas condições acima mencionadas, encarecendo-lhe o valor acima da graça dos anjos, contudo não se cercava ela dos privilégios ostentados por nossa graça, após a vinda de Cristo⁵.

A graça do Antigo Testamento não dava sequer aos justos a plena liberdade dos filhos de Deus, não os libertava da escravidão da lei, não lhes comunicava aquela intimidade com Deus, trazida por Cristo, e da qual ele próprio disserá: *Tudo que ouvi*

⁴) Lc 15, 7.

⁵) S. Tomás, I-II, q. 98 e 107.

de meu Pai, vo-lo comuniquei.⁶ Menos ainda tinha ela o poder de introduzir, logo depois da morte, os filhos de Deus na herança de seu Pai celeste; apesar dela, deviam gemer no limbo até a morte de Cristo. Tão pouco lhes proporcionava esta plenitude do Espírito Santo, este amor forte e doce a um tempo, este sentimento espiritual e celeste, que Cristo comunicou a seus discípulos, depois de sua ressurreição; consequentemente não representava para eles a observância da lei divina um jugo leve, doce e agradável, como se dá conosco, graças aos méritos e ao exemplo do Salvador. Não tinham, enfim, os Santos do Antigo Testamento, como nós, a dita de se unirem no Santíssimo Sacramento do Altar, com Cristo, fonte da graça; nem de alimentar-se verdadeira, real e substancialmente com o pão celeste dos filhos de Deus; nem de saciar-se, através dos outros sacramentos, no rio da graça do sangue de Cristo.

E contudo tinham fome e sede ardente de justiça; caminhavam cuidadosamente, na lei do Senhor, para não lhe perderem a graça; preferiam tudo sofrer a caírem, por um só pecado, na desgraça divina.

CAPÍTULO VIII

O VALOR DA GRAÇA AOS OLHOS DOS SANTOS DA NOVA LEI E O QUE FIZERAM PARA CONSERVA-LA

Para terminar, vejamos a estima que tiveram da graça os Santos do Novo Testamento.

Para defendê-la e conservá-la, não pouparam os Santos nem sua honra, nem suas riquezas, seus membros ou sua própria vida; e depois de oferecerem e sacrificarem tudo isto, julgaram ter ganho esplêndida vantagem na perda de todos os bens terrenos e naturais, e pensaram mesmo então que se lhe dera a graça sem merecimento seu. E' que traziam presentes as palavras do Filho de Deus, que nos ordena arrancarmos nosso olho, cortarmos a mão e o pé⁷, carregarmos às costas nossa cruz de cada dia, e sacrificarmos nossa própria vida, antes que perdermos a graça e o reino dos céus⁸.

Seguindo a ordem do Salvador, deixou o mártir S. Quirino⁹ cortar-se-lhe mãos e pés; permitiu S. Serapião¹⁰ espedaça-

⁶) Jo 15, 15.

⁷) Mt 18, 8-9.

⁸) Lc 19, 23-25.

⁹) Sua festa é em 3 de Maio.

¹⁰) Sua festa é em 14 de Novembro.

rem-lhe o corpo; S. Nicéforo⁶ consentiu ser assado numa grelha e em seguida esquartejado. Não temos por onde nos limitar a alguns santos, tendo na lembrança inumeráveis mártires que sofreram tais torturas e outras mais terríveis, pois sabemos terem eles suportado firmados na graça divina, quanto puderam o furor do inferno e os ímpios inventar para atormentar suas vítimas; e sentiam-se dispostos ainda a sofrer coisas mais terríveis.

Outros santos não esperavam que mãos alheias os afligissem com tais provações; para evitar o perigo de perder a graça ou diminuí-la, convertiam-se em seus próprios tiranos e verdugos, sentindo-se felizes de poder comprar, com os sofrimentos e as dores mais atrozes, a conservação da graça. O Bem-aventurado João de Bono⁷ introduzia sob as unhas dos dedos agudas farpas. O Bem-aventurado Martiniano⁸ frequentemente acendia ramos e deixava queimarem-se, a fogo lento, seus próprios membros, consolando-se ao pensar na leveza de tal sofrimento, comparado com o fogo eterno do inferno, onde cairia pela perda da graça. S. Francisco rolava-se despido, ora sobre brasas, ora sobre a neve fria, quando não sobre um monte de espinhos. Todos estes sofrimentos pareciam aos Santos leves e mínimos, quando podiam, com eles, evitar um só pecado. E importa lembrar que não eram estes homens pedras insensíveis ao prazer e à dor; mas é que o sentimento de doçura celeste da graça e o desejo de sua beleza triunfavam sobre todas as dores corporais, conferindo-lhes maravilhoso vigor que os enchia de admiração. Preferiam, por certo, destruir o vaso frágil do corpo a perder o precioso tesouro da graça, que traziam em seu coração.

Não faltaram santos que, tendo à sua disposição todos os prazeres, honras e riquezas do mundo, preferiram tudo abandonar e viver até à morte, em meio do sofrimento, da pobreza e do desprezo, a expor-se aos múltiplos perigos com que o mundo ameaça a conservação da graça. Contam-se aos milhares os que assim agiram, e vemos, com nossos próprios olhos, serem inumeráveis os cristãos que realizam coisas semelhantes. O mundo admira-se e zomba de tal procedimento. Os interessados, porém, sabem quanto tudo isto lhes é útil. Levados por uma fé viva, reconheceram o valor infinito da graça e a vaidade do mundo; colocaram ambos os valores em uma balança e verificaram o nenhum peso do segundo. Buscaram e acharam na graça de Deus a celeste satisfação a que seu coração aspirava; e ei-los

⁶) Sua festa é em 25 de Fevereiro.

⁷) 23 de Outubro.

⁸) 13 de Fevereiro.

assim preocupados em não admitir a inquietação e atentos a não se deixarem cativar por nenhum outro bem ou prazer.

Deveríamos envergonhar-nos de nosso tão pequeno empenho em conservar a graça; de fugirmos até o mínimo sofrimento, para afastar a ocasião do pecado ou guardar fidelidade aos mandamentos de nosso Pai Celeste; de parecer-nos forte demais qualquer sofrimento, para abraçá-lo, olhos postos na graça. A imitação dos Santos, proponhamo-nos tudo sacrificar, corpo, honra, vida, antes que arriscarmos a perda da graça.

Mais confusos ainda nos sentiremos, se nos lembrarmos de que praticaram os santos grandiosas ações e sofreram muitíssimo, não apenas para conservar em si mesmos a graça e assim fugir à desgraça de Deus, e de suas terríveis consequências, mas também, para aumentar ainda mais a graça adquirida, e fazer dela participar igualmente o próximo.

Para permanecer mais facilmente virgem, e deste modo viver mais santamente no matrimônio, S. Brígida⁹ pediu a Deus, como um especial dom, deformar-lhe o próprio rosto. A mesma santa obteve que uma piedosa religiosa, para quem antes suplicara a vista ao Senhor, voltasse novamente à cegueira, vendo-a progredir na virtude; poderia com efeito assim dedicar-se, sem distração alguma, ao trabalho interior e aumentar seus méritos e sua graça. S. Mandet¹⁰, filho de um rei da Irlanda, pediu a Deus uma horrível enfermidade, que lhe desfigurasse todo o corpo, e exalasse em torno de si um cheiro pestilencial. Queria assim evitar que o obrigassem a casar-se, convicto de que conservaria, deste modo, mais fresca a flor da virgindade e da graça. S. Sabas¹¹ chegou, um dia, a certo convento e estendeu a mão para uma árvore, a fim de reparar suas forças, comendo uma maçã; antes de levá-la aos lábios, alarmado de quase ter quebrado o jejum, perdendo uma ocasião de merecimento, lançou-a indignado ao solo, e a calcou aos pés, e em castigo formou o propósito de se abster para sempre de comer maçã, e o cumpriu fielmente.

E que dizer de todos os atos de virtudes; das humilhações e mortificações, mediante as quais os Padres do deserto e tantos outros santos religiosos se esforçaram, durante longos anos, por adquirir, cada dia, novos merecimentos, tornando-se assim mais agradáveis a Deus, com o crescer da graça? Jamais o orgulho ou a avareza humana marcharam ao encalço dos bens deste mundo, com tanta avidez e perseverança como buscaram eles o adiantamento no caminho da graça. Seu desejo ardoroso da

⁹) 1º de Fevereiro. ¹⁰) 18 de Novembro. ¹¹) 5 de Dezembro.

graça não lhes deixava repouso, dia e noite; ateara neles uma sede ardente, jamais saciada, do orvalho da graça. Não deixaram passar um só momento sem elevar o coração ardente à fonte da divina graça; tinham sempre os lábios em movimento, para suplicar a Deus os cumulasse de tão grande tesouro. Transcorria-lhes a existência entre os louvores de Deus e o serviço do próximo, procurando assim amontoar méritos cada vez maiores. Boa parte da noite destinavam à oração, que lhes devia atrair novos benefícios.

Não admira que, buscando tão ardentemente a graça para si próprios, empregassem também infinitos cuidados e esforços não menores a fim de alcançá-la para os outros. Temos disto exemplo nos apóstolos e missionários da fé. Vede-os abandonarem família e pátria, para anunciarem, entre privações e dificuldades sem par, as bênçãos da graça aos mais grosseiros e bárbaros povos. Seu ideal consiste em levar a boa-nova aos últimos rincões da terra. Marcham, decididos a selar com o sangue a verdade evangélica, a derramar-lhe a última gota, a exemplo do Salvador, na intenção de transformarem este sangue em semente de graça e salvação para seus carrascos. Para livrar um só pecador da cólera divina, ofereceram muitos santos, alegremente, a própria vida. Entregaram-se outros à oração, noites inteiras, e se disciplinaram até ao sangue para conseguir aos pecadores a graça da conversão; não havia sofrimento que lhes parecesse atroz, nem sacrifício custoso, quando se tratava de fazer voltar uma ovelha transviada ao aprisco da graça.

Senhor, será possível que, depois de tais exemplos, cruzemos os braços e compreendamos tão pouco o que os santos, iluminados pela fé, tão grandemente estimularam? Não merecemos, certamente, perdão, se, ante tais exemplos, permanecemos ainda tardos no que se refere à consecução de tesouros celestes para a eternidade, ou se em vez de colaborar na cura do próximo, nos mostramos insubmissos aos pastores espirituais que nos anunciam a boa-nova da graça, e se, apesar de tudo, nos deixamos arrastar pela onda dos desejos carnaís, e dos prazeres mundanos!

Se eram os santos tão entusiastas da graça, é que haviam, na meditação, adquirido um profundo conhecimento de seu imenso valor. Não acham expressões adequadas para manifestar aos outros, em seu desejo de inflamar a todos os cristãos, a elevada idéa que concebiam da graça.

"Oh! graça divina — exclamavam eles — jardim de delícias, mestra da vida! És nossa guardiã, nossa companheira, nossa irmã e mãe. Luz deslumbrante, bálsamo puro e amável, inextinguível muralha! Árvore de vida, fogo ardente, lâmpada lu-

minosa, radiante sol! Orvalho de celestes bênçãos, rio do paraíso, amável arco-íris, vinho precioso do banquete de Deus, leite dos filhos de Deus, óleo suave e sol reconfortante de nossa alma, mãe de todo bem!" Com estes gloriosos termos e outros de bello estilo, cantavam os Padres a grandeza da graça, buscando assim revelar-nos sua inesgotável riqueza, inculcar-nos seu valor e incitar-nos a sua estima e vigilante guarda.

Ouçamos a entusiástica exortação que um deles, S. Efrém, nos deixou em um sermão sobre a graça. Procuremos imprimi-la tão profundamente em nosso coração, que jamais dele se apague.

Assim dizia ele: "Esforça-te por conservar sempre em teu espírito a graça divina, sem te deixares enganar. Deves honrá-la como a tua protetora, para que, por ti ultrajada, não venha a abandonar-te. Aprecia-a como a mestra invisível, a fim de não te perderes nas trevas, se de ti se afastar. Não enfrentes combate algum, sem encomendar-te a ela, pois cairias vergonhosamente derrotado. Não avances sem sua companhia, pelo caminho da virtude, porque o leão furioso te prepara a emboscada. Sem te aconselhares com ela, nada empreendas com respeito à salvação de tua alma, porque muitos deixaram seduzir seu coração pela aparência do bem.

"Obedece-lhe com coração submisso, e há de ela te aclarar todos os assuntos. Fará de ti um filho do Altíssimo, se a tomares como irmã. Como mãe nutrir-te-á em seu seio; contra teus perseguidores, proteger-te-á, como se fora uma mãe. Podes confiar em seu amor e em sua condescendência, pois é ela a rainha de todas as criaturas.

"Por que não reconheceste ainda, em ti, o poder de seu amor? Também as criancinhas não conhecem a solicitude materna para com elas. Tem paciência, submete-te à sua direção e receberás seus frutos e bênçãos. As crianças pequeninas não sabem como são alimentadas; quando chegam, porém, à idade adulta, admiram a força da natureza. Assim também tu, se perseverares na graça divina, chegarás à perfeição"¹¹.

¹¹) De Gratia.

LIVRO QUINTO

AQUISIÇÃO, EXERCÍCIO, AUMENTO E CONSER-
VAÇÃO DA GRAÇA

CAPITULO I

A AQUISIÇÃO DA GRAÇA

Se nos livros precedentes, pela meditação atenta, te convenceste, ó cristão, das maravilhas e do inestimável valor da graça, não duvido de que a aprecies como merece. Assim sendo, creio que outra coisa não queres senão saber como se adquire, se aumenta e se conserva esta graça, e como, consequentemente, organizar tua vida em face dela. Estes os pontos que constituirão o objeto deste último livro.

Vamos responder à primeira pergunta: como devemos adquirir a graça? *Se é pela graça*, diz o Apóstolo, *já não é pelas obras, pois, neste caso, a graça deixaria de ser tal*¹. *Não se recompensa, com efeito, aquele que realiza obras de acordo com a graça, mas, sim, na justiça*². A graça implica um amor e uma homenagem livres e gratuitos, e dons do amor, igualmente livres e gratuitos. Como mais de uma vez o demonstramos, é a graça de Deus um tão elevado bem, tão celeste e divino, que a mais pura e mais digna criatura jamais pode merecê-la por suas próprias forças e ações³. Falando propriamente, só a pôde merecer para nós o Filho de Deus, que possui a graça por natureza, e em plenitude infinita.

Muito menos podemos *produzi-la* em nós, por nossas próprias forças. Pretender dar-nos a vida sobrenatural seria o mesmo que querer tirar-nos do nada e comunicar-nos a existência natural. Importa com efeito saber que a graça não cresce sobre nossa potência natural, como a árvore sobre a raiz, pois a ela se ajunta, infundida do alto, como o enxerto sobre a oliveira selvagem. O mesmo Deus, que nos criou a natureza, deve também, por seu maravilhoso poder, criar-nos de novo, ou melhor, regenerar-nos por seu Espírito, para fazer-nos filhos seus.

Que devemos fazer, portanto, na aquisição da graça? Muitas coisas. É bem verdade que não merecemos a graça, nem podemos produzi-la em nós mesmos; está contudo em nosso

¹) Rom 11, 6.

²) Rom 4, 4 (3, 24).

³) S. Tomás, I-II, q. 114.

poder prepararmos-nos e tornarmos-nos aptos para recebê-la⁴. Podemos e devemos procurá-la junto de Deus; é dever nosso afastar os obstáculos que a detenham e adornar nossa vontade com disposições tais, que encontre a graça caminho aberto; saibamos que, embora não se dê ela a alguém realmente digno, importa, ao menos, não ser absolutamente indigno. Podemos e devemos adotar sentimentos santos e agradáveis a Deus, conforme convém à grande dignidade de que participamos pela graça. Em uma palavra, podemos e devemos, enquanto em nós está, caminhar ao encontro da graça; não duvidemos de que Deus, fiel à sua promessa, saia também a nosso encontro.

Evidentemente requerer-se-á, nesta empresa, alguma coisa mais que nosso próprio esforço. A Igreja condenou como heresia, frequente e expressamente, a doutrina que sustenta poder o homem, por sua natureza, desejar eficazmente a graça⁵; longe está, portanto, de poder merecê-la. Encontra-se a graça a um nível tão superior à nossa natureza, que para chegar esta até ela, deveria, a cada passo, elevar-se sobre si mesma, exorbitando suas aptidões naturais. Este passo é tão impossível, como é impossível a uma pedra dar-se a vida ou produzir os primeiros vestígios vitais.

Só resta uma possibilidade, e consiste ela em que o mesmo Espírito Santo que derrama sobre nós a graça santificante, nos incite para ela, mediante as graças atuais; ou melhor, nos arraste e leve até ela. *Ninguém vem a mim*, diz o Filho de Deus, *para unir-se a mim pela graça, se o Pai não o trouxer*⁶. E ensina o Apóstolo que nem sequer podemos pensar de um modo eficaz e salutar, no que se refere à graça. *Não temos força para conceber coisa alguma por nós mesmos; toda a nossa força nos vem de Deus*⁷.

Não é o ferro, por sua natureza, candente, nem pode, por si mesmo, elevar-se ao rubor, nem comunicar-se o calor que o prepara para a incandescência. O próprio fogo que lhe participa seu calor aquece-o pouco a pouco, até receber em si este mesmo ardor. Assim como consegue o fogo tornar o ferro incandescente, do mesmo modo Deus, por sua graça, diviniza o espírito criado. Cumpre, portanto, prepará-lo com outras graças sobrenaturais para sua entrada neste estado sobrenatural. A luz do dia e a da aurora que o precede, são da mesma espécie e

provêm da mesma fonte. Se deve o dia da glória e da justiça divinas iluminar nossa alma, e se não é a preparação à justificação outra coisa senão a aurora deste dia, importa seja esta preparação um raio da mesma luz e uma emanação do sol divino, do qual, pela justificação, nos fazemos participantes.

Com efeito, para nos prepararmos à justificação, devemos praticar as mesmas virtudes e abundar nos mesmos sentimentos que depois da justificação, embora sob um aspecto diferente, e não tão perfeitamente. Devemos crer em Deus com fé sobrenatural, esperar nele, amá-lo, ou pelo menos, tender efetivamente a este amor e ao cumprimento de sua lei sobrenatural. Seria isto impossível, se não se adiantasse Deus com uma graça especial, se não nos impelisse e arrastasse, se não implantasse em nós, antes da graça santificante, algumas virtudes sobrenaturais. Estas, realmente, têm suas raízes na graça, e com ela se introduzem nas crianças batizadas. A luz e o calor originam-se do ardor do fogo, podem, porém, preceder ao fogo, no objeto, que antes deve converter-se em ardente; do mesmo modo, pode Deus derramar em nós as virtudes sobrenaturais antes da graça, ao menos de modo imperfeito; formam como que a luz e o calor da graça, e gradativamente nela nos introduzem.

A preparação à graça santificante é, pois, de certo modo, seu começo e uma antecipação de seus efeitos. É o primeiro sopro do Espírito Santo, que, por certo, ainda não habita em nós, mas opera e já se move em nós, de maneira sobrenatural. É o primeiro murmúrio, mediante o qual nos faz misericordiosamente sentir sua proximidade, nos anuncia sua vinda, e nos convida a lhe abrímos a porta de nosso coração, para recebermos a graça que nos apresenta. É um magnetismo sobrenatural, pelo qual é já nossa alma impelida para Deus como para seu termo sobrenatural, embora não ainda unida a Deus pela graça.

Nossa parte na preparação à justificação consiste em colaborar fielmente com as graças que se nos dão como primícias e começos da graça santificante; em abrir os olhos de nosso espírito à aurora que brilha em nossa alma, e em abandonar nosso coração ao misterioso atrativo que a domina; em receber efetivamente, com nossa vontade livre, sustentada e reforçada pela graça preveniente, a santa compunção que Deus nos inspira, indispensável para a recepção da graça.

Somos por acaso autorizados a afirmar que, por esta cooperação à graça preveniente, merecemos realmente e em sentido próprio a graça santificante? Longe disto. Seria estabelecer um presunçoso erro. Por esta comparação não nos preparamos à

⁴) C. de Trento, ses. VI, cap. 5 ss. S. Tomás, I-II, q. 109, a. 6.

⁵) Cf. S. Celestino I, *De gratia Dei indiculus*. Segundo Conc. de Orange, cân. 3 ss. Conc. de Trento, ses. VI, *Constit. Auctorem fidei*, n. 18. *De conditione hominis in statu naturae*.

⁶) Jo 6, 44.

⁷) 2 Cor 3, 5.

recepção de uma recompensa, mas, sim, de uma graça, e esta não se concede como merecida, mas como dom gratuito de Deus.

Se dás livremente um presente, não dirás que merece quem o recebe, pelo mero fato de ter estendido a mão a teu convite, e porque, contando com suas poucas forças, precisou que a sustentasses. Ao contrário, julgá-lo-ás tanto mais obrigado para contigo, pois não apenas lhe ofereceste teu presente, mas ainda o ajudaste a recebê-lo. Suponhamos prometa um rei adotar como filho um de seus súditos, com a condição de que se orne com as vestes reais, propositalmente doadas, e proceda segundo exige a dignidade prometida. Por acaso merece este vassalo, por haver cumprido a condição, que o rei o adote por filho? Evidentemente, não.

Dá-se o mesmo com a graça santificante. Deus, movido de puro amor e pelos méritos de seu Filho, destinou-nos à graça, dela não sendo dignos, e mais ainda, indignos pelo pecado. Longe de nos revestirmos dos sentimentos de um filho de Deus, nem sequer podemos estender a mão para apoderar-nos da graça quando Deus no-la apresenta. E embora o pudéssemos fazer, continuaria a graça um dom de Deus, obrigado a no-la dar unicamente por sua misericordiosa promessa. Quando, porém, nos inspira Deus o primeiro desejo da graça, quando não apenas no-la propõe, mas ainda nos leva a ela, podemos gloriar-nos ainda de algum mérito nosso, ou devemos, antes, redobrar nosso reconhecimento para com o amor duplamente grande de Deus?

Quando cooperamos fielmente com a graça preveniente, não pode o céu recusar-nos a graça santificante. De onde procede, porém, esta necessidade? Não de nossa colaboração, mas, sim, porque deve Deus ser fiel à sua palavra e terminar a obra começada; uma vez que nos trouxe até à graça, não pode abandonar este movimento até que tenha chegado a seu termo e alcançado o fim proposto.

Se queremos, pois, obter a graça santificante, devemos, antes de tudo, acolher a graça preveniente que concede Deus a todos, apresentada sem a procurarmos, ferindo-nos frequentemente o coração ainda contra a nossa vontade, para pedir-nos que abramos a porta ao Espírito Santo. Somente iluminados pela luz de Deus e sustentados por sua força, podemos subir a escada misteriosa que leva, da baixezinha de nossa natureza, do abismo do pecado, ao trono dos filhos de Deus, percorrendo todos os degraus, do primeiro ao último. Necessitamos, pois, do auxílio de Deus para alcançarmos estas preparações sobrenaturais à graça, que,

segundo o Concílio de Trento⁸, se contêm na fé, no temor, na esperança, na caridade e na contrição. Iremos em seguida meditá-las uma por uma.

CAPÍTULO II

A FÉ SOBRENATURAL, PRIMEIRA PREPARAÇÃO À GRAÇA

Falamos, no terceiro livro, da fé, da esperança e da caridade sobrenaturais, porém somente enquanto estas virtudes, por sua glória e grandeza internas, formavam o mais belo cortejo da graça santificante. Contudo, acabamos de prová-lo, aquele que não está ainda justificado deve preparar-se à recepção da graça, pouco a pouco, quase pelas mesmas virtudes e os mesmos atos que há de também praticar aquele que já está justificado. Deve este merecer, e pelo exercício destas virtudes, a herança dos filhos de Deus no céu; o outro, pelo exercício das mesmas virtudes, deve ganhar a mesma graça de adoção. Sob este aspecto particular vamos considerá-las agora.

A primeira condição para receber a graça, que é, a um só tempo, começo, fundamento e raiz de todas as outras condições, e consequentemente, segundo o Concílio de Trento, da própria justificação, reside na *fé sobrenatural*¹. A fé é o primeiro passo no caminho que leva à graça; nada podemos fazer sem ela; é a primeira pedra, sobre a qual se apóiam todos os atos salutaros; é a raiz viva e sólida, de onde brota e recebe sua força tudo que é necessário para adquirir a graça.

A fé é, além disto, a preparação mais importante e essencial para a graça, pois *somente ela no-la faz buscar e achar*.

Com efeito, se queremos conseguir a graça, devemos, antes de tudo, conhecer suas glórias e seu inestimável valor, para desejá-la e buscá-la; e devemos, além disto, saber onde buscá-la e encontrá-la, para acertarmos realmente com ela².

A natureza e beleza da graça, só podemos conhecê-las pela fé sobrenatural e divina. Por nossa razão natural nem idéia sequer temos de sua natureza e beleza divinas. Tudo o que pode oferecer-nos a razão, reduz-se aos bens terrenos e passageiros, ou, no máximo, ao míngua salário que nos compete como servos fiéis. Não serve a razão para guiar-nos pelo caminho que

⁸) Ses. VI, c. 6.

¹) Ses. VI, c. 8.

²) S. Tomás, I-II, q. 113, a. 4.

conduz aos bens celestes da graça. Se a seguissemos, jamais despertaria em nosso coração a nostalgia do céu; jamais brotaria em nossa alma o pensamento de uma elevação sobrenatural que busca o seio de Deus; permaneceríamos na miserável estreiteza de nossa condição, e criaríamos possuir, no pouco que tivéssemos, um precioso e grandioso tesouro.

Se a fé, porém, como brilhante estrela da manhã, brilha em nossa noite terrena², se o próprio Deus nos revela os mistérios da graça e faz surgir em nosso interior uma imagem de sua formosura, imediatamente vibra em nossa alma desejo inefável, despertando-nos como de um sonho, e inflamados então pela beleza da graça, empenhamo-nos em conquistá-la o mais breve possível.

Razões de sobra assistem-nos pois, para estarmos bem atentos, conservar e firmar em nós esta fé sobrenatural, se é que desejamos ter franco acesso ao maior de todos os bens. E em vez de nos mostrar frios e indóceis para com ela, deveríamos mantê-la com entusiasmo e calor.

Acreditamos sem dificuldade no que, de qualquer modo, pode proporcionar-nos a felicidade ou a honra; sobre este ponto, acreditamos, mesmo quando nos faltem motivos razoáveis, e até quando, contrariamente a nosso gosto, é manifesta a verdade. Cada qual tem por verdadeiro o que deseja ou o que afaga sua vaidade e amor próprio; admite com prazer que o homem mais miserável e vil lhe atribua qualidades que não possui, ou lhe prometa coisas que não pode ou não quer dar.

Por que não havemos de crer pronta e alegremente no que nos foi dito sobre uma grande honra e um prazer sobre-humano, que nos compete em razão da graça, ainda quando não firmado por uma autoridade indubitável e infalível? Há porventura alguma coisa que possa lisonjear tanto o nosso orgulho, como nos convertermos imediatamente em filhos de Deus, em reis do céu e da terra? Que poderá excitar mais vivamente nosso amor próprio, como receber a mais alta felicidade existente no céu e na terra, jamais suspeitada pelo coração humano? Não deveria bastar sua simples possibilidade ou probabilidade para decidir nosso orgulho e nosso amor próprio à aceitação espontânea e voluntária?

Ora, é a autoridade de Deus que, do modo mais categórico, nos revela as maravilhas da graça e promete no-las comunicar; sua própria grandeza e onipotência nos garantem que pode verdadeiramente dar-nos e nos dará o que promete, por maior e

²) 2 Ped 1, 19; 2 Cor 4, 6.

mais elevado que seja. Sabemos igualmente com certeza infalível que nossa fé nos esplendores da graça não é vã nem destituída de fundamento, mas, ao contrário, possui a certeza e a mais alta garantia que se pode dar. Que poderá, pois, obstar a aceitarmos, mediante uma fé absolutamente sincera e leal, as grandes e preciosas promessas da graça, feitas por Deus?

A fé na palavra divina devera ser tanto mais espontânea quanto mais arraigado é em nós o desejo do que promete, quanto mais nobres e felizes queremos ser; nossa estima e nosso desejo das promessas de Deus deveriam estar em relação direta com sua palavra segura, infalivelmente certa. Com efeito, a fé na palavra divina, como diz o Apóstolo, não é um simples sentimento, mas a *substância*, isto é, uma posse real, *das coisas que esperamos, uma prova das que não nos são manifestas*⁴, porquanto, em Deus as apreendemos com maior segurança e firmeza, do que se as vissemos com nossos olhos, ou as tocássemos com as mãos.

Comprova-se o que dizemos pela fé dos santos. Atreveu-se a dizer S. Teresa não invejar os que na terra haviam visto o Salvador com seus olhos, pois o via ela presente de um modo tão vivo, com os olhos da fé, no Santíssimo Sacramento. Diz-nos de si próprio S. Jerônimo que se achava tão possuído da fé no último julzo, que julgava escutar por toda a parte o som das terríveis trombetas, convocando os homens ao tribunal divino. O Beato Gil, um dos primeiros discípulos de S. Francisco de Assis, dizia que ele, mais do que acreditar, via.

Outra seria a impressão causada em nós pela fé, se fosse ela tão *viva* como nos santos! Impelir-nos-ia a buscar a glória e os bens da graça, mais do que se os houvéramos contemplado com nossos olhos. Se isto não acontece a culpa é nossa. A ninguém nega o Espírito sua presença iluminativa, ao contrário, bate constantemente em nosso coração para recebermos, com força sobrenatural, a palavra de Deus. Não o queremos, porém, escutar, recusamos-lhe nossa colaboração. Deixamos dormir em nossa alma a graça da fé, como o fogo sob as cinzas, sem lhe permitir operar em nós iluminando-nos sua luz. Não desembainhamos esta espada de dois fios, capaz de penetrar de modo tão vivo e eficaz⁵. Não nos preocupamos com excitar frequentes e poderosos atos de fé, considerar os motivos que podem avivá-la, recordar diariamente seus mistérios, e com eles nos familiarizarmos. Não é de admirar se permanecemos adormecidos no sono do pecado e nos abandonamos a uma indolente

⁴) Heb 11, 1.

⁵) Heb 4, 12.

frouxidão em meio de nossa miséria, sem tendermos, com nostalgia, ao paraíso da graça; é lógico e natural permanecermos ligados à terra sem podermos nos aproximar de Deus.

Muita coragem! Despertemos deste sonho, abramos os olhos de nossa alma à luz da fé e ergamos nosso olhar para as montanhas de Deus¹, onde nos espera seu amor, para fazer-nos felizes. Se não temos logo a coragem e a força de conquistar a graça, ao menos não deixemos extinguir-se a luz da fé, que ainda arde como a brasa sob a cinza do pecado; procuremos excitar e inflamar, cada vez mais, esta brasa, para que pouco a pouco incendeie nosso coração, nele despertando uma nova vida.

Sòmente a fé nos faz buscar a graça, e sòmente ela no-la faz encontrar; é o segundo consequência do primeiro. Não concede Deus sua graça senão a quem a honra e a deseja. Se, pois, não podemos honrá-la sem a fé, pois não a conhecemos, evidentemente, sem ela não a poderemos achar. Ao contrário, quanto mais a estimamos e honramos, tanto mais se inclinará Deus a no-la conceder, porque é então honrado e glorificado em seu dom, como convém.

Além disto, faz-nos a fé achar a graça, porque sòmente ela conduz à sua fonte.

Assim como por nossa razão não podemos conhecer a grandeza e a glória da graça, tão pouco nos é possível saber onde buscá-la. Se unicamente pela fé chegamos a discernir sua grandeza, a ela cumpre-nos recorrer, perguntando-lhe de quem e como a receberemos. Compreendemos que, por nossa natureza, não podemos adquiri-la nem merecê-la; não nos é, porém, dado compreender suficientemente a grandeza do poder e da amabilidade divina que no-la quis dar, apesar de nossa impotência e nosso demérito. É que excede à capacidade de nossa razão o julgar sobre a atividade da onipotência e da bondade de Deus, toda vez que não se manifeste esta atividade em efeitos sensíveis, ou não caia sob as exigências da natureza criada. Afinal de contas, não podemos conhecer com certeza que Deus queira efetivamente manifestar seu infinito poder e sua bondade, mediante tão admirável e elevado milagre.

Sòmente a revelação divina e a fé sobrenatural no-lo podem garantir. *Pela fé*, diz o Apóstolo, *vemos como do invisível sai o visível*². Em outras palavras, pela razão conhecemos já o que é real ou visível, ao menos em sua causa; pela fé conhecemos também como Deus produz o que não é visível, ou o que

ainda não existe, ou ainda não está presente, nem em sua raiz, nem em seu germe. Temos notícia, pela fé, de como estabelece Deus a graça como uma nova criação sobre a base de nossa natureza, por um dos mais estupendos prodígios de seu poder e de seu amor; como enche o vazio de nossa impotência com sua força infinita, nosso demérito com seu amor imenso e os méritos infinitos de Cristo.

Se Deus dá a graça por ser poderoso e nos amar, e porque a isto o move Cristo, é natural desejo que o reconheçamos pela fé, a Ele e a Jesus Cristo, como fonte e autor da graça; e só então no-la conceda. O maior milagre operado por Deus consiste na comunicação da graça, e é sabido que não se conseguem milagres sem uma fé sólida como a rocha em seu maravilhoso poder e seu inefável amor.

Assim como o divino Salvador solicitava de quantos a ele se dirigiam, pedindo-lhe a ressurreição de um morto ou a cura milagrosa de um enfermo, a fé viva em seu poder e seu amor divinos, e graças a esta fé operava os milagres, do mesmo modo exige esta fé a quantos querem receber a vida eterna da graça. *E' a vontade de meu Pai que todo homem que vê ao Filho e nele crê, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia*³. Por seu lado, ensina o Apóstolo das Gentes que, para nos transformarmos da morte do pecado na vida da graça, nos cumpre crer na onipotência divina, do mesmo modo que confessamos este poder na ressurreição de Cristo⁴, e do mesmo modo que creu Abraão em Deus, como *quem vivifica os mortos e chama o que não é como o que é*⁵. Assim como Abraão, contra toda esperança, creu (em Deus) *que viria a ser o pai de muitos povos, assim como não vacilou na fé, apesar de seu corpo enfraquecido e da esterilidade de Sara, mas antes, crendo na promessa, firmou-se na fé, dando glória a Deus, porque o reconhecia poderoso para cumprir sua promessa*⁶, assim também devemos nós reconhecer a esterilidade de nossa natureza para a vida da graça e por isto mesmo, erguer os olhos com uma fé inquebrantável até a onipotência e a bondade de Deus, que pode dar-nos esta vida, e no-la dará, fiel à sua promessa. Quando precisamente notamos que nos abandonam nossa força e nosso mérito, é o momento propício de nos garantir pela fé o poder de Deus e nos apropriarmos os méritos de Cristo; pela fé tributamos a Deus a honra que lhe compete; a maior homenagem que lhe podemos oferecer é reconhecê-lo como fonte única de todo bem e espe-

¹) Cf Sl 120, 1. Este Salmo é também um cântico das ascensões.

²) Heb 11, 3.

³) Jo 6, 40.

⁴) Rom 4, 24.

⁵) Ibid., 4, 17.

⁶) Rom 4, 18 ss.

cialmente do bem supremo. São palavras de Deus: *Aquele que me glorifica, o glorificarei também*¹². Só concederá a glória de sua graça àquele que o reconhece como seu Autor poderoso e amável, e o fará com tanto maior prazer quanto mais firme e viva for a fé com que é honrado.

E' esta a razão de na Escritura, tão frequente e expressamente, atribuir-se a justificação à fé, pois pareceria não se requerer outra coisa fora dela. Cometem entretanto os protestantes um grave erro, ao considerar a fé como única preparação à justificação. Naturalmente se consistisse a justificação apenas na imputação dos méritos de Cristo, em uma justiça puramente exterior, pela qual se recobrissem simplesmente a malícia e o pecado interiores de nossa alma, sem se renovar e transformar ela em seu íntimo, poderia sôzinha bastar a fé em Cristo¹³. Como, porém, segundo a doutrina do Apóstolo, é a fé justificante uma fé que opera milagres, fé no maior de todos os milagres, o milagre da graça¹⁴, e como mediante este milagre, Deus destrói em nós, pela santidade de seu Espírito, toda a malícia do pecado, e desperta nossa alma, de sua morte espiritual, para uma vida sobrenatural, conclui-se dever a fé acompanhar-se sempre de outras condições que nos tornam aptos para a recepção deste dom milagroso da justificação.

Estão contudo estas outras condições, de certo modo, contidas na fé, dela brotam, e unicamente por ela influem eficazmente na aquisição da graça. Com efeito, pela fé adquirimos também as graças que nos são necessárias ao temor salutar, à esperança e ao arrependimento de nossos pecados. A fé incita-nos a buscar a graça, a temer a cólera de Deus, a esperar nele, a odiar o pecado e amar a justiça. Pela fé consagramos todas as outras preparações, atraímos as bênçãos divinas sobre elas e as relacionamos com a graça santificante. Já que não podemos merecer por elas a graça de Deus, devemos afinal esperá-la somente do poder e da bondade de Deus, pelos méritos de Cristo; deve portanto a fé seguir, como também preceder as outras preparações, para lhes imprimir seu selo e torná-las aceitáveis a Deus.

As demais preparações destinam-se a habilitar-nos à recepção da graça; somente pela fé a alcançamos diretamente. As outras levam-nos à graça; a fé faz-nos entrar em sua posse, por ela nos apropriamos os tesouros da onipotência e do amor de Deus e dos méritos de Cristo. Pela fé somos justificados,

¹²) 1 Rs 2, 30.

¹³) Conc. de Trento, sess. VI, c. 9.

¹⁴) Rom 3, 24-26.

embora recebamos a graça nos sacramentos, pois os sacramentos só são frutuosos quando o sujeito reconhece pela fé sua eficácia. Não são mais do que canais por onde nos chega a graça de Deus, e requerem por condições idênticas àquelas em que Cristo realizou seus milagres¹⁵.

E' pois absolutamente certo que só pela fé sobrenatural podemos chegar à graça, que somente por ela a podemos buscar; que esta fé nos dá acesso às maravilhas da graça, e ela mesma no-las mostra, segundo a palavra do Apóstolo: *Pela fé temos acesso a esta graça, na qual permanecemos firmes, e nos gloriamos, esperando a glória dos filhos de Deus*¹⁶.

Quando tomarás a peito, ó cristão, esta verdade tão certa, tão clara, tão importante, organizando de acordo com ela tua vida? Quando renunciarás ao orgulho farisaico com que o mundo te tem encantado, fazendo-te acreditar que com alguns atos humanos poderás comprar a graça? *Sem a fé é impossível agradar a Deus; se queres aproximar-te de Deus é preciso crer*, clama-te o Apóstolo¹⁷. Nada condena ele tanto em suas epístolas como a arrogância dos judeus que julgavam ter merecido a graça de Cristo com as obras da Lei. Diz do próprio Abraão: *Se Abraão foi justificado por suas obras, pode gloriar-se, não, porém, diante de Deus*¹⁸. Quanto mais não condenaria as obras de uma justiça hipócrita, superficial, humana, recusando-lhe todo valor aos olhos de Deus?

Do mesmo modo que as obras realizadas em estado de graça e em seu espírito merecem a vida eterna, assim também somente as obras provenientes da fé e nelas apoiadas são as que conduzem à graça; não que a mereçam, mas por manifestarem a força e a vida da fé, pela qual buscamos a graça junto de Deus e a esperamos de sua bondade, apoiando-nos nos méritos de Cristo.

Coloca somente nestas obras tua glória, ou melhor, em sua raiz, na submissão humilde, porém grandiosa e poderosa da fé, pela qual te glorificas, não em ti mesmo, mas em Deus. Deixa penetrar profundamente em tua alma esta raiz sobrenatural para que se firme fortemente. Quanto mais se arraigar ela em ti, tanto maior será o desenvolvimento, mais rápido o crescimento da árvore da graça, que se erguerá sobre ela, com a riqueza de suas flores e de seus frutos.

¹⁵) S. Tomás, III, q. 62.

¹⁶) Rom 5, 2.

¹⁷) Heb 11, 6.

¹⁸) Rom 4, 2.

CAPÍTULO III

O TEMOR DE DEUS, SEGUNDA PREPARAÇÃO A RECEPÇÃO DA GRAÇA

Se a suave e encantadora luz da fé, que mostra a glória e a doçura da graça, não basta para aquecer e abrandar o coração do pecador, terá, ao menos, força para sacudi-lo profundamente, revelando-lhe os males e castigos terríveis, se permanecer à margem da graça.

O temor de Deus, sobretudo o temor de sua cólera e de suas terríveis consequências, constitui para o pecador o caminho ordinário na recuperação da graça. Qualquer outro temor nada tem que ver na aquisição da graça, porque não relacionado com ela, não dispõe de força para impelir-nos a buscá-la e adquiri-la. Existe um temor natural que podemos ter sem a fé e a graça do Espírito Santo; por grande que seja, não pode introduzir-nos no reino da graça.

Ao contrário, o temor da cólera divina e suas consequências é um temor sobrenatural; supõe em nós a fé sobrenatural em ordem à graça e só é despertado pelo Espírito Santo, que nos atrai de modo sobrenatural e faz-nos sentir, ao vivo, que nos prejudicamos ao perdê-lo, bem como os castigos espantosos com que castigará Deus seu desprezo.

Este temor, segundo o Concílio de Trento¹, é um dom do Espírito Santo, dom precioso e forte que nos penetra a alma como aguçada espada; corta com santa violência os laços que nos prendem a objetos pecaminosamente amados, e se mantém suspensa sobre nossa cabeça até que nos refugiemos sob o manto da graça e nos ocultemos no seio de Deus. Se não percebemos os poderosos efeitos deste dom do Espírito Santo, se continuamos endurecidos e obstinados em nossos pecados, esquecidos da graça, provém isto de cerrarmos os ouvidos às advertências do Espírito Santo, e longe de meditar com fé viva, esquecemos a terrível sentença que lançará Deus, um dia, contra os que desprezam este dom.

São grandemente verdadeiras as palavras dirigidas por Deus ao pecador: *Derramarei minha cólera na medida de minha misericórdia*². Quanto maior tiver sido e se mostrado generosa e insondável a misericórdia divina ao nos fazer filhos seus pela graça, tanto mais terrivelmente se fará sentir a insondável se-

¹) Ses. VI, c. 6; ses. XIV, c. 4.

²) Ecll 16, 12-13.

veridade de sua justiça, quando pesar sobre os que tiverem desprezado esta graça. Por ela Deus derrama sobre nós a plenitude de sua bênção como uma abundante chuva; transborda, por assim dizer, seu amor sobre nós, para unir-nos a ele do modo mais íntimo; promete inundar-nos com um rio de delícias. Mas acrescenta também a Escritura que *faz chover a guerra sobre os pecadores*³ e *neles saciará sua cólera*⁴. Nada há tão sensível como o amor desprezado e ultrajado; quanto mais especial, terno e doce tenha sido ele, tanto mais forte, amarga e terrível é a cólera em que se transforma, quando se vê desprezado e repellido. Chega a Escritura a dizer: *Na medida em que o Senhor se alegra antes, ao fazer-nos o bem e em aumentá-lo em nós, se compraz em perder-nos e aniquilar-nos*⁵.

Deus, fogo puro de eficácia e força infinitas, é, também, fogo de amor e de cólera igualmente infinitos. Se é benéfico e amável quando nos penetra, nos aquece, purifica e glorifica na graça, não é menos terrível e cruel quando tere, consome, despedaça e tortura os que se endureceram contra suas bênçãos.

Assim como o pecado de um filho para com seu pai é incomparavelmente mais horrível e merece um muito mais severo castigo do que o do servo com relação a seu senhor, assim também o pecado que cometemos, sendo nós filhos eleitos de Deus, contra nosso Pai celeste, é incomparavelmente maior e mais culpado, do que os que poderíamos cometer na simples qualidade de servos de Deus. Não é possível que só tenhamos estes castigos comuns prometidos de modo geral a toda ofensa contra Deus, embora já suficientemente duros para fazer tremer e encher-se de espanto um coração que pense detidamente neles. Depois de termos sido chamados à graça, devemos temer outra pena completamente distinta, da qual não temos maior idéia ou noção do que da felicidade celeste prometida pela graça. Deus abre para nós um novo abismo de profundidade infinita, imensurável, pois grande e inefável é a dignidade de seus filhos. Constrói para nós um novo inferno, atroz e espantoso, como é doce e atraente o seu céu. Inventar novas torturas, novas aflições, um novo fogo consumidor, cruel e insuportável, como infinitas e agradáveis são as doçuras celestes. E assim como emprega todo seu poder para fazer-nos participantes, mediante o maior dos milagres, de sua natureza e de sua felicidade, usa deste mesmo poder para esmagar o pecador, mediante não menor milagre, de males incalculáveis. Explicar-nos-íamos melhor dizendo que opera ele no pecador um duplo milagre: humilha-o e tor-

³) Job 20, 23.

⁴) Ez 6, 12.

⁵) Dt 28, 63.

tura-o, por seu próprio poder e mediante as criaturas, de um modo que supera a possibilidade natural, e além disto, o mantém sobrenaturalmente nestes males; são, com efeito, males tão enormes, que, falando naturalmente, deveriam esmagar e aniquilar o pecador desde o primeiro momento.

Relutariamos em crer que possa Deus castigar de modo tão atroz nossos pecados e os desprezos da graça, se não tivéssemos diante dos olhos o caso de seu Filho Unigênito, que, para satisfazer por nossos pecados e alcançar-nos a graça, deu suportar o que jamais homem algum sofreu na terra. *Se assim se trata o lenho verde, que não se fará com o seco?*

Não pode nossa razão representar-se ao vivo um castigo tão horroroso, nem apreciar nosso coração, em seu justo valor, um mal tão misterioso. Peçamos pois ao Espírito Santo que, pela luz sobrenatural da fé, nos permita lançar um olhar para o abismo do inferno, e pela graça sobrenatural desperte em nós um temor poderoso e salutar. Oxalá penetrasse ele até nosso coração e nossos ossos para que nada teméssemos a não ser a cólera de Deus, e nos preparássemos a escapar de sua terrível sentença, por uma volta instantânea e decisiva à graça!

Não nos preocupemos tanto com os males naturais que nos acometam nesta vida, e sobretudo, não lhes demos tanta importância, que para evitá-los, sacrifiquemos a graça, ou a não consigamos. Muito mais deveriam impressionar-nos os males eternos e sobrenaturais; principalmente porque ainda não os vemos, não os sentimos, e assim não os podemos compreender. Esta mesma incompreensibilidade é uma prova de sua indizível grandeza, de sua força e poder infinitos; é uma prova de que todos os males naturais que tenham podido visitar o homem, durante sua permanência no mundo, não chegam à altura do menor destes males.

Pensemos com frequência ser verdadeiramente terrível cair nas mãos do Deus vivo¹⁾; não esqueçamos, conforme o conselho do Espírito Santo, nosso último fim, e jamais pecaremos²⁾; se houvéssemos pecado, arrepender-nos-íamos e buscaríamos ansiosamente a graça de Deus, pois somente ela nos pode preservar da vingança divina.

O temor da cólera de Deus não admite demoras; não permite um instante de descanso até que nos tenhamos livrado dele. A cada instante permanece suspensa sobre nossa cabeça a sua espada; em qualquer momento podemos deixar esta vida e sermos entregues, por toda a eternidade, ao nosso juiz.

¹⁾ Lc 23, 31.

²⁾ Heb 10, 31.

³⁾ Ecl 7, 40.

Supondo-se, além disto, que devamos ainda viver muitos anos, não sabemos se poderemos mais tarde recuperar tão fácil e seguramente a graça. Como isto depende mais ainda do auxílio sobrenatural de Deus, do qual não podemos dispor a nosso bel-prazer, do que de nosso livre arbítrio, nada podemos concluir definitivamente, com relação à nossa salvação futura. Cada momento que passamos em pecado nos vai tornando mais e mais indignos da graça. Aumentam com o tempo nossa negligência e nosso desprezo. O fio da misericórdia divina, que ainda nos mantém, deve romper-se um dia; há de Deus retirar mais e mais sua graça e deixar-nos sucumbir profundamente no laço do pecado. Sem dúvida, muitos se arrependem hoje no inferno, por terem desprezado e desdenhado por tanto tempo as numerosas graças que se lhes ofereceram, ou, simplesmente, por terem adiado sua conversão para mais tarde. Importa estremecermos, de vez em quando, ante os insondáveis designios da divina Providência. E' ela boa e por demais generosa, quando a ela nos submetemos, mas também terrível e impenetrável, quando, de certo modo, dela nos afastamos e dela zombamos.

Operemos, pois, conforme a admoestação do Apóstolo, nossa salvação com temor e tremor, enquanto for tempo. Tremamos diante os castigos terríveis da eternidade, tremamos diante os caminhos inescrutáveis de Deus, tremamos finalmente diante de nossa ligeireza e infidelidade, e não hesitemos um instante em nos reconciliar com nosso Pai dos céus, para, em seu seio, estarmos em segurança da perdição eterna e temporal.

CAPÍTULO IV

A ESPERANÇA SOBRENATURAL EM DEUS, TERCEIRA PREPARAÇÃO PARA A GRAÇA

O temor da desgraça divina e nossa própria fraqueza constituiriam motivo suficiente para ficarmos prostrados e descoroados, se a confiança na infinita bondade e no poder de Deus não nos alentasse, abrindo-nos novamente o caminho para a graça e dando-nos a firme esperança de que, com a assistência divina, podemos obter e conservar esta graça, segura e infalivelmente até ao fim.

Deve esta confiança ser, igualmente, um dom sobrenatural, um dom do Espírito Santo, já que é sobrenatural o bem da graça que esperamos. Só pode apoiar-se na infinita misericórdia

de Deus — pois somente ele pode perdoar nossos pecados — e em sua onipotência, porquanto somente esta pode firmar-nos e elevar-nos suficientemente até alcançarmos o maior de todos os bens. Supõe ela, além disto, que reconhecemos e proclamamos com fé sobrenatural e viva, que, embora pecadores, não cessa Deus de chamar-nos à sua graça e de pôr a nossa disposição todos os tesouros de seu poder, para nos introduzir nela.

Por este motivo, a esperança de reconquistar a graça deve ser necessariamente débil e informe, se for nossa fé morta e vacilante, e se pensarmos em nossas faltas e fraquezas mais que no amor infinito e na solicitude paternal de Deus para conosco. Consideremos antes, com viva fé, esta solicitude divina, ouçamos as inspirações do Espírito Santo que nos promete o perdão de nossos pecados e a volta à graça, e não vacilará nossa esperança; nossa alma se levantará de seu abatimento, e com uma segurança que desconhece o temor e a covardia, se adiantará até ao trono da misericórdia divina, onde espera encontrar e encontrará infalivelmente o perdão e a graça.

Não há coisa que tanto haja Deus garantido, e a Escritura repetido e expressamente confirmado, como sua vontade de salvar a todos os homens¹; não deseja ele a morte do pecador, mas, sim, que se converta e viva². Poderia indubitavelmente ter sido mais avaro de sua graça; em razão de seu valor infinitamente grande poderia ter determinado que só a receberiam os que a buscassem com o maior empenho e a não tivessem perdido depois de sua aquisição. Entretanto, assim não agiu; quis que, como o sol, brilhasse ela sobre os justos e os pecadores, sobre os que temem a Deus e sobre os ímpios, para que se encontrassem todos, em todo tempo, envoltos em sua luz e dela gozassem só com abrir os olhos. Em vez de esperar que venhamos até ele em busca da graça, no-la oferece a cada instante, deliberada e generosamente; ele próprio se encarrega de chamar continuamente nosso coração, e não nos deixa em paz enquanto o não abrimos.

Por isto ensinaram os Padres e os teólogos, unânimes, não recusar Deus a graça santificante a nenhum homem, que, com o auxílio de sua graça preveniente, faz quanto está em si³. Por mais excelsa e elevada que seja a graça, por mais profundo que pareça o abismo do pecado a que descemos, podemos estar certos de que nos é sempre possível recuperá-la. Temos disto

¹) 1 Tim 2, 4.

²) Ez 18, 23; 2 Ped 3, 9.

³) S. Tomás, I-II, q. 112, a. 3.

tanta certeza, como o temos de ser Deus misericordioso em seu amor, fiel em suas promessas, onipotente em suas obras. Só é necessária de nossa parte a boa vontade, ao lado do desejo sério e sincero de participar de sua misericórdia. Deus se encarregará do resto; levado por seu amor, apagará nossos pecados, e dará à nossa vontade uma força tal que poderemos agir victoriosamente e afastar os obstáculos à graça.

Embora rigorosa a justiça de Deus, e nossos pecados, tão numerosos como a areia do mar e tão pesados como as montanhas, será sempre verdade que, junto da justiça, se acha a misericórdia que retira o braço vingador, tão logo queremos seriamente escapar a seus castigos. Sua doçura e condescendência impõem-se à severidade e ao zelo da justiça, *porque as misericórdias do Senhor brilham em todas as suas obras*⁴. Não pode castigar-nos Deus, sem que a isto o obriguemos; de mil amores, nos oferece seu perdão e seus benefícios, e causa-lhe fundo pesar nossa repulsa. Não empregou uma só gota de suor para poder castigar-nos; ao contrário, para poder favorecer-nos, ofereceu seu suor, seu sangue, sua vida, em meio aos mais atrozes sofrimentos. Ao castigar o pecado, está longe de esgotar seu poder; para reconciliar, porém, o pecador, mobilizou todas as riquezas de seu poder, e levou a termo a maior de todas as obras, uma obra infinita, a Encarnação de seu Filho. Se, pois, devemos justamente temer sua justiça vingadora, em razão de nossos pecados, assistem-nos contudo maiores motivos para confiar em sua misericórdia e esperar o perdão de nossas faltas.

Para firmar-nos nesta esperança, quis pôr-nos o Salvador, diante dos olhos, o exemplo do filho pródigo⁵. Seu pecado parecia em tudo com o nosso. Abandonara com vergonhosa ingratidão a casa paterna, onde gozava do mais acendrado amor por parte do autor de seus dias; levava consigo a parte que lhe cabia na herança, e longe a dissipara do modo mais vil e miserável. Quando, mais tarde, retornou à casa, em lastimoso estado, sobravam-lhe motivos para julgar que seu pai lhe fechasse as portas e o expulsasse impiedosamente como verdadeiro infame. Afinal de contas, guardaria seu pai estrita justiça procedendo assim. E entretanto, foi ele recebido caridosamente, em seu antigo lugar de filho, com íntimo prazer, tanto assim que excitou a inveja do irmão mais velho, que permanecera sempre fiel a seu pai.

⁴) Sl 144, 9 (literalmente: a misericórdia de Deus estende-se a todas as criaturas).

⁵) Lc 15, 11-32.

Nós também, ao pecarmos, abandonamos a casa de nosso Pai celeste e dissipamos, com inqualificável ingratidão, a herança de sua graça. Impossibilitados de recuperar a herança dilapidada, nem sequer somos dignos de comparecer na presença de Deus. E não obstante, basta-nos confessar nossa miséria e ingratidão e, de novo, sinceramente desejarmos a graça de nosso Pai celeste, para correr ele alegremente ao nosso encontro e receber-nos em sua casa, em seus braços, dar-nos o beijo da paz e da reconciliação, adotar-nos novamente como filhos seus, e restituir-nos a herança perdida. Sim, recebe-nos ele com tal amor, que seus filhos sempre fiéis, os anjos e os santos, se fossem capazes de inveja, ambicionariam nossa sorte.

Calcule-se a injúria que faríamos a Deus, se, depois de tantas provas de misericórdia, permanecêssemos pusilânimes e frouxos, se em vez de romper decididamente os laços do pecado e nos lançar confiantemente em seus braços, nos empenhássemos em perecer de miséria. Como é possível possamos temer ainda a nossos inimigos, a nossos maus hábitos e a nós mesmos, estando Deus com todo poder para humilhar a nossos inimigos, para quebrar o jugo de nossos vícios e dotar nossa vontade de uma força sobre-humana? Por que deixar cair desalentadamente os braços e não apertarmos a mão que nos estende Deus? Por que não procurar alcançar o bote de salvação, posto por Deus à nossa disposição?

Se com o fim de salvar um pobre homem, caído ao fundo de um poço, se deixasse um rei baixar até ele mediante poderosas máquinas, e lhe promettesse, uma vez salvo, tomá-lo pela mão e dar-lhe metade de seu reino, sem dúvida renasceria imediatamente, neste infeliz, a esperança perdida, e confiante e prontamente lançaria mão do meio salvador a ele apresentado. Aí está o que fez Deus contigo, ao enviar-te seus anjos para te livrar do abismo do pecado, ao estender-te a mão, não somente para salvar-te, mas ainda para colocar-te em seu trono real.

Por que, infeliz, hesitas em estender a mão a teu benfeitor, para que possa ele tomá-la? És assassino de ti mesmo, preguiçoso, indolente, insensato! Deus só te pede que te deixes salvar, e tu te negas e lhe negas coisa tão insignificante. Basta-te fazer o pouco que podes e deves, em troca do que faz Deus por ti, já que te ajuda com prazer quando lho permites, mais ainda do que é mister. Ele chamou, corresponde pois a seus dons e deles usa, para que continues a receber sempre novos, e venha assim até ti a sua graça.

CAPÍTULO V

A CONTRIÇÃO, QUARTA E ÚLTIMA PREPARAÇÃO A GRAÇA

Se queremos seja nossa esperança de conseguirmos novamente a graça uma realidade, é-nos necessário detestar sinceramente, com o auxílio de Deus, o seu contrário, isto é, o pecado, e decidir-nos seriamente a obrar e viver de acordo com suas leis e exigências.

Se verdadeiramente e com fé viva desejamos a graça, cumpre esforçarmo-nos por adotar os sentimentos que de nós exige. E quais são eles? Em primeiro lugar, termos, em qualquer circunstância, a vontade séria de cumprir todos os deveres a que nos comprometemos ao entrar no estado de graça, isto é, termos o firme propósito de nunca mais cometermos pecados graves, e vivermos assim como verdadeiros filhos de Deus. Quando sério e eficaz, é este propósito um ato sobrenatural, porquanto deve ser em nós o começo de uma vida sobrenatural; não o podemos realizar, senão nos deixando levar pela inspiração do Espírito Santo que entra em nós, e quer introduzir-nos na vida sobrenatural, declarando-nos prontos para conservá-la e cuidá-la. Nos capítulos seguintes pomos em relevo como se pode conseguir isto.

Como, porém, antes de entrar na graça santificante, nos achamos na desgraça de Deus, isto é, com a consciência manchada de pecados graves, que nos tornam absolutamente indignos da graça, não devemos limitar-nos a formular uma simples resolução para o futuro, mas ainda, enquanto de nós depende, cumpre-nos cuidar de reparar o passado.

Devemos estar arrependidos de haver cometido estes pecados, de ter feito a Deus semelhante injúria; e se realmente detestamos nossas faltas, devemos esforçar-nos por apresentar a Deus uma satisfação, da forma que podemos e ele exige; em uma palavra, importa arrependermos sinceramente de nossos pecados.

Para que seja este arrependimento salutar, abrindo-nos o caminho à graça de Deus, cumpre-lhe ser também sobrenatural. Se não o fosse, nenhuma relação teria com o estado sobrenatural da graça, ao qual nos deve preparar¹.

E quando é ele sobrenatural? Quando à luz da fé e graças à força proveniente do Espírito Santo, odiamos o pecado como um mal sobrenatural, como derrogação da lei sobrenatural de

¹) Conc. de Trento, ses. VI, c. 3; ses. XIV, c. 4, cân. 5.

Deus, pela qual induzimos em nós a perda da graça e recusamos a Deus o amor que lhe é devido.

Desta explicação depreende-se haver duas espécies de contrição sobrenatural, a *imperfecta* e a *perfeita*². Se consideramos apenas que o pecado nos priva da graça e de nossa felicidade suprema, e sua perda nos faz temer os maiores males e os mais severos castigos da parte de Deus, é a contrição imperfecta, porquanto consideramos a graça unicamente como um bem nosso. Não se encontra ainda nesta contrição o sentimento puro e perfeito dos filhos de Deus, que consiste no amor para com ele; possuímos entretanto um sincero desejo da graça e de quanto traz ela consigo, por conseguinte, também do amor de Deus. Não merecemos ainda que se nos infunda diretamente a graça, estamos, porém, suficientemente preparados para recebê-la no sacramento da penitência.

Se, pelo contrário, consideramos quão grande seja a graça aos olhos de Deus, quanta glória lhe dá ela, e por outro lado, quanto o ofendemos pelo pecado ao negar-lhe o devido amor, é então a contrição perfeita, e inclui o amor filial para com Deus. Não contentes com um simples desejo da graça dos filhos de Deus, estreitamo-lo efetivamente com os braços do amor; não pode Deus esperar por mais tempo, e nos abraça sem demora com seu paternal amor, imprime-nos na fronte o ósculo da reconciliação, e nos confere, ao mesmo tempo, a graça de seus filhos.

A contrição imperfecta não deixa de ser boa e louvável, pois tem um maravilhoso poder, e devemos estimá-la, porquanto nos habilita ao menos para recebermos a graça. Não pode, porém, seu poder nem de longe comparar-se com o da contrição perfeita, que não só nos habilita para a graça, mas no-la confere diretamente. Não devemos, portanto, contentar-nos com a primeira, e, sim, esforçar-nos sempre por conseguir a segunda. Depois de ter perdido tão ignominiosamente a graça, deveríamos envergonhar-nos de não utilizar os meios à nossa disposição para recebê-la, e satisfazer-nos com um *minimum* necessário. Assim agindo, dariamos a entender que não a estimamos em seu justo valor. Despreocupando-nos de conseguir uma contrição perfeita, demonstramos não considerar com seriedade a contrição; e quem sabe se chegaremos a ter ao menos a contrição imperfecta?

Prouvera a Deus que, com a assistência do Espírito Santo, reconheçêssemos, com fé viva, a enormidade do pecado, que nos

priva da graça! Sem dúvida, destestá-lo-íamos logo com toda a força de nossa alma, e o expulsariamos de nosso coração.

Detestá-lo-íamos, porque, com a graça, nos rouba o bem supremo e a posse do mesmo Deus, e nos ameaça com os mais duros e terríveis castigos da cólera divina. Aborrecê-lo-íamos ainda mais porque fazemos com ele, ao autor da graça, a mais grosseira injúria e maior dos ultrajes.

Com efeito, uma vez que pela graça fomos chamados a ser filhos de Deus, além de insultar ao Senhor supremo e legítimo, a quem devemos todos os nossos obséquios e respetos, zombamos do Pai mais amável para conosco, do melhor amigo, do mais terno esposo de nossa alma. Zombamos do amor imenso e inefável com que nos envolve, e pagamos com a mais negra ingratidão suas graças e inestimáveis benefícios. Desonramos e violamos seu nome, manchando o nosso de filhos de Deus, e mostrando-nos indignos dele. Arrancamos de seus braços nossa alma por ele amada como a pupila de seus olhos, jóia e alegria de seu coração. Rasgamos a túnica celeste da inocência e da santidade com que nos ornara, resplandecente aos olhos de toda a corte celeste. Outros Judas, abandonamos, traíçoeira e vilmente, ao Senhor que, por sua graça, nos adotara como seus amantíssimos amigos. E' agudíssima a dor que causamos ao coração de nosso Pai celeste. E continuamos a magoá-lo e ofendê-lo. Sobram-lhe, pois, motivos para se queixar de nós como se queixava de Judas, pela boca do Salmista: *Se me houvesse amaldiçoado o meu inimigo, talvez o suportasse; mas tu, meu confidente, meu vizinho e amigo, que partilhavas comigo em minha mesa*³!... Será possível sermos tão insensíveis e desumanos que não nos deixemos comover, que não pensemos nos males, consequência de tão horrível falta?

Quando um filho ultraja a seu pai, encerra este ato maior perversidade e ignominia do que se o ofendera um dos servos. Cresce, porém, a perversidade, se um servo, adotado como filho por especial condescendência de seu senhor, se mostra ingrato para com semelhante amor, chega a ofendê-lo e ultrajá-lo sem a mínima atenção. E' precisamente o que fazemos nós, filhos de Deus pela graça, e obsequiados em grau muito maior do que se fôssemos filhos seus por natureza. Atrever-nos a negar-lhe nosso amor e corresponder à sua ternura com uma afrontosa desobediência, é o cúmulo da malícia, da ingratidão.

Qual não deverá ser portanto nossa dor, quando pensamos em tudo que fez Deus para que fôssemos filhos seus, che-

²) S. Tomás, Suppl., q. 1.

³) Sl 54, 13.

gando a oferecer seu próprio Filho, para com seu sangue nos alcançar a vida! Se existe em nosso coração uma fibra de sentimento e de reconhecimento, se não se tornou ele mais cruel que o tigre ou a hiena, não pode deixar de desfazer-se em indizível dor. Pelo pecado, espezinhámos o precioso sangue do Filho de Deus, inutilizámos-lhe a eficácia, desprezamos o mais caro presente do amor do Pai eterno. Busca ele nosso amor a qualquer preço, e por ele oferece o que de melhor possui. Como não causar-lhe imensa pena desprezarmos sua amizade e zombarmos dele?

Compadeçamo-nos de tão terno Pai, a quem causamos tão profunda dor, se não queremos compadecer-nos de nós próprios, quando já for tarde. Choremos com ele a gravidade de nosso pecado, a grandeza de nossa ingratidão, consolemos sem demora seu paterno coração, mediante sincero arrependimento e profunda compunção. Apressemos-nos em pedir-lhe perdão, lavemos quanto antes, com nossas lágrimas, as manchas do pecado, e reparemo-los o mais cedo possível, com um ardente amor.

Não nos contentemos com nosso arrependimento, já que não pode ele igualar a grandeza de nossa falta. Com efeito, se não nos auxiliassem os méritos infinitos de Cristo, jamais teríamos podido oferecer a Deus uma satisfação perfeita, e sem a graça do Espírito Santo, nenhum valor e preço teria tudo que possamos fazer por nós. Condenemo-nos a nós mesmos e choremos sem interrupção; humilhemo-nos diante da face de nosso Pai celeste e reconheçamos diante dele que não somos dignos de ser chamados filhos seus. Assim tornaremos logo a entrar de novo em sua graça, e, em meio à nossa dor, sentiremos a doce alegria de um filho, que, depois de longo exílio, retorna à casa paterna.

O verdadeiro arrependimento deve durar ainda depois da reconciliação com Deus, provando assim sua sinceridade. Um filho que ofendeu gravemente a seu pai, não esquecerá seu pecado, uma vez perdoado, mas se afligirá sempre por ter podido cometer semelhante injustiça; com tanto maior empenho cuidará no futuro em não ofender novamente a seu pai, visto estar agora duplamente preso por sua misericórdia. Do mesmo modo, depois de readmitidos à graça de Deus, e uma vez lançados nossos pecados nas profundezas do mar, tanto menos podemos esquecer-los, quanto maior foi a intervenção do infável amor de Deus, no perdão de nossas faltas. A consciência de nossa reconciliação deve encher-nos de paz e de santa alegria. Não gozamos, porém, verdadeiramente desta paz e alegria, se não continuarmos a penitência por nossos pecados, chorando-os; só assim nos faremos cada vez mais dignos da graça divina,

e adquiriremos sempre maior certeza de que realmente nos perdoou Deus. Somente com esta dor continua, causada por nossa infelicidade, passada e pela lembrança de nossas faltas anteriores, evitaremos cometê-las de novo, e cairmos ainda na mesma desgraça.

CAPÍTULO VI

A VIDA SOBRENATURAL QUE DEVEMOS LEVAR NO ESTADO DE GRAÇA

Agradeçamos a Deus ter-nos livrado por sua misericórdia de nossos pecados, admitindo-nos novamente em sua graça; esforcemo-nos por viver e obrar de acordo com a dignidade excelsa de que fomos cumulados, fazendo frutificar os talentos que recebemos.

*Êreis outrora trevas, exclama o Apóstolo, agora, porém, sois luz no Senhor. Comportai-vos como filhos da luz, porque o fruto da luz é a justiça e a verdade, em toda bondade*¹. E diz ainda em outra passagem: *Irmãos, se ressuscitastes com Cristo, caminhai em uma vida nova; buscai as coisas que são do alto, onde está Cristo assentado à direita de seu Pai; desejai as coisas do céu e não as da terra. Estais, com efeito, mortos, e vossa vida esconde-se com Cristo em Deus*².

Se foste novamente livre da morte do pecado e regenerado a uma vida celeste, se de inimigo e servo te transformaste em filho de Deus, deves empenhar tua honra, teu orgulho e tua maior felicidade em cumprir os deveres impostos por teu novo estado. Cumpre-te ser estranho ao mundo, ao demônio e à carne, já que estás livre de seu domínio e és cidadão do céu, hóspede de Deus, templo do Espírito Santo; importa desligares-te das leis do mundo, do demônio e da carne e moveres-te segundo o beneplácito de teu Pai celeste, segundo o exemplo de seu Filho Unigênito e as inspirações do Espírito Santo.

Há de ser esta nova vida uma vida celestial, espiritual, santa, divina, e por conseguinte, também misteriosa, como fala frequentemente o Apóstolo. Deve ser *celestial* porque, elevado pela graça acima do que é terreno, te achas no céu com os anjos, diante do trono de Deus, para louvá-lo e honrá-lo como Autor da graça e fonte de todo bem. Deve ser *espiritual*, porque

¹) Ef 5, 8-9.²) Col 3, 1 ss.

a inspira. o Espírito Santo que move, anima e guia os filhos de Deus, livra-os da escravidão da carne e os faz levarem na carne, como se foram puros espíritos, uma vida semelhante à dos anjos do céu. Deve ser *santa*, porque se Deus é santo, seus filhos hão de ser santos também, em seus pensamentos, palavras e ações. Deve ser finalmente *divina*, porque pela graça nos fizemos participantes da natureza divina, e já não vivemos nós, mas, sim, Deus é quem vive em nós, opera em nós e nos penetra com sua essência e sua força infinitas.

Em razão disto, torna-se esta vida *misteriosa* e *oculta*, permanece velada aos olhos do mundo, e nem sequer pode ser por nós compreendida em toda a sua profundidade e elevação. O mundo, submerso nas trevas do pecado e da concupiscência, não reconhece em nós a alta dignidade dos filhos de Deus, como, tão pouco, a união íntima e nobre, conferida pela graça; e despreza assim como vã ilusão nossa vida tranquila, escondida em Deus. Não nos deixemos enganar por seus palavreados. Permanecemos fiéis à santa fé, que nos introduz, para além do mundo, em regiões invisíveis e misteriosas, aonde não pode penetrar nosso olho natural. Deixemos desenvolver Deus em nosso íntimo sua misteriosa atividade, abandonemo-nos à direção do Espírito Santo que habita em nosso coração e o enche da plenitude de sua divindade. Meditemos que a vida do Filho Unigênito na terra se ocultava igualmente aos olhos do mundo, e que, segundo as palavras do Apóstolo, quando aparecer Cristo, nossa vida, também nós apareceremos com ele na glória³.

Quanto mais misteriosa e elevada é a vida que devemos desenvolver na graça, tanto mais necessitamos de um exemplo visível, segundo o qual possamos formá-la em nós.

Em seu caráter de Filho Único e Primogênito de Deus, Cristo é o tipo e o exemplar de todos os filhos de Deus. Somente ele podia dar-nos um digno exemplo, para podermos viver como filhos de Deus; somente ele constitui um modelo digno de nossa condição e vocação tão grandiosas. Se não nos elevasse a graça, de tal forma acima de nossa natureza, fora indigno dele descer em pessoa, do céu à terra, para ensinar-nos a viver como homens simplesmente, e servos de Deus. Se de servos, subimos pela graça à condição de filhos de Deus, se de homens ligados à terra nos fizemos familiares do Altíssimo, compreende-se que somente o Filho Único de Deus possa ensinar-nos os costumes nobres e divinos correspondentes a esta nossa nova vocação.

³) Col 3, 4.

Se um homem do povo, que nunca vira a corte do rei, se visse repentinamente adotado como seu filho, não saberia, evidentemente, portar-se nesta nova dignidade; em vão procuraria instruções entre seus iguais; deveria necessariamente tomar como modelo o proceder dos cortesões e dos filhos do rei. Conosco, simples homens, dá-se a mesma coisa: somos incapazes de aprender, mediante nossa razão e com o exemplo dos outros, os costumes e atitudes correspondentes à nossa condição de filhos adotivos de Deus. Como não podíamos contemplar o Filho Único de Deus, na glória divina de que goza junto de seu Pai, foi mister descer ele à terra, para mostrar-se entre nós, em uma natureza igual à nossa e irradiar, diante de nossos olhos, sua vida divina e o esplendor de sua santidade. A ele devemos imitar, se quisermos ser filhos de Deus; cumpre revestirmo-nos dele, conformarmo-nos a ele, trazer em nós sua imagem, assimilar seu espírito, estudar e imprimir em nós seus sentimentos, suas inclinações e virtudes; e assim será o Pai celeste honrado por nós e por ele, e na mesma medida em que nele se compraz, há de também comprazer-se em nós.

Inestimável honra a nossa, que podemos imitar o Unigênito de Deus, na qualidade de irmãos seus e membros de seu corpo místico! Admiramos as virtudes heróicas e as grandes qualidades de muitos homens; julgar-nos-íamos felizes de poder adquirir ao menos uma parte daquelas, para elevar-nos, assim, acima da grande massa dos homens e da mediocridade da vida ordinária. Entretanto é infinitamente mais honroso sermos chamados a imitar e refletir em nós as virtudes celestes e divinas do Filho de Deus, que constituem a mais profunda admiração de todo o céu!

Seria vergonhoso, ao contrário, se, em nossa elevada dignidade, nos contentássemos com o vão fantasma, chamado pelo mundo de virtude do homem honrado. Ainda quando possa a honradez natural e humana embelezar um homem, não adorna a um cristão, como não adornaria tão pouco a um rei a formação e a virtude de um simples cidadão. Somos, como diz S. Pedro, *uma raça eleita, um povo santo, um sacerdócio real*⁴. Pelo batismo e pela graça fizemo-nos membros de Cristo, elevamo-nos a uma dignidade real, na qual devemos servir e glorificar, como filhos seus e irmãos de Cristo, a nosso Chefe, o Rei dos reis, para com ele reinar, e participar de seu império e sua felicidade. Somos cristãos, quer dizer, membros de Cristo, irmãos de Cristo; somos cristãos, isto é, santificados e consagrados a Deus pela unção do Espírito Santo, e, como tais, de-

⁴) 1 Ped 2, 9.

vemos levar uma vida que reproduza o exemplo de Cristo, uma vida para Cristo e em sua honra, uma vida de Cristo e por Cristo, em uma palavra, uma vida em Cristo, uma vida que Cristo viva em nós, como em seus membros, e que nós vivamos nele, como em nossa cabeça.

Mesmo entre os cristãos mui pouco se conhece a essência íntima e o caráter divino desta vida sobrenatural; têm-se noções confusas e obscuras. Esforcemo-nos por precisá-las e esclarecê-las.

Com relação à sua natureza, distinguimos no homem uma dupla vida; se lhe acrescentarmos a graça, contamos com uma terceira: a vida sensível, a vida espiritual e a vida divina. Tem cada uma seu princípio próprio, sua luz própria, um fim e móveis próprios.

O princípio da vida sensível é a alma, em sua natureza e faculdades sensíveis, pelas quais se assemelha aos animais. Em a natureza humana encontra-se uma lei natural, a lei da carne, que impele para a consecução dos bens sensíveis e materiais, como são a nutrição e a manutenção da vida corporal; a luz que guia na prossecução desta lei é a luz dos cinco sentidos, que lhe apresentam as coisas sensíveis. O fim desta lei é a conservação e a propagação da vida corporal; seu móvel radica-se no prazer dos sentidos, no gozo e apetite sensíveis, proporcionados pelos bens materiais.

Se quisesse o homem entregar-se desenfreadamente a esta vida sensível, renegaria claramente sua natureza superior e a imagem natural de Deus, que é sua alma; desceria ao nível do animal e mais baixo ainda. Vive o animal conforme seus sentidos, porquanto não pode viver de outra maneira, nem foi chamado a mais alto destino. O homem, porém, arrasta pelo lodo todas as suas faculdades superiores, ainda as mais nobres com que Deus o ornara; ao lançar-se nos braços do mundo sensível, com todas as forças e energias destas faculdades, nem de longe se mantém nos limites que a natureza dá ao animal, mas mergulha mais profundamente que o animal. Por isto, revolta-se diante de semelhante espetáculo toda a natureza superior: o espírito combate contra a carne, diz o Apóstolo⁴, e disto dá testemunho a vergonha com que o mal enrubesce nosso rosto.

Sobre a vida dos sentidos coloca-se a vida espiritual, à qual, segundo a ordem da natureza, deve submeter-se a primeira. A alma, com suas faculdades espirituais, a razão e a vontade, é seu princípio. Sua lei manifesta-se na tendência natural aos bens que correspondem à nossa natureza espiritual, e nas re-

lações naturais em que nos achamos como criaturas racionais, em face de Deus e de nosso próximo. Sua luz é nossa razão natural; seu fim, a consecução de nossa felicidade e a glorificação de Deus, glorificação que Deus tem direito a receber de um servo; seus móveis, finalmente, colocam-se na afinidade e acordo dos bens espirituais com nossa própria natureza espiritual, e no respeito da lei imperiosa de nosso poderoso Criador e Senhor.

Esta vida espiritual pode ser verdadeira e boa, ou falsa e má. É verdadeira e boa, quando seguimos a verdadeira inclinação posta pelo Criador em nossa natureza e que, no fundo, outra coisa não é, senão a própria lei do Criador; por conseguinte, quando tendemos aos bens que podem realmente aperfeiçoar e tornar feliz nossa natureza, e antes de tudo, ao conhecimento e ao amor de Deus. É falsa, ao contrário, quando buscamos unicamente os bens aparentes, como a honra diante dos homens; se em vez de marchar em busca do bem supremo e nele repousar, nos detemos nos bens finitos e criados; se, em vez de relacionar o conhecimento e o amor das criaturas com o conhecimento e o amor do Criador, nos contentamos com os primeiros. É esta falsa vida espiritual, a que leva a maioria dos homens que não se lançam de todo nas ondas da sensualidade. É menos vergonhosa e menos vil que a vida animal, não, porém, menos vã, insensata e indigna do homem, nem mais feliz que a outra.

É a verdadeira vida espiritual, que acabamos de descrever, já vida cristã, digna de um cristão? De modo algum! Corresponde ao homem natural. Se não nos houvera Deus conferido uma dignidade e um destino mais elevados, poderíamos e deveríamos contentar-nos com ela, e com isto, por seu lado, se satisfaria Deus. Se nos deu, porém, o Senhor uma dignidade e um destino superiores, como é verdade, nem ele nem nós podemos contentar-nos com esta vida. Já que pela graça de Cristo nos elevamos acima de nossa natureza, sendo mais que simples homens, participantes da natureza divina e filhos de Deus, devemos também levar uma vida sobrenatural, que se coloque, não somente acima da vida sensível e da falsa vida espiritual, mas ainda acima da mais pura vida espiritual, verdadeira e perfeita, isto é, acima de toda vida natural.

As faculdades da alma, elevadas a um estado em que se transfiguram pela graça, as virtudes infusas pelo Espírito Santo, especialmente as virtudes teologais, são o princípio desta vida sobrenatural. Sua lei é sobrenatural, não implantada em nossa natureza como tal, mas inscrita e impressa de modo sobrenatural, em nossa alma, pelo dedo de Deus. Não a podemos co-

⁴) Gál 5, 17.

nhecer, nem por nossos sentidos, nem por nossa razão, mas é-nos indispensável a fé sobrenatural, a luz do Espírito Santo. Seu objetivo é a posse dos bens mais elevados e magníficos, possuídos pelo próprio Deus, e de que ele desfruta, e a glorificação do Altíssimo, do modo em que um Pai possa desejar e esperar de seus filhos. Os motivos finalmente colocam-se neste parentesco sobrenatural e misterioso, em que entramos com Deus pela graça, e na atração maravilhosa exercida por Deus e seus bens sobrenaturais em nós, consequentemente a este parentesco.

Comportamo-nos, pois, como cristãos, tão somente quando vivemos da graça, quando seguimos, pela luz da fé, a lei que nos fora revelada pelo Espírito Santo; quando tendemos à felicidade prometida por Deus; quando nos deixamos guiar em nossas ações por motivos sobrenaturais. Se quisermos viver de conformidade com nossa natureza celeste, não podemos deixar de levar uma vida *sobrenatural*; com efeito, somente o sobrenatural é adequado ao homem que foi colocado acima de todos os limites de sua natureza. Até certo ponto, deixa o sobrenatural de ser sobrenatural, convertendo-se para este homem em uma segunda natureza; agiríamos contrariamente à nossa natureza superior, se nos contentássemos com viver uma vida humana natural.

Agiríamos assim contrariamente à nossa natureza, do mesmo modo que um homem racional que não quisesse viver segundo os ditames da parte mais nobre de sua natureza, a razão, e, sim, conforme sua parte inferior, os sentidos. É natural ao verme arrastar-se na terra, e seria um despropósito pretender ele alcançar o voo às alturas. Se se transformasse, porém, em ave, dotado de asas pela onipotência divina, tal pretensão já seria inteiramente razoável, natural, e desde esse momento começaria ele a agir contra a própria natureza, se insistisse em não ganhar as alturas, mas continuasse arrastando-se no solo.

Igualmente, seria fora de propósito pedir ao homem natural e terreno, enquanto dentro de sua condição, elevar-se a uma vida divina e celeste. Quando, porém, com o auxílio da graça, se despojou de sua natureza rasteira e se revestiu de uma natureza divina, renegaria a si mesmo, se continuasse sua vida anterior, recusando mover-se nas regiões superiores.

Não pensemos possam e devam somente os grandes santos desenvolver uma vida sobrenatural. Importa, com efeito, saber não consistir esta vida nas iluminações especiais, nos êxtases e milagres com que Deus os favorece, mas, sim, na união íntima com Deus, a todos acessível pela graça, e na consagração con-

ferida a todos os atos da vida cristã pela união do Espírito Santo. A dignidade e o destino comuns a todos os cristãos são a base sobre que elevaram os santos o edifício altíssimo de suas virtudes e graças; constituem a raiz que desenvolve nos santos toda a sua riqueza e plenitude. Contamos também nós com a mesma base, a mesma raiz de santidade, e se não se desenvolve esta tão gloriosamente em nós, a razão é que, na maioria dos casos, não colaboramos suficientemente com a graça, ou lhe pomos mil obstáculos.

Diz a Escritura: *Deus é admirável em seus santos*⁴. É admirável pela alta perfeição que lhes confere, admirável nos favores sobrenaturais que lhes concede, admirável finalmente pelos milagres que opera por meio deles. É também admirável em todo cristão que cuida em desenvolver e conservar em si a santidade recebida no batismo. Todo ato sobrenatural realizado por nós, como o ato de fé, esperança e caridade, é um milagre que Deus opera em nós, superior a todos os sinais exteriores que jamais haja realizado em seus santos ou por meio deles; milagres tão grandes como as iluminações e os sentimentos celestes, tão frequentemente concedidos por Deus a seus santos. De fato, pois, no fundo, nada pode haver tão grande na terra, como os atos das virtudes divinas, pelos quais entramos na participação da própria vida de Deus; os favores especiais não passam de meios que servem para mais estreitamente unir os santos a Deus, pela fé, esperança e caridade, e incitar os outros homens à união sobrenatural com Deus.

Como é possível existirem ainda tantos mortais que, esquecidos de sua vocação, prefiram manter-se apegados à terra a se deixarem levar por Deus ao céu; que gostem mais de mover-se nos limites de sua pobre natureza, do que franqueá-los e partilhar, com os anjos, de uma vida celeste e divina? Não me refiro aos que se entregam aos prazeres da carne e se rebaixam ao nível dos brutos, nem também aos que, sem se chafurdarem no lodo, são escravos das aparências do mundo, mas, sim, àqueles que, se acreditarmos em suas palavras, querem exercer de modo racional a virtude e o culto natural de Deus, e desprezam ou ridicularizam tudo que excede à sua razão, como misticismo, hipocrisia e superstição. Poderiam ultrajar mais a Deus, cujos dons mais elevados e gloriosos desdenham e repelem? Podem por acaso prejudicar-se mais grandemente do que esquecendo e renegando a sua dignidade celeste, e fechando sua alma à graça?

⁴ Si 67, 36. Cf. p. 218, nota 16 (do texto).

Espero, ó cristão, estejas longe de tal proceder, se é que te compenetraste do que significa teu nome, e te glorias em trazê-lo. Une-te com todo o ardor de tua alma à graça; como verdadeiro filho de Deus, esforça-te por fazer-te, cada dia, mais semelhante e mais conforme a teu modelo divino, Jesus Cristo. Não te dirijas segundo as leis do mundo perverso, nem mesmo somente pelas leis da sã e nobre razão, mas unicamente pela lei da graça e do Espírito Santo. Conserva-te na altura luminosa a que te elevou a graça; floresce, levado pelo Espírito de Deus, acima do que é terreno e de tua própria natureza; transplanta-te, para daí não saíres, às portas do céu. Entrega-te com todo o ardor ao exercício das virtudes celestes, que se te infundiram no batismo. Somente este exercício constitui uma ocupação digna de tua nova condição; somente nele consiste a atividade da vida natural e divina dos filhos de Deus.

CAPÍTULO VII

O EXERCÍCIO DA CARIDADE SOBRENATURAL PARA COM DEUS

No exercício da caridade sobrenatural para com Deus consiste o ato mais especial, mais natural, e ao mesmo tempo, mais nobre do homem renovado e regenerado pela graça divina. Esta caridade deve ser o sopro que anime o filho de Deus, a palpação que lhe mova o coração e a mola de todas as suas ações.

A comunicação da graça é a melhor prova do amor íntimo e elevado que Deus consagra à sua criatura. A graça é o ósculo pelo qual Deus, em sua indizível condescendência, adota a alma como filha sua, amiga e esposa. Pode a alma fazer coisa melhor e mais acertada para corresponder ao amor pelo qual Deus assim se aproxima dela, do que pagando-lhe amor com amor? Em latim existe um trocadilho para designar o reconhecimento tributado por manifestações de amor: *fazer um obséquio e corresponder obsequiado*, expresso por nós, nestas palavras: pagar amor com amor¹. Se, falando de modo geral, deve o amor provocar amor, de modo especial assim há de ser o amor divino que, pela graça, se dirige a nós. Quando Deus nos dá a graça, faz-nos juntamente dignos de seu amor e nos comunica a força de pagar-lhe com amor, o que nenhum outro amor pode fazer. E mais ainda, une-se ele tão intimamente à alma, que

¹) *Ferre gratiam et referre gratiam.*

não somente está e permanece substancialmente presente em seu interior, mas ainda forma, por assim dizer, um todo, um espírito com ela². Pode haver algo mais natural do que inflamar-se a alma do mais acendrado amor, ao ver-se amada por Deus de modo tão inefável, ao perceber-se animada e atraída por ele, ao notar sua presença e sentir-se uma só coisa com ele?

Nada mais próprio à natureza do fogo, do que iluminar e aquecer. A graça faz-nos participantes da natureza divina; é o ardor que comunica à alma a semelhança de Deus e a transforma em imagem de sua essência divina, que é o mais ardente fogo espiritual. Nada, pois, mais natural para ela que iluminar e aquecer, iluminar-nos a respeito do conhecimento de Deus, aquecer-nos no amor divino. A graça iluminar-nos-á perfeitamente, quando houver cedido o lugar à luz da glória e permitir-nos contemplar a Deus, face a face. Por isto, na terra, deve principalmente aquecer; assim como a contemplação de Deus é o ato mais natural e mais importante dos bem-aventurados no céu, assim também o amor de Deus é o ato mais natural e mais importante dos que possuem a graça, na terra. Disse-o o próprio Salvador: *Vim trazer o fogo à terra, e que hei de querer, senão que ele arda*³?

Esforcemo-nos por acendê-la e deixar que arda em nós; que se penetre nossa alma pelo fogo da graça que transfigura e enobrece; transforme-se nossa vontade em uma fogueira viva de amor. Vivamos e trabalhemos na caridade!

O amor de Deus, além de ser a atividade e a ocupação mais natural e adequada, vem a ser também a mais elevada atividade de uma alma em graça, ou melhor, é a atividade mais própria e mais natural de um filho de Deus, por sua dignidade altíssima, por ser mui especialmente divina. Nem o mesmo Deus tem ocupação mais nobre e mais elevada do que a contemplação de seu próprio amor; somente esta ocupação é digna de sua infinita grandeza, e por outro lado, absorve seu infinito poder. Desde toda a eternidade, não faz ele outra coisa senão contemplar e admirar sua formosura e bondade, sem ter jamais precisado de coisa alguma. A grandiosa obra da criação ocupa apenas um instante único de seu amor. Não passa de uma centelha que emerge de seu ardente amor divino, para revelar em miniatura sua infinita plenitude e sua glória. Não se vê, pois, que possa realizar a criatura coisa maior do que amar a Deus. Como pode o filho demonstrar a Deus, com maior eloquência, que realmente participa de sua natureza, e que é a ele conforme, senão

²) 1 Cor 6, 17.

³) Le 12, 49.

amando-o, e de modo particular, amando-o como ele mesmo se ama? Se toda a criação é nada, em comparação com o amor divino do qual procede, é lógico que quantas obras possa realizar uma criatura desaparecerão diante de um só ato de amor de Deus.

Este ato é tanto mais perfeito quanto é seu objeto mais elevado e mais intimamente unido a ele. Pode haver objeto mais elevado que Deus, o bem infinito? E podemos unir-nos, ao menos nesta terra, mais estreita e perfeitamente a este objeto, do que por meio do amor? E se já é isto verdade, tratando-se do amor natural de Deus, como não o há de ser então, tratando-se da caridade sobrenatural, pela qual abraçamos a Deus e dele gozamos, em sua essência, na maior intimidade? Com efeito, assim como somente o amor de sua essência é digno de Deus, assim também a caridade divina para com ele é a única ocupação digna de seus filhos. Se não tivéssemos outra coisa a fazer na terra, deveria bastar-nos esta caridade, pois somente ela nos faz mais semelhantes a Deus do que todas as demais ações, por maiores que sejam. Sim, unicamente nela devemos colocar nosso orgulho, e assim como podemos gloriar-nos do que Deus realiza em nós ao tornar-nos participantes de sua natureza pela graça, assim também devemos gloriar-nos de poder amá-lo como ele mesmo se ama.

E' algo tão grande e elevado esta caridade, que os teólogos e escritores espirituais afirmam que nos diviniza e nos transforma em Deus⁴. A graça transforma nossa natureza em Deus, pela assimilação e a união mais estreita que se pode dar com sua natureza. Além disto, a caridade sobrenatural *deve transformar nosso afeto em afeto divino*, mediante a assimilação e a união mais íntimas que possam existir com a caridade e a bondade divinas. Procuremos abordar mais de perto este mistério.

Sempre que nos consideramos no ponto de vista de nossa natureza, nós nos amamos ainda para nós mesmos; somos o primeiro objeto de nosso amor, ainda quando devamos estimar e amar a Deus como nosso Criador, infinitamente mais que a nós mesmos. Ao contrário, pela graça unimo-nos tão intimamente a Deus, que de modo misterioso nos fazemos uma só coisa com ele, somos de certo modo nele absorvidos, como um membro no corpo, vivemos dele mais que de nós mesmos. Por esta razão, Deus deve ser o primeiro e único objeto de nosso amor, de modo que, não vivendo senão *dele*, vivamos só *para ele*. Se, conseqüentemente, nosso amor sobrenatural é uma par-

ticipação do amor com que Deus se ama, não podemos, com ele, amar senão como Deus se ama, isto é: em primeiro lugar, não podemos apreender senão a Deus, e amar tudo o mais senão enquanto se assemelha a Deus, se une a Deus ou a ele pertence. Por este amor, já não nos é possível amar-nos como a Deus e fora de Deus, mas unicamente em Deus e por Deus. Assim como pela graça nos despojamos da baixeza de nossa natureza e saímos de sua estreiteza, do mesmo modo, devemos abandonar, pela caridade sobrenatural, nosso amor próprio natural e sair dos estreitos limites de nossa vida natural, a fim de não vivermos senão em Deus e para Deus, como se formássemos um ser, uma pessoa com ele. Já não temos então direito de separar-nos de Deus, de amar-nos ou amá-lo com outro amor. Se Deus só se ama para si e também a nós para si, devemos igualmente amar a Deus para ele, e amar-nos nele. Sendo nós um espírito com ele, pela semelhança e união de nossa natureza com a sua, devemos ser um espírito com ele pela semelhança e união de nosso amor com o seu.

"Oh! santo e casto amor! — exclama S. Bernardo — Oh! sensação doce e amável! Inclinação pura e nobre da vontade! Tanto mais pura e límpida quanto não contém nenhuma mescla de amor próprio; tanto mais sólida e amável, quanto é divino o que se experimenta! Gozar de tal condição se chama estar divinizado. Como uma gota derramada em uma quantidade de vinho parece absorver-se inteiramente nele, pois toma o sabor e a cor do vinho; como o ferro penetrado e aquecido pelo fogo, privado de sua própria forma anterior, se torna inteiramente semelhante ao fogo; como o ar atravessado pela luz do sol se transforma em raio de luz, de sorte a não mais parecer uma coisa iluminada, mas, sim, a própria luz, assim também todos os afetos humanos devem projetar-se fora de si próprios de modo inefável, e lançar-se inteiramente no beneplácito divino. Como estaria Deus todo em todos se ficasse ainda no homem alguma coisa do homem"⁵!

Vês, assim, ó cristão, quão gloriosa e elevada seja a perfeição da caridade a que foste chamado pela graça; oculta-se esta perfeição na graça como em seu germe, de tal modo que só te cumpre desenvolvê-la com o auxílio de Deus. Não estremeças, se ouvires falar de renúncia, abandono, aniquilamento de ti mesmo, ou melhor, de teu amor próprio. Não deves sacrificar-te senão para te encontrares aperfeiçoado e mais belo em Deus. E' o momento de deixares de amar-te por ti mesmo com um amor

⁴) S. Tomás, II-II, q. 23 e 24. ⁵) S. Tomás, I-II, q. 63, a. 5.

⁶) *De dilig. Deo*, c. 10, n. 28.

humano e natural, e de começares a amar-te em Deus e por causa dele, com um amor divino e santo. Como diz S. Bernardo, a renúncia é tanto mais doce e amável, quanto mais pura e perfeita; e como a graça não suprime nossa natureza mas a eleva, assim o amor divino que dela procede não fará senão transformar teu amor para contigo, a fim de enobrecê-lo e santificá-lo.

Nesta vida, porém, a graça não transfigura nossa natureza de forma tal que lhe suprima todas as enfermidades e misérias; a união perfeita com Deus e a transformação total em sua imagem só se dará no céu. Por isto, não é possível seja nossa caridade, neste mundo, absolutamente divina; isto é, que nada amemos ou sintamos fora de Deus, ou que amemos unicamente em Deus e por Deus; só na eternidade, onde estará Deus todo em todos, este indescritível gozo será nossa herança. Isto não impede, porém, tendamos, desde agora, para esta perfeição, a fim de adquiri-la em determinado grau. Pela graça, nascemos para o céu; o amor que nasce da graça deve ser da mesma espécie, — embora não tão perfeito — que o dos bem-aventurados no céu.

Se não podemos despojar-nos de todo amor carnal para conosco e as criaturas, é-nos possível, contudo, consagrar a nós e às outras criaturas um amor sobrenatural e divino, como também está em nossa mão vigiar para que o primeiro amor não se oponha ao segundo. A isto se reduz, em última análise, o mandamento do amor, tal como no-lo impôs Deus na terra. As almas nobres e generosas, porém, não se contentam com isto; procuram, ainda na terra, ombrear com os bem-aventurados. Assim, pela mortificação completa da natureza e de todo amor natural, esforçam-se por se abismarem totalmente nas profundezas da graça, por ampliar e nutrir, em si, o amor divino sobrenatural. Sempre que podem, renunciam a suas tendências e desejos naturais, ainda quando não contrários à graça, pela simples razão de que dificultam e enfraquecem a intimidade de de sua união com Deus. Se não podem fixar em Deus todas as suas faculdades e inclinações, relacionando-as com ele, procuram, ao menos, manter sua vontade dirigida para ele e a ele unida. Seu empenho constante é transformar, pelo amor, esta vontade própria, de modo que, penetrada pelo amor divino, não queira e não ame, senão o que Deus quer e ama, e porque Deus o ama e quer. Vivem em Deus, e Deus nelas. Com toda exatidão podem exclaimar com o Apóstolo: *Vivo eu, mas já não sou eu quem vive, e, sim, Cristo que vive em mim*⁷.

⁷) Gál 2, 20.

A isto se chama viver da graça, unir-se realmente com Deus por amor, como ele se une a nós pela graça. Se nem todos podem adquirir facilmente a perfeição possuída pelos santos, devem ao menos esforçar-se por consegui-la em certo grau; do contrário, são infiéis à graça que se lhes confere, não se apoderam de sua força, não desenvolvem seu germe. De outro modo, enterram este fogo sagrado sob a cinza e apagam sua chama, fazem-se tibios e objeto de aversão aos olhos do amor eterno⁸, e se arriscam a privar-se da brasa que ainda arde debaixo da cinza. A preguiça afeta mais a graça, do que a inação a natureza. Quem não a deixa trabalhar em si, a despreza e despreza a Deus que no-la dá para que nos inflamemos. Aquele que dá alguma coisa a um ingrato, a tem como perdida. Aquele que observa que seus dons não são utilizados, arrepende-se de os ter oferecido. O menos que podemos fazer é ser reconhecidos para com Deus e utilizar sua graça zelosamente, se a quisermos conservar em nós.

Esforcemo-nos, pois, por cuidar e utilizar da graça que o Espírito Santo derramou em nós; deixemos que ela penetre todas as nossas ações e nossa vontade completamente. Retiremos a cinza de nossas inclinações pecaminosas e terrenas, debaixo da qual dorme o fogo sagrado, e, quanto ao mais, deixemos operar Deus. Ele mesmo se encarregará de inflamar e aumentar este fogo; atrair-nos-á cada vez mais a si, unir-nos-á mais intimamente consigo, e poderemos nós também dizer com o Apóstolo: *Vivo eu, mas já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim*.

CAPÍTULO VIII

O EXERCÍCIO DA CARIDADE FRATERNA SOBRENATURAL

Além de amar a Deus, devemos também amar sobrenaturalmente ao nosso próximo, ou melhor, a caridade para com Deus deve exercitar-se na caridade para com o próximo. Com efeito, a caridade sobrenatural para com o próximo e a que se refere a Deus são uma só virtude, a mesma virtude; a primeira encerra-se na segunda e nela se contém⁹.

Dispensamos a nossos semelhantes um amor natural, porque são homens como nós, assemelham-se a nós, possuem certas

⁸) "Mas porque és morno, nem frio nem quente, começarei a vomitar-te de minha boca" (Apoc 3, 16).

⁹) S. Tomás, II-II, q. 25.

qualidades naturais, ou porque nos estão unidos por laços mais ou menos estreitos de parentesco ou de comunidade. Assim, o filho ama a seu pai, o irmão a sua irmã, o amigo ao amigo, o cidadão ao cidadão. Segundo a doutrina da Santa Igreja, este amor não é reprovável, é bom em sua natureza, sempre que não se oponha ao amor de Deus e não infrinja as prescrições da lei divina¹. É, porém, um amor humano e natural, e não divino e sobrenatural; não é o amor cristão tal como convém ao homem regenerado pela graça em Cristo, nem é um amor meritório diante de Deus, para a vida eterna. Seria grande loucura querer aproveitar-se ou gloriar-se dele, ou tê-lo por mais glorioso e belo que o amor fraterno proveniente da graça.

Como cristãos devemos amar a nosso próximo, não pela natureza, mas, sim, pela graça, e para isto, devemos amá-lo não segundo a natureza, mas de acordo com a graça, isto é, porque está ele unido a nós pela graça. Devemos amá-lo porque participa também ele da natureza divina e foi elevado acima de sua própria natureza, ou ao menos porque foi chamado a semelhante elevação e transfiguração. O motivo de nosso amor não deve ser a natureza humana, mas, sim, a natureza divina que lhe imprime sua própria imagem; o objeto de nosso amor deve ser, mais que o próximo em si mesmo, Deus que a ele se une; por isto, devemos consagrar-lhe o mesmo amor sobrenatural e divino que consagramos ao próprio Deus.

Com efeito, não é acaso nosso próximo filho de Deus pela graça, nascido e gerado de Deus, imagem sobrenatural de Deus? Não deve o amor que temos a Deus, a ele estender-se pelo fato de ser filho seu? Não é também, pela graça, um irmão, e mais ainda, um membro vivo de Jesus Cristo? Como podemos então amar a Cristo, sem amar, com ele e nele, a seus irmãos e membros? Não é ele, pela graça, um templo onde habita real e pessoalmente o Espírito Santo com toda a sua divindade, não somente como um homem em sua casa, mas como a alma no corpo? E' concebível separemos o que tão íntima e indissolúvelmente uniu o amor divino? Verdadeiramente, como cristãos, somente em Deus e para Deus podemos amar a nossos semelhantes; e se nos achamos ligados preferentemente a alguns pelos laços do parentesco ou da amizade, devemos considerar igualmente estes laços em relação com Deus que os criou, dando-lhes assim uma consagração celeste e uma nobreza divina.

¹) Cf. a Bula de S. Pio V contra os erros de Baio (*Ex omnibus afflictionibus*, nn. 36 ss).

Com efeito em Deus e pela graça, nossos semelhantes se aproximam verdadeiramente de nós, de um modo que não conseguiriam por todas as relações naturais. Na graça unimo-nos a Deus e a nossos semelhantes; penetramos, por assim dizer, no seio e no coração de Deus, que a todos nos transformou nele. Este é o motivo pelo qual o amor cristão sobrenatural se chama, de preferência, amor fraterno. Segundo a natureza, aproximam-se de nossa pessoa uns mais que os outros, e muitos nenhuma relação têm conosco. A graça nos aproxima a todos de um modo misterioso; por ela, somos todos filhos de Deus, irmãos em Cristo, pedras de um mesmo templo divino, e membros de um mesmo corpo místico de Cristo; todos são "nosso próximo", e por isto devemos abraçá-los a todos, com os braços do único amor divino.

Como se vê, o motivo sobrenatural principal da caridade fraterna funda-se no fato de possuir nosso próximo, mediante a graça, uma dignidade sobrenatural². Não deixa contudo de ser a graça possuída por nós, que nos impele para este amor.

Como já o afirmamos, aquele que é amado, deve amar por sua vez; o que recebe a graça deve mostrar-se reconhecido e dar, em troca, o que está a seu alcance. Nada podemos dar a Deus, que já não lhe pertença, ou de que possa retirar alguma vantagem. Pede-nos, por isto, que o amemos e tratemos o próximo, segundo a medida de nossas forças, como fomos amados e tratados por ele. Em troca, promete-nos que quanto fizermos por seus filhos, aceitá-lo-á como se a ele próprio o fizéramos. *Meus amados irmãos*, diz S. João, *se Deus nos amou a tal extremo, cumpre que nos amemos uns aos outros*³. Exorta o Apóstolo: *Sede mutuamente afáveis, compassivos, perdoados uns aos outros, assim como também Deus vos perdoou por Cristo*⁴. Quanto maior foi a graça de Deus ao adotar-nos como filhos seus, e mais ampla sua generosidade, e inesgotável sua misericórdia ao se dar a nós, tanto mais generoso e condescendente deve ser nosso afeto para com aqueles a quem assistir e prestar auxílio. Não deve ter limite nossa bondade e misericórdia para com nosso próximo, como não o teve a bondade e misericórdia de Deus para conosco. Tendo-se Deus dado inteiramente pela graça, e havendo oferecido sua própria vida para que a obtivéssemos nós, justo é que também nos demos ao próximo e ofereçamos nossa vida por sua salvação. Só então seremos verdadeiramente filhos seus; só então reconheceremos real

²) S. Tomás, II-II, q. 26.

³) 1 Jo 4, 11.

⁴) Ef 4, 32.

a perfeitamente a condescendência e a graça que nos manifestou, e mostraremos que somos dignos dela.

Tais são os motivos que comunicaram à caridade dos primeiros cristãos e de todos os santos, o espírito magnífico, o entusiasmo sobre-humano, que, como se fora aparição de um mundo superior, assombrava os pagãos e lhes arrancava esta confissão: Vede como eles se amam! Sem dúvida, só pode amar como os santos, aquele que compreende como é ele próprio amado por Deus, assim como seu próximo, como deve estar profundamente reconhecido pela graça recebida, e como merece o próximo, porque filho de Deus, e irmão de Cristo, o mesmo amor e a mesma consideração que Deus, pois nele habita como Senhor.

Sei, ó cristão, que depois de meditar e compreender as maravilhas da graça, nada disto ignoras. O que importa agora é não te deixares para trás no caminho do amor, mas te apressares a seguir as pegadas dos santos. Seria lamentável que para o futuro te mostrasses indiferente para com teu próximo, que desprezasses aquele que pela graça é filho de Deus, herdeiro do céu, membro de Cristo e templo do Espírito Santo. Será possível que feches o coração e a mão, negando-lhe teu auxílio e serviço, quando Deus derramou sobre ti a plenitude de seu amor infinito e te enriqueceu com todos os seus tesouros? Não o crelo: irás, certamente, com os anjos, prestar teus serviços a Deus e a seus filhos. Sentir-te-ás feliz de manifestar a Deus, mediante os serviços prestados ao próximo, alguma coisa do amor imenso que ele mostrou para contigo. Amá-lo-ás como Deus o ama. Não esqueças ter Deus descido do céu à terra, e derramado por ele seu precioso sangue. Sim, amou-o até o fim, até à morte⁶. Amá-lo-ás, segundo a exortação de S. João, *não com palavras e com a língua, mas de coração e em verdade*⁷.

Queres saber com que atos darás testemunho de teu amor ao próximo, e com que bens o podes enriquecer?

Primeiramente, está claro, com os bens sobrenaturais da graça, que com tanta generosidade te dispensou Deus e quer que chegue a teu próximo, por teu intermédio. Se amas verdadeiramente a Deus, desejarás, antes de tudo, lhe esteja unido também teu próximo, com o mesmo amor; se amas a teu próximo em Deus, e te preocupas com sua felicidade, teu primeiro pensamento se encaminhará a fazê-lo desfrutar da felicidade em que te achas abundantemente mergulhado pela graça. Que

⁶) Cf. Gál 2, 20; Ef 5, 2.

⁷) 1 Jo 3, 18.

te será impossível conseguir, com o auxílio de Deus, se nada há tão abençoado por ele, como o zelo caridoso pela salvação das almas? Podem tuas orações alcançar, para os fiéis, que a aurora da fé, mensageira da graça, se levante em seus corações; podes pedir pelos pecadores, a fim de que Deus os reconduza ao seio da graça, por uma conversão sincera; podes rezar pelos justos, para que perseverem na graça até o fim, e nela cresçam constantemente. Podes fazer que teu exemplo brilhe diante dos homens, para que conheçam quão doce e agradável é estar unido a Deus e quão fácil, com sua graça, vencer o pecado e praticar a virtude. Está em tuas mãos ensinar os que se encontram no erro, firmar os vacilantes, exortar os negligentes, advertir os imprudentes, arrancar da companhia dos sedutores os que se acham em perigo de serem seduzidos. A caridade encontrará mil outros meios para pôr-se em ação, porque é engenhosa, e tanto mais engenhosa, quanto é mais ardente e solícita.

A caridade celeste tende, em primeiro lugar, a comunicar os bens celestes. Entretanto, assim como o Filho de Deus desceu à terra, não só para trazer-nos os bens espirituais, mas também para curar as misérias corporais da humanidade — passou fazendo o bem, e cada um de seus passos proclama seus maravilhosos e benéficos milagres⁸ — assim também, o amor divino que o cristão professa pelo próximo, sem renegar sua origem e seu caráter celeste, se estende da alma ao corpo. O homem todo se santifica pela graça; também o corpo é templo do Espírito Santo e está unido ao corpo místico de Cristo; também ele destina-se a participar, um dia, da transfiguração da alma pela graça, e a gozar, com ela, da glória. Não é verdade que sobram motivos para o cristão consagrar ao corpo do próximo o mesmo amor sagrado que dedica à sua alma? Assim o compreenderam todas estas almas esclarecidas, que se consagraram aos serviços dos pobres e dos enfermos com maior ternura e entusiasmo do que as mães, ao cuidado de seus filhos. Vemo-las oferecer, alegremente, sua fortuna, seu trabalho, sua saúde e a própria vida, para alimentar aos que têm fome, vestir os nus e cuidar dos enfermos. Se não conseguem curar as enfermidades, e se, como o Salvador, não multiplicam o pão, com milagres, não é menos verdade realizarem elas o milagre da abnegação, do sacrifício, da renúncia, da caridade; semelhantes milagres só podem provir da maravilhosa virtude da graça.

Este espírito de Caridade, constantemente vivo na Igreja de Cristo, sopra, em nossa época, com um poder e uma for-

⁸) At 10, 38.

ça novas, e aumenta constantemente o número de corações que se deixam prender e arrastar por ele. Não experimentas em ti este impulso? Não queres renovar, em ti, a vida e o trabalho do divino Salvador na terra? Deus te chama; a graça de Cristo te impele. Abre os olhos de tua alma e de teu corpo. Os do corpo mostrar-te-ão a miséria indescritível em que gemem e parecem tantos de teus irmãos; os da alma far-te-ão ver a grande dignidade, pela qual merecem teu amor e simpatia. E isto o verás com tanta maior clareza, quanto forem mais notáveis sua necessidade e indigência. Se não te sentires inclinado a ajudar e a consolar, na medida de tuas posses, em vão trazes o nome de cristão, não és digno de possuir a graça de Deus, porque a graça é caridade, e a caridade está impregnada de misericórdia.

Em todo caso, não esperes que Deus se mostre pródigo de sua graça para contigo, no futuro. *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*⁹. *Dai, e vos será dado*¹⁰. A misericórdia e a caridade que exercermos para com os outros são tão agradáveis e meritórias aos olhos de Deus, que o Salvador se limita a mencionar as obras de misericórdia entre as que serão recompensadas no último dia, ao mesmo tempo que aponta como causa única de condenação dos réprobos a negligência destas obras¹¹. Deus, na distribuição da graça, segue quase sempre a mesma regra que na distribuição da recompensa eterna. Se nos tivermos mostrado mui generosos com o próximo, na mesma proporção abundará a graça em nós, e quanto mais tivermos regateado nosso auxílio, tanto mais avaro se mostrará conosco. Com efeito, recusamos a Deus o que recusamos ao próximo que é seu filho, membro de seu corpo, e templo onde ele habita; e o que damos ao próximo, damos-lo a Deus, que o aceita, como se a ele o tivéssemos dado em pessoa.

Mas para que aceite Deus nossos dons, é mister tenhamos intenção de lho dar, isto é, que vejamos Deus em nosso próximo e a este sirvamos por amor de Deus. Toda esmola dada sem espírito de fé, por motivos naturais, como são a piedade e a bondade meramente humanas, é dada ao próximo, e não a Deus, que não a reconhecerá, nem a recompensará com os bens sobrenaturais da graça.

Reaviva, pois, em ti espírito de fé e de caridade divinas, fonte de consolos e de incontáveis benefícios, e a bênção da graça divina seguirá cada um de teus passos.

⁹) Mt 5, 7.

¹⁰) Lc 6, 38.

¹¹) Mt 25, 31-46.

CAPÍTULO IX

O EXERCÍCIO DA HUMILDADE E DA CASTIDADE SOBRENATURAIS

Vimos como as maravilhas da graça são a base e o motivo de nossa união sobrenatural, na caridade, com Deus e com o próximo. Não conhece o mundo esta caridade, porque não provém da natureza, mas, sim, do Espírito Santo; porque é uma realidade divina e celeste, e por conseguinte, especial à ordem da graça cristã. Dela procedem igualmente todas as outras ações santas que distinguem a vida do cristão da do homem natural; tais ações devem influenciar-se, de algum modo, pela caridade; se dela não procedem, devem, ao menos levar a ela, e dirigir-se, de algum modo, ao mesmo fim a que a caridade nos une¹.

Poderíamos percorrer aqui todas as virtudes, demonstrando que o cristão em estado de graça deve exercê-las de modo sobrenatural². Não há, porém, necessidade disto, se estão a caridade e a fé vivas em nós. Se forem elas perfeitas, compreenderemos e exerceremos também perfeitamente as virtudes sobrenaturais; se só possuímos a fé, esta compreensão e o exercício das virtudes seriam necessariamente imperfeitos.

Com efeito, aquele que ama com ardor, tudo faz por amor; para ele, é o amor seu mestre. Se consagramos a Deus um ardente amor sobrenatural, quanto fizermos se envolverá neste amor e tudo referiremos a seu fim sobrenatural; nossas ações receberão a mais alta consagração. O amor derramado em nós pelo Espírito Santo é a unção de Deus, da qual diz S. João: *A unção que recebestes do Pai, permanece em vós; com isto, não precisais de que ninguém vos ensine, pois sua unção vos informa sobre o que vos é mister*³. Aquele que ama, sabe o que é amar, como também o que é agir por amor; traz em si a raiz de todas as virtudes sobrenaturais, contempla a formosura celeste de suas flores em sua essência íntima, com uma precisão incomparavelmente mais exata do que o podem exprimir as palavras.

Se tu, cristão, não te abrasas de amor, e queres, por outro lado, exercer as virtudes sobrenaturais, não se te oferece caminho mais curto e excelente do que adquirir a caridade e nela te inflamar. Se te é por demais difícil conseguir tão prontamente

¹) S. Tomás, II-II, q. 23.

²) Cf. o apêndice, p. 347 ss. (do texto).

³) 1 Jo 2, 27.

uma ardente caridade, aviva, ao menos, tua fé. Considera, à sua luz, Deus, teu próximo e a ti mesmo; observa, nela, as relações que te ligam aos outros, bem como teus deveres. Considera que, pela graça, Deus é teu Pai; o próximo, teu irmão; e tu mesmo, filho de Deus, membro de Cristo e templo do Espírito Santo. Então, sim, adorarás a Deus, não com temor servil, mas com respeito filial; verás em teu próximo um concidadão do reino do céu e um membro da família de Deus; honrarás a ti mesmo e te santificarás, não somente como criatura racional, mas ainda como imagem sobrenatural de Deus, como seu nobre santuário. Desta sorte, os direitos, que deves estimar em ti mesmo e em teu próximo, se te mostrarão em seu esplendor sobrenatural, e teus deveres aparecerão na consagração, igualmente sobrenatural, que lhes confere a graça.

Embora possam bastar estes princípios gerais, queremos entretanto expor duas virtudes morais, a humildade e a castidade cristãs; para nelas mostrar, de modo mais profundo, o caráter e a tendência da vida sobrenatural. Estas duas virtudes são as flores mais belas e mais distintas que brotam da árvore de graça; enlaçam-se especialmente com os méritos da graça e da caridade. Ao elevar-nos até Deus, arranca-nos a graça de nosso orgulhoso egoísmo, da ambição de nosso espírito e do lodaçal da carne; ao mergulhar nossa alma em Deus e ao fazer-nos encontrar, somente nele, nossa mais doce alegria, ensina-nos a caridade sobrenatural a estimar em nada nosso próprio valor e todos os prazeres sensíveis. Pelas virtudes da humildade e da castidade principalmente, nosso amor para conosco se faz mais sobrenatural. Cumpre-nos também ocuparmo-nos com o amor sobrenatural a nós mesmos, depois de termos tratado do amor sobrenatural a Deus e ao próximo.

A humildade propriamente dita é coisa dificilmente conhecida fora do cristianismo, e mesmo entre os cristãos, é mui pouco compreendida em seu imenso valor sobrenatural. Dir-se-ia que nada parece favorecer menos a humildade; como a graça cristã, que tão alto eleva nossa natureza. Dá-se, entretanto, absolutamente o contrário.

Se Deus nos eleva até fazer-nos participantes de sua natureza, o faz pela graça e por seu livre amor, sem que de modo algum o mereçamos; e tanto melhor reconhecemos esta impotência e falta de mérito por parte de nossa natureza, conforme vamos compreendendo a glória e a grandeza da graça. Justamente, não há ocasião mais propícia para verificarmos o pouco que, de si, vale nossa natureza, a insignificância de nossas perfeições naturais, comparadas com os bens e as incontáveis

glórias da graça — bens e glórias que nossa natureza não possui, nem pode, por si mesma, adquirir, — o pouco que nossa natureza se parece e se conforma a Deus, e que, de modo algum, é digna de seu amor e de sua complacência. Não podemos deixar de nos humilhar, ante o amor condescendente e misericordioso que se digna abaixar-se tão profundamente até nós, para nos elevar até ele; diante disto, só nos resta exclamar com o piedoso Job: *Quem é o homem, para que o glorifiques? Por que inclinas até ele teu coração?*⁴

Podemos estabelecer uma regra geral a este respeito: quanto mais alto é elevada por Deus a criatura, tanto mais deve desprezar-se a si mesma. Quem, dentre os mortais, foi jamais tão exaltado e cumulado de graças por Deus, como sua Mãe? E contudo, não houve criatura tão humilde. Como pode ser isto? Reconhecia ela que todos os seus privilégios eram dons do alto, que só a Deus cabia a honra, por ela não merecida. Por isto, cantava: *Glorifica minha alma ao Senhor, porque olhou a baixeza de sua escrava; foi o onipotente quem operou em mim grandes coisas*⁵. Quanto mais elevada, mais penetrava o abismo infinito que separava seu nada das maravilhas com que Deus a cumulara, e que ela não podia merecer; assim, como Mãe de Deus, se transformou na mais humilde escrava do Senhor.

Assim como devem a humildade e o desprezo de si ser despertados e alimentados, mui particularmente pela consideração dos dons da graça divina, assim também, porém ao contrário, nenhuma virtude é tão exigida por Deus, na distribuição da graça, como a humildade. Nada nos torna tão aptos para receber graças com respeito e veneração, como reconhecer e confessar nosso nada e impotência diante de Deus, e a ele somente honrar. O sentimento profundo e a sincera confissão de nossa indignidade e demérito constituem o mais destacado mérito e o mais legítimo título, que possamos ostentar para a recepção da graça sobrenatural. Pede-nos Deus, antes de tudo, que nos humilhemos em sua presença, reconheçamos nossa pequenez, e a imitação de sua Mãe, em vez de buscar nossa glorificação, busquemos a sua. Assim como Maria, no momento de ser Mãe de Deus, declarou-se pobre escrava, e aceitou a dignidade materna que lhe era apresentada, não por orgulho ou ambição, mas por uma obediente submissão e reconhecida à vontade condescendente de Deus, assim também devemos nós aceitar, com profunda humildade, a dignidade de filhos de Deus.

Ainda mais! Eleva-nos a graça de tal forma, que por ela

⁴) Job 7, 17.

⁵) Lc 1, 48.

reconhecemos a Deus, na imensidade e profundidade de seu amor, e a ele amamos, somente a ele e por ele, como nosso maior bem. À medida que o reconhecemos, não podemos deixar de nos amesquinhar diante de sua glória e desaparecer como a neblina, em face ao brilho do sol. À medida que o amamos, iremos mergulhando-nos e transformando-nos nele por este amor, desaparecerão, pouco a pouco, o egoísmo e o amor próprio, desprezar-nos-emos mais e desejaremos que só Deus seja amado e honrado por nós e pelos outros, e que esteja ele todo em todos. Não mais pensaremos em procurar nossa própria honra e grandeza, nada ambicionaremos tão ardentemente como ser desprezados e privados da fama, contanto que seja Deus mais honrado e glorificado.

Ao aumentar em nós o conhecimento e o amor de Deus, iremos compreendendo também quão longe está nosso amor, por mais sobrenatural que seja, de igualar a grandeza infinita de Deus e de sua graça, e quão pouca coisa podemos fazer em nosso reconhecimento para com ela. Jamais nos vangloriaremos de nossas virtudes e boas obras; mas antes, nos desprezaremos por termos tão pouco amado a Deus, e tão mal utilizado suas graças.

Desprezar-nos-emos ainda muito mais, e desejaremos ser desprezados, se, com nossos pecados, tivermos ofendido esta infinita bondade de Deus. Se tivéramos cometido tal ofensa, sem estar em graça, quando Deus se achava menos próximo de nós e sendo-lhe nós menos devedores, já seria isto mais que suficiente para nos humilharmos até ao pó e julgarmo-nos eternamente dignos de desprezo. Estando, porém, em graça, ofendemos, em Deus, ao Pai mais digno de amor; desprezamos o amor mais terno, e calcamos aos pés seus mais preciosos dons; destruímos o selo de sua própria glória, por ele mesmo impresso em nossos corações. Não há, em verdade, desonra, humilhação, nem desgraça adequadas a nossos deméritos, e que sejam demasiado fortes, para as não abraçarmos alegremente! Principalmente, se chegáramos a recuperar a felicidade de unir-nos a Deus com um ardente amor sobrenatural, não é verdade que nos deveríamos envergonhar de tê-lo desprezado; e sentir por nós um horror tanto mais extraordinário, quanto com mais intenso amor amamos a Deus sobre todas as coisas? Ainda quando jamais cometêramos um pecado grave, mas apenas faltas veniais, onde houvera propósito deliberado, ou simplesmente tivéramos desprezado as inspirações divinas, nunca deveríamos esquecer-nos disto, e detestá-lo profundamente na presença de Deus.

Diante disto, não temos por que nos assombrarmos, ao ver que os maiores santos e as almas mais ricas de graça eram, ao mesmo tempo, as mais humildes. Com efeito, quanto mais superavam a todas as criaturas, tanto mais se punham a seu serviço, e consideravam suas faltas e leves imperfeições tão enormes, que se infligiam as mais duras penitências; falavam sinceramente, quando se declaravam os piores, os maiores pecadores. E' que reconheciam a plenitude de graça em que se achavam inundados, e criam ter correspondido com menor zelo e reconhecimento a estes dons, do que os pecadores. À luz da fé, que lhes iluminava as almas, percebiam a menor poeira, o menor cisco que os maculasse, e, em seu conceito, eram estas coisas tão terríveis que não reparavam as faltas muito graves de outros homens; parecia-lhes que suas imperfeições superavam, em maldade, a qualquer outro pecado. Nós, réus de pecados tão graves e tão numerosos, deveríamos humilhar-nos, que para isto nos sobra motivo, diante de Deus e do próximo, julgando a este muito acima de nós.

A graça é, em nós, o fundamento da humildade sobrenatural, como se conclui do que precede; pela revelação de sua glória sobrenatural, tira-nos todo motivo que nos levaria a nos orgulharmos de nossa natureza e de nossa pessoa; quanto mais nos eleva, tanto mais nos humilha. Assim como a consideração de nós mesmos afasta o orgulho, assim também a consideração de toda honra humana suprime em nós a vanglória⁶.

Longe de ser um mal, é um bem que outros reconheçam as qualidades que possuímos, e, por causa delas, nos estimam e honram; desejar esta honra, quando não exagerada e mal compreendida, é um nobre desejo, estabelecido por Deus e justificado pela razão; pode ser-nos útil na aquisição da virtude, contanto que estimemos a virtude em si, mais que a honra que a acompanha. A graça confere-nos uma dignidade sobrenatural e a mais excelsa honra, não só diante dos homens, mas também diante de Deus, de seus anjos e dos santos do céu. Comparada a ela, toda honra de que possamos gozar entre os homens, procedente de qualidades naturais, é manifestamente fútil e vã; deve inspirar-nos ódio e horror; ainda quando a merecêssemos, e não constituísse perigo algum para nós, deveríamos desdenhá-la e desprezá-la. Quanto mais não deveremos evitá-la e desprezá-la, pois é certo afastar por demais nossos olhos da honra divina invisível, preparada pela graça, pondo-nos assim em perigo de perdê-la.

⁶) S. Tomás, II-II, q. 131 e 132.

Se honramos, pois, as glórias da graça, e estamos ansiosos por possuí-las, sigamos o exemplo dos santos, que, como o Salmista, preferem ser os últimos na casa de Deus, a ser os primeiros no mundo¹, e calcam aos pés cetros e coroas, para garantir-se a coroa celeste da graça.

Vês, claramente, que a humildade cristã, por mais obscuro que pareça seu nome, é uma das mais elevadas e das maiores virtudes; é uma virtude sobrenatural, que só pode brotar da graça². Isto se evidencia neste desprezo das honras humanas, pois somente um coração cheio das glórias da graça e levado por sua força pode elevar-se tanto acima dos bens mais atraentes e nobres do mundo; não se evidencia menos, porém, no desprezo de nós mesmos, pois, aqui, é o desprezo um reconhecimento nobre e vivo do nada de nossa natureza, comparada com a graça, e supõe um mui íntimo amor de Deus, pelo qual, de certo modo, deixamos que nossa própria essência se absorva em Deus, esquecendo-nos dela, diante de sua divina majestade. Este rebaixamento de nós próprios é o ponto de partida, mas também o de chegada, da mais elevada aspiração de nossa alma; só a humildade contém a verdadeira magnanimidade.

Não menos bela e gloriosa que a humildade — com ela, brotando da graça, e sendo fruto especial seu — se nos apresenta a *castidade cristã*.

Existe já certa castidade natural, ornamento necessário do homem natural, ou seja, não elevado, pela graça, acima de sua natureza. Nossa alma, por sua natureza, é um ser espiritual e uma imagem de Deus; nunca pode, sem degradar-se, deixar-se arrastar pelos prazeres carnaís. Semelhante é nossa carne à do animal, sobrepujando-a, porém, por uma espécie de consagração, realizada pela união substancial com a alma racional; não deve, portanto, seguir suas próprias inclinações e desejos, mas submeter-se ao domínio do espírito e servir a fins superiores e mais nobres. Pelo fato de ser homem e em virtude de sua própria natureza, deve o ser racional manter pura e imaculada a nobreza natural de sua alma e de sua vida; conseguiu-lo-ia facilmente com o auxílio de Deus, se tivesse os olhos invariavelmente fixos na formosura da virtude e dos outros bens espirituais, e os estimasse acima de todos os prazeres carnaís.

Qual é o efeito da graça, com relação à castidade cristã sobrenatural? A graça comunica à nossa alma e a nosso corpo uma nobreza incomparavelmente superior à que comunica a natureza. Nossa alma, simples criatura, faz-se, por ela, filha, amiga

¹) Sl 83, 11.

²) S. Tomás, II-II, q. 161.

e esposa de Deus; nosso corpo, no qual, até então, só habitava a alma, é consagrado, pela graça, como templo vivo do Espírito Santo, que nele habita com a plenitude de sua divindade, como garantia de sua glorificação e imortalidade futuras.

Quanto devemos apreciar, ó cristãos, nossa alma! Com que solicitude devemos cuidar deste espelho da divindade, receosos de que a menor mancha — para não falar do lodo imundo do pecado sensual — possa lhe empanar o brilho! Nunca será excessivo o zelo que pudermos empregar para conseguir que esta filha e esposa do Rei puríssimo e santíssimo se mantenha intacta, não se desonre, esquecida de sua própria nobreza e da de seu Esposo, não se precipite, das alturas do céu, no abismo de uma concupiscência, da qual sua mesma natureza se envergonharia.

Também nosso corpo, este templo do Espírito Santo, este membro de Cristo, osso de seus ossos e carne de sua carne, este corpo, tão frequentemente alimentado com a carne e o sangue puríssimo do Filho de Deus, merece todos os nossos cuidados, para se manter intacto e santo, não se deixando manchar e desonrar pelo prazer impuro. *Aquele que comete a fornicção, diz o Apóstolo, peca contra seu corpo*³. Já peca contra seu corpo, por ser ele a habitação da alma racional e imortal; concluíamos, daí, a grandeza deste pecado, pensando que este corpo, pela graça, se converteu em templo do Espírito Santo! Com razão afirma o Apóstolo que a impudicícia nem sequer deve ser nomeada entre cristãos⁴; equivale a dizer que devem dela afastar-se inteiramente, e que a castidade é uma virtude inerente ao cristianismo e à sua graça.

A castidade cristã não se contenta com proibir, baseando-se em motivos sobrenaturais, todo desejo e todo ato carnal desordenado e perverso. A dignidade natural de nossa alma, sua união natural com Deus, de modo algum impedem se realize o desejo e o ato carnal, em justa medida e de modo conveniente ao fim racional, conforme a natureza, no matrimônio, sempre que não se deixe dominar por eles; em virtude de tal título, não se pode exigir-nos outra coisa.

A dignidade sobrenatural que recebemos pela graça, tão pouco nos proíbe este uso legítimo, mas pede que se tenha em vista um fim proporcionado a ele, como seria a propagação do reino de Deus na terra, ou a proteção pessoal contra os ataques da concupiscência. A este fim, foi o matrimônio cristão elevado, pela graça, à dignidade de sacramento, que une o homem

³) 1 Cor 6, 18.

⁴) Ef 5, 3.

e a mulher por um laço sagrado, para que neles também se mantenha uma castidade sobrenatural cristã.

Mas, se alguém contempla, ao vivo, esta grande nobreza da castidade, se se deixa entusiasmar por seu resplendor e quer viver de um modo inteiramente digno dela, quase necessariamente e com toda naturalidade, se vê impellido à renúncia de todo desejo e de todo ato carnal, ainda daquele que é permitido. Tal é o pensamento que se nos impõe: não vejo como possa convir-me dever submeter, mesmo por um instante, esta alma tão bela e tão nobre, elevada acima dos anjos, a um desejo ou um movimento carnal, por mais que não seja mau; não compreendo como possa eu ganhar, ao entregar a outro este corpo que o Espírito Santo consagrou, e do qual tomou posse.

E se pertencemos ao número dos chamados por Deus a uma alta perfeição, sentimo-nos obrigados a conservar corpo e alma dentro de perfeita pureza, na flor da virgindade. Não se trata de um dever propriamente dito; o santo uso do matrimônio não desonra nem ao corpo nem a alma; achamo-nos diante de um conselho mais santo e mais lógico, e, para aqueles que se julgam chamados, verdadeiramente imperioso, de conservar, tanto a alma como o corpo, no mais alto grau de honra¹¹.

Uma pureza deste gênero e semelhante castidade superam as noções e o poder do homem natural; e se alguém os mencionasse como realidade encarnada em tal ou tal pessoa, ver-se-ia forçado a considerá-los, maravilhado, como coisa divina e celeste. Com efeito, importa saber que tais virtudes são frutos especiais da graça, que dá ao homem uma dignidade e um fim sobrenaturais, como também a força de viver em conformidade com eles.

No cortejo da graça, encontra-se, com efeito, a caridade sobrenatural, que o Espírito Santo infunde na alma, para elevá-la da terra ao céu, nos braços de seu Esposo divino; é a caridade espiritual e santa que arrebatou nossa alma aos laços da sensualidade e lhe comunica seu sentido celeste; é a caridade que somente encontra descanso em Deus e a ele nos prende inseparavelmente, repelindo tudo que é sensível; seu ardor celeste extingue o sombrio fogo da concupiscência, salvaguarda o cristão no matrimônio, confere-lhe a supremacia sobre a carne e a força necessária para santificar toda a sua vida. Onde se acendeu e arde, não é mister lei alguma para defendê-la da impureza, nem sequer um conselho para guardar a virgindade. Quando é a alma atraída, de modo tão misterioso pelo Esposo

¹¹) 1 Cor. 7.

celeste, presa por seus sagrados laços, torna-se estranha ao mundo e à carne, despreza todo prazer corporal, desdenha o prazer dos sentidos, e só deseja pertencer, em tudo quanto faz e sente, a seu Esposo divino. Quanto mais o ama, tanto mais deseja possuir a ele só, e teme ser perturbada, nesta posse e neste gozo, pelo contacto de assuntos terrenos; quer pertencer-lhe por completo, sem partilhas, exclusivamente, e consagrar-se, de corpo e alma, a seu único serviço. A caridade fá-la compreender e praticar "o que nem todos podem compreender", segundo a expressão do divino Salvador¹². Renunciar à carne e seus desejos não é para ela penosa mortificação, nem peso doloroso; é doce alegria, consequência natural de sua união íntima com aquele que chegou a ser tudo para ela, e em quem vem ela encontrar, melhorado, mais puro e abundante, tudo quanto perdeu no mundo.

A castidade cristã, portanto, assim como a humildade cristã, lança fundas raízes no mistério da graça; ambas as virtudes encontram neste mistério seu fundamento, sua lei, sua força; é para ela, o que foi a maternidade divina para a humildade e a castidade de Maria.

A humildade e a castidade virginal eram as virtudes mais pessoais e mais particulares da Mãe de Deus. Por elas, devia preparar-se à sua elevada dignidade maternal, e, reciprocamente, sua dignidade maternal devia mantê-las e aumentá-las. A Mãe de Deus é a figura dos filhos de Deus; assim como estes se lhe assemelham na dignidade sobrenatural, devem também parecer-se com ela nas virtudes sobrenaturais; e do mesmo modo como se viu ela impelida a praticá-las por sua nobre vocação, devemos excitar-nos também nós, nesta mesma prática, pela lembrança de nossa vocação.

De acordo com o que dissemos, podemos afirmar que, assim como enquanto não apareceu a Mãe de Deus, não se praticaram perfeitamente as mencionadas virtudes, tão pouco florescem depois dela, senão onde é reconhecido e celebrado, pela fé em Cristo, o mistério da graça. Quando é este mistério desconhecido ou esquecido, estas virtudes não podem deixar de murchar e fenecer. Só podem ser compreendidas e praticadas, onde a graça é honrada em toda a sua grandeza.

Se queres, pois, adquirir e cultivar em ti, ó cristão, estas magníficas virtudes, não podes fazer coisa melhor que contemplar os portentos da graça, que te assemelham à Mãe de Deus, e inflamar-te, por esta contemplação, em santo amor e santa admiração por estas maravilhas. Se quiseses, também, organizar

¹²) Mt 19, 11.

tua vida de acordo com a excelsa dignidade de teu estado de graça, exercita também, além da caridade sobrenatural para com Deus e o próximo, a humildade e a castidade cristãs, ou melhor, pratica, nestas duas últimas virtudes, *o amor sobrenatural para contigo mesmo*.

A respeito do amor que a nós mesmos nos devemos, nenhum preceito nos foi dado, já que nos amamos naturalmente; só nos resta, pois, de um lado, manter este amor em seus justos limites, para que não prejudique nem ao amor de Deus, nem ao do próximo; e de outro lado, transfigurá-lo pelo amor de Deus, não nos amando a nós mesmos, ao menos por nós mesmos, e, sim, em Deus e por Deus.

Se queremos saber, exatamente, de que maneira se transforma em sobrenatural o amor natural para conosco, conseguilo-emos amando-nos simplesmente, não por causa do que somos por natureza, mas pelo que chegamos a ser, pela graça, e desejando não os bens naturais, mas, sim, os bens sobrenaturais. Igualmente, amamos a Deus e ao próximo sobrenaturalmente, somente quando contemplamos, no primeiro, tudo o que é ele para nós pela graça: nosso Pai, nosso Amigo, nosso Esposo, e o objeto de nossa felicidade sobrenatural; e consideramos, no segundo, o que veio ele a ser para si mesmo, para Deus, para nós, mediante a graça: uma imagem sobrenatural da essência divina, um filho de Deus, um irmão nosso em Jesus Cristo.

Se nos amamos segundo a graça, não podemos deixar de desprezar profundamente o que possamos ser e obter fora dela; nossa preocupação exclusiva deve reduzir-se a conservar puro e imaculado o resplendor celeste que a graça nos confere; é o que se consegue precisamente pela humildade e a castidade cristãs.

Por mais que tais virtudes signifiquem, à primeira vista, apenas renúncia e mortificação do amor próprio, na realidade, outra coisa não são que a expressão mais bela e gloriosa do amor puríssimo e perfeito para conosco, o amor sobrenatural; nada mais certo, já que só o homem humilde e casto se ama verdadeira e perfeitamente a si mesmo.

Consequentemente, toda a lei sobrenatural da graça consiste no triplice mandamento de amar a Deus, ao próximo e a nós mesmos segundo a graça; e como não podemos amar perfeitamente a graça, reflexo da natureza divina e laço de união com ela, senão em Deus mesmo, este triplice mandamento se reduz ao de amar a Deus como fonte e término da graça. Esta caridade para com Deus constitui, de si, a primeira e suprema lei da graça.

Amemos, pois, segundo ela, a Deus, ao próximo e a nós mesmos. O amor é vida, o amor sobrenatural é vida sobrenatural, amor segundo a graça, e vida da graça. Tudo o mais virá por si. Desta sorte, como verdadeiros cristãos, honraremos a nosso nome e poderemos proclamá-lo como coisa honrosa.

Antes de terminar este capítulo, será talvez útil mostrar como a doutrina da graça constitui o fundamento dos três *conselhos evangélicos*. Já que sua observância é, em parte, um meio de adquirir a mais alta perfeição cristã, em parte fruto desta, como a perfeição, evidentemente, deve ter sua base na graça. Mostramo-lo, no que se refere à castidade virginal. A *Obediência* voluntária aos homens, por amor de Deus, tem sua raiz na humildade cristã, que, para rebaixar-se inteiramente diante de Deus, se submete igualmente aos homens e, não querendo em nada seguir a própria vontade, se deixa conduzir pelos que ocupam o lugar de Deus. A *Pobreza* evangélica consiste unicamente no desprezo e abandono dos meios exteriores pelos quais poderia satisfazer-se a ambição, o orgulho e a concupiscência. Por conseguinte, deve a pobreza apoiar-se em idênticos motivos que a obediência e a castidade.

Aos que se sentem tentados a amar as coisas exteriores por si mesmas, pelo único prazer de possuí-las, a graça apresenta novamente o brilho da grande dignidade de filhos de Deus, para quem são tais bens indignos; e mostra tal riqueza de bens celestes, que não é difícil desprezar e calcar aos pés o mundo inteiro, com seus tesouros e riquezas.

Os filhos de Deus devem achar-se livres de todo laço servil e, se possível, de todo fio que os sujeite ao mundo, que os enrede de qualquer forma, ou possa debilitar suas relações livres com seu Pai celeste, ou sua vida, que procede de Deus, se desenvolve em Deus e para Deus. Esta é a razão por que o Senhor, aos que querem ser seus filhos perfeitos, dá o sábio conselho de que se despeçam com um adeus eterno de seu livre arbítrio, de suas posses temporais e dos prazeres sensíveis. Todo aquele que recebeu este conselho, se fez estranho ao mundo, até ao extremo de não poder encontrar repouso, enquanto não o houver abandonado.

CAPITULO X

A FÉ, ALIMENTO DA VIDA DA GRAÇA

A graça é a medula, a caridade o coração, a fé divina o alimento da vida sobrenatural cristã. *Meu justo vive da fé*, proclama Deus pela Escritura¹. O justo de Deus, isto é, o justo que verdadeiramente é agradável aos olhos de Deus e está adornado da santidade divina, como devemos estar nós pela graça, vive na caridade *pela fé*. A caridade supõe a fé, procede dela e é sustentada por ela. No momento da justificação intervém a fé preparando-lhe um lugar; do mesmo modo, no estado de justiça, a fé é indispensável à caridade, a que deve nutrir e manter. Assim como a fé, sem a caridade, não pode produzir frutos e se chama morta, tão pouco a caridade, sem a fé, tem raízes sobre que se possa elevar; não somente está morta, mas não existe. Com efeito, não há amor sem conhecimento, nem caridade sobrenatural sem conhecimento sobrenatural, o qual é precisamente ministrado pela fé.

A fé, na vida sobrenatural, representa um duplo papel. Deve, antes de tudo, mostrar-nos o termo, o modo de proceder, e a lei, de acordo com a qual devemos regular nossas ações; deve, em seguida, revelar-nos e introduzir em nossa alma as verdades e os bens que amamos, e, por cujo amor, devemos cumprir sua lei. Do primeiro ponto de vista, é antes uma luz que um alimento de nossa alma, luz que lhe mostra o caminho que cumpre percorrer; do segundo, é um alimento, um vinho que excita a caminhar por esta estrada, um pão que dá força e ânimo para prosseguir e terminar, ágilmente, sua peregrinação. Ainda neste último caso é uma luz, pois a alma espiritual não vive de um alimento, mas, sim, da luz da verdade, assimilada pelo conhecimento. Do mesmo modo que a luz visível povoa o olho de imagens dos objetos exteriores, e só depois a força viva do olho se volta para estes objetos para contemplá-los, assim também nossa alma é alimentada pela verdade que traz a ela a imagem dos objetos espirituais e sobrenaturais; graças a este alimento, a caridade pode, ao depois, desenvolver sua atividade, para que a alma se una a estes bens.

Se deve ser sobrenatural a vida da caridade em nossa alma, a luz que a alimenta deve igualmente ser sobrenatural, divina. Assim como só esta caridade pode ser nossa vida, assim também somente esta fé constituirá nosso alimento. Se no céu os bem-

¹) Heb 10, 38.

aventurados vivem da contemplação imediata e da posse completa das verdades supremas e eternas, os filhos de Deus, que se encontram nas mesmas condições na terra, devem, necessariamente, achar seu alimento na fé no mesmo Deus, e nas mesmas verdades, que para eles substitui a visão e é sua aurora. Somente este alimento é apropriado à sua dignidade e à sua vida celeste.

E é isto uma razão a mais para buscá-lo com o maior interesse e desejo, pois por ele entramos na posse da vida mesma da graça, começo e introdução da vida eterna. Se descuida um homem o alimento que deve lhe manter a vida do corpo, não dá a entender que não estima, ou melhor, prefere a morte à vida? Que deverás, pois, pensar de ti mesmo, quando desprezas, ou usas com muita parcimônia o alimento da fé, que tão necessário te é para a vida sobrenatural? Vês-te obrigado a confessar que estimas em pouco esta preciosa vida, e a pospões à vida de teu corpo, em cuja nutrição e manutenção te ocupas incansavelmente. Que vergonha!

Que pensará de ti Deus, que te prepara e te apresenta este alimento com terno carinho de um pai e com toda a solicitude, para que se mantenha em ti a vida de seus filhos? Moverá um processo contra ti e te formará uma culpa, como fez com os sacerdotes do Antigo Testamento, conforme lemos no profeta Miquêias: *O filho honra a seu pai; pois bem, se sou eu o pai, onde está minha honra? Assim vos fala o Senhor dos exércitos, ó sacerdotes que desprezais meu nome. Dizeis vós: Em que desprezamos teu nome? Nisto que falais: A mesa do Senhor se aviltou*². Estes sacerdotes, como o notam S. Cirilo e S. Jerônimo, não haviam, realmente, pronunciado estas palavras irreverentes; haviam, porém, procedido em seus costumes e ações, desprezando o altar do Senhor, como se, na realidade, tivessem esta impia opinião. Já o sei, em teu aquecimento de Deus, não chegas a desprezar formalmente a mesa do Senhor, o pão da fé. Mas o fazes, de fato, quando não conservas fielmente a fé, nem a excitas com atos frequentes, quando não aproveitas dela, quando não a procuras em busca de alimento, ao passo que te sacias com um pão envenenado, guiando-te antes pelos postulados do mundo, da carne e do demônio, e não segundo os modos de ver de Deus e o exemplo de Jesus Cristo. Também contra ti levantará Deus um processo, porque desprezaste sua mesa e seu pão; retirar-te-á sua vida e te abandonará à

²) Mal 1, 6 ss.

morte eterna, pois tu mesmo atraístes sobre ti este castigo, ao preferir o alimento da morte ao alimento da vida.

Com efeito, todo outro alimento que a alma tome fora da fé, produz-lhe a morte. Não quero dizer que se proibam todos os bens que não sejam propostos pela fé. Mas, sim, que a fé deve sempre estar presente, já como condimento que os relaciona com os bens sobrenaturais, e os santifica, já como o sal que os impede causar-te alguma podridão, em outros termos, que impeça te apegues a eles e te separe do amor de Deus. Se te deixas arrastar por estes bens, se os deixas penetrarem excessivamente em ti, se os consideras com os mesmos olhos que o mundo, o demônio e a carne, como se fossem os únicos capazes de fazerem tua ventura e felicidade, em uma palavra, se te esqueces, ao usá-los, de te nutrir da fé, converter-se-ão para ti em mortal veneno, que gera o pecado, e, pelo pecado, a morte.

Assim como a verdade é o alimento, a mentira é o veneno da alma. Sómente encontrarás mentira, se aplicares teus lábios fora da fonte da verdade; se não acorreres, pela fé, à Verdade eterna, mas lá onde tua razão não esteja em acordo com a fé. Também a razão é uma fonte de verdade; quando sua luz é pura e não falsificada, ilumina e nutre a alma. Quem poderia duvidar? Mas é certo também que não a nutre para a vida sobrenatural. Mais ainda, é esta fonte escassa, que se deriva da fonte divina, e facilmente se turva. Quem buscará água a uma fonte derivada e turva, quando pode procurá-la na fonte fresca e pura? Por que alimentariamos nossa alma com a luz da razão, quando, pela fé, podemos conseguir imediatamente a luz da verdade divina e eterna, da qual estamos certos de não receber, para nosso alimento, nenhum erro, nenhuma mentira?

Muito menos podemos correr a beber nos pântanos, que contêm a água impura e envenenada do erro e da mentira, e nutrir nossa alma com princípios que, em nome da razão, nos insinuam os inimigos da razão e da verdade, o mundo, o demônio, a carne. Mente esta quando se opõe ao espírito; mente o mundo quando contradiz a boa-nova da graça; e é o demônio velho mentiroso, pai da mentira e das trevas, como é Deus o Pai da verdade e da luz. Aquele que neles crê, se nutrirá da mentira, absorverá o veneno, envenenará, em sua alma, não somente a vida sobrenatural, mas também a natural; e será tanto menos escusável e digno de piedade, quanto tinha diante de si, copiosamente aberta, a fé, a fonte pura da verdade suprema. Fere-nos a censura e a queixa de Deus: *Duas faltas cometeu meu povo: abandonou-me a mim, que sou a fonte de água viva, e cavou para si cisternas, cisternas rotas,*

que não podem conter as águas³. Só Deus e a alma, que a ele se une, podem conter a água da verdade; todo aquele que se separa de Deus, é como um vaso sem fundo; sem Deus, não se concebe a verdade e só impera a mentira.

Se queres, ó cristão, nutrir tua alma da verdade, recorre à fé divina, infalível. Podes estar certo de que nela não se infiltrará embuste algum; a fé afugentará tudo que se aproxima de mentira. Graças a ela, distinguirás os bens verdadeiros e eternos dos falsos e passageiros, com a segurança e infalibilidade do mesmo Deus; descobrirás outrossim os frutos mais doces e preciosos, embora possa sua casca ser amarga; reconhecerás finalmente a imundície oculta e o segredo veneno, sob aparência brilhante.

Quando os guardas percorrem, de noite, uma cidade, e encontram um desconhecido, o iluminam com a lanterna que trazem oculta, e percebem, por vezes, tratar-se de um homem honrado e reto, tomado por um perigoso notívago; outras vezes, ao contrário, acontece-lhes confundir um bêbado vulgar com um homem de bem. O mesmo se dá conosco. Caminhamos na noite desta terra, trazendo, em nosso peito, a fé, como uma lanterna. Enquanto não lançamos mãos dela, as coisas deste mundo, as riquezas, os prazeres e as honras se nos apresentam extraordinariamente atraentes e agradáveis; a virtude, ao contrário, com sua aparência severa, sua mortificação e renúncia, a pobreza, a humildade, os sofrimentos de Cristo, parecem-nos males insuportáveis. Desde o instante, porém, em que apelamos para a lanterna brilhante da fé, para observar os objetos em sua verdadeira luz, vemos, clara e distintamente, quão rico seja Jesus em meio de sua pobreza, feliz no sofrimento, glorioso em seu aviltamento, e como o mundo esconde os perigos e as dores, a miséria e a corrupção em sua enganadora máscara.

Se, pois, te atraem e cativam as honras humanas, as riquezas da terra, os prazeres dos sentidos, faz sair de tua alma a luz da fé e projeta-a sobre cada uma destas coisas; considera-as, prova-as, penetra-as até as profundezas, e avalia-as em seu justo valor, como convém a um homem que pertence ao céu e que baixou à terra, isto é, contemplá-las-ás com olhos mui diversos daqueles que ordinariamente se empregam para contemplá-las, descobrindo nelas nada mais que bolhas de sabão, lodo, água infeta, e, mais ainda, veneno mortal.

Ao contrário, à imitação das crianças que se espantam diante de qualquer máscara, mas logo riem a bom rir e perdem o

³) Jer 2, 13.

medo, quando descobrem que um de seus companheiros se esconde atrás dela, deixamo-nos espantar pela máscara da dificuldade e da tristeza, com que nosso amor próprio e nosso sentido carnal ocultam a virtude cristã; mas se, pela fé arrancamos intrêpidamente esta máscara, atrás do espantalho encontramos o amável sorriso de uma filha do céu, bem conhecida à parte nobre de nossa alma; longe de condenar-nos ou de nos envenenar, não podemos deixar de nos cativar por sua beleza, e nos sentir felizes por sua amabilidade.

Enquanto não despojarmos os verdadeiros bens de sua máscara aparente, falsa e enganadora, viveremos em uma perpétua quimera. Assim como, nos sonhos, as imagens falazes e enganadoras de coisas boas e más se impõem à nossa alma, assim também, quando a luz da fé dorme em nós, nos deixamos arrastar por nossa imaginação e pelo atrativo das coisas sensíveis, até que, de uma vez, nos despertemos e desapareçam estes fantasmas, como por encanto. Só encontramos nas mãos bolhas de sabão; o esplendor de nossa felicidade amada e adorada, a fascinação alucinante que nos encantava, a imaginação que embalava nosso sonho, tudo se evapora no ar. Somente a fé pode manter-nos despertos e impedir que alguma ilusão nos engane ou nos induza em erro; só ela nos preserva da tortura cruel de esperanças malogradas, e, principalmente, do desespero e da desgraça eterna, na qual necessariamente devemos cair, se só muito tarde reconhecermos nosso erro, e não nos sobrar tempo para conseguir a felicidade eterna e verdadeira.

Privados do alimento e do remédio da fé, não só percebemos as coisas como em um sonho, mas ainda enfermamos e nos debilitamos por nossas inclinações perversas, por nossas paixões e todos os maus hábitos que falseiam os órgãos de nossa alma, isto é, seu olho e seu paladar, que nos fazem ver os objetos através de suas disposições, e corrompem assim o juízo da inteligência. Assim como o olho, danificado pela bile negra ou amarela, vê tudo preto ou branco, como a língua enferma sente os alimentos, ora doces, ora amargos, ora ácidos, segundo a natureza da doença; assim o avarento enche a mão de prata, o sensual busca o prazer dos sentidos, o ambicioso, as honras humanas, como se se tratasse do maior bem, de seu deus, e se consagram e se oferecem a eles. O demônio, por sua vez, ao modo de um hábil pintor, cobre as imagens com cores enganadoras que parecem respirar e encerrar a vida, como um experimentado cozinheiro as tempera para que o doce e o apetitoso o sejam mais ainda, graças a seu tempero. Assim o homem passa como uma

sombra⁴; a figura passageira deste mundo te encanta; o feitiço da vaidade obscurece o bem⁵; todos os homens são mentirosos⁶; os filhos dos homens foram chamados mentirosos na balança⁷, porque deixam contrabalançar os bens celestes e eternos pela mais insignificante honra ou prazer terreno.

A fé descobre à nossa alma sua enfermidade, e se encarrega de curá-la; revela-nos também que a mensagem da sensualidade e da ambição não julga as coisas em seu justo valor, mas, sim, ao gosto de seu bel-prazer; e desta forma impede que nos enganemos. Faz-nos ver todos os bens, não segundo suas aparências, mas em sua essência; estabelece seu verdadeiro valor, sem mentira nem astúcia e lhe esclarece todos os aspectos; afugenta os sonhos, dispersa as ilusões e fascinações, arranca as máscaras, limpa a fuligem e a pintura, restitui ao olho turvo e curto da alma a penetração sadia, e à língua estragada e pervertida, o gosto puro. Refugiamo-nos, pois, nela, unjamos nossos olhos com seu bálsamo, como outrora ungira Tobias os olhos de seu pai com o figado do peixe⁸. Conservemos esta fé, verdadeiro alimento de nossa alma, que também nos faz achar os outros alimentos verdadeiros, nos nutre para curar-nos, e cura para alimentar-nos; esforcemo-nos por protegê-la e cultivá-la; confiemos unicamente nela, e assim poderemos exclamar com o Apóstolo: *A vida que agora vivo em minha carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou por mim*⁹.

Tu, luz verdadeira e original do mundo, luz de luz, Deus meu, meu Senhor, meu Salvador, *ilumina meus olhos, para que não durma eu na morte. Faze que me nutra e me fortifique com tua luz, a fim de que nunca possa meu inimigo afirmar: Eu triunfei dele*¹⁰.

CAPÍTULO XI

COMO DEVEMOS PROGREDIR CONTINUAMENTE NA GRAÇA, E A FACILIDADE DE CONSEGUI-LO

Se quisermos viver de modo digno da graça e de Deus, não basta adquiri-la e viver em conformidade com ela; é mister, além disto, esforcarmo-nos por elevar e aumentar constantemente em nós a vida da graça, segundo o desejo do Apóstolo,

⁴) Sl 38, 7.

⁵) Sab 4, 12.

⁶) Sl 115, 12 (11).

⁷) Sl 61, 10 (o sentido do Salmo é o seguinte: Os filhos dos homens são vaidade, as filhas dos homens são mentira; na balança que os sustenta, em conjunto, são mais leves que o nada).

⁸) Tob 11, 13.

⁹) Gál 2, 20.

¹⁰) Sl 12, 4 e 5.

que nos concita a guardar um proceder digno de Deus, agradando-lhe em tudo, produzindo frutos em toda sorte de obras boas, progredindo na ciência de Deus, corroborados, em toda firmeza, pelo poder de sua glória¹.

Toda vida, no tempo, tende por sua natureza a um aperfeiçoamento e desenvolvimento sempre crescentes; desde que não avança mais, se detém ou não produz frutos, podemos concluir com segurança que chegou a seu termo, desorganizou-se sua força, esgotaram-se seus recursos, e a morte lhe secou já a medula. A vida da graça não pode esgotar-se nunca; não é possível à vida, que lançara suas raízes no seio de Deus, fenecer por falta de alimento; antes, cresce constantemente, como reflexo da natureza divina, até o momento de deixar a sucessão do tempo e entrar no repouso da eternidade. Daríamos a entender que lhe desconhecemos a glória, se deixássemos improdutiva sua inesgotável fecundidade, e não nos esforçássemos por contribuir, com toda a nossa energia, para seu completo desenvolvimento. Pareceríamos mais mortos que vivos, apesar da poderosa força oculta em nós, se deixássemos dormir esta força, como semente debaixo da terra, sem lhe permitir crescer e transformar-se em árvore frondosa.

Sem dúvida, pode e deve a graça crescer como o grão de mostarda do Evangelho, pois, como ele, apesar de sua pequenina aparência atual, encerra em si uma plenitude infinita de força. Deve crescer paulatinamente, de claridade em claridade, como a aurora que se converte em completa luz, como a luz do sol que chega à plenitude do meio-dia. *O caminho dos justos, diz o Sábio, avança como luz resplandecente, e cresce até converter-se em pleno dia*². Como membros do corpo místico de Cristo, devemos crescer até nos tornarmos grandes e fortes, até, segundo a expressão do Apóstolo, *chegarmos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e nos fazermos homens perfeitos, segundo a medida da idade perfeita de Cristo*³.

Qual deve ser a medida de nosso crescimento na graça e na vida da graça?

Talvez penses, ó cristão, se dê isto como o aumento das virtudes naturais ou a aquisição de uma ciência, com a diferença de que aqui entram em função as forças naturais da inteligência e da vontade, enquanto, pela graça, entram em jogo os tesouros sobrenaturais adquiridos. Eis aí uma quase verdade. Quando queremos habilitar nossa inteligência para um conhecimento mais perfeito e mais fácil, e a vontade, para um esforço mais decidido

é mais firme para o bem, excitamos simplesmente as forças que jazem adormecidas na alma, exercitamo-las, e, pelo exercício, se desenvolvem e se fortificam, como antes explicamos. Quanto às graças e às virtudes sobrenaturais, porém, não as podemos aumentar subitamente, por nossa própria vontade, como tão pouco as podemos produzir. É certo que as ações realizadas em estado de graça são de uma ordem sobrenatural perfeita; encerram um poder muito maior que as ações naturais e as realizadas fora do estado de graça; e contribuem, evidentemente, para facilitar-nos o exercício das virtudes sobrenaturais. Esta facilidade de exercício não passa, porém, de um desenvolvimento exterior e accidental, não interior e essencial, das virtudes sobrenaturais. O aumento essencial consiste em adquirir nossa alma uma fecundidade maior, e serem seus atos de um conteúdo mais rico e de um valor superior. E isto se dá somente se Deus, que já nos colocara no primeiro grau da graça e das virtudes sobrenaturais, nos elevar, uma vez mais, a um plano superior, transfigurando-nos a alma em um grau mais alto de sua luz; derramando sobre nós uma grande medida de força vital sobrenatural, como anteriormente derramara em nós a primeira medida.

Ninguém, senão Deus, é a causa principal e eficiente do aumento da graça e da vida da graça em nós; é lógico, pois, recorramos a ele, na procura da graça. Tendo ele depositado, nos sacramentos, tesouros de graças, o melhor que podemos fazer é recebê-los frequentemente e com a mais cuidada preparação. Por este leito dos sacramentos, o rio da graça, que brota do Coração do Filho de Deus, corre até nós, com plenitude inesgotável; quanto a nós, basta-nos aproximarmos deste rio e prepararmos nosso recipiente, para nos enchermos de novas graças e novas forças sobrenaturais. Indubitavelmente, receberemos tanto mais, quanto mais ardente for nosso desejo, quanto mais ampliarmos, por uma esperança invencível, o vaso de nosso coração, e o tornarmos mais apto a receber o bálsamo precioso da graça, pelo afastamento do pecado e pela pureza de intenção.

Entre todos os sacramentos, a santa comunhão foi instituída, expressamente, para aumentar em nós a graça e a vida da graça. Nos outros sacramentos, encontramos apenas os canais da graça; neste, porém, nos pomos em contacto com a própria fonte, em toda a sua plenitude. Comemos o pão da vida, no qual habita a plenitude da divindade; bebemos o sangue que anima a santa humanidade do Filho de Deus. Cada vez que o recebemos, unimo-nos mais a Cristo, como os galhos à videira celeste; a graça circula, assim, com maior abundância em nós, qual seiva divina que nutre e desenvolve a vida sobrenatural.

¹) Col 1, 10.²) Prov 4, 18.³) Ef 4, 13.

Se, portanto, estimas realmente o aumento da graça, deves alimentar-te e robustecer-te com este manjar celeste; corre ao Salvador e pede-lhe, com desejo ardente e fé viva, seu pão divino; com a Samaritana do poço de Jacob, suplica-lhe queira dar-te a água viva que corre para a vida eterna⁴.

Mas, dirás tu: acaso não me é possível aumentar em mim estas virtudes e a própria graça, por meus próprios esforços, pelo exercício das virtudes sobrenaturais? De certo modo, sim. Embora não possas subir a um grau superior de graça, nem por tua atividade fazer crescer a medida de graça e de virtudes que já possuis, podes, contudo, por tuas boas obras, merecer, diante de Deus, e movê-lo a aumentar, em ti, a sua graça; inclinando-o a isto por teu mérito, podes, em certo sentido, te considerar como causa deste aumento. O poder das boas obras sobrenaturais consiste em seu valor e em seu mérito; por este mérito, colaboramos no aumento da graça, como também na aquisição da glória celeste. O Concílio de Trento condena aqueles que sustentam "que os justificados não merecem verdadeiramente, por suas boas obras, o aumento da graça e da vida eterna"; logo, também aos que afirmam que "as boas obras não são senão frutos e sinais da justiça adquirida, e não causa de seu aumento"⁵.

Com efeito, devido precisamente a serem as boas obras os os frutos da graça, não se limitam a ser meros sinais de sua presença, nem simples direitos à recompensa celeste; representam títulos para um grau superior de graça. De fato, utilizando a graça já possuída e fazendo que ela produza frutos, tornamos cada vez mais agradáveis a Deus; e na medida em que cooperamos com ela, empregando prontidão e fidelidade, vão-se produzindo em nós frutos mais ricos e belos. Não podendo a complacência divina permanecer infrutuosa, deve Deus infundir-nos, em razão de cada obra boa, uma medida superior de graça e colocar-nos em um grau mais elevado.

Os galhos de uma árvore recebem a seiva proveniente do tronco, na mesma proporção em que tiverem empregado a seiva já recebida, na produção de flores e frutos. Do mesmo modo, Deus, fonte da vida da graça, não derrama novas forças de graça em nossa alma, senão no grau em que tenha esta feito florescer as já recebidas, e as tenha traduzido em frutos de boas obras; note-se, contudo, uma diferença: a alma não consome, pelo uso, a sua força, como se dá com a árvore, mas, antes, a conserva e torna-se, devido a esta nova influência, cada vez maior e mais forte.

⁴) Jo 4.

⁵) Ses. VI, cân. 32 e 24.

A planta, ao produzir frutos, esgota-se; a alma, adornada da graça, ao produzir frutos, nutre-se e cresce, ou melhor, se nutre, porque alegra a Deus e lhe é agradável. Suas boas obras são flores maravilhosas que encantam aos olhos de Deus, e frutos suaves que lhe confortam o coração; por isto, diz a esposa no Cântico dos Cânticos: *Venha o meu querido a seu jardim e coma o fruto de suas maçãs*⁶. Enquanto maravilharmos ao olho de Deus por nossas boas obras, e lhe confortarmos o coração, estejamos certos de que de seu olho nos virá nova luz, e, de seu coração, nova força. O valor de nossas boas obras sobe ao céu transformado em agradável perfume, que logo desce até nós, sob forma de abundante chuva de graças, e aumenta a riqueza da graça, na mesma medida em que esta produz seus frutos.

Dize-me, cristão: não é verdade que semelhante cooperação de tua parte vem a ser tão maravilhosa como se tu mesmo produzisses a graça? Se levarmos em conta seu poder, sem dúvida alguma excede incomparavelmente ao de tuas atividades e esforços naturais, pelos quais obténs maior facilidade no exercício do bem e no conhecimento da verdade. Aqui, não somente consegues facilidade para exercitar sua força, mas ainda uma força nova, superior, muito mais grandiosa; e mais, pelos atos de cada virtude sobrenatural, cresce, em ti, não somente esta virtude, mas também todas as outras.

Aludimos a uma doutrina belíssima e mui bem fundada, proposta pelos teólogos⁷. O exercício de uma única virtude natural só pode conseguir o aumento desta virtude. Se, por exemplo, se exercita alguém no jejum, torna-se ele fácil pelo exercício; não possui, porém, por causa disto, o exercício fácil da generosidade para com os pobres, nem o da justiça ou da mortificação da língua, porque tais virtudes seguem direções distintas. Pelo contrário, mediante as virtudes sobrenaturais, começamos por adquirir um aumento da graça santificante; sendo esta a raiz de todas as virtudes sobrenaturais e o manancial de energias, seu aumento implica também um aumento de todas as demais virtudes. Por conseguinte, se, estando em graça, te exercitaste, por exemplo, na mortificação, fica certo de que, além da virtude da temperança e da abstinência, cresceram em ti a virtude da caridade para com Deus e o próximo, a misericórdia, o silêncio; de sorte que, se para o futuro quiseres realizar um ato destas virtudes, será ele mais fácil, mais rico e mais agradável a Deus, do que se tivesses descuidado o ato de mortificação.

⁶) Cânt 5, 1.

⁷) S. Tomás, I-II, q. 65, a. 1. Suárez, *De gratia*, l. IX, c. 4.

É claro que o aumento da graça e de todas as virtudes é tanto mais rápido e mais belo quanto mais elevada e nobre for a virtude que se haja exercido, e quanto maiores forem o zelo e o esforço empregados.

Sendo o amor de Deus a mais nobre e elevada virtude, o aumento da graça depende sobretudo desta virtude. Constitui ela principalmente a vida da graça, sua medida, seu primeiro fator; porque, na medida em que amamos a Deus, somos, por nossa vez, amados por ele e cumulados de sua graça. Além disto, o amor é a mãe, a raiz e a perfeição de todas as outras virtudes; a mãe, porque as gera, uma a uma, na alma; a raiz, porque as alimenta, anima e põe em movimento; a perfeição, porque relaciona a todas com seu fim último e supremo, e lhes confere a última consagração. Portanto, seu crescimento traz consigo o crescimento da graça e de todas as virtudes sobrenaturais; deve ser o caminho mais curto e mais seguro para achar e conseguir as mais abundantes graças.

O aumento da graça depende, não somente do valor mais, ou menos nobre dos frutos de suas virtudes, como se disse, mas, ainda, de seu número e de sua grandeza, isto é, da frequência e da intensidade com que produzimos os atos destas virtudes sobrenaturais, especialmente os de caridade. O maior zelo desenvolvido no exercício da virtude estará em harmonia com os frutos de graça que recolhemos, e com a madureza e crescimento da mesma graça.

Isto se dará, de modo especial, se aplicarmos nosso zelo aos frutos mais nobres da graça, aos atos de caridade, e se nos esforçarmos em repeti-los com a maior frequência possível e com a máxima perfeição. Por felicidade, não existe virtude, cujo exercício seja mais fácil e mais agradável que a caridade. Tratando-se de muitas outras virtudes, frequentemente faltam as ocasiões e os meios de as pôr em prática. Nem sempre, por exemplo, se pode exercer a paciência em grau especial, pela simples razão de que, por vezes, nada há a suportar; nem todos poderão jejuar severamente, ou dar grandes esmolas. Podemos, porém, amar com ardor, amar cada vez mais. Por outro lado, o amor não implica um grande trabalho, nem esforço extraordinário, ao contrário, é o amor pura doçura e celestial prazer, tão amável e agradável que suaviza e faz esquecer toda amargura e fadiga que possam sobrevir no exercício das outras virtudes.

Vês, pois, ó cristão, de que força maravilhosa e de que fecundidade te dotou Deus, para que possas crescer ininterruptamente, em sua graça e em todas as virtudes. E deixá-las-ás inativas?

Cruzarás os braços como o preguiçoso e não trabalharás com zelo devorador na edificação do templo de Deus em tua alma? Se o aumento da graça exigisse grandes sacrifícios e trabalhos, ainda quando devesse violentar o céu para fazê-la vir até a ti, terias de certo modo motivo para escusar tua lentidão, por mais que, neste caso, devesse te envergonhar de ter retrocedido diante do sacrifício, em se tratando de semelhante tesouro. Mas se te mostro um caminho fácil, sem montanhas escarpadas, sem espinhos, que mal cansa, e que para se percorrer basta um pouco de boa vontade, não poderás refugiar-te em nenhuma escusa.

Em primeiro lugar, podes conseguir um acréscimo contínuo de graça, só com santificar e oferecer a Deus, mediante a reta intenção, tuas ações cotidianas, sem excluir as mais insignificantes e fúteis. Para isto, não é mister realizares obras extraordinariamente grandes e difíceis; o essencial é tudo fazeres bem e santamente. Embora não jejues nem des esmolas, ao realizar os atos mais comuns, como o comer, o recrear e o descansar, se os ofereceres sempre a Deus, irás te tornando mais agradável a seus olhos, e mais rico em graça.

Podes entretanto progredir muito mais ainda, se, em vez de formulares *uma só* boa intenção, tiveres muitas em cada uma de tuas ações; praticarás, assim, ao mesmo tempo, várias virtudes; e em vez de um único mérito, alcançarás um mérito duplo ou triplo. Podes oferecer tua oração diária a Deus, por sua glorificação, para agradecer-lhe os benefícios, pela conversão dos pecadores e alívio dos pobres; deste modo, praticas as virtudes da reverência e da gratidão devidas a Deus, além da virtude de misericórdia espiritual e corporal. Podes, igualmente, trabalhar para ganhar o sustento de teu próximo e dos pobres, para satisfazer por teus pecados e sofrer alguma coisa por amor de Deus; praticarás, então, simultaneamente, as virtudes da caridade fraterna, da misericórdia, da penitência e da caridade para com Deus. Consequentemente, cada uma de tuas boas obras será, não já simplesmente um fruto, mas todo um galho carregado de frutos, na árvore da graça, que, apresentado a Deus, atrairá sobre tua alma rios de bênçãos celestes.

Ainda os atos que desejaríamos realizar, mas que, na realidade, não podemos pôr em prática, conseguem-nos um aumento de graça. Afirmas que não podes jejuar, fazer penitência, dar esmola. Deus não te pede o impossível. Quem te impede, porém, de desejar ardentemente fazer estas boas obras? Deus observa o coração e não a mão; a boa vontade, e não o ato; o interior e não o exterior; é aliás a graça um bem interior que se há de adquirir por atos interiores e espirituais. Diante de Deus, o

ato se acha já realizado, quando a ele se decide nossa vontade. Do mesmo modo que a vontade de pecar nos torna desagradáveis a Deus e nos priva de sua graça, ainda quando não passe ao ato, assim também a vontade da virtude nos faz agradáveis a Deus e nos atrai sua graça, mesmo no caso de ser impossível a execução.

Que digo? Além de te poderes fazer mais agradável a Deus pelo desejo de novos atos, tens a possibilidade de alcançar o mesmo resultado apenas com te alegrares e te congratulares com as boas obras praticadas, e com as que continuamente se realizam por ti ou pelos outros.

Se, depois de haver cometido um pecado — por exemplo, se te vingaste de um inimigo — ainda te alegras com isto, cometerás um novo pecado, suficiente para perder a graça de Deus, se a houvesses recuperado em seguida à má ação, com maior motivo te tornarás mais agradável a Deus, ao alegrar-te, não por vanglória, mas por amor de Deus, por teres realizado alguma coisa boa em sua honra.

Do mesmo modo, se te alegras das más ações do próximo, te tornas cúmplice de seu pecado e caís, juntamente com ele, na desgraça de Deus. Nada te impede de te alegrares por todo o bem que se faz no mundo, pelas conversões obtidas pelos homens apostólicos, pelo zelo dos sacerdotes, pelos sacrifícios das pessoas consagradas a Deus, que se dedicam ao ensino, ao cuidado dos enfermos, à penitência. Não crês que te tornarias mais agradável a Deus, mais rico de graça, ao dar-lhes tua aprovação e em comprazer-te de que Deus seja tão gloriosamente honrado por eles?

Serias ainda mais agradável ao Senhor, se, não contente com esta ventura, renovasses tuas boas obras passadas e te esforçasses por fazer tuas as dos outros. Se já te ofereceste a Deus, com todos os teus pensamentos e desejos, oferece-te novamente, renova teus bons propósitos, tuas promessas, teus votos; quantas vezes o fizeres, crescerás em graça. Deus não age como os homens, que não aceitam duas vezes o mesmo presente, pois não considera tanto o dom, como a constância e continuidade do sentimento com que nos consagramos a seu serviço. Nada lhe agrada tanto, como ver-nos entregar-lhe e sacrificar-lhe, repetida e incansavelmente, os dons que já lhe havíamos oferecido; e cada vez os recebe como se fossem novos.

Não deseja que lhe ofereçamos unicamente nossos próprios dons; aceita, em nosso nome, as boas obras dos outros, quando nos unimos a elas e lhas oferecemos, com o vivo desejo de poder glorificá-lo de modo semelhante, ou, se não fora viável tal pos-

sibilidade, de poder ao menos, por meio delas, glorificá-lo como merece. Por outro lado, cristão leitor, podes oferecer a Deus todas as boas obras que se vêm fazendo desde o começo do mundo, e foram praticadas por todos os santos: apóstolos, mártires, confessores e virgens, anjos, e, de modo especial, pela Santíssima Virgem e por Jesus Cristo. Assim, podes adorar a Deus, apropriando-te a adoração de seu Filho Encarnado e a de todos os santos; o mesmo podes fazer com seus louvores, com seu amor, suas ações de graças, suas orações e sofrimentos. Podes alegrar-te, porque todos eles serviram a Deus com intenso amor e abnegação a toda prova, para compensá-lo com isto, de algum modo, de tua preguiça e negligência em seu serviço. Sem dúvida, assim fazendo, podes participar do fruto destas obras tão numerosas e perfeitas, e atrair sobre ti a complacência de Deus, em maior grau. Que inesgotáveis tesouros tens entre as mãos! É verdadeiramente fácil enriquecer-te cada dia, cada instante, sem que isto te custe mais do que um pensamento, já que podes oferecer este sacrifício cem vezes por dia, enquanto te ocupas de teus trabalhos e deveres.

Adoremos esta Providência divina, honremos e abracemos esta bondade infinita que nos proporciona meios tão numerosos e fáceis de crescermos continuamente na graça, e, portanto, em santidade e perfeição. Poucos seriam os beneficiados, se fosse Deus menos generoso, se sua sabedoria se preocupasse menos em cumular aos justos de benefícios ocultos, favores secretos, tornando-os assim mais justos ainda. E não obstante, poderia parecer que a maioria dos cristãos é tanto mais negligente na aquisição de um grau de graça, quanto maiores facilidades se lhes concederam por parte de Deus, para alcançá-lo. Não façamos, daqui por diante, parte deste grupo de ingratos, e se nosso próprio proveito não nos incita bastante a buscar os dons preciosos de Deus, procuremos, ao menos, não nos tornarmos culpados da mais vergonhosa ingratidão para com ele.

Tal ingratidão seria maior ainda, pois não encontraríamos desculpa para nossa preguiça, alegando esquecimento. Por sua graça atual Deus excita constantemente nossa alma a despertar de seu sono, impele-a à ação e ao progresso; mostra-lhe que ainda se acha mui longe do fim, aponta-lhe o caminho a percorrer, as alturas que cumpre galgar, enquanto lhe indica os meios para conseguir seu objetivo. Dá-lhe consistência aos pés, comunica-lhes asas, guia e fortalece suas mãos para que possam receber seus dons. Se, depois disto, nos afastamos, continuamos dormindo e queremos perseverar em nosso preguiçoso descanso, merecemos, por completo, nos prive ele de seus dons.

Em vez de nos opormos, de maneira tão tola e criminosa, a nosso progresso na graça, deveríamos espreitar quanto a pode favorecer; deveríamos principalmente nos preocupar muito mais com não deixar inativas as graças atuais de que acabamos de falar, procurando os meios de recebê-las com a maior abundância possível. As graças atuais são para o crescimento da alma o que a luz solar e a chuva é para o crescimento da planta, com a única diferença que, sobre a planta, a chuva e o sol agem diretamente, ao passo que as inspirações e os impulsos do Espírito Santo só indiretamente favorecem o incremento da graça. Com efeito, as graças atuais impelem-nos ao cumprimento das boas obras, frutos da graça santificante, que, a seu tempo, a nutrem e aumentam. Sem as graças atuais, nossa alma, adornada da graça santificante, permanecerá fria, árida, estéril; longe de crescer e de subir, não apresentará sinais de vida.

O Espírito Santo — importa confessá-lo — derrama os raios de sua luz celeste e a chuva de seu auxílio benéfico sobre todos os justificados, à semelhança do sol e das nuvens que derramam suas bênçãos, indistintamente, sobre todas as plantas. Se queremos, porém, progredir com maior rapidez e facilidade, devemos esforçar-nos em recebê-la, pondo em jogo, além dos meios ordinários, cuidados especiais. As plantas crescem com maior rapidez e exuberância, quando, além de receber o benefício da chuva, desce até elas a rega do jardineiro, ou quando se colocam em uma estufa, para gozarem abundantemente da luz do sol. Assim também a graça se desenvolve em nossa alma com maior formosura e riqueza, quando a colocamos sob o cuidado especialíssimo do Espírito Santo. Nada mais indicado para isto, do que convidar o Espírito Santo, mediante a prece humilde e fervorosa, a fazer, em nossa alma, o ofício de jardineiro, rogando-lhe, ao mesmo tempo e constantemente, se digne derramar sobre ela, ininterruptamente, novas luzes e novas forças. Não há oração que ofereça tantas garantias de ser ouvida, como esta. Com prazer tomará o Espírito Santo sobre si tal encargo, e quanto mais ardente for nossa prece, mais confiante, e perseverante, tanto maior será sua solicitude em atender-nos. Ninguém deseja tanto como ele trabalhar em nosso progresso, e bastam-lhe nossas súplicas para achar-nos dignos de sua especial assistência.

Sem a oração, dificilmente podemos recebê-la, pois não manifestamos o desejo dela, assemelhando-nos assim às plantas que têm fechadas as corolas. Pela prece, abrimos a corola de nossa alma ao orvalho celeste do Espírito Santo e a seus benéficos raios. Na oração, abrimos nossa boca para respirar o sopro

de vida do Espírito Santo, segundo as palavras do Salmista: *Abrirei a boca, e aspirarei o espírito*⁹.

Se o aumento da graça requer as boas obras, e se lies é indispensável a oração, conclui-se ser a oração uma condição especial, e, de certo modo, a condição mais importante do incremento da graça.

Lança, pois, mão destes meios que te apresenta a bondade de Deus para poderes progredir na graça e cumprir o preceito divino, que diz: *Aquele que é justo, se justifique mais*¹⁰. Para te animares a progredir, quis o Filho de Deus revelar, progressivamente, a plenitude da sabedoria, santidade e graça que possuía desde o momento da encarnação, à maneira do sol que se expande progressivamente, da manhã à tarde, sem por isto crescer a luz em si mesma; esforça-te, com o auxílio divino, por crescer, dia a dia, diante de Deus e dos homens, em sabedoria, virtude e graça¹¹. Não te faltará a bênção de Deus, contanto que nele ponhas tua confiança.

*Feliz o homem, canta o Salmista, que de ti, ó Deus, recebe auxílio! Prepara assim em seu coração os degraus para subir, porque o legislador lhe dará sua bênção, e progredirá ele, de virtude em virtude, até contemplar a Deus, em Sião*¹²; isto é, até o momento de sua chegada ao céu, onde verá a Deus, como recompensa de seu esforço.

CAPÍTULO XII

QUANTO DEVEMOS EVITAR MANCHAR OU DESONRAR A GRAÇA PELOS PECADOS VENIAIS

Quando nos achamos em estado de graça, devemos procurar intensificá-la e aumentá-la; importa-nos, porém, ainda mais, conservá-la pura e imaculada, e sobretudo não perdê-la. Pelo pecado mortal, privamo-nos da graça. Pelos pecados veniais, manchamo-la e nos expomos a perdê-la completamente. Eis por que queremos falar, nestes últimos capítulos, da conservação

⁹) Sl 118, 131.

¹⁰) Apoc 22, 11.

¹¹) Cf. Lc 2, 52.

¹²) Sl 82, 6 ss. (O sentido deste salmo, canto de peregrinação dos israelitas, é o seguinte: Felizes os homens que se apóiam em tua força, pois não pensam senão em santas ascensões. Quando atravessam o vale de lágrimas, transformam-no em um lugar onde brotam as águas, e a própria chuva derrama suas bênçãos. Fortificam-se cada vez mais, até o momento de aparecerem diante do Deus de Sião).

e preservação da graça santificante, e, antes de tudo, de sua proteção contra os pecados veniais.

Julgam muitos que a graça, aniquilada pelo pecado mortal, diminui-se pelo pecado venial, de sorte que nos faria este perder um grau de graça, adquirido pela benevolência divina e por nosso mérito. Teríamos nisto o melhor dos motivos a nos impedir cometer pecados veniais. Podemos, contudo, segundo a opinião quase geral dos teólogos, admitir como certo que os pecados veniais, tomados isoladamente ou em conjunto, não diminuem essencialmente nem um só grau de graça já adquirida, nem as virtudes sobrenaturais correspondentes¹.

As virtudes naturais, ao contrário, e a complacência que podem produzir em Deus, não somente diminuem pelas faltas graves, mas também pelas faltas leves que a elas se opõem. Assim como se adquirem e aumentam pelo exercício de seus atos, do mesmo modo se enfraquecem pela negligência, e mais ainda pelos atos opostos. Assemelham-se aos metais comuns, que não só degeneram pela mistura com matérias impuras, mas ainda se desagregam e se dissolvem.

Na proporção em que as virtudes sobrenaturais se parecem com as virtudes naturais, isto é, na proporção em que a facilidade na execução de seu ato se liga a uma prática constante, se diminuem e se enfraquecem pelos pecados veniais. Como, porém, se reduz nelas esta facilidade a uma perfeição e força exteriores e acidentais, seu enfraquecimento e diminuição não podem afetar a sua essência. Assemelham-se antes ao ouro puro, que, embora recoberto de terra, nada sofre em sua essência, nem perde o menor grau de pureza e formosura. São como um fogo ardente e poderoso, que, coberto de matérias incombustíveis, não deixa, por certo, ver suas chamas com tanto brilho e tanta força, mas de modo algum se priva de seu ardor interno.

Assim como não pode ser essencialmente afetado pelos pecados veniais o poder das virtudes sobrenaturais, também não podem sofrer por causa deles, em sua essência, o resplendor da graça, a complacência de Deus nelas, os méritos de nossas boas obras, pela simples razão de serem virtudes sobrenaturais. Pelas faltas veniais ofendemos a Deus, que é nosso melhor e mais querido amigo; desagradamos-lhe e nos fazemos merecedores de seus castigos. Esta ofensa, porém, pode coexistir com a graça, e mesmo com um elevadíssimo grau de graça. Castiga-nos Deus suficientemente quando nos envia diversos sofrimentos, sobretudo quando, por estes castigos, retarda nossa admissão à

visão beatífica. Pode, além disto, suspender muitos favores que nos tinha preparado, sem por isto nos privar da mínima parte de graça já possuída por nós. Mesmo no caso de haver alguém cometido numerosos pecados veniais, não perde, por este motivo, o direito ao grau de glória celeste já merecido; são suas obras agradáveis a Deus, e guardam sempre o mérito que lhes compete, ainda quando esteja ele carregado de numerosíssimas faltas veniais. O ouro da graça não é menos precioso por se achar encoberto por muita terra, e envolto em palha. A terra deve lavar-se com lágrimas de arrependimento, e a palha, queimar-se no fogo. Achemo-nos, porém, diante de Deus, com as mesmas riquezas de graça que havíamos adquirido antes dos pecados veniais, ou simultaneamente.

O fato de não devermos temer o aniquilamento ou a diminuição do tesouro da graça, se não passam os pecados de veniais, dispensar-nos-á talvez de evitá-los, de odiá-los e detestá-los? Longe disto. Ao contrário, devemos admirar a bondade infinita de Deus ao não retirar sua graça, ainda quando a manchamos, e, como sinal de reconhecimento, com tanto maior empenho, evitar este mal para o futuro.

Por aqui conhecemos o valor e a santidade da graça, e compreendemos a distância que a separa de tudo que é pecado ou imperfeição. É lógico resolvermo-nos a conservá-la pura e imaculada. Se não fosse essencialmente pura e santa, raio de luz celeste e ouro puríssimo, seria diminuída e amesquinhada pelo pecado; o fato de não o ser, porém, deve atribuir-se, não à menor gravidade do pecado, mas, sim, à indestrutibilidade da essência celeste da graça. O fato de não ser ela diminuída pelos pecados veniais, deve atribuir-se unicamente à pureza e santidade que a tornam incompatível com o pecado mortal.

Se o ferro, diversamente do ouro, além de se manchar externamente pelo barro, é também devorado internamente por ele, isto o deve ao fato de possuir muita coisa comum com o barro. Significa isto que a mancha no ouro seria menos de lamentar-se que a verificada no barro? De modo algum. Tal mistura tem menor importância, se se trata do ferro, pois, afinal de contas, são da mesma natureza, já que é coisa provada penetrar o barro no ferro e mesclar-se com ele. Tratando-se do ouro, uma mancha é tanto mais horrível, quanto é ele menos apto a recebê-la e não se mistura com ela; e nisto se evidencia a viva oposição entre o ouro cintilante e a terra impura lançada sobre ele. O fato de o barro não lhe suprimir o brilho nem poder prejudicá-lo, torna este elemento mais repugnante e digno de ódio. Assim

¹) S. Tomás, II-II, q. 24, a. 10.

pois; quanto menos é a graça apta para ser corroida e diminuída pelos pecados veniais, tanto é mais pura e clara sua essência, e há uma repugnância maior em pô-la em contacto com eles. Quando não se pode destruir o enfeite dourado da esposa, é horrível, sob todos os aspectos, lançá-lo ao lado do pecado. É igualmente espantoso cobrir de pó e de imundície a veste de púrpura dos filhos de Deus, porque não pode ela perder o resplendor de suas cores.

Como se vê, muitas são as razões, pelas quais devemos odiar o pecado venial, embora não possa diminuir a graça, ou melhor, precisamente porque não a pode diminuir, pois deste modo desfigura mais ainda nossa alma. Semelhante ao olho que repele instintivamente todo objeto estranho que nele se introduz, e fica profundamente afetado, quando não o consegue, deve nossa alma opor-se a toda falta venial, e não descansar até afastá-la de si. O espelho, elemento morto, não se revolta contra a poeira que o cobre. Nossa alma, porém, é um espelho vivo da santidade divina, um olho inundado e purificado pela luz do alto.

Conservemo-la sempre fresca e viva. Oxalá estivéssemos cheios de olhos que olhassem por todas as partes, como os animais misteriosos do Apocalipse, que, em cada direção, olhavam com mil olhos². Manter-nos-íamos, sem dificuldade, protegidos contra as manchas da poeira.

Imitemos as pombas, sempre preocupadas em guardar pura e sem mancha sua branca plumagem, evitando todos os objetos e lugares que a possam manchar. A alma ornada da graça é uma pomba, cuja plumagem argentina brilha ao resplendor do sol divino, uma pomba que o Espírito Santo quer levar longe das terras manchadas deste mundo, até os cumes luminosos do céu. Não nos arrastemos pela terra; não nos apeguemos às coisas deste mundo; desprendamo-nos delas quanto pudermos, e subamos até ao céu; num ligeiro voo de pomba. Se por nossa imprudência ou levandade, alguma impureza aderir a nossas asas, saquemo-las sem demora, apressemo-nos em nos purificar de novo, no sangue de Cristo.

Além da fealdade, podem os pecados veniais causar ainda sérios danos à graça. Ensina S. Tomás que, embora não a diminuam essencialmente, lhe debilitam o esplendor e a fecundidade, e conduzem, ademais, à sua perda total³. De um lado, são espinhos agudos que impedem a graça desenvolver-se alegremente;

de outro lado, são vermes roedores que atacam as raízes da graça lançadas em nossa natureza e as vão arrancando cada vez mais de nossa alma.

Com efeito, aquele que comete numerosos pecados veniais subtrai-se à eficácia da graça; contraria-a, repele-a, apaga seu ardor, não podendo ela, assim, deixar subir suas chamas, mas detém sua força e não consegue desenvolver-se com liberdade. Se crescem as plantas venenosas, em torno da graça, numa luxuriante abundância, não pode esta desenvolver-se. Sua aproximação envenena a terra e a atmosfera. Envenena a terra, porque a multidão destas plantas venenosas ocupa toda a nossa atividade e esgota nossa força; envenena a atmosfera, porque o Espírito Santo retira deste campo, coberto de ervas más, a luz e o orvalho de sua assistência, visto não querer cansar-se inutilmente. Assim se vê o aumento da graça frequentemente impedido pelos pecados veniais; seria isto já incalculável perda, suficientemente grande para no-los fazer detestar profundamente. Não hesitemos, pois, em arrancar estas plantas venenosas, até à última raiz, até a derradeira fibra, para que o fogo da graça não se esfrie em nós, perecendo sua fecundidade.

Há, porém, mais ainda: os pecados veniais, como já vimos, corroem as raízes da graça e as desagregam, até poderem arrancar-se completamente. É bem verdade que somente os pecados mortais cortam estas raízes, e que os veniais jamais podem converter-se em mortais; não é menos verdade, porém, que a espada temível dos mortais não logrará facilmente penetrar em nossa alma, se não lhe houverem antes os veniais preparado o caminho. Como a enfermidade precede à morte, assim as faltas leves precedem às faltas graves. Não dizemos com isto que possa a graça, em si, enfermar, como observamos já não poder ela ser destruída ou diminuída em sua essência; o que se dá é que as faltas veniais paralisam a ação da graça sobre nossa natureza. Nas enfermidades corporais, a alma não se encontra realmente enferma, e, contudo, pela perturbação e dissolução de seus órgãos, o corpo se converte em instrumento impróprio ao serviço da alma. O que são para a alma os órgãos do corpo, são para a graça as faculdades e as inclinações naturais da alma. Assim como uma perturbação dos órgãos vitais, que se não conseguiu extirpar ou deter desde o princípio, deve conduzir, pouco a pouco, à separação do corpo e da alma, assim também os pecados veniais fazem com que a graça seja cada vez mais estranha à nossa natureza; orientam as faculdades naturais em uma falsa direção, desviam-nas de Deus, dirigem-

²) Apoc 4, 8-8.

³) S. Tomás, I-II, qq. 85; 88; 89; II-II, q. 24, a. 10.

nas para as criaturas, arrancando, assim, nossa alma ao influxo dominador da graça. Um simples impulso a mais, e romper-se-á o último laço que une a graça à natureza.

Só o pecado mortal, por certo, pode agir diretamente contra a graça; os veniais, porém, são também pecados, e, como tais, se acham aparentados e unidos com o mortal. São, em si menos, impotentes, nada podem contra o templo de Deus erguido em nós pela graça, a não ser manchá-lo e minar-lhe os fundamentos; não deixam entretanto de ser os mensageiros do inimigo poderoso, que vem atrás deles, marchando sobre suas pegadas, e se encarregar, sem dificuldade, de completar sua obra destruidora.

Não bastará isto, ó alma cristã, para detestares os pecados veniais como aos mais perigosos inimigos de tua alma? Não são seus efeitos piores do que se te roubassem um grau de graça? Se assim é, como podes ainda aliar-te tão levemente aos teus astutos inimigos, que, aparentando nada levar, fogem com tudo? Quanto mais insignificantes parecem, mais perigosos são, porquanto, temendo-os menos, nenhuma precaução se toma, enquanto com maior segurança e liberdade prosseguem eles sua destruidora manobra.

Que lhes tenhas ódio, fujas deles e os destruas. Odeia-os como a teus piores inimigos.

Deves fugir deles ainda mais, porque te fazem ofender dolorosamente a Deus, teu mais terno Pai, teu mais estimável amigo, teu mais doce Esposo. Em estado de graça, estás, mais que nunca, obrigado a amá-lo e alegrá-lo. Tão intimamente a ele te unes e tão abundantemente te inundas em seus benefícios e favores, que só deverias respirar amor e gratidão para com ele. Como podes não ofendê-lo, se, conservando sua amizade, bem entendida, lhe negas, em muitas ocasiões, as demonstrações do amor que lhe deves? Será possível não desagradar-lhe, quando, sem querer na verdade abandoná-lo, te subtraís tão frequentemente à obediência filial e ao respeito que lhe deves? Não podes imaginar a aflição causada ao celeste esposo de tua alma, quando não de todo ainda separado de seus braços, perdes tua pureza imaculada, e lanças já os olhares para seus inimigos. O crime é tanto maior, a ingratidão tanto mais negra, quando sabes que, ainda assim, não te tirará um só grau de graça.

Quando chegarás a compreender a inaudita malícia contida no pecado venial? Quando começarás a servir com maior empenho e fidelidade a teu Deus, a ser-lhe agradável em tudo que fazes e deixas de fazer, assim como ele mesmo te fez agradável a seus olhos pela graça?

Se assim não procedes por amor e reconhecimento, faze-o, ao menos, pelo medo dos terríveis castigos com que Deus ameaça tamanha infidelidade e ingratidão. São estes castigos realmente imensos, mui superiores ao que possas imaginar; devem ser grandes, pois teus pecados ultrapassam também o imaginável. Se o santo ardor da graça não os pôde afastar de ti, ou melhor, se, por eles, afastaste de ti este fogo sagrado da fé, não pode Deus deixar de destruir estas palhas pelo fogo vingador, igualmente sobrenatural, fogo que a natureza criada desconhece e não pode produzir — como não pode produzir o fogo da graça — fogo que ninguém mais senão o amor onipotente de Deus pôde inventar e criar para purificar de suas manchas as almas que possuem a graça. Fogo vingador, disse? O próprio fogo da graça te atormentará com terrível rigor, se, depois da morte, não te admitir Deus imediatamente, por teus pecados, à visão beatífica de sua face. Este fogo converter-se-á, em ti, em um desejo tão poderoso, em uma sede tão abrasadora, que te farão esquecer todos os outros sofrimentos; se não te sustentasse a mão de Deus, consumir-te-ias no mesmo instante; será teu sofrimento tanto mais vivo, quanto mais próximo estiveres do fim, e quanto mais elevado for o grau de glória de que poderás gozar no céu.

Apressa-te em apagar este terrível fogo com as lágrimas da penitência; não amontoes, para o futuro, em tua alma, a palha que lhe servirá de alimento. Empenha-te, desde hoje, em atizar o amável fogo da graça e da caridade divina, em purificar todas as manchas, em afastar a palha do pecado e queimá-la na mesma hora em que aparece. Se assim fizeres, além de conservares a graça pura e imaculada, e preservá-la da ruína, aumentá-la-ás continuamente, e gozarás de seu fruto após a morte.

CAPÍTULO XIII

DA CONSERVAÇÃO DA GRAÇA ATÉ AO FIM DE NOSSA VIDA

Inútil seria quanto fizéssemos para adquirir a graça e aumentá-la, se, uma vez conseguida, não a conservássemos até ao fim de nossa vida, para aparecermos com ela diante do trono de Deus. Não podemos dizer que a graça é verdadeiramente nossa, se não nos pertence para sempre; só nos faz ela verdadeiros filhos de Deus, se não decaímos de nossa dignidade, se voltamos com ela para junto de nosso Pai celeste, para possuí-lo e pertencer-lhe para todo o sempre. Condição indispensável para

que nos seja a graça salutar e gozemos de seu fruto supremo e eterno, é não matarmos em nós seu germe vivo. Sua perda seria mais vergonhosa e significaria um desastre muito maior do que se nunca a houvéramos possuído.

Estejamos atentos em conservar este precioso tesouro, com delicado esmero, sobretudo levando-o, como diz o Apóstolo; *em vasos de argila*¹. O vaso de argila em que se encerra o tesouro da graça é nossa natureza terrena, débil, miserável, na qual Deus depositou e derramou sua graça; é este vaso tão frágil, como precioso e santo é o tesouro que contém. Assim como se sabe ser a natureza capaz de conservar a graça em sua parte mais nobre, que é a imagem de Deus — apodera-se esta parte da graça e a conserva como seu maior bem e como fonte da felicidade divina — sabe-se também quão contrárias lhe sejam suas partes inferiores, que procuram afastá-la para não serem molestadas na satisfação completa e sem peias de seu amor próprio e de sua sensualidade. Enquanto a parte superior de nossa alma quer atraí-la a si, para dela servir-se, a parte inferior afasta a vontade da graça, e não mais encontra esta, em nós, lugar onde possa estar em paz e segurança. Em vez de ser cuidada com terno amor, é repelida, e seu precioso bálsamo, dissipado. Longe de manter unidas todas as faculdades para conservá-la, nossa natureza as dispersa, ligando-as a coisas da terra, e se distrai assim a si própria, vindo a perder o rico tesouro que ocultava em seu seio. Como se vê, é a conservação da graça, das mais difíceis coisas, para não dizer, impossível. Como se não bastasse a fragilidade do vaso, está este à mercê de milhares de inimigos, que buscam arrebatá-lo e espedaçá-lo; assim, declaram-nos o mundo e o demônio uma guerra sem tréguas, com o propósito de nos arrebatá-lo, ora por um roubo secreto, ora violentamente, este vaso frágil e precioso.

Por outro lado, este tesouro garante sua conservação. Com efeito, a graça, não, somente cura como um bálsamo celeste a miséria de nossa natureza, mas ainda purifica e dá consistência ao vaso que a leva. A semelhança do óleo, facilmente se derrama, mas também nos conforta e robustece, por sua unção, contra os inimigos internos e externos, e contra nossa própria debilidade e miséria. Devemos, contudo, cuidar do tesouro e do vaso, com a maior precaução, e importa confiarmos um e outro, a guardas vigilantes.

Devemos cuidá-los, antes de tudo nós mesmos, isto é, vigiar este tesouro e o vaso que o contém, com suma precaução,

com verdadeiro zelo, impondo distância aos inimigos. Cumprenos velar com a maior atenção pela pureza deste vaso, para que nele nada se introduza de estranho que possa expulsar a graça; importa-nos levá-lo com precaução, para não irmos de encontro a alguma pedra e o partirmos. E' mister não perder de vista as inclinações e os maus hábitos que crescem secretamente, pouco a pouco envenenando a alma e afastando dela a graça. Devemos estar em guarda contra as ocasiões próximas, e mesmo remotas de pecado mortal, para não sermos assaltados por uma força superior à nossa, e não nos domine o inimigo antes de podermos usar nossas armas.

Se o inimigo nos ataca abertamente e com grande poder, se, apesar de nossa prudência, se inflama a concupiscência da carne, se quer o mundo lançar-nos ao pescoço a cadeia de seus sedutores atrativos, se o dragão infernal ameaça devorar-nos, estamos no momento de defender com toda ousadia nosso tesouro, em um combate franco e heróico, sem poupar sacrifícios, sem olhar ferimentos. E' necessário darmos nosso dinheiro e nosso sangue para defender nossa dignidade divina, nossa coroa, nosso trono, nosso reino celeste. Assim como as serpentes, diz S. João Crisóstomo, sacrificam todo o corpo, para conservar a cabeça, quando agredidas por inimigos, assim também não devemos nós ter medo de pôr em jogo nossa natureza toda, com tudo que lhe é caro e agradável, para salvar a graça, certos de que nos restituirá ela cento por um, de quanto por ela tivermos sacrificado.

Mas, ante a fraqueza da natureza e a força de nossos inimigos, não basta nossa própria vigilância para conservar e defender, com suficiente garantia, este precioso tesouro. Por isto, disse nosso amável Salvador: *Vigiai e orai, para não cairdes em tentação*². Por uma prece perseverante, insistente, confiante, devemos chamar em nosso auxilio outros guardas que podem sustentar nossa fraqueza, e aniquilar o poderio de nossos inimigos; devemos suplicar-lhes escondam nosso tesouro onde esteja melhor guardado e mais seguro.

Recorramos, antes de tudo, aos santos anjos, colocados por Deus junto de seus filhos, como guardas pessoais, para que, juntamente com nosso tesouro, nos levem em suas mãos, livrem nossos passos de toda emboscada e nos façam passar, sem dificuldade, sobre as serpentes e os dragões³. Acudirão em nosso socorro com a maior prontidão. Sua força sobrepuja de muito a do leão infernal, que ruge em torno de nós, buscando devorar-nos⁴. Empreenderão por nós o combate, e far-nos-ão sempre

¹) Mc 14, 38.

²) Sl 90, 11-13.

vitoriosos. Descobrirão e desbaratarão os ardis ocultos da serpente, antes mesmo de os descobrirmos nós. Com uma espada de fogo, colocar-se-ão à porta de nossa alma, como outrora às portas do paraíso⁴, para guardar nela a árvore da vida, que é a graça, e não a toquem ou despojem mãos maculadas.

Escondamos continuamente nossa alma com seu tesouro, no seio materno da mãe de Deus, que é também a mãe de todos os filhos de Deus, e da mesma graça. Maria é a fonte fechada, jamais atingida pelo veneno da enfermidade humana e nunca dominada pelo príncipe das trevas. Nela, recobrou nossa natureza sua força e pureza originais; nela, o poder dos infernos se quebrou aniquilado. Se nos refugiarmos, pois, neste santuário, se nele nos escondermos, triunfaremos infalivelmente de nossa fraqueza, e, também nós, esmagaremos a cabeça da serpente infernal; em vão nos atacará ela o calcanhar, como em vão atacou Maria. Com uma ternura verdadeiramente materna, tomar-nos-á a Virgem em seu seio, pois a buscamos com o propósito de nele esconder a jóia, pela qual somos filhos seus, pela qual deu ela a seu Filho o sangue de suas veias e ofereceu ao Pai celeste seu próprio coração, em meio às chamas do amor mais ardente e dos mais atrozes sofrimentos.

Resta-nos, porém, ainda outra solução. Encomendemos nossa alma, com o tesouro da graça, ao coração divino do Filho de Maria, ao Coração de Jesus. A graça não é outra coisa senão o preço do incomparável sangue brotado deste coração; é, por assim dizer, o sangue da vida divina que bebemos do coração divino do Filho de Deus, vivendo de acordo com ele e nele, de sorte a não mais vivermos nós, e, sim, Cristo que viva em nós. Imaginemos o amor e a ternura com que o Divino Salvador conservará em nós, se lhe pedirmos, o tesouro que tão caro pagou, a vida que ele mesmo vive em nós. Podemos estar absolutamente seguros, desde o instante em que depositarmos nosso tesouro neste vaso sagrado e intangível. Que inimigo ousaria arrebatá-lo deste santuário? Que poder seria capaz de dele se aproximar? Que astúcia seria suficientemente hábil para nele penetrar? A fragilidade de nosso próprio vaso estará ao abrigo de todo prejuízo, enquanto o mantivermos encerrado, com seu tesouro, nesta torre sagrada, que substitui e protege nossa fraqueza com sua solidez, nossa inconsistência com sua força divina.

Depositemos, finalmente, nosso tesouro nos braços, no seio, no coração do Pai celeste, já que dele o recebemos. Tendo-nos

⁴) 1 Ped 3, 8-9.

⁵) Gn 3, 24.

regenerado em seu seio e estreitado a seu coração como a Filhos, conservará também e protegerá, em nós, a graça de sua filiação, enquanto insistentemente lho pedirmos. Nosso tesouro é seu tesouro, é o fruto de seu seio, o preço do sangue de seu Filho Unigênito, a finalidade de todas as suas obras; é o que de mais precioso nos deu, o que ele mesmo possui em nós. Guardá-lo-á com todo seu poder, seu amor e sabedoria. Guardá-lo-á em nós, como a pupila de seus olhos, segundo ele mesmo afirma, pelo profeta Zacarias; *Aquele que vos tocar, saiba que me tocou na menina dos olhos*⁶. Se já nos achamos seguros nas mãos de seus anjos, no seio de sua esposa, no coração de seu Filho, que segurança não será a nossa, se estivermos, então, em seu próprio olho? Grande será certamente nossa tranquilidade, se seu olho, que tudo vê, está velando por nós, se sua mão onipotente nos protege, se nos defende seu amor!

Não cessemos, pois, de vigiar e orar, de vigiar com uma santa apreensão diante de nossa própria fraqueza e o poder de nossos inimigos, e de rezar com santa esperança na proteção e vigilância dos anjos, de Maria, do Filho de Deus, do próprio Pai eterno.

Aquele que está em pé, cuide que não caia, diz o Apóstolo⁷. *Opera vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é quem opera em nós o querer e o operar, segundo sua bondade*⁸. Estas notáveis palavras encerram um profundo mistério: o motivo em que o Apóstolo funda seu temor, é ao mesmo tempo o motivo de nossa esperança e de nossa segurança. Devemos operar nossa salvação com temor e tremor, porque nossa vontade e nossa ação dependem da graça de Deus; razão a mais para nos esforçarmos em colaborar fielmente com sua graça, por temor de que Deus no-la retire e nos abandone a nós próprios, e não possamos, então, nada fazer por nossa salvação. Por outro lado, sendo Deus quem opera em nós, não somente o querer, mas também o agir, e sendo, como diz o Apóstolo em outra passagem, *o mesmo Deus que começou em nós a boa obra, se encarregará de levá-la a termo, até o dia de Jesus Cristo*⁹, não temos motivo de desesperar, apesar de nossa fraqueza; estamos certos de que, mediante uma colaboração fiel com a assistência divina em nós, conservaremos infalivelmente a graça, e chegaremos felizmente ao seu termo.

Não menos devemos temer e tremer ante o mistério da predestinação e da eleição de Deus. O próprio Deus que opera a salvação, é que nos escolheu para alcançá-la. Disse Nosso Se-

⁶) Zac 2, 8. ⁷) 1 Cor 10, 12. ⁸) Filip 2, 13. ⁹) Filip 1, 6.

nhor a seus discípulos: *Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi*¹⁰. Devemos nos esforçar, vivamente, por não inutilizar os designios de Deus sobre nós, e nem abandonar os caminhos pelos quais deseja conduzir-nos; do contrário, não chegaríamos ao termo. Sabemos além disto que Deus, a quem devemos o ter-nos chamado à graça de sua filiação e à herança no céu, nos conservará esta mesma graça, de modo seguro e infalível, e nos conduzirá a esta herança, se lhe formos fiéis. Querendo Deus salvar a todos os homens e tendo chamado todos à salvação¹¹, a nós compete corresponder a seu chamado e realizar em nós sua eleição: *Estai atentos em garantir vossa vocação e vossa eleição pelas boas obras*¹². Enquanto fizermos frutificar a graça pelas boas obras, a preservarmos do pecado e a encomendarmos a Deus por uma oração constante, pertenceremos ao número dos eleitos, a cujo bem-estar se coordenam todas as coisas, e aos quais, segundo afirma o Apóstolo, Deus glorificará, do mesmo modo que os chamou e justificou¹³. Enquanto nos esforçarmos por permanecer fiéis, Deus será fiel conosco. Fala-o o mesmo Apóstolo: *Deus é fiel e não vos tentará além do que podeis suportar; com a tentação, dar-vos-á o poder de suportá-la*¹⁴. Com efeito, os dons e a vocação de Deus são imutáveis¹⁵, isto é, Deus não retirará a eleição e a graça que uma vez nos concedeu, a não ser que as desprezemos ou repilamos.

Podemos e devemos, por conseguinte, abrigar a firme esperança de conservar a graça até o fim e de poder chegar um dia à glória. Não esqueçamos estas palavras de S. Paulo: *Não sabeis que os que correm na arena, correm todos, mas só um alcança o prêmio? Correi de maneira que o alcanceis*¹⁶. Tão pouco devemos esquecer a advertência do Filho de Deus no Apocalipse: *Guarda o que tens, para que outro não receba tua coroa*¹⁷.

Quando perdemos, ainda que uma vez só, a graça, estamos em perigo de morrer neste estado e nunca mais recuperá-la. Devemos então temer que Deus afaste nosso candelabro, no qual apagamos a luz da graça, de seu lugar, como ameaçou, no Apocalipse, ao bispo de Éfeso; que nos tire o talento para sempre, entregando-o a outro, que o guardará mais fielmente e o fará frutificar.

Deus não precisa de nós; e muito menos ainda podemos impor-lhe uma norma na distribuição de sua graça. Sabemos que repeliu o povo de Israel, a quem tão ricamente ornara de

¹⁰) Jo 15, 16.¹¹) 1 Tim 2, 4.¹²) 2 Ped 1, 10.¹³) Rom 8, 29-30.¹⁴) 1 Cor 10, 13.¹⁵) Rom 11, 29.¹⁶) 1 Cor 9, 24.¹⁷) Apoc 3, 11.

graças, quando este povo se tornou indigno de tantos benefícios; não ignoramos também que chamou os pagãos a ocuparem o lugar de Israel no reino da graça; e que David, o pastor, ocupou o lugar do desobediente Saul; que a defeção de Judas foi preenchida pelo ladrão arrependido; que o lugar do orgulhoso monge Pelágio, o ocupou Agostinho que se entregara à infidelidade e ao mundo, e, finalmente, que a verdadeira Igreja, na pessoa dos pobres índios, encheu a vaga produzida nos povos apóstatas da Europa. Assim também, poderia repelir-nos e colocar, em nosso lugar, tal ou tal alma, que julgáramos perdida.

Vergonhoso seria realmente para nós se, no dia do juízo, devêssemos contemplar outros assentados no trono, e ornados com a coroa que julgáramos serem nossos, e aos quais havíamos adquirido um direito pela graça. Só isto seria para nós um inferno, e mais, se pensássemos nos inumeráveis méritos adquiridos, na leviandade com que zombamos deles, na facilidade com que poderíamos tê-los conservado e aumentado, com o auxílio de Deus.

Atende ao que tens, para que tua coroa não passe a outro. Conserva a graça como uma graça, como um dom gratuito e extraordinariamente precioso da bondade divina. Conserva-a com humildade, sem altivez, sem atribuir-te mérito algum, sem desprezar os outros. Conserva-a com íntimo reconhecimento para com Deus, porque coisa alguma te faz tão indigno de sua graça, como a ingratidão. Conserva-a com temor salutar, lembrando-te de tua fraqueza e infidelidade, mas também com viva esperança no poder e na fidelidade de Deus, que te deu.

Para terminar, ouçamos esta advertência do Príncipe dos Apóstolos, cujas palavras nos revelaram, desde o começo desta obra, a essência da graça e seu valor infinito:

*Inspirai-vos todos reciprocamente na humildade, porque Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes. Humilhai-vos sob a onipotente mão de Deus, para que vos exalte, no tempo de sua visita. Lançai em seu seio todas as vossas preocupações, pois ele cuida de vós. Sede sóbrios e vigiai, porque vosso inimigo, o demônio, ronda como um leão furioso ao redor de vós, procurando a quem possa devorar; resisti-lhe, porém, firmes na fé. E o Deus de toda graça, que nos chamou à sua eterna glória por Jesus Cristo, depois de terdes padecido algum pouco, vos aperfeiçoará, ele mesmo, vos fortificará e consolidará. A ele seja dada a glória e o poder supremo, pelos séculos dos séculos. Assim seja*¹⁸.

¹⁸) 1 Ped 5, 5-11.

APÊNDICE

A DOCTRINA DA GRAÇA NA TEOLOGIA MODERNA¹

Surpreendi-me sempre ao ver que, nos manuais de moral cristã, se dá mui pouca importância à distinção entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. Se excetuarmos a doutrina dos sacramentos e o que respeita à fé (e ainda este último assunto se trata de modo demasiadamente filosófico) dificilmente se encontra alguma coisa, em toda a teologia moral, que não se pos-

¹ O presente artigo do Autor, publicado em *Katholik*, 1860, pp. 657-674, foi, segundo parece, de grande atualidade em seu tempo. Guarda ainda hoje seu interesse, pois ao menos nos representa, ao vivo, o quadro pouco consolador que contristava o coração apostólico de Scheeben. Em sua opinião, a moral reduzia-se, então, a um catálogo de pecados: o moralista limitava-se a determinar quando um ato é pecaminoso, a inculcar o cumprimento das leis; era também de sua incumbência verberar a atitude dos transgressores, aduzindo, como motivo principal, que é a transgressão indigna de um ser dotado de razão e de uma alma espiritual.

Método, evidentemente, incompleto, ineficaz, sobretudo quando comparado com outro excellentíssimo que temos a nossa disposição: consiste em fazer compreender ao pecador — para que se decida a abandonar seu deplorável estado, e em pôr diante dos olhos daquele que está em graça, para que não a perca — sua vocação altíssima, a dignidade incomparável em que Deus o colocou ou está disposto a colocá-lo pela graça, contanto que o queira. Para inculcar esta idéia, escreveu Scheeben, mais tarde, as *Maravilhas da Graça*.

A recomendação de semelhante método nunca perderá sua atualidade, porquanto se baseia na essência da vida espiritual. Houve épocas na história da Igreja, — a do autor deveu ser uma delas — em que se deu muita importância ao elemento humano — ponderações da força do entendimento, culto à forma clássica, etc. — recorrendo-se, excessivamente, tanto na pregação, como na literatura piedosa, a processos pouco evangélicos. Compreender-se-á que o próprio sacramento da penitência ou confissão, em que o sacerdote faz também o papel de doutor e médico, podia ser afetado nos efeitos correspondentes.

Quando, pois, Scheeben censura a forma em que se escrevem os livros de moral, quis incluir todos estes extravijs de que acabo de falar.

Se nos referirmos, agora, aos textos de moral, propriamente ditos, pouco variaram, sob este aspecto, de seu tempo a nossos dias. Nem havia motivo, porquanto importa não esquecer que o ciclo teológico distribui de tal forma as matérias, que, em seu conjunto, nada do que o ministro sagrado deva conhecer se deixa de lado. Para isto, se estuda, no que diz respeito a nosso assunto, além da dogmática, a pastoral, a Ascética e Mística, e a Liturgia.

Digo, porém, que nunca se insistirá demais em preconizar o método propugnado por Scheeben, para a direção da vida cristã (N. do T.).

sa igualmente achar em uma boa filosofia moral. Dir-se-ia que apenas se invoca a revelação quando se trata de pôr um corretivo às deduções da razão, que tão facilmente se afastam da verdade. Parece supor-se que a filosofia e a teologia morais têm um único e mesmo objeto, conhecido imperfeitamente pela primeira, de modo mais perfeito e puro pela segunda. Cita-se por certo, na teologia moral, o exemplo de Jesus Cristo, ressalta-se ter Jesus Cristo, em muitos pontos, colocado as exigências e os ideais em uma altura muito superior à em que poderia estabelecê-los a simples lei natural. Isto, porém, não muda essencialmente a situação; não cria uma diferença específica, universal, uma diferença suficiente para distinguir ambas as doutrinas, e assinalar a cada uma seu domínio próprio.

Nos tempos em que o cristianismo lutava contra a corrompida moral pagã, era mister, para relacioná-lo com aquilo que de bom e verdadeiro possuía o paganismo, insistir sobre o fato de que também no cristianismo se realizava o ideal da filosofia moral; cumpria projetar luz, não tanto sobre a oposição como sobre acordo existente entre a moral cristã e a moral filosófica. Em nossos dias, porém, em que, de um lado, as ciências se especificam, e por outro, o frio indiferentismo se contenta com a filosofia e pretende que, fora dela, não há, no cristianismo, senão formas vazias, sem conteúdo interior, em nossos dias, repito, devemos especificar e separar, da moral natural e filosófica, o elemento propriamente cristão de nossa moral.

Esta necessidade se faz sentir há muito tempo; expressaram-na frequentemente e sob as mais diversas formas. Desde que começou a estender-se cada vez mais, na Alemanha, um ponto de vista naturalista da moral cristã, só se pôde lamentar que só se ensinava, na cátedra, uma moral sem contacto com a dogmática, com a Revelação positiva, e, sobretudo, com os dogmas dos mistérios. Seguiam-se daí, como consequências práticas, o abandono da fé e o abandono dos mistérios. A admiração respeitosa para com a grandeza da doutrina e da virtude cristãs relegava-se cada vez mais para o último plano; o entusiasmo e a devoção desapareciam; o sentido das coisas misteriosas e celestes brilhava por sua ausência; cada dia mais se proclamava "a religião e a justiça do homem honrado".

Esta separação entre a moral e a dogmática com seus mistérios provinha, principalmente, de não se ter levado em conta o influxo que a dogmática deve exercer sobre a moral, bem como o vínculo que os une. A essência da moral depende do estado de nossa natureza e as outras naturezas espirituais. Se considerarmos nossa vida em seu estado puramente natural, não

podemos conceber relações morais essencialmente distintas deste estado, não podemos compreender, sobretudo, o grande significado que possuem para nós os mistérios do cristianismo. Estes mistérios grandiosos e elevados não poderão relacionar-se com nossa vida superior, não perceberemos os vínculos com que nos ligam, seu valor, seu significado, a não ser que nossa própria natureza seja elevada, de modo misterioso, acima de si mesma, a uma altura inconcebível, e introduzida em uma vida superior, sublime, misteriosa. Para aplicar, de maneira eficaz, a doutrina dos mistérios à moral, e poder unir uma à outra, é mister não considerarmos a moral como doutrina da atividade ética do homem em seu estado natural, mas a contemplamos como a doutrina da vida, e que corresponde à elevação do homem à dignidade grandiosa e misteriosa de filho de Deus, e irmão de Cristo.

Quanto mais insistirmos neste ponto, tanto mais apresentaremos, quer na cátedra, quer na igreja, em vez da moral do homem, a moral do filho de Deus, em sua pureza, sua elevação e beleza divina; e ao mesmo tempo se avivará a fé, será a devoção mais íntima e terna, o respeito e o amor para com Cristo e sua Igreja adquirirão maior profundidade, a concepção da vida se apresentará mais nobre e bela, a atitude do verdadeiro cristão será mais decidida em face dos fiéis e indiferentes. Se todos os cristãos tiverem uma idéia viva da alta dignidade a que sua natureza foi elevada por Cristo, terão também consciência do valor e da formosura de vida que tal dignidade traz consigo e exige. *Agnosce, o Christiane, dignitatem tuam, et divinae consors factus naturae, noli in pristinam villitatem degeneri conversatione redire* (reconhece, ó cristão, tua dignidade, e uma vez que te fizeste participante da natureza divina, cuida em não tornar à baixeza anterior, por um proceder indigno), diz S. Leão na bela homilia que solenemente ressoa a nossos ouvidos na noite de Natal, elevando nossos corações até ao céu. Esta é a voz da moral cristã, a que nos anuncia seu verdadeiro caráter; voz que a Igreja nos faz ouvir no momento em que celebramos o começo do cristianismo, abismados na admiração reconhecida de sua formosura e grandeza.

Exorta-nos o santo a reconhecer a dignidade que possuímos, não já como homens, mas, sim, como cristãos. A dignidade que o homem possui por sua natureza é elevada, elevadíssima; por sua alma racional, é ele a imagem de Deus; esta dignidade exige dele uma vida pura e moral, uma profunda veneração para com seu Deus. Mas, uma vez feito cristão, recebe o homem uma dignidade incomparavelmente superior, pois participa da natureza divina por sua união com Cristo, cujo nome adota

(cristão), para formar, com ele, um filho de Deus e um herdeiro do céu, segundo a repetida expressão dos Padres: *Ideo Deus factus est homo, ut homo fieret Deus* (Deus se fez homem, para que o homem se fizesse Deus). O homem participa da natureza divina, isto é, faz-se semelhante a esta natureza em todas as perfeições que a distinguem das naturezas criadas; sua alma, por virtude do Espírito Santo, transforma-se em uma natureza espiritual superior, que lhe permite participar da mesma vida de Deus. Em uma palavra, de criatura baixa e servil, se converte, pela graça, em verdadeiro filho de Deus Pai e em irmão de seu Filho Único. Se chegarmos a compreender com clareza, e meditarmos frequentemente a grandeza desta dignidade, se percebermos profundamente a nobreza celeste e divina com que se enriqueceu nossa alma, experimentaremos em nós os nobres sentimentos dos filhos de Deus (*excelsae cogitationes filiorum Dei*, palavras com que o venerável Baltasar Alvarez costumava excitar seus discípulos ao heroísmo na virtude). Compreenderemos que, por esta elevação, nos foi dado um direito a bens, riquezas e prazeres, de que não tínhamos a menor idéia em nossa baixeza. Sentiremos que entramos em relações absolutamente novas e superiores, relações que nos impõem deveres mais elevados, exigindo-nos uma vida bem diversa daquela que corresponderia a nosso estado natural. Se, apesar de tudo, quiséssemos viver como até ao presente, desertariamos de nossa excelsa dignidade de filho de Deus. Quando nos chama Deus a esta nobreza (*dignitas*), não nos é permitido permanecer em nosso aviltamento e baixeza (*vilitas*) anteriores.

Se vivermos de acordo com esta nobreza, então será nossa vida verdadeiramente cristã, tal como devemos vivê-la. Esta dignidade mesma que nos cabe em partilha, os bens infinitos e a felicidade eterna que traz preparados os castigos eternos que nos aguardam se desprezarmos inconsideradamente e calcarmos aos pés os dons mais preciosos de Deus, o amor para com o Pai que nos adotou como filhos, o amor para com o Filho, nosso irmão mais velho, que se dignou partilhar conosco o amor e a herança do Pai e comprar-nos estes tesouros inestimáveis com seu sangue divino, o amor para com o Espírito Santo que comunica e sela, com seu amor, este vínculo com o Pai e o Filho: eis aí os motivos verdadeiramente cristãos e sobrenaturais que devem incitar-nos a não decair da dignidade que possuímos como filhos de Deus, como irmãos e membros de Cristo.

Se for a moral cristã assim apresentada, à luz da fé, em seu caráter e nobreza específicos, não produzirá na alma do crente um particularíssimo efeito? E lá onde é a fé sobrena-

tural excitada diretamente e posta em contribuição, não deverá colaborar de modo muito especial a graça sobrenatural?

Verdade é que a vida cristã não depende tanto da apresentação do conhecimento deste ponto de vista. Sendo sobrenatural a própria luz da fé, pode-se ter um conhecimento direto e suficiente em si, embora indistinto, da moral cristã, sem delimitá-la e conhecê-la com precisão no que se distingue da moral natural e em sua elevação acima desta. Quando é vivíssima a fé e se familiarizou alguém com seus mistérios, pode-se realmente adquirir e possuir perfeitamente a nobreza e a dignidade da vida cristã, embora não se possa determinar, clara e distintamente, o grau de seu valor e de sua grandeza. Quando se trata, não obstante, de despertar a fé e de mostrar que não aprisiona nem nos obscurece o espírito, mas antes, o leva a regiões de uma claridade não imaginada, celeste; quando se trata de familiarizar-nos novamente com os santos mistérios que se nos tinham tornado estranhos; quando a natureza, por assim dizer, se encerrou em si mesma e se tornou indiferente ao mundo superior, é mister, então, antes de mais nada, recordar à consciência pertencer ela a uma ordem superior, possuir uma dignidade mais elevada do que julgava, dever pela fé tender a uma felicidade superior, entrar em relações superiores, amar-se e estimar-se a si mesma de um modo mais excelso.

Podem esperar-se os melhores resultados de uma exposição da moral cristã realizada deste modo; o proveito será tanto maior, se, em vez de se manter em generalidades, se desce a pontos particulares. Seria muito de desejar que se dispensasse a este objeto uma atenção mais geral e se empenhassem todos em realçá-lo.

Tentativa não tão difícil como poderia parecer. Os antigos teólogos, que, por outro lado, haviam penetrado profundamente no sobrenatural, deixaram-nos relativamente poucas exposições, em que hajam desenvolvido por completo a importância destas noções no domínio moral. Os traços fundamentais de uma moral sobrenatural, especificamente cristã, oposta à moral puramente natural, acham-se propostos em algumas passagens, pouco numerosas, embora penetrantes e geniais, de *S. Tomás*³; seu espírito agudo, estritamente científico, chegou a sentir a necessidade desta distinção. Mais tarde, o jesuíta *Francisco Suárez*, em sua obra clássica *De gratia*, colocou-se em primeira linha

por seus grandes méritos neste terreno⁴; edificando sobre os fundamentos de S. Tomás, desenvolve estes temas com a penetração de seu espírito e o calor de sua piedosa e santa alma. Quase na mesma época, encontramos com um homem que, transbordante de entusiasmo, eu diria mesmo, ébrio do esplendor da graça divina que se lhe revelara em toda a sua luminosidade, se propôs manifestar-nos as maravilhas que contemplara; ensinou sua doutrina, não no quadro estreito de uma escola, e sob as formas severas da ciência, mas aos olhos de todos, para comunicar aos corações dos fiéis, sem exceção, o seu acendrado entusiasmo. Viveu na primeira metade do século XVII. Escreveu uma obra em cinco livros sobre *O valor inestimável da graça divina, que o Filho de Deus nos comprou à custa de seu precioso Sangue*. Desenvolve, em certo sentido, o pensamento de S. Leão, citado acima. "Reconhece, ó cristão, a tua dignidade, a esperança de tua vocação, os bens e os tesouros inestimáveis com que Deus te distinguiu ao elevar tua nobreza, pela graça, até à condição de filho seu; apoiado neste conhecimento, leva uma vida que corresponda à nobreza de tua dignidade e de tua esperança". Tinha ele, diante dos olhos, a mesma finalidade que julgamos ter tido nós. Muito se podia esperar de seus vastos conhecimentos, da profunda ciência espiritual e da eloquência persuasiva que possuía *Nieremberg*. Suas aptidões eminentemente práticas, porém, e o ardor de seu zelo impediram-no deter-se no desenvolvimento teórico e na exposição de doutrinas a que sempre vêm unidas reflexões práticas; tanto é verdade, que está longe de ter exposto ou de ter podido expor tudo o que buscamos.

A distinção e a valorização do sobrenatural podem e devem frisar-se mais ainda. Isto se consegue, do modo melhor e mais simples, mantendo a idéia fundamental, comum a S. Tomás, a Suárez e a Nieremberg, e comparando, mediante uma analogia precisa, todos os elementos da ordem sobrenatural, com os da ordem natural. Reduz-se esta idéia fundamental a que a graça da filiação eleva realmente nossa natureza acima de si mesma, até à participação da natureza divina, comunicando-nos, até certo ponto, uma segunda natureza, uma natureza superior. Por esta natureza, entramos em um ciclo novo e fechado em si mesmo por laços e relações especiais, paralelos aos de nossa natureza, porém mui diversos dos mesmos. Mediante a natureza, Deus nos está unido, como autor de nossa existência, de nossa

³ Cf. sobretudo a I-II: *De gratia*, qq. 109-114; *ibid.* *De virtutibus in suis*, q. 64 e 65. *Quaest. disp. de virtut.*, I, art. 1, 5, 8-13. Veja-se também *De fide, spe et caritate*, no começo da II-II, e *De fide et veritate* (q. 14), *De spe et caritate*, nas *Quaest. disput.*

⁴ Veja-se Suárez, p. XXXVI, nota 3. Além disto, seu livro II *De Gratia*; cf. também *De virtutibus theologicis, de fide*, disp. 6 e 7, *De caritate*, disp. 1 e 3.

⁵ Ef. 1, 18.

razão e de nossa vontade, como criador e senhor; no desenvolvimento destas faculdades, devemos unir-nos a ele pelo conhecimento e o amor correspondentes. Já mediante a graça da filiação, Deus nos comunica, com a participação de sua natureza, sua luz e seu calor, de modo a podermos e devermos conhecê-lo e amá-lo como ele mesmo se conhece e se ama. Deus comunica-nos sua ciência imperfeitamente ainda, isto é, pela fé; chegará o dia em que no-la comunicará pela visão: "conhecerei — diz o Apóstolo — como me conheço". A sobrenaturalidade da fé divina, por exemplo, consiste em ligar diretamente nosso conhecimento ao conhecimento divino, e nele fundá-lo. A sobrenaturalidade da caridade consiste em nos unir a Deus, não somente como criador e Senhor soberanamente bom, mas como ao terno Pai, a quem amamos como o ama seu Unigênito Filho; o espírito do amor do Filho foi derramado em nossos corações, para podermos exclamar: *Abba, Pai*⁵.

Assim se compreende a elevação da vida cristã e se abre a fonte da profunda intimidade e do santo entusiasmo da devoção cristã, que não pode explicar-se pela estreiteza da razão humana.

Pela participação da natureza divina é o homem arrancado a seu limite natural e colocado em outro de vida divina. A vida natural, suposta boa e moral, gira sempre em torno da própria natureza. Mediante sua elevação, porém, é o homem inteiramente impellido para Deus, e já não pode viver senão em Deus e para Deus. Além das coisas más, também muitas naturalmente boas se opõem, por sua fraqueza, a este total abandono, a esta quase absorção da natureza em Deus. Na vida natural, a mortificação consiste unicamente na repressão dos movimentos e desejos desordenados; na vida sobrenatural, consiste na repressão de toda vida própria, independente, para não viver senão em Deus e para Deus. *Vivo eu, mas não sou eu quem vive, e, sim, Cristo que vive em mim*⁶.

Manifesta-se assim claramente a essência da mortificação cristã e sua necessidade absoluta. Com isto, não afirmamos, como frequentemente se dá, que a natureza está unicamente inclinada para o mal. A própria mortificação reveste-se de um atrativo superior, porquanto nos leva a compreender como o mal ou o que é menos bom deve abandonar-se, unicamente com vistas na consecução de um bem infinitamente superior.

Insistimos ainda sobre um ponto particular para manifestar que a aplicação de nosso princípio à moral pode ter um posterior

desenvolvimento. Falou-se com frequência da diferença que distingue a caridade fraterna da pretensa caridade humanitária, da qual tanto se vangloriam o racionalismo e o paganismo modernos. Replica-se, com toda justiça, que a última não tem um valor moral tão grande, porque não se considera o próximo como irmão diante de Deus, isto é, como nós, uma imagem do próprio Deus. Tal modo de proceder é moral e religioso, porém não ainda especificamente cristão; pode ser puramente filosófico. O cristão de fé viva responderá, simplesmente, que ama a seu próximo, porque é seu irmão em Cristo, membro de Cristo, e, de certo modo, o próprio Cristo. Ama-o com o respeito e a ternura de quem vê nele, não um simples homem, mas algo de celeste, santo e divino. Este algo santo e divino que o olho do crente vê brilhar em seu próximo é a graça da filiação divina, participação da divina natureza, graças à qual traz em si a mais perfeita imagem de seu Pai celeste, e pela qual toda a Santíssima Trindade nele habita como em seu templo; a nobre dignidade, a vida excelsa que faz do próximo irmão e co-herdeiro de Cristo e membro de seu corpo místico, membro a que Cristo ama como a si mesmo, e que merece, em nome de Cristo, nosso amor e nossa veneração. No fundo, a caridade fraterna cristã e sobrenatural distingue-se da caridade natural boa, sensível, ou mesmo moral, porque, na última, é o próximo considerado em razão do parentesco e comunidade que tem conosco por sua natureza, ao passo que, na primeira, é considerado em seu parentesco e comunidade sobrenatural conosco pela graça: parentescos e comunidades essencialmente distintos, que fundam evidentemente duas caridades essencialmente distintas.

Esta virtude da caridade fraterna (de certo modo a mais prática, pois constitui, segundo S. João, também a prova da caridade para com Deus) mostra, assim, da maneira mais nítida, que a grande noção do caráter sobrenatural da moral cristã está presente na alma do crente, embora nem sempre claramente; e que, portanto, todo fiel crente possui uma consciência direta do ponto de vista superior da moral cristã. Convém que a luz da fé e a unção do Espírito Santo nos ensinem doutrinas que a ciência não pode comunicar-nos, e que frequentemente não nos damos o trabalho de examinar.

Poderíamos considerar, agora, as diversas virtudes morais no sentido mais estrito: a justiça, a religião, a prudência, a fortaleza, a temperança, a humildade, etc., para mostrar seu caráter especificamente cristão e sobrenatural. Tarefa simples, se seguirmos a norma indicada e tivermos diante dos olhos a posição da natureza transformada por sua elevação e glorificação. A

⁵) Rom 8, 15. ⁶) Gál 2, 25.

justiça, por exemplo, é uma virtude pela qual estimamos a nosso próximo como possuidor dos mesmos direitos que nós, como personalidade independente e semelhante a nós; virtude, pela qual devemos respeitar tudo que a ele pertence. Segundo ditaram o caráter fundamental da personalidade, sua dignidade e seus direitos, também a virtude da justiça será diferente. Se olharmos o próximo em sua espiritualidade natural, como cidadão do universo que pertence a Deus, praticamos uma justiça natural; ao contrário, será nossa justiça sobrenatural, se considerarmos sua elevação pela graça, a uma dignidade superior, quase divina, e o tratarmos como um cidadão do céu. Pela virtude de religião, podemos adorar e prestar homenagem a Deus, como criador, princípio e fim de nossa natureza, ou também, como a nosso Pai, princípio e fim de nossa vida sobrenatural, da forma que o honra seu Unigênito¹. O segundo modo de honrar a Deus representa o verdadeiro culto cristão, em espírito e verdade.

E' fácil desenvolver esta aplicação. Compreende-se como brilha assim, na vida cristã, o resplendor da vida celeste, santa e divina, que lhe é tão peculiar; como produz um efeito tão poderoso sobre aqueles mesmos que não podem formar disto uma idéia exata. Este elemento da vida cristã não consiste em tender, de um modo geral, para o bem, mas, sim, até às culminâncias; consiste em que o homem criado, elevado à dignidade de filho de Deus, já não pode encontrar sua pátria entre as coisas sensíveis nem entre as mais elevadas criaturas, mas unicamente no mais alto dos céus, no seio de seu Pai celeste. A vida cristã é santa e divina, não somente porque é boa ou se relaciona de um modo geral com Deus, mas ainda porque traz em si o maior bem, a reprodução da santidade e perfeição do Santo dos Santos, e porque une a Deus, do modo mais íntimo.

O próprio qualificativo de *espiritual*, que se aplica à vida cristã, toma frequentemente um sentido por demais vago. Dar-lhe-íamos um significado evidentemente restrito, se disséssemos que a vida cristã confere ao espírito o domínio sobre os sentidos. E' certo, porém, que semelhante vida espiritual, ou melhor, racional, não era desconhecida da filosofia moral dos pagãos. A vida cristã chama-se espiritual, não só porque dá ao espírito o domínio sobre a natureza, mas, principalmente, porque nela o espírito é regenerado em Deus e no Espírito Santo, transfigurado de claridade em claridade, de acordo com a imagem da espiritualidade divina, pelo Espírito do Senhor², e porque começa a viver no Espírito e na virtude da vida divina. Portanto, quando se afir-

¹) Jo 17.²) 1 Cor 3, 18.

ma que a vida dos filhos de Deus é espiritual, quer-se dizer serem eles guiados sobrenaturalmente pelo Espírito de Deus³.

Por isto, a vida do verdadeiro cristão é uma vida mística. isto é, oculta e incompreensível ao homem natural. *Nossa vida está oculta com Cristo, em Deus*⁴. Está oculta à razão humana natural, porque sua fonte sobrenatural, celeste, e sua norma de proceder são inteiramente invisíveis, e não podem ser conhecidas, senão mediante uma revelação igualmente sobrenatural. Mesmas, depois de revelada, a profundidade de sua essência permanece em um insondável mistério, que se mostra hostil aos conceitos e ao orgulho do homem natural; por causa disto, é ela tão facilmente desprestigiada, ridicularizada, como se fosse coisa absurda, ou fanatismo vão. *O homem natural (animalis homo) não conhece as coisas do Espírito de Deus, o homem espiritual, porém, de tudo julga*⁵.

Já que o mundo e o racionalismo desprezam e perseguem este elemento místico do cristianismo, que constitui precisamente o sobrenatural, cumpre-nos procurar manifestá-lo com todas as nossas forças. Naquilo que o mundo despreza e ridiculariza, encontra-se justamente a glória, a grandeza e a nobreza do cristianismo, e a sabedoria daqueles que o professam. O que parece loucura, em Deus, é sabedoria maior do que a dos homens⁶.

Praza a Deus que estas indicações sobre a importância da valorização do elemento sobrenatural do cristianismo encontrem eco nos amigos do verdadeiro progresso da ciência e da vida.

³) Rom 8, 14.
⁴) Col 3, 3.⁵) 1 Cor 2, 14-15.
⁶) 1 Cor 1, 25.

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

Prólogo ..	5
------------	---

LIVRO PRIMEIRO

A ESSÊNCIA DA GRAÇA

Capítulo I. Lamentável desprezo dos homens para com a graça	15
Capítulo II. A graça é superior aos bens da natureza	18
Capítulo III. A graça sobrepuja aos milagres	22
Capítulo IV. A graça eleva-nos acima de nossa natureza	25
Capítulo V. A graça é uma participação da natureza divina criada	27
Capítulo VI. A participação da natureza divina faz-nos sobrenaturalmente semelhantes a ela	31
Capítulo VII. A participação da natureza divina comunica-nos a mais alta perfeição	34
Capítulo VIII. A graça, como participação do conhecimento divino, eleva o homem à visão imediata da glória de Deus ...	36
Capítulo IX. A graça faz-nos participar da santidade da natureza divina ..	41
Capítulo X. A graça nos confere uma natureza nova e superior	44
Capítulo XI. Em certo sentido, a graça é infinita	48
Capítulo XII. A graça e a Encarnação do Filho de Deus	50
Capítulo XIII. A graça e a dignidade da Mãe de Deus	56
Capítulo XIV. Da estima em que Deus tem a graça	59

LIVRO SEGUNDO

DA MISTERIOSA UNIÃO COM DEUS NA QUAL NOS INTRODUZ A GRAÇA

Capítulo I. Pela graça recebemos em nossa alma a pessoa do Espírito Santo	67
Capítulo II. Pela graça vem a nossa alma toda a SS. Trindade ...	75
Capítulo III. Pela graça, o Espírito Santo infunde-nos sua própria vida	79
Capítulo IV. A graça faz-nos filhos adotivos de Deus	84
Capítulo V. A adoção divina e a regeneração	90
Capítulo VI. O maravilhoso alimento dos filhos de Deus	97
Capítulo VII. Estabelecem-se, pela graça, entre Deus e nós, laços de verdadeira amizade	104
Capítulo VIII. Do amor inefável que nos tem Deus, quando estamos em estado de graça	112
Capítulo IX. Da divina formosura conferida pela graça a nossa alma	116
Capítulo X. Nossa alma faz-se, pela graça, esposa de Deus	123

Capítulo XI. Pela graça recebemos o reino de Deus e seu poder sobre as coisas	131
Capítulo XII. Pela graça, unimo-nos intimamente a Deus	134

LIVRO TERCEIRO

OS EFEITOS E OS FRUTOS DA GRAÇA

Capítulo I. A luz, símbolo da graça	147
Capítulo II. Poder maravilhoso com que a graça destrói em nós o pecado mortal	155
Capítulo III. A graça infunde em nossas almas as virtudes teologais sobrenaturais	159
Capítulo IV. A fé divina sobrenatural	163
Capítulo V. A virtude teologal da esperança	169
Capítulo VI. A caridade divina	173
Capítulo VII. As virtudes morais sobrenaturais	179
Capítulo VIII. Pela graça recebemos os sete dons do Espírito Santo, que trazem consigo as oito Bem-aventuranças de Cristo e os frutos do Espírito Santo	184
Capítulo IX. A graça santificante acompanha-se das graças sobrenaturais atuais do Espírito Santo	192
Capítulo X. O inestimável valor que a graça confere a nossas obras para merecerem a glória eterna	199
Capítulo XI. Um privilégio inestimável da graça: As obras feitas em graça afastam os castigos merecidos pelos pecados	209
Capítulo XII. Como, pela graça, participamos, de modo maravilhoso, dos bens de Cristo e dos Santos	211
Capítulo XIII. O maravilhoso poder que a graça revela em nossa fraqueza ..	216

LIVRO QUARTO

OUTROS EFEITOS E PRIVILÉGIOS DA GRAÇA DIVINA

Capítulo I. A graça faz-nos, sob todos os pontos de vista, dignos de uma especialíssima providência de Deus	225
Capítulo II. A companhia de inumeráveis anjos torna a graça mais agradável ..	229
Capítulo III. Fora da graça não se dá, neste mundo, verdadeira felicidade ..	233
Capítulo IV. Não há termo de comparação entre a felicidade produzida pela graça de Deus e a dos homens	238
Capítulo V. A graça encerra a iluminação mais elevada, a verdadeira liberdade e o mais admirável progresso	241
Capítulo VI. Como os anjos estimam a graça	247
Capítulo VII. Devemos estimar a graça mais que os anjos e os Santos Antigo Testamento	250
Capítulo VIII. O valor da graça aos olhos dos Santos na Nova Lei, e o que fizeram para conservá-la	253

LIVRO QUINTO

DA AQUISIÇÃO, EXERCÍCIO, AUMENTO E CONSERVAÇÃO
DA GRAÇA

Capítulo I. A aquisição da graça	261
Capítulo II. A fé sobrenatural, primeira preparação à graça	265
Capítulo III. O temor de Deus, segunda preparação à recepção da graça	272
Capítulo IV. A esperança sobrenatural em Deus, terceira preparação para a graça	275
Capítulo V. A contrição, quarta e última preparação à graça.....	279
Capítulo VI. A vida sobrenatural que devemos levar em estado de graça	283
Capítulo VII. O exercício da caridade sobrenatural para com Deus	290
Capítulo VIII. O exercício da caridade fraterna sobrenatural	295
Capítulo IX. O exercício da humildade e da castidade sobrenaturais	301
Capítulo X. A fé, alimento da graça	312
Capítulo XI. Como devemos progredir continuamente na graça, e a facilidade de consegui-lo	317
Capítulo XII. Quanto devemos evitar manchar ou desonrar a graça pelos pecados veniais	327
Capítulo XIII. Da conservação da graça até o fim de nossa vida...	333

APÊNDICE

A Doutrina da Graça na Teologia moderna	340
---	-----